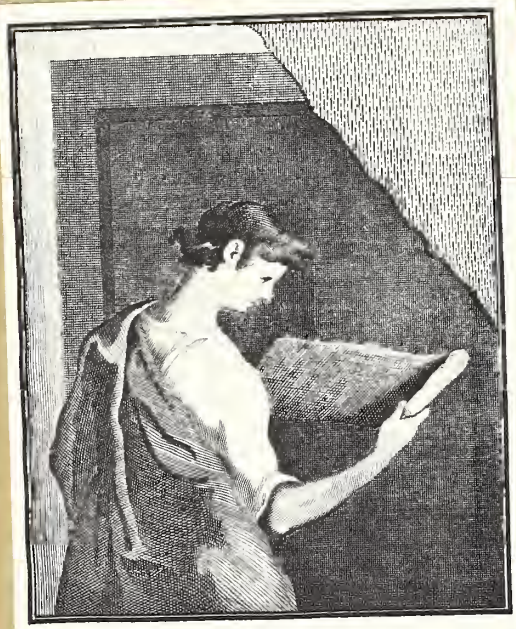
A ARTE

1880-81



THE J. PAUL GETTY MUSEUM LIBRARY

A ARTE

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Getty Research Institute

https://archive.org/details/arte1880unse

Frame
1880

D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.
A. Filippe Simões.
Alberto Pimentel.
A. M. Simões de Caſtro.
Anthero de Quental.
Bulhão Pato.
Chriſtovão Ayres.
Delfim de Almeida.
Domingos Ramos.
E. A. Vidal.
F. Amaral.
Fernando Caldeira.
Ferreira de Mesquita.
Francisco Gomes de Amorim.
Francisco Palha.
Gervasio Lobato.
Gonçalves Crespo.
Jayme de Seguier.
João de Deus.
Joaquim de Araujo.
Joaquim da C. Cascaes.
Julio de Caſtilho.
Julio Cesar Machado.
L. A. Palmeirim.
Luciano Cordeiro.
Luiz Guimarães Junior.
Mariano Pina.
Oliveira Martins.
Pinheiro Chagas.
Ramos Coelho.
Rangel de Lima.
Souza Viterbo.
Thomaz Ribeiro.
Visconde de Juromenha.
Zacharias d'Aça.

A. DE SOUSA E VASCONCELLOS — Director

GALANTERIA

Typ — Christovão A. Rodrigues.

A ARTE

Lisboa — Janeiro de 1880

GALANTERIA

—

Possuiam os athenienses um dom, fenão privilegio, que era o de fallarem o mais suave, o mais elegante, o mais formoso de todos os idiomas da Grecia. O pensamento, revestindo aquellas formas harmonicas, era como o raio de sol coado por um diamante. Assim como alli viçavam todas as pompas naturaes, assim tambem se havia creado e acendrado a mais gentil das linguagens. O *atticismo* era para a palavra o mesmo que a graça pode ser para a belleza. Consistia elle n'uma abundancia natural e simples; mas d'aquella simplicidade que toda é encanto.

Onde ha cousa mais simples que a scintillação de uma estrella? E comtudo fascina.

Cicero, o grande despota da eloquencia, apezar de ter de casa a sua guapa *urbanidade romana*, volvia olhos sofregos para a velha patria de Cécrops, e mal podendo definir o que era esse geito, essa feição, esse colorido que participava um tanto da côr do ceu e das anémonas, escrevia apenas; *ut benedicere, id sit Atticè dicere.*

E na verdade, tudo o que é feito e dito com o mimo inefavel que é proprio da distincção, como o frouxel é peculiar ás aves, contém sabor de atticismo.

Quem nunca leu nas *Prisões* de Silvio aquelle amenissimo capitulo em que elle descreve a amputação feita a Maroncelli? O pobre enclausurado, não podendo reverenciar de outro modo a pericia com que lhe haviam cortado a perna, pegou de uma rosa e offereceu-a ao medico.

Maria Antonieta, pisando o pé do verdugo, ao ir dar o collo á guilhotina, diz com um sorriso ainda bello, apezar de se lhe abeirar a morte: «Perdão, não o fiz por querer.»

N'estes momentos dolorosos, o adêjo da polidez superior traz em si fragrancias da Attica.

Lembrou-me isto ao vêr este quadrinho tão singelo e tão expressivo.

Elles são, porventura, do tempo dos minuetes; o que são, com certeza, é do tempo da mocidade.

Encontraram-se n'aquelle lugar, cheio de sombras discretas, ou talvez andassem juntos de passeio, como ás vezes voltêam ao par as toutinegras.

Ha n'elles, para notar, esmero de sobra em tão poucos annos, porque, finalmente, na juventude quadra bem um certo desalinho florido, assim pela maneira do das febes em maio.

Ella tem um pésinho que faria de novo a tentação de Holofernes, se é que os livros santos não mentem com relação ao pendôr d'este cabo de guerra,—e elle é de uma amabilidade tamanha, tamanha...

Succedeu terem de passar um riacho, e as alpondras que serviam de passadeira mostravam-se escorregadias e limosas. Demais, ella traz um vestido opulento, vistoso, uma galla de preço, com guarnições de Alençon, e que é, seja dito, um tantinho dos seus enlevos pueris.

Vaidosa!

Como elles se olham, com as pupillas em extase e os labios descerrados! Estão quedos, estão; sem ouvirem sequer o fresco sussurro das aguas.

«Dá-me a sua mão?

Foram estas as primeiras palavras que lhe accudiram; elle estendeu-lhe os dedos, ou antes, os dedos de ambos enlaçaram-se, e balbuciou um «*dou*», em que iam dedos e espiritos.

A attentar no embevecimento em que se acham, é de suppôr que se demorem n'aquelle *passo perigoso.*

Isto é ao cair da tarde.

«Como o dia foge depressa; diz ella sem olhar as nuvens.

—«É que o dia é como a felicidade.

—«E voltará como elle?

—«Se com elle se tornarem a acender esses dous astros pensativos.

—«Adulador!

—«Querida!

E ainda sem atravessar o riacho!...

Depois, depois seguiram pelo braço um do outro, amantissimos, castos, mysteriosos, com as almas unidas n'um amplexo immaterial e luminoso, como se podem abraçar dois feixes de luz na limpidez serena do abysmo.

Tornariam aquellas pedras a sentir-lhes os pés, aquellas auras e ciciarem-lhes os murmurios, e aquelle remanso a espelhar-lhes o enleio?

É de suspeitar.

Elles são novos, elegantes, loucãos, prezam as exuberancias radiosas da terra;—voltam com certeza, voltam...

Elles são atticos!

E. A. VIDAL.

SCENAS HISTORICAS DA INDIA

PERO DE MASCARENHAS E LOPO VAZ DE SAMPAIO

(1526-1527)

Depois da morte de D. Henrique de Menezes, fim de janeiro de 1526, abriu-se a segunda successão das tres que levou á India o conde almirante, D. Vasco da Gama.

Succedera Pero de Mascarenhas, que havia um anno estava capitão de Malaca.

Pero de Mascarenhas é uma altiva, nobre e honrada figura, que sobresae luminosa das sombras carregadas, para não dizer do fundo lodacento d'aquella epocha em que as paixões ruins, os crimes, e talvez mais ainda as torpezas, corriam desenfreados. O conflicto, provocado por Lopo Vaz na questão do governo da India, que, por incontestavel direito pertencia a Mascarenhas, teve por um fio o nosso imperio no Oriente.

Para levar ao capitão de Malaca a nova de que estava investido no governo da India era preciso esperar monção, e só na monção do anno seguinte é que elle podia voltar.

Era longo o prazo e difficil o momento para ficar a India sem governo.

Estavamos em guerra com o rei de Calecut e Cambaia. O grão turco (Solimão) aparelhava no mar Roxo uma poderosa armada para cair sobre os portuguezes e varrel-os, por uma vez, do Oriente.

Reuniram em conselho.

Houve largos debates sobre se devia ou não abrir-se a terceira successão, para tomar, temporariamente, o governo aquelle que fosse nomeado, compromettendo-se com solemne juramento, todos, a entregar o poder a Pero de Mascarenhas logo que este regressasse.

D. Vasco d'Eça, como presentindo o que viria a succeder, oppoz-se energicamente a que se abrisse a successão; porém Affonso Mexia, que no futuro havia de representar um deploravel papel n'aquelle desastrado episodio, instou em sentido contrario, chamou a si o voto dos fidalgos e a successão abriu-se.

Saiu Lopo Vaz de Sampaio, que, pondo a mão nos Evangelhos, jurou entregar o governo a Pero de Mascarenhas logo em seguida á sua volta.

Lopo Vaz, depois de subir ao poder, cometteu com notavel audacia a armada do Samorim no rio de Bacamor e desbaratou-a

Lopo Vaz, n'este passo atrevido, teve de vencer a opinião dos capitães e fidalgos que se oppunham ao feito, não sem allegar razões ponderosas. As fraquezas proprias do homem entravam, porém, n'essas opiniões, por que o valor pessoal de Lopo Vaz mordia os émulos, que não queriam vêl-o no seu governo temporario praticar acções notaveis.

Foi-lhe propicia a sorte e o governador alcançou uma brilhante victoria.

Quando ao voltar de Bacamor para Gôa Lopo Vaz entrava o rio de Pangim, Francisco de Sá, capitão da cidade, influido pelos officiaes da camara, negou-se a recebel-o como governador. Lopo Vaz não lhe deu demasiada importancia. Os officiaes da camara resfriaram subitamente no seu zelo.

Era o prologo das baixezas e miserias, dos perjurios e infamias com que se haviam de deshonrar o frade no seu pulpito, o magistrado no seu tribunal e o fidalgo nos seus brazões, durante as pugnas d'aquella verdadeira usurpação.

Lopo Vaz entrou em Gôa e foi reconhecido como governador. Com a sua energia e actividade, principiou a tomar medidas importantes, augmentando a armada e nomeando grande numero de fidalgos para diversos cargos o que lhe captivava as sympathias até dos que lhe eram menos affeiçoados.

Em seguida partiu para Ormuz a resolver as questões entre Diogo de Mello e Raez Xarafo, guazil d'el-rei d'Ormuz.

Não perdendo lanço de provar a bravura extraordinaria e o ardente desejo de assignalar o seu nome como governador da India, praticou grandes feitos, feitos que deviam ser contados com equidade e justiça, fossem quaes fossem as suas culpas, para minorar as penas que houvessem de cuminar-lhe.

Não succedeu assim.

Pero de Mascarenhas, recebida a nova de que estava governador da India preparou-se para a viagem, planeando um assalto a Bintão, passo audaz e importantissimo.

O rei de Bintão punha os olhos sobre Malaca.

Partido Mascarenhas para a India, o novo capitão, Jorge Cabral, não tinha recursos para defender a fortaleza.

Um golpe imprevisto podia ser a salvação n'aquelle momento, e esse golpe, sobre Bintão, foi dado por Mascarenhas com tanta bravura como acerto e intelligencia.

A intrepidez tocava no delirio, e os acasos da guerra pareciam conjurar-se para proteger os portuguezes no seu temerario assalto.

Entre aquelles bravos, um com vinte feridas — Fernando Serrão — respondeu ao governador, que ainda com outras tantas não abandonaria o seu posto.

E proseguiu combatendo.

Pero de Mascarenhas defronta com um capitão inimigo, que vinha com cerca de mil e quinhentos homens.

Decidido o capitão e a gente escolhida.

O governador, n'aquelle lance que parecia fatal, crava em meio do punhado dos seus valentes o pendão de Christo, e pondo-se á frente d'elles, com a espada na mão, a animal-os, destro, robustissimo, intrepido, desbarata como milagrosamente o inimigo.

Venceu-se a batalha.

Bintão era nosso. Malaca estava segura e promettendo um futuro florescente.

Pero de Mascarenhas abria o seu governo da India por uma grande victoria.

Como o coração devia pular-lhe ufano no peito varonil quando á pôpa do seu galeão singrava no rumo de Goa, sob aquelle ceu oriental, ardente como o seu genio e dourado como as suas esperanças!

Fugaz illusão. Ao cabo da viagem esperavam-o as ingratidões, as perfidias, o carcere e as algemas!

Na armada partida do reino em 1526 vieram novas successões mandadas por D. João III.

É claro, porém, que estas successões não podiam abrir-se senão quando terminasse o periodo, ou a morte viesse a terminal-o, do governo de Pero de Mascarenhas.

Affonso Mexia, parcial de Lopo Vaz, insistiu em abrir a primeira em que vinha o nome de Lopo Vaz e tornar válido, por este meio incontestavelmente illegitimo, o seu governo na India.

Embalde D. Vasco d'Eça tornou a protestar, allegando razões ponderosas contra similhante acto.

Affonſo Mexia levou a cabo o ſeu propoſito e preparou as ſcenas que ſe não fôra a prudencia de Pero de Maſcarenhas e de outros fidalgos, que conſervaram o ſangue frio no meio dos maiores deſatinos e injuſtiças, dariam uma guerra civil, e como ultimo, logico e fatal reſultado a morte do noſſo imperio ás mãos do turco.

Pero de Maſcarenhas, aſſim que poude, partiu de Malaca no rumo da India. Quando chegou a Cochim, o veador da fazenda, Affonſo Mexia, ficou em grande alvoroço, e mandou-lhe immediatamente emiſſarios intimando-lhe que reconheceſſe Lopo Vaz como governador, em viſta das novas ſucceſſões que haviam chegado do reino.

Pero de Maſcarenhas prendeu os emiſſarios, declarando que elle era o legitimo governador, e que as novas ſucceſſões, ſe de facto tinham vindo, não podiam ſer abertas ſenão quando terminaſſe o ſeu governo. Materia corrente e ſobre a qual não podia haver a minima conteſtação a não ſer que a má fé torceſſe a juſtiça e adulteraſſe a verdade.

Recalcitrou Affonſo Mexia, e quando no dia ſeguinte Pero de Maſcarenhas e os ſeus, todos deſarmados, deſembarcaram para ouvir miſſa, o vedor da fazenda mandou tocar os ſinos a rebate, e elle proprio na praia, a cavallo, de lança e adarga, á teſta de muita gente, caiu, á mão armada, ſobre o governador e os ſeus que vinham indefenſos.

Maſcarenhas e varios dos que o acompanhavam ficaram feridos.

O inſolito e brutal procedimento de Affonſo Mexia produziu o eſpanto e provocou a indignação de todas as peſſoas honeſtas.

O braço de Maſcarenhas, braço que batalhara brilhantemente em Bintão, era ferido, quando deſarmado, pelo ferro covarde dos ſeus proprios compatriotas.

Maſcarenhas, paſſado o primeiro impeto, lembrando-ſe do modo por que procedera Affonſo d'Albuquerque com D. Franciſco d'Almeida, começou de andar com a maxima prudencia.

Deſde eſſe momento principiaram a referver todas as torpezas e miſerias n'aquelles animos pela maior parte profundamente depravados.

Affonſo Mexia intimou-lhe que entregaſſe os galeões, da parte d'el-rei, com toda a ſua fazenda, offerecendo-lhe uma caravella ſe quizeſſe ir para Gôa. Todos os companheiros de Maſcarenhas, que deſembarcaram, foram preſos e poſtos a ferros pelo vedor da fazenda.

Pero de Maſcarenhas ſurgiu na barra de Cananor, onde eſtava por capitão D. Simão de Menezes, que era ſeu amigo, ſupondo que eſte lhe conſentiria o deſembarque.

D. Simão de Menezes, com bem pezar ſeu, mandou-lhe dizer que como fidalgo de tantos meritos com muito goſto o receberia, mas como governador não podia permittir-lhe o deſembarque por ter ordem eſpreſſa de Lopo Vaz de Sampaio que eſtava reconhecido como governador da India

Pero de Maſcarenhas pediu então lhe deſſem um catur para ir, ſegundo a ſua phraſe, ainda mais raſo, requerer perante Lopo Vaz de ſua juſtiça.

Quiz ſó dous companheiros, Simão Caieiro e Lançarote de Seixas, e dois pagens por toda a comitiva.

Aſſim que ſoou em Gôa a vinda de Pero de Maſcarenhas, começaram as murmurações e a dividirem-ſe os bandos; uns por Lopo Vaz, outros por Maſcarenhas, havendo pelo lado d'eſte fidalgos de grande nome e influencia.

Lopo Vaz de Sampaio principiou a lançar mão de todos os meios, meios de corrupção que ſe não excediam não ficavam um paſſo a traz dos que temos preſenciado em noſſos dias.

N'um domingo, na egreja, Frei João Hago, padre heſpanhol, lettrado de grande fama, prégou um ſermão em que exhaurio todas as ſubtilezas da ſua emphatica rethorica para provar que Lopo Vaz era o legitimo governador e por tal o reconheceſſem ſob pena de ſerem traidores a el-rei, terminando por pedir ao vigario geral, que eſtava preſente, de parte do ſanto padre, que paſſaſſe carta de excommunhão a quantos não quizeſſem reconhecer o governador. Eſte meio, poſto que bem no fundo a religião da maior parte d'aquella gente foſſe mais o fanatiſmo ignaro e ſubtil do que a comprehenſão dos principios do Evangelho, era ainda um meio efficaz para muitos e que fazia trepidar quaſi todos.

Quando Pero de Maſcarenhas chegou a Gôa no ſeu catur com os ſeus dous amigos e os ſeus dous pagens, ſairam ſobre elle os navios em armas e Antonio da Silveira fel-o amainar, notificando-lhe as determinações do governador, pedindo-lhe que lhe deſſe menagem e que debaixo d'ella ſe foſſe metter em Cananor.

A tudo iſto reſpondeu ſerenamente Pero de Maſcarenhas, allegando que elle vinha ali no ſeu catur com ſó dous pagens, a pedir juſtiça, e ſe não quizeſſem dar-lh'a ſe voltaria ao reino para expôr os ſeus aggravos a el-rei; que não era eſte motivo para ſer preſo e que por iſſo não dava menagem.

Em continente Antonio da Silveira prendeu-o, mandou-lhe lançar ferros e entregou-o a Simão de Mello para o levar a Cananor. Caieiro e Lançarote de Seixas, em paga da ſua dedicação e lealdade, foram levados ao tronco de Gôa e carregados de ferros.

(*Continúa*).

BULHÃO PATO.

ADORAÇÃO

(A E. M.)

Ás vezes, quando te vejo
paſſar ſorridente e calma
ſinto de ſubito n'alma
abrir-ſe a flôr d'um deſejo,

e é tão ardente e tão forte
a eſſencia que d'ella emana
como a d'eſſa flôr indiana
que exhala a loucura e a morte.

Paſſas por mim diſtrahida
ſegues tranquilla, indiff'rente
e eu paro, abſorto, tremente,
ſuſpenſo entre a morte e a vida.

Foges levada no mar
da turba febril e hedionda
e eu fico immerſo na onda
vibrante do teu olhar,

e o ſangue, em lava, inflammado
por mil candentes idéas,
ruge-me dentro das veias
como um jaguar algemado.

Lembra-me então o delirio,
o extafe amargo e doce
de Polinto, quando foffe
a cantar para o martyrio,

e a minha alma triftemente
fegue o teu vulto que paffa,
deixando um fluido de graça
difperfo pelo ambiente.

Que linda tu és? Que encantos
mysteriofos, eternos
tens nos olhos—dois infernos
ou dois ceus, torvos de prantos!

O fol por certo não doira
da vaftidão que o encerra
nada mais bello na terra
que a tua cabeça loira.

Que mufica eftranha e fanta,
que eftrophes divinas, cerulas,
cantam ao cahir as perolas
foltas da tua garganta!

Que voz a tua! E que aroma
encantador, fobre humano,
fe exhala do loiro oceano
da tua doirada coma!

Pelo azul das noites manfas,
quando n'um extafe laffo,
perdido o olhar pelo efpaço,
e foltas ao vento as tranças,

pallida, envolta n'um veu,
de foffrimento efquecido,
lembrando as virgens de Guido,
que rezam fitando o ceu,

tu fegues, convulfa, os raftros
que nas eftradas divinas,
deixam, facudindo as crinas,
os fulvos corfeis—os aftros,

e cega dos explendores,
do ether vafto, profundo,
tu efqueces a vida, o mundo
mas não as maguas e as dôres,

que vago ancear divinifa,
o teu pranto, puro aljofre?
Tu fabes como fe foffre,
poetifa! poetifa!

O penfamento que exprime,
a luz d'effe olhar fidereo,
defvenda um pouco o myfterio
que ha na tua alma fublime.

Padeces, doce captiva!
ave, o teu vôo não cança
em bufca d'uma efperança
fempre morta e fempre viva...

Quem fabe. Talvez que um dia
o tempo—o oceano fem fraguas,
diffolva nas fuas aguas
a tua grande dôr fombria,

e um largo jorro de paz
torne a tua alma n'eff'hora,
brilhante como uma aurora
e frefca como um lilaz.

Ah! fe inda um dia... Meu Deus,
quando em tal fcifmo e medito
acho pequeno o infinito,
acho mefquinhos os ceus.

Chimeras doidas, eftranhas
me vôam, na mente efparfas,
como effes bandos de garças
que pairam fobre as montanhas,

e n'um louco devaneio,
imagino, alma querida,
poder um dia na vida
unir-te de encontro ao feio,

proftrar-me então de joelhos
e affim humilde, de rafto,
pedir um forrifo cafto,
d'effes teus labios vermelhos

e n'effa hora abençoada,
n'um extafe ardente e mudo,
beijar, tremendo, o velludo
dos teus péfinhos de fada.

Janeiro de 1880

SINDBAD.

A ESPADA DE NUNO ALVARES

—

Efta a efpada heroica! Reprefenta por fi fó a emancipação de um reino. É a efpada de Atoleiros, de Aljubarrota e de Valverde, a efpada que elle floreou ao fol nos morros de Almada, e cujos lampejos vagos baftaram para infundir coragem, esperança e enthufiafmo nos defenfores de Lisboa. É efta a efpada a que fe refere Camões, quando põe na bocca de Nuno Alvares as energicas palavras:

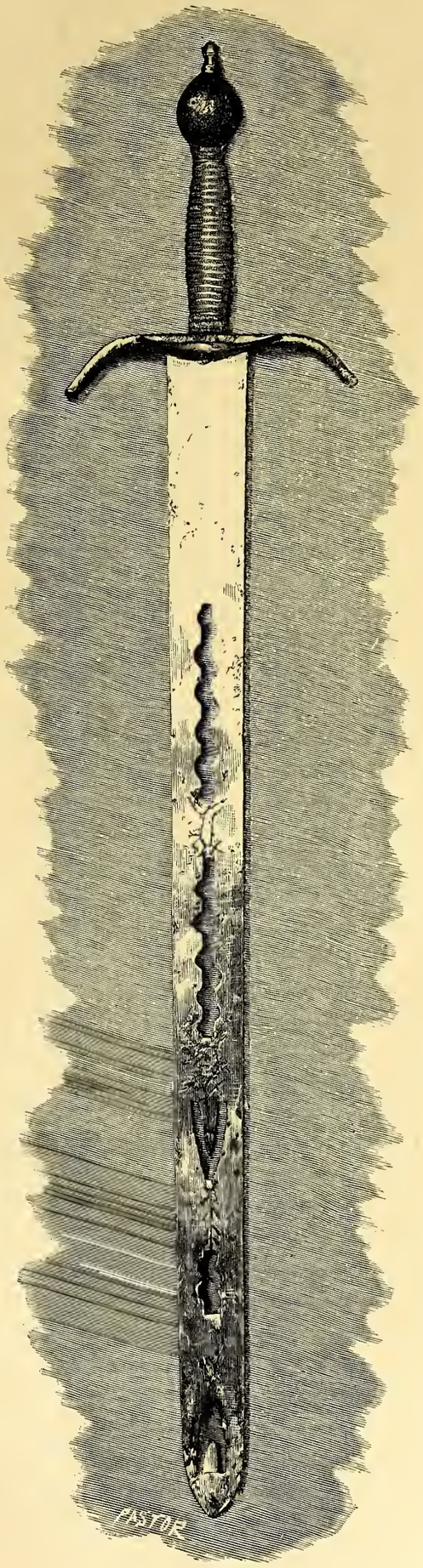
> Eu fó com meus vaffallos, e com efta
> (E dizendo ifto, arranca meia efpada)
> . . . . . .
> Vencerei não fó eftes adverfarios,
> Mas quantos a meu rei forem contrarios

É efta a efpada da lenda do alfageme, aquella que o alfageme de Santarem corregeu com grande perfeição, não querendo pagamento fenão quando Nuno Alvares voltaffe á fua villa conde e condeftavel. E voltou e pagou.

Devia ter nome proprio efta efpada como a *Joyeufe*

e a *Durandal* do paladino francez, como a *Tizona* do Cid. Nuno Alvares não era perfeitamente um heroe de livros de cavallaria, casto e valente, muito mais platonico em amor do que em cutiladas? Não era perfeitamente um paladino dos romances de cavallaria, ou um heroe das velhas guerras da Troya esse Roldão, que, ainda na infancia, como o sobrinho de Carlos Magno, desafiava a um duello um mancebo hespanhol, que fugiu de Lisboa, para ir combater, passando por cima das sentinellas que tentaram obstar-lhe á partida, que, depois, no banquete dado na fronteira, porque lhe não deram lugar conveniente, atirava com a meza ao chão, e desembainhava logo o resplandecente gladio, prompto a dar satisfação de si, como o heroe da legenda grega nas bodas de Pirithous. A espada de Nuno Alvares! Falla-se muito na espada de Napoleão, na espada de Frederico, na espada de Turenne. Essas espadas é que são perfeitamente rhetoricas. Nunca viram o sol das batalhas. As suas folhas repousaram sempre immaculadas na bainha.

Não foi com a sua espada que Napoleão ganhou a batalha de Austerlitz, não foi com a sua espada que Frederico ganhou a batalha de Rosbach, nem Turenne a das Dunas, ao passo que era devéras a botes de rija espada que Nuno Alvares Pereira e D. João I inscreveram bem definitivamente nos mappas da Europa a nacionalidade portugueza. Que monumento glorioso que este é! E quão desprezado elle tem sido! A decadencia de Portugal estava irremessivelmente traçada no livro dos destinos desde o momento que nós mostravamos tão profundo desdem pelas nossas mais gloriosas tradições. Emquanto a Inglaterra conserva preciosamente, como uma reliquia patriotica, em Porstmouth ou em Plymouth, o navio em que Nelson morreu ganhando a batalha de Trafalgar, a caravella de Vasco da Gama,



A ESPADA DE NUNO ALVARES

aquella caravella gloriosa que sulcou pela primeira vez os mares nunca d'antes navegados, desappareceu obscuramente sem que ninguem d'ella cuidasse. Mas, dir-se-ha, não é justo comparar a Inglaterra do seculo XIX com o Portugal do seculo XVI. Procuremos então um parallelo em melhores condições.

Emquanto na Prussia a espada de Frederico II se conservava cuidadosamente encerrada no tumulo de Postdam, d'onde a tirou Napoleão como um glorioso tropheu, sabeis o que se fazia n'esse mesmo seculo XVIII em Portugal á espada de Nuno Alvares? Vae dizel-o a inscripção que se lê n'uma chapa collocada sobre o estojo em que se guarda no Paço da Ajuda, a espada celebre do condestavel: «*Espada de D. Nuno Alvares Pereira, que S. M. o senhor duque de Bragança, de gloriosa memoria, mandou tirar do convento do Carmo de Lisboa no dia 28 de maio de 1834; e que os frades do referido convento tinham mandado cortar e transfurar para ser appropriada á mão de uma imagem de Santo Elias!!*»

Que respeito pela tradição! que singular modo de comprehender as grandes cousas da historia! a espada de Nuno Alvares transformada no gladio pacato de um santo de procissão! É a tendencia da época em Portugal! Como haviam de comprehender o que havia de epico e de grandioso na espada de Nuno Alvares, esses frades, o mais intelligente dos quaes não comprehendia o que havia de grandioso nos *Luziadas!* A espada de Nuno Alvares cortada e furada para servir de espada a Santo Elias, não lembra a gloriosa epopéa dos nossos feitos, mondados e desbastados e alindados e regrados para se transformarem no *Oriente* de José Agostinho? Pois o que é o *Oriente* senão os *Luziadas* transformados tambem em espada de Santo Elias? Felizmente o duque de Bragança, esse Nuno Alvares do seculo XIX, esse paladino em

época de prosa, esse Achilles que sabia comprehender as *Iliadas*, salvou a espada de Nuno Alvares como salvou tambem o medalhão do marquez de Pombal no monumento do Terreiro do Paço!

Mas, hoje não estamos muito mais adeantados do que os nossos immediatos ascendentes. Elles eram beatos, nós somos *blagueurs*. Elles transformavam a espada de Nuno Alvares no gladio de Santo Elias, nós somos capazes de a transformar no *sabre de mon père*. Passámos do Agiologio para Offenbach, e a idéa de patria tomamol-a apenas como thema de opera burlesca. Saltam-nos aos bicos da penna todas as considerações que merece este monumento sacratissimo — a espada de Nuno Alvares! mas trememos de que pretendam acompanhar-nos com o hymno da Restauração. Quereriamos estygmatisar o procedimento dos frades que transformaram a espada de Nuno Alvares n'um espadim de andor, mas não temos coragem para isso. Elles, ao menos, tinham a boa fé, e suppunham honrar assim a memoria do condestavel. Nós temos o desdem sacrilego por tudo o que é grande, por tudo o que é glorioso. Elles queriam fazer d'ella a espada de fogo do propheta, nós d'essa espada que brilhou em Aljubarrota e em Valverde, fariamos talvez uma espada de arlequim de feira. Antes de Santo Elias!

PINHEIRO CHAGAS.

RUINAS DE CISTER

CEIÇA, CELLA, LORVÃO

I

QUEM fôr a Ceiça, no dia 15 de agosto, não encontrará de certo n'aquelle valle, afamado nas memorias de Cister, a uncção de santidade, o odôr mysterioso, a apparencia devota e mystica dos logares celebrados por apparições e effeitos sobrenaturaes. A festa e romaria de Nossa Senhora e arrayal e feira attrahem ás solidões de Ceiça as gentes circumvizinhas. O valle enche-se de povo irrequieto e ruidoso, cujas danças e folias em redor da miraculosa ermida perturbam o silencio habitual das brenhas e matagaes.

Ainda conservo nos ouvidos a toada monotona de uma cantilena ingrata, entrecortada por fortes palmadas, batidas a compasso. Porém tanto as vozes como as palmas soavam do mesmo modo, mecanicamente, como se saissem de puros automatos. Os espiritos dos cantores parecia terem-se ausentado dos corpos, deixando-lhes apenas um movimento similhante ao que se communica pelo impulso da corda ás peças dos relogios.

Decididamente não pensavam já n'aquella famosa historia do abbade João, que fr. Bernardo de Brito, fr. Leão de S. Thomaz e outros chronistas monasticos contaram com tão sentidas palavras. E todavia foi exactamente no valle de Ceiça que o bom do abbade com os seus homens de armas, depois de haverem derrotado a infiel mourisma, receberam a noticia gratissima da resurreição dos parentes que haviam degollado em Montemór para os subtrair á sanha dos inimigos. E lá estão ainda hoje na ermida uns grandes quadros de côres vivas e animadas que representam as scenas principaes da lenda, desde o cerco do castello de Montemór, em que fluctua anachronicamente a bandeira das quinas, até ao regresso dos vencedores e o encontro d'estes com os resuscitados, cada um dos quaes conservava, por memoria do prodigio, um traço vermelho no lugar em que a espada lhe separara a cabeça do corpo.

Na collecção de archeologia do Instituto de Coimbra guarda-se uma inscripção commemorativa d'este facto. Segundo refere Antonio Corrêa da Fonseca e Andrade na sua *Historia Manlianense*, inedita, mandou levantar esse padrão em 1713 o juiz de fóra de Montemór o dr. Gaspar Pimenta de Avellar no terreiro proximo á egreja de S. João do Castello da mesma villa, onde é tradição que se fizera a degollação, e se operara depois o milagre da resurreição. O auctor do Sanctuario Marianno, diz que fôra n'um penhasco proximo áquella egreja, e com esta lembrança conservado dentro de umas muralhas sob o nome de *Curral Santo*.

A inscripção é do theor seguinte:

AD PERPET*vam rei memoriam: se mandov pe*
LO NOBRE SEN*ado desta villa eregir este*
PADRÃ PERA Q̃ N*ão só a boca dos homens m*
AS TAMBẽ AS MESMAS *pedras digão a todo o mv*
NDO O ADMIRAVEL SVSESO Q̃ N*este lugar acontece*
O PELOS ANNOS DE XP̃O DE 850 EM CVJO TEMPO ES
TAVA O CASTELLO DESTA EMCAREGADO AO ABBADE D
IOÃO PARENTE DE ELREI RAMIRO Q̃ ENTÃO REINAVA
QVANDO OS MOIROS SENHORIAVÃ A MAIOR PARTE DE
ESPANHA E SOMENTE SE CONSERVAVÃO ALGVMAS
RELIQUIAS DO REINO CATHOLICO NAS MONTAN
HAS DE ASTVRIAS BISCAYA E POVCA PARTE DE
PORTVGAL E GALIZA: ACONTECEO ESTVPEN
DA MARAVILHA Q̃ REINANDO EM CORDOVA ABDE
RRAME 2.º DO NOME MANDOV CONTRA AS TERAS D
OS CRISTÃOS HṼ PODEROZISIMO EXERCITO CON
TRA ESTE CASTELO, CÕ ANIMO BARBARO DE NÃO LE
VÃTARẽ O CITIO Sẽ A FORTALEZA SE ENTREGAR, E
A NÃO SER A MIZERICORDIA DE DEOS SERIA FA
CIL DE CONSEGVIR, VENDO O ABBADE Q̃ ESTAVA C
ERCADO DE TÃO PODEROZO EXERCITO DESCON
FIANDO DA VICTORIA SE RESOLVEO COM OS
SEVS EM DEGOLAREM MVLHERES E FILHOS POR NÃ

LHE FICARẽ EM PODER DOS MOVROS EXERCITADA A
DEGOLAÇÃO NÃO SEM LAGRIMAS SAHIRÃ OS SE
RCADOS AOS INIMIGOS OBRANDO TANTAS PROEZ
AS EM Q̃ O *braço* DE *deos* LOVVA*do asistia que* PVZE
RAM A*os inimigos em vil* FVGIDA D*eixãdo*

OS CAMPOS *do Mondego* CVBERTOS DE CORPOS M ORTOS Q SE A*fir*MA PA*sar*E DE LXX *mil* E SEGVINDO AOS IMIGOS *athe ás matas* DE CEIÇA AHI MANDOV CESAR O *abbade João os* SEVS *e* SOLENIZAN DO O GOSTO DA VICTORIA DANDO GRAÇAS A DS PELOS BENEFICIOS RECEBIDOS TAMBE COMESARÃ *a chorar a* MORTE DOS Q DEIXARÃO DEGOLADOS EM CVJO TEMPO CHEGOV A NOTICIA DE Q OS DEGOLADOS AVIÃO RESVSCITADOS *e* VOLTANDO CE TODOS PARA ESTE CASTELO SÓ O ABBADE QVIS NAQVELAS MATAS FICAR AONDE COM ADMIR*avel* EXEPLO COROOV A VIDA COM HVA SANTA *morte*. PASMEM AGORA OS HOMENS ADMIREMCE OS VIVENTES DE TÃO RELE VANTE PRODIGIO *para* Q NA DEVOÇÃO CATHOLICA ESPECIALM*ente nos* MORADORES DESTA NOBRE V ILA *se nã* DEIXE NVNCA ESQVECER ESTE MIL AGROSO PRODIGIO. ANNO DE M D C C X 12

AD INGENIOSOS VIROS

. A. V. S. E. P. E. M. Q. S. O. N. C. [1]

Affevera mais o citado auctor da *Hiſtoria Manlianenſe* que tambem concorreram para o levantamento d'eſte padrão os capitães Manuel de Mendanha e Agoſtinho Couceiro Portugal e o alferes André Peſſoa d'Almeida, o que muito abona o eſpirito devoto da milicia portugueza e a ingenuidade dos montemorenſes no principio do ſeculo paſſado. [2]

A ermida de Noſſa Senhora, em pequena diſtancia do moſteiro de Ceiça, foi reconſtruida nos ultimos annos do ſeculo XVI, ou nos primeiros do ſeculo XVII. Tem ſobre a porta a data de 1602. Internamente eſtão as paredes exornadas com as grandes telas que repreſentam a lenda do abbade João. A verſão latina d'eſta lenda foi gravada n'uma pedra, que ſe conſerva embutida na parede por baixo de um dos quadros.

No altar vê-ſe uma eſtatua da Virgem, muito toſca, e que parece ter grande antiguidade. O concurſo de povo não me deixou examinal-a á vontade. Conta fr. Bernardo de Brito, que o abbade João, mandára fazer a devota imagem com o menino Jeſus nos braços, e ambos com golpes no peſcoço, para aſſim commemorar a milagroſa reſurreição dos chriſtãos degollados em Montemór.

[1] As letras e palavras que faltam na lapide vão em curſivo, copiadas da citada *Hiſtoria Manlianenſe* pelo fr. J. C. Ayres de Campos. Vej. o *Catalogo dos objectos exiſtentes no Muſeu de Archeologia do Inſtituto de Coimbra*, pag. 34 e 35.

[2] A lenda do abbade João é anterior ao tempo em que escreveu Fr. Bernardo de Brito. Ha um folheto rariſſimo intulado *Hiſtoria de el abade dõ Juan*, impreſſo em 1562 por Franciſco Fernandes de Cordova. No frontiſpicio tem uma gravura toſca repreſentando S. Thiago, o typo é gothico, o formato de 4.º, 16 folhas ſem numeração. Eſta edição, não mencionada por Solvá, é tão rara que ſómente ſe conhece um exemplar pertencente ao sr. Annibal Pipa Fernandes Thomaz. Vej. *Cartas Bibliographicas*, pag. 46.

«A pompoſa commemoração do *relevante prodigio*, diz o sr. Ayres de Campos no Catalogo citado, pag. 62, celebrou-ſe no dia 10 de agoſto de quaſi todos os annos até ao de 1863. Como feſta obrigada da camara, ſob a invocação de Noſſa Senhora da Victoria, padroeira da Villa, a declarou a proviſão do Dezembargo do Paço de 20 de dezembro de 1746, publicada no *Conimbricenſe* de 20 de agoſto de 1861, n.º 790, e no *Portugal antigo e moderno* do sr. A. S. d'A. Barboſa Pinho Leal, verb. *Montemor o Velho*.»

D'eſta imagem conta mais o meſmo Brito que, fiel á tradição, reſuſcitára um creado d'el-rei D. Affonſo Henriques, e que, pretendendo um abbade de Ceiça paſſal-a para a egreja, por lhe parecer que eſtava mal venerada na ermida, ella voltava de noute para o ſeu oratorio. E, teimando o abbade a ponto de derribar a ermida, voltava a Senhora ao meſmo ſitio para o tronco de um carraſco grande. O pobre do abbade, por bem fazer, foi punido, diz o chroniſta, com febres e dôres grandiſſimas que não o deixaram emquanto não levantou a ermida maior e melhor que d'antes era, e não reſtituiu a imagem ao ſeu altar.

E para que ninguem duvide de tantos impoſſiveis lá vem na *Chronica de Ciſter* os documentos que os atteſtam, e com algumas variantes, apezar de ſaidos da meſma forja, no tomo ſegundo da *Monarchia Luſitana*.

O moſteiro de Ceiça, fundado, ſegundo affirma fr. Bernardo de Brito, por el-rei D. Affonſo Henriques, não conſerva um ſó veſtigio da ſua conſtrucção primitiva. Não vi nada que podeſſe reputar anterior aos ſeculos XVI ou XVII. Foi reedificada por eſſe tempo a egreja, cuja frontaria faz lembrar a da egreja de Alcobaça. Eſtá de tal ſorte deſpojada de todos os objectos de valor, que nem n'aquelle dia de feſta ſe patenteava ao publico. Não me foi poſſivel obter a chave para a vêr interiormente.

As outras partes do edificio eſtão a cair em ruina. Ouvi contar que logo depois de 1834, chegaram a deſmanchar alguns telhados para venderem a telha.

N'uma caſa do clauſtro conſerva-ſe, apeiado do lugar em que eſtivera na capella do Eſpirito Santo, um retabulo de pedra de Ançã de muito boa eſculptura. N'um templo de eſtylo romano, eſtá a Virgem ſentada entre os apoſtolos na parte ſuperior a figura do Padre Eterno com a ſua veneranda barba branca. O retabulo tem de altura 3,^{m}30 e de largo 2,^{m}20. A baſe é apainellada. Sobre ella, de cada lado, erguem-ſe duas pilaſtras corinthias. Entre eſtas pilaſtras eſtão as eſtatuas de S. Bernardo e de St.º Antonio quaſi de tamanho natural.

Todo o retabulo, bem pintado e dourado, tanto pelo eſtylo da eſculptura, como pela pintura e douradura, aſſemelha-ſe, por extremo, ao da capella-mór da egreja de S. Marcos, diſtante de Coimbra duas legoas, attribuido, ſem fundamento, ſegundo me parece, ao italiano André Contucci. Diſtinguem-ſe eſtes dous baixos-relevos dos outros contemporaneos pela elegancia e boas proporções das figuras.

N'elles ſe revela claramente a mão de um meſtre educado n'alguma das melhores eſcolas de Italia. Pelo eſtylo, parece-me poder attribuil-os á primeira metade do ſeculo XVI. Na capella-mór da egreja de S. Marcos, do lado do evangelho, eſtão dous tumulos do eſtylo manuelino, e n'um d'elles vê-ſe a data de 152... A eſculptura do retabulo da capella-mór é differentiſſima. Será contemporanea ou poſterior?

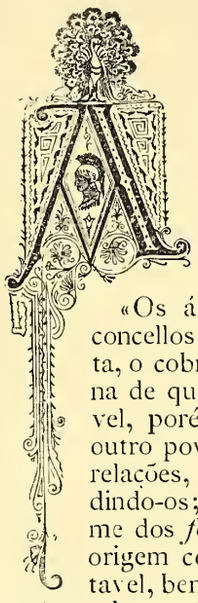
Deſconjunctadas, como eſtão as peças do retabulo de Ceiça, não tardarão a perder-ſe, ſe o governo ou a Academia de Bellas Artes não accudirem de prompto a prevenir tamanha perda.

(Continúa).

A. FILIPPE SIMÕES.

A JORNADA DOS SECULOS

(Continuado de pag. 170)



Acerca do eſtado ſocial dos áryas primitivos, de que apenas temos conhecimento pelos monumentos litterarios que nos legaram, como já havemos referido, reſta ainda dizer que lavravam a terra ſervindo-ſe do boi nos trabalhos agricolas, e que entre os ſeus alimentos ſe deve mencionar o leite mungido dos rebanhos que paſtoreavam.

«Os áryas primitivos, eſcreve o sr. Vaſconcellos Abreu, conheceram o ouro, a prata, o cobre e o eſtanho. O martello e a bigorna de que uſavam eram de pedra. É provavel, porém, que tiveſſem ſido iniciados por outro povo, com que mais tarde prendeſſem relações, na arte de trabalhar os metaes fundindo-os; porque entre os povos áricos o nome dos *folles* é differente e não aponta para origem commum; e (facto ſingularmente notavel, bem que n'elle não tenha viſto fazer reparo) tambem não indica origem commum o nome das *tenazes* evidentemente neceſſarias quando ſe trabalhaſſe o ferro a quente.

«Pictet é de opinião que os áryas primitivos conheceram o ferro. As razões que adduz levam-me a rejeitar as ſuas concluſões. O latim *acies* é d'uma raiz que ſignifica *penetrar*, *agudo*, e ſe encontra em vocabulos ſáoskritos deſignativos de *pedra*, *rocha;* o latim *aes* cujo genitivo é por *aeſis* correſpondente ao genitivo ſáoskrito *ajaſas* (leia-ſe *ayaças*) indica apenas na ſua origem «mineral;» o vocabulo latino *ferrum* não ſe póde comparar como o faz Pictet ao ſáoskrito *bhadram* (no nom.) *Ferrum* é morphologicamente d'uma raiz a que pertence o vocabulo vedico *bhriſti* «ponta;» e note-ſe que em latim *ferrum* tambem ſignifica «eſpada.» [1]

Van den Berg, mencionando que os áryas conheceram o ouro, a prata e o bronze, tambem dá como aſſente que deſconheceram o ferro. [2]

Dos áryas do Oriente — quer vieſſem de lá quer foſſem para lá — tomaram principalmente relevo na hiſtoria das civiliſações antigas dous ramos importantiſſimos: o ramo agricola dos *iranianos*, que deu origem ao imperio perſa, e o ramo paſtoril dos *áryas*, que emigrou para o Hinduſtão, e creou a civiliſação brahmanica.

No *Aveſta*, o poema ſagrado dos iranianos ſectarios de Zarathuſtra (Zoroaſtro), eſcripto em lingua zenda, da qual proveio o moderno idioma perſa, e nas inſcripções cuneiformes attribuidas aos reis Achemenides, podêmos deletrear a civiliſação dos áryas do Iran.

A doutrina religioſa de Zoroaſtro proclama um ſó deus, *Ahura-Mazda*, que ſe deſigna geralmente pelo nome de Ormuzd, provindo da denominação de Mazda o nome de *mazdeiſmo* dado á religião. Ormuzd é o ſabio, perfeito e reſplandecente creador do mundo, oppoſto ao genio deſtruidor, ao eſpirito do mal, *Angra-Mainyou*, de que ſe fez a palavra Ahriman. Portanto, toda a baſe do mazdeiſmo eſtá na lucta dos dous principios, o do bem e do mal. Ormuzd é o chefe de ſeis poteſtades beneficas, ou *Amſhaſpans*, como Ahriman é o chefe de ſeis poteſtades maleficas ou *Dervands*. Os bons genios de Ormuzd ou *Yazatas* velam pela conſervação do mundo, em contrapoſição aos *Devs*, demonios, que cooperam na obra de deſtruição. Todo o culto da religião de Zoroaſtro, diſpenſando altares e imagens, conſiſtia em orações e hymnos, na conſervação do fogo ſagrado, e no ſacrificio de animaes.

Os *Vedas* ſáo o grande monumento religioſo que nos deixaram os áryas do Hinduſtão, como já mais largamente tivemos occaſião de dizer.

Da lingua ſagrada dos brahmanes, os ſabios ſacerdotes do Hinduſtão, o ſanskrito, brotaram os principaes ramos linguiſticos que conſtituem os idiomas da Europa. Sabemos que foi notando as analogias encontradas entre as linguas europeas e o ſanskrito que ſe póde affirmar, no noſſo ſeculo, a unidade da raça aryanna. Da emigração d'eſta grande raça, que teimaremos em chamar indo-europea, naſceram familias de povos e familias de palavras.

A familia dos povos póde ſubdividir-ſe em duas: a japhetica e a ſyro-arabe. D'eſtas duas familias bracejaram ramos. O japhetico ſubdividiu-ſe em iranianos e áryas, aos quaes já nos referimos. O ſemitico é hoje repreſentado pelos arabes e judeus. O cruzamento dos áryas com povos da raça mongol e boreal produziu os celtas, os latinos, os gregos, os germanos e os ſlavos.

A mobiliſação e ſeparação dos povos da raça branca deu origem a differentes familias de palavras, como era natural que aconteceſſe, ſaindo do latim um grupo de idiomas, que tomaram um genio eſpecial, e que ſáo denominados neo-latinos ou romanicos.

D'eſtes idiomas eſcreve detidamente Alfredo Maury. [3] «O italiano, diz o erudito eſcriptor, o mais aproximado da lingua mãe, cujo berço occupa, e que ſe diverſifica n'um certo numero de dialectos (milanez, bergamaſco, veneziano, piamontez, napolitano, ciciliano, ſardo, etc.) diſtingue-ſe pela doçura, pela tendencia euphonica e cuidado com que conſerva a accentuação primitiva. O heſpanhol affaſtou-ſe mais do latim pela pronunciação, e recebeu do arabe, que o dotou com muitas palavras, e talvez do ibero, uma tendencia guttural que, não obſtante, ſe allia a uma extrema ſonoridade. Era, a principio, compoſto de muitos dialectos; mas um d'elles, o caſtelhano, depreſſa os abſorveu, como tinha acontecido com o toſcano em relação aos dialectos da Italia central; apenas deixou ſobreviver o catalão, o valenciano e o gallego. O portuguez póde ainda conſiderar-ſe como um dialecto do heſpanhol, ſalva uma profunda modificação na pronuncia. As naſaes ſobrepujam as gutturaes e ſybillantes, ou as chiantes os ſons aſpirados e liquidos. O verbo portuguez chega a reveſtir, em alguns dos ſeus tempos, um caracter proprio, ſobretudo no emprego do infinito, que ſe torna um verdadeiro *tempo* ſuſceptivel de conjugação. O dialecto gallego aproxima-ſe muito mais d'eſta lingua que o heſpanhol. O provençal, que é ſimpleſmente um dos grandes dialectos da lingua d'oc, é para aſſim dizer, pelo ſeu ſyſtema de vocaliſação, o meio termo entre o portuguez e o heſpanhol. O francez embotou e abſorveu o latim mais poderoſamente do que os idiomas precedentes. Se por um lado lhe aproveitava a ſonoridade, por outro adoçava-o nas ligações de palavras, ao meſmo paſſo

[1] *Sobre a fêde originaria da gente árica.* Coimbra, 1878.
[2] *Petite hiſtoire ancienne des peuples l'Orient*, pag. 123.
[3] *La terre et l'homme.*

A ESCOLA DE ATHENAS.

que ſupprimia muitas gutturaes. N'elle foram abſorvidos differentes dialectos que apenas ſubſiſtem hoje no eſtado de *patois*, etc.»

É aſſim, pois, que o ſanskrito, a lingua perfeita, ſegundo o ſeu proprio ſignificado, e fallada ha mais de dous mil annos, tem feito a jornada dos ſeculos perſonificada, para aſſim dizer, nas ſuas irmãs mais novas, que a deixaram venerada nos pagodes do Hinduſtão, e partiram em grupos, mundo em fóra, com o ſeu peculio de palavras que a primogenita lhes dera como reliquia de familia e viatico precioſo.

«Se a lingua, eſcreve Jacolliot, apezar das ſuas tranſformações neceſſarias, e poſto haja ſido o tronco de muitas outras, ſe encontra nos idiomas modernos, comquanto tenha perdido a ſua feição primitiva, e nos antigos de um modo mais ſenſivel, pois que eſtavam mais perto da origem; ſomos conduzidos rigoroſamente a penſar e a ſuſtentar que devemos encontrar egualmente tradições hiſtoricas, religioſas, litterarias e de legiſlação, quaſi as meſmas na antiguidade, enfraquecidas e transformadas no tempo preſente.»

Jacolliot dá-ſe ao curioſo trabalho de procurar na mythologia grega os veſtigios da influencia áryca, e prova, do ſeguinte modo, que as flores que a alma da Grecia deſabrochou, pondo n'ellas o perfume da ſua crença nos deuſes e nos heroes, têem a raiz no ſanskrito.

Minerva, que é a meſma deuſa entre os romanos, tendo de mais a mais o attributo da coragem. Em ſanskrito, *Ma-nara-va*, que ſuſtenta os fortes.

Marte, deus da guerra. Em ſanskrito, *Mri*, que dá a morte.

Plutão, deus dos infernos. Em ſanskrito, *Plushta*, que fulmina pelo fogo.

Bellona, deuſa da guerra. Em ſanskrito, *Bala-na*, força guerreira.

Neptuno.—Em ſanskrito, *Na-pata-na*, que domina o furor das ondas.

Jupiter.—Em ſanskrito, *Zu-pitri*, pae do ceu ou *Zeuſ-pitri*, de que os gregos formaram a palavra *Zeuſ*, e os hebreus *Ieovah*.

Pylades.—O amigo de Oreſtes. Em ſanskrito, *Pula-da*, que conſola pela amizade.

Pallas, a deuſa ſabia. Em ſanskrito, *Pala-ſa*, ſabedoria que protege.

Nas tribus da Aſia, a palavra *Ma* ſerve para deſignar a divindade lunar. Ora em ſanskrito *Mâſ* ſignifica a lua, que, ſegundo Muller, procede evidentemente da raiz *mâ*, medir. Como explicar eſta origem? É porque a lua, diz Muller, que ſe deſtaca como uma agulha brilhante no ſombrio quadrante do ceu, era chamada, por os primeiros paes da raça aryanna, o aſtro que mede, o *medidor* do tempo.

A argumentação de Jacolliot cifra-ſe no ſeguinte. Todos os nomes que largamente cita não ſe podem decompôr nas linguas a que pertencem, nem é licito ſuppôr que foram inventados ao acaſo. Portanto parece inteiramente razoavel filial-os no ſanskrito, que os explica não ſó na ſua origem grammatical mas tambem no ſentido ſymbolico. As populações que ſe deſtacaram da Aſia Menor para vir coloniſar a Grecia trariam comſigo palavras e recordações, que o tempo transformou, e que ainda hoje é poſſivel reconhecer atravez dos ſeculos que umas e outras têem cruzado como viajeiros infatigaveis.

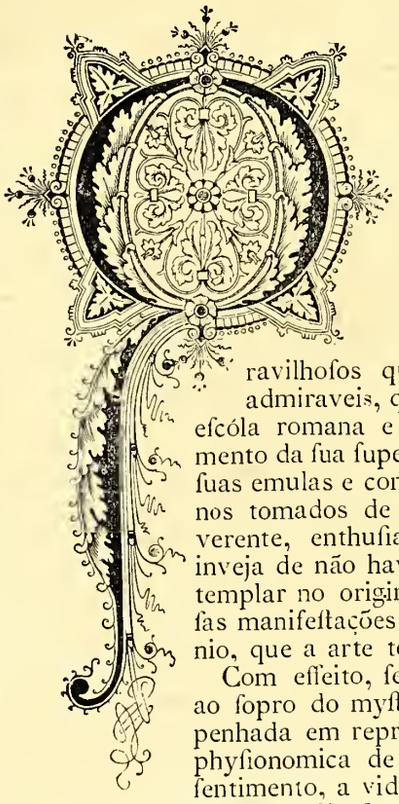
«As linguas que nós fallamos, eſcreve Littré, as palavras que pronunciamos, não naſceram hontem; couſa ſingular, eſtes vocabulos que ſe reputavam uma ſimples vibração de ar ſonora, e que parecem tão fugitivos e tão precarios, têem raizes que mergulham profundamente no ſolo, e que inveſtigações bem conduzidas acompanham muito longe.» [1]

Com effeito, a philologia comparada tem-ſe encarregado de demonſtrar, com os mais proficuos reſultados, a verdade d'eſta afferção. Remontando-ſe a trinta ou quarenta ſeculos antes da noſſa éra, pôde chegar até aos ſons ſimples, á ſyllaba, ás raizes que conſtituem o fundo commum das linguas aryanas, e que não paſſam de quinhentas. [2] Mas, chegada ahi, a philologia tem que appellar para a interjeição, para o grito involuntario, como origem da raiz, ſem poder dizer ao certo qual feria a linguagem do homem durante cincoenta mil annos, talvez. A articulação, diz Lefévre, é a paſſagem da ſenſação ao penſamento. Ora a philologia comparada chegou até á raiz do penſamento, até aos elementos ſimples das linguas. E eſtudando a genealogia das linguas, foi poſſivel conhecer a filiação das raças, porque as linguas ſão para as edades prehiſtoricas, ſegundo a expreſſão de Littré, o que os foſſeis ſão para as edades ante-diluvianas, iſto é, um poderoſo inſtrumento de reconſtrucção.

(*Continúa*).

ALBERTO PIMENTEL.

ESCOLA DE ATHENAS



Quando deparamos com as reproducções das grandes obras de Raphael, de que apenas no original conhecemos alguns dos primores, reſpeitoſamente guardados nos muſeus de Madrid e do Louvre, quanda a gravura nos traz a copia dos maravilhoſos quadros, dos freſcos admiraveis, que ſão o orgulho da eſcóla romana e porventura o documento da ſua ſuperioridade a todas as ſuas emulas e competidoras, ſentimo-nos tomados de uma admiração, reverente, enthuſiaſtica, miſturada da inveja de não havermos podido contemplar no original eſſas eſplendoroſas manifeſtações do mais erguido genio, que a arte tem produzido.

Com effeito, ſe a pintura renaſceu ao ſopro do myſticiſmo chriſtão, empenhada em reproduzir na expreſſão phyſionomica de cada perſonagem o ſentimento, a vida da alma, o affecto do coração, o ardor da fé; ſe depois as rapidas e ſucceſſivas evoluções do movimento artiſtico, apurando o engenho dos pintores, fizeram deſtacar as figuras do fundo dos quadros, deram plano e idéa de compoſição ao trabalho artiſtico, embellezando-o pe-

[1] *La ſcience au point de vue philoſophique*, pag. 441.
[2] *Etudes de linguiſtique et de philologie por André Lefévre.*

las fascinações da prespectiva; se não tardou que á figura unica, isolada, fria, immovel, vivendo toda e só pelo rosto, se succedessem os agrupamentos e disposição de varias figuras, animadas de sentimentos differentes, a acção e a vida do todo, a estrophe de poema escripto com o pincel; se o desenho tomou fórmas mais correctas, se o estudo do natural fez mais graciosas as posições, se a sciencia da colorisação deu esplendores novos á pintura, se o conhecimento do corpo humano emprestou reflexos de verdade á expressão material dos personagens animados na tela, como a reflexão sobre os movimentos d'alma lhes deu calor e verdade á expressão moral da physionomia; é certo que nem todos os grandes mestres possuiram egualmente todos os segredos essenciaes da arte, isto é, que nem todos attingiram a absoluta perfeição; e emquanto uns, rigorosos no desenho, eram frios na colorisação ou falsos no traduzir das paixões, outros, usando e abusando dos esplendores da palheta, eram descurados e incorrectos no desenho, eram mentirosos nas fórmas, ou não sabiam moldar as disposições plasticas de cada figura á traducção fiel da sua individualidade, e ainda ao passo que uns se limitavam a produzir personagens isolados e vivendo sobre si, no meio da disposição do quadro, ou a pequenos grupos, que representavam uma scena com limitado numero de actores, outros só conseguiam a confusão, a balburdia, o cahos das cores, na concepção e arranjo de quadros em que tumultuava a multidão.

Entre todos, levanta-se Raphael Sanzio, o principe da pintura, com a vastidão do seu genio, incommensuravel em conceber e em executar; grandioso no plano das suas obras, na idéa-mãe que as inspirava, grandioso no desenho das figuras e dos accessorios, grandioso no scenario e nos personagens, na perspectiva d'aquelle, e na disposição dos grupos, que atirava para sobre a tela, como se os houvesse surprehendido agrupados pelos caprichos do acaso, sempre com a rigorosa naturalidade do que é verdadeiro; fiel na expressão da physionomia de cada um, que traduz o sentimento ou o affecto que o anima, fidelissimo nos processos de colorisação, nos effeitos de luz e sombra, na riqueza, ora opulenta, ora sobria, dos tons, como se n'aquelle divina palheta estivessem as revelações todas da arte, no que ella tem de mais sublime e de mais eloquente,—a verdade.

É prova d'esta apreciação o quadro, de que hoje fallamos, e que, na camara da *Segnatura*, do Vaticano defronta com a *Disputa do Santissimo Sacramento*, do mesmo pintor, sendo considerado pelos melhores criticos, não só como uma obra prima de invenção, de desenho, de estylo e de expressão, mas incomparavel com composição e tido como a ultima palavra do genio artistico.

Nós, que não podemos apreciar na gravura o effeito do colorido, que seguramente ha de augmentar o encanto do quadro, mas que sabemos a perfeição, com que Raphael sabia usar dos recursos da polychromia, podemos, apenas pela reproducção gravada, formar uma idéa, incompleta, mas muito rigorosa, da valia d'este trabalho, onde a ordenação dos grupos e pessoas é admiravel, destacando-se todas e estando todas ligadas entre si, tendo todas vida e realidade, e prehenchendo-se tão habilmente os vasios que se não deixam perceber, como se tudo fôsse filho do acaso, e accidentalmente disperso alli.

A arte, como a modestia, só é verdadeiramente grande, quando se esconde. E, n'este quadro, a arte desapparece, na sua incoercivel sublimidade, para que tudo apparente de tão natural e singelo que cada qual, ao ver a disposição das figuras, imagine, de si para comsigo, que não ha meio mais simples, mais natural, mais facil de as dispor, e que todos, tomando egual encargo, fariam disposição egual.

No theatro, que é um quadro tambem, ha em disposição de grandes massas de figuração, umas naturalidades assim, que são o testemunho mais eloquente do merito dos ensaiadores, e que, por isso mesmo, passam quasi sempre desapercebidas aos olhos do vulgo, que d'aquella naturalidade infere ter sido tudo aquillo fortuito e arranjado por si mesmo.

Se Raphael, o sublime ensaiador das scenas representadas na tela, houvesse recortado todas as suas figuras, lhes houvesse insufflado a vida, lhes tivesse dado movimento, e lhes dissesse que se agrupassem, ellas mesmo, no scenario que lhes preparára, os personagens não tomariam outra disposição, nem outra attitude. É o sublime de simplicidade, e que é a mais fina expressão de arte.

N'aquella apparente confusão de individuos que povôam a *Escóla de Athenas*, fazendo um forçado synchronismo das maiores celebridades da philosophia grega, o espectador, collocando-se ao centro do quadro, no eixo do edificio abobadado que representa a escóla, nota que, na linha média que passa entre as figuras de Platão e de Aristoteles as quaes se destacam no raio de luz recebido da porta do fundo, não está mais nenhuma figura, porque o grande artista quiz assim exprimir que nenhum outro no meio d'aquelles dois personagens podia affrontal-os ou dominar a sua preeminencia no quadro, traducção artistica da sua preeminencia na philosophia antiga, onde não tiveram ninguem que os vencesse, nem mesmo o mestre de ambos, Socrates, que, com a lição transmittida a dois genios de aptidão diversas, mas de grandeza egualmente incommensuravel, nos legou por Aristoteles a sciencia pela observação, e por Platão as abstracções elevadissimas da metaphysica, como processo scientifico e genese do saber humano.

Mas, se Raphael deu aos dois grandes philosophos, chefes de escóla, parte egual na sua obra, ladeou-os dos mais notaveis talentos da esplendida Grecia, e ahi, espalhados nos diversos planos e a differentes alturas, cheios de vida, de movimento, de expressão, vêem-se Pythagoras, o philosopho dos numeros, escrevendo, Epicuro, o chefe da escóla do prazer, coroado de pampanos, Socrates, o rei da razão, argumentando, Archimedes, o geometra, traçando os seus problemas, Ptolemeu, o geographo, a devassar os segredos da terra, Horoastro, o astrologo, a devassar os do ceu, e Heraclico, sombrio, e Diogenes, cynico, e a multidão, aque e além, de um lado e de outro, attenta, curiosa, interessada, n'aquella vida intellectual, que dominam os enthusiasmos de Platão, e o frio professorado da experiencia de Aristoteles.

Os incidentes, as minuciosidades, os mais pequenos accessorios d'este quadro são admiraveis, notando-se que, emquanto nas figuras não ha nenhuma apparente symetria, sendo ella essencialmente necessaria para a belleza do conjuncto e solidez da composição, lá se encontra artisticamente disposta, nas coisas immoveis, no scenario, no primor da architectura, na disposição das estatuas, entre as quaes predominam a da poesia e a da sciencia, concorrendo assim este habil e feliz arranjo para equilibrar e compensar a simulada desordem dos grupos e personagens.

A boa amizade e comprovadissima proficiencia de um amigo devemos a fineza de esclarecimentos, que

nos habilitaram a tratar, mais defenvolvidamente e com minuciofidade mais rigorofa, d'efta belliffima compofição, que bafta ter olhos para se saber apreciar no todo, mas que os noffos leitores eftimarão de ver affim mais miudamente defcripta, como convinha a primor artiftico, que, no dizer de Charles Blanc, fob o ponto de vifta da belleza da fua coordenação, é um modelo admiravel da arte, que Raphael inaugurou, de multiplicar as figuras fem confufão, de povoar uma tela fem a atravancar, de a ponderar fem fymetria, e de apreſentar uma variedade encantadora, fem comtudo deftruir a unidade.

A nós fó nos péfa não podermos admirar efte, como muitos outros originaes, do divino pintor das multidões, do genio que, com o feu pincel, rivalifava com o poder fupremo, fazendo a ordem no cahos. Ao leitor acontece decerto a mefma coifa! E todavia não ha nada mais facil.

É ir a Roma!

CHRISTOVAM DE SÁ.

ABANDONADA!

QUADRO DE P. KRAMER

Se dermos credito ao que refere um periodico illuftrado eftrangeiro que tambem publicou ultimamente o excellente quadro de P. Kramer — *Abandonada!* — aquelle formofo rofto de mulher, emmoldurado em baftos cabellos louros, não é uma cabeça de phantafia, é um retrato.

Diz affim, pouco mais ou menos, o periodico:

O conde de Chernousky, um dos mais habeis diplomaticos que reprefentam o czar nas côrtes eftrangeiras, encontrou um dia não fei em que aldeia da Polonia ruffa uma rapariguinha judia, dotada com a mais linda voz que o fidalgo *dilettanti* ouvira até ali.

A fympathica rapariguinha que entoava uma canção popular emquanto trabalhava, teve de interromper o canto e o trabalho para refponder ás curiofas perguntas do conde.

Ainda bem não havia elucidado o feu interlocutor ácerca do que elle defejava faber, quando appareceu um ifraelita já encanecido, a quem o diplomatico tomou por pae da judiafita. O ancião, porém, declarou-lhe que a fua gentil correligionaria era orphã de pae e mãe. Efta circumftancia fuggeriu ao diplomatico a luminofa idéa de convidar a rapariga a acompanhal-o, para fazer d'ella uma cantora diftincta.

Apreſentou as fuas propoftas e condições, e Joram — affim fe chamava a rapariguinha — dando-fe por feliz de merecer ao conde tamanha fympathia, acompanhou-o fem conftrangimento algum, antes com alegria, e com elle foi, paffados dias, para Italia.

N'aquelle encantador paiz das artes, o protector de Joram entregou efta aos cuidados dos meftres de maior reputação, que fizeram d'ella, em pouco tempo, uma cantora confummada.

Já mulher, porém mulher muito nova e bonita, Joram Trouveni — appellido que ella accrefcentou ao nome defde que deu entrada no theatro — cantou com applaufo em S. Petersburgo e na Scala de Milão.

Os feus fucceffivos triumphos valeram-lhe obter efcriptura para o theatro da opera de Berlim, cidade para onde o conde de Chernousky fôra nomeado, por effa occafião, miniftro do imperio ruffo.

Joram Trouveni eftreiou-fe em Berlim na parte de Titania no *Sonho de uma noite de verão*, de Shakspeare, e tão prodigiofa foi a interpretação que deu áquelle famofo papel, que o publico berlinenfe a acolheu com a mais ruidofa e explendida ovação.

A infigne cantora recolheu n'effa noite ao hotel com o coração transbordando em alegria e felicidade; mas, ai d'ella! n'effa mefma noite um grande defgofto, uma triftiffima nova efperava a dilecta do publico.

O fidalgo ruffo, penfando que não lhe ficava bem profeguir no papel que até ali reprefentára de protector de uma prima donna, e não vendo em Joram fenão o brilhante de pura agua que encontrara e mandara pulir á fua cufta, havia-lhe efcripto uma carta dizendo que, vifto ella ter alcançado tamanha nomeada no theatro e eftar no caminho que devia conduzil-a a um futuro de gloria e de profperidade, não precifava já d'elle, e por confeguinte a prevenia de que efcufava de contar mais com a fua protecção.

Joram Trouveni, que já não precifava effectivamente do conde para continuar na fua carreira de triumphos, leu, comtudo, a inefperada miffiva profundamente commovida, e, ao terminal-a, encoftando o rofto ás mãos, exclamou com o mais vivo pezar:

— Abandonada!

A formofa judia amava o conde.

Verdadeira ou falfa efta narrativa que juftifica o titulo da tela de P. Kramer, é certo que a phyfionomia attrahente da encantadora mulher n'ella reprefentada, tem um vago fentimento de melancholia que pode muito bem caber na protogonifta de um romance de amor, como o que deixamos efcripto.

Alem d'iffo, aquelle olhar doce, mas expreffivo, aquella *pofe* natural mas elegante deviam mais facilmente encontrar-fe n'uma actriz de talento que fe fizeffe retratar n'uma hora de reminifcencia do feu primeiro pezar do coração, do que n'um modelo que andaffe ganhando o pão quotidiano pelos *ateliers* dos artiftas.

Seja retrato ou cabeça de phantafia, a verdade é que a *Abandonada*, de P. Kramer, é um quadro. E nem todos os retratos o fão. Quando o retratifta, porque é mediocre na fua arte, confegue tão fómente a parecença, faltando ás regras da compofição, defcurando o defenho e não attendendo á tinta, o retrato que fae das fuas mãos pode fer um trabalho excellente na opinião do retractado, fe fôr leigo em bellas-artes; o que, porém, nunca ferá é um bom quadro que faça honra ao auctor e tenha acceitação entre peffoas entendidas.

Se, pelo contrario, o retrato poffuir todas as boas qualidades que fe exigem n'um quadro, mas não tiver femelhança, o retratado ficará menos contente, é certo; mas o pintor haverá affignado uma obra cujo merecimento ferá duradouro e dará gloria ao feu nome. Efcufado é dizer que fe áquellas qualidades o pin-

ABANDONADA

tor tiver conſeguido juntar a da parecença, o que não é difficil para um artiſta que deſenhe bem, o seu trabalho ſerá completo.

A *Abandonada*, de P. Kramer, retrato ou não, ſimilhante ao original ou deſemelhante, ha de ſer ſempre um quadro, e um quadro de merito, porque tem compoſição gracioſa e expreſſão magnifica.

Aquelle roſto angelico de mulher poſſue o condão de nos attrair e de nos fazer ſciſmar. Deſeja-ſe ler na alma da gentil creaturinha o romance de ternura que annunciam os ſeus olhos meigos e raſgados, deſeja-ſe vel-a deſcerrar os labios formoſiſſimos para se lhe ouvir pronunciar uma palavra de affecto. E como nem uma coiſa nem outra ſe conſegue, quaſi que ha pena de ſe haver travado conhecimento com ella.

P. Kramer fez, por conſeguinte, alguma coiſa mais do que um retrato.

RANGEL DE LIMA.

Apreſentamos aos noſſos leitores o retrato do noſſo amigo Roberto Ffrench Duff, auctor de uma traducção em verſo dos Luſiadas para o idioma inglez.

O sr. Duff reſide entre nós ha mais de ſeſſenta annos. Os ſeus antepaſſados foram rendeiros da quinta do Outeiro, comprada por el-rei D. João VI e actualmente annexa á quinta do Alſeite deſde os principios do ſeculo paſſado até 1838. Seu pae foi Diogo Carlos Duff, agraciado em 1824 com a commenda da Torre e Eſpada, e ſua mãe D. Maria Barbora Ffrench, filha do sr. Domingos Aleixo Ffrench, cavalleiro da ordem de Chriſto, e de ſua mulher Eugenia Fitz-Gibbon.

O sr. Johnſtone, tio d'eſta ultima ſenhora, ſoffreu graves prejuizos por occaſião do grande terramoto de 1755, quando o ſeu armazem de vinhos na ſobredita quinta foi inteiramente deſtruido.

O sr. Duff naſceu na cidade de Dundee, na Eſcocia, aos 13 de março de 1808, e caſou a 15 de junho de 1834, com D. Anna Champalimaud, filha do tenente general José Joaquim Champalimaud e de ſua mulher D. Maria Clara de Souza Lira e Caſtro.

D'aquella ſenhora, fallecida em 1877, teve o sr. Duff tres filhos, James, Robert e John e cinco filhas, Maria Joſephina, Maria Carolina, Maria Emilia, Eliza Maria e Eugenia Maria.

Começou eſte novo traductor de Camões, a ſua educação no collegio de S. Pedro e S. Paulo, vulgo dos Inglezinhos, ſob a direcção do preſidente James Buckley, que foi depois biſpo da Trinidad, paſſou em ſeguida para o collegio de Saint Edmund, (Old Hall Green), então preſidido pelo dr. Thomaz Griffiths, depois biſpo de Olina e Vigario Apoſtolico do diſtricto de Londres, ahi proſeguio nos ſeus eſtudos que já concluio no collegio de Saint Mary, em Oſcott, perto de Birmingham, no tempo em que era preſidente o dr. Thomaz Walsh, depois biſpo de Cambyſſopolis, e Vigario Apoſtolico do diſtricto central de Inglaterra.

O sr. Duff foi ultimamente agraciado com a commenda da Ordem Militar de Noſſo Senhor Jeſus Chriſto.

O sr. Duff, apezar de ſe ter dedicado ao commercio deſde a edade de 16 annos, tem aproveitado os meios da ſua laborioſa vida em eſcrever varias obras ineditas, entre as quaes figuram uma verſão em proſa da Odyſſêa de Homero, do Grego para o Inglez, uma traducção da vida do infante D. Henrique, eſcripta pelo sr. Major, do Inglez para Portuguez, uma chronologia deſde o principio do mundo até aos noſſos dias e um diccionario Inglez-Portuguez.

A nova traducção dos Luſiadas feita pelo sr. Duff foi impreſſa na Imprenſa Nacional e acha-ſe á venda na loja do livreiro inglez o sr. Lewtas, na rua Nova do Carmo. Forma um volume de 554 paginas illuſtrado com 16 nitidas gravuras e retratos de varios perſonagens. Acompanha eſta traducção uma ſuccinta biographia do grande poeta portuguez e de varias perſonagens do poema, bem como o roteiro da viagem de Vaſco da Gama e a chronologia dos reis de Portugal e dos vice-reis da India, além de uma noticia exacta de todas as traducções dos Luſiadas.

Dizem-nos que a traducção tem muito merecimento litterario e que é ſobretudo fiel, o que infelizmente ſe não pode dizer de muitas outras traducções da monumental obra do noſſo grande epico.

X.

REVISTA ARTISTICA

—

Os modernos eſtatuarios portuguezes continuam a affirmar o ſeu talento em obras de verdadeiro merito. Trabalham muito e trabalham bem. Os raros amadores de bellas artes que ha no paiz dão-lhes que fazer, e elles aproveitam o enſejo para progredir e moſtrar que não foi eſteril o auxilio que receberam do eſtado a fim de ſe aperfeiçoarem na ſua arte em eſcolas eſtrangeiras.

O sr. Soares dos Reis, eſculptor portuenſe, concluiu uma eſtatua repreſentando a *Saudade*, trabalho que lhe fôra encommendado pelo sr. Franciſco Chamiço. E' uma adoravel figura de mulher, em que o diſtincto eſculptor imprimiu o maior ſentimento, e bem aſſim todo o caracteriſtico do ſeu primoroſo engenho.

O sr. Soares dos Reis encara a arte pelo priſma do realiſmo, ſem deſcer comtudo a certas aberrações que degradam em vez de levantar a eſcola. Não procura o natural pelo lado repugnante d'elle. Desde que vê um aſſumpto e encontra uma *poſe* ſem convencionaliſmo, mas em que ha o bello, em que ha a expreſſão, em que ha, em ſumma, tudo que é do dominio da grande arte, e de que ella póde e deve apoſſar-ſe, o sr. Soares dos Reis copía com a maior preciſão, reproduzindo no marmore não ſó as linhas geraes, mas todas as minucias que o ſeu modelo apreſenta.

Eſta ultima qualidade, levada ao exagero, torna-ſe, porém, ás vezes, em deſeito. Na eſtatua da *Saudade*, a critica póde aſoutamente accuſar o artiſta d'eſte ſenão. A par da ſingeleza e ao meſmo tempo de um certo grandioſo reproduzidos fielmente do natural, ha n'um ou n'outro ponto, como por exemplo nas pregas do apanhado das roupas ſobre o quadril direito da figura, o que quer que ſeja de meſquinho que deſtôa um tanto da largueza com que a parte principal das roupas eſtá tratada.

Mas iſto é uma *maneira* do artiſta, e o sr. Soares dos Reis póde bem com a reſponſabilidade das imperfeições d'ella, porque a originalidade que ſe obſerva em quaſi todos os ſeus trabalhos e a ſuperioridade do ſeu talento collocam-n'o em logar que ſó occupam os artiſtas de primeira plana.

O diſtincto eſtatuario portuenſe acabou tambem o buſto em marmore do antigo deputado Pinto Beſſa, trabalho que não tivemos occaſião de vêr ſenão reproduzido pela photographia.

O sr. Simões de Almeida, eſculptor de não menos talento do que o sr. Soares dos Reis, mas que poſſue uma maneira diverſa da d'aquelle artiſta, tem tambem, n'eſta occaſião, importantes trabalhos no ſeu *atelier*.

Uma D. Ignez de Caſtro, com todo o ſentimento e poeſia d'aquella figura hiſtorico-romantica; uma Judith, formoſiſſima na *poſe*, e em geral primoroſamente executada; um buſto de Camões, de certo o melhor que conhecemos, e o modelo, n'um terço do tamanho em que ha de ficar, da eſtatua da *Victoria* para o monumento aos reſtauradores, que eſtá a levantar-se no Paſſeio Publico, ſão obras que dão honra ao eminente eſtatuario, e nas quaes elle patenteia o ſeu acriſolado amor pela arte, porque todas ſão moderadas, não ſó com o *métier*, mas com a conſciencia de um grande artiſta.

Reſpeitador sincero do natural, não ſe preoccupa todavia com as minucioſidades d'elle como o sr. Soares dos Reis. Vê-o nas ſuas linhas mais amplas, e attende principalmente a eſſas, desprezando os pequeninos *detalhes*. Dir-ſe-ha que o sr. Simões de Almeida vê o natural á neceſſaria diſtancia, ao paſſo que o sr. Soares dos Reis o vê talvez perto de mais.

Ahi eſtão, porém dois artiſtas que dão honra ao paiz, e aos quaes o publico portuguez, embora pouco entendido em materia de bellas artes, faz comtudo verdadeira justiça.

*
* *

Reparemos uma falta.

Na ultima *Reviſta artiſtica* que publicámos n'eſte periodico, deixámos de citar, por lapſo, os excellentes trabalhos do gravador, o sr. Nunes, que figuravam na expoſição das obras triennaes da Academia real de bellas-artes.

Conſiſtiam os ſeus trabalhos na Virgem do Rozario, gravura a buril e o reſpectivo deſenho (cópia de um quadro de Murillo), um retrato de gravura a buril e o reſpectivo deſenho (cópia de um quadro de Claudio Lefebvre), e varios eſtudos do natural e do antigo, atteſtando todos o grande aproveitamento que o talentoſo gravador tirou do eſtudo que fez em Paris como penſionario do eſtado, e a ſua muita aptidão na eſpecialidade a que ſe dedicou.

Folgamos em deixar aqui regiſtrada eſta noſſa opinião.

*
* *

Eſtá em Lisboa o sr. Alfredo de Andrade, um amador que ſe fez artiſta, mas artiſta de primeira ordem.

O sr. Alfredo de Andrade, não preciſando de trabalhar para viver mais que medianamente, deixou um dia a patria e foi reſidir na Italia, onde ſe entregou ao eſtudo ſerio da pintura como ſe preciſaſſe adquirir uma profiſſão honroſa e lucrativa.

Dotado deſde pequeno de grande propenſão para as artes imitativas, facil lhe foi com o trabalho aturado a que ſe entregou, e com o auxilio de meſtres habeis, tornar-ſe um artiſta diſtincto, cujos trabalhos ſão uma gloria para o paiz.

Foi o sr. Andrade quem nos revelou a nova maneira de pintar, a que chamam hoje *realiſta*. Accuſado ao principio de viſionario e de excentrico, por cauſa da ſua maneira original de reproduzir a natureza, conſeguiu ſer hoje acatado por todos os artiſtas como um pintor de grande merecimento. O ſeu quadro do *Paul*, o que mais provocou as iras da critica, é conſiderado pelas peſſoas eſtudioſas um dos melhores trabalhos modernos da galeria da Academia.

O sr. Alfredo de Andrade abandonou agora a pintura para ſe fazer habil architecto. O ſeu talento preſta-ſe a brilhar em todos os ramos da arte, por iſſo não nos admirará ſe um dia o notavel amador-artiſta vier tambem a adquirir nome como eſculptor.

Ha dous annos concluiu o sr. Alfredo de Andrade o palacio da Rivara (Piemonte) no ſitio onde exiſtira o antigo caſtello feudal da familia dos condes de Valperga. Actualmente eſtá em via de acabamento a conſtrucção de uma capella mortuaria, de ſeu riſco, pertencente á familia Pgliani, tambem em Rivara. Eſta capella e feita no eſtylo do renaſcimento italiano, fim do ſeculo XV. Em regreſſando a Italia, tenciona o sr. Andrade começar uns trabalhos de ampliação no caſtello de Tagliolo, na Liguria, eſtylo do ſeculo XIV, pertencente ao marquez Pinelli Gentile.

E todos eſtes trabalhos o sr. Alfredo de Andrade faz por amor da arte e para ſe entreter!

Bem haja o primoroſo artiſta que tão nobremente emprega o ſeu tempo.

*
* *

Edmond About publicou em 1863 um drama, *Gaetana*, onde vem uma nota referente ás palavras *Scène premiere*, na qual ſe lê o ſeguinte:

Ici le public imparcial a commencé à ſiffler la pièce.

Aſſiſtimos ha dias em S. Carlos a um facto parecido. Annunciára-ſe que a primeira ſcena do ultimo acto do *Propheta* era nova, pintada pelo sr. Manini, e foi iſſo o baſtante para que ainda antes que o panno tiveſſe ſubido de todo, alguns eſpectadores começaſſem a patear!

O sr. Manini, porém, foi mais feliz do que Edmond About, porque eſte teve os cinco actos do ſeu drama pateados do principio ao fim, ao paſſo que o ſcenographo italiano obteve uma grande ovação de toda a platéa do theatro, viſto que até os pateantes, reconhecendo a injustiça do ſeu procedimento, em preſença do deslumbrante quadro do excellente artiſta, deixaram de bater com os pés, chegando alguns até a bater com as mãos.

O noſſo publico tem especial predilecção por ſe moſtrar entendedor de tudo que ſe exhibe no theatro de S. Carlos. Fóra d'aquelle templo inſpirador, não ſe peja de confeſſar que não percebe nada de pintura, e frequenta as expoſições com vergonha de emittir a ſua opinião. Em S. Carlos, porém, applaude ou pateia qualquer ſcena antes até de vêr como ella eſtá composta e executada. Condemnou da primeira até á ultima umas viſtas que ha annos vieram de Madrid, entre as quaes havia algumas pintadas por primeiros ſcenographos da França, da Italia, e da Heſpanha. Diſcute perſpectiva, côr, deſenho, e, encoſtado ás friſas ou no centro da platéa, ſem ſaber d'onde é tomado o ponto de viſta, nem meſmo o que é ponto de viſta, acha uma eſcada torta, uma columnata a cair, e outros defeitos d'eſte jaez.

E' um fraco como qualquer outro.

Não obſtante eſta exhuberancia de ſaber, a arcada pintada pelo sr. Manini para o *Propheta*, chegou a agradar-lhe. Tem tantas qualidades de optica e de colorido a bem delineada ſcena, eſtá feita com tanta verdade e grandeza, que os entendedores de que acima fallámos e o reſto do publico applaudiram freneticamente o diſtincto ſcenographo, chamando-o mais de uma vez ao proſcenio.

*
* *

O caſo ſuccedeu ha pouco tempo em Paris.

Um malfeitor de novo genero, depois de ſaltar pelas grades do jardim das Tulherias, começou a deſancar com um pau as coſtas de uma eſtatua, diligenciando quebral-a.

Algumas peſſoas que paſſavam pela rua de Rivoli vendo o eſtranho caſo, correram para o vandalo e entregaram-o nas mãos dos agentes da policia. Declarou chamar-ſe Feliciano Pindard e negociar em fragmentos. Interrogado ácerca de tão ſingular negocio, confeſſou que partia eſtatuas, eſtatuetas, e de preferencia baixos relevos, para vender os pedaços a fim de serem exportados. Os inglezes principalmente, pagavam generoſamente aquellas reliquias.

*
* *

O eſculptor Mercié e o architecto Fauvel ſão os encarregados do monumento que vae erigir-ſe a Thiers, na cidade de Saint-Germain-en-Laye.

Na cidade de la Chatre vae levantar-se um monumento a George Sand. E' feito pelo eſtatuario Aimé Milles.

Na egreja de Santa Cruz, em Varſovia, concluiu-ſe ha pouco um monumento erigido á memoria de Chopin.

RAPIN.

CHRONICA

—

Entremos já na materia, porque nos eſcaceia o eſpaço para longos preambulos.

De todas as operas até agora contadas na preſente epocha, no theatro de S. Carlos, foram ſem duvida a *Aida* e o *Poliuto* as que a todas ſobrelevaram no primor do deſempenho que affoutamente ſe póde claſſificar de magiſtral com reſpeito ás partes principaes, e eſpecialmente á ſegunda d'aquellas operas.

Foi na *Aida* que Verdi mais firmemente accentuou a ſua *ſegunda maneira*, procurando na eſcola allemã aquellas eſtranhas melodias que ſão por aſſim dizer o verdadeiro canto philoſophico, e as grandes combinações harmonicas que conſtituem o maior caracteriſtico d'aquella eſcola, e cujo maravilhoſo effeito já raros partidarios da eſcola anterior condemnam ou defdenham.

A *Aida* é, como todas as operas ſuas congeneres, de difficilimo deſempenho. Não obſtante, e ſem querermos eſtabelecer confrontos que condemnamos, parece-nos que nunca em S. Carlos teve execução tão completa e aprimorada. Bor-

ghi-Mamo, ſobretudo, foi inexcedivel. Deſde a *romanza* do primeiro quadro até ao duetto da ſcena final do ultimo acto não houve uma unica phraſe, uma nota apenas que não foſſe dita pela inſigne cantora de um modo e com uma correcção ſuperior a todo o elogio. O mimo, a expreſſão, o enthuſiaſmo que ſabe imprimir no canto, a afinação irreprehenſivel, a certeza e correcção com que executa as mais difficeis phraſes, fazem d'eſta artiſta uma cantora notabiliſſima, embora ainda no principio da ſua carreira. Os *adagios* ſobretudo, quando cantados a *mezza voce*, ſão por ella ditos com rariſſimo ſentimento e perfeição.

Bulterini revelou-ſe-nos n'eſta opera, eſpecialmente no terceiro acto, cantor de ſubido merecimento. Que a ſua voz era das mais extenſas, poderoſas e agradaveis que temos ouvido em S. Carlos, já ninguem ignorava; mas que a eſtas qualidades junctaſſe a do ſentimento é que foi, por aſſim dizer, uma verdadeira ſurpreza para o publico, porque ſe nas operas anteriores a critica poude notar a eſte artiſta algum ſenão, foi juſtamente o pouco relevo e colorido que dava ao canto. A ſua entrada no quarto acto da *Africana*, por exemplo, reſentia-ſe d'eſte deſeito. Na *Aida*, porém, não ſuccedeu aſſim, e no duetto do terceiro acto com o ſoprano arrebatou a platéa, accentuando admiravelmente algumas phraſes, entre as quaes notaremos a final: *Sacerdote, io reſto a te.*

Pandolphini foi o artiſta eximio, cujo talento todos reconhecem e applaudem. É um verdadeiro meſtre, e como tal ſe houve em toda a opera, correndo-nos, comtudo, a obrigação de eſpecialiſar o duetto do terceiro acto com o ſoprano, maravilhoſamente cantado pelos dous artiſtas.

No *Poliuto* apreſentou-ſe-nos pela primeira vez o tenor Tamagno. A fama de que eſte artiſta vinha precedido, ateiára no publico um grande deſejo de o ouvir, e n'alguns talvez o de o pateiar. Eſſa fama, porém, contra a expectativa de muitos, não foi deſmentida. Tamagno é um tenor de primeira ordem, um dos melhores cantores que temos ouvido em S. Carlos. O ſeu methodo de canto é correctiſſimo, canta com muito ſentimento, e tem uma voz extenſa e de boa vibração na corda. No regiſtro medio é demaſiadamente naſal. Eſte ſenão, porém, facilmente deſapparece em preſença da perfeição com que phraſeia, da correcção do canto, do ſentimento que ſabe dar-lhe, e da facilidade de emiſſão ainda nas notas mais agudas que ſolta ſem o menor esforço.

No *Credo* e no duetto final *Al ſuon dell'arpe angeli* com o ſoprano enthuſtaſmou a platéa, a ponto d'eſta pedir *bis*.

Borghi-Mamo e Pandolphini houveram-ſe primoroſamente. Borghi-Mamo cantou com um mimo e paixão inexcediveis, e nos paſſos de agilidade moſtrou mais uma vez quanto vale o ſeu provado talento.

No *Propheta* teve o novo tenor mais um triumpho. A ſua voz juſta-ſe perfeitamente á *taſſitura* em que eſtá eſcripta a muſica, e por iſſo, e porque ſão grandes os recurſos de que eſte artiſta diſpõe, como é grande e cabal o conhecimento que tem dos ſegredos da arte, é que o deſempenho que ora teve a parte do *Propheta* é, a noſſo vêr, muito ſuperior ao que n'outras epochas tem ſido.

A *romanza* do ſegundo acto, ſobretudo, é cantada por eſte artiſta com um primor difficil de egualar.

Devemos tambem eſpecialiſar o hymno do terceiro acto e o brinde final, trechos de grande difficuldade de execução, a que Tamagno ſoube dar todo o vigor e colorido que reclamam. Na grandioſa ſcena da cathedral, porém, parece-nos que a ſituação dramatica e a indole das phraſes muſicaes exigem maior relevo e expreſſão no geſto e no canto do que lhe dá o notavel artiſta.

O deſempenho dos demais papeis e da opera em geral foi regular, ſendo o papel de Fides cantado pela sr.ª Biancolini, artiſta já conhecido do noſſo publico, e o de Bertha pela sr.ª Gargano, cantora mais ſympathica pelo ſeu phyſico do que pela ſua voz que é pouco volumoſa e não muito bem cultivada.

* *
*

No theatro do Gymnaſio repreſentou-ſe em beneficio de Beatriz uma comedia original do talentoſo eſcriptor, o sr. Gervaſio Lobato, intitulada *Diz-ſe*. Affirmado já o ſeu engenho de auctor dramatico em mais de uma producção muito feſtejada do publico, era grande a curioſidade de conhecer eſta nova obra do sr. Lobato, e por iſſo, e porque a noute era a da feſta de uma das noſſas actrizes que n'eſtes ultimos tempos mais provas de adeantamento e eſtudo têem dado, o theatro encheu-ſe completamente.

Por mais de uma vez temos aqui proteſtado o deſaſſombro com que uſamos dizer a noſſa opinião, ainda que humilde e pouco auctoriſada, ácerca das raras peças originaes repreſentadas nos noſſos theatros por entendermos ſer eſſe um dever impreterivel da critica imparcial. N'eſta intelligencia, pois, vamos dizer, ainda que em breves palavras, por não nos permittir o eſpaço ſer mais extenſo, a impreſſão que em o noſſo eſpirito deixou a repreſentação da comedia *Diz-ſe*.

Eſte titulo era devéras promettedor e dos mais proprios para aguçar a curioſidade do publico. A phraſe hoje tão vulgar, tão hodierna — *diz-ſe* — é d'aquellas que mais deſpertam a attenção e o intereſſe de qualquer, porque atraz d'ella eſtá ſempre o que quer que ſeja verdadeiro ou falſo, innocente ou perfido que excita o intereſſe e a curioſidade, que acende odios, gera invejas, incita villanias, ſemeia vinganças e traições. A comedia, porém, francamente o dizemos, não correſponde ao titulo. Não raro ſcintilla no dialogo uma ou outra phraſe engraçada d'aquellas que a veia ſatyrica do intelligente auctor tão facilmente deſprende dos bicos da penna; mas a acção deſligada e diluida, a exageração de força dada a alguns dos perſonagens da peça, fazem com que eſte ultimo trabalho ſe diſtanceie muito dos que o auctor nos tem apreſentado, e que todos temos applaudido. Sabemos que é para muito mais o talento dramatico do sr. Lobato, e por o ſabermos é que ouſamos dizer-lhe ſem reſolhos, nem ambages eſtas palavras francas e ſinceras que decerto o ſeu bom juizo nos não levará a mal. E tanto confiamos nas aptidões do sr. Gervaſio Lobato como auctor dramatico, que eſperamos dentro em pouco ter de trocar pelo louvor as noſſas palavras de hoje, por iſſo que uma nova producção ſua irá ſem demora enriquecer o tão exiguo repertorio de obras originaes portuguezas de verdadeiro merito.

* *
*

Temos ainda a regiſtrar a repreſentação de uma nova comedia original do sr. Urbano de Caſtro, que ſubiu á ſcena no meſmo theatro e ſe intitula *No camarim da actriz*. É um acto muito bem dialogado e não menos gracioſo que denota no auctor grande propenſão para eſte genero de litteratura em que ſó agora ſe eſtreiou, ſegundo crêmos. Receba o novel auctor os noſſos ſinceros parabens pela ſua auſpicioſa eſtreia, e praza a Deus que ella o eſtimule a produzir novos trabalhos e de maior ſolego para o theatro.

A. DE SOUZA E VASCONCELLOS.

Typ. de Chriſtovão A. Rodrigues — Rua do Norte, 145, 1.º

UM DISCIPULO QUE DÁ ESPERANÇAS

Typ. — Christovão A. Rodrigues.

A ARTE

Lisboa — Fevereiro de 1880

UM DISCIPULO QUE DÁ ESPERANÇAS

—

O sorriso é tudo n'estas duas physionomias; na do velho é a experiencia, e o labio superior arregaça-se-lhe como embrulhando o assumpto na malicia das coisas e na desdenhosa ironia do julgamento d'ellas; na do pequeno é o instincto, a adivinhação galante da intriga humana, o rir espontaneo, sem piedade e sem dó, do entrar da vida, que nem tem dó nem piedade...

Brandamente encostado a um dos braços da cadeira, escutando a creança com complacencia, mais do que isso, com interesse, a mão aberta em fórma de concha do velho judeu parece approval-a, e dar-lhe com bonhomia o doce incitamento, a dedicação attenta a que a infancia é grata...

Elle vae contando, o esperto pequerruxo, o que lhe succedeu. Uma astucia que pôz em pratica, a tolice do acaso aproveitada a tempo por sua sagacidade natural, o ir ao encontro habilmente de um caso que seria outro se elle o não torcêra para que não fosse assim...

O comprido cachimbo espera, aguentado com movimento nervoso pelo braço senil do velho israelita, que o pequeno vá dizendo tudo quanto o sucesso offerece de singularidade e de argucia... Nem que lhe fosse referida, sem que a noticia de taes successos se fundasse apenas em vãos boatos, mas por quem houvesse presenciado como as coisas se passaram, a famosa guerra dos judeus contra os romanos, a maior em seu conceito de quantas tem havido de cidade contra cidade ou de nação contra nação, elle escutaria com mais profundo encanto...

Já ouvi dizer que este quadro do allemão Knaus parece a continuação da idéa do intitulado *Um bom negocio*. N'aquelle o judeu pequeno exulta fósinho do exito auspicioso da sua empreitada: porventura n'este está revelando o caso ao ancião, como preito devido á estimação lucida de um mestre.

Ha poesia n'aquellas duas physionomias, que se entendem e se completam! Estas coisas não deveriam ser tratadas em prosa de jornal. Estas coisas cantam-se! A estatuaria e a esculptura tornam tangiveis as idéas, a pintura torna-as visiveis, a prosa faz o que pode por tornal-as sensiveis; a poesia, porém, só por si faz isso,—e a musica ainda o faz melhor!

Comquanto a expressão do seu rosto seja placida, que de rugas na fronte d'esse velho, a revelarem quanto lhe tem custado a vida, e a que infinitas subtilezas deve o haver logrado que o não esganassem intempestivamente, ou que os desaires, humilhações, insultos, o assovio da turba, a guerra e a injuria dos homens, o não minassem, irritavel como é, sem nunca deixar ver que o seja.

—Ouve, dirá elle talvez ao pequeno, quando lhe chegar a vez de contar tambem a sua historia. Sabes da arte que tenho usado para que a creada me não mate, nem me deixe abandonado, quando agora adoeço, depois de velho? Disse-lhe assim: Estás no meu testamento, para sempre e desde já. Isto é a novidade. Agora, o concelho. Não queiras ter a deixa cedo. Até uma creança perceberia isto; não sejas tolla; seria uma desgraça para ti. Não te deixo por agora senão uma bagatella; já te estou dizendo tudo como é. Mas determino que a quantia dobre de anno para anno. É um boccado de pão, que pode chegar a ser riqueza, por pouco que eu viva... Tenho setenta e sete... Arranja tu que eu vá vivendo... Prolonga os meus dias. Para ti é que elles são. Nada de me roubar, nem mentir, nem contar o que cá se passa, nem espreitar, nem mecher-me nos papeis, nem indisporme com pessoa nenhuma. Cautelinha! E poupa muito, mulher, sê muito poupada; para mim, vêr gastar mal seria uma apoplexia certa. Que queres, a gente nasce feita; o meu genio é assim; agora já não tem remedio; essas coisas não valem nada, mas, com certeza, dariam cabo de mim...

E ha de rir, hão de rir ambos, porque o pequeno entendel-o-ha melhor que ninguem, e elle bem o sabe, elle, o velho judeu que aprecia aquella perspicacia audaciosa e soffredora, os contrastes admiraveis de um temperamento delicado e forte, vivo de todas as riquezas nativas, talento, vontade e paciencia!

É bom discipulo; considera-o elle proprio como discipulo que dá esperanças, incapaz de sacrificar os principios, de ter melindre com as pessoas, de ser rigido para si e indulgente para os outros; aliás, viria a dar no mesmo que ser christão, ou ir no caminho d'isso!...

Tudo que não fosse raciocinar por este modo, tornar-se-hia acredor de notoriedade repprobativa em israelita tão venerando, que, seguramente, obedece aos preceitos. D'ahi virá até, provavelmente, de obedecer aos preceitos, rirem-se d'elle... Todavia, não será essa a melhor razão que elle possa ter para se queixar de nós, que, se por elle cumprir os preceitos, nos rimos d'elle, em nós cumprindo os que deveriamos guardar, de nós se riem os nossos. Que se ha de fazer!? A gente não mette a ridiculo o turco a atirar consigo de bruços ao meio do chão, tres e quatro vezes no dia, e a fazer as abluções mais exoticas, porque o maganão do turco vive longe e por isso fica poetico, licito, oriental... Mas vá lá um christão pelas ruas ajoelhar de boccado em boccado deante de uma cruz, vá lá o catholico pôr em pratica os preceitos, e não tardará nada que o tomemos por um bom matutinho entrado de monomania religiosa, ou então algum reles hypocrita...

—Anda-me com elles! dirá o velho judeu ao rapazinho, quando elle terminar a ſua narrativa. Dás eſperanças, filho! Principios, uzura e paciencia. Aſſim nos quer o mundo. Moer-nos para o moermos, deſdenhar-nos para o enganarmos. Anda-me com elles!

JULIO CESAR MACHADO.

RUINAS DE CISTER

CEIÇA, CELLAS, LORVÃO

I

(Continuado de pag. 148)

A diſtancia de um kilometro ou pouco mais ao nerdoſte da cidade de Coimbra, no freſco e ameno valle de Vuimarães, jaz o velho moſteiro de Cellas de religioſas da ordem de S. Bernardo.

Vuimarães phantaſiou fr. Bernardo de Brito ſe derivaria do nome de um irmão d'el-rei Froila ou Fruela, o infante Vuimaran, o qual diziam ter desbaratado um alcaide de Coimbra no valle, onde mais tarde ſe edificou o moſteiro. [1]

Mas fr. Antonio Brandão na meſma Monarchia Luſitana allega uma eſcriptura de 1242, que ſe guardava no archivo de Cellas, na qual ſe lia: «*In eodem loco qui dicitur Vimaranes, vel Vallis medianus*, parecendo aſſim que a palavra *Vuimarães* não ſeria mais que uma corrupção de *Vallis Medianus*. [2] Ainda hoje ſe chama tambem Val-meão, o valle logo abaixo do convento.

No teſtamento de Mummadona e n'outros documentos antigos, em vez de *Guimarães*, lê-ſe *Vimaranes*. [3] N'outros documentos de 1310 e 1351 do archivo municipal de Coimbra, lê-ſe *Celas de Guimarães dapar da cidade de Coimbra*. [4] É por tanto provavel que Guimarães e Vuimarães ſe derivaſſem por corrupção de uma meſma palavra.

O moſteiro de religioſas de Sant'Anna tinha tambem o meſmo nome de *Cellas*, e differençavam-ſe um do outro por meio dos locativos correſpondentes — Cellas *de Vuimarães* e Cellas *da Ponte*. [5]

A tranſição do nome de Cellas, logares onde ſe encerravam as emparedadas, recluſas ou encelladas, naturalmente ſe faria para os moſteiros, onde paſſariam a viver em communidade. [6]

Fr. Luiz de Souza refere um d'eſtes caſos em que as emparedadas de Santarem deixaram as cellas em que viviam, cada uma de per ſi, para ſe ajuntarem em communidade, formando o moſteiro de S. Domingos das Donas. [7]

Chamar-ſe *de Cellas* o moſteiro de Vuimarães procederia, ſegundo uns, de ter ſido fundado pela infanta D. Sancha, filha de el-rei D. Sancho I, com encelladas que trouxera de Alemquer; e, ſegundo outros, de que, depois de fundado o convento, e talvez depois da morte da infanta, viriam algumas das encelladas d'aquella villa augmentar o numero das religioſas. Nem é impoſſivel que no ſitio do convento ou n'outra parte, em Coimbra, houveſſe emparedadas, que, á imitação das de Santarem, ſe reuniſſem em communidade. Em apoio da ſegunda hypotheſe, Fr. Antonio Brandão cita a ſeguinte inſcripção, que eſtava n'uma parede entre a portaria e o clauſtro do moſteiro: [8]

Hic bis quinque manent, quæ cætibus aſſociatæ
Angelicis, cultu promuere pari.
Hùc ab Alenquerio, quo vitam ſponte recluſæ
Arctam geſſerunt, hirtis et pellibus vſae
Hùc inquam Regina Taraſia Regis amore
Ætherei vexit, contentas laudis honore.
Era M. CC. LXXII.

«Sua ſignificação, diz o continuador da Monarchia Luzitana, é que n'aquelle logar deſcançavam dez religioſas, as quaes com egual trato e ſanta obſervancia merecem ter logar entre os choros angelicos das virgens que ali moravam, e que de Alemquer, onde faziam d'antes vida eſtreita com a reclusão voluntaria, cilicios e mais aſperezas de que uſavam, as mudara para o moſteiro de Cellas a rainha D. Tareja, entendendo que o que mais deſejavam era permanecer em continuos louvores do ceu. Iſto ſuccedeu na era de mil duzentos e ſetenta e dois, que é anno de Chriſto mil duzentos e trinta e quatro.»

Não ſe ſabe ao certo o anno da fundação; achaſe porem já mencionado o moſteiro de Cellas n'uma doação de 1219 e na eſcriptura de compoſição feita em 1223 entre el-rei D. Sancho II e ſuas tias D. Tareja, D. Sancha e D. Branca. [9]

Algumas partes do convento ſão já ruinas. Umas paredes cahiram, outras, de certo, não tardarão a deſmoronar-ſe. O vento e a chuva entram pelo mais antigo dos dormitorios. Das paredes eſcuras e salitroſas deſpegam-ſe pedaços de reboco; dos tectos defumados deſprendem-ſe velhas taboas de caſtanho, por cima do negro ſobrado de carvalho, que oſcilla e parece abater-ſe ſob os pés que o piſam.

Da communidade reſtam apenas duas religioſas, uma louca, outra nonagenaria e, ha alguns annos, entrevada. A habitação e as habitantes identificam-ſe na meſma commum ruina.

E todavia as partes mais deterioradas pelo tempo ſão reconſtrucção de ha poucos ſeculos. Do primitivo edificio não reſta mais que dois lanços do clauſtro. Eſtes intereſſantes veſtigios reputal-os-hia mais antigos quem não ſoubeſſe a epoca da fundação do convento. Arcos de volta redonda, capiteis com a fórma cubica do eſtylo byzantino parecem antes do

[1] *Mon. Luſit.* Part. 2, liv. 7, fol. 291.
[2] *Mon. Luſit.* Part. 4, liv. 14, cap. 9.
[3] *Portugaliae Monum. Hiſt. Chartae et Diplomata.*
[4] J. C. Ayres de Campos, *Indice chronol. dos pergam. e foraes, Indices e Summarios dos liv. e docum. do archiv. municip. de Coimbra.*
[5] Eſtas deſignações encontram-ſe em documentos do archivo municipal de Coimbra e n'outros, como ſão os teſtamentos d'el-rei D. Affonſo III e da rainha D. Izabel. *Indices* citados. *Mon. Luſit.* Part. 4.
[6] Quando a recluſa entrava para a cella, tapava-ſe a porta de pedra e cal, ficando uma pequena freſta para a introducção do alimento. A porta não ſe tornava a deſtapar até á morte da emparedada, tirando-ſe então o cadaver para lhe dar ſepultura. Viterbo — *Elucidario*, verb. Emparedada.
[7] *Hiſt. de S. Domingos*, Part. 1, liv. 5, cap. 20. A exiſtencia das emparedadas em Coimbra na edade media prova-ſe com documentos contemporaneos. O teſtamento de D. Bona de 1266 contem as ſeguintes mandas: *Recluſis Sancti Chriſtofori tres libras. Omnibus recluſis de Colimbria ſingulas libras. Guia Hiſt. do Viaj. em Coimbra*, pag. 130.
[8] *Mon. Luſit.* Part. 4, liv. 14, cap. 9.
[9] Brandão cita o primeiro e tranſcreve o ſegundo documento na Quarta Parte da *Monarchia Luſitana* a fol. 129 e 221.

feculo XII, que de uma epoca em que a ogiva fubftituia geralmente já os arcos femi-circulares, e os capiteis fe tinham arredondado, perdendo a fórma caracteriftica do eftylo do Oriente.

As columnas do clauftro de Cellas, ou antes dos feus dois lanços não reconftruidos, fão geminadas. Os capiteis que lhes fervem de remate repreftentam em alto relevo paffos da vida do Salvador, martyrios de fantos e outros affumptos da hiftoria fagrada. Alguns, ornados, não de figuras, mas de folhagens, affemelham-fe mais que os outros aos das egrejas conimbricenfes da Sé velha, ou do Salvador.

Depois do clauftro, o veftigio que tenho por mais antigo é uma grande lapide, embutida n'uma parede da cafa do capitulo. N'ella fe vêem ao lado efquerdo duas efculpturas, uma das quaes repreftenta uma freira ajoelhada aos pés da Virgem que lhe fuftenta as mãos com a fua mão direita, emquanto fegura com a efquerda o Menino fentado no regaço. A outra efculptura, por baixo da primeira, repreftenta um bifpo de baculo em punho e veftido de pontifical. A direita o maior efpaço da pedra é occupado por uma longa infcripção, illegivel, por eftarem as letras muito comidas do tempo. O eftylo da efculptura e a fórma da letra parecem do feculo XIV ou dos principios do feculo XV. A infcripção contém provavelmente a lenda que o padre Antonio Caetano de Souza conta pela fórma feguinte:

«No mofteiro de Cellas de Coimbra fe conferva a memoria de D. Maria Fernandes, eleita abbadeffa d'efte religiofo mofteiro, no anno de 1330, peffoa de abalifada virtude, em que o defprezo de fi mefma foi tão abatido, que lhe parecia fer obrigada a fe aniquilar ao mais profundo da humildade, não querendo houveffe coufa n'ella, que mereceffe louvor. Confta por tradição d'aquella cafa que por um prelado d'aquella diocefe lhe louvar as mãos de bem feitas as cortara logo, e recolhendo-fe á cella afflicta lhe fôram reftituidas por interceffão de Noffa Senhora.» [1]

O que porém o auctor não explica é o modo como alguem póde amputar a fi mefmo ambas as mãos, coufa que fe lhe afigurava tão facil que chegou a temer que a freira tiveffe imitadoras! E, como quizeffe prevenir o cafo, qualificou-lhe o zelo de indifcreto, e advertio que Deus não quer que fimilhantes refoluções firvam de exemplo.

A egreja foi reformada no feculo XVI pela abbadeffa D. Leonor de Vafconcellos. Interiormente eftá muito alterada com renovações pofteriores. Uma fó parte merece attenção, como obra de architectura. É o portal de eftylo manuelino com a data de 1530.

D. Leonor de Vafconcellos fez outras obras no convento, onde, bem como na cerca, fe encontram lapides com a fua divifa: uma corôa de efpinhos e a legenda *Dominus meus decoravit me.*

No clauftro ha um baixo relevo em pedra d'Ançã e do eftylo d'aquelles que fe confervam nos de Santa Cruz e da Sé Velha. Parece obra do feculo XVI, como os dos outros clauftros. A efculptura é mais perfeita e delicada. Repreftenta tres paffos da vida e morte de Jefu Chrifto. Ha poucos annos renovaram boçalmente a pintura da pedra.

Outro retabulo de pedra, mas inferior no eftylo, adorna uma parede da facriftia da egreja. A parte fuperior repreftenta o martyrio de um fanto em pé dentro de uma caldeira, pofta fobre o fogo. Em baixo, S. Martinho de Tours corta a capa com a efpada para dar metade a um mendigo. Diz-fe que efte retabulo fôra dado ao convento pelo celebre dr. Martinho d'Azpilcueta Navarro, lente de canones na Univerfidade de Coimbra. É certo que duas fobrinhas fuas tomaram o habito em 1534, no mofteiro de Cellas, onde falleceram. [2]

Até ao anno de 1832 celebrava-fe em Cellas uma parte importante da fefta popular do Efpirito Santo. Na primeira oitava o imperador de Eiras vinha preftar homenagem á abbadeffa, como donataria d'aquella povoação, outr'ora villa. A camara elogia d'entre os moradores um *Imperador*, a quem dava 26$000 réis em dinheiro, 50 alqueires de trigo e 6 almudes de vinho para ajuda do bodo com que fe havia de regalar o povo para celebrar a fefta do Efpirito Santo.

Depois de coroado o imperador na egreja matriz d'Eiras e d'outras cerimonias religiofas, montava a cavallo acompanhado de pagens, da camara e de outras peffoas gradas da villa, e feguiam todos a cavallo, com bandeira e mufica na frente, para Cellas. Chegando ao pateo do convento, apeiavam-fe ao fom de alegres repiques de finos e entravam na egreja, onde fe celebrava um *Te-Deum*, e o imperador era de novo coroado por um capellão. Findas eftas ceremonias, affentava-fe n'uma cadeira, junto da grade do côro e ahi praticava com a abbadeffa, acompanhada de muitas religiofas.

A comitiva, fahindo da egreja, recolhia-fe á hofpedaria do convento, onde lhe ferviam refrefcos. Emquanto durava a refeição andava a corôa pelas cellas das freiras, que a beijavam por crêrem fer milagrofa, e depois a devolviam com prefentes ao imperador. De Cellas iam á capella do Efpirito Santo, perto de Santo Antonio dos Olivaes, e alli ouviam miffa, finda a qual, regreffavam a Eiras. Seguia-fe então o grande banquete em que tomavam parte os moradores da villa e circumvizinhos. De tarde concluiam-fe as feftas d'efte dia com corridas de cavallos e luctas de homens. Na fegunda oitava repetia-fe o jantar e ceia que durava até ao amanhecer da quarta feira. [3]

A fefta do Imperador do Efpirito Santo não era particular á villa de Eiras. Celebrava-fe em muitas outras povoações do reino e até nas ilhas dos Açores. [4] D. Fernando Corrêa de Lacerda a fuppõe originada na villa d'Alemquer, onde teria fido inftituida por el-rei D. Diniz e pela rainha Santa Izabel em commemoração do milagre da transformação das moedas em rozas. [5] Na opinião d'outros as feftas do imperador teriam mais remota origem, parecendo-lhes antes um coftume do paganifmo, mal diffimulado com a invocação do Efpirito Santo, bem como aquelles templos romanos em que a devoção popular arvorou a cruz ou algum outro fymbolo da religião chriftã.

(*Continúa*).

A. FILIPPE SIMÕES.

[1] *Agiol. Lufit.* Tomo 4, pag. 517.

[2] *Agiol. Lufit.* Tomo 3, pag. 565 e 571.

[3] *Instituto*, tom. 12, pag. 43.

[4] *Archivo dos Açores*, n.º 2, Agofto, 1878.

[5] *Hiftoria da vida, morte, milagres, canonifação e trafladação de Santa Izabel, fexta rainha de Portugal.* Lisboa, 1680, pag. 194.

MAIS UM PINTOR PORTUGUEZ

—

Submettemos á apreciação dos noſſos leitores, e principalmente dos que ſe dedicam ao eſtudo e inveſtigação do paſſado, a ſeguinte carta que recebemos:

Sr. director do jornal *A Arte*.

Permitta V. que um modeſto obreiro, que na acanhada eſphera das ſuas faculdades lida no empenho de vêr progredir o paiz que lhe ſerviu de berço, venha roubar-lhe o tempo de que V. tanto carece para a direção do ſeu excellente jornal, com eſta aravía, ou calhao, que V., querendo, pode transformar em pedra de fino lavor.

Faltam-me os conhecimentos neceſſarios para emprehender eſtudos ſerios ſobre os variados e mal, ou nada, eſtudados ramos da arte nacional; ſobra-me, não obſtante, a vontade de fazer alguma couſa que ſeja util ao meu paiz. Por iſſo, tendo deparado n'uns documentos antigos com o nome de um pintor portuguez até hoje deſconhecido, venho pedir a V. que ſe ſirva d'eſtas mal ordenadas linhas para publicar d'ellas o que lhe parecer mais util.

O conde de Rackzynski, a paginas 200 da ſua obra *Les arts en Portugal*, publíca dois monogrammas copiados de um quadro exiſtente na bibliotheca de Evora, que, ſegundo elle diz a paginas 201 e 354 da predita obra, ſão um X e um V. E comquanto não affirme poſitivamente que os referidos monogrammas ſejam de Chriſtovão de Utrecht, inclina-ſe comtudo a eſta idéa, como ſe vê a paginas 290 do ſeu *Diccionario Hiſtorico Artiſtico de Portugal*, onde diz «que com muita veroſimilhança podem ſer attribuidos a Chriſtovão de Utrecht.» Refere mais o mencionado eſcriptor, a folhas 201 da ſua primeira obra citada, que o nome de Chriſtovão ſe eſcrevia no antigo portuguez: *Xporão*, ou ſómente *Xpão*.

Se unicamente foſſe coſtume entre os portuguezes eſcrever o nome de Chriſtovão com a abreviatura X, feria iſſo uma razão para ſe poder affirmar com certeſa que os monogrammas em queſtão não eram nem podiam ſer do pintor hollandez Chriſtovão de Utrecht, porque não fôra de preſumir que um eſtrangeiro uſaſſe de tal abreviatura. Mas não eram ſó os portuguezes que antigamente eſcreviam Chriſtovão com X. O pintor Pedro Chriſtophſen, filho de Chriſtovão — Pietro Chriſta — como diz Vaſari, aſſignava os ſeus quadros pela fórma ſeguinte: — *Petrus X. P. R.*

Ora, ſe as lettras dos monogrammas referidos ſão effectivamente um X e um V, tanto podem attribuir-ſe a Chriſtovão de Utrecht como a *Chriſtovão Vaz Pinto*, nome de um pintor que encontrei mencionado no tombo de um prazo na rua dos Eſcudeiros, que foi foreiro á camara de Lisboa. Do livro do tombo a que me refiro, fls. 323, conſta que as caſas que conſtituiam o prazo, por diverſas ſucceſſões, pertenceram a *Iſabel Gil, e que por morte d'eſta paſſaram a ſua irmã Joanna Lopes, mulher de Franciſco Vaz, ourives da prata, os quaes as deram em dote e caſamento a ſua filha «Beatriz Gil, quando caſou com* CHRISTOVÃO VAZ PINTO, PINTOR, *como ſe vio por huã ſcriptura de dote feita n'eſta cidade (Lisboa) aos 25 dias do mez de abril de 1584 annos ſobſcripta e aſſignada em publico por Luiz Bulhão, tabellião de notas.*

Perguntará alguem:

— Que auctoridade tem o documento onde foi encontrado tal nome? A auctoridade dos documentos de uma repartição publica.

— Que relação tem tal pintor com os quadros de Evora? Toda ou nenhuma.

Para ſe ſaber d'eſſa relação é neceſſario eſtudar o aſſumpto, quer ſeja por comparação dos quadros que teem os aludidos monogrammas, com outro authentico de Chriſtovão de Utrecht; quer pelo exame de documentos antigos por onde ſe poſſa averiguar o nome do auctor dos ditos quadros. O eſtudo comparativo ſôra relativamante facil ſe tiveſſemos quadro authentico por onde elle ſe podeſſe fazer. A falta do quadro, porém, reſta o outro meio apontado; e talvez que nos archivos de Evora ſe poſſa deſcobrir algum documento que dê luz baſtante para ſe intentar o eſtudo d'eſta queſtão, que, parecendo inſignificante, o não é, porque eſtá ligada intimamente á hiſtoria da arte em o noſſo paiz.

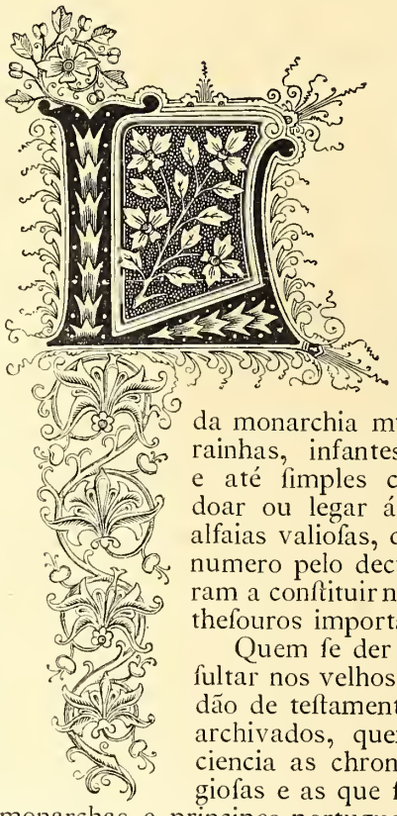
O pedido que lhe faço, sr. director, de publicar eſte achado tem, pois, unicamente por fim tornar conhecido o nome de mais um pintor portuguez, e vêr ſe peſſoas competentes ſe dedicam a eſte genero de inveſtigação. Não faltam entre nós individuos de ſaber e de natural tendencia para emprehendimentos d'eſta ordem. No ſeu jornal, por exemplo, eſcrevem cavalheiros que podiam ſer empregados com mais vantagem para o paiz, e para elles, em commiſſões attinentes á hiſtoria das artes entre nós, do que em redigir officios e outras peças burocraticas.

A publicação que lhe requeiro, sr. director, além da vantagem de deixar regiſtrado no ſeu jornal o nome d'eſte deſconhecido pintor, tem tambem, ſegundo julgo, a da prioridade, para que de futuro ſe não poſſa claſſificar de novidade eſte achado, como aconteceu com a aſſignatura de — Velaſco — de um quadro exiſtente em Coimbra, a qual Mr. Robinſon publicou em a ſua memoria ſobre a antiga eſcola portugueza de pintura, e que já annos antes (creio que em 1861) havia ſido viſta pelo diſtincto eſcriptor F. G. de Amorim, e que, em outubro de 1865, foi copiada pelo fallecido pintor Thomaz Joſé da Annunciação, em um album que o referido eſcriptor poſſue.

C. F. J.

CAPSULA DE PRATA DOURADA, PERTENCENTE Á CASA REAL

—



LONGA ſeria a tarefa de quem ſe propozeſſe inventariar e deſcrever as alfaias de ouro e prata, notaveis como trabalho artiſtico ou como peças de archeologia, poſſuidas ainda hoje pelos cabidos, collegiadas, egrejas, confrarias, varias corporações civis e caſas nobres de Portugal. Deſde os primordios da monarchia muitos dos noſſos reis, rainhas, infantes, prelados, fidalgos e até ſimples cidadãos coſtumavam doar ou legar ás egrejas e moſteiros alfaias valioſas, que, augmentando em numero pelo decurſo dos ſeculos, vieram a conſtituir n'algumas corporações theſouros importantiſſimos.

Quem ſe der ao trabalho de conſultar nos velhos chartularios a multidão de teſtamentos e doações n'elles archivados, quem explorar com paciencia as chronicas das ordens religioſas e as que ſe referem á vida dos monarchas e principes portuguezes e á dos prelados das noſſas ſés, ahi encontrará a prova irrecuſavel do que deixamos dito.

É certo que as guerras inteſtinas, as invaſões eſtrangeiras, os terremotos e incendios, os roubos e delapidações e até a neceſſidade de converter em moeda muito ouro e prata lavrada, tem feito deſapparecer grande quantidade d'eſſas peças valioſas; todavia Portugal é ainda riquiſſimo em objectos e alfaias de precioſidade, muitas d'ellas verdadeiros monumentos que atteſtam um gráo notavel de eſplendor e floreſcencia na arte de ourivesaria. Uma galeria que reuniſſe em eſtampas fieis tudo o que n'eſte genero de trabalho ſe podeſſe copiar, feria intereſſantiſſima e da maxima utilidade para o eſtudo da evolução artiſtica da eſculptura metalica portugueza, até hoje menos cultivado do que o da eſculptura em pedra. E n'eſſa galeria deviam ter logar não ſó as peças que pelo ſeu apurado goſto repreſentaſſem as epochas mais floreſcentes da arte, mas até algumas de ſomenos valia ar-

CAPSULA DE PRATA DOURADA, PERTENCENTE Á CASA REAL

tiſtica. Só aſſim ſe poderia avaliar bem a evolução, ſerviriam umas e outras para o exame comparativo do maior ou menor gráo de perfeição e bom goſto; e á viſta d'ellas os noſſos artiſtas eſtudioſos poderiam educar o ſeu genio tractando de imitar o que encontraſſem de melhor.

Em quanto não ſe chega a eſſe deſideratum, bom ſerviço preſtam os periodicos e publicações de eſtampas inſerindo deſenhos das noſſas precioſidades artiſticas mais notaveis. O *Archivo Pittoreſco* parece-nos que foi o primeiro que reproduziu nas ſuas paginas alguns deſenhos de intereſſantes objectos d'eſte genero. Outras publicações lhe tem ſeguido o exemplo, e a *Arte* juſtifica o ſeu titulo empenhando-ſe em apreſentar tambem nas ſuas columnas as eſtampas de ricos trabalhos de eſculptura metallica.

A peça que n'eſte numero publica é na verdade um trabalho digno de grande apreço, quer o conſideremos na correcção, goſto e elegancia da ſua compoſição total, quer na boa diſpoſição, harmonia e mimo de execução de cada uma das ſuas partes.

É uma capſula de prata perfumada de ouro, deſtinada a encerrar a pyxide com a ſagrada hoſtia em quinta-feira de Endoenças.

As figuras que a ornamentam ſão todas de aſtumptos apropriados. Aſſim n'uma das faces principaes vê-ſe repreſentada a *Cêa do Senhor*. É muito elegante e brincada a tarja em que eſtá moldurada. N'uma face da cobertura figura-ſe a *depoſição no Sepulchro* tendo ao lado, em plano ſecundario, a *Cidade de Jeruſalem*. Como remate d'eſta formoſa boceta vê-ſe no alto, ſobre uma peanha, *Jeſus reſuſcitado*. Na baſe da peanha eſtá eſte diſticho:

RESVRREXIT
SICVT DIXIT

São tambem muito para notar-ſe, e muito concorrem para a elegancia d'eſte cofre os quatro nichos reſaltantes em que ſe vêem as eſtatuetas dos *quatro evangeliſtas*. Cada um dos nichos eſtá entre duas columnas, cujos fuſtes no terço inferior oſtentam formoſos lavores e na reſtante altura ſão elegantemente eſtriados. Sobre o entablamento que aſſenta nos capiteis, correſponde a cada nicho um grupo de dois anjos que ſuſtentam e ſe encoſtam ao brazão das armas reaes portuguezas. A poſição muito engraçada dos dois anjos junto do brazão foi de induſtria procurada pelo artiſta para que eſte grupo na ſua baſe e reſpectivas areſtas apreſentaſſe a feição triangular, vindo aſſim a ſimilhar perfeitamente um frontão com aquella fórma geometrica, que é reconhecida pelos architectos de bom goſto como a mais elegante e apropriada para remate.

Não ſabemos quem foi o artiſta que cinzelou eſta notavel peça de eſculptura. A epocha em que foi executada, ſe o foi em Portugal, como parece provavel, deve marcar-ſe, pelo eſtylo do trabalho, nos fins do ſeculo XVI.

A. M. SIMÕES DE CASTRO.

THOMAZ JOSÉ DA ANNUNCIAÇÃO

O ARTISTA E O SEU TEMPO

(Continuado de pag. 185)

OLTEMOS ao noſſo pintor. Diſſémos as difficuldades com que luctou, mas não enumerámos todas, e o quadro ficou portanto incompleto. Vamos ainda dar-lhe alguns toques mais, ameudal-o, para que o leitor poſſa fazer uma idéa exacta do que era a vida d'um pintor portuguez, ha quarenta annos atraz. Annunciação não teve meſtres, nem galerias de quadros famoſos, nem publico que o auxiliaſſe, nem bens de fortuna que lhe permittiſſem, como a outros, Metrass, por exemplo, viajar em França e Italia. Os amadores limitaram a ſua protecção a comprar-lhe os quadros que elle ia pintando, e nenhum ſe achou tão largo de animo que ſeguiſſe o exemplo do conde de Farrobo, que bizarramente patrocinara os primeiros paſſos da vida artiſtica de Antonio Manuel da Fonſeca.

De tudo careciam então os noſſos artiſtas, deſde as maiores até ás menores coiſas: eſcaſſeiavam no mercado de Lisboa os pinceis, as tintas, os vernizes, as telas, os lapis, e até o papel francez ou inglez proprio para os deſenhos e aguarellas! Fazia-ſe ſegredo de tudo iſto, como Roquemont o fizera dos ſeus proceſſos e modos de pintar! A vida do artiſta era um compoſto de ſurprezas e myſterios, perdendo-ſe d'eſte modo um tempo precioſo em enſaios inuteis e em tentativas infructuoſas.

Dedicando-ſe de preferencia á pintura de genero, á da paizagem e d'animaes, Annunciação procurou nas raras collecções particulares, que ainda exiſtiam n'alguns, poucos, ſolares de caſas fidalgas, os rariſſimos quadros dos meſtres hollandezes por quem elle ſentia mais pendor e ſympathia. Eſtudou-os, e tão bem que muitos dos ſeus pequenos quadros d'animaes, pela belleza do colorido quente e harmonioſo, pela finura e firmeza do toque, pela verdade dos movimentos e pelo ſentimento intimo da natureza, não fariam má figura entre os bons trabalhos dos mais afamados animaliſtas flamengos, e mais perfeitos ſeriam de certo, ſe d'outros meios e recurſos diſpozeſſe o pintor portuguez.

Tem a pintura muitos e profundos ſegredos de difficil acceſſo para os que pretendem devaſſal-os: — não é ſó arte, é tambem ſciencia, porque depende muito da phyſica e da chimica. Não baſta ſó conceber, compor e pintar um quadro, é preciſo tambem ſabel-o defender dos ſeus inimigos, a humidade, os inſectos, e as reacções chimicas que ſe dão entre as tintas, os oleos, e os vernizes, as quaes muitas vezes não ſó alteram a harmonia do colorido, mas fazem deſapparecer a luz d'uma pintura, deixando em ſeu logar uma ſuperficie completamente negra.

Eram exceſſivamente cuidadoſos os grandes artiſtas da Renaſcença e do ſeculo 17.º na compoſição das ſuas tintas e oleos, e alguns d'elles, como Van Dyck, não foram eſtranhos aos eſtudos praticos da chimica. A ſua educação tinha um caracter de univerſalidade rariſſimo hoje, e que não contribuiu pouco para a grandeza e eſplendor das ſuas obras. Veja-ſe Leonar-

do da Vinci, e o grande Miguel Angelo: eram encyclopedicos eſtes homens!

Os artiſtas modernos ſão-lhes, em geral, muito inferiores, iſolam-ſe das outras claſſes em cujo convivio poderiam ganhar novos conhecimentos, que não lhes abundam de certo, e vivem aſſim n'uma atmoſphera acanhada e atrophiadora, ſacrificando-ſe a um orgulho mal entendido, que ſó a elles prejudica. Dizem mal dos homens de lettras, que tratam com o mais profundo deſdem, quando lhes não agradam as ſuas obſervações, acoitando-ſe no reducto da techninа da arte, onde ſe julgam inexpugnaveis; mas em compenſação elevam ás nuvens o eſcriptor amigo que lhes dirigiu um cumprimento banal. Provém iſto da profunda ignorancia em que jazem — ignorancia a um tempo litteraria e ſcientifica. Não é mal do paiz, é doença geral. Oiçamos a eſte propoſito Eugenio Véron: «A maior parte das vezes os mancebos que entram na eſcola das Bellas-Artes tem por unico peculio uma certa habilidade no manejo do lapis. Quaſi ſempre a ſua inſtrucção litteraria foi abſolutamente deſcurada: o ſeu cerebro eſtá perfeitamente vaſio e pouco exercitado no trabalho intellectual. As faculdades artiſticas, que elles podem ter recebido da natureza, carecem de alimento e de occaſiões de ſe exercer.» [1]

Com a clara intuição do ſeu lucido eſpirito Annunciação procurou logo as fontes onde podeſſe colher os conhecimentos que lhe faltavam. Eſquivavam-ſe os guias que o poderiam dirigir na agra via — mas reſtava-lhe a grande meſtra e inſpiradora, a natureza, e os livros: viu e eſtudou. Manuſeou detidamente os claſſicos da arte, antigos e modernos — as vidas dos grandes artiſtas e os mais famoſos tratados de pintura — portuguezes e eſtrangeiros. Lembra-nos ainda que, viſitando-o nós no ſeu antigo *atelier*, pequeno e modeſto quarto na Academia, mas onde ſe eſtava admiravelmente — caindo a converſação ſobre os coloriſtas mais celebres, veiu elle a fallar da eſcala chromatica e dos trabalhos de Chevreúl ſobre a — *a lei do contraſte ſimultaneo das côres* — theoria que elle conhecia admiravelmente e que expoz com a maior lucidez. Chevreul era intimo da caſa. A obra do director da tincturaria dos Gobelins eſtava em cima d'uma meſa, ao lado da paleta do artiſta.

Fallámos do *atelier* de Annunciação. Eugenio Delacroix, organiſação extremamente nervoſa, clauſtrava-ſe cauteloſamente, e deteſtava os viſitantes. O toque da campainha da ſua porta punha toda a caſa em alvoroço, e duas criadas, como dois cerbéros vigilantes, corriam preſſuroſas a atalhar o paſſo ao importuno amador! Com Annunciação dava-ſe exactamente o contrario: trabalhador laborioſo, quanto lh'o permittia a ſua pouco robuſta compleição, a porta do ſeu *atelier* eſtava ſempre franca para os ſeus amigos e admiradores, conhecidos ou deſconhecidos, que elle recebia com a benevolencia e cordialidade do ſeu optimo caracter. Era aquelle, por aſſim dizer, o quartel general das artes e da litteratura d'então. Encontrava-ſe ali a flor dos noſſos homens de talento de todas as eſpecialidades, ſem excepção, porque o *atelier* era terreno neutral. Converſava-ſe de litteratura, d'artes, e de politica, ás vezes, mas poucas, porque realmente o local era inſpirativo de melhores aſſumptos. Vivia então toda a eſplendida galeria que Bulhão Pato tão artiſticamente retratou no ſeu bello livro — *Sob os cypreſtes* — uma das raras obras verdadeiramente litterarias d'eſte periodo: — todas eſſas brilhantes e formoſas figuras atraveſſaram o *atelier* de Annunciação, alegrando-o e illuminando-o com as graças e louçanias da ſua palavra e com as irradiações do ſeu talento. É que Annunciação tinha o inſtincto e o ſentimento do bello em todas as coiſas: o romanciſta, o poeta, o orador, achavam n'elle um leitor e um ouvinte curioſo e cheio de ſentimento, tanto para os grandes lances dramaticos como para as narrativas ſingelas. Os ultimos livros que vimos ſobre a ſua meza, foram o *Sob os cypreſtes*, que lhe recordava os dias felizes da sua mocidade, e um romance d'Eça de Queiroz, então muito diſcutido.

Logo depois dos primeiros quadros ſerem vendidos, como diſſémos, graças aos esforços do actor Roſa, Annunciação foi convidado a apreſentar-ſe no paço. Foi iſto pelos annos de 1849. Eſte alto favor com que el-rei D. Fernando diſtinguia o artiſta, tal impreſſão fez no ſeu eſpirito habituado á ſolidão agreſte e humilde do ſeu viver, que muito lhe cuſtou o vencer n'eſte lance a natural e deſuſada timidez! Foi, comtudo, e recebeu a encommenda de novo quadro pelo preço de vinte moedas, ſomma que cauſou profunda ſenſação no animo de todos os ſeus collegas! Sentindo-ſe mais animado principiou a moſtrar de quanto era capaz o ſeu talento, o publico correu a admirar os *Amores d'aldêa*, a *Ida para o trabalho* e a *Volta do trabalho*, e como ſe na paleta do artiſta houveſſe tons e harmonias para todas as ſcenas da natureza, deſentranharam-ſe d'alli, como de mina inexhaurivel, joias de ſubido valor, compoſições e eſtudos de todos os generos. As arvores, as planicies relvoſas, os cavallos, os bois, os cães, os carneiros, os costumes populares, as feiras de gado, tudo reproduziu o ſeu facil e fecundo pincel.

Foi na Expoſição da Academia de Bellas Artes, em 1856, que o publico travou mais intimo conhecimento com o novo paizagiſta: até alli conhecera uma ou outra obra, entreviſta apenas pelos mais intimos, e que logo deſapparecia na clauſura das galerias dos amadores; — mas nos ſalões da Academia teve elle occaſião de o vêr e analyſar, e é verdadeiramente d'eſſe periodo que data a celebridade do ſeu nome. A *Partida do gado* e a *Volta do trabalho* occuparam o primeiro logar entre os ſeus quadros, e n'eſſa expoſição, a mais auſpicioſa e promettedora de quantas ſe fizeram em Lisboa, Annunciação tinha rivaes que lhe diſputavam as palmas e as corôas da victoria. Eram Metrass, que expunha o *Só Deus*, tentativa arrojada d'alta pintura, e a *Leitura d'um romance*, inſpiração gracioſa e mundana, — Patricio, artiſta de talento e de futuro, que apreſentara uma *Paizagem* excellente, — Chriſtino, organiſação notavelmente dotada e cheia de fogo, que enviara ao certamen o ſeu celebre quadro *A primeira impreſſão da arte*, — Joſé Rodrigues, que alli ſe fizera repreſentar pelo ſeu *Cégo rabequiſta*, quadro eſtudado e pintado com grande obſervação do natural, — Leonel, e Reſende (do Porto) com formoſos quadros de viſtas e coſtumes populares, Victor Baſtos, finalmente, com o ſeu eſtimado baixo relevo — *A cholera-morbus*. Eram todos novos na vida e na arte: ſentiam-ſe com animo de affrontar todos os trabalhos e ſacrificios, e, aſſim como os noſſos antigos navegadores coſtumavam, alegres e ouſados, largar com as ſuas aventureiras caravellas dos portos da patria em demanda de novas terras, elles, ſoltando as vellas ao baixel doirado das ſuas illuſões, e, já illuminados pelo radiante ſol da mocidade e da arte, aproavam, confiados, a eſſes outros portos tão

[1] *L'eſthétique, par Eugène Véron* — pag. 174.

diſtantes e tão poucas vezes alcançados, o ideal e a immortalidade! O ideal foi para muitos a morte prematura, quando ſe ſentiam na força da vida com um largo futuro deante de ſi,—para outros o eſquecimento, e para alguns, raros, eſſa recompenſa, que todos ambicionam e poucos alcançam,—terem o ſeu nome gravado na memoria dos homens!

Era já então Annunciação profeſſor ſubſtituto da aula de paizagem da Academia, para que fôra nomeado, em 1852, depois de concurſo, de que nos reſta memoria no quadro—*Viſta da Amora*, que exiſte na galeria da Academia, e que elle enviou a Paris com outras obras para uma Expoſição, onde foram muito apreciados. Annos depois, em 1857, entendeu o governo dever prover definitivamente a cadeira: Annunciação, convencido da inutilidade da nova prova, viſto que era unico concorrente, e aconſelhado pelos ſeus amigos, que a iſſo o perſuadiram, pediu ſer nomeado ſem concurſo e diſpenſado de pintar um quadro, que não poderia de fórma alguma correſponder ao que d'elle ſe eſperava. Havia por detraz d'eſte requerimento uma razão fortiſſima, uma dôr profunda, que quaſi anniquillara a alma extremamente impreſſionavel do artiſta: a epidemia, que aſſolara Liſboa, entrara tambem n'aquella caſa—cuja porta a deſgraça ainda não eſquecera—e arrebatara-lhe um parente e o ſeu irmão Antonio, official diſtincto, que eram o eſteio, o roble, a que ſe encoſtavam aquelles infelizes, açoitados de todas as tempeſtades, combatidos de todos os infortunios! A lei foi cega e ſurda—cumpriu-ſe o programma—fez-ſe o concurſo, em 1858, e o reſultado foi um quadro ſem côr, e ſem vida, triſte como a alma do artiſta que o executara. A obra era inferior á primeira, não ſe podia comparar com a *Viſta da Amora*, mas a burocracia ficou ſatisfeita, e Annunciação foi nomeado definitivamente profeſſor da Academia. Aquelle quadro, mau como é, prova mais uma vez a enorme influencia do eſtado moral do artiſta ſobre as ſuas obras, qualquer que ſeja o genero a que pertençam.

Aſſente a reputação, reconhecido o merecimento, conſagrado o nome, principiou a ſer moda entre os amadores o ter quadros do noſſo pintor. Nas galerias reaes de SS. MM. o sr. D. Fernando e o sr. D. Luiz ha uma formoſa collecção d'elles, e entre as outras particulares ſobreſahe a que pertence á familia do sr. Eſtevão Palha, que foi um dos maiores admiradores do talento de Annunciação. Na liſta dos que poſſuiram ou poſſuem obras ſuas, figuram os nomes de Antonio Xavier de Brederode, João Palha, o eminente eſcriptor Rebello da Silva, o diſtincto poeta Gomes d'Amorim, João Baptiſta Ferreira, Delfim Guedes, actual vice-inſpector da Academia, lord Seymour, Jorge Hanckok, duque de Palmella, Thomaſini, o pintor de marinhas e intimo amigo de Annunciação, Joaquim Ventura Pereira, marquez de Salamanca, Collaço de Magalhães, conde do Carvalhal, o diſtincto colleccionador Joſé Gregorio da Silva Barboſa, e muitos outros, no Brazil e em Inglaterra, onde um dos ſeus melhores e maiores quadros—*A eira*—foi vendido por alto preço. A Academia não tem d'elle ſenão os quadros de concurso!

A creação da Sociedade Promotora das Bellas Artes, em 1862, ſe por um lado contribuiu para tornar mais popular o nome do auctor dos *Amores d'aldêa*, por outro, facilitando aos amadores contemplados pela loteria a adquiſição das ſuas obras por um preço limitadiſſimo—1 lb.—o valor da entrada—, não devia contribuir pouco para fazer baixar o ſeu valor, n'um mercado tão limitado, apathico e pouco generoſo como o noſſo.

O animo largo e cavalheiroſo de Annunciação não lhe conſentiu fazer o que outros teriam feito em ſeu logar—abſter-ſe e não concorrer ás expoſições da Sociedade. Os ſeus collegas, que nem ſempre o trataram com a juſtiça que elle lhes merecia, deveram-lhe eſta fineza, porque ſe elle não ſe apreſentaſſe, apezar do merecimento d'alguns dos noſſos pintores, as expoſições ſeriam de certo menos brilhantes e concorridas, e a Sociedade Promotora havia de reconhecer iſſo, quando conſultaſſe o ſeu orçamento. Foram mais de 100 os quadros que Annunciação enviou ao *Salão* da Sociedade, nas onze expoſições que ella effectuou, e que figuram nos ſeus catalogos, além de muitos e precioſos deſenhos a carvão, eſpecialidade que elle tentou—genero novo entre nós—e em que deu mais uma prova da flexibilidade do ſeu raro talento.

(*Continúa*).

ZACHARIAS D'AÇA.

A JORNADA DOS SECULOS

(Continuado de pag. 9)

—

COMPANHEMOS agora, na ſucceſſão dos ſeculos, a jornada das tradições litterarias da raça aryanna.

Chateaubriand, fallando da migração das plantas, teve uma phraſe ſobremodo pittoreſca para deſcrever a longa peregrinação aquatica do *Fucus giganteus:* eſte vegetal, diz elle, vae tapetar as coſtas do Canadá com as grinaldas roubadas aos rochedos da Noruega. A litteratura, eſta bella flôr dos jardins do eſpirito, viaja na onda dos tempos como o *Fucus giganteus* na onda dos oceanos. É, para aſſim dizer, uma ilha florida que divaga, cheia de grinaldas e de canticos. Jardim fluctuante, navega perfumando os ares, e eſtendendo ſobre a ſuperficie do mar a rede opulenta das ſuas verdes filagranas. De pé, como um marinheiro ſobre uma jangada, viajaremos com ella de oriente para occidente, não atravez das vagas mas atravez dos ſeculos, e moſtraremos como veiu trazer aos confins occidentaes da Europa as tradições brahmanicas do Levante.

Toda a gente medianamente inſtruida conhece em Portugal o auto da *Mofina Mendes*, de Gil Vicente, a pobre camponeza cujo pote de azeite, que ella ia vender á feira de Trancoſo, cáe no chão deſtruindo todas as felicidades que o producto da venda deveria realiſar.

Vou-me á feira de Trancoſo
Logo, nome de Jeſu,
E farei dinheiro groſſo.
Do que eſte azeite render
Comprarei ovos de pata,
Que é a couſa mais barata
Qu'eu de lá poſſo trazer.
E eſtes ovos chocarão;
Cada ovo dará um pato,
E cada pato um toſtão,

RAPHAEL SANCTIUS pinxt. A. H. PAYNE sc

ATTILA.

Que paſſará de um milhão
E meio, a vender barato.
Caſarei rica e honrada
Por eſtes ovos de pata,
E o dia que ſôr caſada
Sahirei ataviada
Com um brial d'eſcarlata,
E deante o deſpoſado,
Que me eſtará namorando:
Virei de dentro bailando
Aſſim d'eſt'arte bailado,
Eſta cantiga cantando.

«Eſtas couſas diz Mofina Mendes com o pote de azeite á cabeça, e andando enlevada no baile, cáe-lhe.»

PAYO VAZ

Agora poſſo eu dizer,
E jurar e apoſtar,
Qu'és Mofina Mendes toda.

PESSIVAL

E ſe ella baila na voda,
Qu'eſtá ainda por ſonhar,
E os patos por naſcer,
E o azeite por vender,
E o noivo por achar,
E a Mofina a bailar;
Que menos podia ſer?

(Vae-ſe Mofina Mendes, cantando:)

«Por mais que a dita me engeite,
«Paſtores, não me deis guerra;
«Que todo o humano deleite,
«Como o meu pote d'azeite,
«Ha de dar comſigo em terra.» [1]

Na edição das *Fabulas de La Fontaine* publicada em 1678 (iſto é, 144 annos depois de repreſentado o auto de Gil Vicente) appareceu pela primeira vez o que ſe intitula *La laitière et le pot au lait*, que trata o meſmo aſſumpto do auto, com a differença de que *Mofina Mendes* paſſa a chamar-ſe *Perrette*, e o pote de azeite a ſer uma bilha de leite.

Diz aſſim a fabula:

LA LAITIÉRE ET LE POT AU LAIT

Perrette, ſur ſa tête ayant un pot au lait
Bien poſé ſur un couſſinet,
Prétendait arriver ſans encombre à la ville.
Légère et court vêtue, elle allait à grand pas,
Ayant mis ce jour-la, pour être plus agile,
Cotillon ſimple et ſoulers plats.
Notre laitière ainſi trouſſée
Comptait déjà dans ſa penſée
Tout le prix de ſon lait, en employait l'argent,
Achetait un cent d'œuſs, faiſait triple couvée:
La choſe allait à bien par ſon ſoin diligent.
Il m'eſt, diſait elle, facile
D'élever des poulets autour de ma maiſon;
Le renard ſera bien habile
S'il ne m'en laiſſe aſſez pour avoir un cochon.
Le porc à ſ'engraiſſer coûtera peu de son.
Il était, quand je l'eus, de groſſeur raiſonnable:
J'aurai, le revendant, de l'argent bel et bon.
Et qui m'empêchera de mettre en notre étable,
Vu le prix dont il eſt, une vache et ſon veau
Que je verrai ſauter au milieu du troupeau?
Perrette, lá deſſus, faute auſſi tranſportée:
Le lait tombe. Adieu veau, vache, cochon, couvée.
La dame de ces biens, quittant d'un œil marri
Sa fortune ainſi répandue,
Va ſ'excuſer à ſon mari,
En grand danger d'être battue.
Le récit en farce en fut fait:
On l'appela le pot au lait.

[1] *Obras de Gil Vicente*, edic. de Hamburgo, tomo I, pag. 115-117.

Filinto Elyſio traduziu:

A SALOIA, E A BILHA DE LEITE

C'uma bilha de leite, bem aſſente
N'uma ſogra, á cabeça, Briolanja
Pretendia á cidade
Chegar, ſem ſorte aziaga.
Leve, e trajada ao curto,
Largas pernadas dava.
Veſtiu ſimples ſaiote,
Calçou ſapatos razos n'eſſe dia;
E aſſim arregaçada
Sommava já na idéa
Quanto rendia o leite,
E em que empregaſſe a ſomma.
Comprava um cento de ovos,
Chocava tres gallinhas. Tudo lhe ia
Ás maravilhas, pondo ella os diſvellos.
«Facil me é (vae gizando)
«Nos redores de caſa, crear pintos.
«Será giria a rapoſa, ſe não deixa
«De tantos pintos, com que eu compre um porco,
«Que com farelo, a pouco cuſto engordo.
«E quando uma vez medre,
«E encorpe bem medrado
«Torno-o a vender, e val-me groſſa chelpa,
«E quem me tolhe (viſto o bom barato),
Que no curral não metta
Vacca, e ſeu bezerrinho?
«Que pule, e que retouce entre o mais gado!
N'iſto falta a ſaloia, e cae a bilha.—
Adeus, chóca, bezerro, porca, e vacca.
A dona d'eſſes bens, ao afaſtar-ſe
De riqueza tamanha ali vertida,
Triſtes olhos lhe põe. Vae deſculpar-ſe
C'o marido, entre os ſuſtos
De ſer zurzida. Farças ſe fizeram
Do tal caſo; e a ſaloia obteve a alcunha,
—*Dona Bilha de Leite*—

No prefacio d'aquella edição declara La Fontaine que deve a maior parte dos aſſumptos a Pilpay, ſabio indiano, cujo livro tem ſido traduzido em todas as linguas.

Com effeito, abundam na litteratura ſanskrita os contos e as fabulas, e uma das mais conhecidas collecções d'eſte ultimo genero de litteratura é o *Pankatantra*, á lettra o *Pentateuco*. Com as fabulas publicadas n'eſta collecção, e outras de procedencia diverſa, organiſou-ſe uma nova collecção, denominada *Hitopadeſa* ou *Aviſo ſalutar*. O que é certo é que, folheando o *Pankatantra*, encontramos reconhecidamente a origem do auto de Gil Vicente e da fabula de La Fontaine, ou, melhor ainda, encontramos a propria fabula, com duas ligeiras modificações, elegantemente narrada.

Diz aſſim:

«Havia algures um brahmane cujo nome era Svabhâvakripana, o que quer dizer um avarento por natureza. Tinha, mendigando, ajuntado uma grande porção de arroz; depois de haver apartado o que lhe era preciſo para alimentar-ſe, encheu com o reſtante um pote, que pendurou n'um gancho pregado na parede. Collocou o ſeu leito por baixo, e com os olhos toda a noite cravados na vaſilha, ſonhava: «Se houver agora por ahi uma careſtia, arranjo de certo uma boa centena de rupias! Com ellas, compro um caſal de cabras. O caſal fecunda, e ao cabo de ſeis mezes tenho um rebanho de cabras. Então, com o dinheiro da venda, compro vaccas. Logo que ellas parirem, vendo os vitellos; depois, com as vaccas, compro bufalos; com os bufalos, éguas. Quando as éguas produzirem, terei a cavallariça cheia de cavallos, e quando os vender, as arcas cheias de ouro. Com eſte dinheiro, comprarei uma caſa bem

desafogada, e então um brahmane virá procurar-me para me offerecer em casamento sua filha, uma beldade, com um grande dote. Ella dará á luz um filho, a que porei o nome de Somasarman. Quando elle já estiver bastante crescido para poder brincar sobre os meus joelhos, assentar-me-hei com um livro ao fundo da estrebaria, e emquanto eu estiver a lêr, o pequeno vêr-me-ha, lançar-se-ha pelo collo da mãe fóra, e correrá para mim, para que eu o empoleire nos joelhos; mas como elle venha rente pelas pernas dos cavallos, cheio de cólera chamarei por minha mulher. «Olha essa creança! olha!» Porém ella, entretida com a lida da casa, não me ouvirá. Então, levanto-me, e atiro-lhe um pontapé como este. E sonhando, atira de feito um pontapé, e escacha o pote. Semea-se o arroz sobre elle, enfarinha-o. Eis aqui está por que eu digo que todo aquelle que faz projectos insensatos ficará todo enlambusado de branco como o pae de Somasarman.» [1]

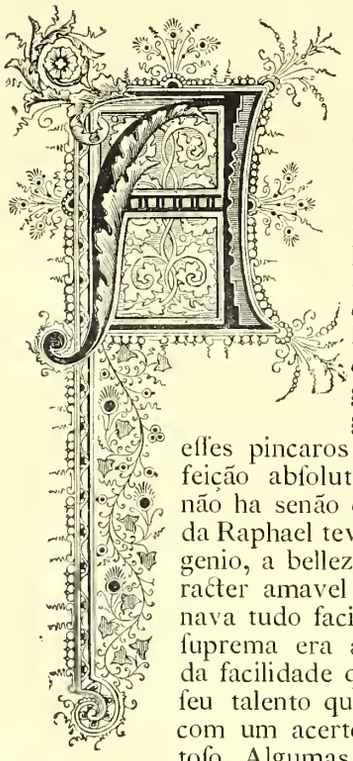
«A historia da migração das fabulas indianas, diz Max Muller, [2] do Oriente para o Occidente, é verdadeiramente maravilhosa, mais maravilhosa e mais instructiva que muitas d'essas mesmas fabulas.»

(*Continúa*).

ALBERTO PIMENTEL.

ATTILA

(FRESCO DE RAPHAEL NO VATICANO)



PEZAR da sua vida ter sido demasiadamente curta, diz Theophilo Gauthier, Raphael percorreu todo o cyclo da arte. As suas tres maneiras resumem todas as phases possiveis da pintura. Parte de Perugino com o *Sponsalizio* e chega quasi a Lebrun com a *Batalha de Constantino*. Da ingenuidade gothica chega em alguns annos a esses pincaros da arte, a essa perfeição absoluta, depois da qual já não ha senão decadencia. Sem duvida Raphael teve dons maravilhosos; o genio, a belleza, a felicidade, um caracter amavel e encantador que tornava tudo facil. Mas a sua qualidade suprema era a harmonia resultante da facilidade que tinha de fundir no seu talento quanto lhe parecia bello, com um acerto de proporção espantoso. Algumas salas dos banhos de Tito, algumas estatuas descobertas fizeram-lhe comprehender a antiguidade; um repositeiro da capella Sixtina, corrido por Bramante, basta-lhe para elle accrescentar á sua graça natural a energia e o vigor de Miguel Angelo.»

[1] *Pañkatantra*, v. 10.
[2] *Essais sur la mythologie comparée*, trad. franc. de Perrot. Pag. 424.

O genio de Raphael está aqui admiravelmente definido. A harmonia é a sua grande qualidade, e n'este Attila, cuja gravura apresentamos hoje aos leitores, e que pertence á terceira maneira de Raphael, bem claramente esse dom se manifesta. O papa Leão, diante de quem recua Attila, não é nem por sombras um papa da idade media, os dois cardeaes que o acompanham são vultos da Renascença, e Attila mais parece um consul romano do que o feroz rei dos Hunos, que o terror dos seus contemporaneos cognominára o *flagello de Deus*. Mas n'esta pagina immortal respira-se verdadeiramente o sopro d'essa Renascença rehabilitadora da carne, d'essa Renascença pagã que resuscitava na arte para os assumptos modernos a harmonia das puras formas classicas.

Raphael é o grande nome em que se incarna a Renascença. Esse vulto gracioso de adolescente apparece aos olhos da posteridade como o verdadeiro representante d'essa grande epoca. É nos seus quadros que podemos admirar a perfeição suprema da pintura moderna, a vida, o realismo da tradição pagã dando fórma, colorido e belleza, ao sonho, ao ideal suavissimo da pintura mystica. Discipulo de Perugino, recebendo a sua educação artistica n'uma escola da Umbria, onde se conservava intacta a severa tradição da arte religiosa, aonde não chegavam as brisas corruptoras do materialismo florentino, Raphael entra no mundo romano trazendo já gravado no espirito o typo ideal d'onde nasce a verdadeira belleza, tendo em si mesmo a luz mysteriosa, sem a qual as figuras da téla não pódem ter na physionomia essa expressão divina, cunho magistral da arte no seculo XVI. O pintor favorito dos papas vinha nas condições que debalde Savonarola procurava em torno de si na arte da Toscana.

Veio, e, ao entrar em Roma, tumultuaram-lhe diante da vista deslumbrada todos esses primores da antiguidade incessantemente descobertos nas ruinas da cidade rainha, ou vindo, á voz dos pontifices, de todos os pontos da Europa, enriquecer a capital do mundo christão. Raphael comprehendeu que, se o christianismo lhe dava a luz espiritualista, a inspiração, a alma, só no paganismo encontraria a belleza e a correcção das fórmas, a harmonia, o corpo emfim. Então n'aquelle grande espirito fundiram-se n'uma só as duas tendencias. Com a cabeça em fogo, com o pincel fremente, approximou-se da tela, e as figuras foram surgindo radiantes a um tempo de belleza e de inspiração, palpitantes e extaticas, voluptuosas e scismadoras, gentis como a Venus pagã brotando do seu berço de espuma, ideaes como a Virgem envolta na sua tunica resplendente. O mundo soltou um grito de admiração; a arte moderna revelara-se afinal em toda a sua omnipotencia.

Este magnifico fresco de Attila é um dos que ornam os muros da famosa *Stanza* do Vaticano conhecida pelo nome de *Stanza de Eliodoro*. Todos os frescos de Raphael são alli destinados a commemorar os triumphos da Igreja. A *Expulsão de Heliodoro* é que dá o nome á *Stanza*. Distingue-se este pelo seu vigor extraordinario, a *Missa de Bolsen* pelo seu colorido admiravel, o *Livramento de S. Pedro* pelos effeitos de claro-escuro, e finalmente o *Attila detido por S. Leão ás portas de Roma* pela expressão das diversas figuras. O leitor a póde avaliar pela explendida gravura, que orna este numero da *Arte* e que lhe dá uma idéa perfeita do magnifico fresco.

PINHEIRO CHAGAS.

O LIMA E BERNARDES

AO MEU AMIGO D. ANTONIO DA COSTA, AUCTOR DO LIVRO «O MINHO»

—

Foi junto d'efte rio deleitofo,
Que por entre jardins vae deflifando,
Como das floreas margens faúdofo,

Que, o feu murmurio placido efcutando,
Ó Bernardes, ó cyfne de harmonia,
O verfo modulafte meigo e brando.

D'eftes quadros de amor e poefia,
Que por todos os lados te cercavam,
A tua poderofa fantafia

As bellezas tomou que os adornavam;
O focego dos campos; o gorgeio
Das aves que na fombra fe acoitavam;

Os regatos correndo pelo meio
Da verde relva; os canticos diftantes
Do camponez; dos ramos o meneio;

Debaixo dos falgueiros verdejantes
O paftor a tocar na flauta agrefte;
Do efpalhado rebanho os fons balantes;

E de tudo um fó quadro compuzefte,
Uma feliz Arcadia, como apenas
A defcreve do bardo a voz celefte,

Quando, fugindo das paixões terrenas,
Sonha com outro mundo, e outra edade,
Edade de oiro, em regiões amenas.

D'eftes campos ao vêr a amenidade,
Ao vêr o Lima, que forrindo os banha,
Dando-lhes frefquidão, vida, uberdade,

A quanto paffa, minha idéa, eftranha,
Tambem te julga vêr, ó meu poeta,
E co'a prefença tua fe acompanha;

E até fuppõe, oh! illufão completa!
Que ouve os melicos fons da tua lyra,
Quando, rafgado de amorofa feta,

Prifioneira tu'alma arde, fufpira,
Ou fe nutre d'efp'ranças e de anhelos,
Ou do ciume o fogo fó refpira.

Antes de conhecer-vos, campos bellos,
E a ti, rio ditofo e focegado,
Ha muito já vos conhecia. Ao lêl-os,

Os feus verfos, n'um quadro debuxado
Tinha diante de mim, fiel pintura,
Todo efte paraizo, ao céo roubado.

Como elle vos amava com ternura!
Como vós lhe prezaveis a harmonia!
Ouvindo de feus verfos a brandura,

«O campo, o monte, o valle parecia [1]
«Que, para feftejar tão ledo canto,
«De mais alegres flores fe cobria.

«As criftalinas agoas entretanto
«Do feu natural curfo defcuidavam,
«Tão cheias de prazer, como d'efpanto.

«As aves pelos ramos fe calavam;
«Os ventos, por ouvir o fom divino,
«Efcaffamente a folha meneavam.

E como, pois, ó rio peregrino,
O deixafte partir? como o deixafte,
Formofo campo? A lei foi do deftino.

Um dia, ó bardo, a lyra pendurafte;
Soou n'efte pacifico terreno
A voz da guerra; e as armas empunhafte.

De imprevidente moço ao regio aceno
Corria a portugueza mocidade
A pelejar co'o exercito agareno.

A infania, a corrupção, a adverfidade,
A cubiça lethal da hifpana fera,
Velada com proteftos de amizade,

Tudo foi contra nós! Quem o foubera!
Tombou no occafo a portugueza gloria,
Que tão vivo fulgor ao mundo dera,

Grande rafto de luz no mar da hiftoria
Deixando aos outros povos, que o feguiram,
Para depois rifcal-a da memoria!

Quantos dos filhos teus, patria, caíram
N'aquelle chão de fangue! Do inimigo
Quantos a algema barbara fentiram!

Tu não morrefte, ó bardo, mas comtigo
Gemendo a fós, em captiveiro duro,
Invejafte da morte o calmo abrigo!

Então volvefte a alma ao rio puro,
Teu companheiro, e ao campo, onde á exiftencia
Libafte a flôr, inconfcio do futuro!

Lembraram-te os teus annos de innocencia;
E, comparando-os do prefente ás fragoas,
Affim gemefte em modula cadencia:

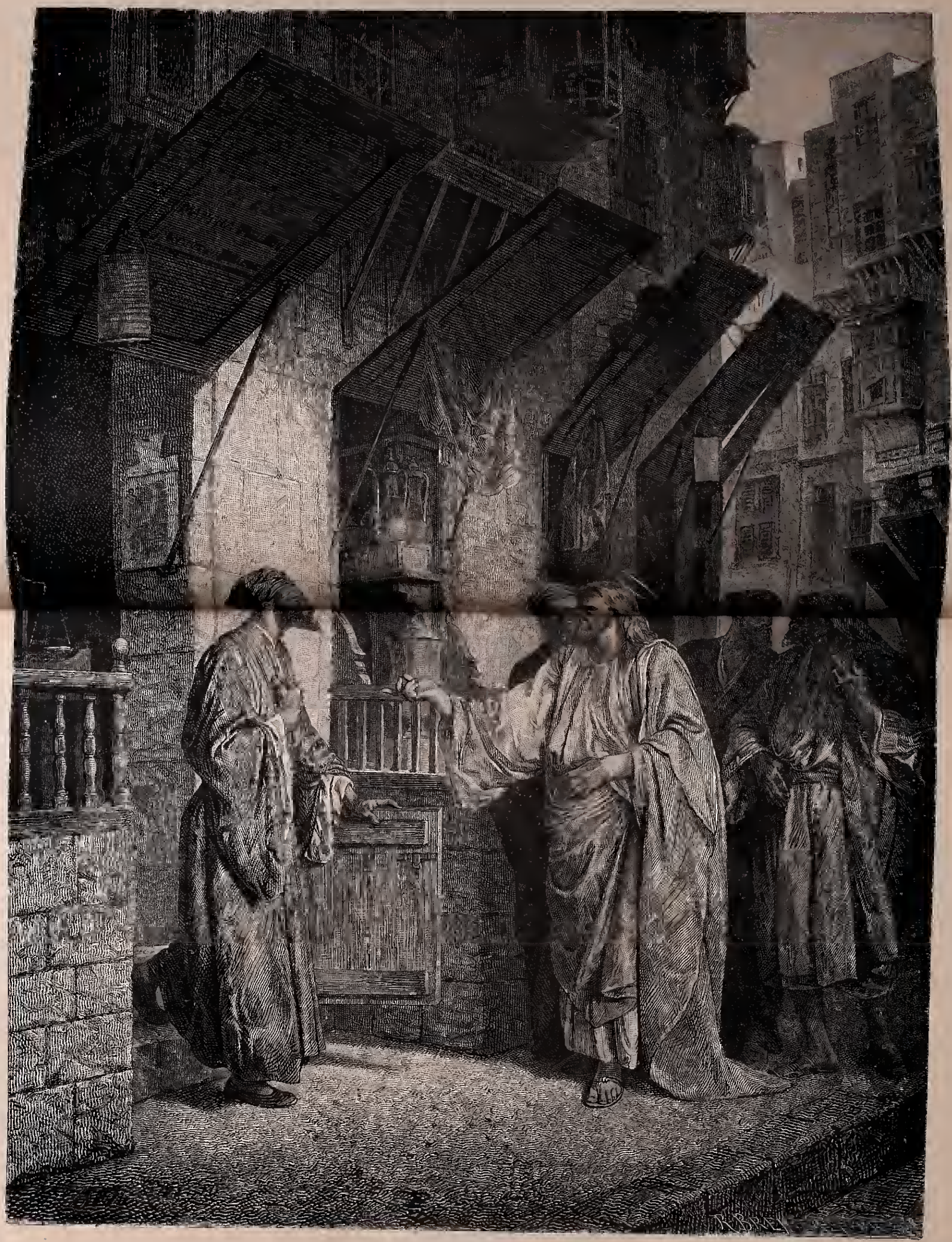
«Eu que livre cantei ao fom das aguas,
«Do faúdofo, brando e claro Lima,
«Ora goftos de amor, outr'ora magoas,

«Agora, ao fom do ferro, que laftima
«O defcuberto pé, choro captivo
«Onde choro não val, nem amor f'eftima.

D'efta maneira n'um tormento vivo
Os annos arraftavas triftemente,
A idéa fempre no torrão nativo.

Se teu fenhor, alguma vez clemente,
Deixava n'effes climas eftrangeiros
Que os campos contemplaffes livremente,

[1] Os verfos que têem afpas fão de Bernardes.



DAE A CESAR O QUE É DE CESAR, E A DEUS O QUE É DE DEUS

«A vista dos fructiferos oiteiros,
«Dos cristalinos lagos e das fontes
«Fazia dos teus olhos dois ribeiros.

«Lembravam-te outros valles, outros montes,
«Outras aguas mais claras, outros rios,
«Outros mais afastados horisontes;

«Lembravam-te outros bosques mais sombrios,
«Verdes no frio inverno, e abrigados,
«E, quando o sol mais arde, então mais frios.

Outras vezes, pensando que acabados
Talvez fossem teus dias n'essa estancia
De servidão, de lucto e de cuidados,

Longe de quanto amavas, em distancia
Da patria que deixar jámais deveras,
Do coração desafogando a ancia,

«Clamavas: desventura, se quizeras
«Já desviar de mim tua crueldade,
«Na terra onde nasci morte me deras!

Emfim teve de ti o céo piedade:
A ribeira do Lima saúdosa
Tornaste a vêr co'a doce liberdade,

Porém não co'a alegria e paz ditosa,
Que os annos e desgostos as levaram!
Quem é tão infeliz vive, não gosa.

Depois quasi em miseria se acabaram
Teus annos, e no solo do teu berço
Nem sequer os teus restos descansaram!

E onde estão? Até n'isso achaste adverso
O destino cruel! Jazem na terra?
Ou foi aos ventos o teu pó dispersо?

No mesmo templo que o gran vate encerra [1]
Acaso dormes, e o teu vulto aereo
Junto da augusta sombra á noite erra,

Nas horas do silencio e do mysterio?
Está proximo a ti o que da morte
Zomba e tem sobre os seculos imperio,

O que foi teu irmão na infausta sorte,
O que egualaste quasi na harmonia,
Se não no genio e divinal transporte?

Quem o sabe? É mudez a cova fria;
Nada responde o ingrato esquecimento
Da patria que estimar-te mais devia!

Deixal-o. Se não tens simples moimento,
Se ella ignora a que tumulo desceste,
Ao desprender o derradeiro alento,

Tu te vingas honrando-a; tu fizeste
Illustres o teu nome, o caro Lima,
E este paraizo em que nasceste,
Que a tua vaga sombra inda hoje anima.

Lisboa, 15 de fevereiro de 1880.

RAMOS COELHO.

[1] Opinião do sr. Vilhena Barbosa.

DAE A CESAR O QUE É DE CESAR, E A DEUS O QUE É DE DEUS

—

UMA grandeza no assumpto, um primor na execução!

O principio fundamental da verdadeira justiça, a idéa inicial da liberdade que assenta sobre o direito e a razão acham-se representados, na gravura que temos á vista.

Uma belleza artistica a emoldurar uma belleza social.

Formosissimo pensamento!

. . . . . .

«E lhe enviaram alguns dos Phariseus e dos Herodianos, para que o apanhassem no que fallasse.

«Elles vindo lhe dizem: — Mestre, sabemos que és homem verdadeiro, e que não attendes a respeitos humanos; porque não olhas os homens pela apparencia, mas ensinas o caminho de Deus, segundo a verdade: é-nos permittido dar o tributo a Cesar, ou não lh'o devemos dar?

«Jesus, conhecendo a sua hypocrisia, respondeu-lhes: — Porque me tentaes? Dae-me cá um dinheiro para o ver.

«E elles lh'o trouxeram. Então lhes perguntou Jesus: — De quem é esta imagem e inscripção? Responderam-lhe elles: — De Cesar.

«E respondendo Jesus, lhes disse: — Pois dae a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus.»

Eis a explicação do quadro.

Lá está a figura sympathica e infinuante do Nazareno, no momento de tomar na mão o dinheiro que lhe apresentavam.

Aquella formosa cabeça, onde floria sempre a inspiração de um talento unico, como do coração sempre lhe brotavam sentimentos de paz e amor, desenha-se na gravura, tranquilla, serena, com o olhar limpido e claro como a consciencia que n'elle vem espelhar-se. É altiva, sem ser orgulhosa; tem a expressão da candura sem um laivo de fraqueza; nobre, attrahente, excepcional.

N'aquellas simples palavras: — *Pois dae a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus* — que germen de liberdade para o mundo não prégava o maior homem que o mundo tem conhecido!

A independencia reciproca do poder temporal e do poder espiritual era evangelisada na phrase conceituosa do divino mestre, que, como diz Santo Anselmo, nada ama tanto como a liberdade da sua egreja.

Se a egreja, porém, não póde ser livre senão no seio da liberdade geral; se unicamente sob a garantia da liberdade commum ella póde existir independente, tambem só na solidariedade da liberdade do catholicismo com a liberdade publica se traduz um progresso real.

E esse grande vulto, que viera apostolar entre a humanidade as mais fás theorias e as mais fecundas idéas, dizia-o aos que incidiosamente tinham ido con-

ſultal-o, e que a noſſa gravura ſynthetiſa na figura, eſbelta ſim, mas o que quer que ſeja de retrahida e traiçoeira, d'aquelle que eſtá cravando o olhar na phyſionomia placida do meſtre dos meſtres.

Não eſperava decerto a reſpoſta do Nazareno, e de paſmo ergueu a fronte, pela qual perpaſſam talvez n'aquelle inſtante penſamentos odioſos.

A expreſſão de ſeus olhares contraſta ſingularmente com a ſuaviſſima brandura da outra phyſionomia; ao fundo do quadro alguns ſe encaram, tambem tomados de admiração, parecendo commentar as ſabias palavras que ouviram proferir.

Eſtá apropriada á grandeza do aſſumpto a opulencia da compoſição. Tem ſeveridade conſoante os perſonagens que o auctor nos apreſenta e a lição momentoſa enſinada ha muitos ſeculos.

É um bello deſenho e um conceito de quilate ſuperior.

FERREIRA DE MESQUITA.

REVISTA ARTISTICA

RÊMOS que deve ſer grata aos verdadeiros amadores das bellas artes, aos archeologos e a todos os que ſe dedicam ao eſtudo da hiſtoria patria, a noticia que vamos dar.

O sr. Delfim Guedes, vice inſpector da academia real de bellas artes, nomeou em principios de fevereiro, os srs. Alfredo de Andrade e Rangel de Lima para irem aos moſteiros de Lorvão e de Ceiça examinar as obras de arte que exiſtem no primeiro, bem como um baixo relevo pertencente ao ſegundo, dando parecer ſobre a conveniencia para a Academia da acquiſição d'eſte ultimo objecto de arte.

O eſtado de abandono e ruina a que tem chegado quaſi todos os conventos do paiz, e a perda completa das obras de grande merecimento artiſtico e intereſſe para a hiſtoria que n'elles havia, devem influir no animo dos que têem ſuperiormente a ſeu cargo o aſſumpto—bellas artes, para que, por qualquer meio ao ſeu alcance, obſtem ao proſeguimento d'eſte vandaliſmo eſcandaloſo, que é a vergonha de um paiz civiliſado e um attentado infame contra a arte.

A iniciação de viſitas artiſticas aos conventos, para as quaes o sr. vice inſpector ſollicitou auctoriſação ſuperior, é, pois, um largo paſſo para a regeneração da arte nacional, ſe ellas fôrem ſeguidas de providencias acertadas, tendentes á ſalvação dos muitos objectos apreciaveis que ainda exiſtem nos moſteiros não extinctos, e bem aſſim nos que já pertencem a particulares.

Cumpre ao governo ſecundar as boas diligencias do sr. vice inſpector da Academia de Lisboa, ordenando que ſejam recolhidas, quanto antes, ao muſeu d'eſte eſtabelecimento as riquezas artiſticas que ſão propriedade do eſtado e que lhe foram indicadas por aquella auctoridade, tratando ao meſmo tempo de adquirir dos particulares, que, por via de regra, pouco ou nenhum caſo fazem d'ellas, as que merecerem a pena de algum facrificio para o thezouro.

No moſteiro de Lorvão encontraram os srs. Andrade e Rangel de Lima, ſegundo nos conſta, muitos objectos moveis que, ſem grande utilidade para o culto, figurariam convenientemente n'um muſeu, taes como arteſactos de ourivesaria, tecidos, bordados, mobilia, etc.

Entre os immoveis viram reſtos gothicos que ſe podem attribuir aos ſeculos XIII e XIV, e outros do ſeculo XV e principios do XVI, que eſtão arriſcados, ſe o convento paſſar um dia ás mãos de qualquer comprador ignorante, a ſerem vendidos como pedra bruta a um tanto a carrada.

A conſtrucção do moſteiro de Lorvão e ſuas dependencias data da epocha dos Filippes. A architectura é ſimples, falta de goſto e ſem decoração alguma, com excepção da porta da entrada, de uma frente em ruinas e do clauſtro chamado do ſilencio. A egreja e o côro ſão do ſeculo paſſado, de uma architectura nobre e grandioſa, e por ventura um dos melhores exemplares do eſtylo da epoca exiſtentes no paiz. O orgão é uma peça ricamente ornamentada, e foi feito por Antonio Xavier Machado da Cerveira, em 1745. As cadeiras do côro em numero de cento e duas, ſão de madeira do Brazil, com famoſa obra de talha, mas de goſto inferior ao da conſtrucção do templo.

Parece que os commiſſionados pela Academia inſtam, e com razão, no ſeu relatorio para que a egreja e o côro ſejam cuidadoſamente conſervados, deſtinando-ſe uma verba para os reparos de que já hoje carecem. Em quanto aos demais objectos immoveis do convento, pedem que elles ſejam arrancados quando eſte ſe vender, para ſe recolherem convenientemente no muſeu nacional, onde podem ſervir de grande auxilio, ſobretudo os que têem data, ao eſtudo das peſſoas que ſe applicam a eſte ramo do ſaber humano.

No parecer ácerca do merecimento do baixo relevo de Ceiça, relatam os srs. Andrade e Rangel de Lima o eſtado deploravel em que encontraram aquelle derrocado moſteiro e principalmente a egreja, onde a magnifica obra de talha do altar mór, peça riquiſſima de colloſſaes dimenſões, eſtá no chão aos montes como ſe fôra lenha para queimar.

De caminho para Ceiça viſitaram aquelles commiſſionados as ruinas do convento e da egreja de S. Marcos. Do convento parece que já não encontraram ſenão raros veſtigios. Na egreja, porém, obſervaram um retabulo e varios tumulos em eſtado de conſervação relativamente bom. Crêmos que no longo relatorio da ſua digreſſão artiſtica fazem os srs. Andrade e Rangel de Lima ponderoſas conſiderações ſobre o eſtylo que teve por berço Coimbra no ſeculo XVI, eſtylo importante pela ſua belleza, pelos numeroſos exemplares que exiſtem d'elle e pela influencia que exerceu na decoração architectonica e na eſtatuaria d'aquella região do paiz, até fins do ſeculo XVII.

Alludem para iſſo ás portas lateraes da ſé velha de Coimbra, a uma porta que exiſte na rua da Sophia d'aquella cidade, a tres baixos relevos do clauſtro de Santa Cruz, ao retabulo de Ceiça, a uma capella e varios tumulos da egreja de S. Marcos, e a dois retabulos e um baixo relevo, que tambem examinaram em Montemór-o-velho.

Não eſqueceu aos commiſſionados ver em Tentugal uma natiga e curioſa janella de uma caſa pertencente ao sr. Joſé Luiz Ferreira Freire, deputado da nação. Parece que tal janella é um formoſiſſimo exemplar da arte gothica, tendo, para a tornar mais intereſſante, uma inſcripção em que ſe lêem os nomes dos auctores e a era em que foi feita. Os srs. Andrade e Rangel de Lima ſão de parecer, ſegundo crêmos, que ſe peça ao proprietario d'aquella obra de arte que a conſerve no logar em que exiſte, viſto não eſtar ſujeita a deterioração, e que permitta á Academia o fazer uma reproducção d'ella para figurar no muſeu.

Vê-ſe que o eſtudo de inveſtigação e analyſe a que os srs. Andrade e Rangel de Lima procederam pode ter um fim proveitoſo para a arte, ſe o ſeu relatorio e os alvitres n'elle exarados fôrem tomados na devida conſideração.

O relatorio que é, como diſſemos, baſtante extenſo e minucioſo, foi já apreſentado ao sr. vice inſpector da Academia. Fazem parte d'elle primoroſas photographias executadas pelo diſtincto amador o sr. Carlos Relvas, que acompanhou os dois commiſſionados na ſua digreſſão a Lorvão e a S. Marcos.

Viſtas geraes e parciaes do convento e da egreja de Lorvão, da egreja de S. Marcos, bem como dos objectos de mobilia e alfaias d'aquella fabrica, tudo o sr. Relvas reproduziu, auxiliando efficazmente, por eſte modo, a percepção da analyſe e conſiderações que os relatores fazem do que viram.

O sr. Carlos Relvas preſtou-ſe a eſte cuſtoſiſſimo trabalho ſem conſentir ſequer que a Academia o indemniſaſſe das grandes deſpezas que fez. Por eſte motivo e pelos excellentes ſerviços que o diſtincto photographo amador preſtou aos commiſſionados, e á arte, entenderam elles que era do ſeu dever referil-os no relatorio que apreſentaram ao sr. vice inſpector da Academia, para que taes ſerviços não ficaſſem no eſquecimento. O sr. vice inſpector crêmos que vae lembral-os ao governo. A eſte cumpre fazer o reſto.

*
* *

A Academia real de bellas artes de Lisboa, aquelle vergonhoſo edificio erguido no largo da Bibliotheca publica, encerra entre as ſuas velhas e humidas paredes a ſeguinte riqueza:

Mais de 400 quadros a oleo, figurando entre elles cerca de 100 da eſcola de pintura que floreſceu em Portugal no ſeculo XVI; um Raphael e outros quadros attribuidos aos mais afamados meſtres italianos, allemães e francezes; compoſições de Vieira Luſitano, de Vieira portuenſe, de Sequeira, de Pedro Alexandrino e de todos os artiſtas portuguezes mais diſtinctos tanto antigos como modernos.

Eſtatuas, grupos e outros trabalhos originaes em barro coſido e em geſſo, de Joaquim Machado de Caſtro, de Barros Laborão e de outros artiſtas portuguezes. Reproducções em ge

de muitas das obras classicas dos grandes esculptores da antiguidade e dos principaes artistas italianos da edade media, pertencentes ás escolas florentina, lombarda e veneziana.

2:260 desenhos, entre os quaes se vêem 400 de Sequeira, 37 de Pedro Alexandrino e os restantes de artistas portuguezes e de estrangeiros de maior fama. Nos desenhos de Sequeira estão incluidos os seus quatro cartões da *Epiphania*, o *Calvario*, a *Ascenção* e o *Juizo final* comprados ha poucos annos pelo estado ao marquez de Sousa Holstein, e que são considerados de maior valor do que os quadros do mesmo assumpto, pertencentes aos srs. duques de Palmella.

1:230 gravuras a talho doce, das quaes umas 200 estão em molduras, collocadas nas paredes de diversos gabinetes, como tambem o estão muitos dos desenhos. Estas gravuras são assignadas pelos primeiros artistas estrangeiros antigos e modernos, e por gravadores portuguezes.

Algumas gravuras em madeira de Alberto Durer e de mais artistas antigos, bem como outras de Panemaker e de varios artistas modernos.

Uma pequena collecção de objectos de arte ornamental e de archeologia, contando-se entre os primeiros, artefactos de ourivesaria muito apreciaveis pelos seus lavores e elegancia.

Finalmente, uma bibliotheca assaz importante, recheiada de obras valiosissimas pela sua raridade, pela riqueza de suas edições e pelo nome dos auctores que as assignam. Todas essas obras dizem respeito á arte, muitas são illustradas com famosas gravuras ou com importantes chromo-lithographias, e quasi todas estão novas porque, infelizmente, raras vezes são consultadas.

Como curiosidade, que não por serem objectos ricos, mencionaremos tambem a collecção de photographias de obras notaveis em pintura, esculptura e arte ornamental existentes na propria Academia, nos paços reaes da Ajuda e das Necessidades e em diversas outras partes. Encontram-se junto a estas, 60 provas em que está reproduzida a grande opera de Paris, e as principaes composições decorativas d'aquelle moderno edificio.

Custa realmente a crêr que tamanha riqueza esteja a perder-se todos os dias em consequencia das ruins condições do edificio da Academia, havendo sobretudo outro, arrendado ha um anno, para o substituir na arrecadação dos objectos de arte que não fazem parte da escola propriamente dita. É que decorreram muitos annos primeiro que se cuidasse de arranjar, fosse como fosse, um edificio para servir de museu; hão de decorrer muitos outros primeiro que se façam as obras de que esse edificio carece, e hão de decorrer ainda mais primeiro que se removam para lá os objectos que devem formar o museu.

Provavelmente, porém, quando isso vier a succeder já esses objectos não existem ou estão completamente estragados, e poder-se-ha dispensar o museu.

Será mais uma economia.

*
* *

Está em Lisboa o afamado pintor francez o sr. Carolus Duran. Vem tirar o retrato em corpo inteiro da sr.ª duqueza de Palmella. Em Paris já o distincto artista fez, o anno passado, o retrato de meio corpo á filha dos srs. duques.

Bonnat e Carolus Duran são os dois retratistas mais em voga actualmente em França. Ambos estes artistas figuraram brilhantemente na ultima exposição de Paris com retratos magnificos que lhes valeram os maiores encomios.

*
* *

O conselho da Sociedade promotora de bellas artes em Portugal tem o maior empenho em realisar no proximo mez de abril, uma exposição de obras de artistas nacionaes e estrangeiros, em conformidade com o que determina a letra dos seus estatutos.

Quasi todos os artistas portuguezes estão preparando trabalhos para serem expostos n'aquelle certamen, continuação de outros de que tem resultado excellentes beneficios ao adiantamento da arte em o nosso paiz.

Parece que por iniciativa da Academia de Lisboa virão figurar na exposição da Sociedade promotora os trabalhos dos discipulos e dos pensionarios da Academia portuense em paizes estrangeiros, entre os quaes trabalhos, segundo nos informam, ha alguns que honram sobremaneira os seus auctores.

Ainda se não deliberou definitivamente sobre a escolha da compensação que ha de ser dada aos socios não premiados. Provavelmente, porém, o premio consistirá n'uma reproducção em gravura, phototypia ou photographia do busto de Camões modelado pelo talentoso esculptor o sr. Simões de Almeida, visto coincidir a distribuição do premio com as festas do tricentenario do grande epico.

Pensou-se em dar aos socios um exemplar da obra de Francisco de Hollanda *Fabrica que falece á cidade de Lisboa*, mas as forças do cofre da Sociedade não permittiam occorrer ás grandes despezas que traria a reproducção das estampas que acompanham aquella obra e a impressão do texto, para se fazer uma edição digna do auctor e das pessoas a quem ella devia ser distribuida.

A idéa, porém, não foi abandonada completamente, e logo que a Sociedade possa dispor de mais avultados meios é natural que dê como premio aos seus socios um exemplar da excellente obra a que nos referimos.

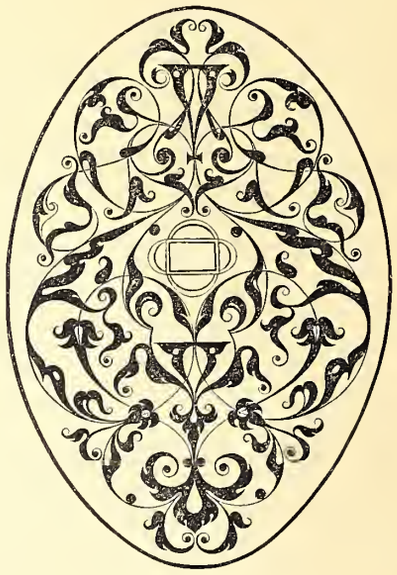
O que é para desejar e se torna absolutamenta necessario por todas as razões, é que as pessoas que ainda têem um bocadinho de amor pelas bellas artes d'este desditoso paiz se inscrevam na lista dos socios d'aquella benemerita Sociedade, para se conseguir que ella suppra de algum modo as faltas e esquecimentos de que são accusados, com justiça, os poderes publicos em tudo que diz respeito a bellas artes em Portugal.

*
* *

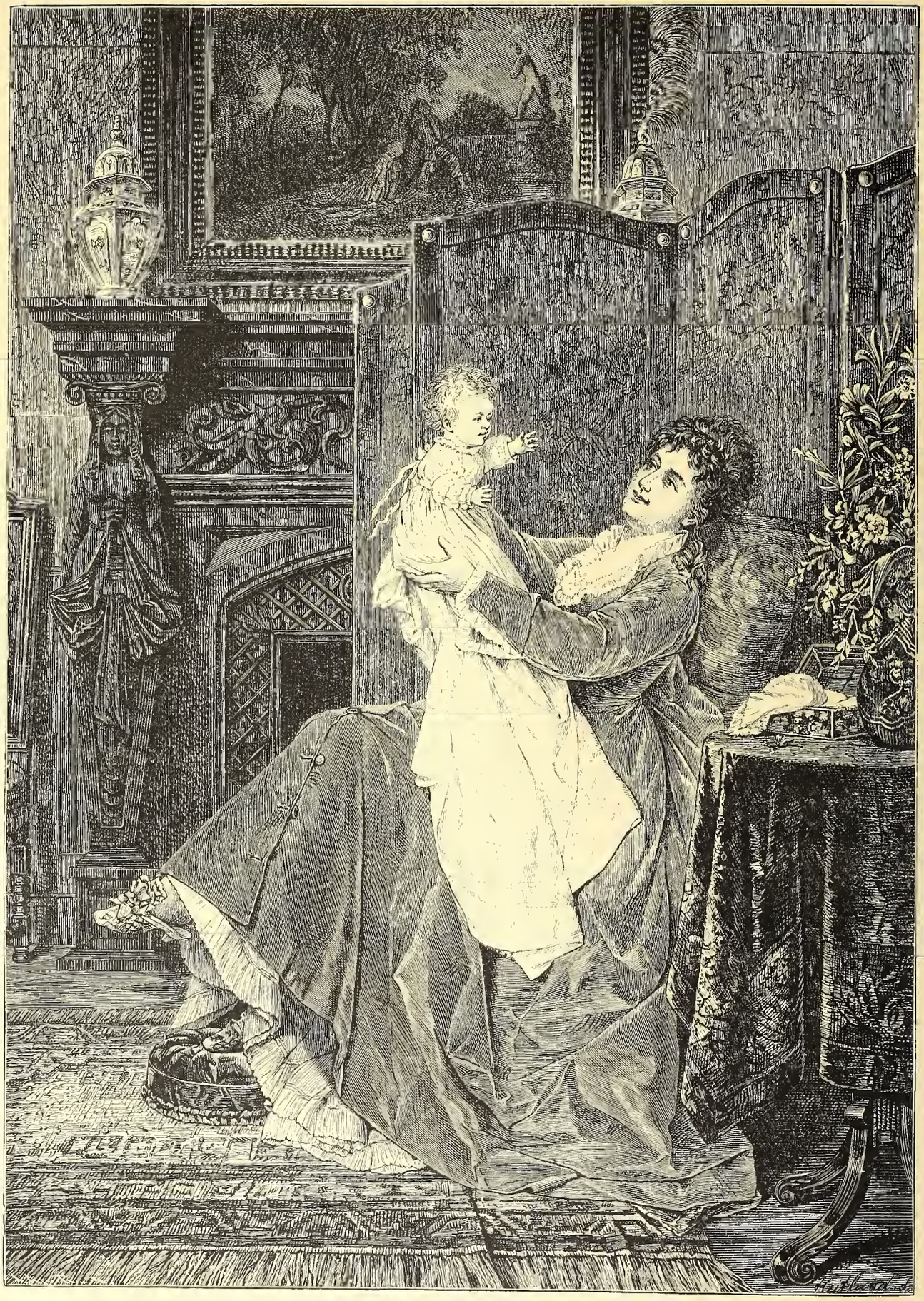
O museu de arte ornamental da Academia real de bellas artes de Lisboa, vae ser provavelmente enriquecido com os seguintes objectos, que o sr. vice-inspector d'aquelle estabelecimento requisitou ao ministerio da fazenda:

Uma custodia de prata dourada com pedras preciosas, tendo tres figuras no pe, que representam a Fé, Esperança e Caridade, tres baixos relevos de assumptos sacros, e outros adornos emblematicos. É um formoso exemplar da ourivesaria do tempo de D. João V.—Duas pyxides de prata rebatida e dourada, ambas do estylo do seculo XVIII. — Uma custodia de prata rebatida e dourada, tambem do seculo passado. — Uma salva de prata dourada batida e cinzellada, da arte allemã do seculo XVII. — Uma tigela de prata batida, com duas azas cinzelladas; estylo do seculo passado. — Uma armação de prata para ampulheta, estylo manuelino, tendo as armas portuguezas cinzelladas n'uma das tampas e a esphera armilar na outra. É um dos objectos mais curiosos da collecção. — Uma corôa de prata cinzellada, seculo XVII — Um prato da arte gothica, de prata, com baixos relevos representando grupos emblematicos das sciencias e artes. É tambem curiosissimo este objecto. — Um prato do seculo XVII, de prata rebatida. — Uma salva de prata rebatida com pé, estylo do seculo XVIII. — Uma guarnição de prata rebatida e cinzellada, pertencente, segundo todas as probabilidades, a uma peanha; estylo do seculo XVIII. — Treze espadins e uma faca de matto, do seculo passado. — Uma espada do principio d'este seculo, e um bastão do seculo passado.

RAPIN.



Typ. de Christovão A. Rodrigues — Rua do Norte, 145, 1.º



A JOVEN MÃE

Typ. — Christovão A. Rodrigues.

A ARTE

Lisboa — Março de 1880

THOMAZ JOSÉ DA ANNUNCIAÇÃO

O ARTISTA E O SEU TEMPO

(Conclusão)

As expoſições de 1866 e 1868 o jury da Sociedade Promotora votou-lhe a *medalha de prata:* na grande Expoſição do Porto, em 1865, conferiram-lhe a *medalha de honra*—a unica que ſe deu na ſecção de bellas artes,—e na de Madrid, em 1871, recebeu tambem a *medalha de prata* pelo ſeu magnifico quadro intitulado—*Extraviado do rebanho.*

Os artiſtas heſpanhoes, e entre elles Palmaroli, acolheram as ſuas obras com a maior diſtincção, os jornaes illuſtrados reproduziram-lhe em gravura o ſeu quadro, e o governo heſpanhol reſolveu fazer acquiſição d'elle, para lhe dar condigna hoſpedagem nas ſuas formoſas e eſplendidas galerias. [1]

Simples e ſem ambições extranhas á arte, eram eſtas as honras e condecorações que o noſſo artiſta mais apreciava. Os habitos, as venéras, não o ſeduziam, não as procurava, e quando ellas vinham ao ſeu encontro, eſquivava-ſe cortezmente a eſſes favores, que elle via tão malbaratados e pouco merecidos. Condecorado com a ordem de Carlos III de Heſpanha, em 1871, e com os habitos de Chriſto e de S. Thiago, tudo renunciou: eram mundanidades de que elle fugia, indo, aſceta da arte, refugiar-ſe lá na ſua Thebaida. Eſſa, ſim, que era a ſua conſolação e o ſeu orgulho: ſentia-ſe ali bem, defronte do ſeu cavallete, com o pincel, no quarto ſilencioſo, debuxando na téla eſſe outro mundo imaginario em que elle, embevecido, ſe eſquecia do verdadeiro, quaſi ſempre tão falſo.

Em 1867 viſitou, a expenſas ſuas, na companhia do ſeu amigo e diſtincto pintor de marinhas, o sr. Thomazini, a Expoſição Univerſal de Paris. A viagem artiſtica, que elle eſtivera para levar a effeito 30 annos antes, quando tudo lhe ſorria, o amor da arte e o amor da vida, fel-a elle agora, quando os annos, os trabalhos e os deſgoſtos lhe tinham já annuveado e entenebrecido o horiſonte, alquebrado o corpo e o eſpirito, transformando-lhe n'um preſente melancholico e ſombrio aquelle futuro tão illuminado de reſplendores e de glorias, que elle ſonhara nos aureos dias da ſua mocidade! Eram paſſados os tempos: não lhe fôra concedido a elle, artiſta de primeira ordem, o que centos de mediocridades teem conſeguido, ir eſtudar nas eſcolas eſtrangeiras: viu-ſe condemnado a uma atmoſphera ſem luz, n'uma ſociedade ſem vida, onde acotovellava a todos os inſtantes os que voltavam da França e da Allemanha cheios de pretenções, mas tão vaſios e deſacompanhados de ſciencia, que alguns até vinham mendigar penna alheia, que lhes hiſtoriaſſe as ſcientificas peregrinações!

Ali, cercado de todas as joias da arte antiga e moderna, nos muſeus e nas ſalas da Expoſição, ſentiu elle de perto bater as arterias d'eſſe grande povo, que ſe chama a França; ali quem lhe penetraſſe no intimo, havia de o vêr contorcer-ſe n'eſſa anguſtia doloroſiſſima que a alma cheia d'aſpirações e de levantados anhelos ſente, quando ſe vê condemnada á immobilidade; ali viu quanto tinha perdido, quantas lições, quantos conſelhos, quantos incitamentos, e quanta gloria podera colher n'eſſe vaſto campo: ali, finalmente, como o Correggio, poude elle dizer, deante dos grandes meſtres — *Anch'io ſon pittore!*

Meſtre reſpeitado no ſeu paiz, Annunciação viſitou em Paris o *atelier* de Yvon, o celebre pintor de batalhas, então em todo o ſeu eſplendor de artiſta cezareo, e o de Palizzi, e n'eſte ultimo pintou um quadro que cremos pertencer hoje á familia Palha. Fôra lá para eſtudar e aprender, não para oſtentação de ridiculas vaidades. Nos muſeus, em Verſailles, no Louvre, e no palacio do Campo de Marte, os artiſtas que elle mais frequentou foram os da ſua eſpecialidade, os paizagiſtas e animaliſtas, Paulo Potter e todos os grandes e pequenos hollandezes, Pouſſin e as ſuas grandioſas paizagens hiſtoricas, os modernos francezes e inglezes, Conſtable, Bonnington, e a brilhante pleiada, honra da ſua patria e da arte moderna, os Paulo Huet, os Dupré, os Theodoro Rouſſeau, os Daubigny, os Troyon, os Millet, não eſquecendo os pintores bavaros, Lier e Schleich, que tão brilhantemente ſe apreſentaram n'aquelle certamen, em que não foram por certo dos menos admirados. Kaulbach com o ſeu grande cartão — *A Epocha da Reforma* — impreſſionou-o profundamente pelo grandioſo da compoſição e pelo deſenho largo e firme das ſuas figuras. O admiravel Meiſſonier, o meſtre da perfeição, ſeduziu-o e prendeu-o deante dos ſeus famoſos quadrinhos, que ſe denunciavam já de longe pela enorme multidão que os rodeiava. Tudo elle viu, e de tudo fallava, á volta, com grande reſpeito e como grande juiz que era em materia de arte, mas as ſuas palavras de maior encarecimento eram ſempre para os meſtres da ſua querida paizagem. Entre elles parecia ſer Troyon o que mais admirava; Troyon, o grande artiſta, a quem a morte proſtrou no meio da ſua brilhante carreira!

[1] Eſte quadro voltou para Portugal, por ordem do auctor, e crêmos que foi vendido para a Belgica por 95 libras. Um amador inglez, o sr. Youle, poſſue muitas e valioſas obras do noſſo artiſta, que tambem eſtá repreſentado no Brazil, na colonia portugueza, por numeroſas compoſições.

Quem converſou então com o pintor portuguez, notou, por certo, que Annunciação, n'eſſa aſſembléa illuſtre de reis da arte não ſe achava indigno de figurar tambem, ſe melhores auras tiveſſem bafejado a ſua vida. Faltara, porém, á aguia o ar e o eſpaço para ſoltar as azas e deſpedir o altaneiro vôo.

Eſpirito progreſſivo foi-lhe lição o espectaculo a que acabara de aſſiſtir, e de volta a Lisboa modificou nos ſeus quadros a maneira, o eſtylo que até então uſara, e tratou de acompanhar a revolução porque tinham paſſado os antigos proceſſos de interpretar a natureza. O modo vantajoſo porque elle operou eſta transformação, impoſſivel para outras organiſações menos bem dotadas, todos o viram deſde logo nas expoſições nacionaes em que ſe apreſentou, e na de Madrid, onde lhe conquiſtou o primeiro lugar entre os animaliſtas portuguezes e heſpanhoes a vigoroſa e ſolida pintura do formoſo *Extraviado*.

Diſſémos que era Annunciação grande juiz em aſſumptos artiſticos. Daremos aqui prova d'iſſo com o ſeguinte facto. Um dos mais diſtinctos amadores portuguezes, e que actualmente, crêmos, vive em Paris, quando reſolveu mudar para ali a ſua reſidencia eſcolheu os melhores quadros da ſua galeria,—onde havia um magnifico do noſſo artiſta, que lh'o vendera, ſe não nos enganamos, por 400$000 réis,—e pediu-lhe que os examinaſſe e avaliaſſe. Entre os quadros, uns antigos outros modernos, e de differentes proveniencias, havia ſó dous portuguezes, um d'um dos Vieiras, o outro, como diſſemos, era do pincel de Annunciação. Transportados a Paris, e ali examinados por alguns artiſtas notaveis, entre os quaes ſe achava o eminente Meisſonier, todos confirmaram as apreciações do noſſo meſtre, ſó com duas excepções, uma para menos, outra para mais. Do quadro de Vieira, que tinha mais valor para nós, por ſer portuguez, diminuiram muito na avaliação, attenta a ſua pouca originalidade, e ao quadro de Annunciação, que elle vendera por 400$000 réis, elevaram a um conto de réis!

D'eſta aptidão nunca elle ſe aproveitou, nem nas avaliações de galerias particulares a que era chamado, nem nos contractos de venda ao Eſtado, em que foi ouvido; e chegara n'elle a honradez a ponto de não querer nunca comprar quadros, d'eſtes que os colleccionadores chamam *um bom negocio*, iſto é, vendas em que quem compra ſabe o que vae adquirir, e quem vende ignora completamente o valor do que poſſue. Offereceram-lhe muitas vezes, por poucas libras, quadros que valiam dez e vinte vezes mais, e elle regeitava-os ſempre: em toda a ſua vida não poſſuiu uma unica pintura que elle compraſſe!

Um quadro do celebre Wouwerman foi-lhe offerecido, nos ultimos tempos, por uma quantia inſignificante, e a viſta d'eſſa obra que o guiara nos ſeus primeiros paſſos, e que decidira da preferencia que elle dera á pintura de animaes, produziu-lhe tal impreſſão que lhe aſſomaram as lagrimas aos olhos: era o paſſado que revivia para elle n'aquella pequena téla do pintor hollandez. Podia comprar o quadro, que era ao mesmo tempo uma recordação gratiſſima da ſua mocidade e uma obra de merecimento; tudo iſto obtinha-o elle por pouco dinheiro. Não quiz, e a obra lá foi enriquecer a collecção d'algum amador menos poeta e menos eſcrupuloſo.

Quando, por morte de Marciano Henriques da Silva, vagou o lugar de director da Galeria Real da Ajuda, el-rei o sr. D. Luiz nomeou-o para aquelle lugar, em abril de 1863, ſendo Annunciação tambem depois chamado para profeſſor de Sua Mageſtade a Rainha. Acceitou o artiſta eſtas duas graças, crêmos que mais por entender que eram honras conferidas á arte que elle repreſentava, do que diſtincções feitas ao homem, que ſempre dera provas de as não ambicionar. Com effeito, quando por fallecimento de Aſſis Rodrigues vagou o lugar de director da Academia Real das Bellas Artes, commiſſão remunerada e desejada, e que lhe pertencia de direito, Annunciação, reſiſtindo a todas as inſtantes ſupplicas que lhe fizeram, não o quiz acceitar, ſendo então nomeado o profeſſor de gravura, Joaquim Pedro de Souza, que pouco depois tambem falleceu.

Com os dous directores deſapparecera tambem d'entre os vivos o marquez de Souza Holſtein, vice-inſpector da Academia, que elle ſe esforçara por levantar da decadencia em que jazia deſde tão longos annos. Era neceſſario prover de novo aquelles dous importantes lugares em peſſoas que ſoubeſſem, podeſſem e quizeſſem deſempenhar-ſe das ſuas peſadas funcções. O governo nomeou para vice-inſpector um cavalheiro diſtincto e opulento amador, o sr. Delfim Guedes, e as ſupplicas do novo inſpector e as dos amigos de Annunciação conſeguiram demovel-o em parte do ſeu firme propoſito de regeitar qualquer commiſſão contraria aos habitos artiſticos, de que não ſe queria aſſaſtar. Ainda aſſim, e a despeito da boa opinião que d'elle formavam os altos funccionarios do Eſtado, o que ſe poude obter d'elle foi o encarregar-ſe temporariamente d'aquella commiſſão com que tanto o importunavam, mas que, em todo o caſo, elle não acceitaria, se não lhe luziſſem no eſpirito umas vagas eſperanças de que eramos finalmente proximos da terra da premiſſão, e que os poderes publicos, os miniſtros, e os grandes politicos, iam, finalmente, tratar a ſério d'eſtas grandes finanças publicas, que ſe chamam—a Inſtrucção Nacional! Elle acreditava e eſperava, porque *quod volumus facile credimus!* Mas em todo eſte negocio que differença entre o proceder de Annunciação e o do commum dos que ſe lançam, avidos e furioſos, ſobre qualquer couſa que repreſente mando, honrarias e dinheiro!

Annunciação nunca tentou imitar Paulo Potter, que pintou um boi de tamanho natural, o famoſo *Touro*, que eſtá no muſeu da Haya, e a gigantea *Caça dos urſos*, que ſe vê no muſeu d'Amſterdam. O quadro que enviou á expoſição heſpanhola e outro com patos e galinhas fôram as unicas excepções de que temos conhecimento, na numeroſa collecção das ſuas obras, que talvez orça por quinhentos quadros.[1] Como muitos outros pintores tambem gravou a agua forte, e na *Reviſta Contemporanea* podem vêr-ſe algumas intereſſantes amoſtras da ſobriedade elegante do ſeu buril: nem lhe foi estranha a eſculptura em que podera ſer tambem eminente, ſe a ella ſe tiveſſe dedicado. O sr. Silva Barboſa poſſue na ſua collecção uma verdadeira raridade — duas ovelhas em barro, modeladas por Annunciação.

O ultimo periodo da vida d'eſte artiſta, ſem conteſtação o mais notavel da ſua epoca — na ſua eſpecialidade—na Peninsula, e que tem na arte um logar egual ao que occuparam Garrett e Herculano na literatura, iſto é, o d'um iniciador, tem de ſer encarado pelo lado phyſico e pelo moral. Viſto pelo primeiro, o organiſmo debil do artiſta eſtava exhauſto pela lon-

[1] Se por ventura fizermos 2.ª edição d'eſte trabalho é noſſo intento addicionar-lhe um catalogo d'eſtas obras com as ſuas datas, preços e nomes das peſſoas a quem fôram vendidas, ou que então as poſſuirem. Parece-nos que eſte appendice não será de todo inutil aos curioſos e amadores.

ga lucta em que toda a vida andara empenhado e que o minara lentamente, além do trabalho material que representa a execução de tantas e tão variadas obras. Se attendermos á parte intellectual, ao que pertence immediatamente ao espirito, veremos que não era para lhe inspirar novos alentos o espectaculo d'uma sociedade como a nossa actualmente é.

O tempo havia exercido a sua acção sobre as fileiras pouco espessas dos amadores portuguezes: a uns a morte, a outros a saciedade, a outros os acasos da vida tinham feito abandonar o culto da arte. Estas cousas, que lá fóra chegam a ser paixão, respeitada porque é intelligente e utilissima para o desenvolvimento de todas as artes, cá no nosso paiz boçal e ignorante recebem dos labios desdenhosos dos homens serios e dos idiotas calamistrados e pretenciosos o nome de vicios e de manias! A bruteza chega a ponto de alargarem essa qualificação até aos estudiosos que amam e colleccionam livros. Elles teem razão: é portuguez dos quatro costados o rifão — *quanto mais tolo mais peixe*. Respeitemos o rifão.

A Sociedade Promotora, a quem nesta batalha social estava entregue o pendão das artes, por um vicio fatal e constante nas nossas associações morreu, e nos ultimos annos nem ao menos houve esse excitante para provocar um certo movimento d'idéas no sentido das artes. Este vicio, que é verdadeiro, consiste em se descobrir em todas as associações um ou dous homens, que todos logo acclamam unicos e indispensaveis—sustentaculos da ordem nas epocas normaes, e salvadores nas grandes crises! Uma vez reconhecidos estes subjeitos e acceites por todos, nós já sabemos o resultado: ninguem mais pensa, nem trabalha, porque lá estão os taes homens, e um dia accordam todos maravilhados e attonitos, ouvindo annunciar a queda da tal sociedade, que estava tão firme e segura nos seus alicerces!

A morte tambem ceifara no pequeno esquadrão dos artistas. Havia muito que nos *ateliers* silenciosos, n'esses templos modestos, onde não se adoram nem as Eumenides das facções nem o bezerro d'ouro dos financeiros, mas só a imagem divina e pura da arte, se ouvia o grito resignado, a saudação funebre dos Trappistas—*Frère, il faut mourir!* E effectivamente morreram. Morreu o Patricio, morreu o Mazoni, morreu o Monteiro, morreu o Metrass, morreu o Marciano, morreu o Christino: — todos antes do momento da declinação natural, todos na força da vida, na maior pujança do talento, antes de dizerem a sua ultima palavra. É triste, profundamente triste.

A geração nova que frequentava as aulas da Academia, atacada já da molestia do tempo, ignorando as luctas, as victorias e os desastres dos seus predecessores, procurava sair d'alli depressa, como quem via que se tinha enganado no caminho, e receiava a má fama do sitio. Os mais ingenuos, com o frouxel da puericia ainda a dourar-lhes as faces, diziam que não aspiravam á gloria, e que o que queriam era dinheiro! Alguns tinham talento! Infelizes!

Como acontece na guerra, quando o exercito vencedor, rotas e destroçadas as hostes inimigas, defronta ás vezes com um punhado de valentes, que arrostaram com todos os horrores da carnificina, e conservaram o seu posto, a despeito de todos os ataques, assim, no meio d'este geral destroço, alguns, poucos, animos mais bem temperados resistiram ao esphacelamento, que tudo minava e invadia. Annunciação foi um d'esses homens. Em volta d'elle eram tudo ruinas, ruinas os annos que voaram e que jamais volveriam, ruinas as esperanças ideaes, nunca realisadas, ruinas os amigos, os irmãos d'arte, que prostrados e vencidos na lucta infeliz, mas não ingloria, dormiam o ultimo somno á sombra dos cypreستes! Como o gladiador encanecido nos combates da arena, Annunciação viu cair em volta de si, a um e um, os que tinham com elle transposto a barreira cheios de mocidade, de enthusiasmo, de talento, e de sorridentes esperanças: viera a morte, e dado o ultimo aperto de mão, dito o ultimo adeus, derramada a ultima lagrima, o artista ia procurar na arte a consolação para a magoa e o alento para o combate.

Como Anteu buscava a terra, quando exhausto de forças, assim o nosso artista ia para o campo, e ahi na contemplação e convivio da natureza retemperava o corpo e o espirito. Quem via aquella physionomia grave e um pouco triste, — de que é perfeita copia o retrato que acompanha esta biographia, devido ao lapis do nosso talentoso amigo, o sr. José Ferreira Chaves, — aquella cabeça que tinha um pouco de militar no austero e recto d'algumas linhas, e no farto bigode que lhe ornava o rosto trigueiro, verdadeiramente portuguez, illuminado por uns magnificos olhos castanhos escuros, abertos e francos como o seu caracter, scismadores e vagos ás vezes como os d'um poeta, raro motejadores, não imaginava quanto elle era observador. Conversando com elle notava-se quanto gostava de estudar a gente do campo: eram os seus modelos, o seu assumpto, assumpto ingrato, porque elles faziam todo o possivel para o roubar. Que deliciosas historias elle nos contava ás vezes de uns carneiros que comprava por bom dinheiro, e que ainda não estavam estudados, e já desappareciam da propria casa do saloio onde o pintor estava hospedado, para servirem de pasto á gula do digno hospedeiro e dos seus amigos! Annunciação descobria estes abusos de confiança, ria-se e mudava de hospedaria.

Este capitulo dos modelos podia ser largamente desenvolvido, porque são elles uma das maiores difficuldades com que lucta o artista em Portugal. Christino contou-nos um dia que, viajando no norte do paiz, e estando a esboçar a lapis uma paizagem que lhe tinha agradado, teve que interromper o seu estudo, porque o dono da terra, de foice roçadora em punho, a isso o intimou! Aquelle honrado proprietario imaginava talvez que o pintor era algum engenheiro que lhe estava medindo a propriedade, por ordem do governo, e como no nosso paiz ha uma geral tendencia para sonegar ao fisco o numero, valor e rendimento das propriedades, fica assim explicado o acto selvagem do rustico provinciano!

Nos ultimos annos foi em Caneças que Annunciação estabeleceu o seu quartel general. D'alli partia, umas vezes a pé, outras no classico burrinho, e pelos pinhaes e lugarejos circumvisinhos divagava todo o dia em busca de elementos para novos quadros. Alli o encontrámos no anno anterior ao da sua morte, em 1878, n'um dia ardente de agosto, quando em volta da meza do hotel da terra, procuravamos, nós e outros companheiros, descançar e recuperar as forças exhaustas n'uma violenta batida ás perdizes. Desejava eu então escrever um livro sobre a arte portugueza contemporanea, e ninguem melhor do que elle me poderia dar informações completas sobre o assumpto. Combinámos alli addiar esse trabalho para o verão seguinte: eu transportaria para lá os meus penates, isto é, a minha espingarda e os meus perdigueiros, e caçariamos, elle as formosas vistas d'aquelles pittorescos sitios, eu, as astutas e rapidas habitadoras das vinhas

e dos trigaes. Á tarde e á noite, converfariamos do paffado tão rico de promeffas, e do prefente tão cheio de defenganos. Era o noffo programma.

A ultima commiffão de fervico publico de que o encarregou o marquez de Souza-Holftein, que o tratava, como todos, com a maior diftincção e refpeito, foi a de prefidente da commiffão de bellas artes, encarregada de colligir os trabalhos dos artiftas nacionaes deftinados á Expofição de Paris.

Havia dous annos que Annunciação foffria as confequencias d'uma bronchite,—ganha talvez no quarto humido e frio onde tinha o feu *atelier*, na Academia, —e por vezes algumas hemoptyfes denunciaram uma lefão nos pulmões. Não deixara todavia de trabalhar o encanecido obreiro, e de Caneças trouxera uns eftudos—deliciofas miniaturas, que elle transformou em pinturas de maiores proporções, e que foram as fuas ultimas obras.

A morte ia fazendo a folidão em volta do artifta, e aquella cafa vermelha da rua da Saudade, que elle via todas as tardes, quando paffeiava no jardim de S. Pedro d'Alcantara, augmentava-lhe a trifteza. Nas cellas da Academia, agora ermas, já não fe ouvia a voz vibrante de Chriftino, narrando em phrafe pittorefca as fuas aventuras e peregrinações, nem a de Souza, ultimo dos companheiros que ainda reftava das antigas campanhas. Parecia que fe tornava a ouvir n'aquelles corredores monafticos o—*Frère, il faut mourir!*—e um fom longiquo como de toque funebre da campainha dos mortos!

Corria o anno de 1879, e eftavamos no mez d'abril, no mez das flores. Frequentavamos então com maior affiduidade a Academia, foramos fecretario da commiffão de bellas artes de que Annunciação tinha fido prefidente, encarregara-nos o actual Vice-Infpector, o sr. Delphim Guedes, d'uma commiffão artiftica, e eram mais ameudadas as noffas vifitas ao *atelier* do diftincto pintor. No dia 3, em que elle foi accomettido do ataque mortal, eftivemos alli, em companhia do actual director, o sr. Antonio Thomaz da Fonfeca, e d'outros artiftas, e notámos que n'uma occafião em que Annunciação fallava com mais calor uma vermelhidão fubita lhe invadiu a face, defapparecendo logo á noffa vifta, e fem elle fe queixar. Defpedimo-nos ás 3 e 1/2 da tarde, e ás 9 horas e 1/2 d'effe dia já aquelle, a quem, fem o fufpeitarmos, deramos o ultimo aperto de mão, jazia cadaver!

Deu-nos effa dolorofa noticia Calmels, o diftincto eftatuario, na occafião em que nos dirigiamos para a Academia. O grande pintor falleceu d'uma congeftão pulmonar. Principiara a fentir-fe incommodado á faída da Academia, e affim fe confervara em alternativas de bem e mal, até que fobreviera o ultimo golpe, que terminara uma vida honrada e gloriofa de 60 annos de ininterrupto trabalho.

A impreffão foi geral e profunda. A juftiça, que as paixões mefquinhas do homem coftumam negar ao vivo que as pode affrontar, fez-fe logo ao morto illuftre.

A imprenfa foi unanime no fentimento que manifeftou por aquella perda verdadeiramente nacional. Na occafião em que os reftos do eminente artifta iam occupar a fua ultima morada no cemiterio oriental, o filencio d'aquella affembléa illuftre pelo talento, pela fciencia e pelo amor ás artes, e mais do que o filencio, o amargurado das phyfionomias, e, mais ainda do que iffo, as lagrimas que rebentaram de todos os olhos, quando o dr. Alves Branco, deu o ultimo adeus ao feu antigo amigo e collega na Academia, tudo iffo patenteava bem que a memoria do homem que elles pranteavam era digna de fer affim honrada. Effe tributo das lagrimas, que ninguem decreta nem pode abolir, tem uma alta fignificação, quando é publico e efpontaneo. Poucos o merecem.

Repetimos aqui as palavras que então efcrevemos. O homem e o artifta que Portugal perdeu, foi um d'effes raros em todos os tempos, e hoje rariffimos, que conciliaram na vida dous fentimentos, que poucas vezes fe reunem no efpirito dos contemporaneos — a admiração pelo talento e o refpeito pelo caracter!

A fua falta foi univerfalmente fentida — na Academia, de que era director, e onde vimos eftampada em todos os roftos a dôr mais profunda, defde o vice-infpector, o sr. Delfim Guedes, que fempre encontrara em Annunciação a maior lealdade e o mais decidido appoio em tudo que dizia refpeito á direcção d'aquelle eftabelecimento, até aos mais obfcuros empregados, que fempre acharam no grande pintor um coração nobiliffimo;—e não foi menor, no mundo dos amadores de bellas artes, na noffa primeira fociedade, onde todos recordam faudofos não fó os primorofos quadros devidos ao feu pincel, mas tambem as repetidas provas que elle, em toda a fua carreira artiftica, deu de defaffectada modeftia e de nunca defmentida probidade.

As paginas da vida d'efte homem notavel fão de grande lição, e por ellas fe poderá apreciar bem a eftatura moral do artifta, que deixou na arte portugueza, de que era o maximo ornamento, e no coração anguftiado dos feus amigos, que eram todas as peffoas que o conheciam, uma lacuna e um vacuo difficeis de preencher, — e na memoria de todos a profunda faudade que infpira a recordação das raras qualidades do feu honradiffimo caracter.

ZACHARIAS D'AÇA.

SCENAS HISTORICAS DA INDIA

PERO DE MASCARENHAS E LOPO VAZ DE SAMPAIO

(1526-1527)

(Continuado de pag. 2)

STE procedimento de Lopo Vaz, e o modo por que pouco depois refpondeu aos requerimentos de Mafcarenhas — rafgando-os, provocou n'alguns efpiritos juftos e ainda n'outros que não eftavam totalmente pervertidos, indignação fincera, e trataram de proteftar, ou antes de levantar-fe contra a oufadia proterva de Lopo Vaz e obrigal-o a ceder pela força.

Era graviffimo, porém, effe negocio.

A guerra com os rumes eftava imminente, e quando chegaffem ás mãos os bandos de um e outro lado a guerra civil feria infallivel. Foi ifto que refolveu os mais prudentes e importantes a evitar uma explofão dos animos ardentes e apaixonados, explofão, que, embora provocada e jufta, não podia deixar de fer fatal.

Chriftovam de Souza, capitão de Chaul, homem de altiffima importancia, comquanto reconheceffe o

direito de Pero Mafcarenhas ao governo e cenfuraffe afperamente o procedimento de Lopo Vaz, como as coufas ficaram quietas depois da prizão de Mafcarenhas, aconfelhou a efte refignação e prudencia, tratando de evitar novos e terriveis conflictos.

Com excepções rariffimas, os que advogavam a caufa deploravel de Lopo Vaz faziam-n'o em nome da ambição e das proprias conveniencias. Diogo do Couto dil-o cruamente na feguinte phrafe:

«E como todos haviam que elle Lopo Vaz não era o legitimo governador, e que os havia mifter a todos, todos fe lhe queriam vender bem caros.»

Heitor da Silveira e Diogo da Silveira solicitaram do governador duas capitanias; o primeiro a de Gôa, o fegundo a de Malaca. O governador, em bons termos e com razões validas, indeferio-lhes os feus requerimentos.

Os Silveiras eram fidalgos de influencia, aparentados com peffoas poderosas, e homens de valor tradiccional na India.

Picaram-fe com a recufa do governador; convocaram os feus officiaes e amigos e lavraram um protefto a favor de Pero de Mafcarenhas, que mais alentado com ifto apertou com Lopo Vaz para que lhe fizeffe juftiça e fe pozeffe com elle a direito — fegundo a expreffão do tempo.

Lopo Vaz proseguiu na pertinaz teimosia, declarando que feriam baldadas todas as inftancias de Pero de Mafcarenhas fobre tal affumpto, porque elle não refponderia a nenhum dos feus requerimentos.

Heitor da Silveira, com os feus amigos e parentes; ifto é, com a flôr dos fidalgos que eftavam em Gôa, conjuraram-fe para prender Lopo Vaz como alevantado com o governo da India.

O movimento começou latente, porém em breve os rumores chegaram aos ouvidos do governador.

Reuniram-fe os conjurados em cafa de Heitor da Silveira, e para lá principiaram a correr quantos tomavam o partido de Mafcarenhas contra Lopo Vaz.

Lopo Vaz, avifado a tempo, montou a cavallo e partiu para o lugar do conflicto onde fe agglomerava muita gente.

Vendo que o momento era critico, com o seu *grande animo*, como dizem os chroniftas, rompeu pela multidão, quando Diogo da Silveira, chegando ao balcão, bradou para os de fóra:

«— Não vêdes, fenhores, ifto que quer Lopo Vaz, que ahi eftá, tomar por força a governança da India?

A eftas palavras do governador, enfiado de colera, refpondeu:

«— Por força a governo e por força a hei de governar.»

E apeando-fe do cavallo embraçou uma adarga, pegou d'uma lança e, comettendo a escada, rompeu por ella bradando que fe déffem á prifão.

Ao primeiro bote de lança ou á primeira cutilada era tudo perdido. Lopo Vaz ia cego de furor, e um terrivel morticinio, vindo ás mãos os dous bandos, eftava por um fio, quando um homem de grande prudencia e grande valor fe atraveffou deante de Lopo Vaz exclamando:

«— Tende-vos, fenhores, e não fubais que não é fervico d'el-rei, de cuja parte vos requeiro, que não queiraes pôr hoje a India a rifco de fe perder.»

E voltando-fe para os de cima, clamou alto:

«— Senhores, vêde o que fazeis, não queiraes deffervir a el-rei, de cuja parte vos requeiro que vos deis á prizão, por que se não perca hoje a India.»

Efte homem, que foi em tal momento uma Providencia, era Antonio Rico, secretario do Eftado, que todos refpeitavam grandemente, *como homem mui acordado* e *mui cavalleiro*.

Heitor da Silveira, á voz de Antonio Rico, *chegando ao peitoril da facada diffe ao governador que fe aquietaffe e fe recolheffe, que elle e os outros fidalgos fe davam por prefos.*

Não deixou, porém, de affegurar, que elle, Lopo Vaz, teria de dar contas, perante el-rei de todas as violencias que eftava praticando.

Lopo Vaz, paffados poucos dias, mandou soltar os fidalgos que tinham menos culpa, confervando prefos, como cabeças da conjuração:

Heitor da Silveira, Diogo da Silveira, D. Antonio da Silveira e D. Jorge de Caftro.

Nos fins de agofto, receiando-fe ainda dos Silveiras, planeava mandal-os prefos para Cochim, n'um catur muito pequeno, *eftando o tempo ainda muito verde.* Fôram avifados, e requereram, allegando que eram os primeiros fidalgos que eftavam na India, e que elle Lopo Vaz teria de dar conta de fuas vidas a el-rei.

Lopo Vaz defistiu do feu propofito. Os prefos porém, eftavam em conftantes fobrefaltos, *porque fe temiam da peçonha e, fegundo a coifa eftava dannada de parte a parte, tudo fe podia recear.* [1]

Era antigo já o rancor de Affonfo Mexia a Pero de Mafcarenhas, e Gafpar Corrêa, como teftemunha prefencial, narra um conflicto entre Affonfo Mexia e Pedro Mafcarenhas, quando efte foi nomeado capitão de Malaca pelo governador D. Henrique de Menezes.

O vedor da fazenda era homem de grande poder, e ufano e soberbiffimo de fua grandeza.

Mafcarenhas apercebia os navios com que havia de partir para Malaca, quando recebeu ordem do vedor para despejar um paiol da pôpa, que eftava cheio de arroz, e metter n'elle roupa avariada.

Pero de Mafcarenhas não lh'o confentio. D'aqui nafceu o conflicto.

Dêmos a palavra a Gaspar Corrêa:

«Pero Mafcarenhas diffe: — Vá a roupa muyto embora, que lugar ha onde hirá embarcada; que o comer da gente he milhor que a roupa; e dai d'yffo razão ao senhor Governador, e faça-fe o que elle mandar.»

Affonso Mexia diffe:

— Pera yfto nom he neceffario Governador, que eu fão pera a fazenda d'El-Rey.

Diffe Pero Mafcarenhas:

— Ora feja como dizeyes; mas eu defpejar o payol nom entendaes, porque não ha de fer.

O Affonfo Mexia, muyto agaftado, diffe:

— Eu mandarey despejar o arroz e metter a roupa; e nom será mais.

E lhe virou as coftas e fe metteu para d'entro, que eftava na porta da feitoria, e Pero Mafcarenhas eftava em huma faquinha, que fe muyto afrontou, e virando as coftas a fy Affonso Mexia, lhe diffe:

— Não vos ha de ficar d'ahy fenão a má vontadinha.

E virou com a faca, e fe foi, dizendo que fe a roupa mandaffe á náo, a havia de mandar para terra ou a deitar ao mar, «e folgaria que vóz foffeys defpejar o payol, para vos metter n'elle com os fardos.»

[1] N'efta narrativa, Diogo do Couto fegue, n'algumas paffagens, Fernão Lopes de Caftanheda paffo a paffo, e tranfcreve phrafes inteiras, com leves correcções. Aquella a que fe refere efta nota é uma d'ellas.

O que tudo ouvio Affonſo Mexia, e tambem largou palavras agaſtadas, que Pero Maſcarenhas não ouvio, que hia já longe. O que tudo eu Gaſpar Corrêa via paſſar, que era preſente, que ſervia o cargo d'almoxarife do almazem da Ribeira. Das quaes razões Affonſo Mexia ficou imigo mortal de Pero Maſcarenhas, e d'elle eſcreveu a El-Rey taes males que ſe El-Rey pudera lhe tornára a tirar a capitania de Malaca; e lhe fez outros peiores grandes males, que adiante contarey, porque a roupa nom foy embarcada.»

Ás vezes uma nuvem tenue, no céo cryſtalino, prenuncia a tempeſtade. Aſſim um momento de mau humor entre dous homens, um d'elles reſervado e rancoroſo, teve por um fio um imperio.

(*Continua*).

BULHÃO PATO.

VIAGEM AO SERTÃO DE MOSSAMEDES

POR F. AMARAL

Não é facil deſcrever em traços que bem ſignifiquem a verdade d'uma narrativa, quaes ſão as peripecias d'uma viagem de Moſſamedes á Huilla.

Tem eſta excurſão ſido feita milhares de vezes, e é todos os dias repetida: ainda aſſim, raras ſão as occaſiões em que algum caſo extraordinario não venha dar vida ao quadro, de ſi tão ſimples, e que as longas traveſſias no continente Africano tornam de menos levantado intereſſe.

Devo começar por deſcrever os meios de tranſporte que ſão na generalidade dos caſos, no interior de Moſſamedes, o boi-cavallo, o carro de bois e a tipoia. O primeiro meio de locomoção é pouco commodo, exceſſivamente moroſo, e não menos comico; no emtanto muita gente o prefere não ſó pela razão, muito plauſivel, de não aturar as inconveniencias dos carregadores, mas ainda porque é mais economico. Para quem não fôr cavalleiro o balanço do boi é tão pouco agradavel, e eſtá-ſe tão arriſcado a ſer aſſaltado pelo leão, ou outro qualquer animal feroz, que, em geral, prefere-ſe o carro ou a tipoia. O carro de bois nada tem de eſpecial; é um carro ordinario de eixo de pau, com todos os inconvenientes da falta de mollas, e todas as deſvantagens da ſua peſſima conſtrucção. Os carros trazem em geral quatro juntas de bois, e por iſſo ha menos riſco do leão ſe entreter com os paſſageiros, dando-ſe ainda a vantajoſa circumſtancia de que, meſmo quando fira ou mate algum boi, ficam os outros para continuar a viagem.

A tipoia conſiſte n'uma tira de lona ou qualquer tecido forte comprido, de cujos topos partem, como nas maccas de bordo, arridas que terminam por alças. Eſtas encapellam-ſe em pequenas malaguetas diſpoſtas n'um groſſo bambu, a diſtancias convenientes:— outras vezes, a inſtallação diverſifica para ganchos de ferro, adaptados ao bambu por alças de chapa tambem de ferro.

Algumas tipoias têem um tampo ou quadrilongo de madeira, coberto de brim pintado, que ſe colloca ſuperiormente ao bambu, no intervallo das ſuſpenſões da macca. Do tampo pendem cortinas de riſcado groſſo, que deveria reſiſtir aos embates dos arbuſtos nos caminhos eſtreitos, que por vezes ha que atraveſſar principalmente nas paſſagens d'uma para outra fazenda agricola. Todo eſte apparato tem a pretenção de reſguardar do ſol e da chuva, mas é mais theorico do que pratico, e os carregadores não goſtam d'elle, porque lhes ſobrecarrega extraordinariamente a tipoia; o mais uſado portanto, por quem quer viajar com rapidez, é a tipoia ſem tampo, pondo-ſe um chale manta por cima do bambu, para reſguardar do ſol e do pó: quanto á chuva, quando a ha, o remedio é apanhal-a e fazer *à mauvaiſe chance bonne mine.*

O viajante diſpõe d'uma almofada que colloca mais para o lado da cabeça ou mais para baixo, conforme quer ir deitado ou ſentado, e encontra na tipoia vehiculo, cama, e cadeira, quando chega ao acampamento.

Os pretos gentios não têem grande difficuldade em carregar tipoia, e com raras excepções, logo que ſão mandados pelos ſobbas, preſtam-ſe de vontade a eſte genero de ſerviço, em que empregam, na grande generalidade dos caſos, notavel lealdade.

Se as gratificações de aguardente os animam no caminho, o trajecto faz-ſe com incrivel rapidez.

A chave da valvula de garganta n'eſtas machinas, é o *matabicho*, que pedem a cada momento, já em cantigas, mais ou menos pittoreſcas, já meſmo directamente e por vezes com arrogancia que é neceſſario cohibir: ſão ſympathicos, porem, os pretos, quando eſtão de vontade; e como carregadores, notaveis pelos prodigios de equilibrio e de trabalho que executam: como é um ſerviço, em que andam livres, e que elles fazem como querem, e como não têem que ceder ás intimações do branco, vão alegres e vão felizes: ninguem lhes determina o esforço; diſpõem d'elle a ſeu bello praſer; não ha methodo, não ha regularidade, ha independencia quaſi plena na forma do trabalho, e iſto baſta para explicar os milagres que n'eſte ſerviço operam.

Notavel e extraordinaria circumſtancia ſe dá na generalidade dos caſos com os pretos carregadores, e muito particularmente com os bailundos — ſão elles por vezes pertencentes a tribus revoltas, compoſtas de gente que mais ou menos ſe dedica ao roubo e á pilhagem, disfarçada nas guerras com os viſinhos; mas collocados em frente do contracto que fazem com o branco para conduzir as cargas, quer ſejam de tipoia, quer d'outro genero, ſão por via de regra conſideravelmente fieis, e tanto mais quanto menos contacto têem tido com os brancos!! As proprias anchoretas d'aguardente, que conſtituem para o preto, que as carrega, um verdadeiro supplicio de Tantalo, eſſas meſmas chegam ás maiores diſtancias, não direi intactas, mas com menos agua do que a que affoga o pobre vinho de Collares, deſde a adega do productor até ás mezas redondas dos hoteis de primeira ordem em Lisboa.

Ha um preto, que é o cabeça, a que ſe chama Quiſſongo, o qual é reſponſavel para com o ſobba do comportamento dos carregadores, e eſtabelece as relações entre os pretos e o domno das cargas: com eſte Quiſſongo preciſa o branco ſempre andar em muito boas relações e para iſto é neceſſario gratifical-o bem; d'outra maneira tudo ſão contrariedades: os pretos dizem que eſtão cançados; que teem fome; que querem acampar; que teem bicho nos pés; que

ha cſpinhos; que o leão anda perto... finalmente um nunca acabar de contrariedades que a aguardente diſtribuida a tempo, deſtroe d'uma maneira ſummaria. O Quiſſongo anda ſempre convenientemente armado de eſpingarda, para defender as cargas, e de pau para fazer caminhar os carregadores remiſſos.

*
* *

Dêmos um traço da politica reinante no ſertão de Moſſamedes na epocha d'eſta deſcripção, e que tendo relação com uma circumſtancia importante para o diſtricto e para a viagem, pode, por ventura, intereſſar.

Tinha eu imaginado ſer conduzido por pretos de uma tribu gentilica que habita as margens do rio Crok, e têem o nome de mocroks, e conſegui reunil-os em numero ſufficiente para emprehender a viagem; adoeci, porem, com as febres do paiz e, por conſelho do medico addiei a partida, mandando regreſſar os pretos, com ordem de voltarem, logo que os fizeſſe chamar, o que teria lugar quando me ſentiſſe com forças para me pôr a caminho.

Quando deixei de ter febre por alguns dias, mandei chamar os Croks, por intermedio do negociante José Victoria. mas não appareceram.

Receberam no ſul as rações, e a meio do caminho de Moſſamedes internaram-ſe para o mato! O caſo era tão pouco vulgar n'aquella tribu, e tinham elles moſtrado anteriormente tanta ſatisfação em me ſervirem, que não deixei de indagar o que daria cauſa a tão eſtranho ſucceſſo, por parte de gentios que pareciam ter por mim toda a conſideração, e que deſejavam eſtar a bem com a auctoridade portugueza, principalmente por cauſa d'uma traição praticada pelo negro Shiovara, chefe d'uma tribu conhecida pelo nome de Mucuonhocas, que habita proximo das margens do Crok, e que eſtá em immediatas relações com o gentio dos Cubaes, fóco permanente de ſobreſaltos e ſuſtos para a villa de Moſſamedes, e conſelho do Bunho. — Eſta traição teve lugar quando de Moſſamedes partira uma força em perſeguição dos ladrões que haviam furtado o gado de Joaquim de Paiva Ferreira. O negro Shiovara é um preto alto, robuſto, mau olhar, e peiores obras. Eſcolhido pelo delegado do governo para ſervir de guia a uma força militar que deſejava vêr um ſambo (curral) de gado que ſe dizia exiſtir ali proximo e onde ſe ſuppunha eſtar o gado roubado, tentou internal-a n'um caminho d'eſpinheiro bravo e mato cerrado perfeitamente diſpoſto para uma eſpera, onde ſeriam victimas os ſoldados, ſe o commandante da força não tiveſſe tido a prudencia de retirar, trazendo os negros guias preſos para a villa.

Julgados os negros como criminoſos de alta traição, nos tribunaes ordinarios, ſeriam expatriados, e d'aqui ſeguir-ſe-hia muito naturalmente o abandono, por parte das ſuas tribus, das localidades onde ſe achavam proximos ás fazendas do ſul, o que traria para os agricultores grave tranſtorno, por falta de carregadores e paſtores para o gado, e ainda porque taes individuos, em immediatas relações com o gentio dos Cubaes, iriam neceſſariamente augmentar o numero de ladrões e aſſaſſinos, que ali conſtituem quaſi excluſivamente a população, ſenão a totalidade dos moradores.

Neſtas condições preferi caſtigar os guias á moda gentilica, multando-os em tantas cabeças de gado, quantas as que foſſem preciſas, para, depois de vendidas, pagarem as deſpezas feitas com a expedição que por cauſa d'elles ſe havia mallogrado. Satisfizeram a multa, foram poſtos em liberdade, e ficaram muito contentes por ſe ter com elles cumprido a palavra promettida, caſo não muito vulgar por parte das auctoridades brancas com os negros, que na maior parte dos caſos, uma vez preſos, raro conſeguem ſair da priſão; eſpecialmente ſe teêm importancia entre os ſeus, ou ſe ſe deſconfia, que podem operar uma qualquer repreſalia.

Eſta excepção tinha-lhes determinado no primeiro impulſo um movimento ſimpathico a meu favor: faltaram porem depois pela ſeguinte circumſtancia. Havia-ſe creado durante a minha doença, uma grave contenda entre os pretos mondombes e os mocrocks, e principalmente entre eſtes e o gentio de ſerra a cima: qual o motivo d'eſta contenda, que os obrigava a receiar internarem-ſe para o lado de Capangombe? É facil de vêr a quem conhece a localidade. Roubos de gado . . . ſempiterna queſtão, que, nas tribus paſtorís africanas, não acabará nunca, e é origem permanente de todas as luctas, e de todas as guerras — Os crocks haviam roubado gado aos mondombes, que o tinham roubado tambem aos moradores da villa, e iſto para ſe indemniſarem os primeiros do gado em que tinham ſido multados pelos brancos; depois tinham medo de ſerem batidos ou amarrados, e vêrem-ſe aſſim obrigados a pagar o roubo.

Eſta circumſtancia foi depois apurada com o apparecimento na poſſe dos crocks d'alguns bois de marca conhecida e que os mondombes haviam roubado: foi a queſtão entregue aos tribunaes, e nada ſe concluío, o que não admira: deſde que entra negro em queſtão judicial, as mais das vezes não é poſſivel apurar teſtemunhos conteſtes, ou razões que levem a um juiz de direito poder, proferir o ſeu veredictum. Segundo as leis gentilicas a criminalidade não acaba com a morte do *criminoſo*, e pode-ſe tirar vingança n'um viſinho do crime praticado por outro, dando como deſculpa a neceſſidade de todos ſe ajudarem contra o *delinquente*, e de connivencia em todos que não auxiliam a tribu injuſtamente vexada — Aſſim a tribu ou familia A, contra a qual uma outra B praticou um crime, vinga-ſe na viſinha C d'eſte crime, e eſta tira o desforço indifferentemente na B ou na A — o principio de que a intelligencia popular entre nós fez o proverbio *quem rouba a ladrão tem cem annos de perdão* tem nas tribus gentilicas a completa reſpeitabilidade d'uma doutrina philoſophica indiſcutivel; e praticam-n'a a meudo as tribus nomadas dos conſelhos ſertanejos da noſſa provincia d'Angola, com uma ſerenidade de conſciencia, que abyſma quem não tem o eſpirito preparado, para uma formula de direito tão eſtranha aos habitos civiliſados. — Aſſim os crocks, multados por terem enganado os brancos, foram vingar-ſe nos mondombes de terem ſido os cauſadores da neceſſidade da ſaida da força, que elles croks illudiram, para obzequiar e conſervar as boas relações com aquelles, e fizeram-n'os pagar perdas e damnos, roubando-lhes o que elles haviam roubado. — Ha um fundo de juſtiça em toda eſta *forma*, verdadeiramente primitiva, de reſolverem as ſuas queſtões; temendo-ſe porém dos mondombes, preferiram os croks abſter-ſe de ſe collocarem em poſição de ſubjeitar-ſe a repreſalias, e eu entendi proceder prudentemente, não inſiſtindo com elles para aſſim terminar uma queſtão, que, ſe foſſe continuada, deveria dar lugar a affaſtar o gentio dos habitos pacificos, que tanto diligenciava inocular-lhes.

Tentei n'eſta diverſão ao aſtumpto principal, dar uma idéa do eſtado de ſelvageria das tribus, com que temos de travar relações n'eſta narrativa; receio porem que o ponto de viſta mais particularmente artiſtico dos meus leitores a ache demaſiadamente longa, e por iſſo me proponho de futuro a ſer menos prolixo, e reſtringindo-me ao aſſumpto, tornar porventura mais intereſſante o que houver de dizer: não deve porém eſperar-ſe muito do que é de ſua natureza árido e monotono, e da feição mais poſitiviſta do que litteraria do narrador.

(*Continúa*).

SOROR MARIA DO CEO*

(1658-1752)

E já houve coração amante foi o de foror Maria do Ceo. Se já mulher acoſtumada a recatos e blandicias ſe metteu deſcalça por matagaes e invias charnecas ſem macerar os pés, avezados a alfombras, foi, devemos crêl-o, a religioſa franciſcana que tanto do mundo ſoube, e tanto do mundo ſe arredou.

Se jamais houve quem por inſtincto, e tambem devemos acreditar que ſem pratica, tiveſſe melhor olho para aquilatar o amor ſem o levar á balança, foi de certo a arguta abbadeſſa do convento de Noſſa Senhora da Eſperança, d'eſta boa cidade de Lisboa.

Se (continuando com eſta apologia que, para ir em caracter, leva ſeus ares de litanias), já houve recluſa que adivinhaſſe as artimanhas do mundo e as mil armadilhas do demo tentador, foi com certeza a freira que eſcreveu os dous livrinhos que tenho aqui deante dos olhos, como panacêa para todas as dôres da alma, como roteiro de peregrinos pelas encruzilhadas do embuſte.

O moraliſta Lafontaine, de quem ninguem ſe atreveu ainda a invocar o nome ſem o adjectivar de *bom;* e o engravatado Larochefaucauld, que mais do que nenhum outro eſcriptor exemplificou comſigo o: *bem o prega frei Thomaz, faze o que elle diz, e não o que elle faz*, foram, um e outro, collegas da noſſa foror Maria do Ceo, o primeiro como ingenuo fabuliſta, o ſegundo como poço ſem fundo no conhecimento do coração humano; não lhe ficando nada a dever em tão difficil ſciencia a auctora das *Aves illuſtradas*, dos *Enganos dos boſques, e deſenganos dos rios*, das *Obras Varias*, dadas á luz pelo padre Franciſco da Coſta, do habito de S. Pedro, e ainda de outros livros de menos engenhoſa licção, como, entre outros, *A Precioſa*, dividido em duas partes, a que a cenſura coeva teceu os mais guindados elogios.

Alegra-ſe-me o eſpirito, como procurador officioſo em que me arvorei dos negocios litterarios das minhas compatriotas, em imaginar poſſivel a reſurreição de foror Maria do Céo, liberta do véo de eſpoſa do Senhor, trazendo na mão a ſua carta de alforria, cauſando inveja ás collaboradoras do *Almanach das Senhoras* pelas erupções vulcanicas de uma imaginação febril, e negaças aos paſmaceiras das portas da caſa Havaneza, com o brilho de uns olhos peninſulares, e a contrafacção belga de um pé, feito para ſer calçado por um meſtre ſapateiro do celeſte imperio.

É aſſim que eu recomponho na humildade dos meus devaneios a enclauſtrada da ſegunda metade do ſeculo XVII, e da primeira parte do ſeculo XVIII (a talentoſa freira viveu quaſi cem annos!) o que me deixa ſuſpeitar, com viſos de plauſibilidade, que as macerações conventuaes do religioſiſſimo moſteiro da Eſperança, como lhe chama Santa Roſa de Viterbo, não quebrantaram o phyſico da piedoſa monja, como com certeza lhe não entibiaram as faculdades intellectuaes.

Mas uma couſa é viver uma mulher amortalhada, ſeja ou não ſeja na eſtamenha, e outra, bem diverſa, é conchegar-ſe em finiſſima bretanha, e varrer ſenhorilmente a poeira do Chiado, com a cauda de um veſtido á Luiz XV, como ella ouvia dizer que trajavam no ſeculo as grandes peccadoras do ſeu tempo.

Uma couſa é perfumar-ſe uma pobre rapariga com o incenſo que em rolos ſe eſcapa do thuribulo, meneado pela mão mirrada de um ſubdiacono; e outra couſa menos ſanta, e por iſſo meſmo mais eſtimuladora dos ſentidos, é aſpirar um fraſco d'agua de Colonia, furtivamente offerecido por um requeſtador bem acceito.

Uma couſa é ſer eſpoſa *in nomine* do Senhor, e outra couſa é ter direito a aſpirar á maternidade: agradavel talvez ſeria ouvir o cantochão ſibilado por entre dentes, em veſperas de abandonarem as donas; mas não menos agradavel, embora não tão preparatoria da bemaventurança, é comprazer-ſe uma mulher nas harmonias de Verdi, ou ſuſpirar com Bellini, nas melodias inimitaveis da Norma.

Pobre freira! Como é que tu, foror Maria do Ceo, pudeſte, já não digo viver cem annos,—a Marilia de Dirceu teve o deſplante de roçar por elles, quando a ſua obrigação era morrer para ſer coherente com o ſentimento poetico que inſpirara—, mas aguçar os epigrammas com que beliſcaſte as tuas companheiras de clauſura?

Como foi, illuſtre folhetiniſta, que tu eſcreveſte os teus *apologos* e as tuas *metaphoras*, eſcrava como eras da campana conventual, tu que tiveſte azas para te librares nos eſpaços, e engenho para fazeres ouvir a tua voz fora das paredes do teu ſombrio moſteiro?

Hoje, que tanto ſe falla na emancipação da mulher, theoria groteſca que a ribeira do peixe ſaudaria com foguetes a realiſar-ſe, mas que a maioria do ſexo receberia como uma affronta á ſua natural timidez — que é a força da ſua fraqueza — cuſta a perceber o modo de vida das ſervas de Deus, que vivas ſe enterravam nos clauſtros, para apenas deixarem ſignal de ſi nas chronicas pulvurulentas das reſpectivas communidades.

O convento de Noſſa Senhora da Eſperança, que teve a gloria de abrigar nos ſeus muros a foror Maria do Ceo, que alli profeſſára em 1676, doze annos depois, em 1688, dava agaſalho a D. Magdalena da Gloria, auctora, entre outras obras[1] do *Reyno de*

* Eſte eſtudo foi extraido de um livro, por emquanto inedito, que ſe intitula: *No Convento e no Seculo, Eſtudos ácerca das poetizas e prozadoras nacionaes, desde o ſeculo decimo quinto até á actualidade*.

[1] Eſtas ſão:=*Aſtro brilhante em novo mundo. Hiſtoria e Panegyrico de Santa Roſa de Santa Maria. Brados de deſengano contra o profundo ſonno do eſquecimento em tres hiſtorias exemplares*, etc. *Orbe celeſte adornado de brilhantes eſtrellas e dous ramilhetes*, etc. *Aguia real, phénix abraſado, pelicano amante. Hiſtoria panegyrica da vida prodigioſa do inclito patriarcha Santo Agoſtinho.*

RAPHAEL pinxt. A.H.PAYNE sc.

VIRGEM DE FOLIGNO.

Babylonia ganhado pelas armas do Empyreo, que tão enthusiasticos louvores mereceu dos seus contemporaneos.

Parece que D. Magdalena da Gloria viveu 87 annos, sendo ainda por muito tempo companheira da auctora das *Aves illustradas*, e se algum cargo aquella exerceu no convento, lá está tambem incursa em algum dos discursos com que soror Maria do Ceo fustigou os desvios das suas companheiras de captiveiro.

Quatorze são os *Discursos*, assim os alcunha a modestia da auctora, que a si propria como abbadessa se disciplina, e de que basta lêr o simples enunciado para, pela analogia de indole das diversas aves que fallam, com as attribuições conventuaes de cada freira, se conhecer desde logo que a caridade — a melhor das virtudes theologaes — não era exactamente a corda sensivel da abbadessa do convento da Esperança.

Vejam e admirem agora o bem talhado das carapuças (se querem, chamem-lhes discursos) de que se compõe o livro da *heroina assaz conhecida não só pelo illustre do seu sangue, mas tambem pelas suas lettras e virtudes*, affirma o padre mestre frei Manuel de Sá, qualificador do Santo Officio, e muitas cousas mais, que ficam a perder de vista ao pé d'aquelle titulo, que sua reverencia poz por modestia na cauda das pennas de pavão com que em vida se enfeitou.

Designemos aqui os titulos dos capitulos das *Aves Illustradas:*

I. — O Pavão á Prelada.
II. — A Andorinha á Vigaria da Casa.
III. — A Chamariz á Vigaria do Côro.
IV. — O Pintasilgo á Mestra das Noviças.
V. — O Pardal á Mestra das Confissões.
VI. — O Rouxinol ás Sacristans.
VII. — O Gallo á Porteira.
VIII. — O Papagaio á Rodeira.
IX. — A Pega á Escrivan.
X. — A Rôlla á Celleireira.
XI. — O Ganso á Provisora.
XII. — A Pomba á Enfermeira.
XIII. — A Cegonha á Refeitoreira.
XIV. — A Coruja á Roupeira.

Não haverá já aqui, n'este simples enunciado dos titulos dos capitulos, uma bofetada sem mão dada na prelada, e dous belisções bem repenicados, um na rodeira, outro na refeitoreira?

Não se inculcarão desde logo á nossa benevolencia a vigaria do côro e a enfermeira, aconselhadas pelo chamariz e pela pomba, duas aves tão meigas e tão innocentes?

Mas a ironia não fica ainda por aqui. Com as azedas coarctadas de soror Maria do Ceo poder-se-ia recompôr a intimidade do viver domestico dos conventos de freiras no seculo XVII.

Por exemplo: o pavão, com licença de quem fôr, diz á prelada:

«Chegou um dia, em que fallaram os brutos como os homens, de alguns, em que houve homens que fallaram como brutos, houve uma hora em que as aves mostraram mais liberdade nos bicos, do que nas azas com que cortam o ar, com estes ensinam os racionaes, illustradas pela aguia sua rainha (agora vem o mau gosto do tempo), que bebe luzes nas espheras do sol.»

Feito este amavel prologo, continua: *Começarão* (as aves) *a sua missão pelos claustros, que aonde são mais obrigatorias as virtudes, estão mais importantes os avisos.*

Prelada: Pavão, queres dar-me os teus olhos para vigiar o meu mosteiro?

Pavão: São poucos, senhora, os meus olhos para a vossa obrigação, por que uma prelada ha mister de muitos olhos.

Segue-se a enumeração dos olhos de que a prelada necessita, e vem a ser: os da pomba, *porque só vê, com olhos de amor, quem vê com olhos de misericordia.*

E mais ainda: os olhos da serpente, do leão e da aguia, e todos estes modos de vêr, por olhos diversos, são exemplificados com tão bonitas razões, que é um enlevo ouvir a engenhosa freira.

Chega agora a vez da andorinha fallar á vigaria:

«Em a mesma manhã, e em os mesmos claustros, sahia da sua cella a segunda prelada do mosteiro, quando o enfadonho canto das andorinhas saudava o sol.»

O arrazoado é d'ella, o desfiado dos dialogos vae ser meu:

Religiosa: Calae, andorinhas, que estrugís com esse desagradavel canto.

Uma andorinha: Mandae calar as freiras, e deixae cantar as aves, tendes por vossa conta o silencio, e qualquer palavra em a noute vos deve estrugir mais, que quantas andorinhas ha em a manhã.»

Apanha, madre vigaria!

Vae dar agora o seu recado a chamariz á vigaria do côro, e, como se trata de madrugar, vem a proposito a avesinha nuncia e mensageira da aurora:

Chamariz: Levantai-vos, senhora, que já venho de chamar as aves, para que louvem o seu Creador, e agora vos chamo para que louveis ao vosso Deus: não é bem dêem quinau os brutos aos racionaes »

Até aqui é claustral a advertencia da chamariz, mas o que cheira a profanidade são as seguintes ampliações, postas no bico da chamariz, como o discurso da corôa é posto na bocca do poder moderador, a contento da ficção constitucional.

«Quem tem amores não dorme, se vós tivereis amor, madrugarieis; somno e amor não se dão juntos, porque um sempre arde, e outro nunca espera.»

Chama-se a isto entender da poda.

A auctora das *Aves illustradas* não quiz passar por leiga em nenhum assumpto, mesmo n'este, que tão melindroso era para uma freira, e mais ainda para uma abbadessa.

O pintasilgo não se quiz deixar ficar atraz das outras aves.

Entrou no noviciado, diz o livro, onde encontrou a mestra regando um craveiro *para que lhe pagasse em flores o que lhe devia em perolas* (que amavel permutação de generos!): *logo officiosa lhe tirou as erminhas que o viço da terra lhe fez brotar ao pé, d'ahi passou a encaminhal-o, porque nascessem as hasteas á obediencia da prisão: depois de composto o mudou de logar, para que mais depressa lograsse o beneficio do sol, e n'este posto o defendeu de uma abelha, que lhe buscava as flores para tarefa dos favos.*

Tu é que foste um favo de mel, soror Maria do Ceo! Mas, deixemos fallar as aves:

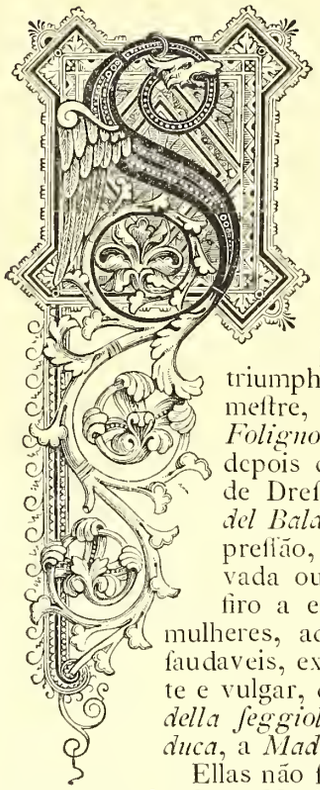
Pintasilgo: «Notei, ſenhoras, o grande cuidado, com que beneficiaes eſſa planta, e me lembrou como aquelle grande meſtre dos prégadores, monarcha dos pulpitos, oraculo dos ouvintes, aquelle que das conchas mais toſcas ſabia tirar as perolas mais finas, o grão Vieira, diſſera em um ſermão aos circumſtantes: Tratae a voſſa alma, como trataes ao voſſo cavallo, lembro-me para dizer-vos a vós, que trateis as voſſas noviças, aſſim como trataes ao voſſo craveiro.»

Eſte diſcurſo é recheiado até ao fim de tantas maximas e ſentenças moraes, que baſtaria á meſtra das noviças ter aproveitado metade da licção, para ellas não terem de que ſe queixar das demaſias da ſua auctoridade.

(Continua).

L. A. PALMEIRIM.

A VIRGEM DE FOLIGNO



Se me permittem que manifeſte uma opinião perfeitamente individual, impreſſioniſta, ſem as menores pretenções doutrinarias, ſem grandes explanações criticas, fundada apenas nas minhas queridas reminiſcencias das dez ou doze madonnas raphaeleſcas que conheço, eu direi francamente, ſingelamente, que prefiro ás Virgens divinas, triumphantes, ethereas, do grande meſtre, das quaes a *Madonna di Foligno* do Vaticano, é, talvez, depois da *Madonna de San Siſto*, de Dreſde, e a par da *Madonna del Baldacchino*, de Florença, a expreſſão, a repreſentação mais elevada ou mais completa; que prefiro a eſſas, as ſimples e terrenas mulheres, aquellas mães mundanas e ſaudaveis, exuberantes d'uma vida forte e vulgar, que ſe chamam a *Madonna della ſeggiola*, a *Madonna del granduca*, a *Madonna do peixe*, etc.

Ellas não ſe elevam ou não ſe debruçam, com o ſeu Deus-Menino, nas nevoas reſplendentes da beatitude, cercadas das aureolas glorioſas e das choréas dos anjos, illuminando o eſpaço e os corações com a doce e myſtica aurora do ſeu olhar «cheio de graça».

Ellas encoſtam ao ſeio maternal, ou ſeguram ſobre os joelhos roliços os ſeus bellos *bambinos* folgaſões; brincam vulgarmente com elles, e têem o aſpecto encantador e humano d'uma familiaridade ſatiſfeita e burgueza.

Por iſſo meſmo, naturalmente, as *ſentimos* melhor, as almas poſitivas de hoje; — parece-nos que as conheciamos já; a noſſa impreſſão, o noſſo ſentimento artiſtico como que ſe anima e fixa mais vivamente pela coincidencia dos noſſos affectos ou das noſſas reminiſcencias peſſoaes.

São verdadeiramente, poſitivamente, *mães*, como as noſſas ou como as de noſſos filhos: — têem a graça honeſta e mundana das expanſões e dos enlevos domeſticos, fallam-nos — a nós pobres degradados das idealiſações myſticas, — uma linguagem viva e amoravel que comprehendemos directamente ſem eſforço erudito.

Da *Virgem da Cadeira (della seggiola)* diz Viardot que é aſſim que elle imagina a Venus Anadyomena de Apelles que toda a Grecia ia viſitar na officina do grande artiſta grego, como a Venus nua de Praxiteles no templo de Knido.

— «Raphael — acreſcenta o critico, — pintou uma Venus chriſtã.»

Sempre me tem parecido eſta idéa uma grande hereſia critica.

Aquella forte e ſaudavel madonna que eſtreita no collo o bambino sorridente e gordo, é ſimpleſmente uma formoſa e amoravel mãe, muito contente da ſua bella creancinha boa e eſperta. O olhar alegre, firme, honeſtamente triumphante, que ella eſpalha ſobre o eſpectador, que ella fixa no noſſo olhar, não tem a *venuſidade* eſtimulante das grandes creações pagãs: é o olhar da mãe ſatisfeita, orgulhoſa do ſeu amor e do ſeu filhinho. A noſſa attenção, a noſſa ſenſibilidade artiſtica fixa-ſe no epiſodio e não na forma: — a belleza phyſica é um elemento ſecundario, diſpenſavel.

Aquella mulher podia ſer feia e não é certamente o ideal da formoſura plaſtica; os noſſos olhos indiſcretos não procuram advinhar-lhe as formas ſob o veſtuario ſimples, vulgar.

Mas convém não dar um valor abſoluto, demaſiado reſtricto a eſta claſſificação habitual que faz a critica, das *madonnas* raphaeleſcas, em glorioſas, triumphantes, e ſimples, de aſpecto terreno, mundano.

Rigoroſamente a diſtincção eſtá mais na forma, no aparato artiſtico, do que na repreſentação typica que é principalmente humana em todas as madonas e em todas as *ſacra-familia* de Raphael.

A *Madonna di Foligno*, ou como ella é chamada tambem a *Virgem do doador*, por exemplo, eſtá muito longe das Virgens myſticas, aſceticas, ideaes, de Fra Angelico.

Apeada do ſeu throno ethereo e luminoſo, ſentando ſobre as fortes coxas o *bambino* divino ou dandolhe o ſeio opulento, feria uma bella mãe de familia como a *madonna del granduca* de que Fernando III ſe fazia ſempre acompanhar nas ſuas viagens: — modeſta, humilde, penſativa; ou como a Madonna do peixe, aquella joia que Madrid poſſue e onde já ſe acentúa, nas valentias do eſtylo e do colorido, a influencia do *della Porta*.

A *Virgem de Foligno* ou *do doador*, foi encomendada por um velho camareiro *(cameriere)* de Julio II, — Segiſmondo Conti, — cujo retracto Raphael deixou na figura explendida do velho da eſquerda que faz *pendant* com Baptiſta o *Percurſor*.

Uma das qualidades dominantes d'eſta ſoberba compoſição não póde dal-a a reproducção graphica de Payne, que aliás traduz com muito amor, o deſenho, a expreſſão firme, natural, o caracter amplo, vigoroſo d'eſte *capo d'opera*.

Refiro-me ao ſeu colorido opulento.

«A *madonna de Foligno* prefiro — diz Coindet, — «a de Dreſde, mas é queſtão de ſentimento, porque ſob o ponto de viſta da arte, a madonna de Foligno não deixa de ſer uma obra prima. Raphael elevou-ſe ali á altura dos maiores coloriſtas, ſem nada perder da pureza dos ſeus contornos nem da força de expreſſão, nem da verdade ingenua e ſublime que ſão

o ſeu privilegiado apanagio. Eſte quadro foi pintado na meſma epocha que os primeiros freſcos do Vaticano.»

LUCIANO CORDEIRO.

O TUMULO DE D. PEDRO I

SAINDO da ſala dos reis na egreja do convento de Alcobaça, ſobe-ſe toda a nave, e, voltando á direita, entra-ſe na capella ſepulchral, onde ſe vê a maravilha de Alcobaça, quer dizer os tumulos d'el-rei D. Pedro e de D. Ignez de Caſtro.

Aquelles immenſos ſarcophagos de pedra foram arrombados, como é ſabido, pelos ſoldados francezes, no tempo da invaſão, e os oſſos do rei juſticeiro e os da ſua gentil faſcinadora, foram diſperſos pelo chão da egreja, victimas de uma profanação odioſa e eſtupida. Na Batalha tambem os cadaveres dos ſoberanos, que alli jazem, foram arrancados dos tumulos e eſpalhados pela egreja. Os ſoldados brutaes do imperador procuravam as riquezas eſcondidas nos tumulos, e infelizmente os generaes, que os commandavam, eram completamente indifferentes ás obras artiſticas e ás tradições hiſtoricas. Uns, como Junot, ſaidos das caſernas, nem comprehendiam a ſantidade d'eſſas memorias e o eſplendor das artes; outros, como Maſſéna, antigos republicanos maſcarados de principes, conſervavam a tradição da eſtupida canalha que violava os tumulos de S. Diniz, e profanava os reſtos dos reis alli ſepultados. Portugal para ſer infeliz em tudo, nunca mereceu ao imperador dos francezes a nomeação de um Marmont, de um Miollis, de um Suchet, de um Gouvion-Saint-Cyr para commandante dos exercitos que o invadiram. Eſſes ao menos eram generaes illuſtrados, que não prometteriam ingenuamente um Camões por cada provincia, mas ſaberiam lêr e reſpeitar o noſſo grande epico e as tradições cantadas por elle, como ſabiam lêr e reſpeitar Virgilio.

Não tivemos nem Championnet nem Miollis, e as hordas ſelvagens de Maſſéna e de Junot, ao paſſarem por deante dos tumulos de D. Pedro e de D. Ignez não penſaram ſenão em arrombal-os para roubar os theſouros que lá podiam eſtar eſcondidos. As delicadas eſculpturas lavradas com tão primoroſo cinzel na pedra inteiriça foram quebradas ſem piedade, e uma porção dos dous ſepulchros, liſa e núa, apreſenta como que uma larga cicatriz eſtampada pela guerra n'eſſa mimoſa producção de um eſcopro da edade media. Ainda aſſim o que reſta é baſtante para nos fazer admirar a perfeição do trabalho e a riqueza de imaginação d'eſſes admiraveis artiſtas.

Por mais que o noſſo orgulho de filhos de um ſeculo illuſtrado ſe revolte contra eſta idéa de decadencia, é certo que o grande periodo creador da arte paſſou definitivamente, e que debalde procurará eſta geração envelhecida rivaliſar em força geratriz com os artiſtas, com os poetas medievaes, como a Grecia antiga, no periodo mais brilhante da ſua hiſtoria, não pôde attingir á ſublimidade inimitavel dos cantores da ſua adoleſcencia, á riqueza de imaginação dos aédos, que ſoltaram ao vento do futuro os cantos immortaes da *Iliada*, eſſe *Romanceiro* hellenico. As nações teem decididamente, como os homens e as arvores, adoleſcencia, mocidade, virilidade e velhice, e o caracteriſtico da adoleſcencia é nos homens e nas raças, e ouſaria quaſi dizer tambem nas plantas, a opulencia de imaginação, porque não é outra couſa tambem na arvore juvenil eſſa riqueza de ſeiva que borbulha em pimpolhos, em exfoliações e em ramaria. Aſſim tambem a exuberancia é o grande caracteriſtico da arte dos povos adoleſcentes. Veja-ſe para prova o *Eſcudo de Achilles* na *Iliada*, os tumulos de D. Pedro e de D. Ignez na noſſa eſculptura medieval. Expande-ſe livremente n'eſtas paginas de pedra a phantaſia do eſculptor, os anjos plangentes corôam a formoſa Ignez, choram ſobre o apaixonado Pedro, e depois em baixo nas paredes do ſarcophago tudo que occorreu á imaginação do artiſta tudo brotou da pedra como no *eſcudo de Achilles* ſe entre-cruzam em mil ſentidos os mais variados quadros. Aqui é a lenda de S. Bartholomeu, além a viſão terrivel do fim do mundo; doces inſpirações das legendas aureas dos hagiographos, ſonhos apocalypticos, tradições evangelicas, e feſtões e flôres, tudo alli corre em rendilhados na pedra ſobre a qual ſe debruça o artiſta para lavrar os ſeus myſticos ſonhos, como á noute, ao luar, os rendilharia em eſtrophes do *Romanceiro* n'alguma chácara encantadora e triſte.

PINHEIRO CHAGAS.

ARCHEOLOGIA MILITAR

PEÇAS DE D. MANUEL

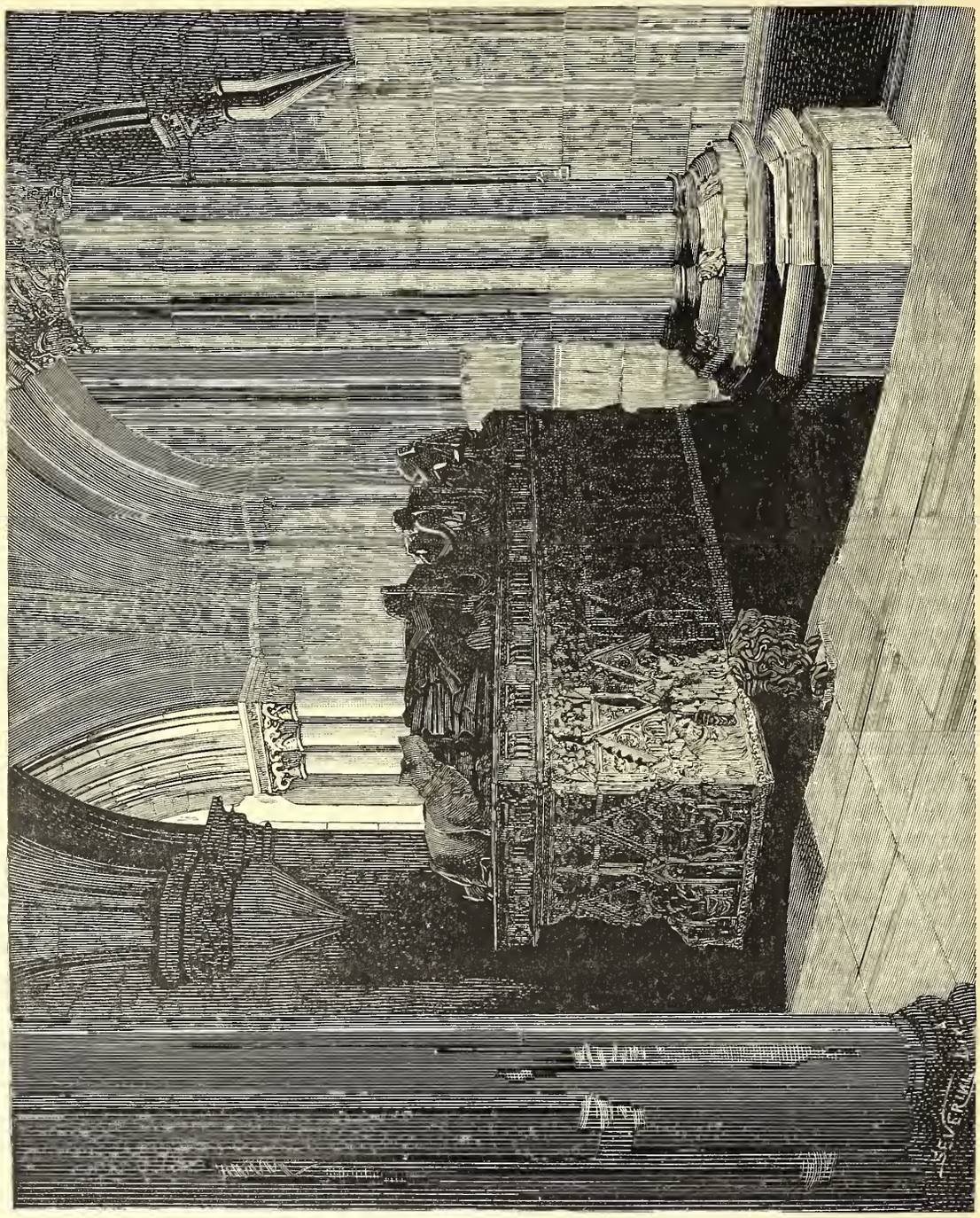
UM documento exiſtente na Torre do Tombo e que em ſeguida publicamos vem lançar uma grande luz, não ſó ſobre a hiſtoria d'um rei, mas ſobre a hiſtoria da noſſa induſtria militar.

É poſſivel que a carta de Eſtevam Paes ſeja um acto de cortezia ou de liſonja para com o monarcha; é natural que D. Manuel apenas ſe limitaſſe a dar algumas indicações, mas, ſe tomarmos á letra as expreſſões da carta, não ha duvida que o afortunado monarcha foi o inventor d'umas peças cuja experiencia deu reſultados ſatisfatorios.

Apezar dos antigos chroniſtas ſe dedicarem eſpecialmente aos louvores dos monarchas, não vemos que Damião de Goes ſe lembraſſe, na ſua chronica de D. Manuel, de junctar mais eſte florão á corôa do rei que viu a India deſcoberta e avaſſalada pelos ſeus marinheiros e capitães.

Quem um dia ſe dedicar a eſcrever a noſſa vida militar ou a hiſtoria das noſſas induſtrias não deixará de conſiderar em muito o noſſo documento, porque elle encerra realmente um facto importantiſſimo. Vimol-o indicado por João Pedro Ribeiro, e ao sr. João Baſtos devemos o favor d'uma copia eſcrupuloſamente tirada pela mão d'eſte erudito paleographo.

Não querendo addiar a publicação d'eſte documento, reſervaremos para mais tarde outras quaeſquer



O TUMULO DE D. PEDRO I

obſervações, ſe porventura encontrarmos mais alguns eſclarecimentos ácerca do aſſumpto e ácerca dos individuos que n'elle entram. Eil-o:

SENHOR

faço a ſaber a voſa alteza que eſta ſomana provamos os tiros grandes de berço que voſa alteza enventou e mandou fazer a Joam Goterrez e tiraram de cata que faras ao pontal dalmada, e tiram o propeo pilouro das ſaluagens que eſtam na terecena, de maneira que a meu parecer ſam os mais preſtes tiros e artelharia que pera naoos ſe pode fazer e averem bençam: he tam nova que he certo que eſtes ſam os primeiros que ſam no mundo; nam lhe poeem outra groſa ſomente as camaras que ſam de muito metal porque peſam muito, e aſy ſam hum pouco curtos; em pero as camaras o milhor que amde teer aſy he ſerem ſeguras: eſta he a menos tacha do curto. Diz Joam goterez que quer fazer outro e lhes dara mais comprimento, certo o que ſe pode dizer quem nos bem entender que he obra de grande oficial e ſe eſpanta quem nos vee, tanta arte a neles.

Item os quatro ſaluagens que meſtre cervaz fundio, de que ja tenho eſcrito a voſa alteza e o peſo eſtam ja em ſeus caualos (carretas?) pera poderem ſervir, e aſy a do pilouro grande que fundio Luis aluuez e huä deſtas de berço de Joam goterrez as quatro grandes de meſtre cervaz da duvida nam os tem ainda emmendadas, que diz que as ade averrumar; e por tanto nam ſam ainda na terecena.

Item ele fundio agora outra da ſorte das quatro grandes do pilouro grande e luis aluuez fundio outra, e aſy que ſam agora fundidas deſte pilouro grande ſete, a ſaber, meſtre Cervaz cynco e luis aluuez duas: parece me ſenhor que deſta ſorte deſte pilouro grande he aſaz ate oito tiros, e nam doze como dizem que voſa alteza deixou ordenado, porque nam ha na caſa ninhum camelo, que ſam os mais neceſarios tiros, porque ſervem de naos e de caravelas e eſtas ſaluagens ſam perigoſas pera caravelas por bem do mais peſo e grandeza.

Item eſta terecena nam tem ferro e ja muito que o recramo e Jorje de vaſconcelos diz que vos tem eſcrito; temos berços e falcõees e nam temos camaras, nem dados pera pilouros, nem pera ſe fazerem ferragens pera os mais camelos que ſe ouverem de fazer pera as ditas ſaluagens que eſtam ſeitas do gram pilouro. A madeira temos por agora em abaſtança e nam fei ſe ſabe voſa alteza que eu e afonſo luis carapinteiro a catamos por ſacavem e pelos oulivaees em que fezemos aſaz ſerviço; porque, ſe ſe catava nas Rybas dalanquer, cuſtava tres vezes mais, ainda agora nam fora aqui: de frandes nam veo ninhua: noſo ſenhor acrecente voſo eſtado ſempre em proſperidade.

De lisboa XXIJ de março 1515

ESTEVAM PAEEZ

(Sobreſcripto) — A el Rei noſo Senhor

Arch. da Torre do Tombo, Corp. chronol. P. 1.ª M. 12 Doc. 92.

A RECORDAÇÃO

(CONCEITO)

Filha de quem não exiſte,
és triſte e fazes-me triſte;
ai!
não te quero, foge, ſáe.

Se tu ſabes de alegria,
que eu já tiveſſe algum dia,
ai!
tu, que vens do que lá vae,

Vae buſcar-me, em quanto eu ſciſmo
no paſſado, ao negro abyſmo,
ai!
onde tudo, tudo cáe,

um mez, um dia, uma hora,
mas da triſteza d'agora
ai!
diſtráe minh'alma, diſtráe.

Lisboa, 1872.

FERNANDO CALDEIRA.

A JOVEN MÃE

FORMOSA, moça, e mãe... Para a mulher, ſão talvez eſtas as manifeſtações mais ſuperiores e mais completas da felicidade!

Ha muito quem declame ſentidas elegias ſobre o deſtino das mulheres, achando-o muito mais triſte que o dos homens.

Que engano!...

É verdade que elles têem a gloria, os triumphos ruidoſos, a arte, a ſciencia, a politica, a agitação das doudas aventuras, mas nós temos os olhos limpidos que nos ſorriem, temos as boquinhas freſcas que nos beijam, temos os louros anneis em que ſe enredam os noſſos dedos, temos o papaguear feſtivo que nos acorda de madrugada...

É verdade que elles têem os goſos fugazes, as paixões ephemeras, os prazeres rapidos e tempeſtuoſos, e que nós temos os longos ſacrificios, as agonias lentas e obſcuras, mas tambem temos a ſuprema, a endoudecedora voluptuoſidade de emballarmos no fôfo ninho dos noſſos braços, os adorados corpinhos de neve, que gerámos dentro do noſſo ſeio!

A Natureza que fez da maternidade um martyrio, fez d'ella ao meſmo tempo uma apotheoſe.

É que em todo o coração de mãe, ha um não sei quê do orgulho da deusa.

Quando a mocidade canta dentro de nós a sua canção festiva, quando a luz virginal das auroras tinge de tons iriados os nossos sonhos, quantas chymeras não acariciamos com amor, quantos devaneios de insaciavel ambição nos não desvellam as noutes!...

São visões que passam rapidas n'uma vertigem phantastica de ballada allemã, visões côr de luar que nos attraem para o abysmo do Sonho, e nos deixam ali desnorteadas, enlouquecidas...

Depois vamos vivendo e percebendo que é inaccessivel o ideal das imaginações de quinze annos, e ficamos tristes, muito tristes, perguntando a Deus por que nos fez crêr em tantas cousas que jámais existiram!

Um dia porém oh! divina surpreza!—acordamos tendo nos braços um anjo louro que nos sorri, que nos beija, que nos chama sua mãe!

Como tudo que até ali conceberamos nos fica parecendo mesquinho e vil!

Que alegria póde comparar-se á alegria subita que então nos levanta muito além da terra!

Oh! morbidas flôres da phantasia juvenil, como sois murchas e descoloridas, ao pé d'essa flôr humana, tão fragil, tão delicada, de que se exhala um tão suave aroma de vida e de ternura!

Vêde a expressão d'este quadro tão simples e tereis uma idéa perfeita da felicidade humana.

Bem se percebe que a mãe não fez ainda vinte annos; o primeiro filho é para ella a ultima boneca!

Ha uma adoravel garridice n'aquelle gesto de mulher feliz.

Tudo a affaga, lhe sorri e a lisongeia: o espelho, o luxo exterior que a cerca coma uma moldura esplendida, o rostinho illuminado da creança que ella faz saltar nos braços.

Ao vêl-a temos a idéa d'uma d'essas existencias superiores em que tudo é equilibrado e harmonico.

Nenhum d'aquelles dous seres ainda soffreu. O pequenino tem a saude, a mulher tem a formosura.

Adoram-se!

Que dirão elles um ao outro n'essa linguagem feita de caricias e de beijos?

Só as mães o poderão entender.

Ella a moça e radiosa creatura, diz talvez:

—Por ti renunciarei ás alegrias do mundo, á companhia dos indifferentes, ás festas ruidosas, aos triumphos que a minha belleza me promettia. Passarei noutes e noutes ao pé do teu bercinho, submissa como uma escrava, previdente como um Deus, resignada como uma santa! serás tu a divina origem das minhas virtudes todas, dar-me-has a abnegação, a força, o espirito de sacrificio, o amor supremo e vivificante, do bem e do bello. Communicar-me-has a tua innocencia, a tua graça, a ingenua doçura da tua alma! Para não vêr reflectir-se no teu olhar tranquillo um pasmo accusador, terei todas as doçuras e todas as heroicidades. Verei sempre em ti o meu querido anjo da guarda, e baixinho, só comigo, heide chamar-te a minha Consciencia!

E elle, o pequenino amor, responde-lhe com o seu chilrar de ave feliz.

—Ao pé de mim terás as mais doces e puras alegrias que póde haver na terra. Mesmo as agonias que atravez de mim conheceres serão melhores que as venturas que outros podessem dar-te. Os meus beijos não têem travor, as minhas caricias não têem mentira nem fel. Tu guiar-me-has nos caminhos difficeis d'este mundo, e eu dar-te-hei em troca o segredo das felicidades ideaes. Ninguem já nos póde separar. Tu és a força que me protege, eu a fraqueza divina que te ampara e que te levanta.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

RIQUEZAS D'UM PAE

—Não sabes, meu papá:—contava-me hontem Cande,
hoje em casa da avó deram-me um pires grande
cheio de leite créme. O papá sabe o que é
leite créme?
—Não sei.
—E não tens quem te dê
um bocadinho?
—Eu não.
—Pobre papá, coitado!
E eu que apenas lhe trouxe um triste rebuçado!...
Tens muita pena, tens? Pois deixa estar! Um dia
eu quero que tu vás comigo á avó e á tia,
e que saibas como é tão bom aquelle doce.
Elle era um pires só; por isso t'o não trouxe.

—Um pires só!!—pois tu querias mais ainda?
—Então! para o papá!
E franzia-se linda
a sua boca fresca, ingenua, graciosa,
como um botão de musgo! um ponto feito rosa!
E continuou então a consolar-me:
Escuta:
não deves estar triste;—em a mulher da fructa
passando, hei de comprar-te uma pera encarnada;
talvez que passe ainda a mulher da arrufada,
e verás como eu compro uma para o papá.
Tambem é sempre assim? nunca ninguem te dá
do que tu gostas, nunca!... E pastelinhos, queres?
e ôvo molle, tão bom, que se come ás colheres?
Ora verás! em eu saiddo á rua, então
compro tudo.—
E passava a pequenina mão
pelo meu rosto; e a voz, a modular caricias,
vasava-me no peito um mundo de dilicias!

Ia-me ennumerando as coisas infinitas
que eram só para mim, tão ricas, tão bonitas!

—Tudo para o papá, não ha de faltar nada.

E eu observei:
—Pois bem: pasteis, fructa, arrufada,
tudo isso é bom; mas dize:—o dinheiro quem dá?

—Quem havia de ser? quem dá tudo: o papá!

Disse isto com um olhar que era um ceu, um feitiço!
e eu dei-lhe cinco reis para comprar tudo isso!

Um triste, um amolgado, um miseravel cobre,
que ella instantes depois foi dar a um cego pobre;
comprehendendo talvez que uma só acção d'essas
bastou para pagar as multiplas promessas!

CHRISTOVAM AYRES.

REVISTA ARTISTICA

—

ESUSADA agitação, que podemos classificar de prenuncio de vida e progresso, se tem observado n'estes ultimos tempos em tudo que diz respeito á arte nacional.

Visitas artisticas aos conventos do paiz, no intuito de se pôr cobro aos abusos e desacatos praticados com relação ás riquezas dos mesmos conventos; a compra de um quadro original de auctor antigo de grande nomeada, feita pela Academia, quadro que todos os museus do mundo disputariam se soubessem a tempo que estava posto á venda; a presença em Lisboa de dous pintores notaveis, que vieram com os seus trabalhos illustrar os nossos artistas e o nosso povo; por fim, a abertura da exposição da Sociedade promotora de bellas artes em Portugal, mais lusida que nos annos anteriores, mostrando por conseguinte que as artes em Portugal teem tido, felizmente, certa tendencia para se adiantarem se não tanto quanto fôra para desejar, ao menos na proporção do progresso geral do paiz, que, mercê de Deus, não anda para traz nem moral nem materialmente.

Eis o movimento artistico dos ultimos tempos.

*
* *

O convento de Santa Clara de Vinhaes, no districto de Bragança, foi ultimamente examinado pelos srs. Alfredo de Andrade e Rangel de Lima, a quem a Academia real de bellas artes encarregou d'aquella commissão de serviço.

Foi rapido o exame porque nem o mosteiro nem o seu espolio tem cousa alguma aproveitavel, segundo nos informam.

Os objectos moveis que existem da grande communidade que habitou aquelle vasto edificio, reduzem-se a uns pratos de estanho, umas bancas pôdres e uns ferros velhos. Foi tudo avaliado n'uma bagatella, e conserva-se a cargo do escrivão de fazenda da localidade, que estaria livre de uma penhora se lhe fizessem presente d'aquelle *thesouro* e não possuisse mais nada.

Estes restos miseraveis de maior quantia provam a necessidade que ha de olhar com intelligencia e zelo pelas nossas cousas. Não é possivel que a mobilia e demais objectos de uso d'aquelle mosteiro espaçoso consistissem apenas nos insignificantes trastes velhos encontrados pelos commissionados da Academia. Que destino teriam os outros objectos moveis? Iriam entre elles alguns de valor artistico desconhecido para os que vendiam, e quem sabe até se ignorado dos que compravam?

É a estes abusos criminosos que se deve pôr termo de uma vez para sempre; e não ha para isso outro meio senão ir examinando e relacionando o que existe não tanto nos conventos extinctos, se não principalmeete nos que se acham por extinguir.

Os srs. Andrade e Rangel de Lima visitaram tambem as antiguidades de Bragança e de seus arredores, entre as quaes figuram de preferencia o castello, um dos melhores exemplares da architectura militar que existem no paiz, e a egreja e restos do convento de S. Bento em Castro de Avelãs. N'este sitio viram duas lapides romanas, cujas inscripções calcaram, e bem assim a do tumulo do conde de Areães, existente na egreja. Tambem observaram n'esta uma imagem de Jesus-Christo curiosissima pela maneira porque está restaurada. Parece que os tratos que o filho de Deus soffreu dos seus algozes não fôram nada comparados com as judiarias que o *artista* restaurador fez á desditosa imagem.

Existem no paiz muitos d'estes padrões de crassa ignorancia; aquelle porém, segundo nos informam, é superior a todos.

Antes d'esta visita ao convento de Vinhaes, os referidos commissionados, acompanhados pelo sr. Antonio Thomaz da Fonseca, director da Academia, estiveram no extincto mosteiro de Santo Antonio da Castanheira, proximo do Farrobo, onde, segundo ouvimos, encontraram algumas obras de architectura e arte decorativa dignas de attenção.

Brevemente será apresentado ao sr. vice-inspector Delfim Guedes o relatorio circumstanciado d'estas duas excursões artisticas.

*
* *

Quem diria que na villa de Azeitão estava occulta uma preciosidade artistica de inestimavel valor?

Um dos antecessores do conde de Carvalhaes, Ruy Fernandes de Almada, sendo embaixador de Portugal em França no tempo de D. João III, comprou varios objectos de arte, entre os quaes um quadro de Alberto Durer, assignado e datado de 1521. Um filho do conde de Carvalhaes, D. José Joaquim de Almada Castro Noronha Lobo, legou o quadro bem como outros bens, ao administrador da casa, o sr. Alberto Henrique James Gomes de Oliveira, que ora o vendeu á Academia real de bellas artes por 1:400$000 réis.

O quadro representa um philosopho com a cabeça encostada á mão direita, e apoiando o indicador da mão esquerda sobre uma caveira. Tem deante de si alguns livros, e do lado esquerdo um tinteiro. Na parte superior do quadro, á direita, está um Christo, que julgamos não ser pintado pela mesma mão que fez o quadro. Parece ter sido posto ali para em caso de necessidade passar o painel por um S. Jeronymo. As carnes e as barbas brancas e longas que ondulam sobre o peito da figura, são tratadas com admiravel mestria.

Uma commissão de professores da Academia real de bellas artes julgou authentica a obra, e affirmou não ser exagerado o preço por ella pedido.

Em se sabendo que o museu de Londres, o de Berlim e o da Belgica não teem nenhum quadro de Alberto Durer, e que o do Louvre só agora conseguiu adquirir um, segundo nos informou o eminente retratista Carolus Duran, facilmente se poderá calcular o valor estimativo do quadro que a Academia comprou.

Que nos lembre, não sabemos de outra acquisição tão valiosa feita por aquelle estabelecimento e em condições tão pouco onerosas. É por isso que felicitamos cordealmente o sr. vice-inspector Delfim Guedes pelo zelo e intelligencia com que promoveu a compra, e o sr. ministro do reino pela promptidão com que consentiu em que ella se realisasse, apenas soube do valor do objecto em questão.

Podemos tambem felicitar o paiz por ter enriquecido o seu museu de artes com aquella preciosidade; não lhe fazemos com isto o minimo favor.

Não ha muitos annos que o sr. Alberto de Oliveira cedeu a um particular outro quadro de Alberto Durer por 2:000$000 réis, crêmos; o novo possuidor vendeu-o em Inglaterra por quantia muito superior a essa; a Allemanha adquiriu-o depois por 8:000$000 réis. Assim ficou o paiz privado de uma obra notavel, que podia ter obtido, como obteve a de que acima fallamos, por um preço relativamente modico.

*
* *

Ha em Paris, se não estamos em erro, quatro retratistas de primeira ordem — Bonnat, Bastien le Page, o belga Chapelin e Carolus Duran.

Este ultimo ausentou-se ha dias de Lisboa para a capital da França. Viéra a Portugal chamado pela sr.ª duqueza de Palmella para, como já dissemos em o numero antecedente, fazer o retrato d'aquella senhora.

Nos poucos dias que se demorou entre nós, fez não só o retrato da sr.ª duqueza, em corpo inteiro, mas outro de meio corpo, e ainda um terceiro em busto da mesma senhora; um retrato de corpo inteiro e outro de meio corpo de Sua Magestade a rainha; um busto do sr. duque de Palmella e um busto do sr. Calmels. Tal é a facilidade prodigiosa do famoso retratista, em cujas obras imprime sempre o cunho da grande arte.

Os retratos em ponto grande de Sua Magestade a rainha e da sr.ª duqueza de Palmella, um retrato da sympathica filha da sr.ª duqueza, pintado pelo mesmo artista ha um anno, em Paris, e o busto do sr. Calmels, exhibidos nas salas da exposição da Sociedade promotora de bellas artes, teem sido a admiração de todos os que teem visitado aquelle certamen artistico.

Tambem se retirou do paiz outro artista notavel, o pintor scenographo o sr. Manini.

Nas surprehendentes vistas que fez para a opera *Guarany* affirmou o modesto artista italiano o seu grande talento, provando que as suas faculdades inventivas e executivas lhe facilitam o tratar com mão de mestre todos os assumptos a que a scenographia se presta. Do seu pincel habilissimo sáe a architectura, a paizagem, o ornato, a figura decorativa, tudo correctamente desenhado, tudo com o prestigio de uma tinta fascinadora mas natural, tudo produzindo a indispensavel illusão scenica.

O sr. Manini é um verdadeiro pintor scenographo; oxalá tenhamos que registrar e louvar novos trabalhos seus na proxima epocha theatral, para a qual, segundo nos affirmam, já está escripturado pela empreza de S. Carlos.

*
* *

Abriu as portas ao publico a Sociedade promotora de bellas artes em Portugal. A sua duodecima exposição é uma

das melhores, fe não a melhor que tem promovido aquella benemerita inftituição.

Os trabalhos que mais attraem a attenção dos entendidos fão: os do architecto o sr. Monteiro, que foi penfionario da Academia de Lisboa, e regreffou ha pouco de Paris, onde era confiderado pelo feu meftre e pelos demais artiftas como um dos mais vigorofos talentos em architectura; os retratos do sr. Carolus Duran, de que acima fallámos, distinguindo-fe entre elles o retrato da filha dos srs. duque de Palmella, a sr.ª D. Helena Holftein, uma formofa cabeça com uns baftos cabellos em defalinho, que Velafquez não defdenharia affignar; as paizagens do sr. Silva Porto, penfionario que foi da Academia portuenfe, hoje profeffor da Academia de Lisboa, e um dos primeiros talentos em pintura que ha no paiz; um retrato largamente pintado e um grande quadro de formofiffimas flores do sr. Ferreira Chaves, um excellente retratifta e o noffo melhor pintor de flores; alguns quadrinhos de genero do sr. Columbano Bordallo Pinheiro, moço de grande vocação a quem não falta fenão esftudo para occupar um brilhante lugar entre os mais diftinctos artiftas; dous quadros de figura e um de paizagem do sr. Loureiro, artifta de verdadeiro talento e de aturado eftudo, actualmente penfionario da noffa Academia em Paris; algumas paizagens do sr. Keil; o bufto da intereffante filhinha do sr. Delfim Guedes, modelado pelo sr. Soares dos Reis; duas eftatuas e tres buftos do sr. Simões de Almeida; um bufto e um baixo relevo do sr. Calmels.

Não deixaremos tambem de mencionar os formofiffimos trabalhos expoftos por algumas fenhoras. Entre elles diftinguem-fe umas flores primorofamente pintadas pela sr.ª D. Anna Guedes; dous quadros de natureza morta admiraveis de verdade e que revelam um grande talento de colorido, pintados pela sr.ª D. Luiza Cunha; alguns buftos e um baixo relevo saídos das fidalgas mãos da sr.ª duqueza de Palmella, que exercita por curiofidade a arte da eftatuaria com uma aptidão que de certo fará inveja a alguns artiftas.

Praza a Deus que a futura expofição da Sociedade Promotora affignale, como efta, um grau de progreffo tão faliente.

RAPIN.

CHRONICA

EPRESENTOU-SE pela primeira vez no theatro de D. Maria, em a noute do beneficio de Augufto Rofa, uma nova comedia do sr. Fernando Caldeira, intitulada *A mantilha de renda*.

De pura e finiffima feda, bordada dos mais delicados e precifos arabefcos, teceu o talentofo poeta aquella primorofa *mantilha*, digna a todos os refpeitos da cabeça angelica de uma virgem de Raphael.

Não fe vê atravez da fua diaphana urdidura o olhar irrequieto e apaixonado da *manola*, nem aos lafcivos requebros e defenvoltos meneios d'efta poderia ajustar-fe tal mantilha, com tanta arte e tanto efmero fabricada, não para velar faces acefas em chammas de fenfualidade, mas para adornar duas cabeças gentis, dous roftos formofos que o pudor ruborifa.

Encantadora e deliciofa comedia em que tudo é mimo e delicadeza, graça e fimplicidade!

Ha muito que não vemos peça portugueza que tanto nos agrade. Quafi fem enredo e fem peripecias, é tal a arte com que o auctor delineou aquelles dous lindiffimos actos que o efpectador nem um momento fente afrouxar o intereffe que a acção lhe defperta, ou o encanto que o primor e a graça do dialogo lhe produzem. Os verfos fão primorofos, e efta boa qualidade contribue decerto poderofamente para o exito extraordinario e juftamente merecido que a comedia tem tido.

São pouquiffimas, infelizmente, as producções dramaticas originaes, e raras as que confeguem vencer a indifferenca do publico. *A mantilha de renda* não fó pertence ao numero d'eftas ultimas, mas deve figurar na cabeceira d'effe efcaffo e limitadiffimo rol.

D'aqui enviamos, pois, os noffos finceros emboras ao auctor, juntamente com o pedido de não defcançar á fombra dos louros colhidos, porque do feu talento e engenho tem ainda muito a efperar o minguado repertorio do theatro portuguez.

Coube o defempenho da comedia ás actrizes Virginia, Rofa Damafceno e Anna Pereira, e aos actores Augufto Rofa e Brazão.

Todos fe houveram muito regularmente, fendo dignos de louvor pela correcção da dicção, correcção tanto mais para notar, quanto é certo que em os noffos theatros fó por excepção, e muito rara, fe reprefentam peças em verfo.

*
* *

Na mefma noute e no mefmo theatro fubio á fcena uma comedia em 3 actos, original do sr. Moura Cabral — *Um heroe do Chiado*.

Eftreiára-fe o auctor o anno paffado, fe bem eftamos lembrado, com uma bonita e ligeira comedia n'um acto, cujo exito foi dos mais lifongeiros. Na prefente epocha aprefentou-nos o mefmo efcriptor no theatro do Gymnafio uma outra comedia original intitulada *Paris em Lisboa*, e fe o exito da fua primeira tentativa dramatica tinha fido aufpicifo, não o foi decerto menos o d'efta fegunda producção.

Havia, portanto, uma certa curiofidade da parte do publico de conhecer e apreciar o novo trabalho do sr. Moura Cabral, como obra de maior folego, em que o feu talento dramatico poderia manifeftar-fe mais amplamente.

Não fuccedeu, porém, affim. O sr. Moura Cabral tentou fazer uma peça realifta com velhas mollas romanticas, e *ficelles* demafiadamente conhecidas, e d'efta geftação hybrida nafceu, como era natural, um aborto. Não foi a crueza dos traços com que alguns dos caracteres eftão esboçados, nem o realifmo, por vezes exaggerado, de alguns trechos do dialogo, que determinou, a noffo vêr, o defagrado do publico. Não fomos dos que profeffam e evangelifam taes exaggerações, mas nem por iffo pertencemos ao numero dos que condemnam *inlimine* as producções d'aquelles que feguem caminho diverfo e fe filiam n'effa chamada efchola. Embora comprehendamos o realifmo por modo muito differente, não fomos de tal maneira intranfigente e exclufivifta que não reconheçamos e feftejemos o engenho e o talento onde quer e como quer que elles fe manifeftem.

Por iffo, é noffa opinião que ainda mefmo com effes laftimaveis fenões podia a peça ter qualidades dramaticas muito apreciaveis, e conquiftar por ellas os applaufos do publico e da critica. Mas não. A acção é frouxa, precipitada e defajudada de peripecias, deixando tranfparecer a cada momento as hefitações do auctor; os caracteres eftão apenas ligeira e incompletamente esboçados; o desfecho é inverofimil.

Releve-nos o sr. Moura Cabral, a franqueza com que expômos o noffo juizo ácerca do feu ultimo trabalho, juizo em que podemos fer injuftos por impericia, mas que proferimos com o defaffombro proprio de quem prefere á critica louvaminheira, não fó inconveniente, mas damninha, a verdade rude e nua, sem ambages nem refolhos.

A. DE SOUZA VASCONCELLOS.

Typ. de Chriftovão A. Rodrigues — Rua do Norte, 145, 1.º

Á SOMBRA DAS ARVORES

A ARTE

Lisboa — Abril de 1880

Á SOMBRA DAS ARVORES

—

Viva eu os annos que viver, e ouça as cousas que ouvir, sempre me hei-de lembrar do dito d'aquelle padre.

Elle mettera-se commigo na malla-posta que n'aquelle tempo ia do Porto para Braga e Alto Minho. N'aquelle dia eramos eu e o padre os unicos companheiros de jornada.

Elle, o padre, era um homem vermelho, de nariz luzidio, de cachaceira ampla, de vasto abdomen, e de uma seriedade grotesca.

Tinhamos saido pela manhã, e creio que dormimos até á hospedaria da Carriça, celebre pelos biffes de presunto que ali se preparavam, e que tinham larga nomeada por todo esse Minho.

O padre subiu commigo os degráos escorregadios que levavam da loja ao primeiro andar do estabelecimento.

Ia grave, ia severo, ia quacker. Sentou-se, e eu sentei-me defronte d'elle. Comemos: quando digo comemos, deveria, com mais verdade, dizer, eu comia, e o padre devorava, porque se não fosse a voz do cocheiro que nos chamava impacientemente da rua, ainda a estas horas estaria na tasca da *Carriça*, mastigando biffes, e entornando pantagruelicamente canecas sobre canecas de expumante *verdasco*.

Afinal descemos e sempre no mesmo silencio. Em vez porém de entrar para o interior da malla-posta, o sacerdote com a intrepida agilidade de um bugio mandril trepou para a *imperial* da carruagem.

Não trepidei, segui-lhe o exemplo. Começava a admirar aquelle homem. E como fizesse calor, o meu companheiro abriu circumspectamente um enorme guarda-sol de panno encarnado, e abrigando-se da calma, abrigou-me egualmente, visto que eu vinha a seu lado. Agradeci, e para abrir conversa, comecei por lhe dizer:

— Cá estamos, *in summa diligentia*, na imperial da diligencia...

O sacerdote enviuzou o olho esquerdo, e franziu o nariz.

É latinista, pensei, e sabendo eu que não ha cousa que mais desopile o baço de um admirador da boa latinidade como o contar-se-lhe uma traducção asnatica de um texto latino, narrei-lhe que um condiscipulo meu differa uma vez traduzindo a *Guerra Gaulesa*, que Cesar partira para as Gallias — *in Summa diligentia* — na imperial das diligencias...

— Boa tolice, hein? observei e espreitava curiosamente o effeito do caso no rosto impenetravel do meu companheiro.

Nem uma nem duas! Contei-lhe então facecias, anedoctas, casos de ladrões, historias extranhas. Eu dava tudo por lhe ouvir a voz, por vêr se aquelle mono pataz fallava, se tinha cerebro, se ligava duas idéas.

Manias minhas!

Afinal aborrecido com tão casmurro silencio, entrei a admirar os bellos quadros que se desenrolavam por deante da nossa vista.

Delicioso!

Os meus olhos repousavam-se com infinita curiosidade nos campos ondulantes de trigo, nos muros asperos do tojo e de hervas empoeiradas, nas casas pintalgadas dos brazileiros, nos ranchos de mulheres que de largo chapeo desabado mourejavam cantando e rindo por entre as altas hervas, nos declives macios de verdura, no renque de choupos que olhavam melancholicamente a agua dos regueiros, e de repente sem querer, ao reparar n'um adoravel recanto de paizagem, cheio de sombra e de frescura, murmurei:

— Explendida cousa!

O sacerdote volveu o olhar embezerrado, e como que surdindo de uma intuspecção profunda, indagou a causa da minha exclamação. Apontei-lhe o sitio, e visto que a malla-posta ia de vagar, por causa de uma subida da estrada, tive tempo de explicar a belleza que me impressionara.

O homem attendeu-me, e depois contemplando vagarosa e pachorrentamente a paizagem moeu e remoeu uns monosyllabos e em seguida expectorou estas vozes:

— Cresce-me a agoa na bocca...

— Que me diz?

— Aquillo, sim, que era um sitio para uma boa merenda!

E para dizer aquillo viera callado todo aquelle tempo!

E eu ouvi-o, e não cai morto, estourado de riso como o poeta grego Philémon quando viu um onagro a comer figos sobre uma mesa!

Para o meu companheiro aquelle formoso sitio não tinha outra utilidade, nem poderia servir senão para uma succulenta e farta merenda.

Fossem-lhe lá dizer que ha momentos em que as arvores, os rochedos e os musgos das penedias conversam comnosco, e nos dizem cousas que os homens não saberiam dizer-nos! Se alguem ousasse affirmar-lhe cousa tão temeraria, ouviria como resposta a mais estrondosa gargalhada.

Eu todavia não digo que um sitio que nos surprehenda pelo seu pittoresco e pela sua belleza, sirva tão sómente para que os poetas e scismadores afinem os bandolins, e ahi se fiquem a cantar eternamente o

triumpho e a gloria da Vida Univerſal, e que ſeja deſcabido depois de uma ode comer á ſombra das arvores uma boa merenda, juſtamente como aquella a que aſſiſtimos na gravura.

Cada couſa tem o ſeu lugar. A alma tem as ſuas aſpirações, os ſeus ſonhos, os ſeus devaneios, o corpo, eſte noſſo groſſeiro involucro, eſta veſtidura de lodo, como lhe chama um perſonagem de Shakſpeare, tem egualmente as ſuas neceſſidades, e as ſuas inclinações fataes e invenciveis.

Quando uma ſe embebe na muſica divina e melodioſa da paizagem porque não hade o outro reſeſtelar-ſe nas venturas que o regalam?

O que me impreſſionou fortemente foi o eſcluſiviſmo do ſacerdote, cujo dicto nunca ſe me varrerá da memoria, ouça eu as couſas que ouvir, viva eu os annos que viver.

Aquella familia que os leitores eſtão vendo ſentada nas hervas, n'um grupo alegre e ſaudavel não ſei ſe penſa como o meu antigo companheiro de jornada.

O que ſei é que eſcolheu um bello ſitio, cheio de ſombra, para o ſeu banquete campeſtre que aqui para nós me cheira a anniverſario, a uma d'eſtas feſtas encantadoras, que deixam um largo e profundo veſtigio no coração dos que entram no outono da vida, e um ſulco luminoſo e perfumado na memoria das creanças.

Deve ſer um anniverſario, e d'aquella formoſa ſenhora que apezar da ſombra das arvores teima em abrir o chapellinho, receioſa de que os beijos do ſol a façam trigueira.

Como ſe foſſe feio ſer trigueira!

Lá diz a cantiga:

Chamaſte-me trigueirinha,
Sou trigueira, bem o ſei.
Trigueirinha é a pimenta,
E ſerve á meſa do rei.

Uma das filhas, com o calix em punho, faz menção de a brindar, o marido acompanha a ſaudação da creança, emquanto o filho vem a deſcer pelo atalho, correndo, com um ramilhete de flores ſylveſtres, colhidas por elle proprio, e que a mãe eſpera com moſtras de viva e impaciente alegria.

— Mamã, á ſua ſaude, torna a pequerrucha, emquanto a irmãſita mais nova retouça feliz e contente na freſcura da relva.

E todos erguendo os calices, ſaudarão a encantadora mãe da familia que mais tarde ao ver os filhos creſcidos e fortes, ſe recordarão d'aquelle bom dia franco e jovial, paſſado na liberdade do campo, em que não houve uma nuvem ſequer na limpidez do ceu, em que os filhos e o marido pareciam tão felizes, e em que a alegria jorrava tão ampla e tão deſafogada.

Quando ella mais tarde voltar áquelle ſitio, talvez encontre outro grupo, outra familia, a feſtejar tambem o anniverſario de algum ente querido e eſtimado, e eſcutará talvez a muſica de outros ninhos, e o mimoſo e riſonho chalrear de outras creanças.

GONÇALVES CRESPO.

SOROR MARIA DO CÉO

(Continuado de pag. 42)

STE diſcurſo é recheiado até o fim de maximas e ſentenças moraes, que baſtava a meſtra das noviças ter aprendido metade da lição para eſtas não terem de que ſe queixar das demaſias da ſua auctoridade.

Pede agora a palavra o pardal. Que admira a ouſadia ſe hoje até as gralhas fallam em S. Bento, e encontram outras gralhas que as apoiam e applaudem! A madre das confiſſões é a ouvinte d'eſte pregador de nova eſpecie. Abre aſſim o capitulo:

«Fez o pardal ſeu ninho em uma arvore viſinha á janella de certo confeſſionario, a tempo que n'elle entrava a religioſa, que adminiſtrava aquelle officio, e dizia enſadada: Perdôe Deus a quem me obriga a ſoffrer impertinencias de frades.»

Conclue-ſe d'eſte enunciado que os frades, em mil ſeiſcentos e tantos, já eram olhados de revez pelas freiras. Officiaes do meſmo officio. Vamos ao que diſſe o:

PARDAL. — «Senhora não cuideis em que ſão frades, cuidai ſó em que ſão ſacerdotes, e aſſim achando-vos indigna de ſervil-os, vos achareis capaz de toleral-os, olhai-os com attenção em o altar, e logo vos humilhareis no confeſſionario.»

Quem poude paciente ouvir um ſoldado raſo da milicia alada, com que enlêvo não eſcutará agora os requebros de um rouxinol? É eſte o encarregado de fallar ás ſachriſtãs do convento da Eſperança. A occaſião em que o caſo ſe deu foi eſta:

«Entrou pelo côro a ſachriſtã-mór com as ſuas companheiras, e uma dizia: «Vós, ſenhora, honrais eſte officio.»

Pelo que ſe vê a ſachriſtã, fallava já pela bocca dos jornaliſtas d'agora.

Que honra o lugar que occupa diz-ſe hoje de qualquer materialão que tem a carta do conſelho como complemento da ſinécura, e ninguem ſe lembra de vingar a verdade ultrajada pela liſonja.

«O rouxinol ſobre uma roſeira que fazia cortina á janella do côro, deixou de cantar á roſa, para reſponder á freira.»

Bem haja elle, que aſſim diſcurſava:

ROUXINOL. — «Reparai, diſſe, o como fallais, que vós outras não honrais o officio, o officio é que vos honra a vós, officio, ſenhora, que vos faz umas ſacerdotizas.»

Do rouxinol digo eu agora que devem aprender os politicos a não dizer louvainhas aos chefes dos ſeus reſpectivos corrilhos que não honram os partidos, antes ſão os partidos que os honram a elles, ſe uns e outros, o que ás vezes accontece não minam cegos como a toupeira, nem ſe rojam inſidioſos como a ſerpente, balando reputações e aſſoviando doeſtos.

Faz o homem injuria ao gallo em o ſuppor deſmemoriado, e como tal incapaz de dar conſelho que ſe baſeie na experiencia — a meſtra da vida — como um philoſopho lhe chamou em tempo e os que o não ſão tem depois repetido na fé dos padrinhos.

Pois a noſſa freira teve artes de obrigar o gallo a fallar com ſenſo commum, a ponto de ſe fazer ouvir pela rodeira do convento, apezar de ſer longa a prelecção que lhe deu.

«Ao abrir da porta vendo a porteira um gallo, que cantava em um pateo, disse: este gallo me accompanha em as madrugadas.»

Ai! bocca que tal disseste, que tanto bastou para dar azo a este discurso.

Gallo.—«Senhora, em as auroras, em as manhãs, e em as tardes, não das aves brutas, não das creaturas irracionaes vos haveis de accompanhar, mas sómente do que dirão de vós em este officio. Que dirão se tiverdes a porta aberta sem necessidade? Que dirão, se chegardes a ella sem véo? Que dirão se permittirdes entradas, não sendo muito precisas? Que dirão se tiverdes de chegar a ella sem muita causa? Se a tiverdes aberta sem necessidade, dirão que quereis vêr. Se chegardes a ella sem véo, que quereis ser vista.»

Não tenho documento comprobativo da passagem d'este gallo orador por Coimbra, mas conheço centenas de bachareis formados que lhe não chegam aos esporões, principalmente na sagacidade com que elle suspeita «que freira sem véo deseja ser vista;» aphorismo que sae da área da capoeira para o amphitheatro academico da sala dos capellos.

Era de razão que a rodeira não ficasse sem levar para o seu tabaco, e foi o que aconteceu, como se verá.

«Entrou a rodeira para a sua officina com um d'aquelles passaros que ao campo furtam o verde, ás rosas o encarnado e ao homem a voz. Com este fallandolhe dizia:»

Rodeira.—«Fallai meu papagaio, que já estamos em a nossa roda.»

Papagaio.—«Na roda, senhora, não serve quem falla como papagaio, haveis de diser-me: Calai, por que estamos na roda, que para esta só é quem falla pouco. Papagaio, que grita, papagaio que falla, papagaio que inquieta, não é para aqui, aonde se hade saber que só ha pé para servir, e não ha voz para conversar.»

Se todos os papagaios fossem tão discretos como este era, trabalharia menos a campainha da presidencia da camara electiva, e seria menos caudal a corrente de bernardices da imprensa, que se diz representante da oppinião publica.

A pêga vai agora entrar de semana com a escrivã. «Passeiava aquella pelo claustro ao tempo que a escrivã do mosteiro, vendo-a, dizia para outra religiosa:

Escrivã.—«Esta pêga me furtou hontem um tostão de uns trocos que ali tinha da communidade, e lhe achei muita graça.

Pêga.—«Pouca graça tendes vós, respondeu a pêga, quando achaes a quem furta por vossa conta, mas deveis entender que mais vos deve ir em um tostão da communidade, que em um anno da vossa tença.

Esta ave illustrada parece estar fallando menos com a escrivã de um convento, do que com um escrivão de fazenda do nosso tempo, ou com o thezoureiro de um banco, ou ainda com a commissão fiscal de uma companhia fabril, ou direcção de uma associação de beneficencia. É por que as grandes verdades são de todos os tempos.

Tambem a rôla vae dizer o que entende á celleireira.

Celleireira.—«Em o celleiro me comem o trigo as formigas, em os moinhos me moem mal as farinhas, em o fôrno me queimam o pão; as freiras queixam-se, e eu não sei que faça para remediar tanto damno; mas assim passaremos, porque nem só de pão vive o homem.

A Rola.—«Se tiverdes cuidado com a porta, não entrarão as rôlas, e se a tiverdes com o celleiro, não entrarão as formigas.»

E por aqui fóra seguem os conselhos da rôla, de modo, diz-se no final do conto, «que a celleireira tratou de alimpar o seu celleiro de formigas, e a sua obrigação de negligencias.»

D'onde menos se esperam as cousas d'ahi é que ellas vem. Quem diria que o ganso havia de discretear como um doutor, e sentenciar como um juiz. A leitura fará fé do que eu digo. Em a proviforia se queixava a official d'aquelle officio, de que lhe desperdiçavam os adubos, quando por este theor lhe respondeu o Ganso:

—«Nem os mandeis esperdiçar, nem prohibir, que tão máo é o diminuto, como o superfluo, e para que melhor o advirtais ouvi a obrigação do vosso officio. Haveis de dar o comer ás religiosas, pobre e asseado, bem feito, e a horas: pobre, porque a mesa hade diser com o habito, e quem pede estamenha para vestir, não hade pedir perdiz para comer: regalos de valor não se compram a preço da communidade: asseado, por que a limpesa é a melhor iguaria, e esta não está prohibida na mesa da abstinencia: bem feito, porque ainda que as vejais obrigadas á mortificação, estais vós obrigada á caridade; de pouco custo como a pobres, mas de bom tempero como a mulheres.»

Applicando a moralidade d'este conto ás instituições contemporaneas, recommendo-a ás directorías dos collegios e asylos, para que dêem aos rapazes refeições «pobres, mas de bom tempero,» e limpas tambem, por que, como diz a freira, «a limpeza é a melhor das iguarias.»

O discurso da pomba á enfermeira não é menos para ser ouvido e aproveitado, do que o antecedente. Reparem:

Enfermeira.—«A minha obrigação é assistir ás doentes.

Pomba.—«E por que melhor conheçais, senhora, que é essa a vossa obrigação, vos dignae de ouvir-me estas verdades, tão claras como a minha côr, tão candidas como a minha natureza. Vós das doentes sois mãe, sois irmã, sois amiga, sois companheira, sois escrava, e sois senhora; vêde agora a obrigação em que vos deixam todos estes titulos. Sois sua mãe, porque as afaguais; sois sua companheira, porque as assistís; sois sua amiga, porque as remediais; sois sua escrava, porque as servis; sois sua senhora, porque as mandais; e sois sua irmã, porque o sois; e com todos estes officios que lhe fazeis, mais lhe deveis vós em o merecimento, que ellas vos devem em o beneficio; mais ganhais vós servindo um dia ás doentes, que se servireis um anno ás sans; servir os sãos é servir a quem se pode servir, servir os enfermos é valer a quem se não pode valer; lá exercita-se a virtude da humildade, cá a da humildade, e a da misericordia.»

Este arrazoado segue exemplificando uma a uma o cumprimento que a enfermeira deve dar a todas as obras de misericordia, se sabe ser deveras enfermeira, e conhecer a fundo o seu officio.

Se a exemplificação não fosse tão longa, transcrevel-a-ia para aqui, pedindo ao sr. enfermeiro-mór para a mandar copiar pelo calligrapho Godinho, emoldurar em caixilho de ouro, e pendurar nas enfermarias das casas dependentes da administração do hospital de S. José, para espelho dos enfermeiros e das enfermeiras, que só vêem o officio pelo lado da ganancia, sem clarão de luz interior que lhes allumie a caridade.

Vae agora dizer de ſua juſtiça a cegonha, dando bem merecidas bicadas na madre refeitoreira, a propoſito d'eſta negar um livro de orações dos que no refeitorio ſe liam, a uma religioſa que lh'o pedia. Fallou aſſim:

A Cegonha.—«Senhora livros taes não ſe negam, antes ſe offerecem; como vos atreveis a negar a voſſa irmã um divertimento juſto, uma converſação ſanta, uma lição divina, que tudo iſto ſe acha em um livro eſpiritual? Quereis que vá aprender nas comedias a ſer dama, nas novellas a ſer conquiſtada, nos verſos flores inuteis, nas profanidades fructos venenoſos?»

Ai, ſoror Maria do Céo, ſe tu viveſſes hoje! A ingenuidade das tuas perguntas, poſtas em vulgar pela cegonha, dão-me a entender que tu não ſuſpeitavas em 1752, em que profundo abyſmo haviam de cair as lettras portuguezas, jogadas á petiſca ahi a qualquer canto por dezenas de maltrapilhos intellectuaes, que copiam do nu, e fazem gala de raſgar o delgado ſendal com que Camões reſguardava a ſua Venus, para não apparecer em publico como as eſtatuas encontradas nas ruinas de Pompeia. Candida freira! As comedias d'agora não enſinam a mulher a ſer dama, como tu temias, mas ſim a ſer fêmea, á viſta de Deus e de todo o mundo.

Nas novellas modernas as mulheres não aprendem a «ſer conquiſtadas,» como tu receiavas para as tuas noviças: ſão ellas quem conquiſtam, ainda ſe foſſe corações, vá; mas o que ellas levam de aſſalto é a bolſa de quem ſe deixa embair por uma plaſtica mentiroſa, arranjada á franceza por conta da «Mode Illuſtrée» e das modiſtas que aperfeiçoam os encantos naturaes das peccadoras.

De verſos então não fallemos. A unica pecha que tu lhe punhas era a de ſerem «flores inuteis.» Se tu lêſſes os de agora, madre da minha alma!

Eu não ſei ſe alem mundo ſôa o que por cá vae. Se tal é, peço a tua attenção para alguns rapazes que ahi eſcrevem verſos, como os ſadiſtas «fazem eſcovinhas,» trocando os pés em danças macabras; e enxovalhando a arte com geringonças metricas, a que na poetica do ſeu uſo d'elles ſe chama «realiſmo, proceſſo ſocial, eſcola do futuro,» e outras que taes girias, deſconhecidas nas enxovias das cadeias publicas.

Vamos adeante. Agora, e ao terminar, é a coruja que ſe dirige á roupeira. Para iſto baſtou ella dizer: «D'aqui,—da caſa da arrecadação—tome cada qual o que lhe toca.»

Coruja.—«O que toca a cada qual, é a ſua roupa mui rica de aceio, e mui pobre de curioſidades.

E accreſcenta:

«Não lhe mandeis veſtir cilicios que não eſtão na Thebaida, nem lhe deis hollandas, que não eſtão em o mundo: açucenas tecidas, jaſmins fiados, merece o contacto das mulheres puras, mas pano pobre, tear groſſeiro ſe deve dar a mulheres ſacrificadas. Em os habitos, adverti, não façam galla de mortalha, que iſſo ſerá fazer zombaria da morte»

Páro aqui, para deixar bem vivo na memoria de todos, o ultimo bom conſelho que nos deixou Soror Maria do Céo, e que eu podia, mas não quero fazel-o, mudando as fettas em grelhas, applicar a muita gente minha conhecida que baſtante neceſſitava d'elle.

Refiro-me n'eſte capitulo a outras obras da meſma freira, e entre ellas ás «Obras Varias» onde ſe lêem alguns apologos em proſa dignos da auctora das «Aves Illſtradas» apezar das «moralidades» ſerem um pouco arraſtadas, e em desharmonia com o tom lepido e defenſadado da narrativa que ellas commentam.

Ahi damos dous apologos para amoſtra, ſupprimindo-lhes as moralidades, que os tornaria demaſiado extenſos.

A Roza e a Perpetua

«Encontrou-ſe um dia a roſa com a perpetua e lhe diſſe toda abraſada, aparta-te de mim enferma, não me pegues da tua má côr: reſpondeu a perpetua: eu aſſim macilenta, por virtude propria heide permanecer perpetua, e tu com a tua côr formoſa, hoje és roſa, amanhã ſerás cadaver.»

Outro ainda, e não ſerá demais.

O Amor perfeito

«Não encontravam as flores ao amor perfeito, e cuidadoſas da ſua falta o buſcaram pelo campo, não o viram; buſcaram-no no monte, não o acharam; buſcaram-no no boſque, não o deſcobriram; buſcaram-no no jardim, não o deviſaram; buſcaram-no nas fontes, não o viram; buſcaram-no no êrmo e ahi o encontraram; e ſabendo as diligencias que haviam feito por elle, lhes diſſe, quando me buſcarem ſeja n'eſte lugar, porque o amor perfeito ſó ſe acha no retiro das creaturas.»

Ahi fica a profadora Soror Maria do Céo, deixando-ſe avaliar pelos ſeus proprios merecimentos, em um livro não roido das traças, nem conſpurcado pelas licenças villãs do ſanto officio.

Como poetiza, a auctora das «Aves Illuſtradas» é muito áquem de ſi meſma, mas é dever noſſo não excluir tão gentil eſpirito do lugar que lhe pertence n'eſte recenſeamento geral dos bons engenhos femeninos da minha terra.

L. A. PALMEIRIM.

O HOMEM DO MAR

E um dia a fraternidade univerſal, a confederação amigavel de todas as nações do mundo podeſſe tornar-ſe uma realidade, ſe em todos os corações podeſſe dominar o meſmo ſentimento e em todos os eſpiritos a meſma idéa, quem conſeguiria operar tal maravilha, quem lograria realiſar tal intento ſeriam os homens affeitos aos rudes trabalhos do mar, familiariſados com a grandeza da tempeſtade, habituados a affrontar as indomitas paixões dos dous infinitos com que luctam, e a ſorrir ás iras do ar e ás coleras da agua!

Como para eſſes animos, educados entre a enormidade do perigo e acoſtumados á enormidade da lucta, parecerão pequenos e miſeraveis os tormentos que deſencadeiam tão frequentemente as paixões dos homens na terra! Como a mais temeroſa das revoluções ſe lhes afigurará inſignificante, a elles que contemplaram tantas vezes as revoltas ondas affrontando sa nuvens, os ventos açoutando as aguas,

O HOMEM DO MAR

os rochedos do mar erguidos e impaſſiveis, desprezando ſimultaneamente os impetos da vaga, o raio das nuvens, a colera das rajadas! Como eſſes homens, ſeja de que paiz fôrem, educados na meſma eſchola, fluctuando no meſmo capricho incerto da navegação, habituados a conſiderar pequena a terra, em comparação da grandeza dos mares, como eſſes homens, dizemos, commungando na meſma religião de idéas e de ſentimentos, ſe compreendem bem, ſe eſtimam mutuamente, ſabem fazer uma familia unica deſde um ao outro confim do globo, em toda a parte onde o balouço indolente ou alteroſo das aguas poſſa levar os ſeus baixeis! Como elles ſe amam e ſe ſoccorrem fraternalmente nos perigos communs, como elles facrificam generoſamente a vida, quando a vida do ſeu ſimilhante em riſco lhes pede a ſalvação!

Vêde! A indole dos ſabios, apezar da perenne communicação de idéas pelo poderoſo laço da imprenſa, differe de um paiz para outro; o caracter dos negociantes, apezar do coſmopolitiſmo das relações commerciaes, diverge nas differentes nações, a phyſionomia moral do militar, não obſtante a uniformidade da educação da força armada em todos os eſtados cultos, tem differenças ſenſiveis tambem; ſó o typo do homem do mar é o meſmo e uniforme nas mais diverſas regiões do mundo! Official de marinha ou ſimples marinheiro, tripulante dos mais alteroſos navios mercantes ou das mais humildes catraias, filho do norte ou do ſul, de um ou de outro hemiſpherio, da zona torrida ou da frigida, o mar dá-lhes o meſmo baptiſmo, inſpira-lhes os meſmos penſamentos, educa-os no meſmo culto, fórma-lhes a alma pelos meſmos moldes, enſina-os a vêr Deus ſob o meſmo aſpecto, ou ſorrindo nas alegrias da bonança ou irado nas cóleras da tormenta!

Eſſe velho que a noſſa gravura repreſenta, Diogenes vivendo tranquillo dentro do ſeu cabaz, é um typo coſmopolita. Aquella phyſionomia impaſſivel de quem tem por habito affrontar ſereno o perigo, aquella confiança com que eſpera a morte como arribada forçada da ultima viagem a porto ſeguro e ſem parceis, aquella fria reſignação no ſoffrimento, aquella frugalidade na vida, aquella affectuoſa companhia do cachimbo, companheiro fiel das ſolidões, microſcopica ironia aos frios do liquido elemento, aquella face creſtada e que as rugas da edade ſulcam fundo, aquelle todo patriarchal e indolente, é commum a todos os homens do mar, qualquer que ſeja o ſeu paiz, que em toda a parte as ondas ſão tranſparentes e o céo azul, e a tempeſtade caliginoſa e a briſa maritima violenta, e as arêas da praia douradas, e os rochedos da coſta eſcarpados e aduſtos! Em toda a parte o ſol brilha com o meſmo fulgor e a lua amiga prateia a ſuperficie liſa das aguas! Em toda a parte ha perigos e trabalhos, naufragios e eſcolhos, ou nas criſtas vivas das rochas ou nos bancos traiçoeiros das arêas!

Um bom gibão para agaſalhar o corpo, a perna quaſi nua, o barrete que aqueça bem a nuca, o pé deſcalço, e faça Deus bom tempo ou mande a tempeſtade, que para o marinheiro é iſſo quaſi indifferente. Conhece eſſas viciſſitudes, deſde pequenino, com ellas ſe creou, no meio d'ellas medrou e creſceu, ſem que o animo ſe lhe commoveſſe mais porque o trovão ronque no eſpaço ou porque o ar pareça adormecido a namorar-ſe do proprio azul no azul eſpelhado da agua! Para as raras horas de repouſo, qualquer commodidade é goſo, qualquer refeição é regalo. A ſua coſinha é ſobria como a de um eſpartano, o ſeu ſibaritiſmo eſtá no fundo de uma garrafa com algumas gotas de bebida alcoolica que aqueça e retempere o organiſmo. Aquelle cabaz toſco e duro é luxuoſa e commoda cadeira para os ſeus ocios, e que o ſol dardeje a prumo os ſeus raios, ou que os chuviſcos lhe molhem o veſtido é para elle o meſmo. Nem ſe lhe apaga o cachimbo na bocca, nem a confiança no coração!

A hiſtoria d'eſſe homem é a de todos os homens do mar. Naſceu á borda do mar; viu pela primeira vez o ſeu roſto pequenino no eſpelho das aguas e costumou-ſe a deſprezar os vidros polidos que a ſociedade fabrica; brincou creança na praia, apanhando conchinhas, ou fazendo caſtellos de arêa, e pouco lhe durou eſſe brinquedo, que logo começaram para elle os trabalhos e fadigas na tripulação fadigoſa do batel; a vara e o remo tornaram-ſe-lhe familiares; aprendeu a remendar a vela e a alcatroar o caſco do ſeu fragil lenho; afoutou-ſe ao mar e aprendeu a luctar com as ondas; nadou inſtinctivamente, como os peixes, — no verão porque ia refreſcar o corpo nas aguas transparentes, no inverno, porque ia roubar ao mar alguma das ſuas preſas nos ſalvados de navios alli perto naufragados. A vida aprendeu a deſprezal-a, quando viu tantos dos ſeus companheiros engolidos na voragem immenſa e myſterioſa das vagas. A eſcóla do mar tornou-o philoſopho; a religião foi-lhe enſinada por ſua mãe no berço, e completada pelo proprio Deus no mar e no vento. Ergue alto o ſeu eſpirito e falla com o Creador nas mais ſublimes obras da creação. Ahi aprendeu a amar a familia, como porto ſeguro de naufragios, ahi reconheceu no lar domeſtico a enſeada tranquilla dos vendavaes da exiſtencia, ahi ſoube que todos os homens ſão eguaes em pequenez e em fraqueza deante da força omnipotente dos ventos e das vagas; ahi fez a ſua aprendizagem de fraternidade nos perigos, e ahi ſe educou para a liberdade, pelo exemplo dos elementos, que poder algum contém ou reprime; mas viu na liberdade deſenfreada o temporal, viu na bonança a ventura, e amou inſtinctivamente a liberdade tranquilla e ſerena. Não ſabe fazer revoluções porque ſe envergonha de querer imitar o mar. Depois um dia chamaram-n'o ao ſerviço, mandaram-n'o morrer ou vencer por uma bandeira, que era para elle como um outro ſymbolo religioſo, porque deſde pequenino a vira fluctuar nos dias feſtivos á pôpa do ſeu barquinho. Deram-lhe por habitação um alteroſo navio onde tremulava eſſa meſma bandeira, tanto baſtou para o fazerem heroe: a morte apreſentou-ſe-lhe ſob dous aſpectos; já a conhecia n'um, facil lhe foi familiariſar-ſe com ella no outro. Trabalhou, ſoffreu, foi vencedor ou vencido; e a patria não ſe importou mais com elle, nem elle eſtranhou a indifferença, como quem nada eſperava nem pedia em recompenſa do ſerviço. Reſtituira-o ao ſeu lar, á ſua praia, que mais podia deſejar? Envelheceu tranquillo e ſatisfeito, contando aos rapazes da aldeia as miraculoſas narrativas das ſuas viagens, das longas terras que viu, das eſtranhas gentes que conheceu, dos recifes e parceis por onde arriſcou a vida, dos perigos de que ſe ſalvou, dos recurſos que a ſerenidade d'animo e a providencia lhe depararam nos momentos criticos, da ſua fé na Virgem da Bonança, do ſeu fataliſmo religioſo, que o leva a eſperar ſereno e reſignado a hora da viagem eterna.

No mundo nada o afflige ſenão o golpe que tem no pé direito e que o obriga a trazel-o envolvido n'um trapo, embaraçando-lhe a liberdade dos movimentos na arêa ſecca ou na borda do mar.

É aquelle o ſeu maior, o ſeu unico deſgoſto no momento em que o contemplamos.

Quantos dos felizes da terra, dos opulentos, dos poderosos, dos festejados, dos que têem renome universal, dos que cingem o seu nome com a aureola da gloria, invejariam a sorte do homem do mar, tendo por unico desgosto uma ferida n'um pé!

CHRISTOVAM DE SÁ.

SCENAS HISTORICAS DA INDIA

PERO DE MASCARENHAS E LOPO VAZ DE SAMPAIO

(Conclusão)

Dom Simão de Menezes, que presava o caracter e admirava os elevados feitos de Pero de Mascarenhas, tratava-o mais com as solicitudes de amigo do que com os rigores de carcereiro.

O procedimento de Lopo Vaz com os fidalgos em Gôa, o modo arrebatado e protervo por que rasgara os requerimentos de Mascarenhas, requerimentos em que este pedia, com a maior lenidade, que lhe fizessem justiça, indignou o caracter probo de Dom Simão de Menezes.

Mandou soltar Pero de Mascarenhas, levou-o á egreja e ahi foi em presença de todo o povo, depois de lida a successão, reconhecido como legitimo governador da India.

Mascarenhas, tomando a palavra, *disse alto* o modo por que as cousas se haviam passado.

Estavam na India, de facto, dous governadores. Desde muito que o horisonte tinha o cariz mal assombrado. Depois d'este momento carregava-se a ponto, que, a não se dar um milagre de prudencia, quando o furacão rebentasse, seria pavoroso o naufragio!

Affonso Mexia, assim que a nova chegou a Cochim, tremeu d'ella por que a consciencia lembrava-lhe os cruentos aggravos que fizera a Pero de Mascarenhas.

Lopo Vaz, ao saber o facto em Gôa, enfureceu-se, mordido por haver entregado Mascarenhas a outra guarda que não fosse a sua, e ficou grandemente sobresaltado com a idéa de que viesse a Gôa onde tinha o melhor dos fidalgos que lhe eram affins.

Antonio de Miranda d'Azevedo, capitão-mór do mar, pessoa de grandissima importancia, logo em seguida a ser reconhecido Pero de Mascarenhas, como governador, passou com a sua armada por Cananor a prover a fortaleza do que houvesse mister.

Quando surgio na bahia, Pero de Mascarenhas procurou trazel-o a si, pedindo-lhe que lhe entregasse a armada para depois a receber, já de suas mãos, como governador.

Antonio de Miranda respondeu que precisava entender-se com Lopo Vaz, a vêr se este caia na razão, e que no caso de vêr que persistia na sua contumacia, daria *preito* e *menagem* a Pero de Mascarenhas, reconhecendo-o como governador.

Chegado a Gôa, Antonio de Miranda participou a Lopo Vaz o que se havia passado, aconselhando-o a que désse a Mascarenhas o que de direito lhe pertencia.

Lopo Vaz, nos impetos do seu genio fogosissimo e da sua larga ambição, voltou-se contra Antonio de Miranda, ameaçando-o de lhe tirar das mãos a capitania-mór da India.

N'este ponto o caracter de Antonio de Miranda, traçado pelos chronistas, ainda os mais lettrados, apparece-nos por tal fórma indeciso que não nos atrevemos a dar-lhe uma certa e determinada feição.

Acurva-se a Lopo Vaz olhando com sordido apego aos interesses pessoaes ou emprega a prudencia como unico profilatico para prevenir o perigo?

Não é facil a resposta.

A situação era melindrosissima, e a dobrez dos caracteres quasi geral.

Diogo do Couto se diz implicitamente que Antonio de Miranda — em presença da indignação e ameaça de Lopo Vaz, negou a Mascarenhas como Pedro a Christo, logo adeante, referindo-se a Miranda e a Christovam de Souza, acrescenta:

«Só tratavam estes fidalgos de apaziguar a India!»

No gravissimo ponto a que as cousas haviam chegado era forçoso tomar uma resolução — embora perigosa e audaz.

Foi o que se fez.

Resolveram remetter a controversia a arbitros cujo voto decidiria a qual dos contendores devia pertencer a governança da India.

Lopo Vaz e Pero de Mascarenhas teriam de subjeitar-se a esta decisão sob pena dos fidalgos, todos á uma, se lançarem do lado d'aquelle que mantivesse o compromisso.

A questão havia de resolver-se em Cochim, e por um momento não se deu n'aquellas aguas uma pavorosa tragedia das muitas que têem manchado de sangue fraterno a historia da humanidade.

Em quanto á consciencia dos juizes, as palavras de Diogo do Couto são claras:

«E por que viu Lopo Vaz tão acceso, e cheio de paixão, sem embargo do juramento que tinha feito, lhe descobriu (Antonio de Miranda) os juizes que estavam declarados, com o que Lopo Vaz se desapaixonou, ficando muito desaliviado.»

Pero de Mascarenhas soube isto por uma carta que lhe veio parar ás mãos, carta escripta pelo proprio Antonio de Miranda a Affonso Mexia.

Mascarenhas tinha a certeza de que a sua causa estava perdida, e dispunha-se a voltar para o reino a requerer do rei e dos seus desembargadores — justiça. Vendo, porém, que Lopo Vaz, contra o que promettera e com petulante audacia se queria conservar no galeão D. Diniz, que por si só podia bater-se com toda a armada, tendo a bandeira de governador na gávea, não poude conter, apezar da tempera do seu caracter, um impeto de furor, aliaz justissimo, e mandou içar na sua gávea, bandeira de governador.

Foi esse o terrivel momento de que acima fallámos.

Christovam de Souza logrou aquietar Pero de Mascarenhas.

Concertou-se, pois, que em quanto os juizes não decidissem a causa, os dous se separassem e ao dispararem cada um seu tiro de peça, arreassem a um tempo as bandeiras das gáveas.

Os juizes resolveram a favor de Lopo Vaz. Era a prova final e inconcussa da corrupção d'aquelles espiritos.

Mafcarenhas ouviu a nova com femblante imperturbavel.

O vencedor de Bintão, feito importantiffimo e brilhantiffimo, punha a prôa no occidente, calumniado, affrontado, covardemente traído, mas tranquillo na fua honrada confciencia, porque Pero de Mafcarenhas, no meio de todos aquelles homens, é o unico vulto verdadeiramente digno, fereno e elevado.

Pero de Mafcarenhas, quando chegou a Portugal, foi bem recebido por D. João III. Caftanheda e Mapheu, que fegue paffo a paffo Caftanheda — dizem que Lopo Vaz fôra condemnado em vinte mil cruzados (ordenado de dous annos de governador) porém João de Barros nega o facto affirmando que foi falfidade de Caftanheda porque bufcara em todos os cartorios a fentença e não a encontrou.

Diogo do Couto refere-fe a efta paffagem, mas abfteve-fe de declarar em qual dos chroniftas eftá a verdade.

Pero de Mafcarenhas não requereu nunca contra Affonfo Mexia.

D. João III comprehendeu quaes eram as fuas intenções, e como o vedor da fazenda eftava para chegar a Portugal e el-rei lhe era affeiçoado, deu a capitania de Azamor a Mafcarenhas. Os defignios d'efte dil-os Gafpar Corrêa nos feguintes termos:

«E El-Rey dava eftas ocupações a Pero Mafcarenhas por que non eftiveffe em Portugal, pelo temor que tinha que avia de tomar vingança de Afonfo Mexia, por que fabia El-Rey que Pero Mafcarenhas era muyto homem para o fazer e nom eftimar por yfto fete vidas.»

Pero de Mafcarenhas, o intrepido e pundonorofo, governador, que tivera tantas fombras e tanta luz na fua brilhante e tempeftuofa exiftencia, terminou n'uma tormenta.

Na volta a Portugal fubmergiu-fe o barco em que elle vinha.

D. Nuno da Cunha, quando chegou á India, como governador, mandou prender Lopo Vaz. Efte, ao darem-lhe a nova, refpondeu:

«Dizei ao governador, que eu prendi, e elle me prende; lá virá quem o prenda a elle.»

E affim foi!

A Lopo Vaz de Sampaio perderam-no a defmefurada ambição, o orgulho indomavel e a venenofa influencia de Affonfo Mexia; porém D. João III e os feus confelheiros portaram-fe com elle, cruel e miferavelmente.

Lopo Vaz não era fómente um bravo, era um homem de efphera fuperior. Ainda olhando ao efpirito da epocha, o procedimento do rei, repetimol-o, foi iniquo e cobarde.

Lopo Vaz, fendo uma creança, quafi, em Africa, fob as ordens do conde Prior, rompera na frente dos corredores, quando o conde fizera uma entrada em Alcacer Quibir.

Na flôr da mocidade, fôra dos primeiros a transpor, á efcala vifta, os muros de Gôa e de Adem, debaixo dos olhos de Affonfo de Albuquerque.

No eftreito, falva o proprio Albuquerque, contra a vontade dos officiaes, d'um naufragio imminente.

Como governador não fó praticou feitos d'armas brilhantiffimos, mas preftou grandes ferviços na India.

Tal homem era mandado para o reino na peior das náus, tendo camara na eftancia dos grumetes. Na ilha Terceira lançaram-lhe os ferros com tal deshumanidade que efteve para ficar fem uma das pernas.

Defembarcando em Lisboa é expofto á irrifão da gentalha, que o cobre de affrontas.

Separado de amigos, de parentes, de mulher, da qual, fegundo a fua phrafe, efteve como viuvo sete annos.

Quando Lopo Vaz fáe da fombra dos feus erros e dos feus infortunios para defender a fua caufa deante do rei e dos defembargadores, é uma altiva figura e fão nobres as fuas palavras:

«Senhor. Por certo que eu hei efta por huma das maiores affrontas que tenho paffadas, haver de defender com a lingua o que tenho ganhado pela lança com tanto trabalho.»

N'efta falla, como fe lhe chamava então, Lopo Vaz tem relanços de verdadeira e tocante eloquencia.

Hoje, aquelles que invocam a hiftoria do paffado para deprimir os annaes dos noffos dias é porque não vêem as coufas com olhos defaffombrados, fenão a cada momento teriam de fe ufanar com o progreffo que nos traz a civilifação da epocha em que vivemos, e trará — a defpeito de todos os vaticinadores melancholicos — periodos mais florentes ainda!

BULHÃO PATO.

S. MATHEUS

MAIS conhecido por uma phrafe celebre, do que pelos feus quadros notaveis. Refiro-me ao pintor d'efte evangelifta, Antonio Allegri, denominado *il Corregio*, por ter nafcido n'efta cidade da Italia.

Conta-fe que obfervando em Mantua as formofas télas de André Mantegna fentio crefcer em fi a onda do talento, effe preamar celefte e luminofo, e exclamou n'um impeto de natural orgulho: «*Anch'io fon pittore.*» Affirmam outros que Rafael lhe fufcitou o dito.

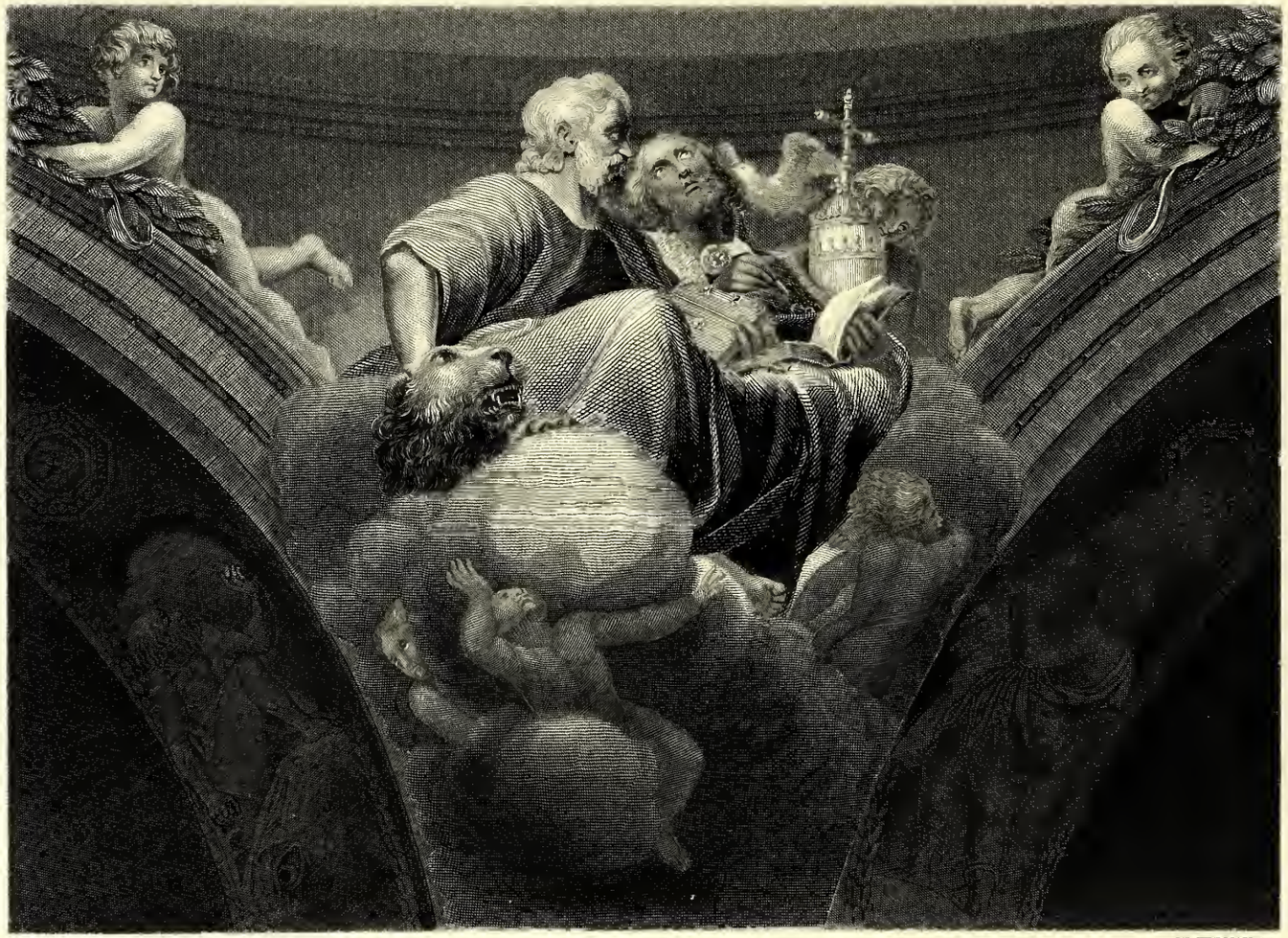
O facto é que, a partir d'effe momento, os feus quadros foram fucceffivamente ganhando em valia. Aos vinte annos pintava a *Madonna de S. Francifco*, actualmente no mufeu de Drefde. Dezefeis annos depois tocava o apogêo da arte, e pintava no Zimborio da cathedral de Parma a *Affumpção da Virgem.*

Anda-me ligada a efte nome uma recordação faudofa. Quem não as tem, e mais do que uma?... Só fe forem aquelles felizes que podem feguir a maxima de Voltaire: «*Oubliez et jouiffez.*»

Voltemos, porém, á faudade.

Tinha-me convidado para jantar em fua cafa o noffo eminente artifta João Rofa. Quem não conhece efte apreciavel excentrico, efte artifta, fob mais n'um ponto de vifta, original?

A fala de Rofa tem um afpecto de galeria. Ha fempre n'ella como que um perfume de arte. Quadros, eftatuetas, gravuras, tudo o que refpira o bello tem ali acolhimento, porque elle fabe-o afpirar com olfato fubtil. N'effa tarde tinha o lugar de honra na cafa, um pequeno quadro montado em feu cavallete, reprefentando a *Adoração dos paftores.*



CORREGGIO pinx^t W FRENCH sc

S. MATHEUS.

Rosa havia-o comprado, affiançando ser um Corregio.

Eu confesso, que, d'este ornamento de eschola lombarda, apenas houvera noticia do que diz José da Cunha Taborda a paginas 67 do *Ensaio pictorico*.

Era isto pequena bagagem para um critico.

Mas porventura eu criticava? Não; sentia-me attrahido por aquelle grupo adoravel, subjugado por elle; attenta a razão que faz com que as obras primas se imponham, tão simplesmente como o sol deslumbra.

N'isto entrou mais um dos commensaes; era Marciano da Silva.

Quem não se lembra d'aquella expressiva physionomia, emmoldurada por louros e compridos cabellos? Rapaz bonissimo, ultimo representante d'essa bohemia artistica, desenhada tão bem por Murger.

Ainda o estou a vêr, parado, extatico, deante d'aquella télasinha, que era para elle uma surpreza. Depois, com o largo conhecimento que possuia das eschola's e dos pintores, volta-se para Rosa, a quem não dera uma palavra, e exclama n'um brado verdadeiramente effusivo:—Isto é um Corregio!

Rosa pae meneou a cabeça com uma certa gravidade que lhe é peculiar, e creio que de costellas a dentro sentio côar-se-lhe um legitimo desvanecimento.

Quanto a Marciano, esse estava sentado em frente do quadro, devorando-o com os olhos, como só o fazem namorados.

Ao chamarem-n'o para a mesa, protestou que lhe aguavam o gosto, e que n'aquelle dia só queria jantar Corregio.

Finalmente, a muito custo, desamparou as regiões do ideal para se abater até á humildade de um repasto saborosissimo; mas com quanta loquacidade e enthusiasmo não sallava elle do seu pintor querido!

Se queria applaudir algum acepipe mimoso chamava-lhe *um Corregio*.

Depois... eu sei, depois decorreram dias, talvez annos; até que por ultimo elle foi descançar entre uns cypreستes, onde hoje dorme sem sonhar.

Faz isto pena!

E levado por estas recordações dou agora comigo em completa falta, não tendo ainda escripto palavra com relação ao evangelista.

Santos desculpam mortaes, quando estes se esquecem para relembrarem amigos.

A historia de S. Matheus é elle proprio que a conta n'um simples versiculo:

«E passando Jesus d'alli, viu um homem que estava sentado no telonio, chamado Matheus, e lhe disse: Segue-me. E levantando-se elle, o seguio.»

Ha d'estas fascinações supremas.

O publicano da vespera, engrossou o nucleo do apostolado. Pouco tempo depois assistia a esse drama sublime, em que uma alma juvenil e candida se devotava pela humanidade, até chegar á estulticia da cruz.

Debaixo d'essa impressão divina escreveu o seu evangelho, onde ha a imperturbavel serenidade de um depoimento. Quem aquillo escreve dá de suas palavras testemunho.

Crê-se que prégou a *boa nova* tanto na Judéa, como em outros paizes remotos, figurando o seu nome na lista piedosa dos martyres.

Pensaria elle, quando a morte lhe estendeu os braços, que a obra do mestre se radicaria eterna? E de suppôr que a luz do seu espirito se não projectasse a tanta distancia. O que elle sabia de certeza é que houvera um homem mandado por Deus, do qual o mundo ouvira as primeiras e as mais generosas palavras de amor e de liberdade.

Tel-as-ha escutado sempre?

As paixões, á similhança do vento, espalham tambem para o largo o doce murmurio dos balsêdos!

E. A. VIDAL.

ESTA GRAVURA

—

Quem eu dizendo ao leitor que esta estampa é uma linda gravura, tenho-lhe dito tudo, cuja, talvez seja melhor aproveitar o prazer da sua companhia, para contar-lhe como foi que as cousas se passaram.

A estampa é effectivamente linda; e, quando m'a entregaram,—na ultima ou penultima recita de S. Carlos—logo o cavalheiro que me convidou a que escrevesse o artigo a commental-a, me disse com ar jocundo:

—É linda, não é?

Eu disse:

—Linda!

E porque, na cadeira ao lado da minha, estivesse Thomaz de Carvalho, mostrei-lhe a estampa, por não dar ares de um segredo áquelle papel que elle viu entregarem-me e que eu me dispunha a arrecadar gravemente na algibeira de peito da casaca,

—Bonita! pondera Thomaz de Carvalho.

E, depois de examinal-a, entregou-m'a.

—Mas, perguntei ao cavalheiro que m'a havia dado, e que era, como bem deve calcular-se, o sr. Souza e Vasconcellos:—o que representa isto?

Elle sorriu-se para mim; e o seu sorriso, maviosо em todos os tempos, mas de uma uncção ainda mais doce e mystica desde que voltou de Roma, acompanhou estas palavras:

—Representa uma florista.

—Ah!

—Isto é,—accrescentou elle—creio que representa uma florista... Ou, porque melhor me pareça agora, supponho que representa uma senhora com um ramilhete...

Como eu principio a não ter a vista tão segura como n'outros tempos, de novo entreguei a estampa a Thomaz de Carvalho, e lhe pedi a sua opinião áquelle respeito:

—Isto o que figura ser?

Thomaz de Carvalho deitou-lhe o *luzio*, e:

—Não percebo bem... É... Ah! Espera... É um cesto com flores... Uma senhora que tem na mão um cesto de flores meio caido...

Vasconcellos, que viu isto, logo affirmou:

—Diz muito bem. Um cesto de flores meio caido, flores artificiaes... ou verdadeiras...

—Verdadeiras! accudi eu. É melhor ferem verdadeiras, n'um jornal portuguez. Lá fóra, porque haja poucas, vá; mas em Portugal não teria defculpa em preferir flores fingidas... nem uma boneca! Viu as rofas do Campos Porto, na expofição?

—Foi-me impoffivel lá ir. Dizem-me bem...

—Um fonho!

—Devéras?

—Um fonho. E, para mim, mais fonho ainda...

—Porquê?

—Porque os jardins de Campos Porto fão no Salitre, a meio da calçada, um pouco acima da traveffa do Moreira, onde moro, e Campos Porto habita ha nove annos o primeiro andar de uma cafa ao lado d'effe jardim...

—E então?

—E então todos as manhãs á hora a que coftumo ir para o Inftituto, encontrava, e encontro muitas vezes, effe cavalheiro, que vae metter-fe n'um carro americano, e tratar da fua vida. Uma manhã...

—Eftá-me intereffando!

—Uma manhã, notando n'elle não fei que femelhança com Theophilo Braga, entendi que foffe irmão do auctor da *Vifão dos Tempos*, e attribui a vifitas que fizeffe a João de Deus, que mora a dous paffos do predio e do jardim de Campos Porto, jardim e predio de que eu não tinha conhecimento áquelle tempo...

Soufa Vafconcellos habituado a efcrever para o theatro, diffe-me n'um tom commovido:

—E depois? Depois?

—Depois, porque me conftaffe que Theophilo Braga não tiveffe irmãos, e porque foubeffe que João de Deus tinha um irmão que o adora, entendi, attribuindo fempre a fua frequencia no Salitre a vifitas que fizeffe ao poeta, que irmão do João de Deus é que elle era. N'um dia...

—Diga tudo!

—N'um dia, fallando n'iffo a um cavalheiro, que frequenta muito a cafa de João de Deus, perguntei-lhe fe aquelle era deveras irmão do poeta...

Refpondeu-me logo que iffo não poderia fer: que o irmão era facerdote, e não eftava em Lisboa.

Soufa Vafconcellos, fixando-me:

—Empallidece?...

—Accrefcentou todavia que a peffoa de quem eu me informava, poderia, e, pelos fignaes que eu dava, deveria fer, o doutor Terena...

—O' ceus!

—No dia da expofição das rofas, porque os jornaes a annunciaffem com vivas homenagens a Campos Porto e á excellencia da rara collecção que poffuia, faí da minha cafa ferenamente, e, fubindo o Salitre, a cem paffos da traveffa do Moreira, deparou-fe-me alegremente o jardim de Campos Porto. Ao entrar, vi logo, cercado, interrogado, requeftado, pelos que o faudavam, pelos que efcolhiam rofeiras, pelos que louvavam com pafmo o numero incalculavel de efpecies que fe viam expoftas, um homem de eftatura mean, olhar intelligente, maneira e geftos de grande vivacidade; não a inquietação nervofa mas a actividade inceffante... Era elle, meu amigo, era o irmão de Theophilo Braga, era o irmão de João de Dens, era o dr. Terena! Era Campos Porto, Campos Porto é quem elle era!

—O' meu Deus, eu t'o...

—Sim! Póde dizel-o, ó meu Deus eu t'o agradeço!... E que rofas, meu amigo! Settecentas variedades, mais delicadas umas que as outras! Que de efpecies, que de cores, que de cambiantes, e que de nomes... A Cantain Chrifty, a Baronne de Rotfchild, a Socrates, a Néron, a Imperador de Marrocos, a Principe Camillo de Rohan, a Mademoifelle Anna Word, a Charles Lefévre, a Chromatella, a Scipion Cochat... Mas, depois é que eu foube, meu amigo, que Campos Porto é um fanatico, que fe dedica de ha muitos annos á cultura de rofeiras, comquanto fó ha cinco ou feis annos emprehendeffe n'efta applicação como ramo de commercio. Refifte a tudo, é um luctador de convicção, de confciencia; fabe melhor que ninguem que as vendas para Lisboa fão em pequena efcala, que o gofto pelas flores entre nós data de pouco tempo, e apenas agora começa a defenvolver-fe; que os lucros fão infignificantes, — o que não fuccede por exemplo, no Porto, onde ha muitos e bons eftabelecimentos e grande numero de amadores, fendo os fubditos inglezes grandes apreciadores de rofas. No Porto exportavam-fe annualmente, para Hefpanha e outros paizes, mais de quarenta mil pés de camelias; mas, defde que appareceu o philoxera em Hefpanha ceffou effe commercio como fe o mal houveffe dado nas japoneiras... Campos Porto tem no Salitre um jardim, que até pela altura do bairro poderia comparar-fe aos de Babylonia! A' fua expofição de rofas concorreu quanto em Lisboa conftitue o que eftá convencionado chamar-fe a fociedade. As fenhoras amadoras de rofas, andavam alli em extafi, appareceram lá todas, flores ellas mefmas, as mafculas, as femeas, as androgynas; fó ali fe não viram as rofas albardeiras, como os rufticos chamam ás flores da peonia. Tres dias de expofição, tres dias de fefta, que iam levando o Salitre a cantar como na canção do Camões:

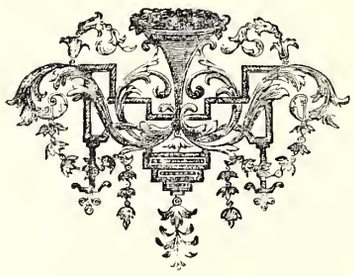
Aqui Flora
Sempre mora...

Ainda bem, meu charo Vafconcellos, que me offereceu, com a eftampa da florifta, enfejo para fallar largamente de flores; vou eftudar os jardins de Campos Porto com o zelo amorofo da febre botanica... Vou pedir-lhe que me accôlha como um neophyto, que me inftrua, que me deixe viver uns dias para a jardinagem e para a agricultura...

Na manhã do dia immediato, quando me difpunha a ir para os jardins Campos Porto, e que todo eu era idéas de rofas e de floriftas, recebo uma carta do director do jornal *A Arte*: — «Eftou maravilhado (me dizia) da minha fciencia da germanica linguagem. Qual florifta, nem jardineira, nem o diabo! O titulo allemão da eftampa fignifica *O anniverfario natalicio;* é um quadro de Conrado Rinfel. Receba um abraço do feu, etc. etc.»

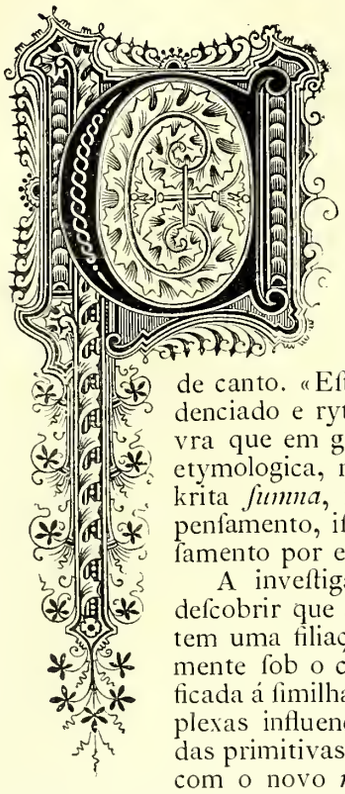
Não é nada; mas fiquei trifte. Dir-fe-hia que tinha uma florifta, e que m'a roubaram: que as rofas iam fer minhas, e o vento m'as desfolhou...

JULIO CESAR MACHADO.



A JORNADA DOS SECULOS

(Continuado de pag. 9)



CONTINUEMOS a acompanhar a jornada das tradições litterarias, atravez dos tempos, de Oriente para Occidente.

As populações aryas, deſlocando-ſe do centro da Aſia, trouxeram comſigo os ſeus antigos coſtumes, em cuja remota origem vamos encontrar a ceremonia do ſacrificio pelo fogo acompanhado de canto. «Eſte canto, diz Burnouf, cadenciado e rythmico, é o *hymno*, palavra que em grego não tem ſignificação etymologica, mas que, na forma ſanskrita *ſumna*, ſignifica o bom ou mau penſamento, iſto é, a expreſſão do penſamento por excellencia.» [1]

A inveſtigação moderna chegou a deſcobrir que a legenda de Orpheu não tem uma filiação hellenica, mas que ſómente ſob o ceu da Grecia fôra modificada á ſimilhança da flôr que, por complexas influencias locaes, perde muito das primitivas feições para ſe identificar com o novo *meio* em que vegeta. Na origem, o Orpheu grego é o Ribhu (Arbhus) dos hymnos dos *Vedas*. [2] Com a differença de que na paſſagem de oriente para occidente perde o myſticiſmo védico para tomar a fórma humana, ſem comtudo ſe deſapoſſar de um certo caracter ſobrenatural que lhe denuncia a origem. As raças originarias da Aſia, demandando a Grecia em marchas concentricas, ao norte a Thracia e a Macedonia, ao ſul a ilha de Creta e as circumpoſtas, iam eſtendendo na paſſagem um longo cordão que ligava o littoral da Aſia Menor á coſta oriental da Hellade. [3] As ilhas ſituadas a leſte da Grecia figuravam, diz Dunker, os pilares de uma ponte que ligava o Oriente com o Occidente. Por cima d'eſſa ponte, a velha civiliſação da India atraveſſou.

A epopêa tem um caracter excluſivamente aryanno. Nenhuma das outras raças a poſſue, ſenão pelo eſpirito de imitação. Aſſim é que em todas as epopêas da raça aryanna ha um fundo commum, que manifeſtamente revela a unidade da raça.

No *Ramayana*, os genios maus, os *rakchaſas* fazem guerra aos deuſes. Na Perſia correſpondem-lhes os *dews*, na Grecia os *titans*, na Scandinavia os *niflings*. [4]

Na epopêa grega, Achilles é invulneravel para os homens; o Achilles da epopêa indiana é Ravana, o *rakchaſa* que pede a invulnerabilidade como premio do ſeu arrependimento. No *Sha-Nameh*, Eſſendia é vulneravel pelos olhos como Achilles pelo calcanhar.

No *Ramayana*, Ravana rouba Sita, a eſpoſa de Rama, como Páris rouba Helena, a mulher de Menelau. Rama vence a Sougriva, irmão de Bali, como Achilles a Agamemnon; mata Bali, como Achilles mata Heitor. Rama triumpha de Ravana, a quem mata, como Achilles triumpha de Heitor, como Ruſtem triumpha dos *dews*, e Sigurd triumpha de Faſnir.

A poeſia epica fórma-ſe na Grecia como na India. A *Illiada* compõe-ſe dos cantos que os rapſodos entoavam, como o *Mahabharata* ſe compõe de *purânas*, as legendas cantadas pelos *ſutras*, os *aédos* da India. O trabalho de Vyàſa (cujo nome ſymbolico, como obſerva Burnouf, offerece quaſi a meſma ſignificação que o de Homero) reduz-ſe apenas a coordenar o primitivo *Mahabharata*. É o trabalho de Homero na *Illiada*, dando á palavra Homero, como já fica notado, apenas um valor ſymbolico. No fundo dos dous poemas eſtá a *purana*, a alma popular, a canção nacional. «Quanto ao nome de Homero, eſcreve o notavel hellenifta em que nos apoiamos, que foi para os gregos occaſião d'uma fabula ſimilhante a muitas outras, ſó pode ter por origem a prepoſição aryanna *ſam*... e a raiz *ri* que, na ſua fórma cauſativa, ſe torna—*ar*; ſignifica pois coordenador e perſonifica de algum modo a arte da compoſição epica e a funcção ordinaria dos rapſodos. [5]

Entre a Iilliada e a Odyſſêa medeiam duzentos annos. A «Odyſſêa» é já, como o «Ramayana,» uma obra de arte, um poema. Difta tanto da «Illiada» quanto o «Ramoyano difta do «Mahabharata.» Na «Illiada» ha a ſimplicidade primitiva; na «Odyſſêa» a contextura artiſtica. No «Ramayana» já não eſtão os «ſudas,» os aédos da India, já ſe não acha a origem popular. O «Ramayana» é claſſificado entre os «kàvyas,» poema; é a obra de um poeta, de um «kavi,» Valmiki. A formação da «Odyſſêa» obedeceu talvez a um principio de unidade, é a obra de um ſó poeta. «Pode dar-ſe, diz Burnouf, o nome de Homero ao auctor da «Odyſſêa,» que certamente é a obra d'um ſó poeta; pode-ſe igulmente pôl-o á frente da «Illiada,» pois que eſte nome tem um valor ſymbolico, e pode ſer tomado como o reſumo de todo o periodo dos «aédos» primitivos.» [6]

Vem de molde darmos n'eſte paſſo a verſão de um dos mais encantadores epiſodios do «Ramayana,» a morte d Yaginadata: com ella moſtraremos o alto labor artiſtico da epopêa de Valmiki, e como nas epopêas poſteriores é facil encontrar uma identidade de ſituações, mais imperfeitamente conduzidas talvez.

Daçaratha conta a ſua eſpoſa Kaoçálya como indo caçar ás margens do Çarayo ferira involuntariamente Yaginadat-a, que moribundo lhe diz:

—Que offenſa contra ti hei commettido,
Kchatria, eu, habitante das floreſtas,
Para que recebeſſe a tua frecha,
Quando no rio eu mergulhava a bilha
Por que meu pai deſſedentaſſe os labios?
Os dois velhos, auctores de meus dias,
Sem um apoio nas deſertas matas,
Aguardam minha volta; pobres cegos!
De uma ſó vez, com uma frecha apenas,
Tres feres victimaſte: eu, a mãe terna,
E o pai! Porque? ſe nunca te offenderam?
A virtude e a ſciencia não produzem
Na terra fructo algum, ſegundo creio,
Pois que meu pae não ſabes que me matas!
E, dado que o ſoubeſſe, que faria,
Elle que nada póde, porque é cego?
Aſſimilha-ſe a uma arvore ſem força
Para amparar outra arvore arrancada
Pela buida ſecure do lenheiro.
Vai, filho de Raghú, vai, ſem detença,

[1] *Hiſtoire de la littérature grecque*, vol. 1, pag. 41.
[2] Burnouf, *Obr. cit.*, pag. 56.
[3] Idem, pag. 66.
[4] Larouſſe. *Epopée. Fond commun des épopées.*
[5] Burnouf, 1.º, pag. 93.
[6] *Obr. cit.*, pag. 97.

ESTA GRAVURA

Ter com meu pae, e dá-lhe a fatal nova,
Antes que a fua maldição te abrafe,
Bem como o fogo abrafa as seccas urzes.
O atalho, que tu vês, leva ao retiro
Onde habita meu pae! falla-lhe, abranda-o,
Antes que te maldiga em fua colera!
Mas... vem, arranca-me do feio a frecha:
Efte dardo, cravado no meu feio,
E, como um raio, ardente, e mal refpiro.
Arranca-me efte dardo: que eu não morra
Com elle no meu peito. Eu não fou brahmane;
Não te pôffuas do terror que infpira
O affaffinio de um brahmane. É verdade
Que de um brahmane, que ermaa n'efte bofque,
Eu filho fou, mas minha mãe é çudra. [1]

Na epopêa de Camões, Ignez de Caftro, ajoelhada aos pés de Affonfo, tem nos labios os mefmos doloridos queixumes de Yaginadata, cahido aos pés de Daçaratha.—Qual é o meu crime? pergunta Yaginadata. Apenas o fer habitante d'eftas floreftas, e ter vindo encher a bilha para meu pae: — Qual é o meu nome? pergunta a Caftro. Ser uma *donzella fraca e fem força*, ter amado e fer mãe d'aquellas creancinhas innocentes.

Sómente no poema de Valmiki, no *Ramayana*, tudo é natural, tudo fae expontaneamente do coração; ao paffo que no poema de Camões, nos *Lufiadas* o exforço da erudição, a allufão a Semiramis e a Romulo e Remo prejudica um pouco a naturalidade da fituação.

Na *Odyffêa*, como no *Ramayana*, tudo reprefenta um progreffo, não fó fob o ponto de vifta artiftico, como fobre o ponto de vifta moral.

Na *Odyffêa*, como no *Ramayana*, accentua-fe a lucta do homem pela liberdade.

«No ponto de partida, diz Michelet, na India, o berço das raças e das religiões, *the womb of the world*, o homem apparece curvado, abatido fob a omnipotencia da natureza.» [2]

Na *Odyffêa*, Ulyffes lucta contra o mar, contra os ventos, contra a natureza: quer vencel-a.

Affim, no *Ramayana*, Sita é, para Weber, o fulco aberto pelo trabalho agricola na durefa da terra. A mão de Sita é dada a Rama *porque elle heroicamente a mereceu por fua força e vigor*.

«Como na ordem phyfica affim tambem na progreffão hiftorica e na continua evolução humana, teve a Grecia por miffão o enfeixar a cultura, a fciencia, a arte, a religião dos povos do Oriente e do paffado para as tranfmittir amplificadas ás gentes do Occidente e do futuró. Era como um grande prifma, aonde vinham incidir os raios luminofos do Oriente e fe refrangiam e difperfavam para nos dar a nós, como n'um fpectro folar, com os feus matizes brilhantiffimos e tambem as fuas fachas obfcuras de Frauenhofer, a bafe do antigo mundo.» [3]

(*Continúa*).

ALBERTO PIMENTEL.

[1] Verfão de Candido de Figueiredo. *Litteratura da India*, I, 1873.
[2] *Introduction à l'hifloire univerfelle*, pag. 6.
[3] Latino Coelho. Prologo da traducção da *Oração da Corôa*.

SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS ARTES EM PORTUGAL

DUODECIMA EXPOSIÇÃO

—

air um trifte *rapin* de moer tintas na pedra da *Revifta artiftica* para as mifturar e esbater na téla de uma critica de obras de arte, cafo é para fer falado por fer audaz o emprehendimento.

Seja, pois, falado ou não, que eu metto hombros á empreza, analyfando a expofição da Sociedade promotora de bellas artes em Portugal, ifto é, os trabalhos de architectura, os quadros, as efculpturas e os demais productos artifticos que figuram n'ella,

«*Se a tanto me ajudar o engenho e arte.*»

(Como eftá em moda Camões, a citação, apezar de eftafada, parece-me não fer fóra de propofito).

Mas fallemos ferio.

A duodecima expofição da Sociedade promotora, vindo annunciar-nos que ainda exifte effa benemerita inftituição a que as artes nacionaes tanto favor devem, pode dividir-fe em feis fecções, a faber: — architectura, pintura, efculptura, defenho e gravura, photographia e arte induftria..

Referir-me-hei fómente ao que ha de mais notavel em cada uma d'eftas fecções.

ARCHITECTURA

O sr. Jofé Luiz Monteiro, regreffado ha pouco de França e de Italia, aonde fôra aperfeiçoar-fe no eftudo da architectura como penfionario do eftado, expõe um trabalho que, a meu ver, é dos mais dignos de ferem admirados e louvados n'aquelle certamen artiftico.

O talentofo architecto aprefenta, de um lado, o defenho da planta e alçado do templo de Antonino e Fauftina, em Roma, tal qual exifte defde o feculo XVII adaptado a egreja catholica; do outro, o defenho do alçado, planta e corte do mefmo templo, tal como deveria ficar depois de reftaurado, em harmonia com a architectura da epoca em que foi erigido na primitiva. Um *detalhe* do entablamento, bem como o capitel e bafe da columna do edificio completam efte trabalho, que fó por fi bafta para provar o muito que vale o noffo artifta a quem a Efcola de bellas artes de Paris, que não confere titulos honrofos fenão aos que os merecem, deu o diploma de architecto pela mefma efcola.

N'efta fecção vê-fe tambem o projecto para o tumulo que fe eftá erigindo a Thomaz Jofé da Annunciação, feito pelo sr. Gafpar, monumento fimples mas elegante offerecido por aquelle artifta á commiffão encarregada de levantar o mefmo tumulo.

Em architectura, mais nada.

PINTURA

A' tout feigneur toute honneur.

O sr. Carolus Duran, um pintor da moderna efcola que fó faz quadros por contos de réis, veio a Lisboa expreffamente para retratar a sr.ª duqueza de Palmella, e por effa occafião retratou tambem fua mageftade a rainha e o eftatuario o sr. Calmels.

A expofição d'aquelle artifta confta, portanto, dos retratos da sr.ª D. Maria Pia e da sr.ª duqueza de Palmella em corpo inteiro, e dos retratos em bufto do eftatuario o sr. Calmels e da sr.ª D. Helena Holftein, filha dos srs. duques de Palmella.

O retrato da sr.ª D. Helena, uma adoravel cabeça cuja modelação e colorido não têem inveja aos das pinturas de Velasquez, foi feito em Paris, ifto é, n'um meio artiftico bem differente do noffo; e talvez por iffo é fuperior aos demais trabalhos effectuados pelo mefmo artifta, em Lisboa. A critica mais rigorofa diria que ha uma certa dureza e alguma exageração de colorido nos labios; preftaria comtudo a maior homenagem de admiração á vida que anima aquelle rofto gentil, ao primorofo acabamento das carnes, ao proceffo cheio de fimplicidade por que fão feitos os cabellos, a todas as bellezas, em fim, que tornam aquelle quadro o mais notavel da expofição.

No retrato da sr.ª D. Maria Pia eftou que a mefma critica elogiando a attitude mageftofa da figura, a perfeição com que eftá imitado o fetim branco do veftido, a luz que illumina a cabeça e o corpo até a cintura, a franqueza com que tudo eftá pintado, faria, não obftante, algumas obfervações ao menos efmero com que as mãos fão defenhadas, ao proceffo por que

eſtá pintado o fundo, todo feito a azul de Pruſſia, tendo uns claros que ora parecem pregas de uma cortina de velludo, ora a folhagem de uma arvore, finalmente, á menos attenção com que eſtá tratada uma parte do quadro, onde, todavia, ſe obſerva ainda a maneira larga e raſgada como o grande artiſta maneja o pincel.

No retrato da sr.ª duqueza, cheio de luz e de expreſſão na cabeça, admiraria tambem a critica, meſmo a menos benevola, a grande ſemelhança da phyſionomia; o ſentimento natural da figura; alguns toques acertadiſſimos nas mãos; a fabia interpretação do natural nas pregas do veſtido e nos acceſſorios, ſendo o ſetim preto e as *paſſementeries* perfeitamente imitados: acharia, porém, de certo, menos digno de louvor o deſenho um tanto incorrecto de um dos braços e a extravagancia do fundo em que ha uns toques vermelhos, que, auxiliando o tom geral do quadro, não dão todavia conta verdadeira do que pretendem repreſentar.

Eſtes reparos não prejudicariam a reputação do artiſta que veio moſtrar-nos o progreſſo a que tem chegado a arte da pintura em França, mas provariam que ha certa differença entre uma obra quaſi irreprehenſivel como é o retrato da sr.ª D. Helena Holſtein, executado em Paris, e os retratos de ſua mageſtade a rainha e da sr.ª duqueza de Palmella, feitos em Lisboa.

O retrato do sr. Calmels, pintado n'uma hora, dá a medida de quanto pode e ſabe o notavel artiſta. Como esboço, ainda em Portugal ſe não tinha viſto, quanto a mim, obra tão perfeita.

Depois d'eſte pintor eximio, cabe o logar de honra na expoſição ao sr. Silva Porto, que foi penſionario do eſtado em Paris e na Italia, e que é hoje profeſſor interino da aula de pintura de paizagem na Academia de Lisboa.

Nos quadros d'eſte artiſta, que ſão numeroſos, eſtá repreſentada a maneira moderna de pintar, com as ſuas bellezas e attractivos. Vê-ſe em todos perfeitamente interpretado o natural; e ſe não fôra a demaſiada ſimplicidade de alguns, em que não ha ſenão uma neſga do céo, e um pedaço de terreno interrompido por uma ou duas figuras, difficilmente haveria baſe para formular uma accuſação feria ao novel pintor. A *Paizagem tomada da charneca de Bellas*, a *Viſta das margens do Oiſe*, a *Marinha* e o *Lago de Eughein* ſão, a meu vêr, os melhores dos ſeus trabalhos como paizagiſta. Serão quadros triſtes, conforme a opinião de muitos, mas ſão bem feitos, oſtentando um grande vigor de colorido e provando a attenção que o ſeu auctor preſtou quando fez os ſeus eſtudos em Paris, ás formoſas télas aſſignadas por Daubigny e Breton, dois grandes pintores com que a França muito ſe honra.

Os quadros do sr. Porto de dimenſões mais pequenas que as dos acima citados, têem tambem qualidades que os tornam dignos dos maiores encomios, ſobreſaindo a todos elles a *Praia de banhos na Povoa de Varzim*, téla de um impreſſioniſta de talento executada com muita arte.

Como pintor de genero, tambem o sr. Porto figura muito bem, apreſentando tres quadros de grande merecimento, dos quaes ſe diſtingue o denominado a *Tigella partida*.

Um retrato em ponto pequeno, de bom deſenho e excellente colorido, completa a magnifica expoſição d'eſte artiſta.

A pintura hiſtorica de que ha tão poucos adeptos em o noſſo paiz, pela difficuldade certamente com que têem de luctar os que ſe dedicam a eſta nobre arte, eſtá mediocremente repreſentada na expoſição.

É o sr. Marques de Oliveira, um diſcipulo da Academia portuenſe que foi penſionario do eſtado em paizes eſtrangeiros, o que apreſenta obras mais dignas de attenção n'eſte importante ramo das bellas artes.

Dois quadros originaes e uma copia de um freſco de Rafael, a *Aſſemblea theologica diſcutindo o Sacramento*, formam a expoſição d'eſte artiſta.

Dos dois primeiros, o intitulado *Cephalo e Procris* é o melhor, com quanto tenha erros de deſenho apenas perdoaveis n'um artiſta que principia. Manifeſtam-ſe eſſes erros principalmente na figura de Cephalo, o formoſo principe da Theſſalia repreſentado de joelhos ao lado do corpo inerte da eſpoſa que feria involuntariamente com um dardo, por occaſião de uma caçada. Creio que é eſte o aſſumpto da compoſição. A cabeça, o peſcoço e o braço do principe ſão incorrectiſſimos. Reſgata, porém, um pouco eſtes erros a figura de Procris, cujo peito e cabeça mettida em eſcorço eſtão bem deſenhados e pintados. O fundo do quadro pega-ſe ás figuras, o que provém talvez da compoſição não eſtar concluida, pois que, ſegundo ouvi, o pintor não a dá como tal.

O outro quadro, o *Filho prodigo*, é inferior em merecimento a eſte. A figura ſó ſe recommenda pela braço eſquerdo, que é bem tocado.

A tinta d'eſtes dois quadros, fria e barrenta, não attrae o eſpectador. Iſto, porém, póde-ſe conſiderar um defeito de escola. Cabanel, o grande artiſta francez que foi meſtre do sr. Marques de Oliveira, é accuſado nas ſuas obras de egual peccado.

A copia do freſco de Rafael afigura-ſe-me eſtar feita com grande conſciencia, e por ella ſe vê que o novel pintor portuenſe diſpõe de elementos para vir a ſer um bom artiſta, caſo proſiga nos ſeus eſtudos com vontade firme de ſe adiantar.

O sr. Joſé Julio de Souſa Pinto e o sr. Henrique Ceſar de Araujo Pouſão, diſcipulos da Academia portuenſe, expõem tambem dois quadros hiſtoricos.

O do primeiro, *Joſé explicando o ſonho do copeiro-mór e do padeiro de Pharao*, é o trabalho de um principiante, e como tal não é deſtituido de merecimento. Faço menção d'elle por ſer, como diſſe, um quadro de hiſtoria. O do ſegundo, *Daphnis e Cloe*, revela talento e eſtudo, tornando credor de elogio o artiſta que o aſſigna, a quem não faltam conhecimentos de deſenho e de compoſição. A tinta é fraca e um pouco ſuja, o que tambem ſe póde attribuir a um defeito de eſcola, porque o meſtre d'eſte artiſta, aliás um pintor diſtinctiſſimo, não tem grandes dotes de coloriſta.

Figuram na expoſição como pintores retratiſtas os srs. Ferreira Chaves, Joſé Rodrigues, Nunes Junior, Carreira dos Santos e outros cujas obras ſão de menos importancia.

O melhor de todos os retratos expoſtos por eſtes artiſtas é o da sr.ª D. Amalia Sá, pintado pelo sr. Ferreira Chaves. Semelhança, deſenho correctiſſimo, tinta verdadeira e agradavel, eis as boas qualidades do quadro. Oxalá tiveſſe o roſto mais luz, para haver maior deſtaque nas feições; eſta falta é a qualidade menos boa da obra.

O sr. Chaves expõe tambem um quadro grande de flôres e fructos, e quatro quadros pequenos ſó de flôres.

Em todos eſtes trabalhos ha a juſta imitação do natural e o tom opulento que enriquece as obras d'eſte pintor eſſencialmente coloriſta. Se o fundo do quadro grande foſſe menos monotono e opaco, ſe d'elle ſobreſaiſſem mais as flôres e ſe a toalha branca tiveſſe ſido ſubſtituida por outro eſtofo, ou o grande claro d'ella modificado pelo esbatimento produzido por qualquer objecto que ſe ſuppozeſſe proximo, aquelle quadro feria irrepreenſivel e como tal um dos melhores entre os melhores do ſeu genero.

Os retratos aſſignados pelos srs. Joſé Rodrigues e Carreira dos Santos, feitos por photographias, ſão parecediſſimos, mas em geral baſtante duros; accreſſendo ao que repreſenta o fallecido animaliſta Thomaz Joſé da Annunciação, pintado pelo sr. Carreira dos Santos, a mão que ſegura o pincel ſer mal deſenhada.

Os retratos pintados pelo sr. Nunes Junior ſó ſe recommendam por ſerem obra de um gravador, a quem geralmente é quaſi eſtranha a arte da pintura. No entretanto, o retrato da sr.ª viſcondeſſa de Sanches de Baena tem o veſtido bem pintado, poſto ſeja fraco de tom e de claro eſcuro.

Tornemos, porém, a fallar do genero e da paizagem, que ſão os dois ramos da pintura cultivados com mais eſmero pelos artiſtas expoſitores.

O sr. Columbano Bordallo Pinheiro é um dos pintores que mais ſe diſtinguem na expoſição, com quanto os ſeus quadros ſejam todos de acanhadas proporções e mal ſe vejam, por eſtarem perdidos no meio das grandes télas que ſão naturalmente as que faltam mais aos olhos.

Expõe o sr. Columbano tres quadros de genero, um retrato quadro e um retratinho de creança, pintados por um proceſſo que ſe afaſta completamente das regras convencionaes adoptadas pelos noſſos artiſtas. Todas as ſuas obras ſão leves e ſympathicas, em todas ha elegancia e eſpirito. Se tiveſſem o devido acabamento, deſenho mais ſeguro e uma tinta menos barrenta marcariam um grau de adiantamento na arte portugueza muito digno de ſer notado. A *Volta do paſſeio*, porem, é uma *pochade* que nem um meſtre ſe atreveria a expôr, porque não ha n'elle ſenão a mancha; as demais compoſições — o *Avô*, *Encantadora prima*, o retrato-quadro do sr. Ramalho Ortigão e o do menino ſão monotonos de tom, muito embora eſta maneira de vêr a côr tenha adeptos baſtante reſpeitaveis, ſobretudo em França.

Todavia, repito, eſtes fenões que ſe podem notar nas obras do sr. Columbano Bordallo Pinheiro, não obſtam a que ellas ſejam uma apreciavel manifeſtação do engenho de um artiſta promettedor.

(Continúa).

RAPIN.

VIAGEM AO SERTAO DE MOSSAMEDES

POR F. AMARAL

(Continuado de pag. 40)

RA para mim d'alto intereſſe a conſtrucção d'uma eſtrada carreteira, que, vencendo o planalto da *Chella*, déſſe ao diſtricto de Moſſamedes o ſeu natural deſenvolvimento futuro, e por iſſo havia preparado, d'accordo com o intelligente chefe da ſecção d'obras publicas o major Henrique dos Santos Roſa, uma expedição de 50 carregadores, que tornaſſe poſſivel a realiſação d'um melhoramento tão notavel, e pelo qual eu tinha e tenho o enthuſiaſmo d'uma idêa, que não é nova, mas que não perde por iſſo das condições eſſenciaes da ſua utilidade. Eſſes carregadores eram os que deviam tornar realiſaveis os eſtudos da eſtrada, e por iſſo eſtava longe das minhas intenções o diſtrahil-os, por mais que foſſem ſacrificadas as minhas commodidades peſſoaes. Não me ſervi pois d'elles, e reſolvi-me ao tormento de viajar em carro, tormento, que me era abſolutamente compenſado pelo prazer da companhia amavel dos meus particulares amigos o dr. Franciſco Antonio Pinto, curador geral dos ſerviçaes e colonos, e o agricultor Franciſco da Coſta Jubun, que ſe tinha diſpoſto a ſervir-nos de Cicerone. Accompanhava-me tambem o meu official ás ordens, o alferes Pontes Ferreira, que commulativamente exercia o logar de auxiliar do curador na factura dos contractos dos ſerviçaes, e aſſim ſe reduzia conſideravelmente a caravana que no dia 31 de maio de 1879 ſaía em viſita adminiſtrativa para o interior do diſtricto.

Dous carros ordinarios conduziam as bagagens e o rancho, e um trenó eſpecial conſtituia a noſſa berlinda de viagem.

Duas palavras ácerca d'eſta machina, que era todo o prazer e todo o amor do noſſo Cicerone, e uma verdadeira reunião de quanto pode haver de mais intelligentemente diſpoſto para, com tal genero de locomoção, intentar uma viagem no ſertão africano, por caminhos cercados das maximas difficuldades, e de não pequenos contratempos.

Uma caixa de madeira, criada nas mattas do diſtricto, rija, peſada, e forte, aſſente ſobre molas de uma valentia colloſſal, eſtava diſpoſta em cima de um eixo de ferro de ſolidez correſpondente: uma balausda ſuſtentava um tendilhão de encerado; cortinas de brim, ou meia lona em volta da balauſtrada garantiam do ſol, do vento e da chuva os lados d'esta engenhoſa machina, decerto ſuperior em ſolidez á berlinda do confeſſor de D. Joſé I, a hiſtorica paſſarola do padre D. Manuel. — Uma lança de deſcommunal groſſura partia da parte central do carro, e dava acceſſo á junta do tronco; chapas de ferro lateraes abraçavam a caixa do carro, vendo-ſe no topo do tendilhão uma inſtallação propria para ſuſpender a fiel companheira, a bilha da agua freſca, tão neceſſaria para alliviar de ſeccura nos immenſos areaes que iamos atraveſſar.

Os aſſentos eram ao longo do carro, e havia um na face deanteira: na oppoſta era a porta d'entrada munida d'um eſtribo que ſó ſe baixava para ſe entrar para o carro, porque depois, tinha de andar ſuſpenſo, taes eram os accidentes do terreno que haviamos de atraveſſar. Por baixo dos bancos, em caixas proprias, iam couſas de rancho, frias, como pão de roſca, bolacha, ſalame, carne aſſada, vinho engarrafado, etc. Os carros de bagagens partiram adeante com objectos de rancho para a eſtada no mato, e com a caixa onde vinha a louça e trem de coſinha e o barril de vinho, entregue tudo ao cuidado eſcrupuloſo d'um preto, por nome Camaleão, verdadeiro portento, cuja actividade ſe reproduzia entre os officios de rachador de lenha, coſinheiro, carreiro, e até creado de quarto: camaleão no nome, e nas diverſas formas porque manifeſtava as ſuas aptidões, tinha ainda a vantagem de não beber aguardente, e de dar por todos os nomes terminados em *ão*, o que facilitava extraordinariamente o ſeu auxilio aos que d'elle preciſavam — Pantaleão, Paſſaleão e outros nomes ſimilhantes e de ſimilhante terminação, ouviam-ſe de todos os lados durante o caminho, e elle ſempre triſte, mas ſempre leſto executando as ordens recebidas; o ſeu fraco era o bello ſexo: á viſta d'eſte abria-ſe-lhe a phiſionomia e paſſava-lhe a triſteza, perdia-ſe pelas pretas, e não respeitava por vezes, os conſorcios eſtabelecidos: era porem quanto á variedade como um *Levanardo* retinto *a quem amor não dera um ſó deſgoſto, mas d'elle fôra ſempre maltratado.* Outro *chic* do noſſo modelo de ſervos dedicados era o veſtuario, em que reinava uma promiſcuidade de coſtumes gentilicos com os da Europa, que realmente dava ao pobre preto o aſpecto o mais pittoreſco, aggravado ainda, na preſença do ſexo amavel com os requebros donairoſos a que ſe entregava nas danças, nos folguedos uſuaes, e ainda nas converſações, nas quaes parece que deſenvolvia o mais ameno dos eſpiritos, a julgar pelas riſadas com que pelas *donas* eram recebidos os ſeus *Colibets* e *Lazzis* lançados a alguns collegas menos felizes e menos deſejados. Acompanhava a caravana um ſoldado ordenança, e uma força que ia deſtacada para Capangombe, vindo tambem um moleque meu ſerviçal, rapaz intelligente e bom, e dous pretos com uma tipoia que eu levava para a hypotheſe do incommodo do carro não permittir a continuação do caminho por aquelle meio.

(Continua).

Typ. de Chriſtovão A. Rodrigues — Rua do Norte, 145, 1.º

PENSATIVA

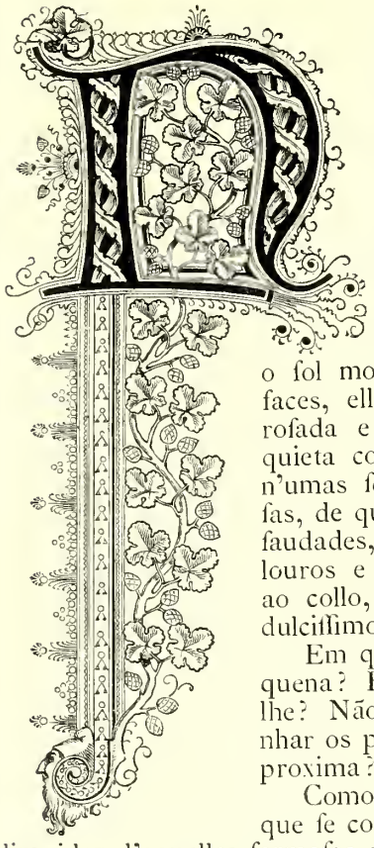
Typ. — Christovão A. Rodrigues.

A ARTE

LISBOA — MAIO DE 1880

PENSATIVA!

—



Não tem ainda quatorze annos e já as ſombras da triſteza lhe enevôam o roſto.

Deſviou-ſe das companheiras, que ao longe mourejam na faina campeſina, eſcolheu um ſitio eſcondido e ali n'aquella freſcura ſadia e balſamica emquanto as cigarras cantam, e o ſol morde com beijos outras faces, ella que parece mimoſa, roſada e loura, deixou-ſe ficar quieta com os olhos embebidos n'umas ſciſmas vagas e doloroſas, de que mais tarde ha de ter ſaudades, quando uns pequenitos louros e buliçoſos lhe treparem ao collo, dando-lhe o nome, o dulciſſimo nome de mãe.

Em que pode ſciſmar eſta pequena? Bateram-lhe; ralharam-lhe? Não a deixaram acompanhar os paes na ſua ida á cidade proxima?

Como explicar tantas nuvens que ſe condenſam e reflectem na limpidez d'aquelles formoſos e raſgados olhos?

Afinal é muito poſſivel que a origem de tamanhos diſſabores ſeja por ventura o roubo de um ninho que ella deſcobriu por entre a grenha creſpa e verde das balſeiras.

Naturalmente a pobre pequena confiou de algum ſeu companheiro infantil o ſegredo guardado até ali com profunda religioſidade, e o maganão do rapaz roubou-lhe o thezouro...

Pobre pequena! Tambem para que foſte tu tagarella? Quem te mandou a ti confiar de alguem a descoberta que te havia de cauſar mais intenſas alegrias e mais profundo orgulho do que a apparição repentina de uma terra deſconhecida aos olhos dos que andam por largo tempo perdidos por mares ignorados e myſterioſos.

Fôſte ainda ha pouco vêr, como que duvidando do que os teus olhos viam, approximaste-te das balſeiras, affaſtaſte os ramos, mergulhaſte a cabeça na freſca verdura das folhas, e no lugar do teu cubiçado thezouro não achaſte mais que umas pennas quebradas e machucadas, e um pouco de muſgo já ſecco, a triſteza, e o abandono no meſmo ſitio, em que ainda hontem havia o pipillar ſuave, gulozo e alegre dos paſſaritos.

Affaſtaſte-te deſanimada, e oppreſſa por uma crucinante triſteza.

Quem ſeria?

Como fôra aquillo?

Ainda hontem eſtavam ali. Tinha-os viſto, conhecia-os, fallara-lhes já, conheciam a ſua voz, e quando ella os ia viſitar, depois de reparar cautelloſamente que a mãe andava por longe, os paſſaritos levantavam as grandes cabeças meio calvas, e abriam o ſeu largo e faminto bico amarello, a piar, a piar...

Mas porque é que iſto ſuccedêra?

Pois que mal fazia que ella os tiraſſe hoje do ninho, e os levaſſe na arregaçada para caza? Tractal-os-ia tam bem, com tanto mimo, e com tanto carinho!

Haviam de ter uma bonita gaiola, a mais bonita gaiola da aldeia toda, grande e arejada e ampla.

Que felizes que elles ſeriam ali dentro, cantando quando rompeſſe o ſol, ſuſpirando quando as ſombras da noute começaſſem a deſcer dos cabeços dos outeiros....

E n'eſſa hora em que a pequenita eſtá aſſim a atormentar-ſe com ſaudades e triſtezas negras, o trasgo do rapazito que roubou o ninho, talvez eſteja ſaboreando, o bandido! uma boa merenda ſeita com os paſſaritos roubados.

E é natural que no momento em que a noſſa penſativa eſtá laſtimando as ſuas máguas, ſaltite de ramo para ramo, piando lugubre e ſaudoſamente, uma pequena ave, inquieta e afflicta, em procura do ninho, ſobre o qual ella paſſára deſveladamente noutes e noutes, trémula de ſuſtos, de amor, e de felicidade...

Pobre creança!

Pobre mãe!

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE PORTUGAL

1097 — 1383

Continuado de pag. 51 (do 1.º volume)

As perdas que eſta longa contenda occaſionou foram enormes, e de duas qualidades: umas depauperaram as regiões diſputadas pelos dous partidos e o tracto do territorio invadido pelo exercito leonez, — conſequencias inevitaveis da guerra, que já de ſi originava grandes prejuizos; as outras, porventura mais terriveis, foram os odios e malquerenças que, acirrados pela lucta politica e pelos intereſſes offendidos, lançaram profundas raizes em grande numero de familias nobres e poderoſas, e foram os elementos primitivos de que ſe formou eſſa tremenda tempeſtade que devia pouco depois rebentar ſobre a cabeça do infeliz Sancho II, e arremeſſal-o do ſeu throno, ſempre mal ſeguro! Não era ainda n'aquelles tempos o eſtado ſocial tão ſolidamente aſſente ſobre as baſes do direito,

que não se resentisse profundamente de tão protrahidas convulsões. Digladiavamse o direito e a força, e, uma vez desembainhadas as espadas e tintas em sangue de irmãos, quando, mais obrigados pela força das circumstancias do que pelo desfallecer dos animos feros e embravecidos, depunham os ferros nas panoplias dos seus castellos, ficava ainda a levedar-lhes nos animos irrequietos o fermento de ruins paixões. Os homicidios e os assaltos á propriedade continuavam, e, terminada a guerra aberta, a *revindicta* e a represalia attestavam a violencia das paixões e a fereza dos costumes. Era como a ultima nota d'esses poemas sanguinolentos, d'essas largas tragedias que se encontram no primeiro periodo de todas as sociedades.

Se é difficil á historia o destrinçar as intrigas e manejos politicos de epochas tão remotas e obscuras nos raros documentos e noticias contemporaneas que d'ellas nos restam, grande deve ser o cuidado no sentencear sobre taes feitos e aggravos. A bruteza e feridade dos costumes, a desegualdade dos direitos e obrigações das diversas classes, a incerteza da vida constantemente ameaçada no meio de uma sociedade tão turbulenta como a da edade média, as fomes e pestes que a accommetteram e assolaram tantas vezes, o inimigo estrangeiro, ou de Castella ou da Mauritania, todas estas circumstancias, que se oppunham á organisação do estado, sempre por ellas perturbado, impõem ao historiador a obrigação de ser prudentissimo na apreciação dos actos dos seus reis e chefes. Em taes casos o *summum jus* será a *summa injuria*. Ommittir uma circumstancia é lesar o direito e a justiça, e a historia, assim incompleta na enumeração dos factos attenuantes ou aggravantes, perde a sua grande auctoridade: não é historia, é pamphleto.

No estudo dos actos de uma nação como nos da vida de um homem, é impossivel abstrair do meio em que elles se acharam. Ao que chamamos educação no individuo, damos o nome de civilisação, se se trata de um povo: ambos a recebem e a transmittem, egual, accrescentada ou peiorada, segundo as circumstancias concorreram para um ou outro effeito. Fazer a historia d'um povo nascente e qualificar os seus actos, isolando-o das outras sociedades, no meio das quaes elle existiu, e cujas influencias soffreu; sequestral-o da humanidade, cortando-lhe todas as communicações com os outros povos; abstrair das suas tradições, da sua organisação, da sua raça, das suas tendencias e aspirações naturaes irresistiveis e fataes, e, encerrando-o por assim dizer n'um carcere, julgal-o com a severidade implacavel da justiça absoluta, quando não é effeito da paixão politica que nos cega, é singular puerilidade!

Se, saindo do nosso pequeno reino, lançarmos os olhos sobre as outras sociedades que constituiam a Europa d'então, se devassarmos os mysterios dos palacios dos principes e senhores feudaes, se estudarmos a vida dos conventos, e se, envolvendo-nos com os servos, a plebe, analysarmos a sua vida e os seus costumes — e, depois d'estes estudos, compararmos a nossa historia com a estrangeira, o resultado não nos será por certo desfavoravel.

Não devemos nunca esquecer que estamos na edade média, em seguida ao desmoronamento e divisão do imperio romano; que, ás legiões que traziam comsigo a civilisação, seguiram-se as terriveis invasões das hordas dos barbaros; que, vencidas as aguias romanas, fez-se a partilha do imperio dos Cezares, e que todo esse longo periodo que vae do seculo 5.º até á tomada de Constantinopla em 1453, passou-o a sociedade n'esse tumultuar constante de povos agitados pelas paixões mais violentas, em contacto com uma civilisação superior que actuava n'elles com todos os effeitos da sua passada e grandiosa florescencia e da sua presente e caduca depravação.

As sciencias e as artes antigas com o esplendor e magnificencia das suas obras maravilhosas attrahiam-n'os e irritavam-n'os: sentiam-se vencedores humilhados, se comparavam o espectaculo imponente que os rodeiava, com os bosques, d'onde tinham saído, e com as rusticas habitações, que haviam abandonado. Aquelles homens fortes e energicos, nascidos e creados n'um meio mais proximo da natureza, achavam-se como presos na expontaneidade e largueza dos seus sentimentos, como os seus braços musculosos e os seus troncos robustos e agigantados deveriam estar contrafeitos e apertados sob os trajos dos romanos.

Qualquer dos grandes factos que caracterisam a edade media prova o que deixamos dito. Vejamos na historia das cruzadas um episodio, a tomada de Constantinopla. Demos a palavra a Villehardouin, chronista das proezas em que foi actor e testemunha.

Chegados defronte da cidade, os cruzados, conduzidos pelo principe Aleixo, depois de terem passeiado os seus olhos sobre essa cidade, que era rainha de todas as outras, e visto um grande exercito de sessenta mil homens que os esperava, prepararam-se para desembarcar e combater: «Os cavalleiros saem dos barcos e entram no mar com agua pela cintura, todos armados, e seguros com cordas, com as espadas na mão, e os bons archeiros, e os bons sargentos, e os bons besteiros. E os gregos déram grandes mostras de lhes embargar a passagem, mas quando viéram ás lançadas, voltaram as costas, e fugindo abandonaram a praia. E sabei, accrescenta triumphantemente o chronista, que jamais passo algum foi tomado com mais arrojo.» A 18 de julho de 1203 os cruzados entraram em Constantinopla por assalto, e o velho Isaac, pae de Aleixo, foi restabelecido no seu throno. Até aqui o exercito christão fizera o papel de cavalleiro andante, e protegera um velho principe contra os seus inimigos. Porém este serviço não era gratuito, e Aleixo, não tendo com que pagar aos cruzados o que lhes promettera, lançou grandes tributos sobre o seu povo. Os subditos amotinaram-se, estrangularam o imperador, nomearam outro, e fecharam as portas da cidade Promessas não cumpridas pareceram então estas aos guerreiros christãos, que investiram logo a capital. No fim de tres dias estavam senhores d'ella: pozeram-n'a a saque aquelles bons archeiros e besteiros, e, não se contentando com isso, lançaram-lhe fogo! Um bairro inteiro, que occupava uma legua quadrada, ficou reduzido a cinzas, e quatrocentos mil marcos de prata, amontoados n'uma egreja, foram repartidos por aquelles bons defensores dos principes expatriados!

A divisão do dinheiro, seguiu-se a do imperio. Balduino IV, conde de Flandres, foi feito imperador da Romania, os venezianos apossaram-se d'um bairro de Constantinopla, das costas do Bosphoro e da Propontida, e da maior parte das ilhas do Archipelago, Candia, etc. A Macedonia coube ao marquez de Monferrato, Villehardouin foi nomeado marechal da Romania e o seu sobrinho principe da Achaia. Ao conde de Blois deram as provincias da Asia, e datam d'então os ducados d'Athenas e de Naxos, o condado de Cephalonia, e os senhorios de Thebas e de Corintho.

Passou-se o que deixamos dito nos annos de 1203

a 1261, no feculo XIII da era chriftã, e eram chriftãos e cruzados os heroes d'efta celebre aventura! Eftamos em plena edade média, e iffo explica tudo o que póde parecer extraordinario n'efta empreza original e injuftificavel perante o direito das gentes.

Quem terá agora coragem para cenfurar Affonfo Henriques, porque tomou Santarem de noute e por efcalada, fem avifar os farracenos de que os ia accommetter?! [1] Quem poderá accufar Sancho I, por defender as prerogativas da fua corôa, e Affonfo II, por não confentir no defmembramento dos feus dominios e no enfraquecimento do poder real, em occafião em que effe poder repreſentava a independencia e a autonomia do feu pequeno reino?! Não affiftiu á batalha das Navas de Tolofa? Preferiu os inimigos internos aos externos? Infiftiu no propofito de confervar a fua auctoridade fuperior á dos feus vaffallos, principes ou não? Achamos que em tudo ifto procedeu com grande acerto e tacto governativo, e que a hiftoria, em vez de invectivas, deve elogios á memoria d'efte principe. As razões allegadas em contrario não nos convencem de eftarmos em erro a tal refpeito.

A lucta principiada no reinado anterior, entre o clero e a nobreza d'um lado e o poder real do outro, continuava n'efte, e attrahiu fobre fi todas as attenções do rei, que entendeu dever examinar os direitos em que fe fundavam os poffuidores das terras, doadas pelos feus anteceffores aos nobres, aos concelhos e ao clero, com privilegio de hereditariedade. Do ufo nafcera nos proprietarios d'effes bens o abufo, e era já frequente o combinarem-fe os individuos intereffados, e, a troco de quantias convencionadas, defraudarem as rendas publicas, alargando os feus privilegios a outros, que nenhum direito tinham a taes vantagens e favores da parte do foberano. Foi em vão que a affembléa de Coimbra, em 1211, promulgou leis, reduzindo os direitos até alli exiftentes, porque todas as claffes, inclufive a agricola, tinham os feus intereffes ligados á continuação d'effe fophifma, em virtude do qual elles fimplificavam em feu beneficio o fyftema tributario da epocha, limitando-fe a pagar um fó tributo ao individuo ou corporação que lhes vendia o feu direito protector.

Affonfo II tratou de fe oppôr á continuação d'efte eftado de coufas, avocou a fi todos os titulos, e provou d'efte modo aos feus vaffallos que o gofo das fuas propriedades continuava a depender da fua approvação. É efta a queftão chamada das Confirmações. Os annos de 1216, 1217 e feguintes, difpendeu-os elle percorrendo o reino, e examinando os titulos dos nobres e do clero, e os fóros das povoações. [2]

D'efta ferie de medidas repreffivas vêmos que fôram todavia exceptuadas as ordens militares, como a do Templo, que recebeu em 1214 a doação de largos territorios. Aos freires d'Evora deu Aviz. Eftes e outros actos do rei provam que elle não fe efquecia de ir lançando na linha da fua fronteira do ful eftes poftos avançados, eftas preceptorias entregues á guarda d'effes valentes cavalleiros que tantos ferviços preftaram nas luctas com os farracenos.

D'eftas ordens a mais rica e poderofa, e a mais notavel então pelo numero dos feus guerreiros, e até pelo feu tragico fim, foi a dos Templarios. O que eram effes foldados da cruz no campo da batalha dil-o admiravelmente Alexandre Herculano: ouçamol-o:

«A fevera difciplina da ordem, as folemnidades com que entravam nas batalhas, produziam neceffariamente o enthufiafmo n'effes animos, em geral esforçados, e n'aquelles que os viam a feu lado. Os efquadrões do Templo ao formarem-fe para a batalha, guardavam profundo filencio, que fó era cortado pelo ciciar do balfão bicolor, negro e branco, que os guiava defpregado ao vento, e dos longos e alvos mantos dos cavalleiros que fe agitavam. A voz do meftre um trombeta dava o fignal do combate, e os freires, erguendo os olhos ao céo, entoavam o hymno de David: *Não a nós, Senhor, não a nós! mas dá gloria ao teu nome!*—Então, abaixando as lanças, e efporeando os ginetes, arrojavam-fe ao inimigo, como a tempeftade, envoltos em turbilhões de pó. Primeiros no ferir eram os ultimos em retirar-fe quando affim lh'o ordenavam. Defprezando os combates fingulares, preferiam accommetter as columnas cerradas, e para elles não havia recuar: ou as difperfavam ou morriam. A morte era, de feito, mais bella para o templario que a vida comprada com a covardia. Baftava que não attingiffe ao typo de valor humano, como os velhos guerreiros da ordem o concebiam, para fer punido por fraco. A cruz vermelha, diftinctivo da corporação, com o manto branco fobre que eftava bordada, tiravam-fe-lhes ignominiofamente, e elle ficava feparado dos feus irmãos como um empeftado. Obrigavam-n'o a comer fobre o chão nú: não lhe era licito o desforço das injurias e nem fequér caftigar um cão que o maltrataffe. Só depois d'um anno, fe o capitulo julgava a culpa expiada, o defgraçado cingia de novo o cingulo militar, para ir, talvez, na primeira batalha afogar no proprio fangue a memoria de um anno de affrontas e de fupplicio.»

Foram eftes e os freires de Sanctiago e do Hofpital os heroes de Alcacer.

(Continua).

ZACHARIAS D'AÇA.

[1] Vide *Hiftoria de Portugal*, pelo sr. Oliveira Martins, t. I, p. 67. O auctor, cujo talento reconhecemos, mas cujo ponto de vifta politico não acceitamos de fórma alguma, deixa-fe muitas vezes dominar por uns certos principios, que o levam a fazer criticas apaixonadas e puerís como efta e outras que fe encontram na fua tão fingular obra.

[2] Eftas confirmações podem vêr-fe no regifto de Affonfo II ou *Livro velho de foraes*, exiftente no Arch. Nacion. fob o n.º 3 do M. 12 de Foraes Antigos, e citado por A. Herculano, no t. II, p. 189, da *Hiftoria de Portugal*, 4.ª edição.

A PARTIDA DE XADREZ

É SINGULAR e legendario o prazer infinito que as mulheres têem, permanentemente, de collocar os homens em lances difficeis.

É coufa velha como o mundo, e que já lá vem muito de traz.

A herança antiga da maçã do Paraizo, legada por Eva a todas as fuas defcendentes, não foi rejeitada por nenhuma, que o reze a hiftoria, e todas a acceitaram com um enthufiafmo maliciofo, com uma anciedade perigofa, que tem, de todos os tempos, collocado os homens, amiudadamente, em muito maus lençoes.

A explendida gravura fobre que efcrevemos, repreſenta uma d'effas herdeiras da loura Eva, mas devefe confeffar em honra d'effa gentil mulher, que o artista defenhou com tanto amor e tão

A PARTIDA DE XADREZ

feliz ſucceſſo, que ella, coitada, é das menos maldoſas e das mais inoffenſivas.

Se todas as mulheres foſſem como ella, e ſe todos os lances difficeis em que nos pozeſſem foſſem uns modeſtos e innocentes lances de xadrez, bem ia a couſa para todos nós e ninguem ſe queixaria d'ellas ſenão os caturras que tem o fetichiſmo do jogo inventado pelo reſpeitavel brahmane Siſſa, e o pobre diabo de Satanaz, que não teria apanhado o momento da maçã para principiar a coloniſação do ſeu vaſto territorio tão deſacreditado pelos ſeus viſinhos.

É verdade que todas as deſgraças e todos os deſgoſtos ſão relativos, e pode muito bem ſer que eſſe velho e grave parceiro da noſſa gravura, que medita tão profundamente, encoſtado á mão que emerge das ondas rendilhadas dos ſeus brancos punhos luxuoſos, com os olhos pregados no taboleiro dos ſeſſenta e quatro quadradinhos, ſe lhe deſſem a eſcolher entre a maçã e o xeque-mate, preferiſſe impiamente a maçã.

Vê-ſe na ſua phyſionomia, ſéria, auſtera, meditativa, aſſombreada de profundas preocupações calculistas, que elle liga áquelle taboleiro e áquellas pedras a mais alta importancia, uma importancia tão conſcienciosa e arreigada como uma pequena liga ás ſuas bonecas, um collegial ao ſeu cigarro, um poeta á ſua rima, uma mulher á ſua *toilette* e um rei á ſua corôa.

Muito mais ainda, talvez.

A hiſtoria moſtra-nos, pelo meſmo tempo em que ſe paſſa eſſa renhida partida de xadrez, muito menos preocupado e apprehenſivo o pobre do Luiz XVI, que ſe entretinha em fazer fechaduras, emquanto na ſua França ſe jogava partida egual, e os peões ſe propunham muito ſeriamente a dar um xeque-mate ao rei.

No fim de tudo fizeſſe fechaduras ou fizeſſe calculos era a meſma couſa. A partida eſtava perdida, como o eſtá para o noſſo jogador da eſtampa; quando ſe chega a eſſes lances ſupremos, em que uma parceira colloca um parceiro, ou a juſtiça — ſempre femenina — colloca um rei, não ha ſenão uma ſahida, a derrota; com a differença que, para aquelle, a derrota tem uma porta, ſempre aberta: — a da rua, e para eſtes abre uma amiudadas vezes: — a do cadafalſo.

Eſtas conſiderações que parecem ter-nos levado muito longe do xadrez, conduziram-nos preciſamente, pelo contrario, o mais perto d'elle poſſivel, á ſua etymologia.

Fallamos em reis, e *Cheque* — que vem do perſa — Sha, quer dizer iſſo meſmo, rei: fallamos em cadafalſos de reis, e a phraſe «cheque e mate» é uma locução perſa que ſignifica juſtamente *morreu o rei*.

É funebre eſte jogo, pela ſua etymologia, ſobre tudo para os reis, mas apezar d'iſſo, o grande Frederico da Pruſſia, morria-ſe por elle, e Napoleão o grande, não deſgoſtava de tentar os ſeus cheques ao rei de vez em quando, devendo-ſe dizer comtudo, embora iſto vá ferir a ſua vaidade de jogador que n'eſtes cheques era muito mais habil e feliz no taboleiro da Europa do que no do xadrez.

Teve ſempre ſympathias entre os grandes homens eſte jogo, de que nós, que ſomos dos mais pequenos, e talvez por iſſo meſmo, temos fugido com o horror cautelloſo que inſpiram os abyſmos vertiginoſos.

É verdade que temos uma forte e boa auctoridade á ſombra de que nos encoſtarmos, nem mais nem menos do que o grande Montaigne.

Dizia elle do xadrez:

Le jeu des echecs n'eſt pas aſſez un jeu: il divertit trop ſerieuſement.

É um jogo que não é um divertimento é uma meditação, não é um paſſatempo é um problema.

É uma diſtracção que ſe goſa nas condições mais dogmaticas do mundo inteiro para a gente ſe diſtrahir, quando ſe quer obrigar o eſpirito a uma profunda contenſão, e o cerebro a um laborioſo trabalho.

É por iſſo que ſempre nos metteu medo aquelle taboleiro onde caminham vagaroſamente uns bonecos excentricos que apenas ſão apreſentados a alguem ſe convertem logo em fetiches.

Tem o poder fatal dos heroes pallidos, de olheiras negras e cabellos eſguedelhados do deſcompoſto romantiſmo, eſſas pedras baptiſadas com nomes varios e ſonoros.

E para fugir-lhes ao encanto, ao poder myſterioſo, não ha ſenão um meio fugir-lhes ſem querer ſaber d'ellas para nada, inteiramente para nada.

A mais ligeira curioſidade, a mais natural vontade de ſaber, é um perigo.

Se ſe principia muito ingenuamente, muito ſingelamente a querer indagar o nome das figuras, ſaber a differença que ha entre o bispo, a dama, a torre, o peão, e o rei, conhecer o movimento das pedras, eſtá-ſe prompto.

Aquillo é uma engrenagem fatal que nos prende e arraſta logo o eſpirito com toda a pujança implacavel da difficuldade.

É ſempre um myſterio, o xadrez. Nunca ſe pode dizer que ſe ſabe jogar; e tem n'eſſe myſterio o ſegredo da ſua attração.

E depois é variavel, immenſamente variavel, continuamente, eternamente variavel; um jogo nunca ſe parece com outro jogo: aſſemelha-ſe immenſo a *femme* que inſpirou a legendaria ſentença a Franciſco I, *varie ſouvent, varie toujours* e não é eſſe o ſeu menor encanto.

A naturalidade d'eſte jogo, ſobre que ſe tem escripto centenas de volumes, e que teve entre os ſeus amadores, o grande Voltaire, o ſentimental Roſſeau, e até um portuguez que foi n'elle notavel, o celebre Damião de Goes, é tão diſputada como a de Homero ou a de Camões.

A Grecia queria a primaſia da invenção, e muitos pretendem que os bons dos gregos da edade heroica ſe entretiveram nos muros de Priam a jogar o xadrez.

A China apparece tambem a diſputar a maternidade do xadrez, mas o que parece mais averiguado é que a patria d'eſſe jogo celebre que correu o mundo inteiro, foi a India, e o ſeu inventor um brahmane indiano, chamado Siſſa da Siſſa.

A reſpeito d'eſſe brahmane ha até uma hiſtoria curioſa.

O rei Sirham, quiz como monarcha generoſo, recompenſar regiamente o auctor d'eſſe maravilhoſo invento, e mandou dizer a Siſſa que pediſſe o que quizeſſe.

Sabem o que Siſſa reſpondeu?

Siſſa que não era nenhum tolo, como o ſeu invento o prova, reſpondeu muito modeſtamente que ſó queria para ſi o ſeguinte humilde premio:

Dous grãos de trigo na primeira caſa do taboleiro do xadrez, quatro na ſegunda, oito na terceira, dezaſeis na quarta, e aſſim dobrando até á 64 e ultima das caſas.

O rei achou que era muito moderado o pedido do Brahmane e quiz logo ſatisfazer-lh'o, mas o ſeu the-

foureiro, o feu miniftro da fazenda, que fabia contar mais do que o rei, o que não era grande coufa, oppozfe a iffo terminantemente, primeiro por economia e depois por uma razão que difpenfava todas as outras, a impoffibilidade material de fatisfazer effe pedido do Brahmane.

Porque no fim de contas e feitas eftas, para fatisfazer effe pedido era neceffario que o reino tiveffe 16.384 cidades, cada cidade 1.080 celleiros 174.762 medida, e cada medida 32.768 grãos.

O modefto Brahmane pedia pois nem mais nem menos do que 101.330.605.068.779.520 grãos de trigo. Não apanhou nenhum e teve por unico premio da fua invenção... o poder jogal-a.

E não foi pouco porque no fim de tudo o xadrez é um jogo que dá a mais alta e olympica idéa dos efpiritos que o procuram.

É uma diftracção de gigantes. O efpirito que para fe diftrahir fe lança nos calculos difficeis e trabalhosos do xadrez, é tão forte como o eftomago que para fazer a digeftão d'um banquete, fe entretiveffe a devorar quinze kilos de roaft-beef em fangue, ou como o amanuenfe que para defcanfar do trabalho aturado de feis horas de carteira foffe copiar umas cincoenta paginas do La Rouffe.

Felizes d'aquelles, que tem umas faculdades intellectuaes tão poderofas, que quando as querem defcançar, para lhes dar uma folga as mettem nos problemas intrincados do xadrez.

As tres excellentes figuras da noffa formofiffima eftampa fão d'effes felizes.

As tres não, as duas, por que ella, effa deliciofa mulher que tem um braço modelado como os braços celebres de mademoizelle Mars, os braços mais formofos que fe tem fervido em pafto, aos binoculos avidos, nos palcos cheios de luz, não vae ali procurar ao xadrez, de que é jogadora habil, a diftracção d'effes pefados trabalhos intellectuaes, vae pelo contrario bufcar o prazer de occupar um momento em frivolidade mais feria o feu efpirito folgado todo o dia nos defenfaffios da mufica, que ainda ali dorme no chão, ao feu lado, aos pés do bandolim emudecido ha pouco, e nas despreocupações alegres d'uma vida fauftofa, elegante, preguiçofa, cheia de rifos, atapetada de flores, que ainda ali eftão algumas enfeixadas n'um *bouquet*, atirado para cima de uma cadeira, com a indifferença floricida de quem eftá habituada a vêr furgir rofas fob os feus pés delicados, *cambrés*, indolentes.

Agora o feu parceiro, fim, effe é que tem cara de fe eftar ali diftrahindo dos feus longos e graves trabalhos intellectuaes, meditando os calculos do xadrez, como Hercules para defcanfar dos feus gigantes trabalhos fe repouzava fazendo malabares com os robuftos touros da velha antiguidade.

Tem uma phyfionomia grave, feria, auftera effe parceiro, agora todo entregue ás difficuldades em que o collocou a gentil mulher, que depois de mecher a pedra terrivel que decidiu da batalha, fe encoftou triumphantemente na fua cadeira efperando a victoria certa, olhando o feu adverfario vencido e perplexo com um ar glorifofo cheio de zombaria.

E elle preocupa-fe muito mais com a forte do feu rei do xadrez, do que com a do feu rei da França.

Eftá todo entregue áquillo, fem penfar que os peões que ali o atrapalham terrivelmente fe preparam para mais o atrapalhar cá fóra, no fim d'effa outra partida de xadrez gue fe jogava ha feculos, em que o rei ia pagar caro os xeques que durante effe longo jogo dera fempre com a maior fortuna.

O que ferá effe homem? Um financeiro? Pode muito bem fer, que n'effe tempo na França, como não havia finanças, os financeiros furgiam de todos os lados, era raro não encontrar dentro de qualquer homem um pequeno Turgot, cheio de idéas que deviam falvar o thezouro vazio de dinheiro.

Será um fidalgo? Talvez, um fidalgo que fe deliciava a ouvir as melodias excentricas de Rameau, as arias caracteriftícas de Philidor, — um dos mais terriveis jogadores do xadrez que jogou e ganhou em Londres, tres partidas, ao mefmo tempo, fem olhar para o taboleiro, e que fó teve rival em Morphy, que o jogava com os olhos vendados, com uma deftreza, um tacto, um calculo, e uma precifão milagrofas, diabolicas — até ao dia em que o vieffe acordar a elle, e á França, effa mufica, nova, energica, fublime, extranha, cantada por labios famintos de pão e de justiça: a grande Marfelheza!

Seja o que fôr, para elle agora não exifte fenão aquelle pequenino taboleiro do xadrez, aquellas rendilhadas peças de marfim; não tem fenão uma preoccupação dominante, tirar-fe d'aquella fituação difficil em que o collocou a fua formofa parceira, uma fituação que não tem fenão uma fahida, o xeque mate, o xeque mate terrivel, fatal, inevitavel, breve, d'ali a poucos lances, previftos e implacaveis, que o unico espectador d'effe duello conta defcanfadamente pelos dedos, encoftado ao *fogão*, com a ferenidade tranquilla, com que um medico indifferente calcula os minutos que deve durar a agonia d'um doente condemnado.

O quadro é deliciofo, o defenho magnifico, a gravura um primor.

Como todas as obras de arte realmente notaveis, efte pequeno quadro difpenfa qualquer explicação, explica-fe por fi mefmo.

As figuras eftão foberbamente agrupadas, lançadas no papel com uma grande verdade de *pofe* e de expreffão.

É uma verdadeira perola efte quadrinho gracifofo e perfumado, uma perola, que em vez de uma modeftiffima caixa de cartão, merecia um elegante *écrin* de veludo e de fetim, que eu finceramente tenho enormiffima pena de não faber confeccionar.

GERVASIO LOBATO.

PAULA VICENTE

(15.. — 1561)

IVE efte nome na hiftoria, á fombra do nome illuftre do fundador do theatro portuguez, e tão intimamente ligado a elle, que é quafi impoffivel fallar de Gil Vicente fem de fua nobre e fympathica filha fe fazer menção, e dos variados talentos de que foi dotada, concluir quanto lhe deveu a reputação d'aquelle que lhe déra o fer.

Se poucas fão as noticias que nos reftam, e effas mefmo obfcuras, quando não contradictorias, ácerca do nafcimento e da vida de Gil Vicente, as que a fua filha dizem refpeito fão ainda mais deficientes, havendo apenas motivo para affirmar que fizera parte da academia de mulheres doutas que a infanta D. Ma-

ria, filha de el-rei D. Manuel e da rainha D. Leonor [1] fundára em ſua caſa, e em que ſe tornaram famoſas Luiza Sigea, Anna Vaz e Paula Vicente, grandes ſabedoras do grego e do latim, e todas dadas á cultura da muſica e da poeſia.

Eſtava eu diſpoſto, por amor da arte, a ſuſpeitar primeiro, e confirmar depois por coherencia, os dotes phyſicos de Paula Vicente, fazendo d'ella uma feiticeira Adriana Lecouvreur, porque ſó aſſim eu a podia imaginar uma completa e gracioſa interprete dos autos e tragi-comedias de ſeu pae quando o desapiedado Barboſa Machado me apparece dizendo a ſeu reſpeito:

«Naſcendo pouco favorecida da natureza na ſymetria do roſto, como na proporção da eſtatura, emendou a graça eſſes defeitos com os dotes de diſcreta e virtuoſa. Tocava todo o genero de inſtrumentos com ſumma deſtreza e ſuavidade. Repreſentava com admiravel eſpirito as comedias de ſeu pae, na preſença da infanta D. Maria, filha do Sereniſſimo rei D. Manoel, da qual foi moça da camara, que fazia particular eſtimação da ſua peſſoa.»

Acceitando a ſegunda parte do julgamento de Barboſa Machado, nego-lhe a competencia, e portanto a auctoridade, para ſe arvorar em juiz de deſvalimentos phyſicos de mulheres, não ſó pela ſua qualidade de presbytero, como por não haver ſido contemporaneo da comediante a quem Gil Vicente confiava as partes mais importantes das ſuas peças, e de que ella com certeza ſe não poderia deſobrigar *não tendo symetria de roſto nem proporções de eſtatura*, ſalvo ſe o bom do abbade quiz por eſtas palavras dar a entender que Paula Vicente não fôra de eſtatura agigantada, e ſe a falta de ſymetria de roſto de que a accuſa, não paſſava de um caracteriſtico accentuado de feições, o que, longe de ſer defeito, é recommendação para quem entende d'eſtas couſas.

Cá para mim, diga Barboſa Machado o que quizer, ſe Paula Vicente tiveſſe apenas ſido uma mulher douta, enfronhada no grego e no latim, podia ſer feia á ſua vontade; mas poetiſa, e ſobre poetiſa comediante, é maldade atirar com ella á poſteridade com o labeu de pouco phyſicamente favorecida pela natureza.

Garrett, que nunca em toda a ſua vida eſtudou metade do que eſtudou o laborioſo auctor dos quatro bojudos tomos da Bibliotheca Luſitana, teve mil vezes mais preſciencia artiſtica do que elle quando, no ſeu *Auto de Gil Vicente*, nos dava uma Paula não ſó notavel pelo talento, como rival de uma princeza, e diſputando-lhe o coração do ſentimental poeta das *Saudades*, do maior cortezão entre os verſejadores cortezãos do ſeu tempo.

Por ocioſo e deſlocado não repito aqui o pouco que é ſabido da vida de Gil Vicente, e anda diſperſo por diverſos livros, [2] não pretendendo meſmo tirar a limpo a inopportuna duvida que ainda exiſte ſobre ſe o poeta foi de nobre extracção como pretendem uns, e o comprovam as ſuas francas entradas nos paços reaes, ou filho de um *albardeiro* e de uma *parteira*, e ainda para mais ajuda neto de um *tamborileiro*, groteſca genealogia dada á luz em 1840 pelo sr. Rivara, que a faccou dos verſos que Gil Vicente poz na bocca do licenciado que figura no *Auto da Luſitania*.

O sr. Theophilo Braga, que, na ſua *Hiſtoria do Theatro Portuguez* no ſeculo XVI, forçou, a noſſo vêr, os intuitos philoſophicos e religioſos do poeta, apreſentando-o como um precurſor de Luthero, e como o unico poeta do ſeu tempo que ouſára arcar de frente com o poder clerical, o que é deſmentido pelo deſaſſombro brincalhão de algumas trovas do Cancioneiro de Rezende contra os frades; n'eſte aſſumpto, o da conteſtada filiação do poeta, põe-ſe do lado da verdade, acceitando as abundantes provas, ou antes as fundadas ſuſpeitas que exiſtem de ſer a ſua aſcendencia muito differente, da que o sr. Rivara lhe attribuiu, queſtão que, decidida por um ou por outro lado, não rebaixa nem agiganta as potentes faculdades litterarias do fundador do theatro portuguez.

Foi Gil Vicente caſado com Anna Bezerra, e d'ella houve dous filhos, Luiz Vicente, e a erudita e sympathica Paula Vicente, excluindo um terceiro, inventado ao que parece por Faria e Souſa, para architectar ſobre o caſo uma anecdota inveroſimil, a que não allude nenhum eſcriptor contemporaneo do poeta, anecdotas que Barreto Feio fulmina no *Enſaio ſobre a vida de Gil Vicente*, e Coſta e Silva desfaz com rigoroſa e ſã argumentação no *Enſaio Biographico critico*, contrapondo o ſilencio dos auctores que podiam ſer auctoridades inſuſpeitas, ás affirmativas ſem prova de Faria e Souſa, e á reproducção d'ellas por João Baptiſta de Caſtro, no ſeu *Mappa de Portugal*, aggravadas com o indeſculpavel erro da confuſão do nomes do verdadeiro com o do ſuppoſto filho do poeta! [3]

O sr. Theophilo Braga, que provavelmente não quiz preſtar credito á genealogia do poeta extrahida por Cunha Rivara dos verſos de um auto, meſmo correndo o riſco de tirar a Gil Vicente mais uma das ſuas feições democraticas, a do naſcimento, parecee acceitar a exiſtencia d'eſte terceiro filho, auctoriſando-ſe com uns verſos do *Templo de Apollo*, que principiam:

Ora ſus, alto *Gilete*

que no noſſo entender provam tanto, como os outros do *Auto da Luſitania*, de que foi extrahida a burleſca arvore genealogica do poeta, que a ſi proprio ſe attribue o officio de tecelão, o que, a ſer verdade, faria caducar pela baſe a affirmativa, até hoje não conteſtada, de haver Gil Vicente curſado a faculdade de leis na Univerſidade de Lisboa.

Sobre o que não reſta a mais leve ſombra de duvida é ácerca da exiſtencia de Paula Vicente, comprovada pelo privilegio em ſeu favor paſſado a 3 de ſetembro de 1561, pela rainha D. Catharina, na menoridade de D. Sebaſtião, *para emprimir hum livro e cancioneiro de todas as obras de Gil Vicente ſeu pay, a ſi as que até ora andarão emprimidas pelo meudo, como outras que o ainda nam foram.*

Eſte alvará de privilegio, e o prologo das obras de Gil Vicente, eſcripto por Luiz Vicente, ſeu filho, ſão, no dizer de Barreto Feio, *os dois unicos documentos authenticos para a hiſtoria de Gil Vicente*, mas valio-

[1] Noticias completas ácerca d'eſta princeza encontram-ſe no ſeu biographo Frei Miguel Pacheco *Vida de la Sereniſſima infanta D. Maria, etc., etc.*, e em Antonio Caetano de Souſa, no t. III, liv. IV, cap. III, da Hiſtoria Genealogica da Caſa Real.

[2] Vide: Bibl. Lus., t. II, e a *Advertencia e Enſaio*, que precedem as obras de Gil Vicente na edição de Hamburgo. *O Catalogo dos Auctores*, antepoſto ao *Diccionario da lingua Portugueza*, da Academia, o *Enſaio biographico critico* de Coſta e Silva, no t. I, e Theophilo Braga, na *Hiſtoria do theatro portuguez*. Ha ainda outros ſubſidios de menor monta a conſultar ácerca da vida e das obras de Gil Vicente.

[3] Vide: Coſta e Silva, *Enſaio biographico critico*, t. I, pag. 244, 245, 246.

IDYLLIO PRATICO

Typ. — Christovão A. Rodrigues.

ſos ambos, cada qual no ſeu genero, o primeiro como documento irrecuſavel da filiação de Paula Vicente, o ſegundo pela piedade filial que revela, pelo conceito que Luiz Vicente faz das obras de ſeu pae, finalmente pela noticia que nos dá do apreço em que D. Sebastião tinha as obras do grande poeta nacional, *porque ſei*, diz elle no ſeu prologo, *que já agora n'eſſa tenra idade V. A. goſta muito d'ellas, e as lê e folga de as vêr repreſentadas, tomei a minhas coſtas o trabalho de as apurar e fazer imprimir ſem outro intereſſe, ſenão ſervir V. A. com lh'as dirigir, e cumprir com eſta obrigação de filho.*

Barreto Feio, no já citado *Enſaio ſobre a vida e eſcriptos de Gil Vicente*, diz, fallando de ſua filha: «*Paula Vicente não ſó compoz um volume de comedias que julgamos perdido, mas no fim da vida de ſeu velho pai o ajudava em ſuas compoſições e conſta além d'iſſo que ella deſenvolvera um ſingular talento hiſtrionico, repreſentando nas comedias de ſeu pai com tanta graça e natureza que paſſava por uma das melhores actrizes do ſeu tempo.*»

O sr. Theophilo Braga compartilha eſta opinião geral, chamando a Paula Vicente *figura ſympathica, aureolada do amor puro e do diſvello com que trabalhava e ajudava ſeu pai na invenção dos ſeus autos;* mas, em ſeguida, eſquecido d'eſta poſitiva affirmativa, que deſde Barboſa Machado até hoje tem corrido ſem conteſtação, e ao fallar dos talentos poeticos da filha de Gil Vicente, accreſcenta: *eſte facto baſtava para ſobre iſſo firmar-ſe a* LENDA *de ella collaborar com ſeu pai, quando os deſgoſtos e a edade lhe apoucaram a imaginação.*

Ainda uma outra honra cabe a Paula Vicente, e é a de haver ſido auctora de uma grammatica da lingua ingleza, por onde o sr. viſconde de Juromenha conjectura ter-ſe Camões habilitado a entender os poetas inglezes,[1] opinião que o sr. Theophilo Braga parece inclinado a acceitar, porque, citando-a, accrescenta: *que talvez a filha de Gil Vicente não deſconheceſſe os velhos Myſterios inglezes, que no tempo de D. João I foram trazidos para Portugal*, e que de tamanho auxilio poderiam ter ſervido a ſeu pae na compoſição das peças do meſmo genero, e ſão as que mais avultam, numericamente, no largo repertorio do fundador do theatro nacional.

Emquanto ao aſſentamento que Paula Vicente teve no livro das Moradias da Caſa da Rainha D. Catharina, a titulo de *tangedora*, não me parece neceſſario forçar a ſignificação obvia da palavra, para a transformar em meſtra das donzellas da rainha, quando a deſignação de *tangedora* dá idéa clara do cargo, que de ha muito tempo, e ainda hoje, ſe chama muſico da real camara.

Que Paula Vicente foi, em reſumo, uma mulher de notabiliſſimos talentos e vaſta erudição não é licito duvidal-o, apezar de ſe haverem perdido as ſuas obras, e de ſeu irmão Luiz nem ſequer a ellas alludir no prologo das de ſeu pae, o que não admira á viſta da timidez e acanhamento com que d'eſtas falla, dizendo: *que não tem tamanho merecimento como tiverão as de outros poetas antigos e modernos, mas que por ſerem algumas d'ellas feitas em ſerviço de Deus, por iſſo as imprime!*

Temos alludido ao pouco que ſe ſabe e conhece da vida de Paula Vicente, mas foi com eſte meſmo pouco, que Almeida Garrett, com admiravel tacto litterario, ideou o mais portuguez dos ſeus dramas, e delineou as patheticas ſcenas do ſegundo acto do drama *Gil Vicente*, que reſumem e deſenham as luctas intimas do coração de uma artiſta. Aparte a ficção dos amores de Paula por Bernardim Ribeiro, o reſto é hiſtoricamente exacto, e dá mais do que nenhumas noticias diſperſas pelas chronicas e pelos livros de critica, idéa verdadeira do viver intimo do auctor da *Moſina Mendes* e do *Clerigo da Beira*, e da collaboração que ſua filha teve nos ſeus trabalhos litterarios.

Não poſſo reſiſtir á tentação de reproduzir para aqui inteira a ſcena III do ſegundo acto do *Gil Vicente*, que é como a ſumma de tudo quanto fica eſcripto, animado pela magia do eſtylo do reſtaurador do theatro portuguez, que tal gloria ninguem a póde negar a Almeida Garrett.

GIL VICENTE, PAULA VICENTE

GIL VICENTE

El-rei que fique ſem auto.

PAULA *(Paſſeiando com enfado)*

Tem auto de mais.

GIL VICENTE

A Senhora Infanta duqueza que ſe amofine.

PAULA

Amofinada ſeja ella! Pelo bem que lhe eu quero...

GIL VICENTE

Paula, Paula, a ingratidão é a coiſa mais feia que ha. Hei de fazer um auto da ingratidão... *(penſando)* em que ha de figurar... o Diabo pae da Mentira... com ſua neta D. Ingratidão... Dona, ſim, com dom, — que é vicio mais uſado de andar pelos grandes. — Mas tu bem pequena és, Paula, e por eſſa parte tinhas ſerviços decretados para condeſſa, pelo menos.

PAULA

Condeſſa, condeſſa, duqueza... Que ſão ellas mais do que eu?

GIL VICENTE

Boa vai ella! Eſtás nos teus dias, Paula. Ora vem cá: pois aquelle anjo da infanta, que te trata como ſua egual, que não póde viver ſem ti, que tu és a ſua maior amiga?...

PAULA

Amiga!

GIL VICENTE

A confidente dos ſeus ſegredos...

PAULA

E quem lh'os pede os ſeus ſegredos? Quem lh'os quer ſaber os ſeus reaes ſegredos, os ſeus ſegredos de princeza? Que os diga ás da ſua egualha...

GIL VICENTE

Que todavia não ſão mais que tu...

[1] Viſconde de Juromenha, *Obras de Camões*, t. I, pag. 22.

PAULA

Não por certo; — nem tanto: — que eu finto, penfo, intendo, fei, vivo! — E ellas exiftem para ahi.

GIL VICENTE *(com enthufiafmo)*

Oh! tu és a minha Paula, o meu braço direito, a minha mufa. Sem ti que fôra da reputação de Gil Vicente, que já affombrou João da Enciña, que já não tem a quem temer para cá dos Pyreneus, e depreffa irá defafiar effes poderofos de Roma e de Florença. De ti me vem quanta infpiração grande tenho tido, por ti tenho brilhado na fcena! O minha Paula! Affim te quero eu...

PAULA

Como á voffa melhor comedia. — Não fallemos hoje de amifades ou de amores, que não eftou em veia de amar.

GIL VICENTE

Oh Paula, Paula, como me dirás tu aquelles verfos da *Providencia*.

PAULA *(feccamente)*

Que eu fiz.

GIL VICENTE *(refentido)*

Que fizefte, não ha duvida, fofte tu; quem t'o nega? — Fizeftel-os para gloria de teu pae, que te creou *(com as lagrimas nos olhos)*, que te trouxe ao collo, que te ferviu de pai e de mãe. Levou-nol-a Deus, tua mãe, e eu fiquei para velar as noites ao pé do teu berço, roendo nas unhas muita noite de inverno, e fazendo trovas emquanto dormias, acalentando-te quando rabujavas. — Fizefte, Paula, fão teus os verfos: e eu que em ti puz minhas efperanças, infinei-te quanto foube, dei-te meftres de tudo. Poucos letrados fabem tanto em Portugal: d'iffo prefumes, e tens razão: mas eu é que te fiz o que es, minha filha; cuidei que te lembravas mais d'iffo, que dos verfos que compunhas...

PAULA *(chorando e abraçando-o)*

Perdoai-me, meu pai: perdoai-me, que não fei ora o que digo. Devaneia-me efta pobre cabeça de tanto padecer e foffrer.

GIL VICENTE

Pois que tens tu, minha filha, minha querida filha? Tudo eftá perdoado. Eu fei quanto te devo; e nunca me efqueço, Paula, nunca. — Mas has de reprefentar logo. Não?

PAULA

Sim, meu pae.

GIL VICENTE

Has de me entrar por aquella fala dentro, de fceptro na mão, corôa na cabeça — a tunica roçagante, a cauda fobraçada. — E os italianos embasbacados, corridos, mettidos n'um chinello de mouro. — E tu bella, mais bella de teu efpirito e formofura de expreffão e alma que... *(abaixando a voz)* que effas condeffas, princezas e infantas todas. — E quando tu dizes: *(declama com emphafe.)*

Jupiter ha de fazer
Côrtes logo em um momento,
Porque Deus me deu a mim
Que o fizeffe rei do mar
E dos ventos outrofi,
E dos fignos. Venha aqui
Para logo começar.

(Fallando) Bravo, bravo! Que o façam melhor em Florença ou em cafa do Papa.»

Efta fimples fcena refume em fi toda a confciencia que Gil Vicente tinha dos feus talentos; tudo o que Barbofa Machado affirma do valor intellectual de Paula, e da fua collaboração nas obras de feu pai.

A tragi-comedia das *Côrtes de Jupiter*, efcolhida por Almeida Garrett para bafe da urdidura do feu drama, além da opportunidade da occafião — a partida da infanta D. Beatriz — ferviu-lhe para não falfear a tradicção que nos dá Paula Vicente como collaboradora de feu pai apenas nos ultimos annos da vida d'efte, podendo portanto, fem inverofimilhança, tel-o auxiliado n'efta compofição, defempenhando tambem a parte da *Providencia*, o que é egualmente não fó verofimil, mas provavel.

Por ultimo, dizendo que os mais diftinctos fidalgos da côrte de D. Manuel, e as damas mais nomeadas pela fua belleza e efquivança affiftiram á reprefentação das *Côrtes de Jupiter*, raftejaremos, tão arredados já da epocha mais gloriofa da noffa hiftoria patria, a parte não pequena que Paula Vicente teve na fundação do theatro nacional, e os triumphos que obteve na reproducção fcenica das figuras mais caracteriftica das compofições dramaticas de feu illuftre pai.

L. A. PALMEIRIM.

IDYLLIO PRATICO

AUCTOR do quadro baptifou-o com efte nome: *Idyllio pratico*.

Para pratico acho ainda cedo.

O homem é um curiofo, um amador, um taful com fuas inclinações para a poefia pifcatoria. Vê-fe-lhe nos ares da cabeça como que um elegante geito de artifta. É peffoa fina, com certeza; finiffima. O dia é de verão; mas as arvores dão fombra. O que havia de fazer por effes campos fóra? Devanear como um feifmador da antiga Hellade, tranfviado n'um paiz conftitucional?

Elle fente pelas nymphas mythologicas a mais cordial das affeições poffiveis; pelas mythologicas, e ainda pelas de graduação menos fubida. Nos feus paffeios, fraldejando pelas montanhas, feguindo ao longo dos rios, ou embrenhando-fe pelas florestas copadas, tem mais de uma vez debuxado na transparencia das exalações o contorno de feres deliciofos.

Conhece as Naiades, que habitam as fontes, as Dryades, que vagueiam nas selvas, as Napêas, que povoam os prados, as Hamadryades que imperam nas arvores, e as Oreades que se saboreiam nos montes.

N'aquelle dia, porém, deixou de banda as divindades que solevam a poeira da terra, e quiz celebrar, não os encantos que desabrocham pelas sebes, enramando-as festivas:

> Mas da pesca innocente os jogos ledos,

conforme se diz n'um poema que trata do assumpto, e que eu recommendo ao leitor, por possuir virtudes therapeuticas muito superiores ás do succo de papoulas.

Poesia campestre... quem é que pensa agora n'ella? O ultimo pastor, que pelo appellido não perca, alugou a fita desbotada do seu chapelinho de palha, para rosseta de venéra do primeiro republicano, que Deus guarde. As frautas e os arrabis, que d'antes enchiam os desvios de canções, entremeadas da solfa adoravel das aves, andam agora a preludiar o hymno da futura democracia, na qual rosmeiam soffrivelmente muitas vozes de conselheiros anafados.

Pensou em consubstanciar-se com o seu poema, isto é, em fazer poesia lyrica, poesia subjectiva, emballando-se em scismares, e permittindo ao coração que se dilatasse, como se dilatam os seios da creação inteira, trasbordando opulentos; mas teve mêdo que se rissem d'elle os sabios, os didacticos, os que andam a metrificar o novo programma social, em alexandrinos de correcção duvidosa.

N'estas circumstancias, e como a vontade o impellisse ao idyllio, achou que seria plausivel adubar a poesia do mar com uma certa quantidade de proveito culinario. Sacrificava d'este modo ao ideal e ao positivo. Era uma especie do Alicuto camoneano, umas vezes relembrando, que,

> Nasceo no pégo a deosa que é senhora
> Do amoroso prazer, que sempre tarda;

e outras, ruminando philosophias mais nutrientes e aphrodisiacas, perguntando chãmente á dama e cosinheira dos seus pensamentos:

> Para quem trago d'agoa em vaso cavo
> Os ruivos camarões vivos saltando?

Exactamente n'esta conjuncção, mesclada de auroras paradisiacas e de flammas de cêpa, é que se abeirou d'aquelle encosto uma menina de olhar languido, e, ao que parece, pouco receiosa do canto maritimo das sirenas.

O homem deteve-se.

Se elles fossem lidos em D. Francisco Manuel, era caso de se trocar o dialogo:

— Agora estou eu como o *peixe* na agua.

— Não sei se escapará pela *malha*, que o senhor, como sempre está com a caninha na agua, em lançando á rêde de arrastar anexins, principia o *fisgar*, seja o que fôr.

Na celestial ignorancia do nosso bom classico, trocaram outras palavras que os peixes ouviram, talvez mais embebidos do que com a prégação do thaumaturgo.

O que foi que disséram? Porque está ella enleiada? Porque não pensa elle senão em miral-a e remiral-a, com um emprego de olhos repetido e teimoso?

Porque, porque...

Responde tu, musgo, que te prendes á rocha, e tu, astro, que te namoras na lympha.

Diga-o o universo inteiro, quando acorda n'um fremito que principia na relva e que termina nas espheras.

Em que haviam de conversar sendo moços, e se aquelle dia é um dia de primavera?

Talvez quizessem que elle recolhesse o seu anzol, e que lhe explicasse a ella sabiamente, socialogicamente, pasteleiramente, que havia roubado á agua, indicada pelo symbolo chymico, de H^2O, um representante do sub-genero de peixes malacopterygios, de que é typo escorreito e lidimo, a popular, a democratica pescadinha?

Não; fallou-lhe d'essas eternas puerilidades em que fallam todas as creaturas, e sem as quaes o mundo seria triste e deserto. Ella ainda tem mãe e uns manos pequeninos. Contou branduras d'aquella, e travessuras d'estes. Disse que gostava de costurar a uma janellinha que tem no seu quarto, por detraz de uma cortina cuja expessura é discreta. Depois, ao cair da tarde, gostava de a correar, de levantar a vidraça, e de espraiar a vista pelo espaço em frente, — um regaço de verdura; e a miude dava comsigo a chorar, pensando em seu pae, que já não vive, — e no que quer que seja a que desde o berço ouvio chamar Deus.

Como era domingo saíu a passear, e chegou até ali, com a descuidosa confiança dos que ainda não conhecem o mal.

Sobre isto bordaram-se historias da sua meninice. Estava no ponto em que a mulher é já crysalida. Presentia que se lhe esgarçava o encerro, mas ainda não sabia em que mundo lhe seria dado voar.

Era encantadora n'aquella simplicidade, toda ella feita de destimidez e de innocencia.

Elle, como era uma alma impressionavel e boa, alheiou-se em a ouvir, e sentio que os liames do espirito se lhe alongavam para ella, como as gavinhas nas latadas.

Não o falteou nenhum pensamento ruim, realista, sordido, — de uns que fazem córar quem tem ainda faces para tanto. Achou-se porém melhor do que para ahi tinha ido, e pareceu-lhe que d'aquellas pupillas baixava uma claridade doce, que se lhe infiltrava no intimo, como o luar se infiltra pelas folhas dos choupos.

Em que se tornaria o idyllio pratico?

Estou a vêl-o levantar-se, sem curar mais dos peixes, nem do anzol com que elles se pescam.

Conhecem-se ha bastante tempo para não serem já amigos.

No campo a intimidade é como as boninas: cresce a subitas.

Porque não vagueariam um tantinho por essas alamedas viçosas?

Como me estão lembrando aquelles versos do canto IV do *Paraiso Perdido:*

> Thus talking hand in hand alone they pass'd
> On to their blissful bow'r.

Não; para elles não seria tão abençoado o refugio; mas é de crêr que buscassem os sitios onde a sombra cahisse mais fresca e redolente.

O poesia, poesia do amor e dos affectos mimosos, tu has de ser sempre uma verdade na terra, emquanto houver sangue nas veias, e seiva nas arvores, porque tu és eterna como a natureza.

OS THEATRINHOS DE BONECOS

Na tua formosura ha bondade.

Com a tua voz, feminil e branda, é que enfinas os caminhos radiosos do futuro.

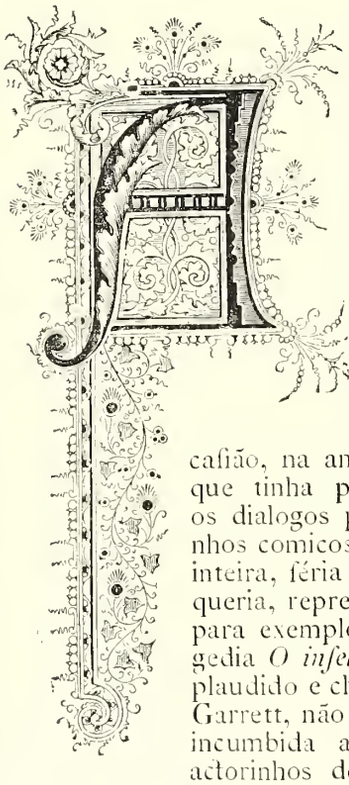
Não prégas, cantas.

Bem sabes que a hamanidade, desconsolada e enferma, é em ti que se ha de retemperar.

A saude dos campos é feita do balsamo das rosas.

E. A. VIDAL.

OS THEATRINHOS DE BONECOS



INDA hão de ter o seu historiador e seu chronista, os bonecos dos theatrinhos das feiras. Tanto gostava d'elles o Goethe! a julgarmos pelo *Wilhelm Meister;* e o Nodier, e a George Sand! Em Portugal o grande Garrett dava tal apreço áquelles figurõesinhos phantasticos, que os italianos chamam *fantoccini*, e os francezes *marionnettes*, que, de uma occasião, na antiga feira de Belem, — que tinha por unico divertimento os dialogos picarescos dos bonequinhos comicos, e por vezes uma peça inteira, séria e tragica quando Deus queria, representada toda por elles; para exemplo, citarei a grande tragedia *O infeliz* Florestan sempre applaudido e chorado; — viu, o grande Garrett, não sei que obra dramatica incumbida ao desempenho d'esses actorinhos de origem napolitana, e, emquanto outros riam, conservava-se elle reverentemente attento, de olhos e ouvidos... Nas scenas graciosas e destinadas a accordarem o riso da multidão, a voz do sujeito ou sujeita, que, detraz dos bastidores dava as fallas correspondentes ao accionado dos bonecos, era rouquenha e nazal: nos lances sérios, vibrante, sonora, e forte. O jogo da scena, magnifico. Nenhuma hesitação no andamento da peça, entradas e sahidas sempre a tempo, mimica moderada ou vehemente conforme a situação exigisse. De uma vez, nos arrancos finaes, o galã levou um carolo que lhe abriu a cara; mas com um alfinete, que um musico emprestou, o emprezario concertou isso sem difficuldade. Tambem succedia, que a dama andasse sempre de esguelha; que o heroe quebrasse uma perna; mas nunca ficavam tão espertos e ageis, esses artistinhas, como em lhes succedendo desastre, e que os concertassem convenientemente. A farça das *Prophecias do Bandarra*, o sebastianista e o sapateiro, foi devida a uma inspiração emquanto o poeta estava, n'uma barraca em Belem, a disfructar esses joguetes comicos. Se me dissessem, que, até o *Fr. Luiz de Souza*, lhe houvesse sido suscitado pelos bonecos, quem não havia de se admirar, seria eu; porque tudo póde inspirar, tudo, entendamos-nos, que seja formoso e solemne, esse solemne e formoso espectaculo dos bonecos mechanicos, mais perfeitos e verosimeis, mais dignos e austeros do que os homens, porque, menos do que elles, deixam que se perceba o fio que os faz mover.

Grandes condições favoraveis teem esses actores, a dar-lhes vantagem sobre os seus competidores fallantes dos theatros maiores. Em primeiro logar não parecem nunca desconfiar de si mesmos; e, isso é uma fortuna, aliás os outros desconfiam logo. Dão sylabadas, exactamente como nos theatros grandes, estropiam palavras, levam de corrida phrases sem sentido, porque lhes comam trechos, ou fazem inhabilmente uma salada das orações que compõem o periodo; mas não hesitam, não se fazem côrados, e primam em terem menos pudor que os seus collegas pensantes. Escorreitos e direitinhos vão gesticulando, e nunca dão a perceber, como por vezes succede aos actores de profissão, que andem n'aquella obra e n'aquelle officio completamente *ás aranhas*, como se lá diz, o que é tanto peor que isso pega-se como a tosse convulsa.

A sciencia das palavras, uma das mais importantes que o homem possa adquirir, não lhes faz, a elles, calor nem frio. Que ellas sirvam, como quer o dr. Pancracio, para explicar os nossos pensamentos, ou, conforme o Talleyrand para os disfarçar; que haja identidade do pensamento e linguagem, que não possam separar-se, que a idéa sem as palavras não seja nada, que as palavras sem a idéa não passem de rumores vãos, que pensar seja fallar baixo, que fallar seja pensar alto, que a palavra seja a idéa revestida de um corpo, é o que a elles não só lhes não importa para nada — no que não sei se levam decidida vantagem aos collegas fallantes, — mas nem se dão ares e fingimentos de que isso os preoccupe, o que, da sua parte, se considerarmos o alcance das prosapias de deuses a que a gente de theatro é dada, se torna acredor da admiração publica, como caso de maravilha!

JULIO CESAR MACHADO.

SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS ARTES EM PORTUGAL

DUODECIMA EXPOSIÇÃO

(Continuado da pag. 63)

O SR. Loureiro com a sua *Campina romana*, com o *Costume napolitano* e com o quadro denominado *Quem me chama?* mostra que póde vir a ser um paizagista de primeira ordem e um bom pintor de genero.

Na *Campina romana* os verdes são talvez demasiado crus — o que não impede que a vegetação esteja bem pintada — os ares teem serenidade e transparencia, as figuras são tocadas com facilidade e parecem mover-se; em summa, o *ensemble* e agradavel, harmonioso e attraente. O *Costume napolitano*, pintado nos primeiros tempos em que o sr. Loureiro estudou fóra de Portugal, tem qualidades que já deixam prevêr a grande vocação do artista. Na tela *Quem me chama?*, embora haja muitas durezas — sendo a principal o esbatimento da canastra sobre o rosto da figura — e as carnes sejam por vezes pintadas com menos cuidado, ostentam-se, comtudo, a par do desenho quasi sempre correcto, bellezas que lhe dão foros de uma composição de merecimento.

Da grande collecção de paizagens que o sr. Alfredo Keil expõe, tenho como melhor a intitulada *Perto do açude do Vimagre*, em Collares. Ha sol n'aquelle quadro, e as arvores são em

geral bem tocadas. O primeiro plano da fua tela denominada a *Tarde* tambem é feito com arte, mas o ponto efcolhido, principalmente á hora em que o pintor intentou reprefental-o, é menos fympathico. Das duas figuras dos quadros *Coftume allemão do feculo XVI* e uma *Boa lamina*, acho preferivel a d'efte ultimo, pofto o auctor não feja da minha opinião. É dever lembrar os rochedos do quadro intitulado o *Vapor que paffa*, pintados com algum vigor e acerto de toque.

O *Brejo*, paizagem baftante dura, mas que revela talento e eftudo do natural; *Quer a forte?* meia figura cheia de expreffão e pintada com arte, embora as carnes tenham uma côr baça e menos verdadeira; alguns quadros de animaes filiados na efcola creada por Annunciação, e uma paizagem pequena baftante luminofa formam a bella expofição do sr. Malhôa, um dos mais efperançofos difcipulos da Academia de Lisboa.

O sr. Ramalho, difcipulo do mefmo eftabelecimento de enfino, aprefenta-fe bem com dous pequenos eftudos de paizagem, um dos quaes tem tão violento efcuro n'uma cafinha, que parece um buraco aberto na tela. No entretanto, ambos os trabalhos d'efte novel artifta denotam eftudo e difpofição.

Os *Mercados* do sr. Leonel fão, como todas as pinturas d'efte artifta, tocados com a maior minuciofidade, mas fraquiffimos de côr. Eftas duas particularidades tornam-fe tão falientes no sr. Leonel, que os feus quadros não fe parecem com os de nenhum outro artifta.

Das marinhas do sr. Pedrofo reprefentando viftas do Tejo, diftingue-fe uma cuja atmofphera e pintada com grande tranfparencia e propriedade de tom; entre as do sr. Thomazini julgo preferivel a intitulada o *Vapor Almeida Garrett*, na qual o movimento das ondas e o bater do velame rafgado da embarcação foccorrida por aquelle vapor, dão idéa do temporal. O horifonte baftante enfumaçado faz com que a linha da agua não feja perfeitamente horifontal. Aprefenta-fe-nos quafi fempre affim o natural quando um aguaceiro vem correndo para nós; por iffo julgo verdadeiro o que a muitos fe afigura grave defeito.

Um difcipulo da Academia real de bellas artes, o sr. João Jofé Vaz, expõe uma paizagem e um quadro que figura o *Portal do Mofteiro de Jesus*, em Setubal. Efte ultimo trabalho é digno de attenção pela verdade com que a architectura eftá pintada. O toque, em geral, é groffo, e a pedra deftaca-fe da parede caiada como fe o artifta houveffe recortado a pintura e a collaffe depois fobre papel branco; ifto, porém, não obfta a que o quadro do sr. Vaz lhe faça honra, porque deve fer o prenuncio de outras compofições de mais valor que fica obrigado a produzir quem tanta difpofição moftra para a arte que profeffa.

Abrilhantam a expofição obras importantes de algumas fenhoras portuguezas e de uma fenhora eftrangeira.

As paizagens da sr.ª D. Maria Guilhermina da Silva Reis pertencentes a uma efchola antiquada, em que a compofição e a côr fão completamente convencionaes, recommendam-fe, todavia, porque reproduzem lugares pittorefcos do paiz e teem, com rariffimas excepções, os longes bem pintados. A que reprefenta o *Monte Alide*, em que os diverfos planos eftão bem determinados, é a melhor das exhibidas efte anno por aquella talentofa fenhora.

O quadro de *Natureza morta*, e o denominado *Recordações*, da sr.ª D. Luiza Ribeiro da Cunha affirmam o vigorofo talento d'efta fenhora, e a fua natural propenfão para a côr.

As *Flores* da sr.ª D. Anna Guedes moftram como com dous toques fe confegue fazer um quadrinho agradavel para os profanos, e, o que é mais, attraente para os artiftas.

Os *Fructos* da sr.ª D. Antonia Vilella de Abreu, os *Pombos e os Coelhos* da sr.ª D. Carolina e da sr.ª Chriftina Barros, os *Coelhos* da sr.ª D. Joanna Vilella Godinho, as aguarellas e a minitura de madame Silva e umas aguarellas reprefentando begonias e outras plantas, da sr.ª D. Adelaide Murta completam a expofição das pinturas faidas das delicadas mãos d'effas benemeritas fenhoras que honram a arte dedicando-lhe algumas horas do feu precifo tempo.

Nada direi dos trabalhos dos artiftas fallecidos, ha muito julgados pela critica, fenão que entre elles avulta um formoso vitello de Annunciação e uma virgem attribuida a Murillo.

Paffemos portanto á

ESCULPTURA

São menos numerofas do que as de pintura, porém mais dignas de louvor e detida analyfe, as obras d'este ramo das bellas artes que figuram na expofição da Sociedade promotora.

A efculptura eftá entre nós mais adiantada do que a pintura, não porque efta efpecialidade feja affagada com mais difvellos pelos que tratam fuperiormente dos negocios de bellas artes, mas porque a noffa vocação propende mais para a reprefentação do natural no marmore do que na tela. Creio que não fe póde explicar o cafo por outro modo.

A cabeça em geffo expofta pelo sr. Soares dos Reis, eftudo do natural para a eftatua da filha do sr. Delfim Guedes de que eftá incumbido aquelle acreditado artifta portuenfe, tem expreffão e fimilhança, e a individualidade que diftingue todas as obras affignadas por tão notavel eftatuario.

O sr. Simões de Almeida aprefenta duas figuras em marmore qual d'ellas a mais primorosa. Uma, fentada, com o olhar vago e doce, reprefenta *Ignez de Caftro*, a mallograda amante que cobriu de luto uma pagina da noffa hiftoria por caufa da fua tragica morte; a outra, de pé, com a phifionomia e o gefto cheio de vigor, reprefenta *Judith*, a tradicional heroina de Bethulia, a corajofa viuva de Manaffés que degolou com a fua efpada vingadora o famofo general de Nabuchodonofor.

Como fão expreffivas aquellas duas cabeças tão differentes uma da outra, aquella refpirando amor e poefia, efta odio e vingança!

Carnes e roupas eftão tratadas por mão habil. Pena é que tão formofas eftatuas não fejam do tamanho natural.

Os buftos em marmore e em geffo, expoftos por efte talenfo eftatuario, teem tambem excellente execução artiftica, e os que fão retratos eftão muito parecidos.

Uma eftatua da *Dôr* para fer executada em marmore e collocada na capella dos srs. duques de Palmella, no cemiterio dos Prazeres, e um bufto de Alexandre Herculano fão as unicas obras expoftas pelo habil efculptor o sr. Calmels.

Na eftatua, afóra os braços que fão realmente bem modelados, afigura-fe-me haver pouca obfervação do natural. A cabeça parece feita de côr, e as pregas, copiadas de certo do manequim, accufam incorrectamente as formas do corpo da figura. No entretanto percebe-fe n'aquelle trabalho, como em todos os do sr. Calmels, a mão adextrada de um meftre, fectario todavia de uma efchola que já paffou de moda.

O bufto de Alexandre Herculano e parecidiffimo e tem o fentimento do grande hiftoriador. É para fentir que as muitas roupas, aliás bem trabalhadas, prejudiquem o effeito da cabeça, que parece pequena não o fendo.

Com a eftatua de *Hermengarda* e com a que lhe ganhou a medalha de ouro no ultimo concurfo da Academia de Lisboa — *Um foldado fpartano armando-fe para a guerra*, fe aprefenta o sr. Jofé Moreira Rato Junior, um novel artifta de talento, que, fe eftudar com prefeverança, deve vir a occupar brilhante logar entre os eftatuarios portuguezes. A nova eftatua do sr. Rato, pofto feja, até certo ponto, a repetição da do concurfo, tem energia e expreffão. Faltam-lhe, porem, as proporções e certas bellezas de execução; ifto é, falta-lhe o que fó fe adquire com o eftudo.

O sr. Jofé Rodrigues Vieira, difcipulo do sr. Calmels, tambem figura muito vantajofamente com uma *Cabeça de menino* e um bufto de *Flora*. A primeira, de uma expreffão meiga e fympathica, é fuperior ao bufto mythologico.

Todos os encomios que fe façam ás obras de arte da sr.ª duqueza de Palmella fão poucos em vifta do muito que ellas merecem. N'um paiz em que as artes maiores encontram tão raros cultores, é realmente para notar com affombro haver uma fenhora que fe dedica a uma d'ellas com o enthufiasmo e o aturado eftudo de verdadeiro artifta. Ora, fendo effa benemerita fenhora da mais nobre linhagem, preferindo, portanto, aproveitar as melhores horas do dia no *atelier* modelando o barro e efculpindo o marmore, a confumil-as com a etiqueta improficua das falas ariftocraticas, forçofo é confeffar que effa efclarecida fenhora realifa uma maravilha digna de todo o refpeito, e dá um exemplo de illuftração e bom gofto merecedor, por todas as razões, de fer feguido, tanto quanto feja poffivel, pelas fenhoras protuguezas.

O bufto de eftudo, o do marquez de Sá da Bandeira e o retrato em medalhão, todos em marmore, expoftos pela sr.ª duqueza, fão obras que os eftatuarios de profiffão de certo não defdenhariam affignar.

Com ifto julgo ter dito tudo.

DESENHO

Quatro defenhos do sr. Luiz Baftos ornam as paredes da fala da expofição. Reprefentam paizagens dos fuburbios de Coimbra, e fão trabalhos agradaveis que revelam certo merecimento. O melhor é o denominado *Rio Velho*.

A *Virgem do Rofario*, copia de um quadro de Murillo que eftá no mufeu do Louvre, feita pelo sr. Jofé Nunes Junior, é a prova de eftudo que efte artifta, na qualidade de penfionario do eftado, remetteu de Paris para a Academia de bellas artes. Tem louvavel execução.

GRAVURA

Um retrato, copiado de um quadro de Claudio Lefebvre pelo artifta de quem acabo de fallar, é a unica obra de gravura em

cobre que eſtá na expoſição. Prova á evidencia eſta obra que o sr. Nunes aproveitou das lições do ſeu meſtre em Pariz, o notavel gravador Henrique Dupont.

De gravura em madeira ha trabalhos dos srs. Severini, Pedroſo e Christino da Silva.

Os do sr. Severini ſão inconteſtavelmente os melhores. A *Portada de S. Telmo*, em Sevilha, publicada pela *Illuſtração heſpanhola e americana*, a *Armadura dada por el-rei D. Manoel a D. Filippe I de Heſpanha;* o *Punhal*, attribuido a Benevenuto Cellini; o *Saltimbanco*, do eſculptor Simões de Almeida e o retrato de Thomaz Joſé da Annunciação, publicados n'eſta folha, ſão obras que revelam o buril adextrado de um primeiro gravador.

Os trabalhos do sr. Chriſtino, avaliados como producção de artiſta que principia, denotam uma grande vocação. É miſter que o novel gravador a ſaiba aproveitar para vir a ſer no futuro um dos primeiros no ſeu genero.

PHOTOGRAPHIA

Ha ſó dous expoſitores d'eſta eſpecie de trabalhos; o sr Henrique Nunes e o sr. Lucas de Almeida Marrão.

O primeiro expõe photographias tranſparentes, ſobre papel, pintadas a oleo e photominiaturas; o ſegundo ſó photographias ſobre papel.

Entre as d'aquelle, ha provas magnificas que juſtificam os creditos que o sr. Henrique Nunes goſa como photographo de primeira ordem; as d'eſte ultimo ſão tambem, pela maior parte, de boa execução.

SECÇÃO INDUSTRIAL

Varios trabalhos em marfim e ébano feitos ao torno pelos diſtinctos amadores os srs. Joſé Manuel Cahen e Franciſco Antonio Ferreira, seis pratos de louça pintados pela sr.ª D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro e duas taças de cobre eſmaltado, bem como varios objectos de louça, no eſtylo italiano, pintados pelo sr. Wenceſlau Cifka é tudo o que ſe nos depara n'eſta ſecção, com a qual termina o catalogo das obras da duodecima expoſição da Sociedade promotora, uma das melhores que tem realiſado aquella importante inſtituição credora das artes em Portugal por tantos e tão valioſos favores que lhe tem preſtado.

Oxalá os artiſtas conſcientes do muito que lhe devem, e o publico bem compenetrado do ſerviço que preſta auxiliando-a, trabalhem de commum accordo para a ſuſtentar dignamente, aquelles dedicando-lhe os melhores productos do ſeu engenho por não exceſſivo preço, eſte alargando a liſta de ſeus ſocios, concorrendo ás expoſições e adquirindo trabalhos na proporção dos meios pecuniarios de cada um.

É o que deſeja á Sociedade promotora de bellas artes em Portugal como bom patriota, o ſeu antigo affeiçoado

RAPIN.

O MEU ANJO

Eu tenho, deſde pequeno,
Um anjo, que me defende;
Que, no peſar me conſola,
Que, ſe cáio, a mão me eſtende.

Appareceu-me a vez primeira
Quando no berço dormia,
E era aſſim d'olhos fechados,
Que depois tambem o via.

Seus olhos côr de fafira,
Aquelle roſto divino,
Ficou-me tudo na idéa,
Deſde que o vi em menino.

As roupas d'azul celeſte,
Cabello comprido e loiro,
As azas brancas de neve,
Com ſeus reflexos de oiro...

E ao vêl-o, d'olhos fechados,
Quer de noite quer de dia,
Sempre terno me fitava,
E ao contemplar-me ſorria.

Verdadeiro amor do céo
Era o amor com que me olhava,
Mas, da ſua voz angelica
Nunca uma falla me dava!

Eu, morrendo por ouvil-a,
Lhe dizia — que ſem mêdo
Me fallaſſe — promettendo
De guardar todo o ſegredo.

E tornava-ſe mais bello,
Seu roſto reſplandecia;
Mas, nunca falla me dava,
E logo deſapparecia!

Até que... depois, mais tarde,
Era ao tempo já creſcido,
E reſar-lhe n'eſſe dia
Paſſára-me do ſentido,

Quando — ou foſſe jura ou praga,
Ou coiſa má que eu fizeſſe...
E foi — o mal que fazemos
Não lembra, nem ſe conhece;

Vêl-o o meu Anjo querido,
Velado o roſto divino,
Solta ſua voz etherea,
Que eu nunca ouvira em menino,

E diz-me: — colhendo flores
Por dôce manhã d'abril,
Innocente, ſem cuidados,
Correu te a edade infantil;

Vias com a luz dos olhos,
Que muitas vezes seduz,
O bem e o mal confundidos,
E não vias d'outra luz.

Hoje não: adolescente,
Perdida aquella iſenção,
Deſvelou-te o ceo, mais pura,
Outra luz — a da razão.

Acompanhei-te na infancia,
Era o Anjo da innocencia,
Hoje — para toda a vida,
Sou a voz da conſciencia.

JOAQUIM DA C. CASCAES.

Typ. de Chriſtovão A. Rodrigues — Rua do Norte, 145, 1.º

LUIZ DE CAMÕES

Typ. — Christovão A. Rodrigues.

TERCEIRO CENTENARIO

DE

LUIZ DE CAMÕES

MDLXXX-MDCCCLXXX

HOMENAGEM DO JORNAL A ARTE

A ARTE

Lisboa — Junho de 1880

10 DE JUNHO DE 1880

—

A trezentos annos, cumpridos hoje dia a dia, que na enxerga de um pobrissimo tugurio, se não no leito miseravel de um hospital, exhalava o ultimo suspiro o maior poeta das modernas edades, o portuguez sublime a quem a patria mais deve!

Despontara-lhe risonha a vida, aureolada de fagueiras esperanças, de mentirosos sonhos de felicidade, de mil devaneios de glorias e esplendores, para que a desfortuna lhe fosse depois mais acerba e mais cruel. Tal é a perfidia da sorte!

Pobre Poeta! Quão cedo viste morrerem essas esperanças, dissiparem-se esses sonhos, desfazerem-se esses devaneios! Em vez das sonhadas glorias tiveste a perseguição ignobil, a inveja sordida, a intriga villã; em vez dos ambicionados esplendores, o abandono e a miseria!

Pobre Poeta! Tu que enriqueceste um povo erguendo-lhe ante a humanidade o monumento immortal que se chama *Os Lusiadas*, tiveste d'estender a mão á caridade d'esse povo para não morreres á fome!

Quem te vira gentil e galã nas douradas quadras dos paços reaes, decerto te não reconhecera alquebrado nas tuas muletas sob o alpendre de S. Domingos. É que então ainda sonhavas, e agora, perdida a derradeira esperança, porque sabes que a patria tua amada vae morrer, só pensas em morrer com ella, porque seria indigno de ti sobreviver-lhe.

Approximam-se das nossas fronteiras os soldados de Castella: o estandarte de Ourique vencido, mas não vilipendiado, nos areaes de Alcacer-Kibir, será em breve coberto de opprobrio e despedaçado pelas mãos sacrilegas do invasor; a corrupção fez de muitos degenerados descendentes dos mais primorosos cavalleiros das guerras da Africa e da India, vís mercadores da honra de seus nomes, e da independencia da sua patria; o Portugal de Affonso Henriques, do Mestre d'Aviz, do Condestavel Nuno Alvares Pereira, de Affonso v, dos Gamas, dos Albuquerques e dos Castros, vae estender miserando os pulsos aos grilhões do captiveiro; o dominador dos mares, o senhor da Africa, da India e do Brazil será ámanhã desprezivel escravo!

Tens razão, Poeta! Cerre-te a morte para sempre os olhos para que não vejam tanta vileza e tanta abjecção nos filhos de aquelles heroes que excederam a gregos e romanos, e cujos nomes tu cantaste na tua lyra sonorosa, assombrando com a historia de seus feitos o mundo inteiro!

Morre com a patria! ella mereceu a morte que vae padecer; tu és digno da mortalha por que anhelas, para que te não retalhem o coração de verdadeiro portuguez tantas torpezas e vergonhas! Morre com a patria! reviverás com ella! Portugal cáe vilipendiado nas garras aduncas do Leão de Castella, tu desces á sepultura immaculado da lepra que infama a nação inteira. De uns raros e fugazes lampejos que não conseguem reacender a chamma sagrada do amor da patria talvez que nem um debil clarão chegasse ao teu misero catre, como balsamo consolador na tua hora extrema! Talvez que nem sequer os nomes honrados do tribuno Phebus Moniz, do sapateiro Martim Fernandes, e do oleiro Antonio Pires, de aquelles raros que souberam ainda ser portuguezes n'esses dias nefastos de vergonha e opprobrio, te resoassem nos ouvidos, como o derradeiro canto da patria moribunda!

Mas se ella succumbe ignominiosamente, tu legas a seus filhos na hora do passamento a epopéa grandiloqua que ha de retemperar-lhes os brios, reanimar-lhes o esforço heroico de seus maiores, reacender-lhes no peito o amor da patria, da liberdade, da independencia!

Sem *Os Lusiadas* a revolução de 1640 houvera sido um arranco desesperado de um povo opprimido pela mais dura escravidão, mas não seria nunca a regeneração do Portugal de Aljubarrota!

Foi essa epopéa immorredoura dos feitos nunca egualados de nossos maiores, que tornou immortal a nacionalidade portugueza aos olhos do mundo inteiro! E quem sabe se ella se afundára no vilipendio de 1580, se as estrophes d'esse canto sublime já então houveram ensinado ao povo, á nação inteira, o que fomos e o que valemos desde Affonso Henriques e o Mestre d'Aviz até aos Gamas, Pachecos, Castros e Albuquerques, desde Ourique e Aljubarrota até ás muralhas de Malaca, Ormuz e Diu?

E quem sabe, Poeta, se na tua cruciante agonia mais te dilacerou a alma o vêres que os teus *Lusiadas* podiam ser a salvação de Portugal, se não foram quasi ignorados, e não comprehendidos ou desdenhados pela mais ruim e villã inveja!

A posteridade, porém, redimiu tão negra culpa, e Portugal outra vez livre e independente, a Europa e a America, o velho e o novo mundo, saudam-te hoje como ao maior poeta da renascença, e proclamam-te o Homero portuguez!

Bem vês, Poeta, que se morreste com a patria, com ella reviveste não só para nós portuguezes, mas para a humanidade inteira! É essa a tua apotheose.

A. DE SOUZA E VASCONCELLOS.

SURREXIT

—

«E lá vos tem logar, no fim da edade
«No templo da ſuprema eternidade.»

CAMÕES.

I

De que val' procurar-lhe a ſepultura?
Elle não jaz, reſuſcitou da morte;
e, ſolta eſſa alma heroica, ouſada e pura,
do horror da vida e das galés da ſorte,
ſentiu alar-ſe pela immenſa altura,
livre, immortal, feliz, ſereno e forte!
azas de ouro e de luz, fronte aureolada,
hymnos, priſmas, perfumes: alvorada!

II

Ninguem o viu ſurgir; a inveja eſqualida
ao pé da campa, emfim, adormecia;
Natercia, a virgem meiga, etherea e pallida,
ſubira ao céo, a vêr de lá ſe o via;
ninguem, pelos deſpojos da cryſalida,
corria os dados ſobre a campa fria,
que o poeta, em miſeria extrema e unica,
nem tinha, como Chriſto, a pobre tunica.

III

Silencio e ſolidão! o monſtro, apenas
resfolegava do ſepulchro á beira,
dormindo o inquieto ſomno das hyenas,
cançado, a deſcançar a vez primeira!
Camões viu-o e parou!: — «Das minhas penas
«auctora vil e eterna companheira!
«lepra do genio, paraſita immundo!...
«E penſar que iſto dicta as leis do mundo!!

IV

«E penſar que na patria minha amada
«has de ficar cevando em ſangue as prezas!
«hydra covarde e vil, diſſimulada,
«enroſcando-te a todas as grandezas!
«prendendo toda a audacia ſublimada!...
«Eu a polir as glorias portuguezas,
«tu a ſujal-as com tua baba eſcura,
«qual de nós vencerá?!... Eu! fera impura!

V

«Eu, ante quem do Grego e do Troyano
«a Odyſſeia e a Eneida emmudeceram;
«eu que ouſei de Alexandre e de Trajano
«dizer ás ſombras: — «ide»! — e ſe eſconderam.
«Cantando o peito illuſtre luzitano
«a quem Neptuno e Marte obedeceram,
«dei-lhe a immortalidade e d'eſta ſorte
«não chega a inveja onde não chega a morte.»

VI

E nas azas da fé ſubiu! ſubia
pela immenſa amplidão do eſpaço immenſo!
Era mais vivo o ſol, mais claro o dia,
mais doce a aragem, mais ſuave o incenſo
e mais diſtincta a celica harmonia!
côro que parecia andar ſuſpenſo
n'eſſe abyſmo luzente e palpitante
dos céos de Homero, de Virgilio e Dante.

VII

E começou de vêr longe, indiſtincto,
erguer-ſe ante os ſeus olhos deſlumbrados,
em deleitoſo, ampliſſimo recinto
zimborio aſſente em plinthos mil dourados;
nas galas e primores de Corinto
as mil côres dos priſmas iriados;
tudo cryſtal e ouro e pedras finas,
e, na cimalha, o ſeu brazão das quinas!

VIII

«— Que templo é eſte e que paiz de flôres
«me vem buſcar de regiões diſtantes,
«como buſcava a ilha dos amores
«o Gama e os ſeus heroicos navegantes?!
«Quem ſão eſſas donzellas? que primores
«me promettem ſeus olhos lacrimantes?
«Oh! conheço-vos bem, joias d'eſt'alma!!
«Natercia! Ignez!... meu Deus! a minha palma!

IX

«Alma minha gentil que te partiſte
«tão cedo da outra vida deſcontente!
«eu fiquei-me na terra ſempre triſte,
«e tu, lembrando aquelle amor ardente
«que lá nos olhos meus tão puro viſte,
«vaes dar-me o coração eternamente!
«Bem haja Deus que para merecer-te
«tão tarde ſó de lá me trouxe a vêr-te!

X

«Collo de garça, Ignez! Não percebiam
«os algozes crueis que te matavam
«que n'um mundo melhor reviveriam
«amores que em teu peito ſemeavam,
«de noite em doces ſonhos que mentiam,
«de dia em penſamentos que voavam,
«os rouxinóes, as flores e o ſocego
«dos ſaudoſos campos do Mondego.

XI

«Tu não ſabes as queixas maguadas
«que murmuram por ti o valle e o monte;
«não ſabes as ſuaviſſimas toadas
«que palpitam de amor n'eſſe horizonte;
«Não ſabes que de lagrimas choradas
«correm ſobre o teu ſangue, em pura fonte!
«Lá te chamam, Ignez, eternamente,
«o rio, a fonte e o canto meu plangente.

XII

«Porém onde eſtou eu?» — «Camões chegaſte,
«apoz tanta miſeria e tanto damno,
«ao Pantheon que lá nos conſagraſte
«á patria e a nós!» — «Que ſois?... Oh! não me engano!»
«— A legião de heroes que alevantaſte
«nos verſos do teu canto ſobrehumano!»
Entra na tua immenſa galeria
alumiada á luz do eterno dia.

XIII

Quantos vultos de nobres cavalleiros
pelas extenſas naves alinhados!
Reis de Ourique e de Aviz, bronzeos guerreiros
de Tanger, Ceuta e Arzila; os namorados
donzeis de Aljubarrota e os altaneiros
Magriço e os onze; ao fundo, n'um dos lados,
Egas Moniz e Affonſo, o veneravel;
no outro, João primeiro e o condeſtavel.

XIV

Cem columnas de bronze em mil relevos
os luſos feitos moſtram de alta ſama,
deſde os leões do Herminio, rudes, ſevos,
a quem de Viriato a audacia inflamma,
'té de Ourique ao Salado, aſſombro aos evos!
o longo desbarate da mourama!
ondas, naus, marinheiros!... Os milagres
do—*Talent de bien faire*—erguido em Sagres!

XV

No extremo, o lugar de honra era vazio.
—«É teu»,—lhe diſſe o Gama erguendo o braço!
e os heroes de Malaca, Ormuz e Diu,
bateram com os broqueis nos peitos de aço.
No fundo eſtava o Adamaſtor ſombrio,
medonho e mau, na côr terreno e baço,
cheios de terra e creſpos os cabellos,
a bocca aberta, os dentes amarellos.

XVI

O poeta ſorriu-ſe!—«E tu, gigante,
«que vens aqui fazer?»—«Moſtrar-me grato
«pois que arraſtaſte, intrepido, arrogante,
«com minhas furias... e com o meu retrato.
«Moſtrou-m'o um dia Thetis!... Repugnante!!
«Curei-me d'eſſe amor tão inſenſato;
«mas para precaver de novas maguas
«vai-m'o ſempre moſtrando em ſuas aguas.

. . . . . .

XVII

Quiz ainda o poeta olhar a terra...
era toda eſcondida em véus ſombrios!
ſó a voz do canhão, que aſſombra e aterra,
echoava nos concavos deſvios.
—«Meu pobre Portugal! a inſidia e a guerra!
«e ninguem a reinar!!... Audacia e brios!
«ſemeei-vos, de balde, em chão de abrolhos!!
E caíram-lhe as lagrimas dos olhos!

XVIII

Trezentos annos ha que aos duros tratos
da ſorte refugiu... É bem diſtante
para nos accuſarmos, inſenſatos!
Porém, Camões! ſe no teu peito amante
ha perdão para os netos dos ingratos,
olha da eternidade! olha um inſtante!
vê como a patria, em que ſó viſte abrolhos,
faz eſtrellas do pranto dos teus olhos!

THOMAZ RIBEIRO.

OS LUSIADAS E PATRIOTISMO

—

O patriotiſmo alenta a alma, mas para ter amor de patria é preciſo ter patria. Não ſão ridentes veigas, campos eſmaltados de verdura, aguas criſtalinas que ſe deſpenham ou murmuram ſuaves, e cadentes toadas, arvores ſombrias, coloridas e aveludadas flores, que nos enraizam á terra onde naſcemos. O moſcovita apezar da inclemencia do ſeu clima, os ſeus gelos não lhe esfriam o amor da patria, aſſim como ao arabe não o conſume o fogo intenſo que abraza as arêas ermas e inhoſpitas do deſerto.

Patria é a communhão de muitas vontades para o bem de todos; a mutua partilha de affecções que rociam a alma deſde o berço como o orvalho que refrigera a planta apenas aponta na terra até que ſe tranſforma em arvore; é a amalgação de muitas almas, que eſta é a alma das nações. Oxalá que foſſe ſempre o ſeu penſamento fixo o amor de todos, o amor pela individualidade nacional. Patria ſão eſſas particulas da noſſa exiſtencia, paes, eſpoſa, filhos, parentes, amigos; é a terra que desbravamos, as plantas que cultivámos, os tapetes de flores matizadas que deſenrolamos ſobre o ſolo, a ſaudade que medrou junto ao tumulo regado pelas noſſas lagrimas! E eſſa liga dos dous elementos phyſico e eſpiritual, eſte corpo e alma nacional que como no individuo gera o patriotiſmo, nos fortalece e dá a conſciencia da força não ſó para defender o ſolo, mas os caros objectos da noſſa affeição que o povôam.

Creſce, avigora-ſe eſte ſentimento, entre todos o mais nobre, pela virilidade das nações, quando a gloria enverniza os altos feitos de um povo, quando eſte tem a conſciencia que o ſeu pulſo vigoroſo tem a robuſtez e a energica valentia para defender a ſua vida; e a vida das nações é a ſua independencia e autonomia! Sente-ſe tambem—e com dura prova—na agonia das nações, quando apontam a pouca diſtancia e ſe aproximam os grilhões do captiveiro.

Seria trabalho curioſo, mas que o não comporta a brevidade de um artigo de jornal, ao qual não devemos roubar o lugar deſtinado a penas mais bem aparadas, o contar uma a uma todas as ſcentelhas magneticas que exhalam e chamejam d'eſte foco electrico de patriotiſmo a que chamamos «Os Lusiadas». E Camões viveu em uma epocha em que a mãe dava honra aos filhos que amamentava aos ſeus peitos, e creava vigoroſos; em que o ſer portuguez tinha uma alta ſignificação: os mares tremiam debaixo dos ſeus pés, as terras ſe alargavam para theatro da ſua heroicidade.

Deſde o começo até o fim a ſua epopéa immortal, eſſe evangelho de patriotiſmo, reſpira o mais acendrado amor da patria. Parecia que deſde o preludio do poema ſe teria extincto todo o fogo n'aquella tão bella e acalorada propoſição, na qual ſe propõe a

cantar o peito illuſtre Luſitano, que vence a gregos e romanos e tudo o que cantou a antiguidade.

E não era uma hyperbole, porque os portuguezes pelas ſuas deſcobertas e conquiſtas fizeram mais que os romanos, e commandados por Viriato e mais tarde por Sertorio, com tão fracos recurſos venceram a eſtes que haviam ſubjeitado á ſua obediencia nações poderoſas como os germanos, gallos e britanos; foi neceſſario aos orgulhoſos conquiſtadores do mundo, até então conhecido, recorrer á perfidia e ao aſſaſſinato dos ſeus capitães para os reduzir á ſua ſubjeição. Do primeiro, a quem chama o Romulo de Heſpanha, nos diz Floro relatando a traição que de outra forma não poderia ter ſido vencido; *ut videretur aliter vinci non potuiſſe*. E aſſim acabou eſte grande capitão luſitano, vencedor de doze generaes romanos, e apoz de mais de vinte annos de uma implacavel guerra. O ſegundo, (Sertorio) portuguez por adopção, a quem o grande Pompêo não poude egualmente vencer ſenão pelo aſſaſſinato traiçoeiro, — e n'iſto foi bem pequeno — já enviava as ſuas frotas a combater os romanos ao Mediterraneo, e levaria, ſe não ſuccumbiſſe ás mãos da traição, as aguerridas legiões luſitanas do Tejo ao Tibre, ás portas de Roma.

Quando o poeta cantava os feitos ſublimes dos noſſos antepaſſados, de alguns dos quaes era eſpectador, e podia dizer *quorum pars fui*, e que nação alguma ſe jacta de emparelhar, o ſangue aquecia-lhe, agitava-ſe, fervia, e eſſe calor diſtribuia-ſe por todas as arterias do ſeu poema.

Aqui pela bocca de Jupiter prognoſtica as altas façanhas dos portuguezes; acolá Thetis deſenrola aos pés do Gama as futuras conquiſtas dos meſmos; põe na bocca do condeſtavel a mais vehemente e acalorada proclamação contra os tibios e indifferentes pela independencia; a deſgraça não o abate para progredir na grandioſa obra emprehendida; naufrago, ſó cogita em ſalvar os ſeus cantos molhados e eſcapados ao naufragio miſerando, porque tem a conſciencia que elles ſerão o pregão eterno da gloria da ſua patria. Em todas as phaſes de uma vida tão tormentoſa, nem um ſó inſtante a patria ſe lhe affaſta do penſamento, e a ſynthefe d'eſſe amor e da noſſa glorioſa hiſtoria que tão elevadamente cantou, ſerá ſempre o objecto do noſſo culto, e o palladium da noſſa independencia, ſe devidamente nos ſoubermos inſpirar da ſua leitura.

Mas é do ſeu leito, enfermo, pobre e quaſi a expirar, que intenta ainda levar o alento aos poucos que projectam e pretendem oppôr-ſe ao dominio de Castella; poucos com vergonha o dizemos. Entre eſtes contava-ſe D. Franciſco de Almeida que na comarca de Lamego junctava gente para reſiſtir á invaſão caſtelhana. O poeta com a mão quaſi gelada com o frio da morte, mas o coração ainda quente, pega na penna para o animar e incitar, e depois de haver na ſua carta deſenrolado o ſudario da deſgraça em que luctava a ſua patria, termina: «Emfim acabarei a vida, e verão todos que fui tão affeiçoado á minha patria que não ſó me contentei de morrer n'ella, mas de morrer com ella.» E o poeta deſcia á ſepultura ſem mais raizes que o prendeſſem á terra que uma velha mãe que em pouco o devia ſeguir; mas nós devemonos á patria até o ultimo momento!

E terrivel devia ſer a agonia do poeta! Na ſua alta comprehenſão elle via as traições vergonhoſas, o deſalento e a oppoſição deſordenada; via os exercitos de Filippe II com o carraſco na frente pizando o noſſo ſolo; via na primeira praça entrada, a de Cascaes, exercer como premicias das promeſſas do invaſor o ſeu ſiniſtro miniſterio na peſſoa do ſeu governador D. Diogo de Menezes! E ainda ali uma cruz com uma ſingela inſcripção não diz ao paſſageiro: Curva o joelho e um *pater noſter* pelo protomartyr immolado á tyrannia de Caſtella!

Mas Camões foi mais feliz do que aquelles que lhe ſobreviveram; deſceu á ſepultura com os pulſos não deſcarnados pelos grilhões do captiveiro; deſceu homem livre. Oh! e teremos ainda que vêr a reproducção d'eſtes horrores? Oh! terra da minha patria que me deſte o berço, dá-me tambem ainda a mortalha portugueza!

VISCONDE DE JUROMENHA.

A CASA DE CAMÕES

(Carta ao director do jornal *A Arte*).

PROMETTO-VOS o fiel deſenho do eſtado actual da caſa da calçada de Sant'Anna, n.º 139 e 141, onde, ſegundo a tradição, falleceu Luiz de Camões.

Quizera muito mandar tambem para o jornal *A Arte* algumas inveſtigações ineditas, que elucidaſſem a gravura: ſeria mais um preito pago á memoria do grande homem; ſeria mais uma flôr, modeſta mas ſincera, lançada ao monumento. Infelizmente nada tenho. O aſſumpto foi eſgotado pelo meu amigo o sr. Silva Tullio no ſeu artigo a pagina 175 do vol. IV do *Archivo Pittoreſco*. O erudito eſcriptor compulſou os titulos do predio e outros documentos antigos, e diſſe a ultima palavra em materia tão intereſſante. Nada poſſo acreſcentar.

Limito-me a offerecer-vos tambem, como complemento da primeira eſtampa, uma reſtauração conjectural do eſtado da caſa nos fins do ſeculo XVI; e para melhor intelligencia do deſenho, direi o ſeguinte:

*
* *

A humilde morada do poeta ficava *extra-muros*, e em ſitio, que, pelo ermo e ameno, devia afinar com o eſtado deſconſolado d'aquelle diſtinctiſſimo eſpirito. Comprazo-me, portanto, em imaginar o retiro ſuburbano do guerreiro, e as longas tardes e noutes que ali lhe paſſaram, triſtonhas, cheias de ſaudade, e vazias de eſperança.

Se na eſcolha o não influiu por ventura a viſinhança proxima dos seus amigos os frades de S. Domingos, em cuja celebre alpendrada ia o apagado cantor, a arraſtar-ſe nas ſuas muletas, deſenfadar-ſe uma ou outra vez, converſando com homens doutos, e, para eſquecer os horrores da politica portugueza,

recitar com elles alguma trova do bom tempo; ſe não foi eſſa a razão, poucas paragens em Lisboa poderia o acaſo deſencantar, que ſe me afiguraſſem tão de molde como aquella para habitação derradeira de um Camões. E ſe não, vejamos.

*
* *

Paſſava alli, recordação de antigos brios portuguezes, o lanço da muralha d'El-Rei D. Fernando, que ſubindo da Mouraria pela calçada do Jogo da Pella, ſe abria em Sant'Anna n'um poſtigo, no ſitio exacto que hoje fica entre a ermidinha do Senhor Jeſus da Salvação e Paz e Senhora das Dores, e a caſa de Camões. Os hombraes denegridos da cavalleiroſa porta, de arco talvez levemente ogival, e adornada de algum cordão ou ſingeliſſimo columnello, deviam recordar ao epico as eſtancias do canto III do ſeu poema, onde elle deſcreve de paſſagem o reinado do marido da formoſa Leonor Telles. Aquella cerca era uma ſerie de paginas marciaes de uma epopêa morta; e quando os raios obliquos do ſol poente illuminaſſem de ſoſlaio as fortiſſimas ameias, devia o ſciſmador, que eſcrevera os Luſiadas, prevêr proximo n'aquelle anno cahotico de 1580, o occaſo inevitavel da autonomia portugueza.

El-Rei D. Fernando, o galanteador cujo caracter eſtá ainda por apreciar ao certo, me parece, El-Rei D. Fernando, a quem talvez ſó faltou a educação apropriada para poder ter ſido um Rei grande, ſalvou a independencia do reino com aquella muralha, milagroſamente improviſada pela ſua poderoſa vontade abſoluta, em dous annos apenas. Cuſta a crêr que n'um perimetro alcantilado, como o de Lisboa, ſe podeſſe eſtender com tanta preſſa, de 1373 a 1375, aquelle antemural ouriçado de ameias, flanqueado de ſettenta e ſete torres, e prompto á primeira voz. A cerca d'El-Rei D. Fernando, de que ainda muitos veſtigios exiſtem, mais ou menos deturpados pela picareta, pela brocha, e pelo eſquecimento (que é peor brocha e mais cruel picareta), a muralha que nós devemos á primeira invaſão caſtelhana por El-Rei D. Henrique, e á qual devemos a ſalvação da ſegunda incurſão por El-Rel D. João I de Caſtella, merecia chronica eſpecial minucioſa, tantas ſão as memorias que por ſobre os ſeus panos derrocados ainda fervilham, tamanhos os feitos que preſencearam os ſeus baſtiões.

Aquella muralha, ſymbolo da independencia portugueza, vinha colleando tortuoſa deſde a Alcaçova e S. Lourenço, atraveſſava a Mouraria (outr'ora morada da familia de Simão Vaz de Camões) no ſitio dos antigos caes do eſteiro marinho, arraſtava-ſe por traz de S. Domingos, ſubia ao Arco da Graça e ao Jogo da Pella, tornejava de ſubito ſobre a eſquerda, e abria-ſe n'um portal para deixar paſſar a ingreme ladeira do monte de olivedo, ao cabo da qual ſe erguia deſde 1560 e tantos, entre oliveiras, e ás abas de um eſpaçoſo rocio, o novo e alegre moſteirinho de franciſcanas da Senhora Sant'Anna.

*
* *

Pois ahi meſmo, fóra do tal poſtigo de Sant'Anna, ſó derrubado em tempo d'El-Rei D. Pedro II, e na eſquina de uma azinhaga que deſcia ao longo do muro até á ſeguinte porta de Santo Antão, ao Valleverde, porta concluida pelo riſco das outras em tempo d'El-Rei D. Manuel [1], era em 1580 o pequenino albergue do mais ſynthetico e elevado eſpirito que honrou o nome portuguez. Iſſo eſtá demonſtrado, quanto o póde eſtar por conjecturas, aliás perfeitamente deduzidas; cabe a gloria da demonſtração ao sr. Silva Tullio, cujo artigo *A Arte* não deve deixar de reproduzir.

O poeta, exhauſto de forças, e já perigoſamente enfermo, fôra (quem ſabe?) procurar no monte de Sant'Anna a ſaude que lhe fugia. Cançado e melancolico, viera acolher-ſe áquelle retiro, campeſtre e cidadão ao meſmo tempo, de onde podia goſar os beneficios da ſolidão, do ſocego, do ar puro, da alegre viſta, a converſação dos rariſſimos amigos dos dias negros, e o trato dos doutos em S. Domingos, e de onde podia acompanhar com os ſeus votos as noticias proximas que lhe chegavam dos noſſos infortunios.

Ha o que quer que ſeja de triſte e commovedor no acaſo (ſe ha acaſos) que preſidiu á eſcolha d'eſta pouſada de Camões, pouſada que veio a ſer o meſquinho theatro da ſua agonia. Iſolado, deſcomprehendido, ameſquinhado de ingratidões, ainda aſſim não ſabe deſamparar a ſua querida Lisboa, e vae, deſvalido e ſolitario, aſſentar o ſeu ninho derradeiro á beira da capital. Saiu de Lisboa, ſim, onde lavrava por deſventura o ouro e o ſuborno caſtelhano, mas aſſentou o ſeu lar onde podeſſe ouvir ainda os rumores e os pregões da grande cidade, e, por aſſim dizer, morrer bem junto da ſua ſegunda mãe.

É que a noſſa Lisboa tem o condão eſpecialiſſimo de ſe fazer amar. Poucos ſabem de um dito de uma das mais affectuoſas creaturas que tem produzido eſta terra: a boa Rainha D. Leonor, mulher d'El-Rei D. João II.

— O tempo em que me vejo fóra de Lisboa — coſtumava ella repetir — não o vivo.

Camões devia penſar o meſmo; e o deſtino ſoube ſervil-o d'eſta vez, ſe o não agrilhoou certa clauſula do Alvará de 1572, que lhe impunha na côrte a reſidencia.

*
* *

De um lado do ſeu albergue, como vimos, a gothica muralha que era a recordação da gloria mundana, que era a ſaudade dos paladins, que era o ſymbolo da defenſão nacional. Ao longo da calçada, as terras e raras habitações do morgado de D. Aleixo de Menezes, o velho D. Aleixo que tivera a hombridade de fallar verdade ao Rei, o nobre D. Aleixo, que entre os ſervilifmos d'aquella era corrupta avulta ainda hoje como um baluarte moral, concitador de venerações. Lá no cimo a porta aberta (hoje condemnada) do moſteiro que havia de ter a honra de ſer a jazida ultima do grande homem. E ali, entre tantas recordações, elle, o poeta, o ſymbolo, o moribundo, o immortal!

Se de uma banda pareciam entreouvir-ſe confuſos, repercutidos na ogiva abatida do poſtigo, os clarins das batalhas, da outra banda eſcutavam-ſe frequentes vezes as campas da oração, e a voz dos pſalmos, elevando o eſpirito crente e affectuoſo de Luiz de Camões. Se de uma parte chegava um echo da Patria, da outra reſſoava um chamamento de Deus. E entre eſſas vozes, elle, o grande coração, patriotico e reli-

[1] A tal azinhaga tapara-ſe antigamente, e ficára ſendo o beco de S. Luiz, hoje tornado a abrir ao publico, haverá ſeis ou oito mezes, ſegundo a antiga directriz.

gioſo, vaſto como o mar que o embalára, firme como eſta terra querida, que elle via fenecer; elle, que era todo Deus, e todo Patria!

Quero crêr, nem poſſo deixar de crêr, que todas eſſas varias idéas, recordações, ſaudades, prantos, viriam aſſaltar-lhe a memoria, quando, proſtrado no ſeu leito de dôr, ſilencioſo e pallido, no ſeu quarto pobriſſimo, falto de tudo, os ſeus olhos ſemi-cerrados olhaſſem para dentro, e viſſem... o que ſó elle podia vêr!

Aquella caſa pois da calçada de Sant'Anna é um lugar ſanto das lettras e dos affectos portuguezes, é um ſacrario, é um altar. Incumbia a todos nós o aſſignalal-a para os vindouros; fez-ſe iſſo com a lapide que recorda aos tranſeuntes o nome de Camões. Mas não ſe fez ainda tudo. Eis aqui o que me atrevo a propôr.

*
* *

Compre-ſe, ou alugue-ſe a longo praſo, a caſa de Camões. Uma ſubſcripção nacional, em Portugal e no Brazil, daria de ſobra para o intento. Reduza-ſe o predio ao ſeu antigo ſobrado, tirando-lhe o ſegundo andar, que é moderno (pelo menos ſeiſcentiſta). Reſtaure-ſe-lhe a frontaria com a architectura ſingela e pobre de uma antiga caſa burgueza; adornem-ſe-lhe as facadas com as adufas ſemi-mouriſcas, que tanto diziam com o recolhido viver de noſſos maiores. Finalmente, conſagre-ſe todo eſte *ſacello* litterario á memoria do noſſo honrador; forme-ſe no interior um muſeu Camões, collecção minucioſa de todas as edições, traducções, e obras alheias relativas ao poeta; collecção de todos os ſeus retratos, bem como de todas as obras de arte que tão illuſtre nome houver inſpirado. O conſervador d'eſte relicario camoneano, o ermitão d'eſta capella cujo orago ſerá o Camões, terá por dever moſtrar em dias certos aos viſitantes nacionaes e eſtranhos tantas riquezas, e explical-as, e promover a acquiſição de novas. Não poderia o municipio da primeira cidade do reino tomar a ſi tão nobre encargo? Com o rendimento, de certo não pequeno, da romaria de portuguezes e eſtrangeiros a eſta caſa ſingular, deveria annualmente, no dia da morte do cantor, diſtribuir-ſe uma avultada eſmola, á porta da caſa que o viu morrer, a veteranos invalidos, principalmente cegos. Era o modo de reſuſcitar Camões para os ſeus conterraneos, e de o deixar vir elle proprio ſervir ainda como irmão aos ſeus irmãos.

Conſigno n'eſte jornal a idéa que me occorre; ſe uma tal folha, e as outras do reino, a perfilharem, poderá julgar-ſe prompto o monumento *ſui generis*.

*
* *

E agora baſta; é preciſo não ultrapaſſar o limitado eſpaço de que poſſo diſpôr. Não me peza, ainda aſſim, o ter-me dilatado n'eſtas conſiderações variadas, porque o meu aſſumpto era o poeta dos Luſiadas. Habituado, por educação litteraria e por indole, a venerar eſte noſſo conterraneo, o maior de todos, talvez, deixei correr a penna ao fabor do coração. Julguei ſatisfazer aſſim uma parte da minha divida. Estão hoje unidos de alma todos os portuguezes, n'eſta occaſião ſolemne, para honrarem o homem portentoſo que ſymboliſa o amor á noſſa monarchia, e o amor á noſſa religião, e o amor á noſſa terra, e todos os noſſos amores. Publicando o deſenho que fiz da caſa de Camões, venho, como poſſo, pagar o obolo do mais obſcuro dos foreiros do poeta.

*
* *

A propoſito: uma das couſas mais commoventes nas feſtas nacionaes do terceiro centenario, uma das ſuas feições mais caracteriſticas, tem ſido a união do bello com a caridade. Ao paſſo que ſe procura em toda a parte a forma mais ou menos apropriada, mais ou menos certa, da manifeſtação artiſtica, do culto externo para os olhos, para os ouvidos e para a alma, conſegue-ſe não menos efficazmente por todo Portugal o derramamento da eſmola, pão do corpo, e o do enſino, pão do eſpirito, em nome do cantor das noſſas glorias. Vejo iſſo com intimo prazer; tanto mais, quanto (a exemplo do que já ſe propoz e já ſe fez) me parece que a opinião aceitará com favor a idéa que apreſento.

Os glorioſos mutilados da guerra, denomina-os o povo, ſempre poeta, pela alcunha que recorda um feito. O Marquez de Sá era para os ſoldados o *maneta;* outro foi o *braço de prata*, cujo nome ſe conſerva nas viſinhanças de Lisboa; outro foi o *pé de ferro*, que ainda o lettreiro de uma traveſſa em Buenos-Ayres nos recorda; o Marquez de Mirabeau, avô do orador, era o *col-d'argent*, por cauſa de uma gargalheira de prata com que remendara o peſcoço mutilado n'uma batalha em principios do ſeculo XVIII; e quantos outros heroes não ficaram do meſmo modo burleſcamente legendarios! Será portanto belliſſimo vêr o noſſo *Trinca-fortes* (alcunha do ſeculo XVI) o noſſo *cara ſem olhos* (outra alcunha), o noſſo glorioſo mutilado de Ceuta, ſervir todos os annos de ſympathico pretexto para uma nova conquiſta da caridade.

Lembro-me de uma phraſe de terrivel ſabor, e que reſôa com um tinir de adarga no auto do *Mouro encantado* do velho Antonio Preſtes:

Quantos homens tem gaſtado
eſta India! é como o mar.

Uma lembrança piedoſa e grata aos invalidos da guerra, e aos que por lá ficaram; perſonifique-os tambem o grande poeta, que eſſe dá para tudo.

*
* *

De aqui a poucos dias, Lisboa toda em feſta ha-de pagar-lhe, com o triumpho unanime e eſpontaneo, o condigno tributo das homenagens publicas e officiaes. A realeza e o povo confraterniſaram na ſublime idéa, e a feſta de Camões ha-de ſer a feſta de Portugal.

A Europa ha-de vêr que ainda vivemos, e hão-de calar-ſe, corridas de vergonha, as meſquinhas e torpes inſinuações dos que negam as condições da noſſa nacionalidade.

Lisboa, 28 de maio de 1880.

JULIO DE CASTILHO.

A LUIZ DE CAMÕES

—

Chegou, tardio embora, o dia da juſtiça:
Ninguem duvída já do teu poder ſupremo,
Cantor ſublime e illuſtre! Em glorioſa liça
Forçaſte a infame inveja a dar o arranco extremo.

Se em vida ſuccumbiſte á pallida miſeria,
No barathro da dôr caindo avaſſalado,
Por ti triumpha agora aquella chamma etherea
Que o ſeio te abraſou no canto arrebatado.

Victoria ao genio teu! A ſua luz immenſa
Derrete a indifferença, extermina o egoiſmo;
E após ſeculos tres parece mais intenſa
Porque é filha do amor e mãe do patriotiſmo.

Milagres faz o engenho! Ao fim de annos trezentos
Um morto galvaniſa; e no gelado peito
Lhe inſufla uma alma nova, e nobres ſentimentos
De brio e gratidão, de amor e de reſpeito!

Aſſim eſte accordar de ſomno opprobrioſo
Não ſeja um ſignal mais de triſte decadencia!
Viſita da ſaude ao moribundo ancioſo,
Que aſpira a renaſcer no termo da exiſtencia!

Se fôr vida fugaz, defende-nos, poeta,
Ao menos da ignominia! Embora venha a morte,
Com honra a patria acabe; e, ao ſuccumbir na méta,
Que a purpura do genio inda amortalhe o forte!

Teu nome, oh! ſemi-deus, qual portentoſo eſcudo,
Nos cubra da vergonha. Um dia, o viandante,
No pó do que ora é povo, eſcreverá: «Jaz mudo,
Porém do olvido o ſalva a lyra altiſonante.»

Modêlo ſem rival de affecto incomparavel,
Ninguem o egualou nunca em ſublimados cantos;
E á terra ſua amada, á mãe deſcaroavel,
Que filho illuſtre fez ſerviços taes e tantos?!

Moſtrou na Africa aduſta ao traiçoeiro mouro
Que não voltava o roſto; e válido atteſtado
Lhe deixa da façanha o rapido pelouro,
Que a luz d'um olho apaga ao férvido ſoldado.

Que premio recebeu? Nenhum; a inveja, a inercia,
Que reinam junto aos reis, odeiam quem trabalha.
Até do amado bem, da candida Natercia,
Rival indigno d'elle a recompenſa atalha!

Calumnia baixa e vil impõe cruel deſterro
Ao que era mais ditoſo e preferido amante:
Conde da Caſtanheira, em teu feral encêrro
Impõe tambem meu verſo o ſtigma infamante!

Vê tu, ſe além da campa ao morto é permittido
Volver atraz o olhar, vê quanto o genio póde,
Que, embora deteſtado, ao nome d'elle unido
Teu nome, obſcuro e nullo, inda á memoria accode!

Lá vae por te fugir o peregrino engenho,
De amor cedendo ao rogo, em buſca de alta fama;
E emquanto o vento ruge e o mar açoita o lenho,
Lhe accende a inſpiração a immorredoira flamma.

Cantor egregio, empunha a ſaudoſa lyra,
E em verſos immortaes ſaúda a patria auſente.
Do povo que o deſterra aſſim vingança tira,
Com dar-lhe eterna vida, e gloria permanente!

Poeta, heroe e amante, enrama a nobre fronte
De louro e de carvalho, unindo mirto e palmas;
Homero e Juvenal, Virgilio e Anacreonte,
Direis n'um ſó, rendendo em todo o Oriente as almas.

Do vate enamorado a fama já pregôa
A deſditoſa ſorte, os feitos valeroſos,
O amor ao ninho ſeu, que pelo mundo echôa
No canto divulgado em verſos numeroſos!

Recolhe na India inteira as tradições e hiſtorias,
Que deram brilho immenſo ao nome luſitano;
E para atar no metro as vívidas memorias
Agora a terra buſca, agora o largo oceano.

Dabul, Damão, Cambaya, e tantas mais enfeixa
Na lyra altiva; e paſſa além de Guzarate;
No golpho Perſio entra; Ormuz ſoberba deixa
E volta ao mar de Oman, em frente de Maſcate.

De par, no inſigne metro, exalta em cada terra
Bellezas, clima, annaes. Deixando as Laquidivas,
Retorna ao Malabar, em Calecut aferra,
Suſpende novamente, e aporta nas Maldivas.

Columbo, que annos cem, depois, ſerá famoſa
Pela defeza heroica, ao ſom do luzo canto;
Vencida, o vencedor, dizendo-a victorioſa,
Fará que a vivos medo e a mortos cauſe eſpanto:

Columbo agora o vê, que demandando a coſta,
Além da Taprobana, a memoranda eſcala,
Coromandel percorre; e co' a tormenta arroſta
Do Ganges ao Pegú, no golpho de Bengala.

Em cem cidades entra, os vivos interroga,
E a todo o morto illuſtre applaude com juſtiça;
Imparcial cenſor, da penna, eſpada e toga
Condemna as acções más, fulmina a vil cubiça.

Sumatra ouviu-lhe a voz, Malaca o verſo eterno,
E as ondas de Sião os eternaes cantares.
Celebra ilhas ſem conto, e os ſeus volcões do inferno,
Que paſmam de eſcutál-o á ſombra dos palmares.

Caſtigo, premio, acaſo ou do poeta a fina
O leva perto já da terra do myſterio:
A armada que o conduz, entrando ao mar da China,
Procura do Catay o quaſi ignoto imperio.

Camboja, que ha-de vêl-o em ſeu regaço brando,
Paſſados annos dois, depôr agradecido
O livro que poupou naufragio miſerando,
A fim de que o cantor não fôra ali perdido:

Saigon, a Cochinchina, e de Toukim o eſtreito
Na alheta ficam já: eis ſurde em novo mundo!
Da gavea as ſerras vê do reino que é ſugeito
Do ſol ao filho excelſo; e amaina, dando fundo.

Meu canto a ti, Macau, que o genio deſditoſo,
Benigno, recebeſte e dignamente honraſte.
Perdôa o verſo humilde; eu ſei quanto és famoſo,
E como, o ſeio abrindo, o nome eterniſaſte:

Porém as gotas d'agua, unidas, formam rio...
Releva, pois, o pafmo á minha pobre lyra,
Por teu granito achar mais brando e menos frio
Que tanto fer humano, amigo da mentira.

Oh! gruta de Macau, oh! folidão amena
Em frente ao mar da China, oh! muda confidente,
Que tanta vez o vifte, ungindo n'alma a penna,
Tirar do coração o cantico eloquente:

Refpeite fempre o tempo a ruftica belleza
De tão fagrado afylo; e aos porvindouros diga,
Que exifte vinculada á lingua portugueza
E á fama de Camões a d'efta gruta amiga.

Aqui termina e emenda o livro fublimado,
Relendo á vaga inquieta as immortaes eftancias;
E cada vez que allude ao berço idolatrado
Lhe vem tremer na voz da faudade as ancias.

A onda, ouvindo-o, geme e pára alguns momentos,
Cuidando que um parente, um filho amado a chama;
Depois, enternecida, humilde pede aos ventos
Que efcutem o cantor do temerario Gama.

Ai, fado mau do genio! Emquanto affim corria,
Caudal de infinda gloria, o canto peregrino,
Intriga abjecta e efcura em Gôa o calumnía
E prefo á India o manda o feu cruel deftino!

Vae novas ilhas vendo e novos céos, agora:
Japão, Tidor, Ternate e as mais da ardente Banda;
Bornéo, mãe do alcamphôr. D'aqui, aprôa á Aurora;
E o golpho de Sião a fua nau demanda.

Mas eis, na traveffia, os ares fe efcurecem:
Ribombam mil trovões e raios mil flammejam;
Rebrame o negro mar; os ventos fe enfurecem;
E as nuvens fobre o nauta os feus caudaes despejam!

— O' gente, falta arriba! — E rapidas manobras,
Prudente, o meftre ordena.— As gaveas aos terceiros,
E caça a fotavento! — Accode tudo ás obras,
Correndo a cada verga intrepidos gageiros.

— Não riza mais; carrega! Abafa prompto, e férra!
Amaina, amaina tudo!... — Um vagalhão enorme,
Rugindo, em côro atroz com o tufão que berra,
Invade n'ifto a nau, que por momentos dorme!

E logo, affoviando, o furacão medonho
O panno rafga e leva, os maftros faz haftilhas;
Redomoinhando o mar, como em terrivel fonho,
Qual penna impelle a nave além de ignotas ilhas!

Aqui com giros mil ao feio do profundo
A arrafta o turbilhão; e logo, em ferra immenfa,
Pyramide movente, erguendo-a n'um fegundo
Parece que a deixou do céo ficar fufpenfa!

Da altura a precipita, a deftruil-a folga;
Se n'um momento a traga, em outro após a arroja;
Por fim, com grande brado, enfurecido a empolga,
E vae defpedaçál-a ás praias de Camboja!

De tanto nadador, perito marinheiro,
De cem naufragios falvo, em tão diverfos mares,
Sómente vivo fica o intrepido guerreiro,
Talvez por ter comfigo a lei dos deufes lares?...

Talvez porque não fôra a tão remota parte
Senão fervir a patria? Em vez da fêde d'ouro,
De gloria fêde teve; e, honrando Apollo e Marte,
Levava ao ninho excelfo um fingular thefouro.

Por efte á morte efcapa: O naufrago fublime,
Maior do que o romano, o divinal Virgilio,
Votado o canto ao berço, achou que fôra crime
Perder-fe ali comfigo o fol do feu exilio.

E, como o general fe envolve na bandeira,
Affim, unindo ao peito o livro do portento,
A nado vae bufcando a terra hofpitaleira,
Emquanto roga a Deus que lhe renove o alento.

— Senhor, Senhor! — dizia. — Á tua lei divina
Humilde curvo a fronte. Se a minha hora é vinda,
Recebe-me em teu feio. A rofa purpurina
Verei n'outros jardins de primavera infinda.

Mas falva o canto meu d'efte fepulchro horrendo:
Não é por mim que imploro; o galardão terreno,
Captivo, ha pouco ainda, o vinha recebendo...
Não cabe o amor do jufto em mundo tão pequeno.

Por minha patria rogo: alcei á eternidade,
Com teu divino auxilio, a fua fama e gloria;
E emquanto houver no mundo o culto da verdade,
Perpetuará meu canto a mais preclara hiftoria.

Do imperio d'Albuquerque em todo o vafto Oriente,
De tanto nobre fangue á cufta cimentado,
Memoria ao menos fique; ao vêl-o decadente,
Do opprobrio o quiz remir, lembrando-lhe o paffado.

Se um dia ainda (oh! Deus, que de nadar me efqueço,
Com efte fó receio, e quafi entrego a vida!)
Se um dia o meu paiz, por dar-fe pouco apreço,
Caduco alimentar a gente envilecida:

Se o mar, do Tejo á Aurora, acoftumado ha tanto
A vêr as noffas naus e galeões poffantes,
Trazerem-lhe a beijar aquelle fignal fanto,
O lufo pavilhão das quinas triumphantes:

Se em vez do infigne avô, degenerados netos
Um dia vir fem brio, a tudo indifferentes,
Efcravos da materia em tranfacções de affectos,
Vogando fem vontade a impulfo das correntes:

Como ha-de reftaurar-fe a miferanda raça
Do povo mais famofo em tantas terras e aguas?!
No canto meu, Senhor. Que importa que a defgraça,
Lembrando o bem perdido, aggrave mais as maguas?

Nem fempre o herdeiro alegra a cubiçada herança...
Caftigo e premio é a minha; ao povo deixo n'ella
A Biblia e o Evangelho: a fonte da efperança,
E a hiftoria de Ifrael, que o Golgotha flagella. —

Ouviu-lhe o Eterno a prece, e vivo o leva á praia,
No lábaro abraçado. Oh! mifero, que nova
Da patria encontra ali, que o peito lhe defmaia,
E o faz do cru naufragio achar benigna a prova!

Natercia, oh! ceus! Natercia, a eftrella do feu norte,
A meiga infpiração do fempiterno verfo,
Caíu, murchada flor, nas folidões da morte,
Deixando o amante eximio em faudade immerfo!

— Meu bem, alma gentil — carpia — que partiste,
Tão cedo d'esta vida, e d'ella descontente:
Emquanto eu cá viver na terra sempre triste,
Repousa tu, feliz, no ceu eternamente.

Se lá no ethereo assento, onde ora estás subida,
Lembrança é dado ter da vida transitoria,
D'aquelle ardente amor que te eu votei, querida,
Teu peito amavel guarde a perennal memoria.

E vendo tu d'ahi que pode merecer-te
Acaso algum cuidado a dôr que me atormenta,
Da magua, sem remedio, e pena de perder-te,
Ai! roga, roga a quem do meu amor te ausenta

Que, visto a imagem tua estar em minha mente,
E havendo sem razão teus annos encurtado,
Tão cedo a mim me leve a vêr-te novamente,
Quão cedo aos olhos meus roubou teu rosto amado.

Sem ti, de que me serve esta existencia inutil,
Votada a intrigas vís, por sacerdotes do erro?!
De longo sonho accordo: a gloria é um nome futil,
Que attráe invejas, odio, o carcere e o desterro.

Implora, implora a Deus, que ponha breve termo
Ao meu peregrinar. O calix está cheio.
Meu voto derradeiro é que ao sair d'este ermo
Da patria minha a terra ao menos me abra o seio.—

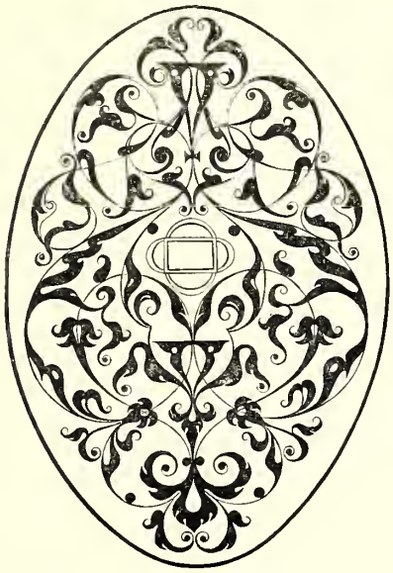
Natercia, a patria e Deus: Trindade sublimada,
Que os Lusiadas fez, o seu poema eterno!
Jámais com tanto amor se viu nação cantada
Na voz da lyra antiga ou no saber moderno.

E após seculos tres o ardente sentimento,
Que n'esses cantos vive, inda penetra o peito
D'um corpo exhausto quasi, e o faz cobrar alento,
Sequer afim de honrar o mortuario leito!

Bemdito o genio seja! Em vida perseguido,
Celebra o que o persegue! E, morto, nunca tarda
De, a quem lhe perde a cinza e o quiz deixar no olvido,
Consolo dar na angustia, e ser-lhe Anjo da Guarda!

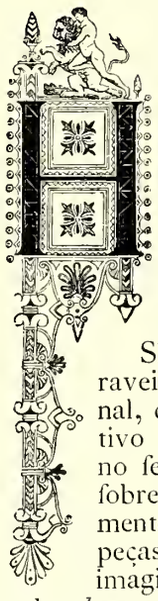
Lisboa, 1880.

FRANCISCO GOMES DE AMORIM.



INFLUENCIA LITTERARIA DE CAMÕES NA PENINSULA HISPANICA

—



Houve na litteratura européa nos fins do seculo XVI e principios do seculo XVII tres grandes dissidentes. Shakespeare, Cervantes e Camões.

Quando a litteratura dos differentes povos perdia as suas feições originaes para toda se arregimentar e subjeitar á disciplina classica, o poeta do *Hamlet*, o poeta do *Quixote* e o poeta dos *Lusiadas*, lavravam no marmore das suas obras a affirmação brilhante das nacionalidades que representavam.

Shakespeare concentrava nas suas admiraveis tragedias tudo o que havia de original, de profundo, de melancholico, de pensativo no genio anglo-saxonio, compendiava no seu *Hamlet* as tristezas d'aquelle povo, sobre cuja fronte parecem pesar constantemente os nevoeiros da sua patria, nas suas peças phantasticas os sonhos vagos d'aquellas imaginações exaltadas que povoam de *elfs* e de *damas brancas* as aguas das torrentes e as sombras mysteriosas dos valles, e no *Othello*, e no *Macbeth* e no *Timão de Athenas* e em outras obras primas imprimiu o cunho profundamente caracteristico d'essa raça reflexiva, que tem produzido os grandes philosophos e os grandes inventores, que encerrou entre Bacon e Herbert Spencer todo o cyclo da philosophia moderna, e que tanto soube adivinhar com Harvey no latejar do pulso a circulação da vida nas veias e nas arterias do homem, como soube presentir, com Watt, no latejar do vapor a circulação do sangue industrial no potente organismo do mundo moderno.

Cervantes escrevia o ultimo romance de cavallaria, representava n'um typo immortal o genio cavalheiresco da sua raça, resuscitava por um instante os velhos heroes do seu paiz, aquelles que combatiam deante dos muros de Granada pelo seu Deus e pela sua dama, aquelles que ainda iam tingir com o seu sangue as aguas de Lepanto para salvarem a fé e a sociedade christã, e, collocando-os no mundo do seu tempo, no mundo em que os jesuitas disciplinavam as consciencias e os entendimentos, no mundo em que os antigos cavalleiros eram subjugados e vencidos pelos modernos mercadores da Hollanda, e pelos positivos e praticos puritanos da Inglaterra, transformou só por essa transposição o Cid em D. Quixote, e riu-se, e riu-se amargamente das loucuras d'um povo nobre e generoso, mas que não comprehendia o seu tempo, e que ainda, durante seculos, havia de ser victima das suas illusões e dos seus sonhos. E, da mesma fórma que Shakespeare symbolisava em Hamlet e em Fallstaff as duas feições especiaes do povo inglez, assim tambem Cervantes symbolisava em D. Quixote e em Sancho Pança as duas feições do povo hespanhol. E, como Hamlet era o pensamento e a melancholia tão caracteristicos dos povos do Norte, era D. Quichote o sonho e o enthusiasmo que caracterisam o povo hespanhol. E, se Fallstaff symbolisava de um modo admiravel a outra feição, a feição material anglo-saxonia, as grandes e fortes comezainas, o alcoolismo, e no meio de tudo o senso positivo e pratico, Sancho Pança não symbolisava menos a segunda feição do

povo caſtelhano, a ſua credulidade, o ſeu juizo acertado mas humilde, e a ſua ſobriedade até, porque o pobre Sancho, ſe ſe regala quando ſe apanha nas bodas de Camacho, nem por iſſo deixa de ſe contentar quaſi ſempre com o pão e queijo dos ſeus alforges.

E Camões tambem inſcrevia nos ſeus *Luſiadas* o poema eſſencialmente nacional, a epopéa dos fortes navegadores e dos heroicos ſoldados, cuja hiſtoria findava com elle para paſſar d'ahi por diante a ſer tradição apenas. E narrava as tempeſtades, as viſões do mar, os perigos dos recifes, relembrava as epicas batalhas, as cavalheireſcas aventuras cuja narrativa ſuaviſava as longas vigilias da prôa, e a monotonia das horas do quarto de alvorada. E ouvia-ſe no ſeu poema o echo dos velhos romances populares, e ſentia-ſe o ſopro viril das chronicas de Fernão Lopes, e em cada eſtrophe palpitava por aſſim dizer a alma do noſſo povo.

O Adamaſtor ſaía de todas as regras das ficções claſſicas, era um filho directo da phantaſia popular, era a conſubſtanciação das lendas tradicionaes das estatuas occeanicas, era a condenſação n'uma figura vaga e immenſa dos nevoeiros do Tormentorio, ſubjeitos á alchimia poderoſa dos ſonhos dos marinheiros. E, da meſma forma que a Inglaterra ſe reconhecia em Shakeſpeare tanto que o applaudiam egualmente no theatro do Globo os cortezãos da rainha Izabel, e os rudes marinheiros de ſir Ricardo Hawkins, e do meſmo modo que a Heſpanha ſe reconhecia em Cervantes a ponto de ſe multiplicarem por toda a peninſula as edições de *D. Quixote*, aſſim Portugal reconhecia com orgulho nos cantos de Camões a voz da ſua nacionalidade, o echo dos ſeus ſentimentos e a conſagração das ſuas glorias.

Mas tem imitadores Cervantes? Teve imitadores Shakeſpeare?

Cervantes fizera no ſeu *Dom Quixote* o romance de caracter, o romance de obſervação, conſubſtanciára em dous typos immortaes as phyſionomias que via em torno de ſi. O ſeu monumento ficou unico e iſolado em Heſpanha, emquanto os romances picareſcos ſe multiplicavam, emquanto ſobretudo as novellas paſtoris faziam o encanto da ſociedade heſpanhola, o *D. Quixote* era lido e relido, mas não imitado. É porque a litteratura official não acceitava eſſe romance indiſciplinado, que ſeguia um caminho eſtranho, que ſe não accommodava nos moldes conſagrados, e, ſe ſe perguntaſſe confidencialmente aos dictadores do goſto o que penſavam do *D. Quixote*, reſponderiam em voz baixa que era a obra de um doido e que, tirando-ſe a hiſtoria de Marcella e alguns outros epiſodios romaneſcos e idyllicos, o reſto era perfeitamente uma extravagancia indigna de um ſeculo illuſtrado.

E emquanto Eneiſo, Bobadilla, Bernardo de la Vega, Lope de Vega, Balbuena, Figueroa, Adorno, Quintano, Corral, Saavedra, ſeguiam, coroados de louros, o caminho paſtoril traçado por Jorge de Montemór na ſua celebre *Diana*, emquanto Yanez, Quevedo, Solorzano, Enriquez Gomes, Eſtebanillo Gonzalez imitavam Hurtado de Mendoza e Mateo Aleman os corypheus do romance picareſco, os applaudidos authores do *Lazarilho de Tormes* e do *Guſman de Alfarache;* emquanto Lamarca, Valladares, Tejada, Lozano imitavam Hita o auctor das *Guerras civis de Granada* n'um genero que aliás pouco exito obtinha; emquanto Hidalgo, Figueroa, Barbadillo, Eſſava, Agreda, Linan y Verdugo, Salazar, Lugo, Camerino, Tellez, Montalvan, Reyes, Peralta, Ceſpedes, Moya, Anaya, Mariano de Carvajal, D. Maria de Zayas, Mata, Caſtillo, Lozano, Solorzano, Alonſo de Alcalá, Villalpando, Prado, Robles, Guevara, Polo, Garcia, Santos, eſcreviam as pequenas novellas romaneſcas que eram uma das predilecções da epocha, e n'eſſe ponto ſeguiam, ainda que de muito longe, Cervantes que eſcrevera as *Novelas Ejemplares*, o Quixote e o ſeu fiel eſcudeiro continuavam a percorrer ſóſinhos as campinas da Mancha, ſem que ninguem lhes ſeguiſſe as piſadas.

Em Inglaterra quem ſe ſegue a Shakeſpeare? Dryden. É elle o imitado, é elle o applaudido, é elle o ſeguido. E o que penſa Dryden de Shakeſpeare? Diz que as ſuas peças ſão *grounded on impoſſibilities, or at leaſt ſo meanly written that the comedy neither cauſed your mirth nor the ſerious part our concernment*, quer dizer que ſão: «fundadas em impoſſibilidades, ou pelo menos tão baixamente eſcriptas que a parte comica não excita o noſſo riſo, nem a parte ſeria o noſſo intereſſe.»

Baſta eſta citação para ſe vêr que a influencia de Shakeſpeare na litteratura que immediatamente ſe lhe ſeguiu foi nulla ou quaſi nulla.

Cheguemos agora a Camões. O ſeu poema excitou o mais vivo enthuſiaſmo, mas houve os proteſtos ſurdos da critica official. Seguiram-ſe aos *Luſiadas* um grande numero de epopéas, mas nenhum dos epicos o imita, a não ſer na eſtructura da eſtrophe.

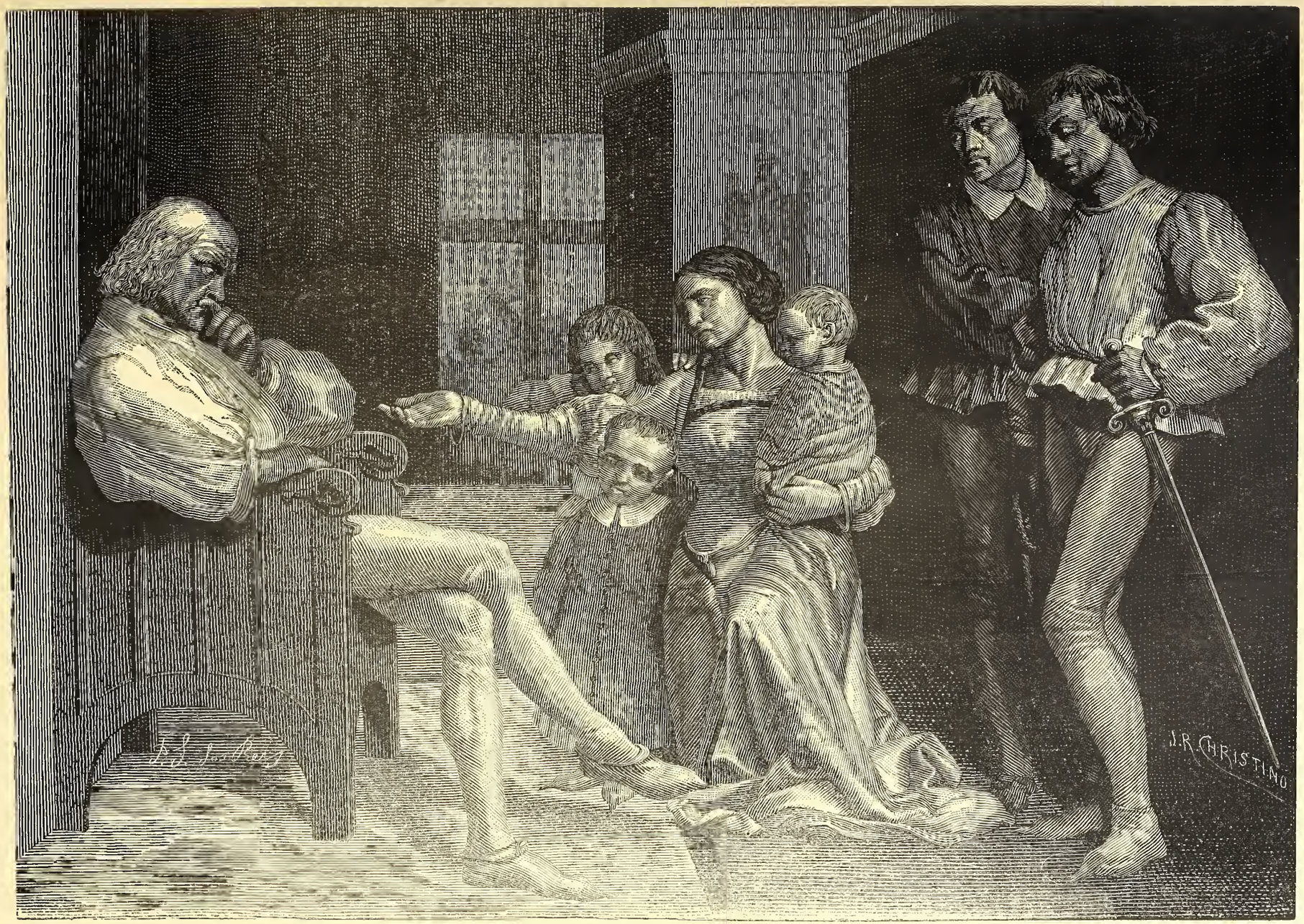
Gabriel Pereira de Caſtro faz a ſua correcta epopéa da *Ulyſſéa*, proſaica e fria como qualquer das ſentenças do auctor. Camões é um revolucionario, um diſſidente. A litteratura arregimentada não ſe aſſocia a eſſe guerrilheiro das letras, que mal conſeguiu diſfarçar com o uniforme virgiliano a ſua indole de franco-atirador.

Fervem comtudo os poemas epicos tanto em Heſpanha como em Portugal, mas eſſes poemas teem em Heſpanha principalmente uma feição narrativa, ſão chronicas rimadas e nada mais. A *Araucana* de Ercilla é o prototypo d'eſſas faſtidioſas epopéas. São o *Arauko Domado*, o *Cortés Valeroſo*, o *Peregrino Indiano*, a *Argentina*, a *Auſtriada*, o *Leon de Eſpaña*, as *Navas de Toloſa*, a *Conquiſta de la Betúa*, o *Pelayo*, a *Numantina*, etc.; mas todas eſſas obras, hoje profundamente eſquecidas, ou ſão ſimples narrativas em verſo como a *Araucana* de Ercilla, ou ſeguem de preferencia os moldes da *Jeruſalem* de Taſſo, chegando alguns poetas como o conde de La Roca a traduzir litteralmente o poema italiano, ſó com as modificações neceſſarias para ſe applicar á conquiſta de Sevilha por D. Fernando o Santo!

É certo que ſe vê que não paſſou deſapercebida aos poetas heſpanhoes a publicação da epopéa de Camões. De todos os exemplos o mais friſante é o do proprio Alonſo de Ercilla, o unico poeta epico heſpanhol digno de menção.

Ouçâmos Ticknor n'eſſe ponto, porque o ſeu teſtemunho é tanto mais ſeguro quanto elle não vê o motivo de umas modificações que nota:

«A primeira diviſão da *Araucana*, diz Ticknor, é no realidade uma hiſtoria verſificada da primeira parte da guerra. Reina n'eſſa parte um cuidado todo geographico e todo eſtatiſtico. É um poema, mas ſó ſe deve lêr com um mappa na mão; é d'aquelles que não teem outra ligação principal ſenão a ſimples e pura ſucceſſão dos acontecimentos. Ercilla gaba-ſe por mais de uma vez d'eſſa eſcrupuloſa exactidão; para a obſervar mais pontualmente, principia por uma deſcripção do *Arauco* e da ſua população no meio dos



«Traziam-na os horrificos algozes
«Ante o Rei, já movido a piedade»

Os Lusiadas — Canto III — Est. CXXIV.

Typ.—Christovão A. Rodrigues

quaes colloca a arena; marcha, em ſeguida, durante quinze contos conſecutivos atravez das batalhas, das navegações, das conſpirações e das aventuras, na ordem em que umas e outras ſe apreſentavam. O poeta compoz eſſa parte do poema no meio das ſolidões, em que, ſegundo nos diz, combateu e padeceu: empregando a noite em deſcrever os acontecimentos que ſe tinham paſſado durante o dia; eſcrevendo verſos em bocados de papel, ou, quando eſſes fragmentos lhe faltavam, em bocados de coiro. De fórma que a *Araucana* é verdadeiramente o diario poetico, em oitavas, da expedição em que ſe achou empenhado. Eſſes quinze cantos, eſcriptos deſde 1555 até 1563, conſtituem a primeira parte que termina bruſcamente no meio de uma violenta tempeſtade, e que elle mesmo fez imprimir em 1569.

«*Ercilla manifeſta que não tardára a deſcobrir que uma deſcripção de acontecimentos ſucceſſivos não era ſenão monotona*, por iſſo reſolveu-ſe a entremeial-a com uns incidentes mais intereſſantes e mais poeticos. Por conſeguinte, na ſua ſegunda parte *que ſó ſe imprimiu* em 1578, temos, é verdade, a meſma fidelidade hiſtorica no fio principal da narrativa, mas eſſe fio é ás vezes interrompido por epiſodios epicos. Tal é a viſão de Bellona nos cantos XVII e XVIII, em que o poeta vê, na America meridional, a victoria de Philippe II, em S. Quintino, no meſmo dia em que ſe ganhava em França. Tal é a gruta do magico Piton, nos cantos XXIII e XXIV, em que vê a batalha de Lepanto ganha muito tempo depois, etc.»

O que foi que introduziu eſta modificação na *Araucana?*

Porque differe a 2.ª parte publicada em 1578 de um modo tão notavel da primeira publicada em 1569?

Evidentemente porque em 1572 appareceram as duas edições dos *Luſiadas.*

Eſta influencia teve-a de certo o grande poeta, como a teem ſempre os grandes genios, mas não formou eſcola, como tambem é raro que a formem os vultos excepcionaes, que caminham pelas ſendas não trilhadas.

Emquanto Moyſés, iſolado e terrivel, caminha, longe dos iſraelitas, ſeguindo com os olhos a columna de fogo, e fallando, no Sinai, face a face com o Omnipotente, é Aarão quem funda a hierarchia ſacerdotal.

Camões, Shakeſpeare e Cervantes foram os Moyſés litterarios do ſeu tempo. Para elles as intimidades divinas do Sinai. Para elles tambem o deſdem inepto da turba dos imitadores.

PINHEIRO CHAGAS.

EPISODIO DE IGNEZ DE CASTRO

—

Eſtavas, linda Ignez, poſta em ſocego,
De teus annos colhendo doce fruito,
Naquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito:
Nos ſaudoſos campos do Mondego,
De teus formoſos olhos nunca enxuito,
Aos montes enſinando, e ás hervinhas
O nome, que no peito eſcripto tinhas.

.
. .

Do teu Principe alli te reſpondiam
As lembranças, que na alma lhe moravam,
Que ſempre ante ſeus olhos te traziam,
Quando dos teus formoſos ſe apartavam,
De noite em doces ſonhos, que mentiam,
De dia em penſamentos, que voavam:
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

.
. .

De outras bellas ſenhoras, e Princezas
Os deſejados thálamos engeita;
Que tudo em fim, tu, puro amor, deſprezas,
Quando hum geſto ſuave te ſujeita.
Vendo eſtas namoradas eſtranhezas
O velho pai ſeſudo, que reſpeita
O murmurar do povo, e a phantaſia
Do filho, que caſar-ſe não queria:

.
. .

Tirar Ignez ao mundo determina;
Por lhe tirar o filho, que tem preſo,
Crendo co'o ſangue ſó da morte indina
Matar do firme amor o fogo acceſo.
Que furor conſentio, que a eſpada fina,
Que pôde ſuſtentar o grande peſo
Do furor Mauro, foſſe alevantada
Contra huma fraca dama delicada?

.
. .

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo com falſas, e ferozes
Razões á morte crua o perſuade.
Ella com triſtes, e piedoſas vozes,
Sahidas ſó da magoa, e ſaudade
Do ſeu Principe, e filhos, que deixava,
Que mais, que a propria morte, a magoava:

.
. .

Para o ceo cryſtallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedoſos,
Os olhos; porque as mãos lhe eſtava atando
Hum dos duros miniſtros rigoroſos:
E deſpois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha, e tão mimoſos,
Cuja orphandade como mãi temia,
Para o avô cruel aſſi dizia:

.
. .

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de naſcimento,
E nas aves agreſtes, que ſomente
Nas rapinas aerias tem o intento,

Com pequenas crianças vio a gente
Terem tão piedoſo ſentimento,
Como co'a mãi de Nino já moſtraram,
E co'os irmãos, que Roma edificaram:

* * *

Ó tu, que tens de humano o geſto, e o peito,
(Se de humano he matar uma donzella
Fraca e ſem força, ſó por ter ſujeito
O coração, a quem ſoube vencel-a)
A eſtas criancinhas tem reſpeito;
Pois o não tens á morte eſcura d'ella:
Mova-te a piedade ſua e minha;
Pois te não move a culpa que não tinha.

* * *

E ſe, vencendo a Maura reſiſtencia,
A morte ſabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem, para perdel-a, não fez erro:
Mas, ſe to aſſi merece eſta innocencia,
Põe-me em perpetuo e miſero deſterro
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

* * *

Põe-me, onde ſe uſe toda a feridade,
Entre leões e tigres; e verei,
Se nelles achar poſſo a piedade,
Que entre peitos humanos não achei:
Alli co'o amor intrinſeco, e vontade
Naquelle, por quem mouro, criarei
Eſtas reliquias ſuas, que aqui viſte;
Que refrigerio ſejam da mãi triſte.

* * *

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras, que o magoam;
Mas o pertinaz povo, e ſeu deſtino
(Que deſta ſorte o quiz) lhe não perdoam:
Arrancam das eſpadas de aço fino
Os, que por bom tal feito alli apregoam.
Contra huma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amoſtrais, e cavalleiros?

* * *

Qual contra a linda moça Polyxena,
Conſolação extrema da mãi velha;
Porque a ſombra de Achilles a condena,
Co'o ferro o duro Pyrrho ſe apparelha:
Mas ella os olhos, com que o ar ſerena,
(Bem como paciente, e manſa ovelha)
Na miſera mãi poſtos, que endoudece,
Ao duro ſacrificio ſe offerece:

* * *

Taes contra Ignez os brutos matadores
No collo de alabaſtro, que ſoſtinha
As obras, com que amor matou de amores
Aquelle, que depois a fez Rainha,
As eſpadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos ſeus regadas tinha.
Se encarniçavam, fervidos e iroſos.
No futuro caſtigo não cuidoſos.

* * *

Bem puderas, ó Sol, da viſta deſtes
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da féva meſa de Thyeſtes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia!
Vós, ó concavos valles, que podeſtes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do ſeu Pedro, que lhe ouviſtes,
Por muito grande eſpaço repetiſtes!

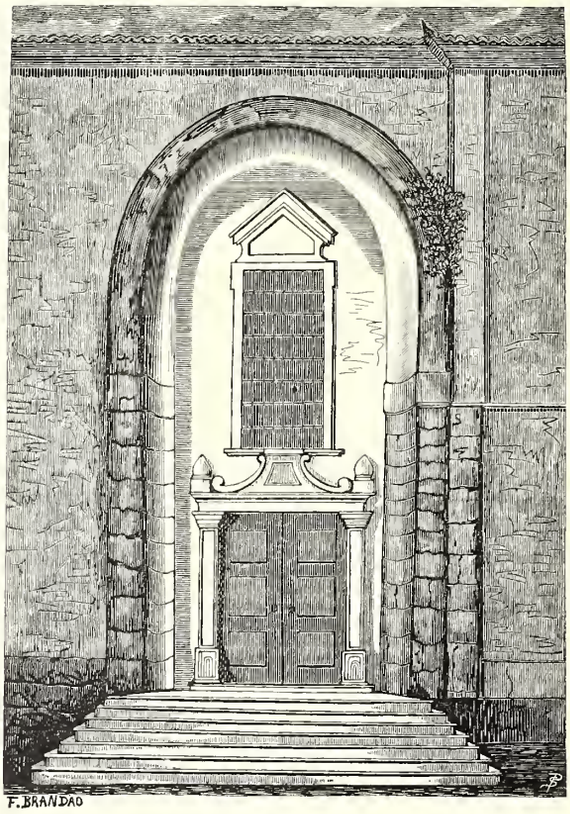
* * *

Aſſi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos laſcivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a cor murchada:
Tal eſtá morta a pallida donzella,
Seccas do roſto as roſas, e perdida
A branca e viva cor, co'a doce vida.

* * *

As filhas do Mondego a morte eſcura,
Longo tempo chorando, memoraram;
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe puzeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que alli paſſaram.
Vede que freſca fonte rega as flores;
Que lagrimas ſão a agua e o nome amores.

Os Luziadas—Canto III. *Eſt.* CXX *a* CXXXV.



PORTA LATERAL DO CONVENTO DE SANT'ANNA (LISBOA)

CAMÕES EM COIMBBA

—

CREDITA-SE geralmente que Luiz de Camões, bem como tantos outros dos mais illuſtres poetas portuguezes, receberia no Mondego o baptiſmo da poeſia, e na Univerſidade de Coimbra a vaſta erudição que as ſuas obras demonſtram. Manuel Severim de Faria e Manuel de Faria e Souza, naſcidos, um tres annos, outro dez, depois da morte do poeta, affirmam que elle eſtudara na Univerſidade. Eſta afferção dos primeiros biographos acha-ſe repetida, ſem mais provas, por aquelles que nos ultimos tres feculos ſe lhes ſeguiram.

Que reſidira longamente em Coimbra prova-ſe com o ſeu proprio teſtemunho, colhido em differentes lugares das ſuas obras. Na canção IV diſſe:

Vão as ſerenas aguas
Do Mondego deſcendo,
E manſamente até ao mar não párão;
Por onde as minhas mágoas
Pouco e pouco creſcendo
Para nunca acabar ſe começárão.
.....
N'eſta florida terra,
Leda, freſca e ſerena,
Ledo e contente para mi vivia
....
Tempo longo paſſei
Com a vida folguei.

E no ſoneto CXXXIII:

Doces e claras águas do Mondego,
Doce repouſo da minha lembrança,
Onde a comprida, e perfida eſperança
Longo tempo apóz ſi me trouxe cego;

De vós me aparto, ſi; porem não nego
Que inda a longa memoria, que me alcança,
Me não deixa de vós fazer mudança,
Mas quanto mais me alongo, mais me achego...

Bem poderá a Fortuna eſte inſtrumento
Da alma levar por terra nova e eſtranha,
Offerecido ao mar remoto, ao vento.

Mas a alma, que de cá vos acompanha,
Nas azas do ligeiro penſamento
Para vós, águas, vôa, e em vós ſe banha.

N'uma carta, attribuida, não ſei com que fundamento, a Luiz de Camões pelo sr. viſconde de Juromenha, diz o auctor eſtar «reſoluto de ir eſte anno a Coimbra, reſtituir-me aos ares em que me criei....» [1]

Finalmente o terem vivido em Coimbra o biſavô e outros aſcendentes do poeta, e no proprio tempo da ſua mocidade um ſeu tio paterno, D. Bento de Camões, circumſtancias ſão que todas fazem mais que provavel a reſidencia do poeta em Coimbra.

Admittido eſte facto, natural parecerá admittir tambem com os biographos Faria e Souza e Severim de Faria que frequentaſſe a Univerſidade, da qual um alumno dilectiſſimo, mais que um eſtranho, poderia eſcrever referindo-ſe a el-rei D. Diniz:

Fez primeiro em Coimbra exercitar-ſe
O valeroſo officio de Minerva;
E de Helicona as Muſas fez paſſar-ſe
A pizar do Mondego a fertil herva.

Quanto pode de Athenas deſejar-ſe
Tudo o ſoberbo Apollo aqui reſerva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do bacharo e do ſempre verde louro. [2]

Mas eſta opinião é apenas uma ſimples conjectura, á qual dão certa força as afferções dos biographos pouco poſteriores a Luiz de Camões. Provas deciſivas não as ha, porque dos primeiros tempos da Univerſidade em Coimbra, depois de traſladada pela ultima vez em tempo d'el-rei D. João III, faltam os termos das matriculas e dos actos e apenas reſtam algumas relações avulſas de eſtudantes.

Dos parentes de Luiz de Camões em Coimbra ſabe-ſe com mais certeza quem foſſem com quanto faltem particularidades biographicas. A genealogia dos Camões, ſegundo o chantre da Sé de Evora, Manuel Severim de Faria, que dizem aparentado com o poeta, por deſcender de D. Conſtança Pires de Camões, irmã do ſeu biſavô, [3] é a ſeguinte:

Vaſco Pires de Camões, fidalgo da Galliza, veio em tempo d'el-rei D. Fernando, para Portugal, onde caſou com uma filha de Gonçalo Tenreiro, da qual houve tres filhos: Gonçalo Vaz de Camões, João Vaz de Camões e D. Conſtança Pires de Camões. Do ſegundo filho, João Vaz de Camões, eſcreveu Severim de Faria:

«Foi vaſſallo de el-rei D. Affonſo V (titulo muito principal n'aquelle tempo) e ſerviu ao meſmo rei nas guerras de Africa e Caſtella. Viveu na cidade de Coimbra, da qual foi benemerito cidadão, indo por ſeu procurador ás côrtes d'aquelles trabalhoſos tempos da creação de el-rei D. Affonſo. Teve o cargo de corregedor d'aquella comarca; officio então de grande juriſdicção; porque não havia mais de ſeis no reino, e ordinariamente eram fidalgos muito honrados, e não profeſſavam letras; como ainda agora ſe uſa em algumas partes de Heſpanha.

«Tudo iſto conſta do epitaphio da ſua ſepultura que eſtá em uma capella da craſta da Sé de Coimbra, que o meſmo João Vaz de Camões mandou fazer; onde á parte do Evangelho ſe vê um tumulo levantado de marmore, todo lavrado de figuras de meio relevo, e nos cantos duas maiores com eſcudos das ſuas armas nas mãos, e em cima do tumulo eſtá a figura do meſmo João Vaz armado ao modo antigo com uma eſpada na mão, e aos pés um rafeiro deitado. Eſta capella tem agora o arco quaſi tapado de uma parede de tijolo, porque como faltaram os deſcendentes do inſtituidor, ficou devoluta, e ſem haver quem a ornaſſe, e tiveſſe cuidado d'ella.» [4]

D'eſte João Vaz de Camões, cuja capella e tumulo ſe julga terão deſapparecido quando ſobre os clauſtros da Sé velha ſe conſtruiu a Imprenſa da Univerſidade, deſcenderam em linha recta Antão Vaz de Camões, Simão Vaz de Camões e Luiz de Camões.

Um filho ſegundo de Antão Vaz de Camões, chamado Bento de Camões, irmão de Simão Vaz e tio paterno de Luiz de Camões, tomou habito em Coimbra no moſteiro de Santa Cruz, onde foi o primeiro Prior Geral, depois da reformação da ordem, e o pri-

[1] Obras de Luiz de Camões. Lisboa 1860. Tom. V, pag. 244.

[2] Luſiadas, cant. III, eſt. XCVII.

[3] É a opinião commum, com quanto Manuel Severim de Faria não diga nada a eſte reſpeito na biographia de Luiz de Camões.

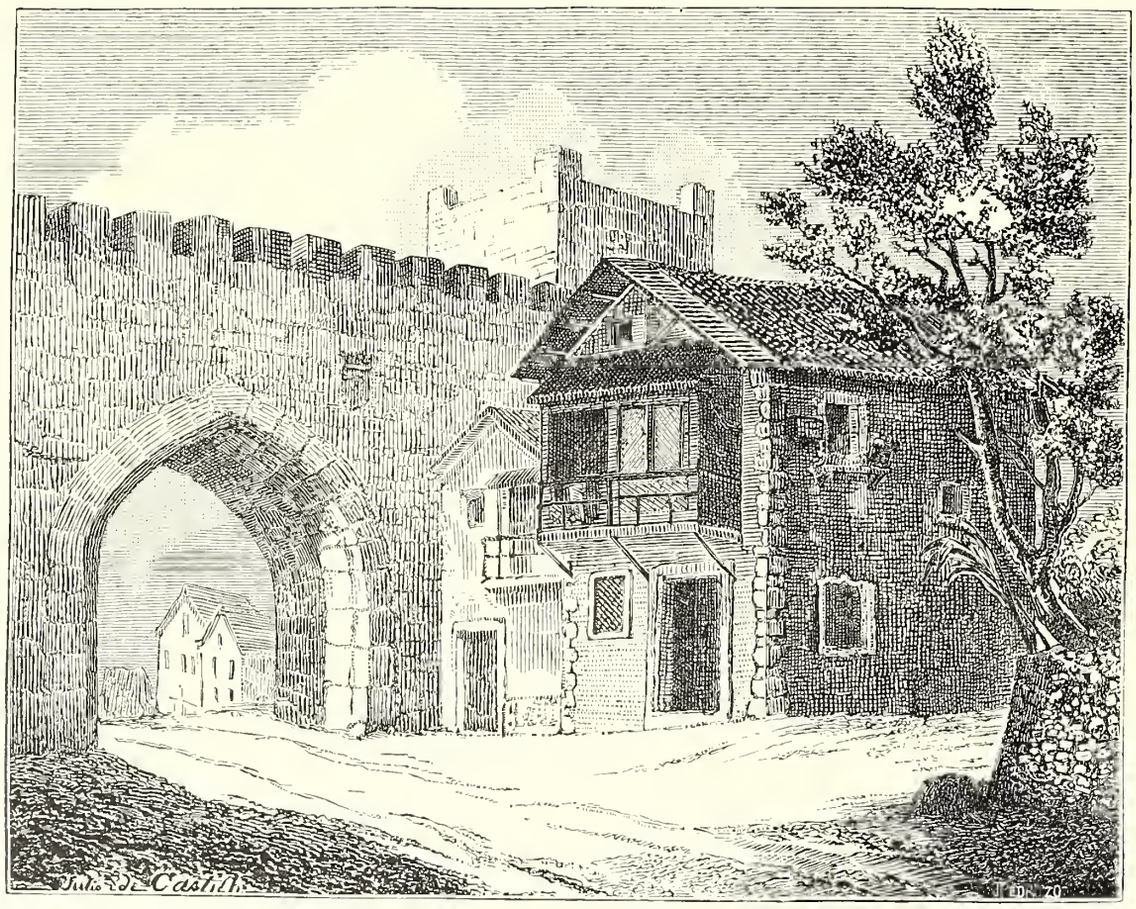
[4] *Diſcurſos varios e politicos* por Manuel Severim de Faria. Evora 1624. Fol. 90 a 93.

meiro Cancellario da Univerſidade. [1] Eleito e nomeado para eſtes cargos, pelos annos de 1547. [2]

A elevação dos cargos exercidos por D. Bento de Camões moſtra quaes ſeriam a ſua auctoridade e ſaber. É poſſivel que em grande parte ſe lhe deva a ſuperior educação litteraria do ſobrinho. Da perfeição dos eſtudos, por eſſe tempo, no moſteiro de Santa Cruz, ſe ſabe ſer tal que o profeſſor Vicente Fabricio e os ſeus diſcipulos fallavam correctamente a lingua grega; na imprenſa do moſteiro ſe imprimiam livros eſcriptos nas linguas grega e latina: e depois da ultima trafladação da Univerſidade para Coimbra, ali ſe conſervaram por algum tempo as aulas do curſo de artes e humanidades.

deram ſeria o proprio pae do poeta. Os documentos do cabido, com quanto produzidos e allegados com eſſe intuito pelo fallecido conego Miguel Ribeiro de Vaſconcellos, e os da camara provam exactamente o contrario.

Os primeiros taes como foram uns extractados outros integralmente trafladados [3] apenas moſtram ſer o Simão Vaz de Camões, conimbricenſe, irmão de Iſabel Tavares, a qual foi filha de João Vaz de Villa Franca e de ſua ſegunda mulher Branca Tavares. A primeira mulher chamava-ſe Catharina Pires, e ſeria talvez a mãe de Simão Vaz de Camões, mas os documentos não o declaram, antes deixam poſſiveis tres filiações:



CASA DE CAMÕES EM LISBOA EM 1580

(Desenho conjectural)

Conſta por documentos dos archivos capitular e municipal de Coimbra que no ſeculo XVI reſidia n'eſta cidade um Simão Vaz de Camões que alguns enten-

1.ª De João Vaz de Villa Franca e de Catharina Pires;

2.ª Do meſmo e de Branca Tavares;

3.ª D'eſta meſma, porém de um matrimonio anterior.

A primeira e a ſegunda ſuppoſição têem a ſeu favor o appellido de Vaz que ſeria herdado do pae. Mas eſte appellido era extremamente commum em Coimbra no ſeculo XVI, e a circumſtancia de ſe provar por um dos documentos [4] que, a requerimento de João Vaz de Villa Franca, emprafara o cabido em ſua filha Iſabel Tavares uma morada de caſas que o

[1] Vej. a *Chronica dos conegos regrantes* por D. Nicolao de Santa Maria, pag. 290.

[2] Vej. o Obituario de Santa Cruz, ms. da Bibliotheca da Univerſidade. Não foi por tanto a 4 de janeiro, como ſe lê no *Agiologio Luſitano*, tom. 1.º Eis aqui o *fac-ſimile*, da ſua aſſignatura n'um livro da Univerſidade.

[3] *Inſtituto*, tom. 3.º Para melhor ſe apurar a verdade conviria revêr os originaes no cartorio do cabido.

[4] *Inſtituto*, tom. 3.º, pag. 170.

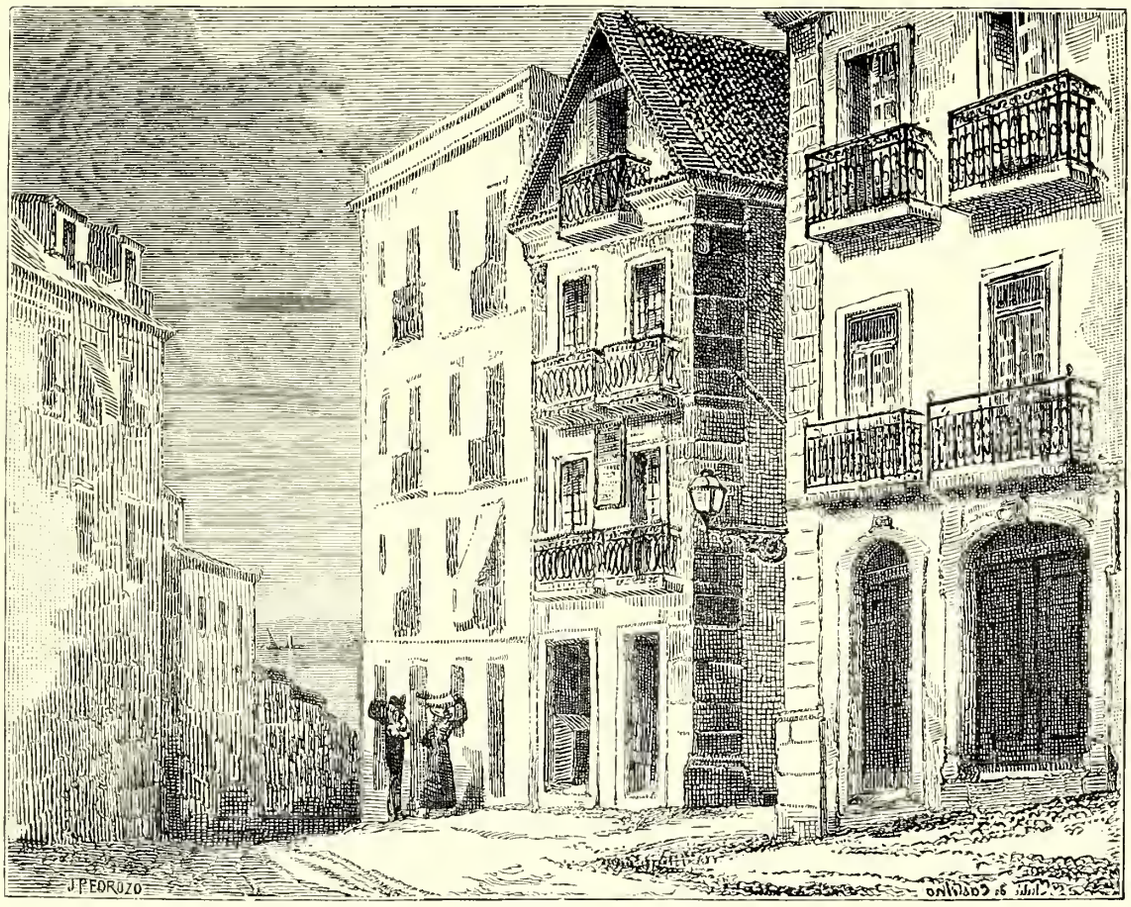
mesmo João Vaz possuia, excluindo assim a Simão Vaz de Camões, parece, até certo ponto, apoiar a terceira supposição.

Segundo uma genealogia dos Camões, manuscripto de Jorge de Cabedo, citada pelo sr. Camillo Castello Branco, [1] o Simão Vaz de Camões, conimbricense, seria filho de Duarte de Camões de Tavora e de D. Isabel Lobo; irmão de Luiz Gonçalves de Camões e de D. Maria da Camara, que casou com Francisco de Faria Severim, neto finalmente de outro Simão Vaz de Camões, senhor do morgado da Torre.

A filiação dada por Cabedo é incompativel com a fraternidade de Simão Vaz de Camões e de Isabel Tavares, authenticamente demonstrada pelo documento já citado. Diz mais Jorge de Cabedo que o Simão Vaz de Camões, de Coimbra, fôra parente proximo do poeta, o que os appellidos de Vaz e de Camões fazem provavel.

Os documentos da camara dão-nos interessantes noticias ácerca de Simão Vaz de Camões, durante a segunda metade do seculo XVI. Em 1553 entrou á força no convento de Sant'Anna, pelo que foi condemnado a degredo perpetuo para o Brazil e prizão com cadeado no pé, e tambem a dar cem cruzados para a abbadessa do mosteiro. El-rei D. Sebastião perdoou-lhe o degredo e mandou dar os cem cruzados á abbadessa. Por esta ou por outra causa esteve preso em Lisboa, e demandou depois a camara de Coimbra pelas despezas que ali fizera, com o pretexto de ter ido a tractar negocios d'esta cidade. Eleito almotacé em 1567 recusou-se a servir este cargo allegando uma isempção que ainda a regia munificencia lhe reconheceu contra as representações da camara. Em 1576 espancou juntamente com os seus creados ao almotacé João Ayres. [2]

Da acta da vereação de 31 de julho de 1563 con-



CASA DE CAMÕES EM LISBOA EM 1880

(Desenho do natural)

[1] Noites de insomnia, n.º 3, pag. 19, nota.

[2] Alguns dos documentos do archivo municipal de Coimbra, concernentes a Simão Vaz de Camões, foram publicados pelo sr. visconde de Juromenha nos tom. 1.º e 5.º das obras de Luiz de Camões. Confundiu porem com este Simão Vaz o pae do poeta. As copias de todos os documentos do archivo municipal, tanto ineditos, como publicados, foram-me obsequiosamente confiados pelo sr. João Correia Ayres de Campos para escrever este artigo. O accordam da camara de 8 de maio de 1575 contém informações curiosas do caso do espancamento, contado pelo offendido. Diz elle que, juntamente com o outro almotacé seu parceiro, haviam repartido, no sabbado anterior ao dia do accordão, a carne, que havia, por todas as pessoas e povo da cidade pela melhor forma que o poderam fazer. Que entre as pessoas a quem elle João Ayres deu carne fôra uma escrava de Simão Vaz de Camões, a qual levara tres vintens de vacca, levando menos outras pessoas da sua qualidade. Que, estando a cear, um creado do Simão Vaz de Camões lhe entrara pela casa dentro, lhe dissera palavras injuriosas e lhe lançara a carne ao rosto a elle e a uma sua filha, dizendo-lhes da parte de seu senhor que tal carne como aquella não haveria de comer. Que, sentindo-se aggravado, descera pela escada abaixo á porta, onde encontrara a Simão Vaz com um escravo, os quaes arrancaram das espadas contra elle, João Ayres, e lhe deram muitos golpes e o matariam, se não se recolhesse logo. O João Ayres dizia na sua queixa á camara que Simão Vaz de Camões era ufeiro e vezeiro em fazer similhantes cousas e desatinos.

ſta haver caſado Simão Vaz de Camões no anno anterior. E, pelos documentos do cabido já citados, ſe prova chamar-ſe a mulher D. Franciſca e eſtar já caſada em ſegundas nupcias com o dr. Roque Pereira Tavares em 1584.

Que eſte Simão Vaz de Camões não era o pae do poeta, mas apenas ſeu homonymo, deprehende-ſe:

1.º Do teſtemunho de Jorge Cabedo;

2.º Do facto do caſamento em 1563, ſendo viva a mãe do poeta ao tempo do ſeu fallecimento em 1580;

3.º De ſer improvavel a ſuppoſição de que o meſmo homem que gerara a Luiz de Camões em 1523 ou 1524 tiveſſe ainda em 1576 energia e vigor phyſico para eſpancar uma auctoridade municipal.

A. FILIPPE SIMÕES.

AS FESTAS DO CENTENARIO

—

AE ſer paga a divida.

É uma divida de honra, uma divida ſacratiſſima cuja inſolvabilidade tem ſido até hoje a noſſa vergonha.

Um monumento era pouco.

O Homero portuguez; o grande epico; o ſublime cantor dos noſſos deſcobrimentos, das noſſas conquiſtas, dos noſſos glorioſos feitos tinha direito á grandioſa homenagem que ámanhã lhe vae preſtar a patria que elle tanto amou.

Não foi Luiz de Camões quem para ſempre tornou celebre o nome do paiz que, ha cerca de quatro ſeculos, tamanhos e tão excelſos ſerviços preſtou á civiliſação? Se os Luſiadas não exiſtiſſem, ſeria acaſo tão grande e tão univerſal a fama d'eſſes feitos glorioſos que illuſtram as paginas da noſſa hiſtoria?

Ao principe dos poetas portuguezes cabe, pois, de direito um dos primeiros lugares no Pantheon de noſſos heroes, entre os quaes ſe contam:

Albuquerque terribil, Caſtro forte
E outros em quem poder não teve a morte.

A deſfortuna, porém, que o perſeguiu na vida, tarde o abandonou depois de morto.

Se Camões tem exiſtido na mente das peſſoas lettradas dos dous paizes onde ſe falla o portuguez, ſe é meſtre da lingua para os que deſejam aprimorar-se no ſeu manejo e enlevar-ſe com as ſuas elegancias, ſe tem incitado numeroſos eſcriptores eſtrangeiros a traduzil-o e criticos abaliſados a glorial-o, jamais a nação, em trezentos annos, empreendera preſtar honras condignas aos ſerviços que elle lhe fizera.

Um dia, já em meados d'eſte ſeculo, uma commiſſão de academicos procurou os oſſos do poeta, e julgou encontral-os; de outra vez, uma commiſſão de patriotas abriu uma ſubſcripção para lhe erigir um monumento, e logrou conſeguir o ſeu fim.

Foi tudo.

Portanto, quaſi que ſe póde affiançar que o grande vulto litterario ſó ficara immortal para as gentes mais cultas. Nunca uma homenagem ruidoſa em que tomaſſe parte o paiz inteiro, vulgariſou o ſeu nome. Para quantos, pois, que ſe aproveitaram e ainda ſe aproveitam dos beneficios com que elle nos dotou, gravando eternamente com a ſua penna inſpirada na mente de todas as nações do univerſo o nome de Portugal, Camões não será quaſi um deſconhecido e as ſuas obras completamente ignoradas?

As feſtas do terceiro centenario do grande epico, empreendidas pela imprenſa periodica de Lisboa, vão remediar em parte o mal.

Pagando com ellas a divida em aberto, repete-ſe mil vezes aos ouvidos do povo menos lido o nome do homem que foi uma gloria patria; multiplicam-ſe as edições do ſeu grande poema, e vendem-ſe por modico preço para que muitos, ſe não todos, a poſſam lêr, o que de certo acontecerá deſpertada como o eſtá ſendo a curioſidade pela influencia dos feſtejos; enſinar-ſe-hão ſuavemente aos menos applicados os epiſodios principaes da famoſa obra do poeta e da ſua agitada vida, por meio da pintura e da gravura; finalmente, imprimir-ſe-ha tão profundamente no eſpirito do povo o facto que dá motivo á ſolemnidade, que em todas as claſſes, mas principalmente n'aquellas em que é mais neceſſario que iſto succeda, ſe fallará por largo tempo n'eſte acontecimento, e por tal modo que, os que mais infima educação tiverem, receberão, pelo menos, uma vaga noção de quem foi e do que fez Camões.

Afiguram-ſe-me importantiſſimas eſtas vantagens, que, ſem duvida, nos ha-de trazer a commemoração pompoſa do terceiro centenario do poeta dos *Luſiadas*.

*
* *

Todas as nações civiliſadas reſpeitam e celebram a memoria dos ſeus compatriotas que mais ſe diſtinguiram em qualquer das grandes manifeſtações do engenho humano, e que repartiram com ellas o quinhão de gloria adquirido á cuſta de ſeus feitos ou de ſuas obras.

No mez de agoſto de 1877, a cidade de Anvers feſtejou brilhantemente o centenario do naſcimento de Rubens — o grande pintor que encheu do aſſombro o mundo com os ſeus quadros maravilhoſos — provando aſſim a conta em que tem a gloria que lhe ganhou aquelle filho dilecto.

As feſtas duraram tres dias, concorrendo a ellas não ſó numeroſiſſimas peſſoas de toda a Belgica, ſenão tambem grande quantidade de eſtrangeiros, principalmente francezes. A agglomeração de povo foi tal, que na cidade não houve alojamento para metade dos foraſteiros, tendo muitos de ir dormir a Bruxellas.

A cidade eſtava eſplendidamente adornada. Pelas ruas feſtões de flores e arcos triumphaes; em todas as janellas auriflammas e colchas riquiſſimas lançadas ſobre os parapeitos.

Foram deſlumbrantes as illuminações.

Na primeira noute houve uma cantata executada por mil cantores e inſtrumentiſtas, junto da eſtatua de Rubens, na praça Verte. É incalculavel o numero de eſpectadores que aſſiſtiram áquella feſta muſical, em que tomaram parte todas as ſociedades coraes da cidade, que ſão muitas, dirigidas pelo maeſtro P. Benoit, o auctor da muſica. A letra era do poeta popular flamengo Julius de Geyter.

Quando terminou a cantata, o *maire* deſceu da tribuna e foi abraçar, na preſença de toda a cidade, o chefe da orcheſtra, a quem os aſſiſtentes fizeram depois uma verdadeira ovação.

Seguiu-ſe a retirada *aux flambeaux*, em que o povo e a tropa levavam archotes e balões illuminados.

No outro dia, que era domingo, houve curioſos certamens entre as diverſas aſſociações, que, antes de tudo, foram em preſtito comprimentar o burgomeſtre. Cada uma levava, na frente, a ſua muſica e a ſua bandeira. Viam-ſe tambem os varios premios ganhos nos precedentes concurſos, medalhas e muitos objectos de arte que os cidadãos tiveram o capricho de levar comſigo. O total das peſſoas de que ſe compunham aquellas numeroſas aſſociações (porque na Belgica ha o culto da aſſociação; até os amadores da peſca á linha tem o ſeu gremio!) não era inferior a cincoenta mil.

N'eſſa noute devia ſair o grande cortejo hiſtorico, porém a chuva não o permittiu. Ficou para o dia ſeguinte.

Ás duas horas da tarde de ſegunda feira, começou a desfilar o cortejo. Era formado por diverſos carros ſymbolicos ladeados de guerreiros ſcandinavos e barbaros, de cavalleiros dos ſeculos XV e XVI, montados em ginetes ricamente ajaezados, e de outros viſtoſos perſonagens trajando conſoante o aſſumpto que ſe deſejava repreſentar. Uns tocavam trombeta, outros empunhavam bandeiras e todos formavam uma prociſſão curioſa e deſlumbrante, a que o povo aſſiſtia com a maxima attenção e recato.

Entre os carros, tornavam-ſe notaveis o das *Origens*, conduzindo os gigantes de que reza a tradicção, e o da *Baléa*. Eſte cetaceo é populariſſimo em Anvers. Tem o ſingular condão de fazer rir o povo d'aquella cidade a bandeiras deſpregadas. O monſtro vinga-ſe d'eſſe capricho da ſorte, expellindo pelas enormes narinas, ſempre que apparece em publico, grandes jorros de agua que vão encharcar os que o apupam.

O carro do *Navio*, ſymbolo do commercio de Anvers, era de um excellente trabalho ſob o ponto de viſta artiſtico. Na frente d'elle viam-ſe dous golphinhos guiados por creanças.

O carrro da *Muſica* levava um orgão, pelo teclado do qual corria os dedos, com ares de inſpirado, um muſico veſtido e caracteriſado em ordem a figurar um velho maeſtro quinhentiſta.

As *Eſcolas da pintura* iam tambem n'um carro, e compreendiam tres grupos: o dos diſcipulos de Quintino Metſys, o dos de Martin Vos e o dos de Rubens.

Muitos outros carros de que fôra prolixo fazer menção, precediam o de Rubens, que ſervia de moldura a uma copia do *Deſcimento da cruz*, deante da qual ſe via a Apotheoſe do grande meſtre flamengo.

E aſſim terminava o brilhante cortejo hiſtorico e com elle as feſtas do centenario de Rubens, preſenciadas por muitos milhares de patriotas e de curioſos que affluiram á cidade de Anvers.

*
* *

Nós tambem vamos pagar ao famoſo poeta portuguez o devido tributo de gratidão e juſtiça, com eſtrepitoſos feſtejos e com um cortejo nacional.

A idéa do cortejo partiu da imprenſa periodica de Lisboa, que encontrou, felizmente, adheſões por toda a parte. Contribuem, pois, para eſſa demonſtração patriotica o governo, as duas caſas do parlamento, a camara municipal, os eſtabelecimentos scientificos, litterarios e artiſticos, os alumnos das eſcolas, todas as aſſociações, a imprenſa, a induſtria, o commercio e o povo. O paiz inteiro, enthuſiaſmado com a idéa, promove outras feſtas para ſer completa a homenagem ao immorredouro nome do famigerado epico. Até os eſtrangeiros, despertados pelo brado de patriotiſmo que ſoltou eſte pequeno reino, berço natal de tão grandes homens, vão tambem celebrar o centenario do genio coloſſal que não é ſó a gloria de uma nação, mas tambem a gloria da humanidade.

As artes portuguezas não podiam deixar de tomar activiſſima parte n'eſtas manifeſtações de admiração ao poeta.

Alguns dos noſſos artiſtas preſtaram-ſe deſintereſſadamente a dirigir os trabalhos, para que os diverſos carros que hão-de figurar no cortejo fáiam dignos de tão fauſtoſa ceremonia.

O carro da *Imprenſa*, decorado no eſtylo do ſeculo XV, levará, alem de um prelo antigo, uma eſtatua de Guttemberg, copia reduzida da de David de Angers. O das *Colonias*, o da *Agricultura* e o do *Commercio* e *Induſtria* terão allegorias e ſerão compoſtos dos attributos concernentes aos aſſumptos a que pretendem alludir.

No da *Arte*, o genio que a repreſenta eleva-ſe elegantemente ſobre um pedeſtal ao centro de um edificio manuelino, ornado com quatro eſpheras armilares e uns medalhões repreſentando Gil Vicente, Butaca, Sequeira, Joaquim Machado de Caſtro, etc. Na frente, vêem-se as armas reaes portuguezas, emblemas ornativos e a cifra L. C. Nos quatro angulos erguem-ſe grupos figurando aſſumptos poeticos e artiſticos.

Haverá tambem um carro militar e outro ſobre o qual irá um galeão do ſeculo XVI.

Eſte ultimo foi deſenhado pelo sr. Thomazini, o marinheiro artiſta; o da Imprenſa pelo sr. Monteiro, o inſigne architecto regreſſado ha pouco das eſcolas eſtrangeiras; o da Arte pelo inſigne eſtatuario o sr. Simões de Almeida; o das colonias pelo sr. Columbano Bordallo Pinheiro; o do Commercio e Induſtria pelo sr. Pereira Junior e o da Guerra pelo sr. Silva Porto, o noſſo moderno paizagiſta. O sr. Jayme Batalha Reis compoz o da Agricultura.

A camara municipal deliberou eſtabelecer um premio de 500:000 réis para ſer diſtribuido, de cinco em cinco annos, ao auctor da obra de arte (pintura ou eſculptura) claſſificada pela Academia real de bellas artes como mais importante.

Faz honra ao municipio da capital não ſó eſta ſenão outras deliberações que tomou de natureza identica, para ter parte na grande commemoração.

No primeiro dia d'eſta, effectuar-ſe-ha a traſladação dos ſuppoſtos reſtos de Luiz de Camões e dos de D. Vaſco da Gama para o ſumptuoſo templo dos Jeronymos, ceremonia officialmente decretada que deve fazer vibrar na alma de todos os bons e verdadeiros portuguezes a mais commovente ſenſação.

Vaſco da Gama e Camões!

É um dever aſſociar eſtes dous nomes. Curvando-nos ante o cantor, não podemos olvidar o cantado.

A eſcolha do templo dos Jeronymos para guardar os oſſos d'eſtes dous grandes vultos foi tambem uma homenagem prestada á hiſtoria e á arte.

*
* *

Vae ſer paga a divida.

Ainda que tarde, ao menos que ſe pague com a grandeza que a ſolemnidade requer.

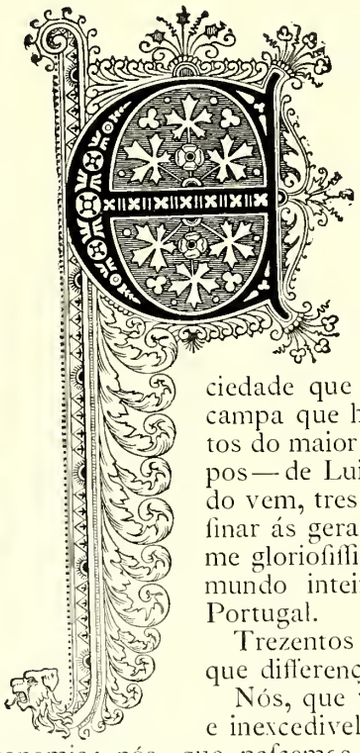
Durante as feſtas, o paiz dará treguas ás ſuas luctas partidarias e erguer-ſe-ha ſoberbo do que foi em melhores tempos para relembrar com enthuſiaſmo ao mundo inteiro o immortal nome do cantor de ſuas glorias paſſadas.

E grandes glorias foram eſſas, tamanhas, que as nações mais altivas, mais poderoſas, mais deſvanecidas da ſua actividade e magnitude, quando ouvirem reſoar no eſpaço os echos da noſſa feſta nacional, hão-de olhar com inveja para eſte cantinho da Europa onde houve homens de tal eſtatura que ainda hoje o mundo os contempla com aſſombro!

RANGEL DE LIMA.

JUNHO DE 1580 E JUNHO DE 1880

—



STAS datas, ſeparadas pela diſtancia enorme de trezentos annos, repreſentam dous marcos firmados na hiſtoria do povo portuguez.

Symboliſa o primeiro um periodo de eſquecimento cruel; traduz o ſegundo uma idéa de tardio reſgate.

O primeiro aſſiſte, na indifferença de uma ſociedade que ſe afunda, ao abrir da campa que havia de encerrar os reſtos do maior homem d'aquelles tempos — de Luiz de Camões. O ſegundo vem, tres ſeculos mais tarde, enſinar ás gerações modernas eſte nome glorioſiſſimo, e affirmar aſſim ao mundo inteiro a nacionalidade de Portugal.

Trezentos annos! Que diſtancia e que differença!

Nós, que vivemos hoje na intima e inexcedivel ſatisfação da noſſa autonomia; nós, que naſcemos portuguezes e que em vida noſſa não vimos o ſolo da formoſa patria invadido pelo jugo de eſtrangeiros; nós, que prezamos e queremos a independencia da terra que nos foi mãe, mal podemos entrever o cruciante deſeſpero, o atroz padecimento, a magoa pungentiſſima d'eſſe, que nos ultimos momentos de exiſtencia, em junho de 1580, tinha ainda a ſuprema deſventura de vêr o reino de Portugal transformar-ſe em provincia de Heſpanha, de ſentir que ſe lhe ia a vida com a vida da patria, e que morria com ella, ſem por ella lhe ſer dado morrer.

Depois das tempeſtades da vida que abyſmo de dores incommenſuraveis ao exhalar o derradeiro alento!

Na côrte, quando a ſeiva da mocidade lhe enflorava o horiſonte com as legitimas aſpirações do homem e os ſuaves devaneios do poeta, encontrava Luiz de Camões a inveja, irmã gemea da calumnia e da intriga, a deprimil-o e a ameſquinhal-o, por traças de ſeus inimigos; no amor, quando o coração lhe pulſava em impetos frementes e a alma ſe lhe expandia em jubilos deſconhecidos, vinha a deſdita da lucta com o impoſſivel dilacerar eſſe peito oppreſſo na immenſidade do tormento; na vida publica, tambem a fatal eſtrella dos deſventurados lhe trazia o carcere e a igno-

minia, em vez do reſpeito e do premio que devêra merecer por ſeus brios e esforçado valor; na hora extrema, o mais fundo golpe raſgava por fim aquelle coração que, ao gelar-ſe para ſempre, ſe ſobreſaltava ainda em arrebatamentos de heroico patriotiſmo.

E ſempre a miſeria, ſó a miſeria, unicamente a miſeria ſe lhe conſervou fiel e inſeparavel!

O triſte epilogo d'eſſa tormentoſa exiſtencia era junho de 1580.

Envolviam-ſe na meſma mortalha Portugal e Camões. Cavavam-ſe ao meſmo tempo duas ſepulturas —uma, que recolhia para ſempre o corpo inanimado do principe dos poetas; outra, que occultava por largos annos a vergonha nacional.

Paſmoſa coincidencia aſſignalava então eſta negra pagina da noſſa hiſtoria.

. . . . . .

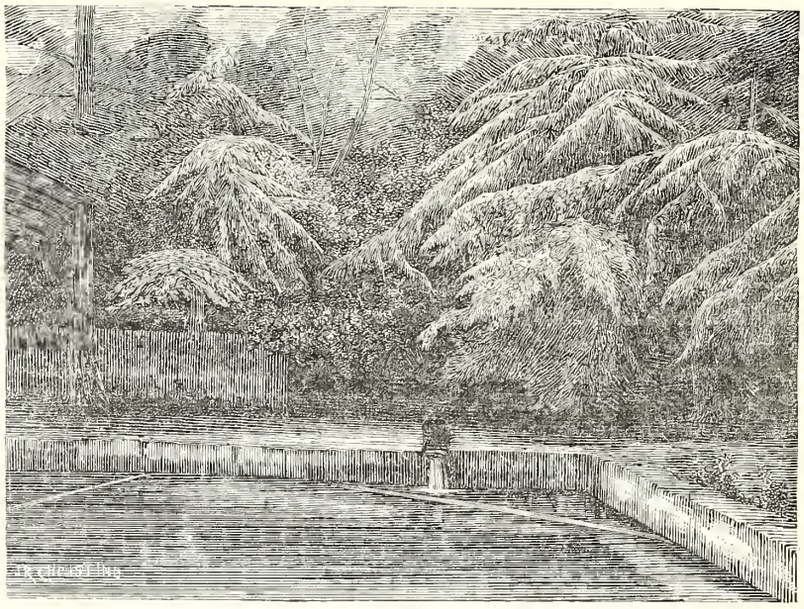
Volveram ſeculos. Chega junho de 1880. Acorda no animo do povo portuguez a idéa de que houvera um homem que fôra tão grande e cantára tão alto as grandezas da ſua patria que o mundo inteiro as conhece e reſpeita.

Evocam-ſe as recordações, a idéa germina e corre veloz, incita-ſe o enthuſiaſmo popular, lê-ſe Camões, falla-ſe de Camões, penſa-ſe em Camões, revive Camões na noſſa imaginação, Camões portuguez como nós, Camões o poeta, o grande, o martyr, o ſemideus!

Junho de 1580 e junho de 1880.

Que diſtancia e que differença!

FERREIRA DE MESQUITA.



FONTE DAS LAGRIMAS (COIMBRA)

Typ. de Chriſtovão A. Rodrigues — Rua do Norte, 145, 1.º

A RATOEIRA

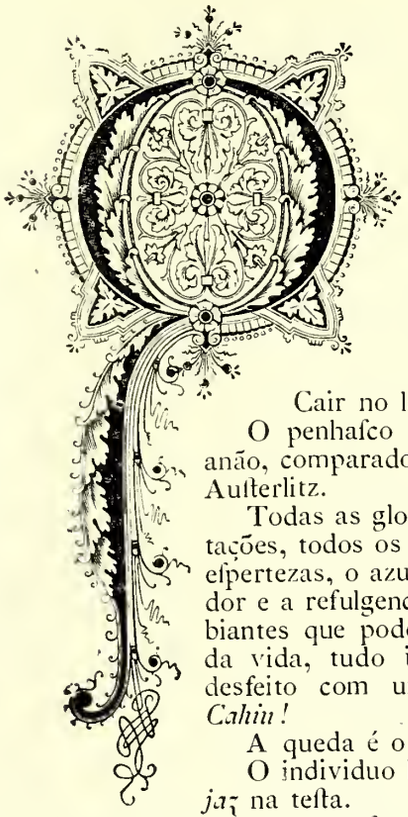
Typ. — Christovão A. Rodrigues.

A ARTE

LISBOA — JULHO DE 1880

A RATOEIRA

—



QUANDO Hamlet bradou, matando Polonio: *É um rato!* este insignificante roedor entrou desde logo na cathegoria dos personagens tragicos.

O que determina o seu amesquinhamento, perante os olhos do mundo, é, incontestavelmente, a ratoeira.

Cair no laço deprecia.

O penhasco de Santa Helena é anão, comparado com a planicie de Austerlitz.

Todas as glorias, todas as ostentações, todos os devaneios, todas as espertezas, o azul e o aureo, o esplendor e a refulgencia, os variados cambiantes que podem formar o quadro da vida, tudo isso fica submerso e desfeito com uma unica palavra: *Cahiu!*

A queda é o logro.

O individuo logrado tem um *aqui jaz* na testa.

A gravura que temos presente significa uma d'essas decepções terriveis. O que ali está n'aquella clausura era um bom e pobre murganho, activo, laborioso, alegre, e apenas um nadinha destruidor de bugiarias alheias.

Era um gosto vêl-o, no uso da sua liberdade traquinas.

Saltitava, contorcia-se, chiava, cabriolando com a descuidosa jovialidade de quem havia posto dente na mais succulenta casca de um amanteigado queijo flamengo.

O gato andava-lhe com o olho em cima. O ratito era, porém, sagaz, desconfiado, vigilante, e sobretudo amigo de sua pessoa. N'estas circumstancias viam-n'o sempre andar de pé atraz que nem um piloto.

Os inglezes têem uma phrase para indicar este estado de suspeitosa cautella: *to smell a rat*, que não é, *cheirar um rato*, como as palavras o dizem; mas farejar o perigo, tomar-lhe o cheiro a distancia.

Com o que elle não contava era com a ratoeira.

Miseria!

O gato que admitte a cumplicidade d'esta machina, é um gato sem honra.

A cilada marêa a victoria.

O guia de Waterloo desconta cincoenta por cento nos louros de Wellington.

Depois, um rato em plena juventude não pode saber de todas as artimanhas da terra.

La Fontaine conhecia os inexperientes do seu tempo, e dizia d'elles, referindo-se a varios ratos de dous pés, conforme a soberba interpretação de Taine:

N'étant pas de ces rats qui, les livres rongeant,
Se font savants jusques aux dents.

Vejam-me com que attenção não está o maroto do felino, á espera que a velhota lhe dê de barato a presa. Aquillo ha de ser n'um credo. Rato no chão, gato em cima.

E o misero, o engraçado, o buliçoso do bichinho, dirá adeus a este mundo onde só viveu, não direi o que vivem as rosas, para as não offender com o similè, ás minhas queridas rosas; mas o que vivem os da sua especie, quando ha velhas que armam ratoeiras, e gatos que se não lambem com o bofe.

Dizia Voltaire, que, n'este nosso planeta, uns são martelo outros bigorna. Eu creio que ha exactidão no conceito, e que o podemos formular tambem, dizendo que uns são gatos e outros ratos.

E, na verdade, o que observamos sempre na evolução dos factos sociaes? O que nos demonstram os homens e as cousas?

A seguinte e indubitavel conclusão:

Metade do mundo serve de petisco á outra metade!

E. A. VIDAL.

NOTAS AO LIVRO INTITULADO «AMERICO VESPUCIO»[1] POR GREGORIO PEREZ GOMAR

I

ÃO é nosso proposito, pegando na penna para escrever estas linhas, entrar na questão levantada pelo sr. Gomar contra as opiniões do escriptor brazileiro Francisco Adolpho de Warnaghen, barão de Porto Seguro, sobre se merece mais fé a carta que se diz dirigida por Vespucio a Lourenço de Medicis, se a que se suppõe ter o mesmo cosmographo escripto a Pedro Soderini. O sr. Gomar publica as duas cartas, e o extracto de outras duas, tambem dirigidas a Lourenço, o *Magnifico*, acompanhando-as de observações criticas. É possivel que tanta confiança mereça uma como outra. No momento em que começamos este artigo, recebemos o excellente jornal madrileno *La Mañana*, de 23 de junho de 1880, que enceta, na primeira pagina, a publicação de *Documentos geograficos* por uma *Relacion del Viage de Américo Vespucio a las costas del Brasil, hecho en 1501 y*

[1] Buenos-Ayres, Imprenta de la Ondina del Plata, Santiago del Estero 176.—1880.

1502, dedicado a Lorenzo de Pier Francesco de Medice, que não concorda em varios pontos com as diversas edições que conhecemos das citadas cartas. Por exemplo: na edição do sr. Gomar diz-se (pag. 128, *in fine*): «... y partimos de este puerto de Lisboa el 10 de Mayo de 1501, etc., etc.» Na 1.ª columna do jornal *La Mañana* lê-se: «En 13 de Mayo de 1501, por orden del rey y bajo buenos auspicios salimos de Lisboa, etc., etc.» Na pag. 129, edição do sr. Gomar: «Plugo á Dios mostrarnos tierra nueva lo que fué el dia primero de Agosto.» Em *La Mañana:* «Tomamos, por consiguiente, tierra en la playa de aquella region el 7 de Agosto.»

Deixemos porém isto, que mal resiste á analyse de uma critica séria e desapaixonada.[1] O nosso unico intuito é refutar differentes passagens do livro do distincto escriptor de Buenos-Ayres, com relação aos conhecimentos scientificos dos navegadores portuguezes, do tempo dos nossos descobrimentos. O sr. Gomar, em mais de um lugar do seu estudo, tratou-os com immerecido desdem, parecendo-nos ter o proposito de os menosprezar ou deixar na sombra. Essa especie de desconsideração injustissima provocou os presentes apontamentos.

II

Referindo-se aos esforços dos portuguezes para dobrarem o cabo das Tormentas, termina assim:

«Tenian lugar estos sucesos en 1487 quedando reconocida toda la costa Africana hácia el Sur, suspendiendo los portugueses sus exploraciones, que diez años despues debia continuar Vasco da Gama, doblando ese Cabo y realizando esa esperanza.

«Pero entretanto un movimiento Geográfico menos empirico habia tenido lugar y es de ese movimiento que vamos á ocuparnos en los Capitulos siguientes.»[2]

O movimento geographico, a que chama menos empirico do que os operados pelos marinheiros da escola de Sagres, era o que mirava ao descobrimento da America, fundando-se nas relações de Marco Paulo e no systema de Toscanelli. Nada ha mais empirico do que as theorias d'esse aliás illustre cosmographo. Todos sabem quão grandes fôram os erros de calculo em que elle caíu, quando na sua carta dividiu em 26 espaços, de 250 milhas cada um, a distancia que separava Lisboa do supposto imperio do Cathay. D'ahi resultava que a viagem a emprehender para chegar á extremidade da Asia, pela via occidental, seria apenas de seis mil e quinhentas milhas, ou cento e vinte gráos, quando realmente era de 230.º! Colombo, acceitando estes errados calculos, julgou, ao tocar na ilha de Cuba, que estava nos confins do Cathay! Toscanelli nunca imaginou sequer a existencia da America.[3] Mas não é esse o nosso fito. O auctor do *Americo Vespucio* parece ter tido em mente, no ultimo paragrapho transcripto, fazer suppôr que os portuguezes andavam percorrendo os mares ao acaso; que eram absolutamente ignorantes em cosmographia, e que os seus processos de descobrimento não assentavam em nenhuma base scientifica sólida.

A pag. 93, positivamente affirma essa ignorancia, dizendo:

«Yá por este tiempo el Piloto Portugués Pedro Alvarez Cabral, navegando á poca distancia de las islas de Cabo Verde, fué sobrecogido por furiosa tempestad que lo lanzó gran distancia dentro del mar; despues de haber corrido largo tiempo la tormenta, hallóse á vista de una tierra y de un puerto en que se refugió, por lo cual llamóle *Puerto Seguro*. Ignorante en la cosmografia, no supo determinar la situacion precisa de ese punto, ni era capaz de volver á él, pero habia encendido su relato en el Monarca el deseo de su descubrimiento... etc.»

III

Basta saber-se, para destruir esta accusação de ignorancia, que nem sequer merecia ser refutada a serio, que o *piloto* Pedro Alvares Cabral ia commandando uma armada que se dirigia á India; que soube lá ir, e voltar a Portugal; e que, por conseguinte, saberia do mesmo modo retomar a terra do Brazil, novamente descoberta. Um piloto portuguez, que o acompanhava, escreveu a relação d'essa viagem, que foi traduzida em italiano, pouco tempo depois, e modernamente publicada, na lingua em que primeiro tinha sido escripta, no tomo II da *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas, publicada pela Academia Real das Sciencias de Lisboa* (1812).

Entre os companheiros de Cabral contavam-se tambem Bartholomeu Dias, Nicolau Coelho, e Pero Vaz de Caminha, que escreveu a el-rei D. Manuel a celebre carta que se acha no tomo IV da collecção acima citada. Accusar estes homens de não terem conhecimentos sufficientes para voltar ás terras que descobriam é monstruosamente absurdo.

Cabral, entendendo que não devia demorar-se, porque ia em desempenho de uma commissão, reuniu conselho dos seus officiaes e ahi se resolveu avisar el-rei D. Manuel do achamento d'aquella terra, para que a mandasse descobrir melhor, etc. Como poderia o capitão dizer ao seu soberano onde a terra era situada, se não tivesse habilitações scientificas ou officiaes competentes para determinar-lhe a posição?

É certo que n'aquelle tempo não havia ainda bastante segurança nos calculos das latitudes, e que não raro se erravam os das longitudes; todavia, homens muito mais ignorantes do que os navegadores que descobriram o Brazil sabiam reachar as terras que uma vez tinham visto. Como ousaria Pedro Alvares ir á India, e voltar de lá pelos mesmos caminhos, se fosse incapaz de tornar a Porto Seguro? Ignora o sr. Gomar que aquelle distincto portuguez, no seu regresso, veiu novamente por Cabo Verde, e ali se encontrou com Americo Vespucio, que por ordem do rei de Portugal ia em demanda das terras de Santa Cruz? Adeante veremos se os meios empregados pelos navegadores portuguezes eram peiores do que os de outras nações, ou se acontecia o contrario.

IV

Quanto ao saber-se ou não a extensão da terra achada, e se era ilha ou continente, nem Cabral nem

[1] Na relação da viagem publicada pelo jornal madrileno ataca o supposto Vespucio a *ignorancia* dos pilotos portuguezes, e faz o elogio do seu proprio saber com demasiada complacencia. Se a carta a Lourenço de Medicis (edição do sr. Gomar) não é apocripha, como suppômos, Americo Vespucio seria um intrigante e invejoso vulgar, e não o homem que nos costumámos a respeitar pelos seus conhecimentos e serviços. O penultimo paragrapho d'essa carta é uma satyra contra o descobrimento da India, dizendo o auctor que aquillo «não era descobrir mas andar por caminho já descoberto, do qual fallam todos os auctores de cosmographia!» Se o auctor d'essa apreciação se chamava realmente Americo Vespucio, em vez de ser um sabio era simplesmente um patife.

[2] Pag. 4.

[3] Tiraboschi. — *Storia della letteratura italiana*, tom. VI, 1 parte.

nenhum dos que o precederam nos descobrimentos da America o poderia dizer á primeira vista. Admittindo as explorações de Vespucio até além do 34.º grau austral, o que é duvidoso, as terras da America meridional, ainda muito tempo depois das suas viagens eram consideradas uma ilha.[1]

Pero Vaz de Caminha, na carta a el-rei D. Manuel, tambem julgou o Brazil uma ilha, que chamava da *Vera Cruz*.[2]

Não esqueçâmos egualmente que Christovão Colombo havia tomado por India o continente americano, e que assim o fez acreditar a muitos dos seus contemporaneos, resultando d'ahi ficarem-se chamando indios os habitantes d'essa parte do mundo; e ainda hoje os do Brazil e de outras regiões se denominam d'esse modo. Quando os portuguezes descobriram a India verdadeira, deu Castella o nome de Indias Occidentaes ás terras achadas pelos seus navegadores, afim de não confessar o engano de Colombo, que só então se tornou evidente para todos. E, comtudo, ninguem contestará que tanto este ousado navegador como Vespucio fôram habeis cosmographos, apezar de ter o ultimo escripto, ao fazer por conta de Portugal a sua ultima viagem ao Brazil, que a latitude de Cabo Frio estava fóra da linha Equinocial 18 gráus para a parte do sul, e a 37 graus de longitude de Lisboa!

V

A má vontade do escriptor de Buenos-Ayres accentúa-se principalmente contra os portuguezes a paginas 45 do seu opusculo.

«Entretanto — diz elle — preparábase una segunda expedicion á las tierras descubiertas; pero los portugueses á pesar de la célebre demarcacion,[3] estaban recelosos de ella. Empezó entonces una lucha de astucia y de intrigas en que se empleaban el cohecho y los mas viles recursos para descubrir los secretos de este negocio. La *corruptora diplomacia portugueza* que debia tener digna sucesion en América, salió triunfante en este caso, con el célebre tratado de Tordesillas, celebrado en 7 de Junio de 1494, por el cual la linea divisoria se modificó, debiendo tirar-se tres cientas leguas al Occidente.[4]

«No se explica esta concesion que debia ser funesta á la América Española. Con esta modificacion los portuguezes mas tarde *alegaron derechos para ocupar el Brazil y enseñorarse de una de las mas importantes regiones de la América.*»

Sublinhâmos as phrases, se não aggressivas, profundamente injustas do critico americano, para que se avalie a paixão com que as escreveu. Basta lêr-se o tratado de Tordesillas, com os annexos que se lhe seguiram, publicado fiel e integralmente a paginas 383 e seguintes do tomo II do *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo*, pelo visconde de Santarem, para se fazer idéa da parcialidade do sr. Gomar. Esse documento principia assim:

«Havendo differenças entre el-rei de Portugal e el-rei e rainha de Castella e d'Aragão, relativamente á pescaria do mar que corre do cabo de Bojador ao Rio do Ouro, pretendendo os ditos senhores reis á porfia, que a cada um d'elles, e a seus vassallos pertencia, e tendo el-rei de Portugal prohibido a seus vassallos a pescaria dos ditos mares emquanto se não determinava por justiça a quem pertencia esse direito, etc., etc.»

É sabido, e está provado por todos os modos possiveis, que fôram os portuguezes que navegaram e descobriram aquelles mares, e que dobraram o cabo de Bojador primeiro que nenhuma outra nação da Europa. Em virtude do singular direito publico que então vigorava, eram os papas que davam a posse das terras descobertas aos reis que as descobriam. Nicolau V, por bulla de 8 de janeiro de 1454, concedêra, e Calixto III ainda mais precisamente outhorgára a Portugal, em 13 de Março do anno seguinte, como remuneração de serviços feitos ao christianismo e sob a administração e padroado da ordem de Christo, todas as terras achadas e por achar, desde os cabos de Bojador e de Nam *até ás Indias.*[5] Xisto IV novamente revalidou as bullas dos citados pontifices, por outra de 21 de Junho de 1481.

Era portanto claro e parece que não deveria haver motivos para pôr em dúvida o direito de Portugal. Todavia, os reis de Castella *pretendiam e porfiavam que a elles pertenciam aquelles mares!* Quando Christovão Colombo regressou do descobrimento da America, requereram Fernando e Izabel ao papa Alexandre VI que lhes garantisse a posse da terra descoberta, e de todas que viessem a descobrir, na conformidade das concessões anteriormente feitas a Portugal. A bulla confirmatoria offendeu, porém, os direitos dos portuguezes, com relação á Africa: e D. João II, cioso do que legitimamente considerava seu, enviou embaixadores a Roma, fazendo vêr á curia que ella não podia dar a outrem o que já lhe tinha concedido a elle. Mas ou porque Alexandre Borgia não quizesse ouvir senão o tinir do ouro de Castella, ou porque as reclamações lusitanas não fossem egualmente douradas, o certo é que não se reformaram as letras pontificias. E o rei de Portugal assentou de procurar justiça pelas armas nos litigiados mares africanos.

Para esse effeito começou, pois, a apromptar uma poderosa armada, no Tejo, sob o commando do valeroso D. Francisco d'Almeida, tão famoso depois na India a ponto de merecer a honra de entrar n'aquelles versos dos *Lusiadas* de Camões:

> Um Pacheco fortissimo, e os temidos
> Almeidas por quem sempre o Tejo chora.[6]

VI

Sabendo os reis catholicos da resolução do lusitano, immediatamente lhe enviaram embaixadores, a pedir que suspendesse todos os preparativos de guerra, *porque elles se obrigavam* a entrar em negociações que salvaguardassem todos os direitos de Portugal. Condescendeu D. João II. Nomearam-se logo os plenipotenciarios para regularisar as respectivas demarca-

[1] Visconde de Santarem — *Extrait du Bulletin de la Société de Géographie (Séptembre*, 1846.) Vide todo este assumpto na *Notice sur plusieurs monuments géographiques*, etc., par le Vicomte de Santarem.

[2] *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas.*

[3] Feita por bulla pontificia, que separava os descobrimentos e conquistas de hespanhoes e portuguezes por uma linha imaginaria, tirada do polo artico ao antartico, cem leguas ao occidente dos Açores e das ilhas de Cabo Verde.

[4] Aliás trezentas e setenta.

[5] «... *a capitibus de Bojador et de Nam usque per totam Guineam, et ultra illam Meridionalem plagam* USQUE AD INDOS, acquisitis et acquirindis, etc. (*Bullarium Patronatus Portugaliæ in Ecclesiis Africae, Asiae, atque Oceaniae curante* Levy Maria Jordão. T. I. Olisipone, ex. Typ. Nationali, 1868, pag. 36.

[6] Cant. I, est. XIV.

ções, e d'ahi nasceu o celebre tratado que se assignou em Tordesillas a 7 de Junho de 1494, o qual se divide em duas partes: uma que diz respeito aos disputados mares d'Africa e outra relativa á nova linha divisoria, tirada de norte a sul, a trezentas e setenta leguas das ilhas de Cabo Verde, para a parte do poente.

Diz o sr. Gomar que não se explica a *concessão* que fizeram os reis de Castella; e que os portuguezes, mais tarde, *allegaram direitos* para occupar o Brazil e *assenhorearem-se* de uma das mais importantes regiões da America. Se o direito publico de então tornava válidas as concessões feitas pelos pontifices romanos, porque não allegariam mais tarde os portuguezes aquelle que incontestavelmente derivava das bullas pontificias, e do facto de terem sido elles, embora cafualmente, os verdadeiros descobridores do Brazil?! Houve concessões, em 1494, é certo: mas fôram feitas por Portugal. A *corruptora diplomacia* d'este paiz, como lhe chama o sr. Gomar, cedia á de Castella as cidades de Melilla e Caçaca, *que se não sabia se pertenciam ou não ao reino de Fez* (!) e redigia a convenção mais deploravel que podia fazer-se contra os interesses da sua patria, não a sabendo escrever de modo que evitasse duvidas, que, mais tarde, deram occasião a outro tratado, assignado em Saragoça, a 22 de Abril de 1529, o qual custou a Portugal trezentos e cincoenta mil ducados de ouro.[1]

(Continúa).

F. GOMES DE AMORIM.

VIAGEM AO SERTAO DE MOSSAMEDES

POR F. AMARAL

(Continuado de pag. 64)

A tudo prevenido; levavamos espingardas e cargas, e os competentes revolvers, alguns bois para o caso de algum dos carros se aleijar, e iamos preparados para a eventualidade do ataque de mondombes ladrões de gado, que andavam ao tempo reunidos em quadrilhas, que obrigavam os viajantes a estar sempre alerta, principalmente na passagem das vertentes das montanhas, onde teem por habito estar emboscados.

Feita a apresentação do pessoal e material da nossa pequena e modesta expedição entremos em caminho, dizendo adeus á praia de Mossamedes, e a alguns dos seus habitantes, que se tinham reunido para assistirem ao nosso botafóra. Os primeiros dous kilometros de estrada são uma verdadeira belleza de construcção, e de commodidade; isto porém, é nada em comparação de 150 que nós tinhamos de fazer até o Capangombe e mais 70 até á Huilla.

Eram 4 h. e 50 m. largámos de Mossamedes, despedindo-nos das lindas casas da villa, a mais bonita que temos em Africa, podendo affirmar que a não ser Quilimane, que tambem é bonita mas n'outro genero completamente diverso, porque são ali construidas as habitações no meio de jardins d'uma vegetação interessantissima e luxuriante, nenhuma outra se apresenta nem mais regular, nem mais elegante, nem mais limpa. Tivémos que nos affastar da formosa bahia onde estava fundéada a canhoneira *Tamega*, e onde se balouçavam alguns barcos de pesca. Perdiam-se successivamente no horisonte as torres da egreja, o edificio da alfandega, e o muro da fortaleza de S. Fernando, avistando-se ao longe, no planalto, as manadas de excellente gado bovino e caprino, que recolhiam do pasto, acompanhadas de soldados que as guardavam contra a cobiça dos ladrões mondombes. Era ao mesmo tempo alegre e melancholica a impressão, que sentia: alegre por ir vêr novos lugares, e estudar novos costumes; melancholica pelo affastamento d'amigos dedicados e principalmente, porque, até ao regresso, não havia probabilidade de vêr o mar... companheiro por vezes rude e ingrato, mas sempre desejado e apetecido por quem tenha o fogo sagrado da profissão maritima, para quem veja n'ella o seu futuro, e os seus habitos. Tem-se comparado as impressões ali recebidas com os caprichos varios d'uma mulher coquette, mais ou menos romantica, contra a qual protesta o raciocinio e a razão fria, mas que a paixão torna tantas vezes desejada quantas vezes ingrata: não irei tão longe na comparação phantasista; é preciso porém confessar que não era sem uma certa tristeza, que eu tinha de affirmar a mim mesmo, que no dia seguinte não poderia observar a chegada da viração, e analysar os barquinhos dos pescadores desdobrando as suas azas brancas, ora em completo desafogo d'um vento largo, ora na restricção de um vento ponteiro, cuidando os seus tripulantes, na lide afanosa da pesca! Ia faltar-me a animação da chegada dos barcos carregados do elemento de riqueza mais solido para a villa, da vida que por vezes se observava na praia aquella chegada, e ainda finalmente das creanças, que a essa hora se viam correr á beira mar e que faziam todo o meu enlevo, e me abrandavam as agruras da vida administrativa, toda cuidados e toda affazeres d'uma intensão mais ou menos irritante, e por vezes insupportavel.

Era preciso partir, e partimos; passamos o lindo *chalet* do dr. Lapa e Faro, por elle construido, e onde o bom gosto se allia á mais requintada elegancia. Formado de diversos corpos d'edificio, tem um jardim magnifico, onde se vêem a maior parte das flôres do nosso Portugal, e onde uma bomba excessivamente engenhosa transformou o areial primitivo no oasis mais florido e mais ameno, que a imaginação de um poeta possa crear. Trepadeiras formando em latadas um tecto ás ruas, que se cruzam no jardim; gaiolas mais ou menos vastas, onde se aninha uma variedade enorme de pequenos passaros, cujos cantos animam a paizagem da fórma a mais suave; bancos dispostos por detraz de massiços de verdura; bosques de roseiras; uma pequena capellinha de fórma original; jaulas para animaes ferozes; tudo está disposto com um gosto admiravel, que torna aquelle *sans-souci* uma verdadeira maravilha perdida n'um deserto d'aridez e seccura. As torrentes do Bero e Jiraul desagúam na bahia por infiltração, e como ao que parece existe a pouca distancia inferior um sub-solo duro e impermeavel, formou-se um grande lençol de agua subja-

[1] As primeiras desintelligencias sobre a execução do tratado de Tordesillas nasceram com a noticia da expedição mandada contra as Molucas pelos reis de Castella. Commandava-a o celebre Fernão de Magalhães, o primeiro que fez a viagem de circumnavegação do globo, provando que era,

«... no feito com verdade
Portuguez, porém não na lealdade.»

A INFANCIA E A VELHICE

cente, mais ou menos fundo com relação á crusta de areia, que é facilmente fecundavel logo que seja irrigada uma certa gomma, que liga aquella e transforma, por meio da agua doce, o areial em terra vegetal, cujo unico inconveniente é ser por vezes excessivamente salitrada: algum tempo porém de uma vegetação apropriada annulla este elemento, e continuando a rega, a producção é maravilhosa: assim, não é raro vêr hortaliças lindas em quintaes, que seis mezes antes eram areia pura! Onde se vê isto na Europa?!...

Não cancemos porém o leitor com esta diversão sobre a agricultura de Mossamedes, e sigamos a atravessar o rio Bero na sua emboccadura, o que teve lugar ás 6 horas. Atravessar um rio em carro é curioso, e mais ainda o é, quando se está na execução d'esta maravilha, não vêr agua nem d'um lado nem d'outro! É o caso que se chama rio, ao leito que a torrente tem na epocha das cheias: a torrente baixa de nivel, o banco da barra fica a descoberto, e a infiltração da agua, que resta, faz-se por baixo d'aquelle areial: assim atravessaram-n'a os carros, sem novidade, entrando n'uma rua que vae ter á egreja de Quipola, e que é um verdadeiro mimo. É esta parte da estrada bordada de uma banda e outra por bastas roseiras e espirradeiras de uma floração verdadeiramente excepcional, servindo estes arbustos de limites ás propriedades que de um e outro lado confrontam com a estrada. Sentia-se em diversas direcções o gemido dos engenhos da canna, e o silvo das machinas motoras indicavam, na sua respiração apressada, que se trabalhava, e que a actividade do homem tirava todo o partido do pouco que restava de dia, para completar a moagem da canna saccarina, que tinha sido cortada durante o tempo do serviço ordinario. Faz gosto saber-se que se governa gente activa e diligente, e por isso todas as manifestações d'esta actividade eram para mim outras tantas impressões, tanto mais agradaveis, quanto sabia eu que era preciso que o trabalho fosse rude, para vencer as difficuldades occasionadas pelos quatro annos de secca anteriores, e para pagar os juros dos capitaes empregados nas machinas, acquisição de braços e de mantimentos para sustento de serviçaes, etc. O anno apresentava-se bom: era preciso aproveital-o; e nada mais simpathico do que o trabalho agricola; nada mais da natureza do homem; nenhum hymno e nenhuma oração póde ser nem mais comovente, nem fallar ao coração de uma fórma mais levantada, e mais digna, do que a profissão que arranca das entranhas da terra, pondo em jogo as combinações mysteriosas da natureza e da vida, o direito de habital-a!!! O amor da propriedade, o patriotismo e a honestidade que derivam para os que cultivam o solo da observação constante da natureza, nas suas manifestações mais simpathicas, arrasta todos os homens de alma a curvarem-se respeitosos deante dos agricultores, como sacerdotes do mais venerando dos cultos, o que tem por oração o trabalho, por templo a terra, por altar a natureza; consubstanciado tudo na invocação da Divina Providencia, assistido da pratica da palavra santa «*Faze da tua parte que eu te ajudarei...*»

Ás 9 horas, depois de nos assastarmos da torrente do Bero, estavamos passando a Cova da Manha, antro medonho formado pelas vertentes dos planaltos, que constituem a margem direita da torrente do Bero, e a esquerda do rio Giraul. Este local é celebre por os ataques de leões, e por ser ali que se acoutam, na grande generalidade, os ladrões de gado; passou-se porém sem novidade. O som doloroso e sentido dos eixos dos carros confundia-se com um ou outro grito de raposa ou quimalanca, ouvindo-se de horas a quando os gritos dos pretos carreiros, animando os bois que tinham os nomes mais extravantes, como *Roubado*, *Elephante*, *Leão*, etc. De resto a conversação era pouco animada; ia-se com cuidado, já porque as pedras soltas no caminho, e algumas d'ellas grandes, occasionavam aos carros os balanços os mais extraordinarios, já porque o luar que era explendido, dando sobre as pedras, que bordavam as montanhas, que circundam a estrada, exaltava-lhes o brilho, creando-lhes fórmas phantasticas, e que o nosso espirito, mais ou menos impressionado dos desastres que n'aquella localidade haviam ultimamente succedido, revestia de individualidades as mais terriveis, como bem se póde imaginar, especialmente sendo o primeiro dia de viagem; depois o viajante habitua-se; cria a vista na observação do que é vulgar, e diminuem os cuidados... sem comtudo cessar o perigo.

Ás 12 horas da noute chegavamos á nossa primeira paragem: acampamento do Giraul.

As viagens em carro teem de fazer-se de noute, porque o gado não supportaria o calor do dia em trabalho continuo, e durante este, é preciso que paste para se alimentar. Em Mossamedes, nem mesmo o gado de trabalho come ração; por isso precisámos descançar ali toda a noute, e durante o dia seguinte, tempo que aproveitei na inspecção dos trabalhos do lanço de estrada que por administração das Obras Publicas ali se estava construindo.

Terminarei este artigo por fazer saber que o caminho que haviamos atravessado, apezar de muito trilhado, é horrivel, pela quantidade de pedras com que se topa no facsimile de estrada, que por ali existe, por se encontrarem a meudo rampas de mais de 10 e 12 por cento, e por não haver leito de estrada propriamente dito, mas sim ser ella simplesmente indicada por os trilhos dos carros que passaram anteriormente. O terreno atravessado parece ter já feito parte do oceano, não só pelos detrictos calcareos, que se vêem a cada passo, mas ainda pela formação estratificada, e abundancia de fosseis marinhos, que a todo o momento se avistam.

Deixemos porém em paz a geologia, e no proximo numero daremos a descripção do que é em Africa um acampamento de Obras Publicas.

(*Continúa*).

O BRAZIL E AS COLONIAS PORTUGUEZAS

POR J. P. OLIVEIRA MARTINS

1880

O ESPIRITO aventureiro dos portuguezes, depois das descobertas, prosegue ainda infatigavel.

Devassaram-se os mares, desapparecem as sombrias ficções, que apavoravam os animos, aos fulgentissimos raios do sol da Africa, da America, do Oriente; era preciso agora romper pelos sertões bravios e florestas virgens.

Descobrir lendarios thesouros, dar com montanhas de prata, cavar em jazigos de ouro, apanhar, a mãos cheias, as pedras preciosas, tornava-se o sonho magico dos successores de Vasco da Gama e Affonso d'Albuquerque.

Efta grande e nova ambição dos noffos homens do feculo XVI produziu como todas as ambições fuperiores, um facto importantiffimo.

Eftudar os elementos que conftituem as colonias, materia prima da colonifação: a exploração, a conftituição focial, é o trabalho do sr. Oliveira Martins no livro: «O Brazil e as colonias portuguezas»: trabalho largo, de longo alcance, de inveftigação profunda: livro vigorofo, atrevido e de combate, em que o auctor ufa da mefma *maneira* que emprega nas obras que ultimamente tem publicado: grandes quadros, colorido forte, defprezando os acceffórios, para que toda a attenção fe fixe nas fcenas e nas figuras principaes.

Defenganados os miffionarios jefuitas de que a colonifação era impoffivel na Africa, tractaram de baptifar pretos em maffa, tornal-os efcravos e mandal-os para o Brazil. Verdade feja que o beneficio da agua luftral nos *convertidos* produzira maravilhofo effeito: o gentio africano lograva reunir ao numero dos feus *fetiches* o avultado numero de todas as imagens do catholicifmo.

Efficaz converfão!

Os portuguezes que não podiam ter hofpedagem na Africa fenão temporaria, davam-fe na America como aborigenes, e a tentativa de colonifação no Brazil produziu em refultado um vaftiffimo imperio.

N'effa hiftoria, vigorofamente narrada pelo sr. Oliveira Martins, fobrefáem alguns quadros primorofos.

O proceffo dos jefuitas para domefticar os indigenas era, como diz o auctor, o proceffo de que o magnetifador fe ferve para as beftas feras. Partindo do principio de que o homem é um fer paffivo, affeiçoavam o a feu geito fem ter o minimo reparo com os meios.

Dominando o mundo em nome de Deus, tractavam de fundar eftados e de ahi nafciam, a cada paffo, conflictos com o poder civil. Mas a fua influencia e a fua força eram extraordinarias.

A expulfão dos francezes do Rio de Janeiro, que não podia realifar-fe fem auxilio das miffões, augmentara grandemente o feu poderio.

Os colonos, ao vêrem-fe fem braços, porque os jefuitas os monopolifavam e as leis prohibiam o captiveiro dos indios, apezar das leis, romperam á mão armada e profeguiram no trafico indifpenfavel ás culturas.

A lucta foi grande e terrivel. O auctor abftem-fe, e com razão, da parte pormenor de atrocidades que repugnam á alma humana.

Luctando com as poderofas difficuldades que lhe oppunham as miffões, difficuldades que por vezes appareciam como infuperaveis, a actividade do ful era tal que o sr. Oliveira Martins diz que pode affoutamente affirmar-fe já no fim do feculo XVI apreffentar a região de S. Pedro os rudimentos d'uma nação.

Bofquejando as luctas — a principio com inglezes e francezes, depois as verdadeiras batalhas com os Hollandezes — o auctor das «Colonias portuguezas» refume n'algumas paginas lucidas e eloquentes um painel de merito.

O capitulo que fe intitula: «Negros, affucar e ouro» não prima fó pela obfervação, por um confcienciofo eftudo de fubido valor hiftorico, mas tem relances commovedores e magnificos!

Os negros arrancados das fuas floreftas nativas chegavam á cofta da America.

Ouçamos as palavras com que o sr. Oliveira Martins termina o feu excellente capitulo:

«Quando o navio chegava ao porto do deftino — uma praia defertada e afaftada, — o carregamento defembarcava; e á luz clara do fol dos tropicos apparecia uma columna de efqueletos cheios de puftulas, com o ventre protuberante, as rotulas chagadas, a pelle rafgada, comidos de bichos, com o ar parvo e efgazeado dos idiotas. Muitos não fe tinham em pé; tropeçavam, caíam, e eram levados aos hombros como fardos.

Defpejada a carga na praia, entregues os *conhecimentos* das peças da India ao caixeiro do negreiro, a funebre prociffão partia a internar-fe nas moitas da cofta, para d'ahi começarem as perigrinações fertanejas; e o capitão voltando a bordo, a limpar o porão, achava os reftos, a *quebra*, da carga que trouxera; havia por vezes cincoenta e mais cadaveres fobre quatrocentos efcravos!»

Nem o efpaço, nem o ponto de vifta fob o qual gizámos efta noticia nos permittem feguir paffo a paffo, n'um rigorofo exame critico, a obra do sr. Oliveira Martins.

Apontaremos os principaes capitulos, expondo, fem detidos commentarios, o penfamento do auctor.

O poder dos jefuitas, que havia declinado, procura dominar outra vez fob a influencia de D. João IV, que á maneira dos Philippes, manda novos miffionarios á America tendo como fuperior um homem de genio, o padre Antonio Vieira.

Já no ful, já no norte continuam no feu obftinado penfamento de civilifar indios, e por mais uma vez, como affirma o auctor, o Brazil vacilla entre um regimen theocratico e um regimen monarchico.

A lucta é terrivel. Os jefuitas têem grandes meios; defende-os a corôa quando fe encontram em rebeldia com o poder civil; batem-fe com fé, obedecem cegos á difciplina, e teem como cabeça o efpirito largo e penetrante d'um homem fuperior.

Por toda a parte os colonos fe levantaram contra as miffões.

Nove annos depois tiveram de bater em retirada e voltar ao reino acompanhados do feu audaz e eminente fuperior.

No fim do feculo XVII foram novamente reftabelecidos pelo governo até que o marquez de Pombal lhes deu o ultimo e decifivo golpe.

O capitulo: «Brazil pombalino», como muitos outros, não o podemos refumir n'efta rapida apreciação, mas recommendamol-o ao leitor como um eftudo profundo, embora rápido.

O sr. Oliveira Martins, referindo-fe ao miniftro de D. Jofé e á exhuberante florefcencia do Brazil fob o feu governo, exprime-fe da feguinte forma:

«Se Mem de Sá foi o Affonfo Henriques do Brazil, o marquez de Pombal foi o feu D. Diniz, o lavrador, o organifador; e o feu D. Fernando, o creador do commercio e da navegação colonial.»

«A defcoberta das minas» e o «Ouro do Brazil» fão dous eftudos intereffantiffimos.

As tentativas feitas no feculo XVI não haviam produzido refultados importantes. O fonho maravilhofo devia começar a realifar-fe mais para o futuro, e a fer a mais efplendida de todas as realidades pelos meados do feculo XVIII.

De facto as caudaes auriferas, os carvões fcintilantes, que a natureza fabricara nas fuas myfteriofas retortas, furgiam de improvifo ante os olhos ávidos e

deſlumbrados dos exploradores n'aquellas paragens onde, pelas ramarias exhuberantes de ſeiva, cruzam, vôam e cantam as aves de pennas acceſas e aleonadas.

O genio atrevido dos pauliſtas deſcobrira as minas, e como tal julgavam-as propriedade ſua. A noticia da deſcoberta encantada picara as ambições de forasteiros que confluiam anhelantes e deſumbrados a tomar parte n'aquellas colheitas de ouro e de gemmas.

Como prova irrefragavel da fraqueza humana, que aos hymnos mais enthuſiaſtas e feſtivaes reune ſempre os brados de indignação e os gemidos doloroſos, rebentou a guerra entre pauliſtas e portuguezes; o ſangue correu tambem em caudaes, deixando áquellas opulentas e proſperas paizagems o ſombrio nome de Rio das Mortes!

O ouro do Brazil, ſegundo Humboldt — citado pelo auctor — deu mais de metade de todo o ouro da America.

Eſſes cabedaes, ſe em Portugal por um lado ſerviram apenas para ſatisfazer a vaidade de um rei futil e apparatoſo, por outro valeram, nas mãos de um miniſtro omnipotente e eminente, nem mais nem menos do que para reconſtruir o paiz.

As minas foram-ſe exhaurindo.

A decadencia chegou. Depois de trabalhar a terra para a colheita de ouro e diamantes, fallecia o animo para arrotear os campos na pallida eſperança d'uma modeſta cultura.

Nota o auctor, que, apezar do café produzir espontaneamente, os lavradores, na ſua deſconſolada e morbida apathia, nem o colhiam.

Foi preciſo muito tempo para que o Brazil perdeſſe a ſua derradeira illuſão ſobre as minas, e ſe atiraſſe ao cultivo do ſolo fecundiſſimo, unica mina inexgotavel.

A «Conſtituição geographica da nação» é um dos capitulos mais importantes do livro, e o sr. Oliveira Martins, que não padece de vertigens de patriotiſmo, diz que o genio audaz dos portuguezes enſinou a Europa a navegar e a coloniſar. Nós tambem, que não temos vãos ſonhos ſobre o que podemos e valemos, ſentimos com ufania que baſta iſto para perduravel gloria de um povo, e para nos garantir, ſalvo cauſas extraordidarias, a noſſa independencia como nação.

O terceiro livro das colonias abre com a Hiſtoria da Independencia.

O auctor expõe as cauſas que produziram eſſe facto, deſenha rapidamente o caracter de brazileiros eminentes — como José Bonifacio d'Andrade, Villela Barboſa, Azevedo Coutinho, Gonzaga, o republicano ardente e o apaixonado amante de Marilia de Dirceu, Coelho de Seabra, etc.

N'eſte capitulo apparece a phyſionomia de D. Pedro IV e n'um toque a de D. Miguel.

Os imparciaes não podem accuſar o sr. Oliveira Martins de haver favorecido nem a um nem a outro. Os capitulos que ſe ſeguem: Geographia brazileira, Diviſão do Imperio, os Indigenas, etc. ſão muito importantes. Falta-nos eſpaço para acompanhar o livro terceiro nos ſeus variados e intereſſantiſſimos eſtudos, e paſſamos ao livro quarto onde ſe expõe, ſe critica e ſe julga uma queſtão graviſſima para nós.

Nas primeiras paginas do quarto livro, o auctor apreſenta com verdade nua e cruel, mas grande verdade, o eſtado do noſſo actual poderio no Oriente. Do imperio fundado pelo braco coloſſal de Albuquerque, economicamente, não reſta nada. Ainda tremúla a bandeira portugueza n'alguns pontos que recordam extraordinarios feitos. Recordações glorioſas, brilhantiſſimas, porem recordações, ſaudades apenas!

O sr. Oliveira Martins capitula de fataliſſimo erro não nos havermos eſtabelecido no Cabo.

«A coloniſação, diz elle, centraliſada n'um ponto ſalubre e temperado, alongaria os braços eſcolhendo as regiões ferteis e benignas do interior.» É opinião do auctor e ſão as ſuas palavras, que o abandono do Cabo da Boa-Eſperança repellio para ſempre os portuguezes do interior da Africa e compromettеu a obra da coloniſação europêa do continente.

As apparentes felicidades que ſorriem a Moçambique não faſcinam o sr. Oliveira Martins.

Embora os numeros moſtrem um progreſſo, o rendimento triplique, o commercio augmente, pergunta o auctor das colonias: — «Renaſceu, acaſo, a influencia portugueza? Eſtreitaram-ſe relações, ou de emigração ou de commercio? Não. Aconteceu o que d'aqui por annos ſe verá em Goa, á ſombra do tractado de 79, e o que ſe vê em Macau. A liberdade e franquia dos portos chamou a eſtranhos, e a influencia deſnacionaliſou-ſe.»

Referindo-ſe aos erros da politica portugueza julga que Moçambique ſó na deſnacionaliſação terá, como a India, o futuro.

Com relação a Angola — ſob o ponto de viſta economico, já ſe vê — a abolição da eſcravidão para o sr. Oliveira Martins não tem influencia ulterior no deſtino da provincia. «A abolição do trafico eſſa fim, diz elle, que a teve e grande porque obrigou a buscar outras eſpecies de commercio: mas onde não ha vaſtas plantações dirigidas por europeus, trabalhadas por indigenas; n'uma provincia em que os terrenos cultivados não excedem dezeſeis mil hectares, e em que os generos de exportação provem principalmente das culturas ſertanejas, feitas longe e fóra da fugeição dos europeus; a queſtão do regimen do trabalho pode incommodar os habitos domeſticos de habitantes das cidades, não a economia da provincia — eſſencialmente commercial e não agricola.»

S. Thomé eſtá n'outras condições; como agricola e não excluſivamente colonial, a abolição da ſervagem pode ſer importante.

A Guiné vive excluſivamente da troca. É uma Angola em miniatura. Em Cabo-Verde a eſcravatura caiu por ſi.

Excluindo Cabo-Verde e S. Thomé, as noſſas poſſeſſões portuguezas na Africa ſão feitorias commerciaes, e como taes a medida que mais lhes podia convir foi a que ſe deu; a franquia dos ſeus portos a todas as bandeiras. Eis aqui, muito reſumido, o que diz o sr. Oliveira Martins no principio do livro quarto da ſua obra.

Os progreſſos da exportação não cegam o sr. Oliveira Martins. Em proveito de quem reſulta eſſa exportação? decerto d'aquelles que têem as manufacturas que os indigenas carecem, por que nós não fabricamos.

Diz o auctor do «Brazil e as colonias portuguezas»:

«O monopolio era decerto abſurdo: mas a liberdade, indiſpenſavel decerto, importa a deſnacionaliſação. Que lucramos nós em que o negro troque com o inglez ou com o americano café por algodões? A platonica honra de civiliſar a Africa. Illuſão!»

Ainda reſumidiſſimamente não podemos ſeguir a obra do sr. Oliveira Martins no breve eſpaço d'eſta

G DOW pinxt W. FRENCH SC.

O CHARLATÃO.

noticia. Tem capitulos admiraveis de inveſtigação ſéria, de erudição ſólida. Alguns relances eloquentes e brilhantes; verdades que travam como o mais acre abſyntho, mas que ſão muito mais proficuas do que as doces e fatuas illuſões. O epilogo é d'uma triſteza deſconſolada e fria:

«Entretanto, diz elle, nós que não ſomos um povo fabril, nem o podemos ſer,—ou deviamos empenharnos ſériamente em fazer de Angola uma boa *fazenda* á hollandeza, ſem eſcrupulos, preconceitos, nem chimeras—ſe depois de maduro eſtudo julgaſſemos que valia a pena o ſacrificio; — ou deviamos com franqueza applicar tambem a Angola o unico ſyſtema ſenſato a ſeguir com todo o reſto; empheudal-a a quem podeſſe fazer o que nós decididamente não podemos; repetir o que ſe praticou com a India e Lourenço Marques o anno paſſado. Eſtar de arma — ſem gatilho! — ao hombro, ſobre os muros de uma fortaleza arruinada, com uma alfandega e um palacio onde vegetam maus empregados mal pagos, a aſſiſtir de braços cruzados ao commercio que os eſtranhos fazem e nós não podemos fazer; a eſperar todos os dias ataques dos negros e a ouvir a todas as horas o eſcarneo e o deſdem com que fallam de nós todos os que viajam na Africa, não vale, ſinceramente, a pena».

O livro do sr. Oliveira Martins colloca-nos n'uma dualidade: ou havemos de provar que ſão falſas as ſuas permiſſas e chegarmos por bons argumentos a concluſões oppoſtas, ou acurvarmos a cabeça ao destino, contentando-nos com a recordação de glorias que tiveram o ſeu momento hiſtorico.

Provar que não procedem os argumentos do sr. Oliveira Martins não nos parece facil empreſa; todavia, de todo o ponto incompetentes para tratarmos a queſtão actual e pratica das noſſas colonias, deſejariamos que os homens que ſe teem dado a eſſe eſtudo commentaſſem o livro do sr. Oliveira Martins com as ſuas luzes e conſelhos.

Temos pouca eſperança em que iſto ſe dê. A queſtão não é de phraſes — é de factos; e hoje, que é já um velho bordão invectivar a rethorica, pouco ſe diz e pouco ſe faz que não ſeja principalmente theatral, declamatorio e rhetorico!

BULHÃO PATO.

O CHARLATÃO

QUANDO o Dante cita o grande Alberto, (Alberto o grande!) no canto decimo do *Paraiſo*, nem mais nem menos do que ao lado de S. Thomaz d'Aquino! — ao lado de S. Thomaz d'Aquino:

Alberto
E di Cologna, ed io Thomaz d'Aquino

é o meſmo que tirar o ſeu chapeu ao talento dos charlatães!

Porque têem, e preciſam ter, talento, os charlatães, para deſlumbrarem e cegar o mundo. Não é Noſtradamus, Cornelio Aggripa, Swedenborg, ou Paracelſo, qualquer ſubjeito; nem um peralta vive e ganha para pagar hoje a ſege de que arma throno no Rocio, ou a barraca da ſeira em Belem, ou o bazar de S. Roque em que ſe vende tudo a tres vintens por couſa, ſe nas ſuas laborioſas peregrinações ſe eſquecer da minima léria que faça acreditar as pêtas que impinge... Philoſophos nomados, correm de terra em terra a curar doenças que não conhecem, para não deixarem de experimentar ſe deve ſer doce aos doutores fingir que ſabem!

De uns para outros, como quem diz de paes para filhos, de charlatães para charlatães, ſão tão ſubtis ſeus talentos, que, com o paſmarem dos meſtres os diſcipulos, nunca d'elles apprendem, como tambem no dizer dos biographos, e tantas vezes pela calada do exemplo, ſe obſerva que ſuccede... nas eſcholas mais ſuperiores.

A paixão pelo impoſſivel, é talvez, mais que tudo, o que faz o charlatão. Imaginação vagabunda, ha ſempre n'elles o quer que ſeja de judeus do oriente.

Vê a gente um d'eſſes pobres diabos, que paſſam o dia a berrar ao povo, no largo de S. Julião, na praça do Rocio, ou do Paſſeio, vendendo navalhas de barba que cortem pau ſem abrirem *boccas*, pommadas de virtude, pharmacopéas milagroſas, anneis, botões, braceletes, graxa de luſtro, lapis, metros, encerado myſtico, unguentos de ſalvatério, licôr para matar a ténia, agua de ſegredo para as dôres de dentes, para dar cabello aos calvos, ſegredos formidaveis da therapeutica, narcoticos ſuperlativos, plantas que no reino vegetal teem lugar de honra, ou mereçam tel-o, como no reino metalico o ouro... Vê a gente um d'eſſes pantomineiros, de quem o povo deſconfia, mas a quem vae comprando, e ſente que tem deante de ſi um victorioſo, um luctador de conquiſta, meio chimico e meio comico, artiſta e magico, que ſáia a paſſeio com um farnel de curioſidades, mas tenha em caſa uma arca cheia de ſemente de maravilhas...

Ciarlatano! dizemos nós ſempre para fazer preſente á Italia dos falladores, e impoſtores, que ſe vendem por eruditos... *Ciarlatano!* Charlatão! Como ſe não houvera fóra da Italia, quem inculque drogas de preſtimo e ſegredos de medicina e artes!

Ai! que d'elles!

Sem fallarmos da giria politica de eſcrever toda a ſorte de patranhas! Chalrar, charlar, palrar! Gritar de penna e de lingua ſem dizer couſa de ſubſtancia. Linguagem, vicio, e artes de inculcar ſer e ſaber, para impôr, o que nem ſe ſabe nem ſe é. Mentiras ſabias... E, ás vezes, nem ſábias ſequer! Imagens, miragens, ramagens, eſpecie de vidrilhos para não ſer comido pelos ſelvagens, e ſeduzil-os com iſſo... Verſos, que fazem eſpirrar; proſa de uivar á lua, como ſe houveſſe morto em caſa. Vaidades e orgulhos chochos, admirando a profundidade de eſcrever couſa, que, nem o que a eſcreve, entenda; goſtando-ſe, revendo-ſe em ſi, pavoneando-ſe; nimpha Echo mudada em carão de homem. Guitarriſtas, ſem unhas. Envenenadores chilros, que em vez de envenenarem, purgam.

Sim, os da familia do bonequinho, que, na eſtampa, debaixo do amplo chapéo de ſol, arenga á turba, e, moſtrando-lhe o fraſquinho, que ſegura com a mão direita, recommenda efficazmente certo eſpecifico anodino de que tanto bem reſulte á humanidade, ſão charlatães; não tem duvida que ſão charlatães: mas d'aquelles enganos deriva ainda ás vezes couſa de proveito, e percebe-ſe que não falta áquelles homens ſenão o que é facil conſeguir, uns annos de eſcholas, umas certidões com a phraſe ſecretarial: — Certifico em cumprimento ao deſpacho retro e revendo o Livro de exames, que a folhas tantas ſe acha lavrado

o termo de...» Quando muito uma carta, uma d'essas papeletas com sêllo e registro, diploma de sabedor e disfarce de tanto ignorante, de tanto mandrião, de tanto paparreta emproado e pisio, que tomam o passo no mundo, por maneiras varias, aos que estudam a valer, mas sem valer nada, aos que não vierem expellidos pela enxurrada das approvações das escholas; falta-lhes isso, mas não lhes falta o talento, a dedicação ao trabalho, o empenho de progredir e de vencer, o... que, ás vezes, outros, dos que não são chamados charlatães, não possuem, não tendo, além de tudo, a alegria d'elles, essa grande prenda, o dote por excellencia na vida, a alegria dos fortes!

Não! não é facil sel-o, não é charlatão quem o queira ser de um dia para o outro. Que elles conheçam o primeiro ser das plantas, que todas as quinta-essencias lhe sejam familiares, que levem a melhor ao Socrates que não passava de ter um demonio para seu uso, e tenham, como se lá diz, todos os diabos que os levem ás suas ordens, que possuam fechado no castão de rosca do chapeu um genio visivel e palpavel do feitio de uma gota de laudanum para não tomar tanto campo nem causar suspeitas, é que nós podemos acreditar ou não; mas que não são tolos, que é preciso não ser tolo para ser charlatão e não o é para o não ser, é o que o exemplo nos mostra todos os dias e com mais frequencia do que seria para desejar!...

JULIO CESAR MACHADO.

A INFANCIA E A VELHICE

SINGELO o quadro; e todavia representa um encantador contraste! Dous personagens apenas; dous personagens, que symbolisam os extremos da vida,—o velho que olha saudoso para o passado, a creança que defronta descuidosa com o porvir; esta, a pagina não volvida do livro de ámanhã, aquelle a folha escripta pela mão da experiencia e annotada talvez pela mão dos desenganos; uma a sorrir para o berço, outro a sorrir para a tumba, que é berço tambem em que se acalenta o eterno somno; este um occaso de gelos, aquella uma alvorada de flores; as brumas frias do inverno na fronte enrugada do ancião, os esplendores da primavera na face ridente do infante! E comtudo, tão dissemelhantes em condições, como aquelles dous entes se comprehendem e se completam! A creança dá aos cansados dias do velho o raio de sol de alegria, que este lhe retribue com a sombra protectora da reflexão e da madureza.

Prende-os talvez o laço do parentesco; são avô e neto, duas gerações que têm por traço de união um filho que é pae. E o avô é talvez um homem duro, severo, egoista, d'esse egoismo que é apanagio dos velhos; é porventura um pensador, um philosopho, um sabio, um estadista, um financeiro, um usurario; em todo o caso, um homem pratico, positivo, que vê o mundo pelo lado da fria realidade, que sentiu, desde ha largos annos, seccarem-se-lhe na mente os mananciaes da poesia e no coração as florescencias dos affectos; mas, apezar d'isso, apezar d'esse longo attricto, d'essa luta prolongada contra a maldade do mundo, d'essa velha lição de experiencia, d'essa maceração da alma na taça dos dissabores, dos revezes, das contrariedades, elle, da beira do sepulchro, sem tensão de espirito já para as saudades do passado, sente-se rejuvenescer na infancia do netinho, que é todo o seu mundo de affectos, que é toda a sua riqueza de gozos, que é toda a sua preoccupação de ternuras. Vive da vida da creança, identifica-se com a meninice que floresce, chega a confundir-se, julgando-se tão infantil de animo como a tenra vergontea de sua familia. E a creança, no seu coração pequenino e bom, tem gravada a imagem do avôsinho, como a do seu melhor amigo. Vontades que o maternal affecto não consegue d'elle, condescendencias que não tem para o proprio pae, tudo obtem o influxo magico do avôsinho, que é o seu companheiro de brinquedos, a alma que penetrou na sua alma, o espirito que no seu actua com a corrente magnetica, de que os dous são os pólos oppostos.

No momento em que o pintor os surprehendeu, fixando-os na tela, no momento em que nós os vamos surpreender no quadro, preparára a creança um lance, que faz as delicias do ancião; imitára-o, fizera-lhe a parodia. Era o epigramma da senectude escripto pela travessura infantil. O dom da imitação é o caracteristico d'aquellas abençoadas edades; imitando brincam, e não raro, imitando aprendem.

Pois bem, o pequenito faz a sua scena de comedia, representando o papel do avô: surprehendera-lhe os habitos, copiára-lhe os gestos, reproduzira-lhe os accessorios. Eil-o empoleirado na veneranda poltrona, onde o ancião passava as suas horas de leitura, e em que a creança a custo consegue erguer os cotovelos até á altura conveniente para os apoiar nos braços da cadeira; tomára-lhe o barrete orlado de pelles, com que o avô aquece as temporas já despovoadas de cabellos; cavalgar no pequenino nariz os oculos que ao velho corrigem a natural presbytia, mordera o pipo do cachimbo, que no lento revolutear dos annos fôra gastando os dentes e deformando o queixo do ancião, tomára o jornal, que elle cada manhã lia com pausa e saboreava com prazer; e sobre tudo isto, e para que fôsse completa a comedia, assumira o ar grave e sério do avôsinho. Que lhe importava a elle o calor que á sua loura cabecinha produzia o enorme barrete? que lhe importava que as lentes fortemente graduadas lhe perturbassem a vista? que lhe importava o sabor amargo e nauseante do tubo do cachimbo? que lhe importava o que dizia o jornal, que elle não sabia lêr? Era uma copia, não era o original; representava uma scena de comedia intima; era apenas actor! O velho vem apanhal-o em flagrante; está por de traz da cadeira, contempla-o, admira-o, enleva-se n'elle; a casquinada do riso está prestes a irromper-lhe nos labios, mas reprime-a na contracção de um sorriso apenas, para não perturbar a situação, para não assustar o comediantesinho, que é o seu enlevo; a fronte desenruga-se-lhe, o olhar desanuvia-se-lhe, sente-se moço n'aquelle momento, e recorda a sua propria meninice, ao

mefmo tempo que permanece extatico a revêr-fe na meninice do neto. Por teftemunhas as aves que chilreiam na gaiola, o gato que efcabeceia no banco, aquelle gato acariciado pelo velho e maltratado pela creança, aquelle gato que é quafi como fe fôffe peffoa de familia, de querido e amimado que todos o trazem, e que fe admira, lá no tribunal da fua felina confcienciencia, de que o pequenino, que elle viu nafcer, lhe puche o rabo, lhe vire as orelhas, lhe arranque os pellos das barbas, mas que, na fua generofa magnanimidade, perdôa todos eftes attentados á fua peffoa, fem ter nas garras unhas com que arranhe a creancinha.

É encantador o quadro. Os acceffórios reforçam a idéa de beatitude, que fe efpalha na fcena. Lá fóra, atravez da janella, forri a natureza nos feus jubilos de verdura; no quarto impera a tranquilidade e o focego: a mobilia condiz com a gravidade do velho, a fua attitude traduz o feu coração, a expreffão do feu olhar tem uma benevolencia, onde fe reflecte um pouco de infantilidade, como no afpecto do pequenito fe defenha o quer que feja de fenectude.

São duas fraquezas, fortes no affecto que as liga. No dia em que a creança viffe a nuvem negra da doença a imminencia da morte a pairar fobre o feu berço, o avô não forria mais, e fe o perdeffe então, aquella alma enregelada na concentração do egoifmo, romperia em impetos de paixão viril; mas tambem no momento em que o ancião cerrar os olhos embaciados, e deixar pender inerte a cabeça, o netinho, entre lagrimas e foluços, cuja fignificação elle mefmo não comprehende, achegar-fe-ha ao cadaver, não porque avalie a mageftade da morte, mas porque o avôfinho lhe não forri, e porque a mamã lhe diffe, que elle não voltava mais a acaricial-o nos feus brinquedos.

Seria o momento em que fe partiria a corrente magnetica que prende aquellas duas exiftencias, o alpha e o omega da vida, quando os paffos vacillam já e quando os paffos fão ainda vacillantes, quando os cabellos ainda não enegreceram e quando os cabellos branquearam já, quando fe toca o horifonte do nafcimento e quando fe toca o horifonte do occafo, ao abrir e ao fechar o parenthefis da exiftencia!

Simples e encantador affumpto, admiravelmente tratado!

N'efte quadro ha um poema; n'efte contrafte ha uma lição, que fó os velhos celibatarios não fabem compreender.

Infeliz do homem que envelhece fem fe vêr reproduzido nos feus defcendentes! É um fer incompleto, que deve ter preffa de fe efconder na campa. A velhice dourada pela alegria da juvenilidade é como que uma refurreição: infelizes dos que não refufcitam por eftes affectos!

CHRISTOVAM DE SÁ.

RUINAS DE CISTER

CEIÇA, CELLAS, LORVÃO

III

Os efcriptores monafticos pretendem uns, como fr. Bernardo de Brito e fr. Leão de S. Thomaz, que o mofteiro de Lorvão tiveffe principio no feculo VI, em vida do patriarcha S. Bento; outros, como fr. Antonio da Purificação, o dizem fundado ainda mais remotamente por Paulo Orofio; alguns, emfim, como fr. Manuel da Rocha, limitam-fe a fuftentar, contra a opinião de Ferreras, a poffibilidade de exiftir, já ao tempo da invafão dos farracenos, a ordem de S. Bento na Peninfula e o mofteiro de Lorvão no monte do mefmo nome. [1]

Convirá porém advertir que os documentos mais antigos, pofteriores ao anno de 900, não dão a conhecer a épocha da fundação, que póde fer anterior ao feculo X, e talvez immediata ás conquiftas de Affonfo III. [2]

Tem corrido, é verdade, e corre ainda entre os mais ingenuos, uma grande lenda dos monges laurbanenfes, que principia no tempo dos mouros e fe prolonga até á conquifta de Coimbra por Fernando Magno. Mas entre os criticos paffam com razão por apocryphos os factos com que fr. Bernardo de Brito, encheu longas paginas da *Chronica de Cifter* e da *Monarchia Lufitana*.

A alta importancia politica, por effa lenda attribuida aos monges de Lorvão, parece incompativel com a facilidade que teve o conde D. Henrique em doar em 1109 á Sé de Coimbra o mofteiro com todos os feus bens. Occupava então o folio epifcopal o bifpo D. Mauricio Burdino, a quem fuccedeu o bifpo D. Gonçalo que em 1116 defiftiu do direito que a doação lhe conferia, nomeando abbade para o mosteiro e reftituindo-lhe os bens doados á Sé. [3]

Continuaram os monges em Lorvão até ao fim do feculo XII, em que el-rei D. Sancho I os obrigou a fahir para entregar o mofteiro com os bens adquiridos durante feculos, a fua filha D. Thereza, rainha de Leão, cujo matrimonio com Affonfo IX o papa annullara com o pretexto do proximo parentefco que entre ambos havia. Na vefpera do Natal de 1200 foi o proprio rei com o bifpo de Coimbra e com o abbade de Alcobaça fazer entrega do mofteiro a D. Thereza, a quem e ás damas que a feguiam, o abbade lançou o habito de Cifter. Affim o affirmam os chroniftas de S. Bento e de S. Bernardo.

O mofteiro eftá fituado n'um valle profundo, na diftancia de 12 kilometros ao nafcente de Coimbra. A eftrada é ainda a mefma que defcreveu fr. Francifco de Santo Agoftinho Macedo: «*via omnis montana, et filvosa, faltibus intercifa; equites iuxta terret, ac pedites.*» [4]

[1] Vej. *Chronica de Cifter*, *Benedictina*, *Lufitana*, *Chronica dos Eremitas de Santo Agoftinho em Portugal*, *Portugal Renascido e Hifloria critica de Hefpanha*.

[2] Os documentos em que fe lê *Rex Ordonius* têem as datas das eras de 815 e 849, anteriores ao reinado de Ordonho I. Pelas razões, adduzidas no *Portugal Renafcido*, parece antes que fe hão de attribuir ao feculo X, fe bem que no *Portugaliae Monumenta* fe refiram ao feculo IX.

[3] Fr. Manuel da Rocha, *Portugal Renafcido*, pag. 170 e 171.

[4] *Vita Therefiae... et Sanciae*. Roma, 1667, pag. 59.

N'eſtas palavras do erudito franciſcano e profundo latiniſta, não ha apenas uma figura de rhetorica. Parecerão rigoroſamente exactas a quem tiver percorrido os eſcabroſos caminhos das ſerras da Eſtrella ou do Buſſaco ou das ſuas onduladas ramificações nas duas Beiras.

A eſtrada de Lorvão, ſe de eſtrada merece o nome, curva-ſe e recurva-ſe por entre mattos, pinhaes, olivedos e terrenos eſcalvados, ora ſubindo, ora descendo, coleando ſerras e outeiros, ſeguindo como ao acaſo, conſervando uma direcção que as condições topographicas deveriam fazer mudar, deſviando-ſe de outra que por ſimilhantes razões haveria de conſervar. Será difficil deſcobrir em toda ella a applicação de uma ſó das regras da arte que os engenheiros praticam hoje nas eſtradas modernas.

Do cume de um alto monte aviſta-ſe de ſubito em baixo, no fundo do eſtreito valle, o vaſto edificio do convento com as ſuas janellas gradeadas de ferros, acima das quaes ſe erguem as torres e zimborios. É ſingular a perſpectiva pela altura e grandeza da caſa, pela profundide do valle, pelo aprumado das encoſtas, e finalmente pela apparencia agreſte e unicolor da vegetação monteſina. Hoje a viſta do convento é eſtranha e triſte. Mas outr'ora, áquellas que uma tyrannia qualquer ali conduzia, ſeparando-as à força da familia que eſtremeciam, do mundo que ſó lhes promettia felicidade e prazer, o convento, ao aviſtarem-n'o do alto do monte, deveria parecer-lhes extremamente lugubre. Era o tumulo onde iam encerral-as, e d'onde nunca mais ſahiriam. Era a perda da liberdade. Eram os horrores de uma agonia conſciente, que teria de amargurar-lhes toda a exiſtencia.

Debalde ſe buſcarão no moſteiro veſtigios da ſua remota antiguidade. Como em Tibães, como em outros dos mais antigos conventos de Portugal, obras poſteriores fizeram deſapparecer todos os reſtos da primitiva fundação e até das primeiras reconſtrucções. Em Lorvão não vi ainda monumento mais antigo que um pequeno e toſco baixo relevo do ſeculo XVI, pouco mais ou menos, e que ſubſequentemente embutiram n'uma parede do clauſtro. Repreſenta os cinco martyres de Marrocos, cuja hiſtoria não é de todo eſtranha á do moſteiro. Com effeito, ſegundo affirma fr. Bernardo de Brito, a infanta D. Sancha, irmã da rainha D. Thereza, eſtando em Alemquer, ahi acolheu os frades que ſe encaminhavam a Marrocos. Depois, tendo vindo os reſtos mortaes d'elles para o moſteiro de Santa Cruz de Coimbra, d'ahi, por interceſſão da rainha D. Thereza, ſe traſladaram duas oſſadas e outras reliquias para o moſteiro de Lorvão. [1]

A egreja, o côro e o clauſtro proximo foram edificados no ſeculo XVII, o que ſe demonſtra não ſómente pelo eſtylo, mas tambem pelas datas eſculpidas n'uma porta exterior e n'um arco do clauſtro. As outras partes da caſa foram tambem reedificadas pelo meſmo tempo. Havia uma parte mais antiga que em 1879 tinha já cahido inteiramente por terra. N'algumas paredes proximas, que ſubſiſtem de pé, vêem-ſe janellas dos fins do ſeculo XV ou dos principios do ſeculo XVI.

A egreja, elegante, muito clara e de boa architectura, foi edificada no eſtylo da frontaria do mageſtoſo templo de Alcobaça, reedificada talvez pelo meſmo tempo. Em dous altares lateraes eſtão depoſitados os reſtos das filhas de Sancho I em dous grandes cofres de prata, adornados com muitas pedras de varias côres e grandezas. Fabricados no Porto em 1713, valem muito pela riqueza dos materiaes; pouco ou nada pelo trabalho artiſtico.

Reveſtem as paredes do côro até grande altura, cem cadeiras de magnifica talha, que prenunciam já os eſplendores que nos deixou n'eſte genero o reinado de D. João V, ſe com effeito não ſão obra d'eſſe tempo e portanto poſteriores á edificação da egreja.

O moſteiro, outr'ora riquiſſimo de alfaias e de precioſidades artiſticas de toda a eſpecie, bem pouco hoje conſerva digno de attenção. Protegido pelos monarchas, hoſpedando em ſuas cellas damas da primeira nobreza, opulento por doações e teſtamentos que remontam ao ſeulo X, ali ſe devem ter ajuntado deſde o anno de 1200, objectos de grande valor. Por infelicidade para a hiſtoria da arte, não faltou quem exploraſſe aquella mina abundante. Primeiramente os proprios frades de S. Bernardo, que adminiſtravam Lorvão, e o deixaram empenhado em ſommas avultadas, e chegaram a mandar cortar as arvores das mattas para venderem as madeiras de maior preço, não ſeriam talvez mais eſcrupuloſos para com os moveis e alfaias. Depois os credores que ſe apoſſaram dos bens do convento para ſe pagarem de dividas, reduziram as religioſas á miſeria em que as encontrou ha trinta annos Alexandre Herculano, e que inſpirou ao noſſo grande eſcriptor aquella carta eloquente que todos conhecem.

Em taes condições as freiras mandaram vender os objectos precioſos de que eram depoſitarias, para não morrerem de fome. N'eſtas vendas, feitas a occultas, os commiſſarios ſubſtituiam os frades na exploração do convento. Emfim uns carpinteiros que andavam n'uma obra interior, penetraram por um cano ou galeria ſubterranea na ſacriſtia, d'onde roubaram alguns caixões de objectos de prata, que dizem terem ſido para ali enviados, em 1834, d'Alcobaça, quando os frades viram imminente a ſuppreſſão das ordens religioſas.

N'uma longa ſerie de attentados contra os direitos do Eſtado e da ſociedade portugueza, ſómente os carpinteiros foram punidos com degredo para a Africa. Antes e depois todos os criminoſos têem ficado impunes. E quando, dentro de poucos annos, fallecida a ultima freira que ainda hoje exiſte no convento, o Eſtado tomar conta d'elle, achará as paredes vazias, como tem acontecido e continuará a acontecer nos outros conventos de religioſas.

Em 1879 pude conſeguir que foſſem recolhidos ao archivo nacional da Torre do Tombo os pergaminhos e papeis manuſcriptos que ſe conſervavam ainda no cartorio, onde felizmente, por ignorancia, os exploradores não tinham entrado n'eſtes ultimos tempos. Os livros impreſſos foram tambem, por ordem do governo, depoſitados na bibliotheca da Univerſidade de Coimbra.

Entre eſtes livros vieram a terceira e a quarta parte da *Vita Chriſti*, impreſſa em Lisboa em 1495, e outro exemplar da quarta parte da meſma obra. Havia por tanto no moſteiro de Lorvão, pelo menos dous exemplares d'aquella obra magnifica, os quaes ambos ficaram mutilados por antigos extravios. Digo *antigos*, porque ſe foſſem de moderna data, de certo ſe não contentaria com as partes que faltam, quem podeſſe leval-as todas.

A *Vita Chriſti* é um monumento da typographia, a qual parece não ter paſſado pela prolongada infancia

[1] *Chronica de Ciſter*, fol. 459. Em contrario a eſta afferção de fr. Bernardo de Brito, lê-ſe na *Chronica dos Conegos Regrantes*, tom. 1.º, pag. 69, a deſcripção da arca de prata que contem os corpos dos cinco martyres.

PYXIDE PERTENCENTE Á GALERIA REAL DA AJUDA

das outras artes. Na ſumptuoſidade da impreſſão rivaliſa com os livros de maior preço, que por aquelle tempo ſahiram dos prelos mais perfeitos da Europa.

Vieram, além d'iſto, para a bibliotheca da Univerſidade outros dous livros de extrema raridade, encadernados n'um meſmo volume, que uma nota de letra de mão do ſeculo XVI, diz ter ſido deixado pela ſenhora *iffante* (D. Joanna?) ao moſteiro de Jeſu (de Aveiro?) É o tratado da conſolação de Boecio, traduzido em heſpanhol e impreſſo em Toloſa de França em 1488. [1]

No fim do livro, mão feminina traçou em letra irregular mas clara, attribuivel ao ſeculo XVII ou ao ſeculo XVIII, o ſeguinte:

Boecio, lindo doutor,
Eu vos quero por ſenhor.

Quem ſeria e qual o eſtado mental d'aquella que parece ter-ſe rendido tão inteiramente a um philoſopho do paganiſmo?

Contém o meſmo volume a primeira edição da *Viſion deleptable* de Affonſo de la Torre. [2] O bibliographo Salvá, que não logrou vêr d'eſta edição mais que um exemplar, em que faltava a primeira folha, a attribue, pelos caracteres typographicos, aos annos de 1480 pouco mais ou menos.

Ambos os livros, principalmente o ſegundo, eſtão muito bem conſervados. A encadernação é de taboa coberta de carneira.

A. FILIPPE SIMÕES.

SOROR JOANNA IGNEZ DE LA CRUZ E SOROR MARGARIDA IGNACIA

(BRIGA DE DUAS SERVAS DE DEUS NO PRINCIPIO DO SECULO XVIII)

1715 — 1727

Em ſe ouvindo eſtrugir de apitos em rua malafamada é indicio ſeguro de briga de duas mulheres, que ſe agatanham por cauſa de um homem.

Quando duas heroinas, antes meſmo de recorrerem ao pugilato, eſgotam, cada qual ſegundo a ſua condição e genio, eſta o vocabulario das injurias, eſcorreito de ambiguidades, aquella o epigramma acerado e pungente, é ainda o homem o innocente pretexto d'eſtes desforços femininos, de que nós, os barbados, temos a fatuidade de rir, ou, peior ainda, a ſobranceria de tomar á conta de trovoadas de maio, que trazem comſigo borriſos de lagrimas, e nunca chuvas que preſtem para beneficiar a terra.

Quando um homem quebra lanças por uma mulher, fundem-ſe logo os dous ſexos para palmear o Magriço, engrinaldal-o de virentes palmas. Quando, pelo aveſſo, é a mulher que ſae a terreno em defeza do homem, chama-ſe a eſta abnegação *andar o carro adeante dos bois*, e o apupo é o galardão unico d'eſte procedimento feminino.

Jupiter, e mais era o capitão-mór das ordenanças da mythologia, tomou os mais ridiculos disfarces para levar a agua ao ſeu moinho, ſem ninguem lhe pedir contas das ſuas ridiculas transformações. Hercules, o mais notorio dos eſcalda-favaes do ſeu tempo, acocorou-ſe á lareira, fiando por conta de quem lhe dobava o miolo, ſem que por iſſo o apeaſſem dos ſeus creditos de valentão encartado. Orpheu, o illuſtre cantador de arraial, ainda ſe aventurou a mais, foi procurar uma mulher ás profundas do inferno, e, ao que parece, todos lhe louvaram a acção.

Uma mulher então, em ſe deſmandando, cae-lhe em cima o Carmo e a Trindade, como aconteceu a foror Joanna Ignez de la Cruz, freira profeſſa no convento de S. Jeronymo da cidade do Mexico; e tambem á portugueza foror Margarida Ignacia, religioſa de Santo Agoſtinho, no convento de Santa Monica de Lisboa, ſó porque uma e outra ſaíram a terreno, a primeira pretendendo esfarrapar a lôba do padre Antonio Vieira; a ſegunda tentando cerzir-lhe os raſgões, e ambas com tamanha copia de arrazoados e provarás, que cuſta a perceber ſe o jeſuita ſaíu deveras esfrangalhado das mãos da primeira, ou compoſto e alindado por induſtria e dedicação da ſegunda.

Eſtamos no primeiro quartel do ſeculo XVIII, d'eſſe ſeculo impio e demolidor, que já de longe rugia tempeſtades, e ſoprava o incendio que mais tarde, devia allumiar o mundo. Os encyclopediſtas, com Voltaire á ſua frente, e Rouſſeau, minando por conta propria os alicerces da velha ſociedade, preparavam o grande deſabamento de 1789, e ſe deſde logo não deſarraigaram, pelo menos abalaram as mais profundas crenças religioſas.

Quando iſto ſe paſſava no já então centro do grande movimento intellectual europeu, duas freiras, uma no recanto de um moſteiro do Mexico, outra no retiro conventual de Santa Monica, travavam-ſe de razões a propoſito de um ſermão do Mandato do padre Antonio Vieira, ſendo o fim da orthodoxa controverſia decidir: *Se maior fineza fizera Chriſto aos homens em morrer por elles*, como affirmára Santo Agoſtinho, *ou de auſentar-ſe d'elles*, como no pulpito ouſára avançar o arguto jeſuita, contrapondo a ſua opinião á de um dos mais qualificados doutores da igreja!

Parecerá hoje impoſſivel a poeirada que as duas freiras levantaram por dez réis de nada, como aos vindouros cuſtará de certo a perceber as objurgatorias dos noſſos politicos, a pretexto da mais inſignificante queſtão de campanario, ou do mais reles projecto de lei de um deputado ſertanejo.

Mas aſſim como as polemicas hoje ſe azedam pela intervenção dos corrilhos em um eſteril debate parlamentar, as excreſcencias da rethorica conventual eram então acirradas pelas amplificações groteſcas da cenſura previa, mais abundante de metaphoras ambicioſas que de conſelhos ſolidos e de boa digeſtão, como convinha aos eſtomagos dos fradalhões, que os davam ſem ninguem lh'os pedir.

N'eſte duello de freiras cada qual ſe faíu a terreno com o ſeu padrinho, ſendo o de foror Joanna Ignez o padre João Navarro, e o de foror Margarida Ignacia o frade franciſcano Frei Boaventura de S. Gião, ambos homens verſados nas ſagradas letras, e ambos, pelo alambicado dos conceitos, dignos dos covilhêtes de marmelada com que as ſuas clientes de certo os preſenteavam.

[1] Boecio de conſolaçiõ tornado de latin en || romançe por el muy rreveredo padre fray || Antõ ginebreda Maeſtro en la sãta The || ologia de la orde de los pedricadores *(ſic)* de bar || çelona.

[2] Comiença el tratado llamado vi || ſion deleptable compueſto por al || fonſo de la torre bachiller-endere || çado al noble don Juãn de veamõ || te prior de Sant Juãn en navarra.

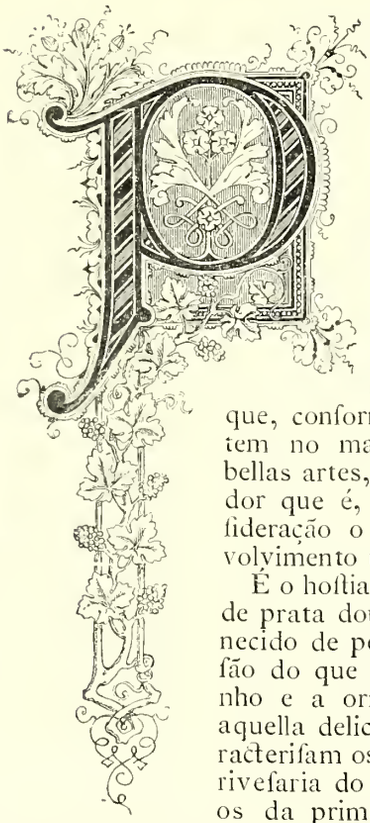
Declara o padre Navarro que deixa o officio de censor para tomar gostoso o de panegyrista de soror Joanna, a quem compara ao sol, e defende do peccadilho de haver feito versos em rapariga, *por que fazel-os foi distracção d'algumas pennas que hoje se veneram canonisadas*, e referindo-se especialmente á obra que tem por titulo *Crisis*, acrescenta: *Corôa este tomo a corôa de todas as obras da madre Joanna, a resposta que deu a um sermão do mais douto, do mais arguto, e do maior prégador que este seculo tem venerado* (o padre Vieira), *d'aquelle formoso monstro, e agradavel engenho. Com este campeão, que mettera medo aos mais esforçados, sae em controversia, e em tudo se porta bizarramente, na discreta cortezania com que o trata, e na grande superioridade que modesta e liberalmente lhe concede.*

O padre Navarro enganou-se porém quando avançou que se o padre Vieira tivesse conhecido o papel da freira, não só lhe haveria tecido os merecidos encomios, como convencido lhe cederia as palmas do triumpho. Logo veremos que não foi assim.

(Continua).

L. A. PALMEIRIM.

PYXIDE PERTENCENTE Á GALERIA REAL DA AJUDA



PERTENCE a pyxide ou hostiario que a nossa gravura representa ao numero dos objectos valiosos que formam o museu ou galeria real do paço da Ajuda, e dos quaes temos já reproduzido alguns nas paginas d'esta publicação, em virtude da auctorisação concedida ao director d'esta folha por el-rei, o Senhor D. Luiz, que, conforme de todos é sabido, tem no mais elevado apreço as bellas artes, como verdadeiro amador que é, e na mais subida consideração o seu progresso e desenvolvimento no paiz.

É o hostiario a que nos referimos de prata dourada rebatida, e guarnecido de pedras com mais profusão do que gosto artistico. O desenho e a ornamentação não têem aquella delicadeza e primor que caracterisam os trabalhos da nossa ourivesaria do seculo XV e XVI e ainda os da primeira metade do seculo XVII, accusando bem definidamente a decadencia a que aquella arte chegou em Portugal na ultima metade do seculo passado, apezar do favor e incitamento que lhe proporcionára a munificencia de D. João V, e o seu gosto pelo fasto, ostentação e esplendor do culto religioso.

Ha, porém, sob o vaso, e como que soltando-se do pé que o sustenta, para se despenharem no espaço, dous anjos que pela elegancia das linhas, ainda que d'esculptura não muito perfeita, sobresáem, por mais artisticos, no desenho geral da peça.

Não obstante quanto deixâmos dito, é a pyxide a que nos referimos um dos melhores exemplares que temos visto da ourivesaria portugueza dos fins do seculo passado, e como tal a apresentamos aos nossos leitores, em gravura devida ao buril do sr. Armando Pedrozo, ha poucos dias chegado a Lisboa, depois de uma longa ausencia em Paris, onde estudou e se aperfeiçoou com os melhores mestres na gravura em madeira. Do seu aproveitamento dá o mais lisongeiro testemunho a nossa estampa. Sobrinho de outro artista muito distincto e justamente apreciado, o sr. J. Pedrozo, de quem *A Arte* já conta nas suas columnas alguns trabalhos, decerto buscará o novel gravador seguir-lhe os nobres exemplos de artista estudioso e trabalhador incançavel.

V.

REVISTA ARTISTICA

As camaras legislativas concederam ao sr. ministro do reino, em conformidade com o pedido de s. ex.ª, auctorisação para reorganisar a Academia real de bellas artes de Lisboa, sem augmento de despeza. Levaram mais longe a sua *liberalidade*. Concederam a s. ex.ª egual auctorisação para reformar a Academia portuense. Ignoravam, por certo, que uma não está nas circumstancias da outra. A Academia portuense cumpre regularmente a sua missão, embora luete com as difficuldades que lhe levanta a mesquinhez da verba com que é dotada no orçamento, ao passo que a Academia de Lisboa está longe de fazer o que póde e deve fazer, porque tem apenas um professor proprietario, o que a colloca na impossibilidade de ministrar o ensino como tem obrigação e é absolutamente preciso que o ministre. Ora, desde que não ha meio de conseguir uma reforma com o augmento de despeza necessario para levantar a Academia á altura em que fôra mister que ella estivesse, precisa aquella instituição, ao menos, de melhorar o seu modo de vida, começando por ter definitivamente providas as cadeiras que são hoje regidas por professores interinos, e por legalizar as disciplinas, cujo ensinamento está auctorisado por simples portarias.

Com este palliativo poderá a nossa Academia entrar n'um caminho de regularidade muito áquem das necessidades do ensino moderno, é certo, porém mil vezes preferivel á prejudicialissima anarchia em que hoje está o seu serviço escholar.

Nos paizes mais adeantados estudam-se todos os dias novos meios de melhorar o ensino em geral; isto é, empregam-se os maiores dissellos para que esses meios abranjam não só o ensino superior e especial, senão principalmente o ensino primario. N'esse intuito, acode-se a tudo, reformando-se e aperfeiçoando-se as cousas mais simples.

A França projecta agora um melhoramento importantissimo para desenvolver ainda mais o gosto pelo bello, e educar o povo com os bons exemplares da arte. Aos discipulos de instrucção primaria é costume distribuir, como premio, estampas illuminadas, imagens de sanctos e *accessit* em papel ornamentado; pois esses premios vão ser substituidos por bem trabalhadas gravuras de diversos tamanhos, representando as principaes obras do museu do Louvre e de outros.

Excellente idéa! A creança principiará logo a habituar a vista a trabalhos de arte importantes, e nas casas mais modestas as gravuras d'esses trabalhos, encadernadas em album, ou emmolduradas e distribuidas pelas paredes, serão, por assim dizer, o reflexo das obras primas dos mais notaveis artistas do mundo, e por conseguinte um ensinamento constante para o povo.

A idéa dos passeios aos museus tambem não está longe de ser adoptada. Os alumnos, acompanhados por artistas ou pessoas instruidas nas artes, realisarão esses passeios, que os seus mentores transformarão em lições agradaveis e instructivas.

Nós não podemos chegar a tamanhos apuros, bem sei; mas façamos, ao menos, com que nas nossas escholas se ensine regularmente; appliquemos os nossos cuidados principalmente ao desenho; habilitemos, em summa, o discipulo da nossa Academia de modo que ao chegar a França ou a Italia para se aperfeiçoar na arte a que se dedica, não tenha de volver a estudar disciplinas em que já fôra approvado nas escholas do seu paiz.

A reforma por que vae paſſar a noſſa Academia, baſeada em indicações fornecidas por peſſoa competentiſſima, deve procurar attingir unica e excluſivamente, ſegundo a minha opinião, eſte fim, não pouco importante, já que a exiguidade dos meios orçamentaes de que diſpõe aquelle eſtabelecimento, lhe não permitte aſpirar a maiores perfeições.

*
* *

Profegue a Academia de Lisboa no feu louvavel afan de augmentar as valiofas collecções que poſſue.

Comprou o quadro de Alberto Durer, adquiriu objectos notaveis para o mufeu de arte ornamental e trata agora de completar os albuns das fuas photographias. Para iſſo recebeu ultimamente provas das mais curiofas peças da armaria de Madrid, que faltavam á collecção que tem d'eſſes objectos importantiſſimos para o eſtudo da arte e da hiſtoria, e vae completar a collecção de copias dos principaes quadros do mufeu d'aquella cidade, um dos primeiros do mundo. Trabalha outrofim para colligir copias photographicas dos quadros modernos mais notaveis de pintores hefpanhoes. Eſtas diverſas collecções ferão reunidas em albuns, e ficarão na bibliotheca da Academia.

Recebeu tambem, ha pouco, duas photographias de um defenho de Alberto Durer, exiſtente na galeria Albertini, de Vienna, o qual defenho ferviu para a execução do quadro d'aquelle pintor, adquirido ultimamente pelo governo.

O defenho é a dous lapis e feito com a firmeza e correcção de um artiſta habituado a vêr bem o feu modelo, e a reproduzil-o com arte e confciencia. Repreſenta um velho de longa e fina barba, tendo a cabeça coberta com um gorro egual ao do philofopho repreſentado no quadro da Academia. As barbas eſtão perfeitamente trabalhadas e as carnes accufam todas as moſſas, todas as rugas do natural. O velho tem o typo dos judeus allemães que ainda hoje fe encontram nas principaes cidades germanicas, offerecendo-fe pelos *ateliers* para fervirem de modelo. A differença mais faliente que a cabeça defenhada apreſenta da pintada, é ter aquella os olhos fechados, provavelmente porque o modelo era cego. Na modificação feita pelo artiſta ao paſſar o defenho para a taboa, fe revela o genio do celebre pintor. A luz, o brilho, a vida que teem os olhos do philofopho, eis o que fó os grandes talentos fabem dar. O defenho, qualquer artiſta mediocre, tendo efcola e pratica, feria capaz de executar com tanta correcção e nitidez; o quadro é que fó podia fair de mãos que não foſſem unicamente guiadas pelo habito, mas fim pelo talento, pela infpiração, por effe clarão divino que é o privilegio dos immortaes.

O defenho eſtá aſſignado, como o quadro, com o monogramma de Alberto Durer, e, como aquelle, datado de 1521. Ahi fica o monogramma e data do quadro, copiados com a mais rigorofa fidelidade pelo habil profeſſor o sr. Pedrofo.

Vê-fe que a actual adminiſtração da noſſa Academia, comprehendendo perfeitamente a fua miſſão efpinhofa, deligenceia por todas as fórmas ao alcance dos acanhados elementos de que diſpõe, approximar aquelle eſtabelecimento do nivel em que deveria eſtar para correſponder devidamente ao fim para que foi creado.

Zelando o mais poſſivel a pequena dotação de que diſpõe, fó gaſta o dinheiro indiſpenſavel para accudir ás neceſſidades mais imperiofas e para melhorar tudo que é fufceptivel de o fer. Acode folicitamente a todos os ſerviços, por iſſo todos fe refentem hoje da fua acção benefica e vivificadora.

Terminando, pois, eſte aſſumpto, não poſſo deixar de me referir a um trabalho não menos importante do que os já citados, effectuado pela Academia em proveito dos eſtudiofos, qual é o de completar as obras truncadas da excellente bibliotheca d'aquelle eſtabelecimento. Procede-fe com actividade a effa difficil tarefa, bem como á de catalogar os livros para que a bibliotheca poſſa brevemente abrir, de noute e de dia, as fuas portas ao publico. Em tão importante repofitorio, alumnos, amadores e curiofos da leitura de aſſumptos relativos á efpecialidade, acharão largos fubſidios para os eſtudos que tenham a fazer em qualquer dos ramos das bellas artes.

*
* *

Differam alguns jornaes que o governo ia cuidar feriamente da egreja dos Jeronymos como monumento nacional, ordenando que fe procedeſſe a varias obras de reparação e reſtauro, taes como: arriar a cupula modernamente conſtruida, que deſtoa do eſtylo architectonico do edificio; arrancar os pulpitos que estão encoſtados ás columnas; fazer lavagens; pôr novos vidros, etc.

Seria conveniente que fe executaſſem algumas d'eſtas obras, mas dirigidas por peſſoas entendidas, fem o que terão de ir ao regiſtro dos vandaliſmos nacionaes, mais alguns attentados lastimaveis, porventura fem remedio de efpecie alguma.

Conſta-me que no longo relatorio dirigido pelos srs. Alfredo de Andrade e Rangel de Lima ao sr. vice-inſpector da Academia, o sr. Delfim Guedes, ácerca da excurſão que fizeram a Bragança aquelles individuos, pedem elles a s. ex.ª, que fe dirija ás peſſoas a quem eſtão entregues officialmente os monumentos exiſtentes no paiz, e ás que ſão poſſuidoras de alguns d'elles, informando-as da importancia dos meſmos monumentos e apellando para o feu patriotiſmo ou para o feu proprio intereſſe, afim de que não variem, demulam, conſtruam ou reſtaurem couſa alguma n'eſſas obras de arte, fem previamente conſultarem peſſoas entendidas.

Como muito bem fe diz no referido relatorio, o grau de cultura artiſtica em a noſſa terra ainda não chegou ao ponto de fe faber que *reſtaurar* e *limpar* ſão, a maior parte das vezes, ſynonimos de *deteriorar* ou *eſtragar completamente*.

Parece, ſegundo fe deprehende do que os jornaes efcreveram poſteriormente, que o governo fe arrependeu, ou nunca teve a idéa, que fe lhe attribuia, de mandar proceder no templo dos Jeronymos áquellas obras.

Comtudo, ſe é verdade o que corre de bocca em bocca a reſpeito da torre conſtruida recentemente, não póde o governo deixar de a mandar apeiar quanto antes, porque fe ella defabar um dia, os ricos lavores da fachada do templo hão de forçofamente foffrer com a derrocada. Emquanto ás reparações internas, é minha opinião que para fe fazer alguma ſubſtituição barbara ou commetter qualquer mutilação vandalica melhor ferá deixar ficar as couſas como eſtão. Não ha que fiar nos noſſos Violets-le-Duc.

Na fachada da Conceição Velha, andam obras. Parece que ſão para fe collocar novamente ali o baixo relevo que já lá esteve, e que é um bello trabalho perfeitamente em harmonia com as decorações do portal d'aquelle templo. Deus queira que para levar a cabo effa reſtauração, não tenhamos que lamentar novas deturpações. Emquanto fe reſtitue o antigo ao feu lugar, vamos bem; o meu receio é de que o que fe faz de novo para effe fim, deſtôe do que já eſtá feito.

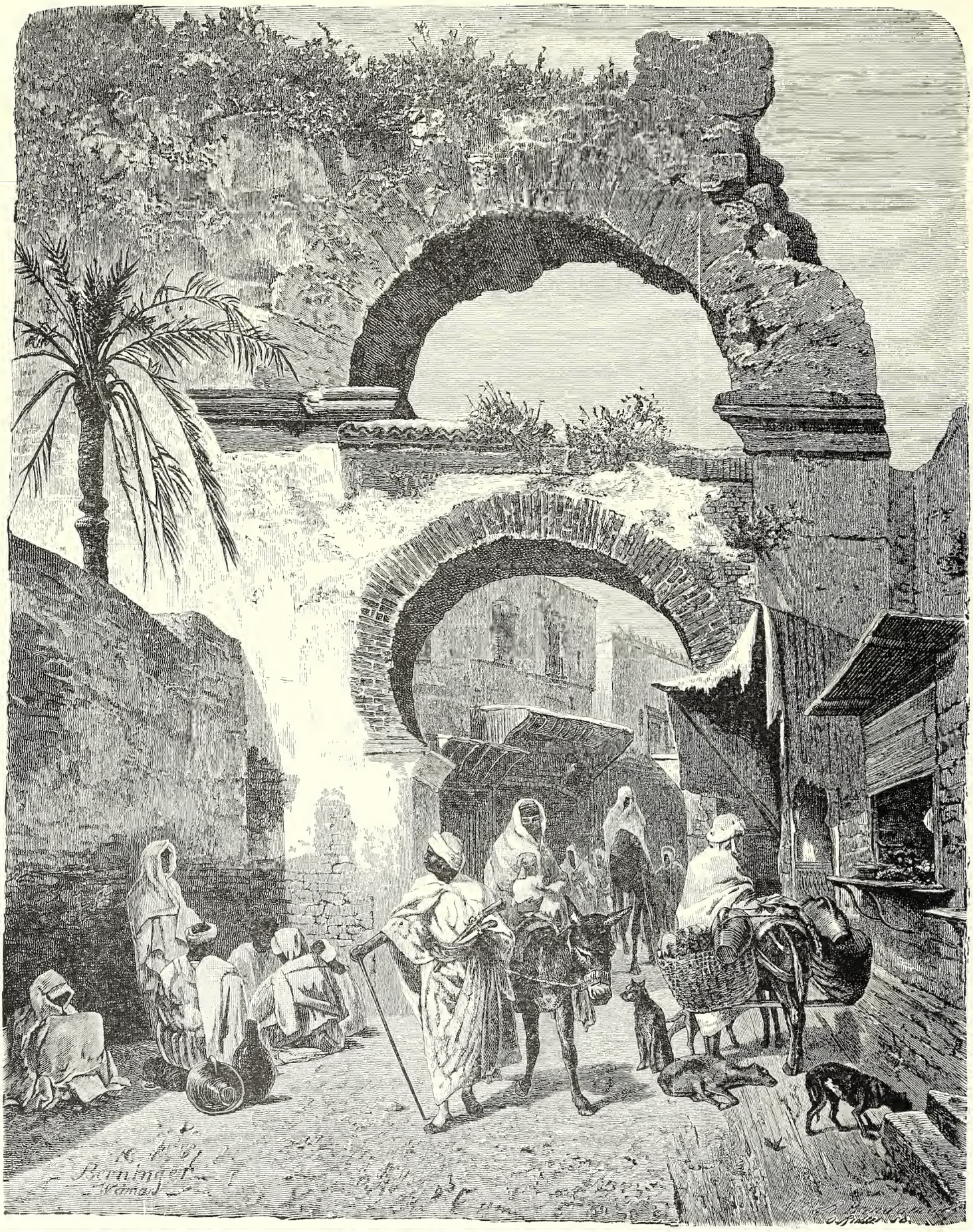
A reſtauração dos monumentos antigos é aſſumpto melindroſo e que demanda eſtudos efpeciaes. Não abundam artiſtas d'effa efpecialidade nos paizes mais adeantados nas fciencias e nas artes. A França poſſuia um em quem depofitava plena confiança; e razão de mais tinha para iſſo, porque o grande artiſta dedicara os melhores annos de fua vida ao eſtudo efpecial d'aquella materia, confeguindo obter um cabedal de conhecimentos tal, que todas as obras por elle realifadas ſão um atteſtado, uma prova irrefragavel do feu tranfcendente merecimento.

Ora, nós infelizmente não temos architectos que fe hajam dedicado excluſivamente a effe eſtudo. O unico artiſta portuguez que maiores conhecimentos poſſue da efpecialidade, é o sr. Alfredo de Andrade, que ninguem aprecia nem fequer conhece, porque o eminente pintor e architecto vive afaſtado de nós ha vinte e cinco annos, e quando faiu de Portugal era apenas um amador. Hoje é um artiſta de tal ordem, que os feus trabalhos ſão dos mais notaveis, fe não os mais notaveis, que figuram na expoſição de Turim, ora aberta ao publico.

A' falta de homens competentes é melhor, portanto, deixar tudo como eſtá do que tocar nos monumentos antigos; por outra, fe querem beneficial-os de algum modo, tratem de os libertar das barbaras reſtaurações executadas em noſſos dias, e não façam mais nada.

RAPIN.

Typ. de Chriſtovão A. Rodrigues — Rua do Norte, 145, 1.º



UMA PORTA DA CIDADE DE TUNIS

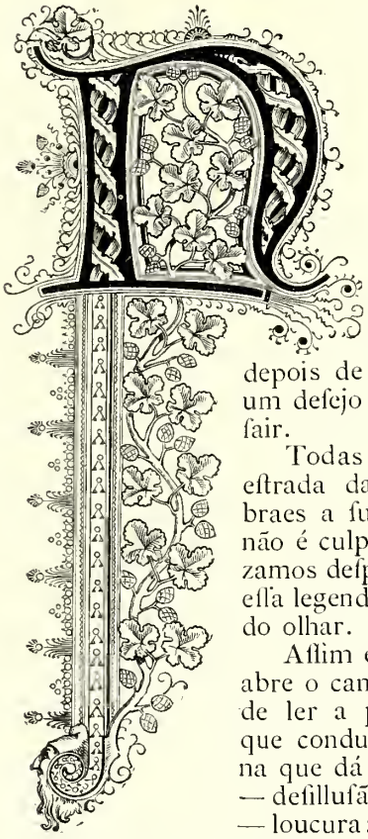
Typ. — Christovão A. Rodrigues.

A ARTE

Lisboa — Agosto de 1880

UMA PORTA DA CIDADE DE TUNIS

—



Não me encanta; não me feduz aquella porta.

Ha portas que nos chamam, que nos attráem, que nos promettem um paraizo de venturas, portas que nós idealifamos, e que fão na terra as portas do céu. Outras ha que nos repellem, e nos dão o prefentimento de que, depois de entrar, fó pode haver um defejo e uma afpiração — a de fair.

Todas as que fe encontram na eftrada da vida têem nos humbraes a fua legenda fymbolica, e não é culpa d'ellas fe nós as cruzamos defprevenidos, fem vermos effa legenda no primeiro relancear do olhar.

Affim é que na porta que nos abre o caminho da fciencia fe pode ler a palavra — vaidade; na que conduz á gloria — chymera; na que dá entrada para a politica — defillufão; na que leva ao amor — loucura; na que nos chama á doçe religião de Chrifto — conforto.

A que tenho á vifta, e á qual mais propriamente fe poderá talvez chamar um arco, tem a profunda trifteza, o fello funebre do paffado ominofo, o que quer que feja da mudez de um cumplice em crimes que fizeram chorar mulheres e creanças, alguma coufa de infenfibilidade que tiveffe affiftido indifferente a grandes lances, fem uma lagrima ou um protefto fequer.

É de pedra, e como a pedra, fria e dura.

Eu não cruzaria o limiar d'aquella porta fem levar inftinctivamente a mão ao meu revolver de viagem, e fem me lembrar do filho do renegado grego, o qual me appareceria, em fonhos da imaginação, com a fua barba exotica que lhe deu o nome, e a fua audacia extraordinaria que o fez heroe de reputação temida e cruel.

Ao dobrar aquelle arco, parecer-me-ia que o Barba-Roxa, o pirata que abalava thronos, dominava os mares e punha medo a quantos d'elles fe approximavam, defrontava comigo, para fe vingar na minha humilde peffoa dos aggravos do imperador Carlos V.

Já lá vão mais de trezentos annos, mas ainda em Tunis fe contam hiftorias maravilhofas das proezas do terrivel corfario.

Quem fabe até fe aquelles tunefinos, que parecem terem faido pela porta, vão fallando d'elle, e narrando atrocidades que aos proprios jumentos em que jornadeiam e aos cães que os acompanham arripiariam o pello, fe os cães e os jumentos entendeffem a lingua arrevezada que fe falla em Tunis, como devem entender, e decerto entendem, a linguagem de alguns fujeitos do mundo civilizado.

O afpecto fombrio de todo o quadro é verdadeimente fepulchral, e ao meu efpirito acode n'efte momento a idéa de que, fe algum dia os vae vens da forte me arremeffarem até a cidade de Tunis, hei-de efcrever na pedra d'aquelle arco o celebre verfo do grande poeta italiano:

Lafciate ogni fperanza, voi, ch'entrate.

FERREIRA DE MESQUITA.

HISTORIA DE UM BEIJO!

(A JULIO CESAR MACHADO)

—

Quando cheguei á pequena ponte de madeira que atraveffa a ribeira de Albarca, o fol defapparecera havia inftantes na linha extrema do horifonte, e a doce claridade crepufcular alagava-fe manfamente pela vafta paizagem. — Vinha furiofo! Se lhes parece! Quatorze horas de caminhada eftupida, fobre uma terra molle e efpapada em que o pé fe enterrava até o artelho, atravez de defcampados a perder de vifta e fob um fol ardentiffimo de fetembro! E para quê? Sim, façam o favor de me dizer para quê! Para voltar *bredouille*, como das outras vezes, e ter de aturar á meza do hotel durante o almoço do dia feguinte os olhares ironicos e intencionaes do deputado do circulo — um *gommeux* infupportavel e pretencifo — e os epigrammas mal disfarçados da efpofa do confelheiro!

Oh! como eu os odiava n'aquelle inftante, effe peralvilho e effa mulher *coquette*! Odiava-os com todas as forças do meu amor proprio em fangue, odiava-os pelos coelhos que não vira, pelas perdizes que não matara, pelas gallinholas em que — forçofo é dizel-o — não acertara! Odiava-os pelas fete leguas de charneca inculta e árida, pelas 14 horas de canceira inutil, pela *meningite* que podia ter apanhado, odiava-os, odiava-os, odiava-os emfim! E fe n'aquella occafião Satanaz me appareceffe, *la piuma al capello*, no meio d'um clarão fanguineo, a um toque metallico de *tamtam*, a offerecer-me pela alma uma duzia de gallinholas — eu tel-a-hia talvez vendido, fó para ter o prazer fublime de me approximar, de gallinholas em punho,

d'essa mulher odiada, arremessar-lhe aos pés os cadeveres d'essas aves preciosas, e dizer-lhe, depois de haver cruzado previa e altivamente os braços:

— Ahi tem, minha senhora, e ria, ria agora, mas o riso hade gelar-se-lhe nos labios, etc.

Quanto ao peralvilho, quanto a esse — bater-lhe.

O calor da tarde era suffocante e denso. Não corria uma aragem. O azul no alto sombreava-se rapidamente, mas ao largo era elle ainda transparente e pallido, e ia desbotando, n'uma graduação quasi insensivel, para um verde suavissimo e indefinido. No horisonte, suspensa e immovel, fluctuava uma pequena nuvem fusiforme, como uma pequena ilha feita de espuma do mar, e na sua orla rendilhada brilhava um veio de ouro scintillante e vivo. Mais alto uns pequeninos alfinetes de luz picavam alegremente a serenidade d'aquelle crepusculo outonal. A lua recordava um globo Jabloschoff boiando, e a sua claridade opalina e doce luctava ainda debalde com a luz agonisante do sol. Os outeiros ao norte iam perdendo pouco e pouco a accentuação vigorosa dos contornos e suggeriam a idéa pittoresca de um grupo de cabeças calvas e silenciosas, confrontando-se na tarde. Os pinhaes esbatiam-se n'uma massa confusa, e um moinho, destacava, offerecia a cruz de Malta das suas velas immoveis, como as azas d'um condor pairando, e das suas cordas retezadas e vibraveis, e das suas pucaras argentinas, nenhum lamento se exhalava a perder-se pela amplidão abrazada e dormente.

Parei um instante a enxugar o suor da testa. Tinha-a em braza e as arterias pulsavam-me com violencia. Arranquei do chapeo as folhas de figueira que o forravam interiormente e que já estavam seccas e resequidas, e approximei-me da ribeira.

A agua corria silenciosa e cheia de sombras, e na sua superficie polida e brilhante a espaços, espelhavam-se copas espessas de arvores, vôos de aves que passavam, scintillações de estrellas. Ajoelhei-me na areia, enchi de agua fresca e purissima o concavo das mãos, e banhei a cabeça esbrazeada, prolongadamente, com uma voluptuosidade insaciavel. Ergui-me em seguida e, mais tranquillo, fui buscar a espingarda que encostara a um tronco de arvore. A noute descia rapidamente. Uma brisa levantara-se, as folhas das arvores começavam a balbuciar a linguagem mysteriosa dos vegetaes na noute, da sebe proxima veio como uma melancholia o canto monotono d'uma cigarra, e, de subito, na tranquillidade crepuscular vibrou a badalada d'um sino invisivel. Depois outra e outra, e aquelles sons graves e cheios voaram lentamente pelo ar, com uma vibração mortuaria e lugubre, e perderam-se ao longe, extinguindo-se successivamente, como uns suspiros que se exhalassem d'um peito melancolico de bronze. Eram sete horas. O moinho ao longe bracejava já, mas tão devagar, tão docemente que mal se destacava na immobilidade geral das cousas. O calor diminuia, como um peso que se levanta, lentamente. Os vôos de morcegos eram cada vez mais numerosos, o céu ia-se enchendo de pequeninos diamantes que scintillavam, mas uma poeira impalpavel de sol enchia ainda os altos, e embora a nuvemsinha do occidente houvesse perdido já o seu galão de ouro, a claridade crepuscular era a que dominava ainda.

A ponte sobre a ribeira de Albarca era estreita e feita de tábuas mal junctas. Um passo pesado abalava-a toda. Os barrotes que a sustinham apodrecera-os a agua e estavam cheios de limos verdes. Tinha talvez um metro de largura.

— *Andiamo!* disse eu com resignação, pondo a espingarda ao hombro. E todavia, apezar do refrigerio anodyno da agua, apezar do aspecto pacificador e calmo da paizagem, o meu espirito estava inquieto e agitado e tudo me recordava aquella mulher magra, nervosa e loura, que viera perturbar o meu coração tranquillo outr'ora, com as suas risadas de cristal, com as suas phantasias de creança, com as chispações das suas tranças sulvas, e que, no dia seguinte, havia de rir-se de mim, mostrando com escarneo, atravez dos seus labios humidos e rubros, a fileira hostil dos seus dentes pequeninos brancos e agudos.

O *hotel* era a 20 minutos de distancia. Entrei resolutamente na ponte, cantando, simulando uma indifferença. Dei tres ou quatro passos e parei de subito, ao ver um pequeno vulto apparecer na extremidade opposta e avisinhar-se rapidamente. Não sei que idéa absurda me veio ao espirito — a necessidade de ser hostil e desagradavel a alguem, de fazer uma victima do meu orgulho offendido, de alijar para hombros alheios uma parte da minha cruz de humilhações futuras. Sem mesmo reflectir no que fazia, atravessei a espingarda sobre as guardas da ponte, encostei-me fanfarronamente a ella, debruçando-me, e quando o pequeno vulto se approximou de maneira a poder ouvir a minha voz, disse-lhe cathegoricamente — Não passa!

A luz da tarde expirante permittia-me vêl-a ainda. Era uma rapariguita de sete ou oito annos talvez. Tinha uns magnificos olhos escuros, sombreados por umas pestanas enormes. A bocca era pequenissima e vermelha como um botão de rosa. Os cantos dos labios descahiam um tanto n'uma triste expressão de amargura precoce. O nariz era grosso e a pelle tostada e estragada pelo sol, mas apezar d'isso havia n'aquelle rosto incorrecto tanta frescura de infancia, tanto perfume de primavera, que, não sei porque, a pequerrucha lembrou-me uma d'estas floritas do campo, que o sol persegue todo o dia deixando-as quasi mirradas, e que á noute recuperam todo o viço assim que o ar chora sobre ellas as suas lagrimas luminosas de orvalho.

Não imaginem agora que a pobresita estava vestida como a cabreira Dinorah, correndo os alcantis da Bretanha, com o seu vestido bordado a prata e um ramo de flores artificiaes na mão, escutando entre os bramidos das quedas da agua o tintinnar da campainha de ouro de Bellah. Ah! não! a pobre pequerrucha estava vestida bem pobremente, calçava tamancos e trazia uma bilha enfiada no braço. Nada menos opera comica, como vêem! E apezar de tudo, era encantadora a pequena.

— Não passa, repeti eu.

Ella fitou-me tranquillamente como quem está certa de destruir um obstaculo absurdo:

— Não passo, porquê? perguntou ella.

Realmente eu não tinha razão nenhuma para não deixar passar a pequerrucha. Por isso respondi:

— Não passas, porque não deixo.

A resposta pareceu irrital-a, porque as suas sobrancelhas franziram-se n'uma expressão encantadora de ameaça e os seus pequenos punhos cerraram-se de colera.

— Deixe-me passar, olhe que eu...

E, vendo-se tão pequena e tão debil, com os seus oito annos, os seus bracinhos delgados e a sua bilha innoffensiva, juncto d'aquelle homem feroz, de barbas, que tinha caprichos brutaes e lhe fallava debruçado sobre uma espingarda de dous cannos — suspendeu a phrase, dizendo-me com voz mais doce.

— Deixe-me passar, meu senhor, vou d'aqui para

muito longe, tenho já a noute no caminho, minha avó eſtá doente e chora ſe eu me demoro. Deixe-me paſſar.

— Tua avó eſtá doente?

— Sim, sr., com as febres.

— Que edade tem ella?

— Oitenta annos.

E depois com a eſperança de me commover.

— Vamos, deixe-me paſſar.

— Pois vamos, diſſe eu rindo, mas com um contracto. Eu deixo-te paſſar, e tu em troca dás-me um beijo.

Ella ergueu para mim os ſeus grandes olhos eſcuros, fitou-me ſem os baixar, e, reſolutamente, com uma voz de colera e odio, cheia d'uma energia em que havia alguma couſa de intranſigente e feroz:

— Não dou! exclamou ella.

Eſtava linda, parecia que a luz da tarde ſe lhe concentrava nos olhos; o ſeu pequenino corpo tinha uma rigidez magnifica de orgulho. E n'aquelle ſilencio da tarde, no meio do vaſto panorama deſerto e quaſi ſilencioſo, eu achava d'um deſtaque ſoberbo aquella franzina figura de creança, que o luar contornava finamente nas tábuas da ponte e que ſe recuſava n'uma attitude de deſeſpero áquelle *ultrage* tremendo de um beijo de um homem barbado nos ſeus labios vermelhos de oito annos.

Aquelle tom de voz deſtruiu-me porém todas as eſperanças. Não havia que porfiar. Tirei a eſpingarda de ſobre as guardas da ponte, affaſtei-me para um dos lados, e diſſe-lhe quaſi reſpeitoſamente.

— Podes paſſar.

Sem apreſſar o paſſo, ſem o menor ſignal de receio, paſſou juncto de mim, caminhou tranquillamente uns vinte paſſos. Eu então chamei-a, pſt! ella parou, heſitou um inſtante e virou afinal o roſto para onde eu ficara.

Tirei então do bolſo uma pequena moeda de prata e antes que ella adivinhaſſe a minha intenção, atirei-lh'a aos pés. A moeda, cahiu, rolou e ficou muito branca, a luzir, na relva. Ella apanhou-a e ſegurou-a nos dedos com a mão eſtendida. E a ſua voz elevou-ſe de novo ſeveramente:

— Aqui tem o ſeu dinheiro, venha buſcal-o...

Caminhei para juncto d'ella. Sentiu-me approximar com os olhos baixos e immovel. Depois quando me percebeu perto, repetiu ſem os erguer:

— Aqui tem o ſeu dinheiro.

— Não me acceitas então, diſſe eu com voz quaſi ſupplicante, um preſente que eu te faço?

— Não.

— E porquê?

— Porque não quero.

E aquella aſpera palavra *quero*, teve d'ella uma inflexão magnifica de orgulho.

Eu ſabia bem como convencel-a e por iſſo demorei-me, por inſtantes, a contemplal-a, firme, pequenina, com os cantos dos labios deſcahidos, toda envolta n'um raio de luar.

— Pois bem, ſe o não queres, pede a tua avó que o acceite da minha parte.

Via-a eſtremecer, depois guardou ſilencioſamente a moeda e ſempre de olhos baixos, affaſtou-ſe com paſſos rapidos. Segui-a algum tempo com a viſta, vendo deſapparecer com ſaudade aquella pequenina figura de mulher de oito annos, e entrei de novo na ponte, caminhando lentamente.

O luar emtanto triumphara e abuſava da victoria. Uma claridade viva preſcrutava os receſſos das folhagens. No ſolo e na agua agitavam-ſe grandes ſombras, e, no emtanto, tudo parecia immovel em torno. As cordas do moinho davam uma nota doce e ſuaviſſima, a cigarra callara-ſe, e pelas veigas, nas ſebes, nos pinhaes, na azinhaga, em toda a parte o ſilencio era alto e ſolemne. Era aquella a hora eſtranha em que accorda todo o mundo phantaſtico da ſombra, em que vôam inviſiveis os eſpiritos da noute, os elfos eſpreitam pelas petalas entreabertas das flores ſe o luar vae alto já, e vendo toda a campina enſopada n'aquella branca luz, galopam montados em pyrilampos, ou agitam por entre as folhagens as pequeninas azas buliçoſas de onde chiſpam fulgurações phantaſticas de rubis, de eſmeraldas e de opalas.

— Pſt! Pſt! meu ſenhor! diſſe muito ao longe uma voz meiga.

Voltei-me, era a pequenita, cujo perfil ſe contornava adoravelmente ſob aquella luz opalina. Pouſara a bilha no chão, e eſteve aſſim immovel por inſtantes. Em ſeguida a ſua mão direita approximou-ſe dos labios e fez o geſto de quem atira um beijo.

Depois affaſtou-ſe a correr e deſappareceu em breve. Mas aquelle beijo, que o luar me trouxera, veio, doce e caſtamente pouſar-ſe nos meus labios, como uma ave. E é ſingular, depois de paſſados quatro annos, parece-me ainda ſentir nos labios a impreſſão d'aquelle beijo que, afinal de contas, nem meſmo recebi...

Lisboa, 16 agoſto 1880.

JAYME DE SEGUIER.

EXCAVAÇÕES HISTORICAS

I

O DOUTOR SANCHES

O DOUTOR Antonio Nunes Ribeiro Sanches é um dos numeroſos portuguezes que no ſeculo paſſado illuſtraram Portugal no eſtrangeiro. A reſidencia no noſſo paiz era então muito difficil, ſe não impoſſivel, para todos aquelles que prezaſſem um pouco a dignidade humana e a liberdade de conſciencia. Apezar do fauſto e da libertinagem da côrte, o fanatiſmo e a inquiſição opprimiam todos os eſpiritos, e os proprios aulicos, os favorecidos do rei e da fortuna, viam de repente, como Joſé de Seabra, baquear a ſua grandeza e apagar-ſe no carcere ou no exilio a eſtrella que os conduzira aos faſtigios da governação. O deſpotiſmo real pouco ou nada tinha que invejar ao deſpotiſmo religioſo.

Tendo ſeguido o eſtudo da medicina em Coimbra, Ribeiro Sanches dirigiu-ſe a Salamanca, onde tomou o grau de doutor, não tendo ainda 25 annos de edade. Veio exercer a clinica em Benavente, mas o deſejo de adquirir mais conhecimentos e de ſe avantajar no eſtudo de uma ſciencia que entre nós eſtava tão atrazada, o levou a percorrer diverſas cidades da Europa, onde a medicina e as ſciencias naturaes tinham mais fervoroſo culto.

Eſta é a razão que nos apreſenta Vicq-d'Azyr, no elogio que d'elle pronunciou, mas é muito natural

que outras causas o levassem a expatriar-se. Sanches, se não era judeu, cheirava razoavelmente a christão novo. O mesmo Vicq-d'Azyr, em outro ponto do elogio, diz que o arguiram muitas vezes de judaismo, e um dos manuscriptos deixados pelo sabio medico portuguez tracta desenvolvidamente d'este assumpto.

Depois de ter percorrido Genova, Londres, Paris, Montpellier, foi a Leyde, na Hollanda, ouvir as lições do apregoado Boerhaave e tanto o abalisado mestre se aperfeiçoou do discipulo, que o escolheu para ir servir na Russia, a pedido da imperatriz Anna Ivanowa.

Ali desempenhou os mais altos cargos como medico do exercito e da côrte e gosava da mais alta consideração, mas por causa do seu melindroso estado de saude, como quer Barbosa, ou muito provavelmente por influencias politicas, como diz Vicq-d'Azyr, viu-se obrigado a abandonar aquelle grande imperio, onde tão assiduamente se dedicara á pratica da medicina e ao estudo das sciencias mais ou menos correlativas.

Em 1747 veio para Paris e ali fixou definitivamente a sua residencia até que n'aquella capital exhalou o derradeiro suspiro em 1783, na provecta edade de 84 annos.

ELLE

Precedido de uma grande reputação, honrado com o titulo de medico da côrte da Russia, o doutor Sanches poderia ter adquirido grandes cabedaes em Paris, se quizesse entregar-se inteiramente á vida clinica, mas parece que se achava cançado e desgostoso, e o seu prazer era a convivencia dos livros e dos homens doutos, com muitos dos quaes, de toda a Europa, estava em activa correspondencia.

Este abandono da clinica explica-nos a tal ou qual

dependencia em que elle ſe collocou para com a côrte de Portugal, recebendo d'ella uma penſão.

Vicq-d'Azyr não ſe refere a eſte facto, e apenas nos diz que Ribeiro Sanches, dezeſeis annos depois de haver ſahido da Ruſſia, principiara a receber uma penſão d'aquelle imperio de 1000 rublos annuaes.

Ribeiro Sanches, apezar de viver tão retirado de Portugal, nunca ſe deſlembrou da patria, e eſteve em correſpondencia com alguns homens notaveis, como D. Luiz da Cunha e o marquez de Pombal, que o attendiam como merecia.

Emquanto á penſão que recebia de Portugal, apreſentaremos alguns documentos intereſſantes colhidos na correſpondencia do noſſo miniſtro em Paris, D. Vicente de Souſa Coutinho, e que ſuppomos inteiramente ineditos.

O primeiro documento é uma carta d'aquelle noſſo repreſentante, datada de Paris de 13 de ſevereiro de 1769. É do theor ſeguinte:

«Depois de ter eſcripto a v. ex.ª, entrou o doutor Sanches n'eſta caſa e me leo hua carta de Gonçallo Xavier, na qual lhe diz que tendo a honra de fallar a v. ex.ª n'elle, lhe ouvira, que mandando-lhe eſcrever o Methodo por que ſe devia enſinar a Medicina em Portugal, não tivera mais noticia d'eſta obra. Que a ſua penſão lhe ſuſpendera Mr. Salema por *piques particulares*. Que El Rey o ſabia ou ſe fallara n'eſta materia depois que reſidia em França. Com eſta occaſião me he permittido referir a v. ex.ª o que ſei, ficando-me a ſatisfação de advogar a cauſa de hum Portuguez de tanto preſtimo, que nós abandonámos, e que eſtimão tanto os eſtrangeiros. Logo que cheguei a eſta Côrte, ſabendo que elle eſcrevera o tal Methodo, o li com muito goſto, achando-o propiiſſimo a promover aquella faculdade no noſſo Reyno, ſendo o meſmo, com pouca differença, que ſe pratica em muitas outras Univerſidades da Europa. E ainda no caſo de parecer que havia n'elle alguma coiſa incompativel aos noſſos coſtumes, facilmente ſe poderia reformar ou ſupprimir,

ELLA

fem que fe perdeffe nada da fubftancia. Quando tinha formado efte juizo, me dicerão que Martinho de Mello, infinuando-lhe fizeffe imprimir alguns exemplares, os levara comfigo para Lisboa, o que me dava a entender que v. ex.ª os teria examinado e que era inutil fallar-lhe de um Efcripto de que tinha já conhecimento. Pelo que toca a Mr. Salema, fempre reprovei que por queixas peffoaes, ceffaffe de lhe pagar a penfão de Sua Mageftade, reconhecendo que os homens podem diffentir huns dos outros nos affectos ou opiniões, conformando-fe no amor do Princepe e da Patria: as noffas injurias não tem nada de commum com as do Eftado; a mefma peffoa que nos defagrada pode fazer-lhe grandes ferviços e eftas victimas da vingança propria as mais das vezes fe immolam em prejuizo do intereffe publico. Finalmente paffando ao ultimo artigo de não haver efcripto fobre effe particular, o Senhor Conde de Oeyras fe lembrará que o fiz ha quatro annos, de que não tive refpofta, cujo filencio me magoou, vendo-me obrigado a fer o trifte efpectador da miferia de hum compatriota tão benemerito, fe não fôra foccorrido de hua potencia extranha. O Methodo dos Eftudos lhe caufou muita fadiga e egual defpeza, precifado de comprar livros e de confultar, pelo meio de prefentes, varios profeffores das mais celebres Univerfidades. Não poffo diffimular a v. ex.ª que ninguem o excede no amor do feu Paiz, não vindo Portuguez a França que não ache n'elle um generofo amparo.

Se v. ex.ª quizer ter a bondade de reprefentar o conteudo d'efte officio a El-Rey Noffo Senhor, eftou perfuadido, que a fimples narração do facto baftará a justificallo, reftituindo-lhe a graça de hum Princepe tão magnanimo como compaffivo.»

O grave e fentencioso officio do noffo embaixador não deixou de fer attendido na côrte de Portugal. Pouco tempo depois, a 24 de abril, efcrevia para o reino D. Vicente Coutinho:

«Recebi a 20 do corrente, pelas duas horas da tarde, o officio que v. ex.ª fez a honra de me dirigir pelo Expreffo Joaquim Marques e agradeço a v. ex.ª a noticia que me dá da boa difpofição dos noffos Auguftiffimos Soberanos e da graça que Sua Mageftade foi fervido fazer ao doutor Sanches, cujo reconhecimento não poderei explicar a v. ex.ª nem elle tambem, excedendo muito as minhas e fuas palavras. Efpero que efte gofto lhe dilate a vida que elle empregará com muita fatisfação no ferviço de El-Rey Noffo Senhor. Em meu poder ficão quarenta exemplares da fua obra, que remetterei a v. ex.ª pelo primeiro Navio; ainda não fei o cufto.» [1]

O proprio doutor Sanches reforçou efte agradecimento com uma carta autographa que acompanhava o officio e que é do theor feguinte:

«Illuftriffimo e Excellentiffimo Senhor.

Já que Voffa Excellencia foi fervido intereffar-fe tanto a meu favor que o sr. Dom Vicente de Soufa Coutinho Miniftro Plenipotenciario de Sua Mageftade Fideliffima me intimou a fua ordem, que he a de Sua Mageftade, que Deus Guarde, que pella Sua Real Clemencia me continuava a penfão, que comecei a receber no anno 1759. Efpero que não fómente lhe ferá acceite o meu animo, todo dedicado a obedecer-lhe, mas ainda convencel-o que fico penetrado da fua piedofiffima protecção e humanidade. Na mefma ordem fe continha que entregaffe ao mefmo fenhor Dom Vicente a edição do *Methodo para aprender e eftudar a Medicina*, da qual entreguei logo quarenta exemplares, que confervava em meu poder depois do anno 1763, no qual foi impreffo, efperando depois daquelle tempo a prefente Ordem de Voffa Excellencia e ainda outras mais, no firme propofito de executalas com femelhante pontualidade, e que mereceria facilmente o meu zelo, mais do que a capacidade e diligencia, a fua approvação já preoccuppado a meu favor.

Fico para obedecer com o mayor refpeito a V. Ex.ª, cuja Illuftre Peffoa guarde Deos por muitos e mui dilatados annos.

Paris 1 Mayo 1769. Illuftriffimo e Excellentiffimo Senhor.

De V. Ex.ª mui humilde e mui obediente creado.

Antonio Ribeiro Sanches.»

[1] De um recibo com data de 5 de outubro de 1769, vê-se que Sanches recebeu cincoenta e seis mil trezentos e trinta e tres réis, importe da impreffão do *Methodo*. Por effa occasião dirigiu elle uma longa carta em que fe offerece ao noffo governo para efcrever novos trabalhos que lhe queiram encommendar.

Apezar d'efta linguagem de alegria e reconhecimento, não ficou todavia inteiramente fatisfeito o noffo benemerito compatriota.

Em 2 de julho de 1770 efcrevia o noffo embaixador.

O doutor Sanches me pedio remetteffe a Voffa Excellencia o memorial inclufo, e eu o faço com a fatisfação que me infpira o feu merecimento.»

O memorial é o feguinte:

Illuftriffimo e Excellentiffimo Senhor Dom Luiz da Cunha.

Reprefenta a Voffa Excellencia com o mayor refpeito Antonio Ribeiro Sanches, que concedendo-lhe a Real Clemencia de Sua Mageftade que Deos guarde a tença annual de 360$000 réis, que começou a cobrala na anno de 1769 [2] (fic) até ó fim de junho de 1761, lhe foi fufpendido o pagamento pello efpaço de fete annos e nove mezes, como conftava dos feus recibos. Reconhecendo o fupplicante a alta protecção que deveo a Voffa Excellencia para que Sua Mageftade foffe fervido continuarlhe aquella graça; recorre novamente a Voffa Excellencia, pedindo-lhe mui humildemente obtenha o real confentimento para que os *cahidos* da ditta tença que importão 2:790$000 reis lhe fejão pagos em renda vitalicia a 12 por cento, vifto exceder a edade de 70 annos, fendo nafcido a 7 de Março 1699. E como a renda vitalicia de 2:790$000 réis a 12 por cento he de réis 334$800, efta foma efpera da benignidade de Voffa Excellencia receber annualmente por quartos, como recebe a tença de 360$000 réis, fazendo ambas as fomas 694$800 réis.

Ficará penetrado de reconhecimento á Grandeza e Generozidade de Voffa Excellencia e em quanto viver, não ceffará de fazer votos ao ceo pelas felicidades de Voffa Excellencia.

Paris 2 de julho 1770.

Antonio Ribeiro Sanches.»

Seria deferido efte requerimento? Parece-nos que não. Pelas averiguações até agora feitas não fe nos deparou documento que demonftraffe folução favoravel. Pelo contrario dous documentos de 1772 moftram que a penfão paga fe limita aos 360$000 réis, como fe verifica dos dous feguintes recibos:

«Paris 1 abril 1772.—Recebi do Excellentiffimo Senhor Dom Vicente de Soufa Coutinho affomma de quinhentas e fetenta e duas *livres tournoifes* & dez foldos pellos primeiros tres mezes d'efte prefente anno pella tença que Sua Mageftade Fideliffima foi fervido concederme. São 562: 10 foldos.

Antonio Ribeiro Sanches.»

«Paris 2 juillet 1772.—Recebi por ordem de S. Excellencia o fenhor Dom Vicente de Soufa Coutinho Embayxador de S. Mageftade Fideliffima affomma de quinhentas e fetenta e duas livres e dez foldos, valeur de noventa mil réis, pella penfão deftinada por Sua Mageftade, annual, por tres mezes proximos paffados, fendo o total por todo o anno de trezentos e feffenta mil réis: pello que lhe deu efte dobrado recibo.

Antonio Ribeiro Sanches.

M. D.» [3]

Os documentos que aprefentamos revelam algumas particularidades defconhecidas aos biographos e panegyriftas do doutor Sanches. É ao feu elogio efcripto por Vicq-d'Azyr e traduzido por Filinto Elyzio que quafi todos têem ido colher os feus apontamentos. Innocencio defigna como fontes fubfidiarias, alem d'aquelle elogio, a Bibliotheca de Barbofa e o n.º xx (aliás xix) do *Intereffante*, periodico que fe publicou

[2] Affim eftá no autographo. Vê-fe por tudo que foi lapfo.. Deve fer 1759.

[3] Por todos eftes documentos fe verifica que o fabio medico fe affignava, em peças officiaes, fimplefmente Antonio Ribeiro Sanches, quando todos, á excepção de Barbofa, lhe dão mais um appellido — *Antonio Nunes Ribeiro Sanches.*

em 1835. Esqueceu-lhe todavia citar Andry que, segundo o testimunho de Vicq-d'Azyr escreveu um compendio historico da vida do nosso doutor, anteposto ao catalogo dos seus livros. [1]

Innocencio dá conta no seu Diccionario das obras de Sanches que existem na bibliotheca da Escola Medica de Lisboa, mas, como cura por informações, não deu d'esses livros sufficientes esclarecimentos bibliographicos nem colheu d'elles pormenores curiosos, que interessam á vida do nosso doutor.

Um d'esses livros é a *Dissertation sur l'origine de la Maladie venerienne*, etc. Leyde MDCCLXXVII. Foi esta obra publicada e prefaciada pelo dr. Gaubius, correspondendo assim a um pedido do dr. Sanches. N'ella estão reunidos dous tractados, que o author publicou anonyma e separadamente em Paris e Lisboa, segundo declara o editor.

O primeiro d'estes tractados escreveu-o o dr. Sanches para combater a doutrina sustentada por Astruc de que o chamado morbo napolitano fôra importado da America por Colombo. D'este tractado, traduzido em Londres, foi enviado um exemplar a Van Swieten, o qual não se deixou convencer pelas doutrinas do nosso medico e no seu 5.º volume dos commentarios a Boerhaave persistiu em sustentar a procedencia americana.

Sanches escreveu então a segunda dissertação como réplica ao que sustentava o seu antigo condiscipulo, mas a polemica, que promettia ser curiosa e brilhante, não progrediu, porque Van Swieten havia fallecido.

A outra obra citada por Innocencio intitula-se: *Observations sur les Maladies venériennes par feu M. Antoine Nunes Ribeiro Sanches, publicées par M. Andry. A Paris Chez Theophile Barrois jeune*, MDCCLXXXV.

Vem acompanhada do retrato do author.

Como se vê, esta obra é posthuma e foi dedicada pelo editor ao nosso embaixador em Paris, D. Vicente de Sousa Coutinho, a quem Sanches, como se sabe, era devedor de bastantes finezas

Esta obra é precedida de um juizo critico de Gaubius, da approvação de M. M. Maigret, Lepreux e Guenet, *docteurs regents de la Faculté de Medecine de Paris*, de um extracto dos Registos da Sociedade Real de Medicina e finalmente de um pequeno prefacio d'Andry.

O registro é assignado por Poissonier, Geoffroy, Desperrieres, Vicq-d'Azyr, Thouret e Defourcroy e n'elle se faz o merecido elogio do doutor Sanches. Transcreverei o seguinte trecho, como elucidativo do caracter scientifico e litterario do abalisado medico portuguez:

«O doutor Sanches, cujos importantes trabalhos e zelo pelo adeantamento da arte de curar são conhecidos de todos os sabios, passou a maior parte do tempo em que se retirou da vida activa a recolher os materiaes fornecidos por uma longa pratica e a esboçar muitas obras importantes, cujo fundo principal era constituido pelas suas numerosas observações. No entanto, a sua delicadissima saude, o seu grande amor pela leitura e sobretudo a sua pouca familiaridade com a lingua franceza, não consentiram que désse a ultima demão a essas obras. Ter-se-hiam perdido para a Medicina, se não houvesse deixado os manuscriptos a um confrade que conhecia todo o seu alcance, e se o não tivesse encarregado, ainda em vida, de lhes dar a forma que lhes faltava para serem apresentados aos sabios. Tal é o encargo que a amisade e a estima para com o dr. Sanches impozeram ao dr. Andry, redigindo a obra de que vamos dar conta.»

Vê-se que era grande a amisade que ligava o nosso compatriota ao seu distincto collega Andry. Havia entre elles, ao que parece, uma grande affinidade de caracter. Se o medico francez não possuia um talento de primeira ordem, era comtudo um zeloso cultor da sciencia, um propagandista das doutrinas que elle julgava mais convenientes ao interesse da humanidade.

Era dotado de um grande bom senso e de um coração generoso. O decimo dos seus rendimentos distribuia-o pelos pobres.

Andry mostrou que não era indigno da confiança do amigo que lhe legou os manuscriptos, e, escolhendo alguns para os dar á imprensa, começou por publicar a obra a que nos vimos referindo. N'um pequeno prologo, declara o sabio editor que não accrescentou nem cortou, que apenas substituira algumas palavras e modificara algumas phrases, que poderiam desagradar ao ouvido do leitor pouco affeito ao estylo de um estrangeiro, que viera estabelecer-se em Paris n'uma edade já avançada.

Hão-de encontrar-se algumas faltas de ligação — accrescenta M. Andry — mas isso era devido ao caracter impaciente de M. Sanches, que não podia subjeitar-se a um methodo. As suas idéas apresentavam-se-lhe em tropel, precipitadamente, e elle não tinha bastante paciencia para as ordenar e depurar. Não era um escriptor sybarita, que se delicia com o proprio estylo e o procura levar á ultima perfeição. Dizia elle, apropriando-se do dito de Seneca, que escrevia para matar o tempo.

As doutrinas sustentadas pelo celebre medico portuguez em controversia com Mr. Astruc são hoje as mais geralmente seguidas.

Não comportando a indole d'este periodico a explanação e analyse desenvolvida d'essas doutrinas, poremos aqui ponto a este ligeiro estudo, contentando-nos em ter apresentado alguns dados e documentos importantes para a biographia de um portuguez que tanto honrou a patria no estrangeiro e occupa um tão distincto lugar nos annaes da Syphilographia.

SOUSA VITERBO.

[1] Não me foi possivel alcançar este catalogo, que deveria fornecer alguns elementos curiosos. Parece que os livros foram vendidos em Paris em 1783 por Debure, segundo diz o *Interessante*. Sanches quiz ainda em vida vender a livraria e chegou a offerecel-a em Portugal, talvez ao rei. Na bibliotheca de Evora existe um manuscripto intitulado *Ultimas condições que o dr. Antonio Ribeiro Sanches propõe para o final ajuste da sua bibliotheca*. Tem a data de 28 de junho de 1770.

Por obsequiosa informação do distincto investigador o sr. A. F. Barata, sabemos que Sanches offerecia a sua livraria, da qual aponta algumas obras, por 20:000 libras francezas ou por uma renda vitalicia equivalente, em favor de um seu irmão, medico tambem, que residia em Napoles.

Este documento não é autographo.

EPITHAPHIO PARA LUIZ DE CAMÕES

(EM 1880)

—

Aqui jaz quem morreu nu e de fome
Entre os supplicios da agonia lenta,
Deixando á patria unicamente — um nome:
Um thezouro de glorias que a sustenta.

Roma.

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

UMA FAMILIA DO POVO NA HOLLANDA

PIS-NOS deante d'um d'effes quadros da poffante e fecunda efchola flamenga.

O feu auctor, Teniers, é um dos grandes meftres, que, a par de Rubens e Van Dyck, fazem a eterna gloria de Anvers, effa burgueza de tão poderofa organifação artiftica.

O que reprefenta o quadro? Uma coufa bem fimples, o interior d'uma cafa modefta. É o lar do povo furprehendido pela obfervação d'um artifta cheio de talento e de bom humor.

Em todas effas cinco phyfionomias ha uma expreffão differente, bem caracterifada. Nota-fe no rofto do que lê uma concentração agradavel, na cara do que fuma um certo indifferentifmo philofophico. O creado, entre velhaco e lorpa, efcuta com maliciofa intelligencia o recado que o outro lhe eftá explicando, ao paffo que a velha não levanta cabeça do petifco que eftá preparando com todo o feu amor de boa dona de cafa.

Apezar de não ter pergaminhos heraldicos, pode bem dizer-fe de Teniers que era um principe, não fó pela realeza indifcutivel do talento, mas pela grandeza de que fe via rodeado. Convivia com os fidalgos e com os monarchas, faboreava os prazeres do luxo no feu opulento caftello das Tres Torres (Dry Toren) e o feu uberrimo pincel não deixava de produzir o mythologico phenomeno da chuva de ouro. E no entanto a fua predilecção efpecial era para os affumptos populares. Aquelle modefto povo flamengo, tão cheio de energia e de intelligencia, tão emprehendedor e tão audaz, tão amigo da familia e tão apologifta da liberdade, captivava-lhe a phantafia, fafcinava-lhe o pincel. É que o povo é o trabalho, o renafcimento, a actividade, o caudal inhexaurivel, aonde fe reflectem alternativamente as cores oppoftas da tranquillidade ou da borrafca focial, e o artifta que não é um fimples *virtuofe*, precifa de vir beber a infpiração a eftas fontes vivas, de fundir a fua alma na alma popular, de robuftecer as fuas forças luctando n'efta corrente, affim como na grandeza irafcivel do oceano, e não nas aguas placidas de um rio, é que fe formam os verdadeiros, os athleticos nadadores.

Só affim é que o artifta poderá imprimir ás fuas obras o toque da formofura, e fello da grandeza, o caracteriftico da immortalidade.

SOUSA VITERBO.

NOTAS AO LIVRO INTITULADO «AMERICO VESPUCIO» POR GREGORIO PEREZ GOMAR

(Continuado de pag. 104)

VII

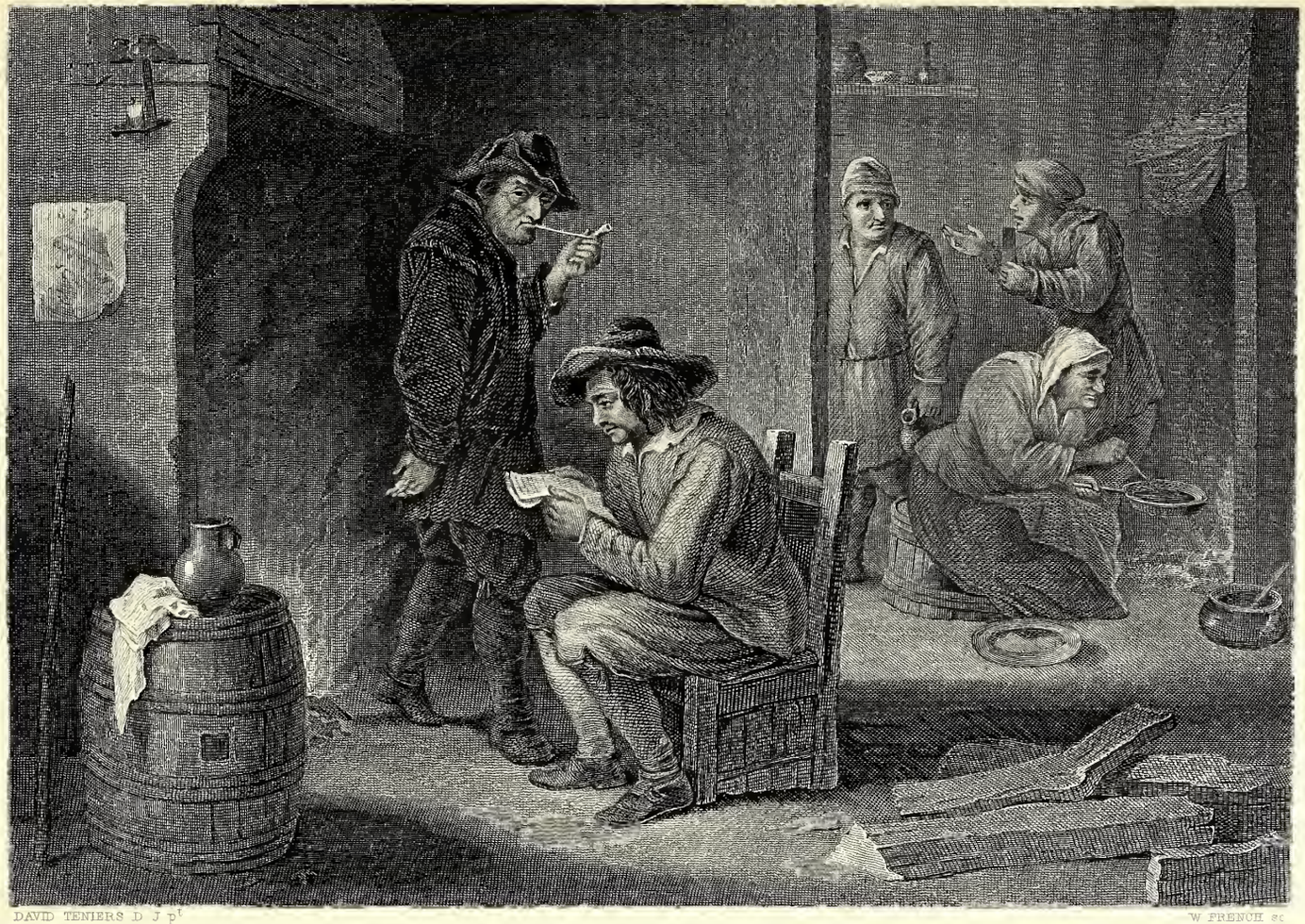
INUTIL azedarem-fe os animos com efta difcuffão, hoje, que Portugal já não tem armadas para fuftentar direitos adquiridos e obrigar as outras nações, não fó a refpeitar-lh'os como tambem a reftituir-lhe praças e territorios, que indevidamente poffuem; taes são: Olivença, e, efpecialmente, Ceylão. Efta ilha eftá em poder dos inglezes, com manifefta violação de um tractado; e Olivença, em poder dos hefpanhoes, fob pretexto de que um feu reprefentante fe recufou a' affignar uma convenção logica, pela qual effa praça retornaria á nação portugueza, cuja é legitimamente. Quer dizer que ambos eftes dominios fão poffuidos em virtude do direito da força bruta fobre os principios mais elementares da equidade e da juftiça. Unicamente como obfervações criticas, e homenagem á verdade, lançámos aqui eftes apontamentos.

Tratemos agora do *empirifmo* dos navegadores portuguezes. Mas convenhamos primeiro de boa fé em não difcutir qual feja a melhor e mais genuina fignificação do vocabulo. É claro que o sr. Gomar não o empregou na fua rigorofa accepção etymologica, applicando-o a uma parte do methodo experimental de Bacon. Ufou da palavra talvez no fentido mais amplo e mais moderno de «charlatanifmo» ou, fe preferir, no de philofophia que fe dedica exclufivamente a colher os fructos da experiencia, defdenhando as theorias; que enumera factos, fem os ligar entre fi por uma fynthefe.

É fabido que o empirifmo propriamente dito predominava ainda na aftronomia dos feculos XIV, XV e XVI; e que os grandes progreffos das fciencias phyfico-mathematicas datam apenas de ha cento e tantos annos. Mas feria neceffario uma infigne má-fé, que eftamos longe de fuppôr no diftincto efcriptor de Buenos-Ayres, para fingir que fe não teve conhecimento da exiftencia da efchola de Sagres, d'onde faíram os noffos primeiros navegadores, inftruidos pelo fabio infante D. Henrique.

Antes de começarem os defcobrimentos dos portuguezes, tudo quanto fe efcrevia e dizia a refpeito da Africa e dos paizes além dos cabos Bojador e de Nam, era incertiffimo, vago, e fobretudo abfurdo. Datam d'effes defcobrimentos os verdadeiros progreffos da fciencia geographica. Foi pelas cartas portuguezas que os geographos e cofmographos eftrangeiros traçáram os feus mappas correctos, a começar por Martin Behaim e Juan de la Cofa. A contar do feculo XII, desde Honorato d'Autun, na fua *Imago mundi*, até ao *mappa-mundi* de Fra-Mauro, em 1460, todos os fyftemas cofmographicos, apezar dos progressos evidentes das fciencias no feculo XIII, eram mais ou menos disparatados e infenfatos. Só depois que Bartholomeu Dias dobrou o cabo da Boa Esperança appareceu, em 1492, defenhada no *mappa-mundi* de Behaim, a configuração exacta da cofta oriental do continente

BELVEDERE



DAVID TENIERS D J pt

W FRENCH sc

UMA FAMILIA DO POVO NA HOLLANDA.

africano, até ao Rio do Infante. Ahi tinha parado o intrepido capitão portuguez; e como para deante não passára nunca nenhum outro navegador europeu, o geographo traçou em direcção ao Oriente uma extensa lingua de terra, que desapparece na carta de Juan de la Cosa, levantada segundo as portuguezas, immediatamente depois da volta de Vasco da Gama do descobrimento da India.[1] E tambem não se encontra em nenhuma das que se lhe seguiram, como prova de que não existia.

VIII

Não só os cosmographos da Europa desconheciam a verdadeira fórma da Africa, mas até os proprios arabes a ignoravam! A respeito da zona torrida, tudo era obscuridade e incerteza. Nem sequer se sabia se era habitada!

Diz um contemporaneo illustre, citando as provas em que baseia a sua affirmativa: «Ahi estão os testemunhos historicos e os documentos para demonstrar os serviços que elles (os portuguezes) prestaram ás sciencias, á geographia, ao commercio e ás relações entre os povos; ahi estão os documentos para provar que antes da sua navegação, os cosmographos da Europa, repetimos, não conheciam metade do globo; e os mais adiantados geographos arabes ignoravam a verdadeira fórma da Africa e só tinham ideias confusas e fabulosas a respeito do mar Atlantico.[2]» Foi a nação portugueza que teve a gloria de iniciar os descobrimentos, para que metade do nosso globo se tornasse conhecido da outra metade; e ao impulso dado pelos navegadores do infante D. Henrique se deveu o conhecimento do novo continente. Só depois de dobrado o cabo Bojador, pelos portuguezes, depois de explorados e descobertos por elles os varios portos, rios e lugares de toda a costa occidental da Africa, e só quando foi desenhada essa costa nas suas cartas maritimas, as outras nações levantaram tambem as suas, ajuntando-lhes as terras e mares descobertos pelos navegadores lusitanos, e transcrevendo fielmente toda a nomenclatura hydrographica portugueza.[3]

Como se deprehende da curiosissima obra escripta por um contemporaneo do infante D. Henrique, o fito principal d'este illustradissimo principe era descobrir o caminho da India, rodeando a Africa.[4] O globo de Martin de Behaim, cosmographo, que nos navios de D. João II visitou a costa d'Africa até á parte oriental, doze annos antes de Vasco da Gama ter achado o caminho da India, traz interessantes notas historicas, pelas quaes se póde avaliar se os portuguezes navegaram ao acaso ou se eram capazes de voltar ou não ás terras que descobriam. A medida que elles iam alargando os seus descobrimentos, aperfeiçoava-se a cartographia estrangeira, vendo-se sempre que toda a nomenclatura hydrogeographica era extrahida das cartas nauticas dos portuguezes.

Na viagem de circumnavegação do globo, emprehendida por Fernão de Magalhães, portuguez, por conta do rei de Castella, quasi todos os navios eram commandados por portuguezes: a nau *Trindade*, por Duarte Barboza; a *Conceição*, por João Serrão; a *Victoria*, por Luiz Affonso de Goes; João Rodrigues Mafra era piloto da *Santo Antonio;* Estevam Gomes, da *Trindade;* João Lopes de Carvalho, da *Conceição;* Vasco Gallego, da *Victoria*, etc. Ora, se quasi todos os pilotos d'essa memoravel expedição fôram portuguezes, perguntamos ao sr. Gomar onde achou os fundamentos para asseverar a ignorancia d'estes, exactamente no tempo em que eram elles os que melhor sabiam de navegação, e estando até provado que fôram os mestres de todas as outras nações n'esse ramo das sciencias? Não acabariamos nunca, se quizessemos citar todos os auctores estrangeiros que apoiam esta asserção, ainda que só os procurassemos nas nações que têem disputado a Portugal a prioridade dos seus descobrimentos na Africa.

IX

Antonio Gallo, historiador genovez, no seu tratado *De navigatione Columbi*, etc., diz que a existencia do mundo chamado India (refere-se ao novo continente) não tinha sido revelada a Colombo pelas suas proprias meditações; que lh'a revelára Bartholomeu Colombo, seu irmão, que em Lisboa vivia de fazer mappas geographicos e que, ao desenhar n'elles os descobrimentos dos portuguezes até além de S. Jorge de Mina, concebera o projecto de uma navegação proveitosa na direcção d'oeste. Humboldt, o sabio mais encyclopedico dos tempos modernos, crê egualmente, fundando-se em documentos relativos á navegação de Colombo, que este, durante a sua residencia em Portugal, entre 1470 a 1484 se aproveitára do estado de adeantamento que havia no paiz, para se aperfeiçoar nos estudos.[5]

Além de poder consultar as cartas hydrogeographicas dos portuguezes, que então forneciam aos cosmographos das outras nações os elementos de que elles compozeram todas as suas, nos seculos XV e XVI, Colombo convivia com os proprios navegadores e por vezes os acompanhou em suas viagens a Mina de Ouro e costa da Guiné, conforme referem varios escriptores, sendo um d'elles Las Casas, que affirma tel-o ouvido a D. Diogo Colombo, filho do almirante.[6] É egualmente sabido que se serviu das cartas e papeis de Balthazar Perestrello.[7] Tendo casado com a filha d'este navegador portuguez, crê-se que nas relações e papeis do sogro, fallecido já, encontrou os principaes estimulos, senão o proprio roteiro para a sua viagem de descobrimento. Offereceu o seu serviço aos reis de Castella porque, no dizer de um seu amigo, em Lisboa o «desestimaron y no le fue dado credito porque el Rey de Portugal tenia muy altos y bien famados marineros.[8]»

Lendo-se a historia dos descobrimentos portuguezes, reconhece-se immediatamente que tudo ali é certo, confirmado pelo testemunho e pelas relações dos viajantes e dos historiadores contemporaneos; que tudo se baseia em factos incontestaveis, factos que alargaram enormemente os limites da geographia positiva, que enriqueceram a sciencia, que se verificaram d'uma maneira indubitavel e se acham perfeitamente de accordo com as chronicas e com a cartographia de to-

[1] Le Vicomte de Santarem. — *Recherches sur la priorité de la découverte des pays situés sur la côte occidentale d'Afrique au delà du cap Bojador*. Paris, 1842.

[2] Vicomte de Santarem. — *Recherches*.

[3] Idem.

[4] Gomes Eannes de Azurara — *Chronica do Descobrimento e conquista de Guiné*, Paris, 1841.

[5] Humbotdt, *Examen critique de l'histoire du nouveau continent*, t. I. pag. 92-96.

[6] *Historia de las Indias*, *ms.* tom. I, pag. 40-139.

[7] Confessado até por italianos, dos que mais o admiram. Veja Bossi — *Storia de Christophoro Colombo*, e outros.

[8] André Bernaldez, *Memorias ms. de los Reys Catholicos*, etc., citadas pelo Visconde de Santarem.

das as nações, quando fe examinam fegundo as regras da critica e fem preoccupações apaixonadas. Não ha exemplo na hiftoria da humanidade de fervicos tão affignalados ás fciencias, á navegação, aos intereffes commerciaes do mundo, como os que preftaram os portuguezes com os feus defcobrimentos. [1]

Nada, pois, tão injufto, tão illogico, tão abfurdo como taxar de ignorantes e incapazes de faber determinar a pofição das terras achadas aos proprios que eram então meftres n'effa materia, aos que durante muitos annos ferviram de modêlo a todas as outras nações, que mandavam feguir-lhes a efteira dos navios e aliftar a bordo d'eftes os feus efpiões affalariados. Não foi ao acafo, pelo fimples gofto de procurar aventuras, e no intuito de parodiar nos mares os feitos da cavallaria andante, que fe iniciaram as navegações dos portuguezes. O infante D. Henrique, perito nas fciencias mathematicas e cofmographicas, prefidindo a uma affembléa de doutos, reunidos em Sagres para promover o defenvolvimento d'eftes eftudos e da fua pratica em a navegação, não era peffoa que fe arriscaffe á defpendiofiffima empreza que tentou, e que tão gloriofamente levou ao cabo com a tenacidade do fabio, fe não eftiveffe convencido dos felizes refultados que d'ella proviriam. [2] Da efchola de Sagres póde affirmar-fe que foi a mãe dos defcobrimentos modernos: d'ella faiu todo o impulfo dado ás navegações da Europa; e os feus marinheiros levaram depós fi, atravez de todos os mares, defde o extremo occafo até aos mais remotos confins do Oriente, com o jugo que impozeram a quafi todos os povos que viviam do Tejo ao Indo, os navios dos outros paizes, que ainda affim fe não aventuravam fempre a feguir-lhes a alheta fem terem a bordo capitães ou pilotos portuguezes!

X

O sr. Gomar deve conhecer a obra de João Baptifta Ramuzio — *Navigationi et viaggi* — e n'ella poderá ler as navegações de Luiz de Cadamofto, e de tantos outros viajantes portuguezes e eftrangeiros, que ao fervico de Portugal andaram percorrendo mares e terras, até então abfolutamente defconhecidas, guiando-fe por inftrumentos e cartas portuguezas, miniftradas pelo dito infante.

Quem emprehendeu effas perigofas viagens, quem foube fazêl-as, fervindo-fe de meios proprios, que ia inventando, ou aperfeiçoando os antigos, não merece de certo a qualificação de ignorante, que o sr. Gomar atira com tão foberano defdem á memoria d'esfes benemeritos da fciencia.

A buffola, fe não foi inventada, foi melhorada pelos portuguezes; [3] Pedro Nunes inventou o nónio; Vafco da Gama aperfeiçou o aftrolábio, pela fimplificação de um novo inftrumento que denominou *arbaleta*. [4] Emfim, póde afoutamente dizer-fe que todos os progreffos e melhoramentos imprimidos a navegação, defde o modo de conftruir e deitar navios ao mar até ao de faber conduzil-os ás regiões mais defconhecidas e remotas, foi devido ao genio dos portuguezes. Varios efcriptores de outras nações têem querido difputar-lhes a gloria da prioridade dos defcobrimentos, o que todavia não têem confeguido: Bergeron, Fourdier, Herrera, La Roquette, e tantos outros, principalmente francezes e hefpanhoes, inutilmente fe empenharam para defapoffar Portugal d'effe direito; mas nenhum fe tinha lembrado ainda de qualificar de ignaros os marinheiros que, n'um periodo relativamente curtiffimo, paffáram além do Cabo da Boa Efperança, defcobriram, reconheceram, exploraram, defcreveram e occuparam ou dominaram todas as coftas d'Africa, eftendendo o feu dominio na Afia fobre uma fuperficie de mais de oito mil leguas, dictando leis a trinta e tres reinos, que fizeram feus tributarios!

E advirta o sr. Gomar que a par dos navegadores, tinha então Portugal os chroniftas, os efcriptores, os pilotos inftruidos, que efcreviam as viagens, e davam exactiffima noticia das terras defcobertas, das leis, coftumes e ufos dos povos que as habitavam. Saiba que o proprio infante D. Henrique efcreveu ou mandou efcrever a hiftoria dos feus defcobrimentos, a qual foi vifta na cidade de Valencia de Aragão, entre algumas peças da recamara do duque de Calabria, por Frei Luiz de Soufa. Infelizmente, não fó effe trabalho fe perdeu, mas tambem as memorias de Affonfo de Cerveira, e outras muitas que deviam fupprir o defgraçado extravio dos archivos nauticos de Sagres!

Do que efcapou, refta, comtudo, fuperior a todas as relações da obra de Ramuzio, a *Chronica do descobrimento e conquifta de Guiné*, por Gomes Eannes de Azurara. Recommendâmos ao sr. Gomar effa leitura como uma das que melhor pode provar a capacidade dos navegadores portuguezes, e pela qual o erudito efcriptor poderá certificar-fe de que elles fabiam já, antes de terem começado as fuas primeiras expedições maritimas, que além do Cabo Bojador exiftia o grande deferto de Sahara, que a terra não era ahi menos arêofa do que a da Lybia, e que haviam recolhido todos os efclarecimentos e noções ácerca d'aquella parte do continente africano, no eftudo dos geographos antigos e nas relações dos mouros das caravanas que atraveffam o grande deferto; que tinham adquirido tambem fufficientes conhecimentos hydrographicos das coftas africanas e das correntes chamadas plagicas; e que, apezar de fer ainda mui

[1] Vicomte de Santarem. — *Recherches*.

[2] *Memorias da Litteratura Portugueza*, publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, tom. VIII, pag. 294.

[3] «O defcobrimento do Novo Continente nafcera em grande parte do impulfo irrefiftivel communicado ás demais nações navegadoras pela férie de maritimas emprezas do povo portuguez, em parte procedera de um equivoco feliz. Era filho de uma ideia e do acafo. A ideia em grande parte era portugueza pela origem, o acafo a todos igualmente podéra favorecer. O aventureiro genovez não tivera de certo fonhado o arribar á fua Zipango fufpirada, navegando com a prôa ao Occidente, fe não fôra eftimulado n'efte empenho, mais arrojado que difcreto, pelo exemplo, que defde largo tempo lhe moftrava a perfeverança lufitana em navegar e defcobrir. Poder-fe-hia quafi affeverar que fe Colombo deu á velha Europa um mundo novo, que havia de fer a terra da liberdade e do futuro, a buffola, com que elle governou fua derrota, na efchola maritima de Sagres fôra principiada a fabricar.» — José Maria Latino Coelho — *Luiz de Camões*, Lisboa, 1880, pag. 288.

[4] «Compunha-fe de uma flecha ou hafte, com uma peça cruzada chamada martello, em fórma de braços de cruz, que corria pela hafte, approximando-fe ou diftanciando-fe do obfervador. Servia para medir as alturas, collocando o olho na extremidade da flecha, fegurando-fe efta com uma das mãos, emquanto com outra fe approximava mais ou menos o martello, para ficar a extremidade inferior d'efte tangente á linha do horifonte marcada pela fuperficie do mar, e a extremidade fuperior tangente á linha que fe dirigia á eftrella ou aftro obfervado. O angulo formado pelas duas linhas que fe dirigiam das extremidades do martello para o extremo da flecha junto ao olho, marcavam o angulo de elevação da eftrella fobre o horifonte. Efte angulo era maior ou menor conforme o maior ou menor afastamento do martello.

Conhecendo a direcção da linha meridiana pela buffola e altura dos aftros, os antigos marinheiros chegavam a determinar de uma maneira approximada a pofição do feu navio.» (*Diario de Portugal*, Lisboa, 12 de Junho de 1880.)

grande n'aquelles tempos a influencia das tradições dos geographos arabes, ácerca do *Mar Tenebroſo*, que ſuppunham exiſtir para lá das ilhas ſituadas na extremidade do Mogrebe d'Africa, as ordens do infante e a inſtrucção com que os habilitára fizeram-n'os romper com vãos terrores e levar ao cabo a ſua grande e generoſa empreza.

Concluindo, devo confeſſar que o meu patriotismo ſe offendeu e revoltou com a injuſtiça do eſcriptor americano; e que, inſpirado pelo meu coração de portuguez, repizei demaſiado o aſſumpto, alongando-me na refutação mais do que talvez convieſſe. Perdôem-me os leitores. Com a edade e com as doenças creſce o mau humor, ſobretudo nos homens já de ſeu natural pouco ſoffredores; penſo, porém, que não poſſo ſer accuſado de ter faltado á verdade com os meus juſtificados encarecimentos. Eſta rabugice patriotica, ſe aſſim lhe quizerem chamar os que qualificaram de ignorantes os navegadores portuguezes, é a mais antiga das minhas enfermidades, e ſó me deixará por morte, porque me entrou no ſangue com o leite que mamei no berço.

Lisboa, 24 de junho de 1880.

F. GOMES DE AMORIM.

SONETO

POR OCCASIÃO DAS VIOLENCIAS SOFFRIDAS PELOS PORTUGUEZES NO PARÁ

—

Não ha talvez no Mundo outra nação
Tão reſpeitada e tão independente!
É o que diz ahi toda eſſa gente,
E com muita, muitiſſima razão.

Ora ſe um eſtrangeiro, em concluſão
Nos offender a nós, tem certamente
De nos dar exemplar ſatisfação,
Seja quem fôr o miſero inſolente.

Diz-ſe iſto em Portugal com tal frequencia
Que a gente chega a crêr que não é mau
Citar lá fóra a ſua procedencia.

Mas Portugal não tem nem uma nau...
— E a gente vae com eſſa independencia
Gramando no Brazil cargas de pau.

JOÃO DE DEUS.

ELLE E ELLA

—

São dous aſpectos do meſmo ſentimento — a curioſidade.

Elle e ella interrogam o deſconhecido, e em ambas eſtas phyſionomias de cinco annos, bochechudas como os cherubins de Rubens, ſe traduz um vago e indefinido eſpanto, uma gracioſa e muda interrogação.

No braço d'elle tão roliço e nédio pouſa uma abelha que o vae talvez morder.

Elle porém não ſabe.

Obſerva curioſo, attento, vivamente intereſſado.

Um bicho!... Um bicho que tem azas!... Um bicho que vôa, que zumbe, que faz *zum-zum!...*

Como iſto é extraordinariamente divertido.

Aquelles bichos andam no meio das flores, pouſam nas roſas, e bebem, bebem até ſe fartarem e fugirem.

Elle já os tem viſto e tem meſmo ouvido dizer que mordem.

Mas decididamente não o acredita. Nunca lhe morderam.

Como é bonito! Tem uns reflexos dourados nas azitas. Se o podeſſe apanhar, atar-lhe uma linha ás pequeninas pernas, brincar com elle, moſtral-o á irmã mais nova, dizer-lhe com a ſua ſuperioridade de cinco annos:

—Vês! é um bicho! Anda a voar mas eu apanhei-o. Tu não eras capaz de apanhar um bicho que vôa!

E ella havia de miral-o com inveja, e ſobretudo — iſto é que mais o envaidecia — e ſobretudo com muito reſpeito!

Emquanto eſtas reflexões ſe véem miſturar ao enlevo da ſua curioſidade, aquelle enlevo que o tem immovel e tão abſorto, a outra, a pequenita dá um banho de leite ao ſeu *polichinello*.

Vamos a vêr o effeito que lhe faz um banho. Se elle grita, ſe chora, ſe pede para o tirarem muito depreſſa de dentro da terrina cheia de leite.

É eſpantoſo! O pobre palhaço não faz um movimento, não ſolta uma exclamação. Como é eſtupido eſte boneco! Meche os olhos, parece que é vivo, mas não é! *Polichinello* não ſabe fallar nem chorar, nem prometter que *não torna mais!*

As traveſſuras das creanças têem quaſi ſempre eſte motor occulto — a curioſidade.

Não olham ainda para dentro de ſi, mas todas as couſas exteriores ſe lhe apreſentam como um myſterio excitante, um myſterio provocador.

A ave que vôa no alto eſpaço, o inſecto que zumbe entre as hervas, a boneca que as engana com todas as apparencias da vida, a agua cheia de cambiantes e reflexos, tudo emfim que ellas vêem, tudo que ellas amam, deſcobre deante dos ſeus olhos um horiſonte profundo, um horiſonte ſem fim!

Cada paſſo que dão n'eſte caminho accidentado é para ellas uma conquiſta preciosa!

Saber, conhecer — eis o grande ficto.

Aos feis mezes a creança ficta os olhos na lua, e atrahida, pafmada, abforta, parece perguntar-lhe: O que és tu?

Aos feffenta annos, o velho fixa os olhos n'um cadaver e tem ainda o mefmo pafmo, e faz a mefma interrogação, e fente-fe pungido pela mefma ignorancia!

Mas que enorme diftancia entre eftes dous extremos do caminho, diftancia cujos marcos milliarios foram fempre marcados por um conhecimento novo!

Não ha nada mais divino que as curiofidades da infancia.

O myfterio das coufas não a atterra, não a magôa, acorda-lhe o penfamento e a ambição. Deante do defconhecido a creança não recúa medrofa; pelo contrario, procura faber, e fão inextinguiveis as fuas interrogações.

Ha um ente que para ella reprefenta toda a fciencia, toda a auctoridade, todo o poder. Efte ente é fua mãe.

D'aqui as adoraveis perguntas confiantes com que os noffos filhos nos perfeguem.

— Mamã porque é que a lua é tão bonita?

— Mamã quem é que fez as flôres?

— Mamã onde eftá o Pae do Céu?

— Mamã porque é que vôam os paffarinhos?

Theologos, aftronomos, naturaliftas, philofophos, é precifo que fejamos tudo ifto e ainda mais.

O pequenino efpirito efpera de nós todo o alimento, não comprehende que haja um fó fegredo em toda a grande natureza, que feja defezo ao noffo olhar.

Efta deliciofa curiofidade das creanças eftá fó por fi traçando o caminho das mães.

Procuremos todas levar a luz que guie os paffinhos vacillantes e temerarios dos noffos anjos pequeninos.

Ás que entenderem e executarem efta miffão abençoada, dá Deus as noutes placidas, os fonhos tranquillos, a confciencia, a alegria e a paz.

Todos eftes penfamentos me acudiram — vejam o que é uma phantafia de mulher! — vendo o rapazito em quem uma abelha vae morder, e a graciofa e roliça creaturinha que contempla n'um pafmo comico o banho do feu *Polichinello*.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

IDYLLIO

(QUADRAS SIMPLES)

Poffue as coifas mais bellas,
Mais fantas e mais formofas:
— O corpo feito de rofas,
— A alma feita de estrellas.

Nas faces auréoladas
Do mais fereno efplendôr
Reflectem-lhe as madrugadas
O luminofo frefcôr.

De manhan, quando ella acórda
Com a fua irman — a aurora,
O azul infindo transborda
D'uma harmonia fonóra.

Nadam aromas no ar
Quando ella paffa tranquilla,
E fae um cafto luar
Da fua nêgra pupilla.

E feu pé, timido e doce,
Deixa tão lucidos raftros,
Como uma pomba que foffe
Roçar a aza nos aftros.

A ingenuidade infantil
Do feu furrifo doirado
Tornaria o mez d'abril
Mais frefco, mais perfumado.

Brilham n'amplidão fagrada
A noite as conftellações,
Lançando á terra anuveada
Uns fugitivos clarões.

E d'effa abóbada pura,
Onde tudo é grande e bello,
Invejam a noite efcura,
— A noite do teu cabello.

Mixto de fombra e de luz
(Luz, effa a mais verdadeira,
A que nos prende e feduz,
E fombra, — a d'uma palmeira),

Deixa um perfume tão vago
Dentro em noffa alma chorofa,
Como uma folha de rofa
Na fuperficie d'um lago...

Lisboa, 1879.

JOAQUIM D'ARAUJO.

BANDEJA DE PRATA LEVANTADA E CINZELADA

s francezes chamam *travail* ou *repouffé* o trabalho que confifte em levantar a martello as folhas dos metaes, para fazer apparecer na face oppofta as figuras e ornatos, esboçados na face onde fe applica o martello. Os noffos artistas traduzem o verbo francez *repouffer* pelo verbo portuguez *levantar*. Com effeito, por meio d'efte proceffo toda a folha metallica é mais ou menos *levantada* para fazer fobrefaír com maior ou menor relevo n'uma face os defenhos traçados na outra.

Parece terem fido affim fabricados os objectos metallicos de que Homero faz menção, e tambem as eftatuas coloffaes da antiguidade. O proceffo da fundição é mais complexo e trabalhofo, exige maiores quantidades de metal, e fó mediatamente exprime o penfamento do artifta.

Durante a edade media os vafos de ouro e de prata e muitos monumentos de bronze eram feitos, levantando as folhas metallicas e cinzelando-as depois.

BANDEJA DE PRATA LEVANTADA E CINZELADA

Entre as obras mais notaveis d'este genero citam-se as portas de bronze da fachada meridional da Sé de Augsburgo, que uns suppõem esculpidas em Constantinopla pelos seculos V ou VI, outros na Allemanha no seculo VIII ou já no seculo XI.

O processo de levantar os metaes foi sobretudo empregado no fabrico das armaduras de luxo e na ourivesaria que até ao seculo XVII abrangia a execução dos baixos-relevos e das estatuas de ouro e de prata. Preferiam os armeiros este processo pelo pouco peso de metal que demandava e pela belleza e riqueza da esculptura; e os ourives porque lhes permittia o executarem peças de grandes dimensões com a menor quantidade possivel de materia prima.

A bandeja que a gravura representa é uma obra d'este genero, fabricada no seculo XVII, talvez na Italia. Pertence á casa real, e a gravura foi aberta, segundo uma photographia que do original mandou tirar o director do jornal *A Arte* por graciosa e particular concessão de Sua Magestade El-Rei.

O quadro principal, no meio da bandeja, representa umas bodas que parecem as de Ismael, filho de Abraham e de Agar, e que tomou por esposa a egypcia Pharax. A ramagem da ornamentação em roda é muito elegante. Em cima, em baixo e aos lados vêem-se outros quatro quadros em ponto pequeno, que tambem representam assumptos biblicos, taes como o sacrificio de Abraham, e Jesu Christo com a Samaritana juncto do poço de Jacob.

O sr. Abilio Augusto Martins, de Coimbra, possue duas bandejas muito similhantes a esta no estylo da esculptura e da ornamentação, e nos quadros biblicos.

A. FILIPPE SIMÕES.

SOROR JOANNA IGNEZ DE LA CRUZ E SOROR MARGARIDA IGNACIA

(BRIGA DE DUAS SERVAS DE DEUS NO PRINCIPIO DO SECULO XVIII)

1715 — 1727

(Continuado de pag. 115)

ALLA agora Frei Boaventura, como advogado da portugueza Margarida Ignacia, dando ás mãos ambas na provocadora do conflicto, que melhor se não houvera varrendo uma feira a pau, do que tozando a Indiana, como elle chama, creio que por sobranceria de raça, á freira mexicana.

O nosso Frei Boaventura consubstancía nas seguintes vergalhadas o seu julgamento, em nome e por conta do santo officio. Accusa soror Joanna Ignez de la Cruz de:

1.º — Voar mais alto que as suas azas lh'o permittiam, mettendo-se a contradizer o padre Vieira.

2.º — De se haver arrojado a subir ás nuvens, e a tomar o céu com as mãos, para fazer celebre o seu nome.

3.º — De ter sido arrojada como Icaro, e temeraria como Phaetonte, pretendendo voar com azas de cêra, e remontar-se sem saber governar as redeas ao discurso.

4.º — De haver a sua ambição aspirado a conseguir o applauso da pedra de David, na victoria do gigante; e a gloria da pedra do monte, no triumpho da estatua; enganando-se porém no pensamento, por não prostrar o gigante, nem derrubar a estatua.

5.º — Ter tido a demasiada presumpção de pretender empatar as vasas, e apear tão elevado talento, dando unhadas em tão acclamada opinião, em que não podia metter dente, nem fazer móça. [1]

6.º — Esta agora é de rachar. Este papel, ou *Crisis*, chegou ás mãos do padre Vieira, que não quiz responder-lhe: *por lhe não parecer a obra cousa da India, por ser mais a liga que a prata, mais as fezes que o ouro.*

Veja-se por esta amostra se o padre Navarro se enganava, ou não, quando affirmava, e predizia applausos para a sua protegida.

Esta é a summa da catilinaria do frade contra a freira mexicana.

O reverso da medalha é este, que vou dar tambem por extracto.

1.º — Escreve a heroina portugueza (soror Margarida Ignacia) a presente apologia em despique do grande padre Vieira, castigando a ousadia e desvanecida presumpção da Mexicana; provando ser filha legitima da grande aguia africana (Santo Agostinho) e herdeira da sua prespicacia, escrevendo com penna tão fina que mostra ter sido tirada d'aquellas azas!

2.º — O credito da nação lhe aparou a penna, e lhe apurou o discurso para o certame, qual hebrea de Bethulia, a quem o amor da patria ministrou o valor, e afiou a espada para o conflicto: ambas virtuosas e triumphantes, uma com o golpe da espada, outra com o rasgo da penna.

Este final é de arromba:

3.º — Isto foi disposição da Providencia para justo castigo da vaidade hespanhola, o ter a opposição da portugueza, arguindo-a, e convencendo a subjeito do mesmo sexo e da mesma profissão, para que cedesse á valentia do entendimento de outra mulher, aquella que presumia exceder ao maior homem na comprehensão e subtileza do juizo.

Ouvimos os discursos dos advogados, antes dos depoimentos da ré Joanna Ignez, e da auctora Margarida Ignacia, que vão seguir-se: mas antes, ouçam tambem o que escreveu ácerca d'esta causa celebre o sarcastico cavalheiro de Oliveira no tomo I, das suas *Memorias de Portugal: «O padre Vieira foi censurado por uma religiosa douta e extravagante, a respeito de um sermão, cuja contrariedade intitulou sua auctora «Crisis». Outra religiosa escreveu contra este tractado, em defeza do dito padre, que tambem desgraçadamente cahio entre mãos de mulheres.»*

Confessa Soror Joanna Ignez: *que de las bachillerias de una conversacion* nasceu a idéa do seu livro. Ora se não traduz mal quem traduz *bachillerias* por *tagarelices*, encontra-se a freira afinando na corda sensivel do seu sexo, e não tenho por isso de que a accusar.

O respeito que a freira tinha pelo padre Vieira confessa-o ella mesmo dizendo: *que se Deus lhe désse o escolher talentos, outro não escolheria senão o d'elle;* mas... (com este *mas* é que a freira se desconcerta) não lhe louva a modestia, e, ao accusal-o de orgulhoso, deita as culpas de o ser o grande orador, mais á nação a que pertence do que ao seu talento e estado, o que prova vir de longe o conceito que de

[1] Estas brutalidades são textuaes, e escriptas no Hospicio do Duque, a 8 de maio de 1727.

nós formam os hespanhoes, e nós lhe retribuimos com mãos largas, n'estes e n'outros assumptos analogos.

Vamos porém ao que importa. Não sou lido, e já agora é tarde para lêr os santos padres: mas a verdade é que tres dos mais graúdos d'entre elles, Santo Agostinho, S. Thomaz, e S. João Chrysostomo foram de parecer que a maior fineza que Christo fizera pelos homens fôra morrer por elles. Devemos pois crêr na orthodoxia d'esta opinião, por ser rubricada com a assignatura d'aquelles tres sabios e santos varões, que ainda agora fazem fé em controversias d'esta ordem. O padre Vieira que não era homem para se deixar pôr a canga no pescoço, nem mesmo por mãos ungidas, um dia em que estava de maré para escrever um, entre muitos dos seus admiraveis folhetins, a que a profissão o forçava a chamar sermões, subiu ao pulpito e affirmou: *que a maior fineza que Christo fizera aos homens não fôra morrer por elles, mas sim ausentar-se d'elles.*

O sagaz jesuita demonstrou a sua proposição com o texto da Magdalena que chorou no sepulchro e não ao pé da Cruz; porque ao pé da cruz vio Christo morto, e do sepulchro ausente, sendo maior a dôr da ausencia do que a da morte.

E, como se lhe não bastasse esta demonstração, recorreu a outra, dizendo: que Christo não deu nenhuma demonstração de sentimento na Cruz, quando morreu; mas sim no Horto; por lhe ser mais sensivel a ausencia do que a morte.

A lenha que o padre Vieira deitou ao forno não foi só esta. Tendo-se compromettido a desmentir na bochecha os santos padres, e não querendo ficar mal no repto, accrescenta: *que podendo Christo resuscitar acto continuo a ter morrido, e sacramentar-se depois da resurreição, preferiu o primeiro expediente, que era remedio para a morte, e não o segundo, que o era da ausencia. Logo, sentio Christo mais a ausencia do que a morte.*

Já agora ahi vão as provas todas de Vieira, contra as demonstrações, menos subtis e menos engenhosas dos santos padres. Christo morreu uma vez (diz Vieira) e ausentou-se tambem uma vez; mas á morte deu um unico remedio, que foi resuscitar uma vez; e á ausencia procurou dar-lh'os infinitos, sacramentando-se. Logo, sentio mais a ausencia do que a morte.

Debaixo dos pés se levantam os trabalhos. Soror Joanna Ignez, que não era mulher para graças, saio-se em defeza dos santos padres, acompanhando o sermão do padre Vieira até o fim, e refutando-o com subtis argucias, e tantas, e de tal ordem, que se as dessemos aqui por trasladado, o leitor viraria as costas á freira, com menos cortezia do que a que se deve a uma das mulheres mais notaveis pelo talento, nos principios do seculo passado.

Para que o leitor não fique desconhecendo o estylo, nem a maneira de argumentar da freira mexicana ahi vão escolhidos, e postos em vulgar, os argumentos que ella contrapõe aos do padre Vieira, quando este quiz provar ser maior a dôr da ausencia do que a da morte, com as lagrimas que a Magdalena chorou sobre o sepulchro, e não ao pé da Cruz.

Ouçamos a doutora:

«Quando sentimos algum grande pezar accodemnos todos os alentos vitaes a soccorrer a agonia do coração que desfallece. Esta concentração de alentos occasiona geral embargo e suspensão de todas as nossas acções e movimentos, até que a dôr, moderando-se, o coração cobra força para o desafogo, e pelo chôro se allivia das maguas, signal de que já não carece de tanta concentração de espirito. Por onde se prova que é menor a dôr quando dá lugar ás lagrimas, do que quando não permitte que se exhalem os espiritos, por que necessita d'ellas para seu alento e conforto.»

Se tu não fosses mulher e freira, não terias idéas tão accentuadas a respeito das lagrimas que são, tem-se dito centos de vezes, o melhor apanagio do teu sexo e a maior tentação do nosso.

Esteve sem resposta o discurso de soror Joanna de Ignez de la Cruz, desde 1715 até 1727, em que soror Margarida Ignacia se saío a publico dizendo na sua *Apologia a favor do padre Vieira*:

«Reconheço que a senhora D. Joanna, foi dotada de singular engenho, viveza, e discrição, mas na combinação dos talentos, vou com ella preferindo Vieira: não ignoro que alguns seguirão o contrario, vendo que a dita senhora entra a comparar-se com Debora, e a desculpar-se com Judith, mas n'este conflicto ainda que calumnía de soberba a nossa nação nas proposições de Vieira, tambem acho que é muito menor a nossa soberba do que a sua vaidade.»

Para introducção não vae de todo mal a nossa freirinha. O peior, para credito dos conventos de freiras, foi a exemplificação que ella deu ao proloquio popular: ralham as comadres descobrem-se as verdades. Soror Margarida Ignacia escreveu, e ella que o escreveu lá tinha as suas razões:

«Tenho dado conta, curioso leitor, até dos pensamentos em que teve origem esta apologia «Crisis» acharás que foram as *bacharilices* de uma grade, (pegou bem nas palavras da outra) na qual como theatro talvez das Florindas, não podiam ter logar os Vieiras.»

Zaz!

O plano do livro de Soror Margarida Ignacia tem a forma sologistica, apresentada debaixo dos contornos pedantescos e dogmaticos que destòam não digo da modestia (o defeito contrario é commum a ambas as contendoras) mas do tom menos academico com que escreveu a freira mexicana.

A nossa compatriota propõe os termos geraes da questão, e devide esta em paragraphos, antes de expôr os argumentos e as conclusões da sua adversaria, fazendo-o diffusamente, antes de chegar ás refutações, que ficam longe das que o padre Vieira deu aos tres machuchos que enfeichou no seu sermão do mandato, e que tamanha tempestade levantou nos conventos de freiras.

Disse já algures que ainda não li sentença nem aphorismo de freira, embora disfarçados com appendices de padres-nossos e aves-marias, de onde o amor profano me não saisse rindo e batendo as azas, desarmado sim, por estar servindo na reserva dos claustros, mas chocalheiro e brincalhão, como d'elle nos deixaram retratos os poetas que mais a fundo estudaram o assumpto.

Deixarei aqui para amostra o enunciado de duas das conclusões que Soror Margarida Ignacia tirou no seu livro, e que, hão-de convir, cheiram menos ao rosmaninho das sacristias, do que aos perfumes de toucador de uma sensivel Dama das Camelias.

1.º — As finezas do amor não se devem medir pelos custos do amante.»

2.º — «Não ſe podem, nem ſe devem medir as finezas do amor pelas utilidades do amado, e ſe mostrará que as utilidades do amado deſdouram de algum modo as finezas do amante.»

Quem ſe pozér a meditar n'eſtes e ainda em outros artigos do codigo do amor, ou perde logo a cabeça ſe a tiver fraca, ou deſata a amar o proximo como a ſi meſmo, e a proxima ainda muito mais do que a ſi meſmo, porque, como diz a freira: *as finezas do amor não ſe devem medir pelos cuſtos do amante*, e então quanto mais melhor, que é a maneira da gente ſe não enganar.

O que eu apurei d'eſta briga das duas freiras foi que o padre Antonio Vieira, homem grave e ſério, e que para tudo ter que cheiraſſe a finura de engenho até foi diplomata conſummado, repreſentou n'eſte conflicto o papel que nos theatros repreſentam os amantes de farça, empuchados por duas ſirigaitas que tanto a ſi os achegam, e tanto de ſi os repellem, conſoante ao bom ou mau humor de momento de cada uma d'ellas, que acabam por lhes fazerem as roupas em haſtilhas, a apraſimento da parte bronca das platéas, que é ſempre a maioria em todos os theatros do mundo.

Se não foſſe indelicadeza da parte de quem eſtá collegindo documentos para honra e gloria do ſexo femenino, faria minhas as palavras do cavalheiro de Oliveira, laſtimando, como elle, *a deſgraça que ſez cair o padre Vieira entre mãos de mulheres.*

Não o farei, por ſer outro o dever do meu officio, pedindo até perdão ás leitoras de haver trazido para aqui as ſeveras palavras que acima ficam tranſcriptas.

L. A. PALMEIRIM.

(*) A celebre freira mexicana, soror Joanna Ignez de la Cruz, em elogio de quem se escreveram grossos volumes, entrando no numero dos seus apologistas o padre Feijó, é ainda hoje considerada como uma mulher de notavel talento, apezar das extravagancias do seu estylo, e do alambicado dos seus conceitos. Foi no seu tempo alcunhada de *decima muza*, mentira com que já antes d'ella havia sido agraciada a poetisa portugueza D. Bernarda de Lacerda. Cultivou soror Joanna a poesia dramatica, sendo as suas melhores composições n'este genero, as duas comedias: *Amor ès más laberinto*, e *Los empeños de una casa*, e os autos sacramentaes: *El sartir del Sacramento San Hermenegildo*, e *El cetro de Ioseph*.

Os criticos hespanhoes dão a preferencia ás poesias profanas de soror Joanna sobre as que tem por assumpto o amor divino. Entre as suas numerosas poesias avultam algumas de verdadeiro merecimento, e entre estas uma em que a ladina freira defende as mulheres das injustas accusações dos homens, *que as censuram sem motivo das culpas de que elles sam os causadores*. Sentimos não poder transcrever aqui na sua integra o sentencioso arrazoado da freira que começa d'este modo:

Hombres necios que acusais
à la mujer sin rason,
sin ver que sois la ocasion
de lo mismo que culpais.

Si con ânsia sin igual
solicitais su desdén,
por qué quereis que obren bien
si las incitais al mal?

Combatis su resistencia,
y luego con gravedad,
decis que fué leviandad
lo que hizo la diligencia.

Parecer quiere el desmedo
de vuestro parecer loco,
al niño que pone el coco,
y luego le tiene medo.

E por aqui fóra segue em mais doze redondilhas a defeza das mulheres, que termina com este conselho dado aos seus perseguidores:

Dejad de solicitar
y despues con más razon
acusareis la aficion
de la que os fuese à rogar.

ERRATAS

—

Por ommiſſão de que pedimos deſculpa aos noſſos leitores, deixou de ſer publicada a ſeguinte rectificação em o noſſo ultimo numero:

No artigo CAMÕES EM COIMBRA, pag. 96, col. 1.ª, lin. 1.ª e 2.ª, onde ſe lê: — «Eleito e nomeado para «eſtes cargos, pelos annos de 1547 [2]» — lêa-ſe: — «Eleito «e nomeado para eſtes cargos em 1539, falleceu pelos «annos de 1547. [2]»

*
* *

Tambem por lapſo de reviſão ſaiu incompleta no meſmo numero de julho, a ultima nota á primeira parte do artigo NOTAS AO LIVRO «AMERICO VESPUCIO» POR GREGORIO PEREZ GOMAR. Eis o ſeu complemento:

«(Luſiadas, cant. x, eſt. CXL.) — Dizia-ſe de uma «parte que o archipelago das Molucas eſtava dentro «dos limites portuguezes, e da outra que dos heſpa- «nhoes: de ahi o dinheiro que pagámos; e, por fim, «perdemos tudo!»

Typ. de Chriſtovão A. Rodrigues — Rua do Norte, 145, 1.º

A CREADA

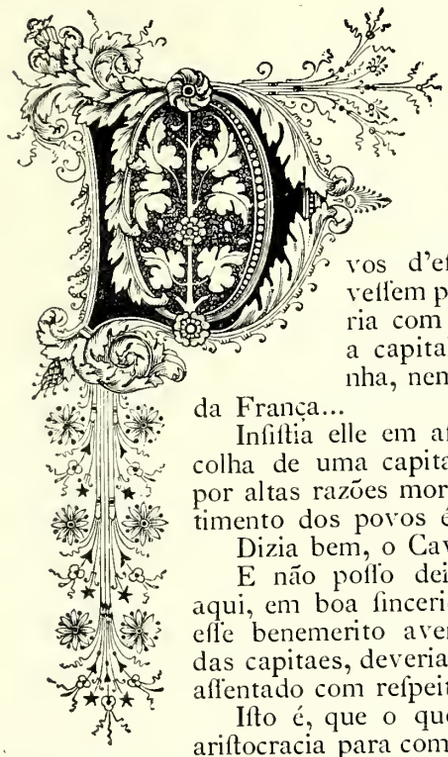
Typ. — Christovão Augusto Rodrigues.

A ARTE

LISBOA — SETEMBRO DE 1880

A CREADA

—



IZIA o Cavour fallando de Roma que não ſão razões de clima, de topographia, de estrategia, o que determina a capital de um paiz; e que, ſe motivos d'eſſa natureza deveſſem prevalecer, não ſeria com certeza Londres a capital da Grã Bretanha, nem Paris a capital da França...

Inſiſtia elle em affirmar que a escolha de uma capital é determinada por altas razões moraes, e que o ſentimento dos povos é que decide iſſo.

Dizia bem, o Cavour.

E não poſſo deixar de declarar aqui, em boa ſinceridade, que o que eſſe benemerito aventava a reſpeito das capitaes, deveria tambem ſer caſo aſſentado com reſpeito ás mulheres...

Iſto é, que o que determinaſſe a ariſtocracia para com eſſe amavel ſexo não foſſe a eventualidade, ſabe Deus de que apurada exactidão, de deſcender de D. Fuas; porém, a de ſobreſair, entre as outras mulheres, pelo encanto e poder da formoſura.

Aſſim haveria enſejo de acreditar, á moderna, a ariſtocracia do bello ſexo, ſem ſer, como ſe diz, ſob palavra; e, ao paſſo que as não formoſas ſe encontrariam a deſempenhar os cargos utilitarios e recommendaveis das artes e virtudes, não andaria expoſta a belleza das filhas do povo, tantas vezes ſuperior á de grandiſſimas damas, a fazer goſto em vingar a humildade de que procede, por extravios, que de alguma maneira poſſam dar idéa do fermentar da crapula, vindo ao de cima, até apodrecer as raças altas, — n'outros termos, a ariſtocracia a ſoffrer as repreſalias da gente formoſa e vil.

Se os *Fantoches* no Circo não conſeguiram entre nós ter fortuna, é devido iſſo a que as creanças já conſideram eſſa feſta como um divertimento por extremo pueril, e o exemplo moſtra todos os dias que os rapazes pequenos já não goſtam de montar em cavallos de pau, e compram *brebas* nos eſtancos com o dinheiro que lhes dão para comprarem nas confeitarias charutinhos de chocolate: — iſto indica que vamos de cambalhota em cambalhota, que tudo eſtá alterado, e que chegámos ao fim... do reſto.

Os jornaes democraticos deffendem a ſupremacia do talento, da coragem, do eſtudo, e do trabalho dos homens: Magarinhos, filho do povo, vale mais que D. Egas, viſto como D. Egas não paſſe de marialva das ruas, ao paſſo que Magarinhos ſeja operario, e, na officina, na fabrica, na eſchola, ſe diſtinga pela verdadeira nobreza do homem — a do trabalho.

Bem. Eſtá famoſo. Viva Magarinhos. É de juſtiça. Não ha que ſe lhe dizer.

Mas, a fêmea?

A Magarinhas?

Ella não é filha do povo?

É.

Ella não trabalha?

Trabalha.

Ella não ſe applica, não ſe dedica ao eſtudo, que lhe é proprio, não aprendeu a fazer as camas, não tem um cuidado eſpecial no tirar dos alfinetes, no bater dos colxões, no puchar do lençol, não limpa o pó ſem quebrar a porcelana, ſem entornar os fraſcos, ſem fazer cair as eſtatuetas; não coſe, não engomma, não ſabe o ſegredo da paſſagem ou rêde nas malhas da meia; não tem o geito e ſaber de paſſar a ferro rendas finas, encanudar fôlhos, enfeitar toucas; ſe cae o enfeite de um veſtido, ſaber prendel-o no ſeu lugar, arranjar com elegancia o quarto e os petrechos de toilette, não apreſentar á ama com um veſtido azul ſapatos amarellos, ſer agil em alisar o cabello, eſcoval-o, fazer os rôlos e as tranças, metter papelotes para os canudos, friſar ſem queimar e evitando os ganchos pretos, que, por terem verniz, pegam-ſe ao cabello e o eſtragam? E, ſe fôr, com iſto, e além d'iſto, bonita, como a da eſtampa, não ſerá por eſtes titulos uma rapariga, a quem a natureza tenha prendado não ſó em meritos, mas no palmo de cara, na figura, nas mãos, e... no pé, que lhe permitta calçar o ſapato da ama (pé a pedir ſetim! Cautella, porque o ſetim não ſe faz rogar para apparecer; e mais elle, que calça contra ſua vontade tantos péſunhos abſurdos que andam por eſte mundo!) não ſerá eſta Magarinhas uma democrata, arriſcada a agradar um pouco mais, do que algumas deſdenhoſas e illuſtres feias, ás quaes, pela vã inacção em que vivem, até o ſangue, que nas môças humildes, como a da eſtampa, é encarnado, ſe lhes haja, dizem, feito azul?!?

JULIO CESAR MACHADO.

OS ULTIMOS DIAS DE ALEXANDRE HERCULANO

—

ABBADO — 8 de ſeptembro de 1877 — depois de jantar, ſaí da caſa onde então morava — calçada da Eſtrella, proximo ao Largo — e fui viſitar o meu amigo Zacharias d'Aça, que habitava na rua de S. Felix, á Lapa.

Eram dous paſſos. Ia converſar e convidal-o para darmos no dia ſeguinte uma volta de caça pelo juncal da Coſta. Ia com o animo deſafogado, bem diſpoſto, como vulgarmente ſe diz.

Eſtava uma tarde magnifica, illuminada pelo ſol, ainda vivo, do declinar do verão.

Quando entrei em caſa do meu amigo, achei-o preoccupado e triſte.

Perguntei-lhe ſe tinha alguma couſa. Respondeu-me que não. Em ſeguida propuz-lhe o noſſo paſſeio á Coſta.

Calou-ſe e um momento depois diſſe-me, com certa precipitação:

— É verdade, o Alexandre Herculano eſtá doente. Parece ſer couſa grave. O Reis (Henrique Auguſto de Souza Reis, tenente coronel de artilheria, amigo de Alexandre Herculano) já partio para lá com o dr. Alves Branco.

Apertou-ſe-me o coração, que eſtava expanſivo e alegre, dizendo comigo:

O meſtre eſtá morto!

Eſcrevi um bilhete a minha irmã e saí immediatamente.

Zacharias d'Aça acompanhou-me.

Cheguei á livraria Bertrand, encontrei Auguſto Saraiva de Carvalho. Perguntei-lhe novas.

— No telegramma que recebo agora diz-ſe que é uma perniciofa.

Segui para o caminho de ferro. Tinha-ſe aberto a porta. A caſa eſtava deſerta. Entrei a paſſear de alto a baixo. Os viajantes vinham confluindo. Eu acotovelava eſte e piſava aquelle.

Ha horas em que nós quaſi perdemos a conſciencia do mundo exterior.

Minutos antes de partir o comboio appareceu á porta o dr. Joſé d'Avellar.

Fiz-lhe logo uma ſérie de perguntas importunas. Suppunha, allucinadamente, que o medico me podeſſe conſolar!

— Socega-te. Eu não ſei nada. Lá veremos o que ha.

Chegámos a Valle de Lobos ás 11 da noute, pouco mais ou menos.

Eſtava lá o medico aſſiſtente, dr. Pedroſo, e Alves Branco.

As physionomias de ambos não me influiram animo. Outro tanto me ſuccedeu quando Joſé d'Avellar voltou do quarto do doente.

Alexandre Herculano eſtava no pleno uſo das ſuas faculdades, porém extremamente agitado.

Sobre a madrugada partimos. Poucas palavras trocámos.

Joſé d'Avellar diſſe para o ſeu collega Alves Branco:

— Não goſto d'iſto.

— Nem eu! reſpondeu Alves Branco.

Depois começaram a fallar na linguagem da ſciencia.

Julguei perceber que o mal não eſtava ainda bem caracteriſado, mas que o ſeu prognoſtico era mau.

Não me atrevi a perguntar nada.

N'um telegramma de domingo (9) havia algumas palavras um nadinha animadoras.

Uma carta de Joſé Baſtos, eſcripta ao irmão, João Baſtos, e datada de domingo á noute, dizia que o doente tomara os caldos com menos faſtio e até pedira uma colher de vinho do Porto, couſa que até ahi lhe repugnava grandemente.

Fui, a correr, levar eſta noticia a Henrique de Souza Reis e Joſé d'Avellar, que eſperavam por mim na tabacaria Luſitana. N'aquellas circumſtancias, eſta noticia deu-nos alma nova.

Reis diſſe:

— D'aqui por meia hora, devo ter telegramma em caſa. Se as noticias forem boas, vamos dar um passeio ao campo e depois de jantar partimos para Valle de Lobos.

Paſſada meia hora acompanhei Henrique até ſua caſa, em frente da Bibliotheca. Fiquei á eſpera no Largo.

Baſtou-me vêl-o ſair da porta, com o telegramma na mão, para me convencer que as novas eram lastimoſas!

Não me enganei.

Antonio da Silva Tullio, extremamente commovido, tinha corrido ao Paço a pedir a Magalhães Coutinho que accudiſſe, com a ſua ſciencia e grande talento ao amigo de tantos annos.

Mandou-ſe pôr um expreſſo. Ás ſeis e meia entravamos na eſtação. Lá eſtava Magalhães Coutinho. Partimos. Eramos cinco: Magalhães, João Galhardo, ſobrinho de Alexandre Herculano por affinidade, Henrique de Souza Reis, Joſé d'Avellar e eu.

O expreſſo ſilvava conſtantemente, cortando o terreno como as aves cortam os ares.

Pareceu-nos que ia devagar.

Chegando a Valle de Lobos, Magalhães Coutinho não auſcultou o doente. Tomou-lhe o pulſo e diſſe-lhe algumas phraſes vagas. Fallou-lhe, com inſiſtencia, de um alto perſonagem que ſe intereſſava pelo ſeu estado.

Quando Magalhães Coutinho ſaío do quarto, Alexandre Herculano, muito commovido, diſſe para Joſé d'Avellar:

— Iſto dá vontade da gente morrer.

Era a frieza deſconſolada do medico e do amigo? Seria ſentir que o homem de ſuperior talento, talento que elle apreciava tanto, não lhe podendo já accudir com a ſciencia, queria, áquellas tardias horas, conſolal-o com a ſatisfação das vaidades humanas?

Foſſe o que foſſe, alguma couſa acerba lhe atraveſſou o eſpirito n'eſſe atribulado momento!

D'ali a pouco, recobrando a ſua habitual ſerenidade, diſſe-me:

— Os de caſa coitados, andam com a cabeça perdida. Dê uma viſta d'olhos áquillo lá por baixo, para que arranjem a ceia. Veja os melões. Eſte anno ſão magnificos.

De madrugada regreſſámos a Lisboa.

N'eſſe dia á noute (11) Joſé d'Avellar voltou a Valle de Lobos.

Dêmos-lhe agora a palavra:

«Meu querido Bulhão Pato:

«Para completares a tua triſte narrativa, queres que reconte o que ſe paſſou deſde o dia em que ti-

veste de retirar de Valle de Lobos e eu fiquei ao lado do nosso nobilissimo e chorado amigo, na qualidade de enfermeiro, qualidade que nunca ultrapassei, como sabes.

«Vou cumprir as tuas ordens, e em breves palavras direi os poucos e melancholicos episodios, que a minha fraca memoria não deixou escapar.

«No dia 12 resolveram propôr ao enfermo que aproveitasse a presença do tabellião — que era seu respeitoso amigo e que o vinha visitar — para fazer o seu testamento; ao que elle accedeu sem a menor hesitação, demonstrando, todavia, bem accentuadamente n'um quasi desdenhoso sorriso, que não acreditava na coincidencia d'aquella visita.

«Assisti ao acto como testemunha.

«Dictou tudo, palavra por palavra, com a maior serenidade e sem differença de tom na voz quando fallou das disposições do seu proprio enterro, que deixava ao arbitrio e vontade da sua viuva.

«Fui eu e Santos que o amparámos para se sentar na cama e assignar o testamento. Como a primeira penna — que era de ave, e com essas é que sempre escrevia — não servisse por estar resequida e com os bicos revirados, por não ter uso havia alguns dias, fui ao escriptorio procurar uma outra, que preparei rapidamente, molhando-a na tinta e collocando-lh'a entre os dedos.

«Com estas curtas demoras e na posição que conservava — ainda que amparado nos braços de Santos — tinha-se afadigado extraordinariamente, a respiração era já muito frequente e curtissima, porque a maior parte dos pulmões não funccionava, e só com grande esforço e vigor de vontade conseguiu — a muito custo e com letra muito tremida e deformada — assignar o seu «A. Herculano.»

«A palavra que, decerto, o grande escriptor traçára sempre com menos attenção e quasi automaticamente, foi a ultima que escreveu, e com tantas difficuldades e cançado trabalho como quem realmente grava no bronze eterno a rubrica da propria immortalidade!

«Deixou-se cair ossegante sobre as almofadas, com a respiração estridula e servorosa de quem já não tinha força para expectorar.

«Disse-me ainda que: os rapazes — os seus testamenteiros — poderiam publicar uns cinco volumes de opusculos com os manuscriptos que deixava e os artigos dispersos nos jornaes.

«Depois, ficou n'um torpor de repouso apparente, e nós deixamol-o como a dormitar. Estava exhausto; poucas horas tinham de decorrer para começar a agonia. De noute voltaste e, como não o desamparaste mais, melhor do que eu sabes como passaram os ultimos momentos do homem, do grande e inimitavel historiador!

«Teu velho amigo,

«*José d'Avellar.*»

Os telegrammas no dia 12 eram cada vez mais aterradores.

Henrique de Souza Reis estava descoraçoado, mas queria ainda levar o dr. Alves Branco a vêr o seu amigo.

Era um fio de esperança: agarrava-se a elle!

No comboio da noute partimos.

A viagem foi soturna.

Quando chegámos a Valle de Lobos e entrámos no quarto, Alexandre Herculano olhou para Henrique e abraçou-o.

Era um agradecimento mudo pela sua solicitude.

O dr. Alves Branco observou detidamente o enfermo. Não despregavamos os olhos d'elle. O habilissimo medico forcejava por apparentar a maxima serenidade, fallando affectivamente com Alexandre Herculano, que lhe dizia:

— Ainda que chegasse a levantar-me d'aqui, como ficaria eu?

«Valeria a pena esgotar os recursos da sciencia com um homem que já nada poderia produzir?

«Estou cançado, doutor, tenho trabalhado muito!

Quando entrámos no escriptorio, Alves Branco sentou-se, esteve alguns momentos calado, e depois, como respondendo á nossa anciosa espectativa, disse-nos, com as lagrimas nos olhos:

— É um homem irremediavelmente perdido!

Meia hora depois Henrique, morta a esperança, voltava com o doutor para Lisboa.

Eu ficava.

Abraçámo-nos sem trocar palavra.

Sobre a madrugada desci á casa de jantar, sentei-me n'uma cadeira de braços e adormeci. D'ali a pouco acordei sobresaltado.

Cantavam os passaros, vinha rompendo a manhã. Subi ao quarto. Eduardo Galhardo, sobrinho de Alexandre Herculano, filho de sua irmã, estava ali.

A luz que entrava pelas frinchas da janella sobrelevava já ao clarão mortiço da lampada accesa no quarto proximo ao do enfermo.

Alexandre Herculano disse:

— Abram a janella. Quero vêr as arvores.

Eduardo abriu as portas da janella.

O orvalho, aos clarões vivos e virginaes da alvorada, brilhava como pedras preciosas correndo em lagrimas pelos vidros empanados.

Eduardo limpou os vidros com o lenço. N'esse momento tinham entrado o quarto José Bastos, José Candido dos Santos, um dedicado amigo de Valle de Lobos, hoje morto; a ex.ma sr.a D. Marianna Herminia Meira e as amigas intimas que a acompanhavam. Não me recordo de algumas pessoas mais. A luz da manhã crescia em ondas. Alexandre Herculano estava extremamente pallido. O queixo inferior que de ordinario, quando fallava, tremia um pouco, agora tremia constante e fortemente.

Não havia nem lagrimas nos olhos, nem palavra na bocca de ninguem.

Nada, ás vezes, é mais eloquente do que o completo silencio!

Herculano, vendo entrar as senhoras, olhou fixo para sua mulher, que elle amava extremosamente, com expressão dolorosa e afflictiva.

Depois, estendendo o braço, disse com energia:

— Levem d'aqui as mulheres: mulheres não são para vêr isto.

Que se passaria n'aquelle forte, e ao mesmo tempo, amante coração ao proferir estas palavras, em tal instante, e com tal hombridade!?

O medico assistente, dr. Pedroso, chegou pelas oito horas. Na consternação da sua boa e intelligente physionomia lia-se a sentença fatal!

O creado Manuel, que Alexandre Herculano tivera em sua casa de pequeno e mandara educar, veio trazer-lhe um caldo.

Herculano fez um gesto repulsivo.

Manuel insistiu solicitamente.

O doente respondeu:

— Bebe-o tu, coitado, que neceſſitas; eu já não preciſo de nada!

As 11 horas da manhã chegou o duque de Palmella.

O duque deſde muito rapaz tivera relações intimas com Alexandre Herculano.

Quando o duque entrou no quarto, Alexandre Herculano eſtava deitado ſobre o lado eſquerdo. Sem proferir palavra, eſtendeu o braço direito e lançou-o em volta do peſcoço do ſeu amigo.

O duque fez grande esforço para conter o impeto da commoção: ainda aſſim não o poude conſeguir.

Nas longas e afflictivas horas d'aquelle dia, horas negras que, por uma antitheſe cruel, contraſtavam com o aſpecto do valle, cujas arvores e vinhedos batidos pelo ſol magnifico pareciam nadar n'um banho de luz, houve para mim um momento de ſingular conſolo.

Vendo que a reſpiração do doente era por extremo anhelante, o que me opprimia o peito, perguntei-lhe como machinalmente:

— Cuſta-lhe muito a reſpirar?

— Não, não, reſpiro bem, muito bem.

Diſſe iſto com tanta convicção e naturalidade, que eu fiquei aliviado de um grande peſo!

Queixava-ſe muito de dôres no lugar do cauſtico. Pediu que lh'o tiraſſem. Como houveſſe heſitação, diſſe:

— Tirem, tirem, agora para que ferve?

Os olhos que elle tinha de um grande brilho, apezar da terrivel enfermidade não haviam amortecido muito: conſervavam a ſua expreſſão reflexiva e boa.

O femblante eſtava dolorido, macerado; mas não havia fombras. É que as não tinha aquella alma limpida e ferena!

Não cabe n'eſtas linhas o retrato moral d'eſſe homem verdadeiramente ſuperior. Um dia, talvez em breve, tentarei fazel-o, narrando factos da ſua vida particular, factos caracteriſticos, eloquentes! Á falta de arte, haverá verdade e ſinceridade. Conheci muito de perto aquella vida immaculada, n'um decurſo de trinta annos!

Volto á minha narrativa.

A reſpiração continuava anhelante, porém menos ruidoſa. Cada vez maior difficuldade de expectorar.

Tinha alguns minutos de apparente ſomnolencia; depois, eſtremecendo, abria os olhos.

Seriam tres da tarde. Interrompendo um longo ſilencio, diſſe, apontando para os pés:

— A morte já ahi vem a ſubir.

Em ſeguida, levando a mão á teſta ampla e proeminente, bateu repetidas vezes, accreſcentando:

— Iſto ainda eſtá bom. Foi muito rijo.

Eſteve alguns ſegundos fitando-me e continuou:

— Agora vocês é que ficam ſendo os velhos!

Nas horas em que eſtive ao pé d'elle, durante a enfermidade, foi n'eſſe momento que pela primeira vez lhe vi os olhos humidos de lagrimas.

A tarde começou a declinar. Eu eſtava no ſeu gabinete de trabalho, proximo do quarto.

Eduardo Galhardo chegou-ſe a mim.

— Olha, o tio recitou agora alguns verſos; mas eu não pude perceber bem.

Abeirei-me do leito e fallei-lhe.

Reſpondeu:

— Ainda lhe comprava mais dous centos.

Tornei a fallar-lhe.

Repetiu as meſmas palavras, e, paſſado breve espaço, acreſcenfou:

— Tanchões de oliveira.

Os olhos haviam tomado expreſſão diverſa, eſpantados, defvairados.

Eſtava em delirio.

Saí ou antes fugí do quarto.

Quando vi tranſtornada aquella ſoberana razão, que deſde os meus dezeſeis annos me habituara a venerar e admirar em diurna convivencia, perdi completamente o animo.

Sem me deſpedir de ninguem, metti-me com o duque de Palmella n'uma caleche e parti.

D'ali a pouco mais de duas horas Alexandre Herculano eſtava morto.

*
* *

Voltei no dia ſeguinte (14) á noute.

Não achei conducção na Ribeira de Santarem e ſó na cidade, de madrugada, pude obter um trem que me levaſſe a Valle de Lobos.

Era a ultima deſpedida. A alma humana, ſob qualquer forma, ha de tender ſempre para eſtas manifeſtações, ter eſtas exigencias, por mais que os espiritos poſitivos lhe chamem puerilidade.

Não foram, ha pouco ainda, os communiſtas da França, que não acreditam em Deus, levar corôas de perpetuas á valla onde haviam caído trucidados pela reacção aterrada e enfurecida — o medo é feroz! — milhares dos ſeus camaradas?

Eram vermelhas as corôas. A côr que importa?

Quando entrei no valle vinha clareando a manhã.

As duas enormes faias do eremiterio, meneando-ſe e acurvando-ſe com a aragem viva da madrugada, pareciam chamar, convidando o recemchegado a que vieſſe commemorar com uma lagrima a folidão em que as deixara a perda do ſeu agreſte amigo!

O ſol, creſcendo em torrentes de luz, innundava d'ali a pouco a paizagem.

No ar, onde rutilavam columnas de pó dourado nos claros das alamedas, zumbiam os inſectos com uma vibração alegre — ironica e cruel para a alma dos triſtes!

As folhas de terra do fundo do valle e as encoſtas de bacello, denunciando proſpera colheita, eſtavam ali para confirmar a ſolicitude e meſtria da mão que as cultivara.

Valle de Lobos, nos ultimos annos, foi uma granja modelo onde até os mais contumazes na rotina vinham eſtudar e aprender.

Era ainda um ferviço preſtado por aquelle homem de eleição, entre tantos que fizera ao ſeu paiz.

Com o altear do dia foram chegando os que vinham para ſeguir no preſtito.

O firmamento ſem uma nuvem, d'um azul vivo e profundo, oſtentava a ſua ſerenidade olympica ſobre as lagrimas e miſerias d'eſte mundo! As aguas da mina, refervendo, deſciam pelos encanamentos para irem regar a varzea. Na varzea as vaccas turinas, com a barbella pendendo em dobras, o peſcoço recachado, os uberos turgidos, repleſtas e deſcançando deitadas no hervaçal, vôltavam vagaroſamente a cabeça a reparar para a linha negra e taciturna dos convidados, que ſeguia pela bordada do valle, e fitavam eſtremecendo a orelha velloſa como attonitas de vêrem na ſua alegre paizagem aquelles inuſitados e ſombrios vultos!

Na clareira do valle, no fundo verde-eſcuro do ou-

A INNOCENCIA E A MALICIA

teiro, refaíam as cafas da aldêa com as chapadas de luz da força do dia.

Entre os que feguiam no preftito, um homem de verdadeira fciencia e talento, Antonio Augufto de Aguiar, proferio á beira da fepultura do grande hiftoriador algumas palavras notaveis e commoventes. Não as ouvi, porque não fui ao cemiterio.

Os camponezes offereciam ramos de oliveira ás peffoas que tinham vindo de Lisboa.

As oliveiras que elle lhes enfinara a tratar!

Preftavam efta homenagem, na fua ruftica e affectuofa finceridade, não ao efcriptor que não conheciam, mas ao amigo de tantos annos, que refpeitavam e amavam, porque lhes accudira fempre com o confelho e com o remedio.

D'aqui a poucos dias completam-fe tres annos (13 de fetembro) que defappareceu a luz de um dos mais elevados engenhos que tem tido Portugal, e acabou para mim um grande amigo.

Eftas linhas fão um defafogo.

Creio que o paiz não verá com indifferença a historia religiofamente verdadeira das ultimas horas e das ultimas palavras do feu mais illuftre cidadão.

Agofto, 30 de 1880.

BULHÃO PATO.

CONTRIBUIÇÕES DO CENTENARIO

Descripção geral e hiftorica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal, por A. C. Teixeira de Aragão, vol. III.—Imprenfa Nacional, Lisboa, 1880.

—

As publicações confagradas á commemoração do tricentenario da morte de Camões é uma das mais notaveis, entre as que o fão, aquella cujo titulo deixamos enunciado. Fidalgamente pagou o sr. dr. Teixeira de Aragão o feu preito á memoria do épico fublime dos *Lufiadas*; dos prélos portuguezes raro fáem obras de tão alta fignificação e de valor tão indisputavel. O novo livro do sr. dr. Teixeira de Aragão confirma de um modo affaz brilhante, para que poffa dar lugar a equivocos, a reputação de que o auctor gofava, e fe os feus trabalhos antecedentes fe tornavam um auxiliar de primeira ordem para o eftudo economico-focial da nação portugueza e para a hiftoria da arte nacional, efte avantaja-fe-lhes por um outro lado inapreciavel, tal é a fua grandeza: na —*Defcripção geral e hiftorica das moedas da India* eftá a mais completa accumulação critica e methodica de materiaes para a hiftoria do dominio portuguez no Oriente, hiftoria que já agora não poderá jámais fer levada a cabo fem a confulta detida e frequente d'efte volume.

Compulfando larga copia de manufcriptos ineditos que fem a fua perfeverantiffima actividade de inveftigação rigorofa, teriam ficado inlabyrintados nos archivos e nas bibliothecas, que percorreu, o sr. dr. Teixeira de Aragão reuniu um numero tão refpeitavel de fubfidios e de informações, manufeou tão grande maffa de documentos, explorou com tão feguro criterio todo effe arfenal incognito ás viftas dos profanos, que o feu livro, efcripto no eftylo facil e claro, que é um dos predicados da vulgarifação fcientifica, prende-nos mais e mais, á medida que o vamos percorrendo, á medida que nos familiarifamos com effe meio, vagamente conhecido, em que Camões realifou a obra fublime dos *Lufiadas* e Garcia de Horta efcreveu os *Coloquios dos fimples;* em que a noftalgia da faudade da patria, que havia de infpirar tantos feculos depois a mufa fentimental de Garrett, invadia o peito d'effes obfcuros poetas anonymos da *Hiftoria Tragico-Maritima.*

N'um ramo de eftudos tão pouco tractado entre nós que apenas fabiamos dos parcos apontamentos infufficientes de Severim de Faria, da *Memoria* de Lopes Fernandes, infufficiente por egual, e das noticias, fem connexão, fragmentadas, defde a *Hiftoria Genealogica* até ás hypothefes de Herculano nos volumes da primeira ferie do *Panorama*, para não fallarmos nos innocentes devaneios da *Illuftração* e dos almanachs de lembranças, a obra do sr. Aragão —que fez a Portugal o mefmo que Campanear y Fuertes, Antonio Delgado e Weiff fizeram á Hefpanha nos feus livros monumentaes,—a obra do sr. Aragão mais era para fer apreftentada como o refultado dos eftudos de uma commiffão efpecial que como o trabalho de um fó homem. É na verdade extremamente confolador, depois de continuas e ininterrompidas fadigas de longos annos, vêl-as defentranhar-fe em fructos uberrimos, como o livro de que vimmos fallando.

Eram totalmente desconhecidos entre nós os tractados tão completos de Ailly, Cohen, as reviftas efpeciaes allemãs e francezas e mesmo as inveftigações feitas na outra nação peninfular, quando o sr. T. de Aragão publicou a fua *Hiftoire du Travail.* Portugal que até então apenas dera no periodo contemporaneo á fciencia numifmatica, a pequenina monographia *das moedas fuevo-luzitanas* (Revue Numismatique), refumo no gofto dos de Chalon, Prof. Chantard e outros, tornou-se conhecido de uma maneira unica na Expofição Univerfal de 1865, a ponto da maior parte dos commiffarios dos paizes que concorreram a effe vaftiffimo certamen da civilifação, felicitarem, verdadeiramente furprehendidos, o auctor do preciofiffimo catalogo. Eftava dado o primeiro paffo:—a numifmatica portugueza era emfim conhecida no eftrangeiro, e os directores dos mufeus procediam finalmente á claffificação da ferie portugueza, em alguns medalheiros affaz notaveis, como por exemplo aquella de que o sr. Jofé Julio Rodrigues, na volta da fua viagem commiffionada, deu conta no *Jornal da Noite.*

A *Hiftoire du Travail* fôra, porém, um como que rafcunho; pouco depois feguiu-fe-lhe uma obra folida, fem precedentes, que a Real Academia de Historia de Madrid coroou e que o sr. Alexandre Herculano, depois de confeffar que lhe teria poupado não pequeno trabalho fe já exiftiffe, quando a *Hiftoria de Portugal* foi elaborada, caracterifou como um livro fério, dos que honram a terra em cuja lingua fão efcriptos. Reduzidos na quafi totalidade dos cafos a fuppofições ingenuas com as quaes a critica não difpenderá de oravante um fó momento de attenção, os magros fubfidios que o haviam precedido, defappareceram deante da obra do sr. Aragão; os artiguinhos curiosos e banaes, que rebentavam, como cogumellos nas reviftas e nos almanachs, defappareceram

totalmente, ao mesmo tempo que se eclipsava a sciencia do sr. abbade de Castro, o mais teimoso productor de folhetos que jámais viveu em terras portuguezas.

Tivemos finalmente quem nos dotasse com um vastissimo monumento, que excede em muito o que o hespanhol Florez ergueu aos municipios romanos da sua patria e que hombreia com o do doutissimo allemão que escreveu recentemente a bella memoria de *Las monedas cristianas de España*. Póde-se affirmar affoutamente que por um grande numero de casos o sr. dr. Teixeira de Aragão diz a *ultima* palavra sobre assumptos a *primeira* vez tractados.

Percorrem-se sem fastio, a maior parte das vezes com o largo interesse de quem viaja em busca do desconhecido, as folhas da descripção das moedas da India, e, a cada momento, que desfilar de grandezas no passado homerico de Portugal, que de glorias ligadas áquelles bronzes toscos, cunhados a martello, áquelles *calains*, que hoje apparecem, quasi todos, inteiramente frustos para eterno desespero dos collecionadores!...

Passa deante de nós, com o seu olhar altivo e triumphador, a severa phalange dos governadores da velha India, dos vice-reis successores de D. Vasco da Gama, o descobridor audaz d'essa nova promissão, que o espirito cavalleiresco e inquieto dos filhos do Mestre de Aviz, tentára entreavistar ao longe, por entre as brumas do horisonte.

O livro do sr. dr. Aragão foi como que um pretexto para essa resurreição gloriosa de heroes, no momento em que um povo inteiro, ou para melhor dizer a maior parte de um povo, se levantava em torno do vulto legendario do apostolo formidavel da sua nacionalidade.

A *Descripção historica das moedas da India*, a que o auctor appensou tambem as da Africa occidental, abunda como dissemos, n'uma larga copia de documentos, notaveis, de primeira ordem, e se é certo que os paragraphos da carta em que Filippe I ordena o supplicio do Prior do Crato, acto continuo ao seu sallado desembarque em Gôa, são extrahidos do *Archivo* de Cunha Rivara, tambem é incontestavel que peças de subido valor como a carta de D. José I ao conde da Ega participando-lhe o attentado Aveiro-Tavora e ordenando a prisão dos jesuitas e a confiscação dos bens da Ordem, foram pela primeira vez arrancadas aos numerosos manuscriptos que o auctor consultou e de que nos dá uma noticia amplissima e bem elaborada. Quem publica um livro d'esta ordem toma um compromisso com todos quantos lhe aplaudem o esforço nobilissimo: accumulando os materiaes para a historia do dominio portuguez na India, mostrando-se possuidor das chaves que dão entrada para esse palacio encantado, a que os velhos chronistas, apenas, transpozeram os humbraes, o sr. Teixeira de Aragão tem o restricto dever de nos dar essa historia, como um governo (não diremos patriotico), conscio da sua missão, deve subsidiar quanto em suas forças caiba um tal commettimento.

Não fazemos critica, que para isso faltam-nos conhecimentos especiaes; dissémos apenas o que nos suggeriu a leitura ininterrompida que fizemos das setecentas paginas do luxuoso volume, que modestamente annunciamos. Dos curiosas gravuras, que encontrámos, á medida que nos fomos adeantando na leitura, é de uma importancia superior a velha planta de Gôa reproduzida em *fac-simile;* o monumento de Affonso de Albuquerque e a data dos vice-reis, dão-nos idéa de uma architectura de um pittoresco accentuado e a *singela obra d'arte que o amor de pae acceitou com gosto, deixando a outros a sua critica*, revela no sr. Luiz de Aragão, de quem aliás conhecemos trabalhos mais superiores, vigorosas aptidões.

No fim do volume encontram-se quinze *planches* com os desenhos das moedas descriptas no texto.

Saudando cordealmente o sr. dr. Teixeira de Aragão, antevemos a unica mas verdadeira recompensa do seu trabalho incessante no momento, aliás bem proximo, em que a sciencia europeia recorrer ao seu livro, como a uma das mais luminosas fontes para o conhecimento das evoluções porque tem passado esse grande povo, que brilhou nas estrophes gloriosas de Camões, tantos mil annos depois de ter illuminado o Rhamayâna; que acolheu no seu seio o valor indomavel de Vasco de Gama e do terribil Albuquerque, a bondade primitiva de D. João de Castro e a lealdade sublime de D. Diogo de Menezes, cuja cabeça ensanguentada o duque d'Alba atirou do patibulo á independencia portugueza moribunda; que abrigou em si todos esses prophetas heroicos da épocha das conquistas, como o ceu azul, infinitamente bom, abriga os astros immortaes.

S. João da Foz, 12 de setembro de 1880.

JOAQUIM DE ARAUJO.

A RETIRADA PARA A GALLIZA

1828

(FRAGMENTO [1])

CABÁRA o episodio da *Junta;* mas não as suas consequencias. Uma, a das forcas, virá mais tarde; a outra, a do exodo do exercito, tem aqui o seu lugar natural.

Logo na manhã do dia 3 soube o Porto do embarque dos personagens; cada qual tractou de se salvar do Povoas e dos miguelistas que vinham proximos. O exercito descia então, calada e tristemente, de Grijó e da Bandeira para o norte do Douro, concentrando-se no campo de Santo-Ovidio. Abandonado á sua miseranda sorte, apenas o bom, o grave brigadeiro Pizarro restava para o commandar com o nobre e heroico Bernardo de Sá, em quem o brio portuguez vivia e que recusara o seu lugar no *Belfast*, preferindo a ignorada sorte dos companheiros de armas. Havia em Santo Ovidio de 5 a 6:000 homens de tropa e quasi outro tanto de gente que fugia da cidade: paes que

[1] Do *Portugal Contemporaneo* (Bibliotheca das Sciencias Sociaes), no prélo.

abandonavam os filhos, filhos os paes caducos, maridos as mulheres debulhadas em lagrimas. Partiram, fem ordem, fem forma, como uma tribu emigrante. Era um amontoado de gente a pé, a cavallo, fardada, paizana, armada, inerme; iam as eftradas cheias de bagagens e os foldados com molhos de trigo ceifado (era julho) ás coftas, para dormirem, quando e onde foffe poffivel. Ouviam os fignaes e toques do Povoas que entrava no Porto; e provavelmente não fe deteria em uma cidade abandonada, avançaria a atacal-os. Para onde iam? Para a Galliza,—mas como foi Colombo para oefte, fem rota, nem governo, ao acafo. Tinham Braga e o Minho, miguelifias, coalhado de guerrilhas, pela frente.

Povoas entrou no Porto fem executar as ordens de Carlota Joaquina. Ninguem matou. O honrado e bom general deteftava a guerra civil e não queria abrir entre os partidos uma valla de cadaveres e fangue. A fua moderação honra a fua humanidade. Por iffo não perfeguiu os fugitivos. Deixou-fe ficar a affiftir á acclamação de D. Miguel.

Arraftando-fe, os emigrantes chegaram a Santo Thyrfo, fobre o Ave. Pararam: contaram-fe as tropas: 6:000 homens, 400 cavallos e 20 peças de artilheria. Já alguns tinham defertado. Era de noute, no dia 3, e Bernardo de Sá ordenou o acampamento, organifou a marcha, guardando para fi a retaguarda mais perigofa, dando a frente ao brigadeiro Pizarro. Effa noute foi terrivel. Em Guimarães havia uma divifão miguelifta, guerrilhas em Braga, e Povoas eftava no Porto: iam fer infallivelmente mettidos entre os tres fogos, obrigados a render-fe. E a demais não havia confiança na firmeza das tropas; e era difficil invocar exemplos, quando o dos chefes fôra a fuga. De madrugada todos já fabiam d'ella: o Saldanha, todos, até o Schwalbach! e o Silva Pereira! Bernardo de Sá chorava de trifteza e raiva. Caçadores 6 e parte de infanteria 21 voltaram-fe, defertaram.

Se fe demoraffem fugia tudo. Era urgente marchar para falvar a honra, ao menos. Arraftando-fe, partiram, de aza ferida, como o *Belfaft*, ao largo, no mar...

Seguiam direcção á ponte do Prado, junto a Braga, para galgar o Cavado. Bernardo de Sá, a cavallo, na retaguarda, efcutava: avançaria o Povoas? Mas nada fe ouvia; e todo o feu defefperador trabalho era impedir, raivofo, as deferções.

Havia um calor fuffocante. Os foldados ficavam aos grupos, ás dezenas, para traz, a rapinar pelos campos e villares difperfos—n'effa região do Minho, onde não ha palmo de terra fem cafas. Montavam, defciam a Falperra, de ladroagem celebre; agora coroada de guerrilhas que zumbiam e atiravam de longe impunemente. O 21 defertor andava com ellas.

Affim chegaram a Braga, onde o coronel Raymundo preparára a refiftencia. Tiveram duas horas de fogo, entrando por fim. Os frades tinham atirado dos conventos, fazendo das janellas fetteiras; e em paga a cidade foi faqueada e houve mortandade pelas ruas. A paffagem do Cavado estava conquiftada e d'alli, internando-fe pelo Gerez, onde os rios do norte nafcem, não havia mais obftaculos até á fronteira. Mas era neceffario partir, feguir, fem perder tempo. Pois não viria o Povoas a marchas forçadas, do Porto?

Os foldados, porém, recufavam-fe; não queriam profeguir; preferiam entregar-fe a D. Miguel; deitavam fóra as armas e as muchillas, defapiedados contra effa aventura de perdição. Bernardo de Sá era o depofitario de honra nacional; e a fua nobreza, a fua intemerata coragem, a fua aberta decifão, confeguiram congregar a tropa.—Preferem uma vergonha? Vão, defertem, corram de joelhos pedir perdão ao ufurpador!—Ao que os foldados com o inftincto collectivo da verdade objectavam que fugiam fem combater.—E Sá, a cavallo, com os olhos arrafados de agua, refpondia-lhes:

—Tambem eu tenho vergonha d'iffo, rapazes!

Largaram no dia 5, feguindo o curfo do rio Homem, a internar-fe nas montanhas do Gerez. Veredas invias, fó trilhadas pelo paftor feguindo as fuas cabras, não davam paffagem á artilheria. A firmeza ftoica de Bernardo de Sá na retaguarda confeguira dominar por um momento o defefpero das tropas, mas já não podia agora contel-as. Praguejavam, diziam mal do feu deftino; e dous regimentos menos foffredores, pararam, acclamando D. Miguel. Se Povoas apparecceffe, era evidente que a legião debandaria, e a humanidade do general foi caufa de muitos crueis males deshumanos.

Dous regimentos acclamaram D. Miguel, e houve por iffo fogo: um verdadeiro combate. Pizarro e o eftado-maior na vanguarda, ouvindo os tiros, julgando-fe colhidos pelo inimigo, largaram fugindo, ao desfilado galope dos feus cavallos, faltando barreiras e precipicios, colleando defpenhadeiros, em demanda da fronteira,—a falvação.

Deram comfigo em Lobios, já na Galliza, e ahi foi parar o roto farrapo do exercito da *Junta*. Era no dia 6: o *Belfaft* rodava á toa, e a marinhagem bebada atirava com elle para as pedras do Finifterra. Tudo fazia agua, na barca da Conftituição...

Lobios, onde acamparam, é um deferto, ladeado por aldeias de gallegos famintos, quafi-felvagens: era uma gente avara, immunda, miferavel. Havia, n'effas altas chapadas das ferras, um frio vivo, apezar de fer verão, e um temporal de chuva desfeito.

As faces efcorriam lagrimas, os andrajos esfarrapados efcorriam agua, dos falfeiros que penetravam até aos offos. Além do frio, além da chuva, vinha a fome; a brôa de milho valia a tres toftões o arratel. E a bordo do *Belfaft* havia os vinhos preciofos e os acepipes dos cofinheiros delicados, ajuftados por Palmella em Londres. De um lado eftalava o champagne, do outro os foluços dos infelizes abandonados. Os foldados vinham, lavados em lagrimas, dizer adeus aos feus officiaes: voltavam a Portugal conformados com a fua forte. Os officiaes tambem defertavam; e um regimento, á falta d'elles, elegeu para o commando o foldado mais velho. Um dos commiffarios, mandado a comprar mantimentos, fugiu com o dinheiro, fette contos. E muitos queriam que Pizarro dividiffe por todos a caixa militar que tinha cento e trinta contos. O brigadeiro, conhecendo-os, não annuiu, por faber que, diftribuido o dinheiro, debandariam todos com as algibeiras cheias.

Os aldeões gallegos depennavam-n'os; e commandando as milicias de cretinos appareceu um Quixote caftelhano, ou gallego com rompantes de andaluz, a fuftigar os infelizes com chicotadas de infultos, com infolentes inftancias para voltarem para traz, entregar-fe á religião e a D. Miguel. De 6:000 homens que

eram ao partir do Porto, um terço ficara pelo caminho; e dos 4:000 que paſſaram a fronteira conſeguiram as miſerias do acampamento de Lobios fazer regreſſar ao reino 1:600,—emigrando por fim dous milhares e meio.

Apeados, deſarmados, vexados, rotos, immundos, famintos, os farrapos do exercito da Junta foram em conductas ou pelotões enviados para o Ferrol e para a Corunha. Ahi ſoube de tudo Palmella arribado no *Belfaſt*, com agua aberta, e ficou deſpeitado.

O honrado Pizarro com o dinheiro que tinha era a ultima providencia dos infelizes fuſtigados pela Heſpanha; e de toda a Europa, apenas viam na Inglaterra, onde Palmella, já regreſſado, geria os milhões da divida brazileira, um aſylo poſſivel para a ſua miſeranda ſorte. Fretaram barcos, indo em turmas no fundo de porões infectos deſembarcar em Plymonth. A ariſtocratica diſtincção de Palmella fez nojo um tão immundo eſpectaculo. Mandou-lhes eſmolas ſem vir apertar-lhes a mão; e ſocegado no ſeu palacio de Londres, ordenou que os arrumaſſem no celebre, hiſtorico Barracão. Lá iremos, mais logo, acompanhal-os.

OLIVEIRA MARTINS.

ESTOICISMO

—

Tu que não crês, nem amas, nem eſperas,
Eſpirito de eterna negação,
Teu halito gelou-me o coração
E deſtroçou-me da alma as primaveras...

Atraveſſando regiões auſteras,
Cheias de noite e cava eſcuridão,
Como n'um ſonho mau, ſó oiço um não
Que eternamente echoa entre as eſpheras...

—Porque ſuſpiras, porque te lamentas,
Cobarde coração? Debalde intentas
Oppôr á Sorte a queixa do egoiſmo...

Deixa aos timidos, deixa aos ſonhadores
A eſperança van, ſeus vãos fulgores...
Sabe tu encarar ſereno o abyſmo!

Junho de 1880.

ANTHERO DE QUENTAL.

A INFANCIA E A MALICIA

—

Que mal empregas o tempo, gentil creança, afagando carinhoſa o mais traiçoeiro animal que Noé recolheu na arca!

O meigo ſorriſo com que eſtás olhando para eſſe gatarrão eſpantadiço, ſer-te-ha talvez retribuido com uma unhada cruel.

E elle, o bicho felino, ao cravar no ſetim da tua pelle roſada as garras lancinantes, ficará contente de ſi e glorioſo de aſſim correſponder ao ſuaviſſimo reflexo da tua alma candida, affirmando as tradições da ſua malevola raça.

É manſo, é intelligente, é lindo, falta-lhe ſó fallar — dirás tu, innocentinha; e, confiada nas boas qualidades que lhe attribues, eſquecida de que um momento baſta para deſencadear a tempeſtade, aconchegas ao ſeio virginal o ſymbolo da aſtucia e da malicia.

Pobre de ti, creança, pobre de ti, que haſde ſer mulher, ſe, habituada a confiar no disfarce que illude, na apparencia que engana, te deixares prender mais tarde na rede bem urdida de alguma promeſſa fallaz.

Agora, que ainda é tempo; agora, que o teu coração juvenil não pulſa ainda agitado pelas ardentes paixões d'eſte mundo; agora, que os teus formoſos olhos ſe não inundam nas lagrimas dos deſgoſtos pungentes; agora, que ainda és feliz, porque és menina, deixa que te dê um conſelho: Manda o bichano para o ſeu officio — o de caçar ratos — e volta-te alegremente para a borboletinha que te eſtá ao lado, branca como a pureza da tua alma, como tu, innocente e incapaz do mal, e que ſe quer com as flores, tuas e ſuas companheiras.

Ora, como a creanças é coſtume de velha uſança contar hiſtorias, vou dizer-te uma que a ti te deve ſervir de aviſo e de razão ao meu conſelho.

Era o ſabio de Meca, o guerreiro da Syria, aquelle que evangeliſou os dogmas da unidade de Deus, da immortalidade da alma, da vida eterna e do juizo final, aquelle que eſtabeleceu como preceitos a oração e a eſmola, era o propheta Mahomet, emfim, que um dia eſtava eſtudando e talvez eſcrevendo o projecto de reformar a religião do ſeu paiz e de reunir em um ſó culto as diverſas religiões que então dividiam a Arabia.

N'iſto, um gato que elle tinha o mau goſto de estimar com entranhado affecto, e ao qual portanto concedia immerecidas liberdades, veiu inſolentemente deixar-ſe adormecer ſobre a manga do ſeu caftan.

Mahomet não ſe atreveu a acordal-o, Mahomet cortou a manga ſubtilmente, Mahomet, o esforçado pelejador, teve medo, arreceiou-ſe de deſpertar o gato!

É que Mahomet ſabia que peior do que um gato não ha n'eſte mundo ſenão... uma gata.

FERREIRA DE MESQUITA.

Meu charo Souza e Vasconcellos.

Pede-me pessoa a quem desejo servir para que seja publicado na *Arte* esse contosinho do sr. Domingos Ramos, moço da nova geração.

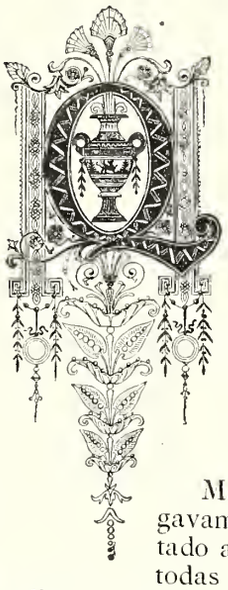
Póde o meu amigo, n'um dos proximos numeros, dispôr de uma columna do jornal que tão acertamente dirige? Será mais uma fineza do seu

Agosto, 12 1880.

BULHÃO PATO.

CERF-VOLANT

(A JOÃO ARROYO)



Que sonhos de infinitas esperanças não concebia Pedro com os seus quatro vintens! Quatro vintens de fio! Fio bom, forte, do inglez... Já tinha uma massaroca d'este, mas ainda lhe faltava um pataco!

Que estrella não havia de ser! Que grande rabo que ella já tinha e que cabeça! Dous *Jornaes do Commercio* inteiros, para a frente, outros dous para traz. As cannas foram todas escolhidas por elle no cannaveal ali da praia!

Mas faltava-lhe um pataco!

Chegam senhores da cidade, pego-lhe na mola e...

Mas os senhores da cidade não chegavam e o rabo da estrella estava deitado a um canto, matizado de papeis de todas as côres que elle ajunctou, que pediu e que até... roubou.

Elle não tinha com que o comprar.

Sabe Deus quanto lhe custou para arranjar os quatro vintens!

A estrella, cuidadosamente posta sobre o catre, dormia todo o dia, e toda a noute. Quando se ia deitar tirava-a com carinho e cuidado de sobre a coberta esfarrapada, punha-a pendurada pelo compasso n'um gancho no meio da casa e dormia e sonhava com a sua estrella.

Como ella havia de subir e que bom vento se tinha perdido aquella tarde, mas o fio era pouco... mais um pataco, e via patacos por todos os lados a cahirem sobre elle sem o maguar.

Eram luzentes, dourados, via-os sobre o mostrador de João Caetano, que tem a loja na esquina; quem lhe dera ser filho d'elle, roubava-lhe o fio todo e depois de vêr até onde a estrella podia subir, tornava-o a pôr no mesmo sitio muito bem dobado, muito arranjado. Mas... accordava e ao lusco fusco, lá via elle a sua grande estrella com seis grandes lados, em cada vertice dos angulos uma bola de papel de seda. Que riqueza!

O sol tinha-se levantado alegre, da natureza cantava tudo com uma expansibilidade que não havia cousa alguma que não tivesse um som. O mar, esse no bater incessante da onda, marcava o limite d'um azul purissimo e limpido que se não fôra o movimento da vaga e a côr opalina da agua, enganava e seria tudo um ceu. E que ceu! nem uma nuvem! fazia gosto de ser sol para escorregar n'este macio setim finissimo. A arvore balouçava a tremer a folhinha pequena e lustrosa; o insecto zumbia e o vento leste soprava quente, e rolas atravessavam o espaço aos bandos, fugindo ao tiroteio dos caçadores.

Era meio dia. A arêa da praia escaldava e o mar continuava batendo a onda na arêa alastrando a agua ou cortando-a em espuma que se escondia fazendo covinhas na arêa tornando-a mais escura.

Pedro andava a correr com a estrella de um para outro lado, e a estrella sem querer subir. Vinha n'uma corrida desabrida do fundo da praia pertinazmente olhando para traz, mas ella não tinha ainda ganho vento.

Depois de uma lucta gigantea principia de subir. Pedro parou. Largou-lhe o fio. Tinha muito. Mais do que elle imaginára! A estrella subio impavida, atrevida, dando voltas ao rabo de contente, e de vez em quando parecendo comprimentar o dono. Ia já tão alta, e que fio elle tinha que lhe largar! A massaroca ia esvasiando, tocando, produzindo um som sempre que dos dedos despegava nova volta, e a sua estrella subia, subia, subia...

Amarrou o fio que lhe restava á cinta e agora que ella estava agarrada, no ar, parada, quasi direita, desafiando as rolas que continuavam a passar mais baixas do que ella, Pedro recuava, adeantava-se, corria, tocava uma musica na corda tensa, e tinha realisado o seu desejo.

Onde iria ella se ainda houvesse muito fio?...

Mas a estrella principia a girar. A enorme cabeça era pequena no espaço, as borlas não se viam. De repente ganha força. Ella quer eleval-o aos ceus, quer leval-o comsigo, não consente que seja da terra, puxa por elle, arrasta-o, elle segue-a, segue-a, entra pelo mar dentro puxado, atrahido, desvairado, deixa-se puxar, atrahir, desvairar e a onda cobre-o, mas elle preso pela cintura, lá vae arrastado pela ressaca, sem se poder salvar. Parte-se o fio! A estrella enrodilhando a cabeça com o rabo volta-se no espaço e cae com a rapidez do raio para salvar a victima.

Era já tarde!

Á noute a lua mergulhando-se no mar, illuminava a praia parecendo um pedaço de ferradura em braza! Pedro era levado pelas ondas quem sabe lá onde.

DOMINGOS RAMOS.

N'UM BILHETE

Hoje banhou-me a limpida alegria...
Ha quasi tres semanas que eu não via
A doce luz immaculada e pura,
Que chove d'esse olhar—(dôce ventura!)—,
Que é côr da noite e que illumina o dia.

Setembro, 1880.

JOAQUIM DE ARAUJO.

A JORNADA DOS SECULOS

(Continuado de pag. 62)

no culto de Baccho que se devem procurar as origens do theatro grego. Ora, como pondera Burnouf, toda a interpretação do mytho de Baccho está nos *Vedas;* é n'este velho codigo religioso da India que sob a fórma de uma legenda mystica se acha a historia natural do *sôma*, o licor sagrado dos aryas da Asia.

Na tradição grega, Semele é a mãe de Baccho; Jupiter é seu pae: Semele morre, o bago da uva senece, mas Jupiter, o ceu, faz arrancar-lhe do seio o feto que ha de ser Baccho, ao qual aviventa e fortalece. Semele parece derivar de *sômalâ* ou *somalatâ*, a planta sarmentosa que produz a uva. Jupiter (Zeus) é o *Agni vedyuta* dos hymnos védicos. A legenda dionysica reflecte a tradição oriental do licor sagrado.

As festas em honra de Baccho compunham-se de duas partes, uma grave e séria, de um caracter lithurgico, consistindo no sacrificio de um bode cuja pelle se aproveitava para transportar o vinho novo; e outra, grotesca e popular, que celebrava a epocha das vindimas, especie de parodia á outra festa, pois que a figura obesa de Sileno representava o odre, bamboando-se tumido, e os Satyros orelhudos e os Pans avinhados (na tradição védica cabe aos *Panâs* a tarefa de pisarem as uvas) são reproducção faceta dos sacerdotes que sobre o thymele, o altar dos perfumes, offereciam a Dyonisos o bode com a libação do vinho novo. O festim popular, que durava um dia inteiro, tomava o nome de *cômos*.

N'estas duas festas em honra de Baccho estão justamente as origens do theatro grego: da festa religiosa, nasce a tragedia; da festa popular, procede a comedia. Como? Burnouf responde: «Aquelle que primeiro destacou da cerimonia sagrada o canto do bode, e representou livremente os dithyrambos, foi o primeiro author de tragedias; e aquelle que deu ao canto do *cômos* a fórma regular de uma acção poetica, fez a primeira comedia.» [1]

Aqui temos nós como da tradição védica do *sôma*, o licor sagrado, deriva a creação de Baccho, a representação ideal do vinho, e como da legenda dionysica, importada da India pela Grecia, nasce, nas suas mais importantes manifestações, o theatro hellenico.

Mas, ainda no campo da litteratura, temos que occupar-nos da influencia oriental n'uma das mais antigas fórmas litterarias — o romance.

O bispo Huet quer que o romance grego procedesse directamente dos contos orientaes.

Villemain refutou esta opinião no *Ensaio sobre os romances gregos*, e Chassang, na *Historia do romance*, refuta-a apenas no tocante á procedencia directa, mas confessa que o gosto oriental exerceu uma grande influencia no desenvolvimento do romance grego.

A opinião de Chassang é que o gosto do romance passou do Oriente para a Grecia, mas que por sua vez foi transformado pelo espirito grego. Com effeito, dizer o contrario seria desconhecer a lei universal da subordinação ás condições do meio.

Os gregos eram, pelo fatalismo da sua organisação e do seu clima, falladores, expansivos. As mães e as amas gregas embalavam as creanças contando-lhes historias; nas ruas de Athenas havia charlatães que tinham por officio distrair os transeuntes contando-lhes contos, como o *Philepsius* de Aristophanes. Reconhecida esta tendencia do povo hellenico, é força confessar, porém, que a imaginação grega foi influenciada pelo maravilhoso e extraordinario dos contos orientaes. A principio, os contos populares da Grecia eram moraes, do genero do apologo esopico, depois chegaram a ser satyricos e humoristicos por influencia das *Fabulas sybaríticas*. Por ultimo a voluptuosidade oriental faz-se accentuar nos contos mysesios, licenciosos e sensuaes. Os jonios, por muito tempo submettidos aos lydios e aos persas, encaravam principalmente a liberdade como a ausencia de todo o constrangimento nos prazeres. Mileto, a mais celebre das colonias jonicas, é ao mesmo passo a cidade onde o amor da liberdade mais predomina, e a patria de Aspasia e de outras cortezãs celeberrimas. De Mileto sae um verdadeiro enxame de contos licenciosos. Observa Chassang que a influencia dos contos milesios se fez sentir até na historia. As legendas da cortezã Rhodopis servem de prova. Segundo uma tradição, Rhodopis levantára uma das pyramides do Egypto convidando cada um dos seus amantes a concorrer com uma pedra; segundo outra tradição, haveria sido rainha do Egypto por ter perdido uma chinellinha que denunciava um pé encantador... Mas o conto milesio ainda não pára aqui; chega a invadir a philosophia, como se revela no *Banquete* de Xenophonte, e em algumas obras de Theophrasto.

Quando dos dominios da litteratura passamos para o vasto campo da philosophia, o mesmo reflexo oriental nos acompanha inundando de luz a civilisação hellenica.

Na Grecia, a philosophia revela na sua primeira phase o caracter que lhe deram os aryas: é naturalista, cosmogonica, brota da contemplação do universo. É mais um raio dourado do immenso foco luminoso do Oriente.

«A origem da philosophia attribuiu Platão no seu *Theaeteto* a este sentimento indefinivel de mystica admiração pelos grandes phenomenos da natureza. O entendimento ainda infantil dos povos rudes e mal policiados admira o universo, e sobre este fundamento levanta o desordenado edificio da sua inexperiente philosophia. A razão mais culta e aprimorada, abalança-se depois a explicar o que a principio tivera por assombroso.

«A philosophia grega tem como toda a civilisação hellenica a sua raiz nas idéas primitivas e no espirito synthetico dos povos aryanos. Na India e no Iran, como na Grecia, o entendimento, como que deslumbrado primeiramente pela apparente desconnexão e variedade interminavel dos phenomenos da natureza, forceja por elevar-se a descobrir o sentido religioso e philosophico do mundo phenomenal e por comprehender n'um todo harmonico a essencia do universo.» [2]

Só mais tarde é que a philosophia grega converte o mytho em principio, mas, ainda assim, acceitando o mytho, que herdara da tradição religiosa dos aryas, conserva-se por esse mesmo facto n'uma dependencia parcial da influencia cosmogonica do Oriente.

[1] *Histoire de la littérature grecque*, tomo I, pag. 231.

[2] Latino Coelho.—Traducção da *Oração da Corôa*, de Demosthenes. Introducção.

Na arte, exactamente como na philosophia.

É forçoso reconhecer com Duruy a influencia exercida sobre os artistas hellenicos pelo espectaculo das grandes obras primas do Oriente. [1]

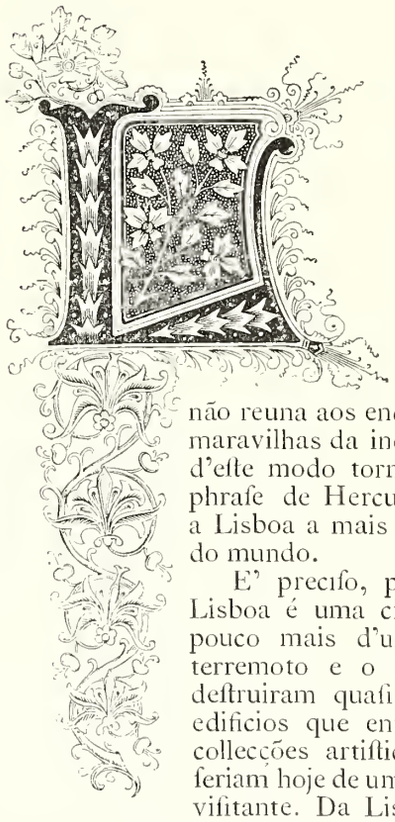
A porta do Thesouro de Atreu em Mycenes, de forma pyramidal, recorda a de uma cidade cyclopica da Phenicia, Omm-el-Aamid *(a mãe das columnas)*. Duas ordens de architectura grega, a dorica e a jonica, são orientaes. Champollion viu nos tumulos de Beni-Hassen, que são anteriores muitos seculos ao uso das columnas doricas na Grecia, triglyphos e columnas de puro estylo dorico. Layard e Botte encontraram em Ninive a voluta jonica. Ker-Porter viu-a em Persepolis. Como nota Guigniaut, é facil encontrar nos sarcophagos, nos vasos, nos templos da Grecia, symbolos evidentemente asiaticos. Dos tres modos da musica grega, observa Duruy, um é lydio, o outro phrygio.

(Continúa).

ALBERTO PIMENTEL.

[1] *Histoire de la Grèce ancienne*, tomo I, pag. 282.

O FRONTAL DA CAPELLA DE S. JOAO BAPTISTA



Lisboa é uma cidade admiravelmente situada e dotada naturalmente de grande formosura. Muitos dos sabios congressistas não se fartaram de a gabar e o elogio que lhe fez Henri Martin não pode ser nem mais eloquente nem mais lisongeiro. Muitos lastimam, porem, que ella não reuna aos encantos da natureza as maravilhas da industria e da arte, pois d'este modo tornar-se-ia verdadeira a phrase de Herculano quando chamou a Lisboa a mais bella entre as cidades do mundo.

E' preciso, porem, observar que Lisboa é uma cidade moderna, com pouco mais d'um seculo, porque o terremoto e o incendio de 1755 a destruiram quasi completamente. Os edificios que então baquearam e as collecções artisticas que se perderam seriam hoje de um grande attractivo ao visitante. Da Lisboa conquistadora e navegante só restam os Jeronymos e a Torre de Belem, mas esses, felizmente, são padrões de primeira grandeza.

D'entre as preciosidades que escaparam ao terremoto, ao vandalismo das invasões e das guerras civis, ao camartello profano dos demolidores ignorantes e perversos, conta Lisboa com ufania a capella de S. João Baptista, que é um verdadeiro primor escondido n'uma egreja de pobrissima apparencia. Portas a dentro, a egreja de S. Roque é todavia abundante de curiosidades artisticas e poder-se-hia considerar um pequeno museu.

A capella de S. João Baptista não é, infelizmente, uma obra de artistas portuguezes, mas que importa a procedencia d'uma obra de arte se temos o prazer de a possuir? Ella é a expressão da magnificencia d'esse rei faustoso, a quem as minas do Brazil mal podiam satisfazer a phantasia desperdiçora.

A capella de S. João Baptista desafia a nossa admiração não só pelos materiaes de que é formada, mas pelo gosto artistico que presidiu á sua construcção. E não só por isto, mas tambem ainda pelos admiraveis paramentos e objectos de culto que servem, já quotidianamente, já na festa solemne do padroeiro.

Quem não ficará surprehendido deante dos ricos quadros de mosaico que adornam as paredes? Quem não admirará os bronzes, os marmores, as pedras raras, que se combinam tão bellamente n'aquelle pequeno templo, tão cheio de riqueza e de gosto?

D'entre os objectos que adornam a capella no dia do santo Precursor e que se guardam no thesouro, faremos menção especial do frontal de prata representado na nossa gravura. Eis a descripção que d'elle faz o abbade Castro:

«O fundo é de lapis lazuli, com um baixo relevo de prata, representando o Cordeiro e os Anciãos (como diz o Apocalypse), havendo uma immensidade de outras figuras, etc. Aos lados d'este ha dous anjos de prata com 3,75 palmos, que servem como de mizulas á simalha, que corre por todo este frontal; tem bellos ornamentos de prata em alto relevo, de uma execução habil, feita ao pincel e gosto admiravel; é ornado de diversas molduras de um metal, que parece ser o de Corintho, obra, que, com verdade, se pode chamar o primor da Arte de Esculptura e ser dada aos artistas como modelo.»

Em face d'esta descripção, embora resumida, em face sobretudo da estampa, o leitor ficará fazendo uma idéa do que seja este primor da ourivesaria religiosa e não deixará de o querer apreciar *de visu* no dia 24 de junho, em que a egreja celebra a festa do Baptista.

S.

REVISTA LITTERARIA

Não nos tem permittido a estreiteza do espaço de que dispômos, ser tão prompto quanto nos cumpria em registrar n'esta secção alguns dos livros ultimamente publicados, que temos sobre a nossa meza de trabalho. Devemos esta explicação aos nossos leitores, bem como aos auctores e editores dos livros a que nos referimos, para que uns e outros nos não tomem a tardança, só devida á força das circumstancias, á conta de menos apreço ou de primor de cortezia.

Arabescos *(Notas e perfis) por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.—Editor, David Corazzi.—Empreza Horas Romanticas.—Lisboa, rua da Atalaya, 40 a 52—1880.*—Contem este novo livro da festejada auctora seis breves estudos, a saber:

Miguel Angelo e Victoria Colonna.—Um episodio da vida de Goethe.—O Riso.—Renan e a Academia franceza.—D. Sebastião.—Savanarola.

O FRONTAL DA CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA

Se os creditos da auctora não estivessem de ha muito solidamente estabelecidos pelas suas publicações anteriores, decerto lhes bastaria para os affirmar o livro que tão modestamente intitulou *Aralescos*.

Nota-se, sobretudo, n'este ultimo trabalho da auctora, profundo e amadurecido estudo. Não é já o simples producto de uma fertil imaginação e de um robusto talento: e a revelação da sua progressiva educação litteraria, e dos seus apreciaveis dotes de observadora e de critica que investiga, analysa, compara e julga com o são e justo criterio de um espirito superiormente esclarecido.

Dão bom testemunho de quanto deixamos dito, os dous capitulos intitulados: *Miguel Angelo e Victoria Colonna*, e *Um episodio da vida de Goethe*. — No primeiro, sobretudo, é muito para notar-se o correcto esboço que a auctora faz da Italia da Renascença, e o modo por que descreve sob o ponto de vista psychologico a influencia que no caracter de Miguel Angelo, como homem e como artista, exerceu aquelle meio que na historia da arte e da humanidade figura como um marco milliar. No segundo, a auctora traça com mão firme as linhas com que accentua profundamente o caracter d'esse poeta excepcional do *Werther*, o amigo do duque de Weimar, se acaso a amisade poude alguma vez nascer e medrar n'aquelle coração de gelo, n'aquella alma de egoista.

Veio, pois, este ultimo trabalho da sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho não só confirmar as apreciaveis qualidades de escriptora, que todos lhe reconhecem, mas accrescentar em muito a justa fama do seu talento e dos seus dotes litterarios, que muito folgamos de registrar n'estas paginas que s. ex.ª honra com a sua illustrada collaboração.

* * *

INDIANAS E PORTUGUEZAS, *por Christovão Ayres.—Porto, Imprensa portugueza, 1880.* — Dividem-se em dous grupos, como o titulo o indica, as poesias que formam este volume, que segundo o auctor confessa «não pertence a nenhuma eschola.» É essa talvez a sua melhor recommendação. O genio não tolera algemas; despedaça-as. As exaggerações e os preconceitos de eschola assoberbam, transviam, e, por vezes, atrophiam e matam os mais robustos talentos. São recentes, e dos nossos dias, não poucos exemplos d'esta verdade.

As *Indianas e Portuguezas* foram escriptas pelo auctor dos 17 aos 22 annos. São, pois, as suas primeiras tentativas litterarias, ou, pelo menos, como taes as devemos considerar. No entretanto, a correcção do metro, a elevação das idéas, e a virilidade da phrase, quando o assumpto o requer, estão longe de o denunciar e prenunciam já os dotes e qualidades de poeta que hoje exornam o nome do auctor.

* * *

BIBLIOGRAPHIA CAMONEANA, *por Theophilo Braga. — Lisboa, imprensa de Christovão A. Rodrigues, rua do Norte, 145, 1.º — 1880.* — Foi esta uma das obras consagradas á celebração do terceiro centenario de Camões. Da sua opportunidade falla bem alto o seu titulo.

A parte material é inexcedivel de nitidez e perfeição typographica. A impressão é feita a 6 côres. O livro é editado pelo sr. dr. Antonio A. de Carvalho Monteiro. A edição não entrou no mercado, e foi apenas de 325 exemplares todos numerados e assignados por aquelle cavalheiro e pelo dr. Theophilo Braga, e graciosamente offerecidos pelo sr. dr. Carvalho Monteiro e pelo auctor a algumas pessoas das suas relações e a diversos escriptores.

* * *

CAMÕES, *drama historico em 5 actos, por Cypriano Jardim.— Imprensa Portugueza. Porto, 1880.* — Foi com esta peça que o nosso primeiro theatro de declamação celebrou o grande facto historica do terceiro centenario do principe dos poetas da Renascença.

O acolhimento feito pelo publico a este novo drama, tanto em Lisboa, como em Coimbra e no Porto, foi dos mais enthusiasticos e lisongeiros. A imprensa foi tambem unanime nos applausos com que saudou esta obra dramatica.

É empenho difficil a contextura de um drama historico. De todas as formas litterarias e já de si a dramatica a que a todas sobreleva em espinhosas difficuldades. Essas difficuldades, porem, redobram quando os factos historicos a que deve subjeitar-se a urdidura dramatica impedem o dramaturgo de seguir livremente a sua inspiração. E quando no quadro da acção tem de figurar como protogonista um vulto da estatura homerica de Camões, poucos são os escriptores dramaticos que ousam arcar com tão escabroso e tão pesado encargo.

Teve o sr. Cypriano Jardim essa ousadia, e bem haja elle.

Não diremos que o seu trabalho é irreprehensivel sob o ponto de vista litterario e dramatico, e que de tão levantado commettimento se saiu como abalisado mestre, porque nem nol-o consente a lealdade com que usamos expôr a nossa humilde opinião, nem a natural modestia do auctor lhe permittiria ligar inteira fé ás nossas palavras.

É a nosso vêr a falta da unidade da acção o principal senão do *Camões* do sr. Cypriano Jardim. Bem sabemos que essa unidade seria impossivel de sustentar tendo o drama que abranger quasi toda a vida do poeta, desde os seus primeiros annos até á sua morte; mas por isso mesmo, é que, segundo se nos afigura, o auctor deveria de preferencia ter limitado a urdidura da sua obra a um periodo muito mais circumscripto da vida do nosso grande epico, escolhendo ao mesmo tempo aquelle que em si reunisse alguns dos episodios da sua aventurosa vida que mais se conformassem com as exigencias da scena, e mais e melhor nos desenhassem, segundo a tradição, os traços mais caracteristicos do poeta, e da infeliz epocha e nefasto meio em que viveu.

A' parte, porém, este senão de que outros de muito menor monta e consideração se derivam, é o novo trabalho do sr. Cypriano Jardim verdadeiramente digno de louvor e encarecimento. O primeiro acto, sobretudo, é engenhado com muita arte, e poucos conhecemos em o nosso repertorio dramatico que lhe levem vantagem. A scena do segundo acto, entre Camões e Luiza Barbara, embora bastante convencional, está escripta com muito mimo e sentimento, e é, talvez, a mais primorosa de toda a peça. O secho do final do terceiro acto com a recitação do celebre soneto:

Alma minha gentil que te partiste,

é bem concebido e de seguro effeito dramatico.

A linguagem é, em todo o decurso do drama, bastante vernacula e caracteristica da epocha, e bastaria esta qualidade só por si para conferir ao sr. Cypriano Jardim foros de escriptor muito distincto.

Enviando ao auctor os nossos sinceros parabens pelo auspicioso exito do seu *Camões*, fazemos votos não menos sinceros para que continue a dedicar o seu engenho e a sua penna á litteratura dramatica, entre nós cada vez mais minguada de obreiros e de incitamento.

* * *

A MANTILHA DE RENDA, *comedia em verso, por Fernando Caldeira. Lisboa. Typographia do Diario da Manhã, 1880.* — Os leitores da *Arte* conhecem já a nossa humilde opinião ácerca d'esta peça. Expozemol-a quando ella subio á scena no theatro de D. Maria, onde obteve os applausos que o publico illustrado só costuma conferir ás obras de verdadeiro merecimento. É uma joia de subido valor litterario esta mimosa producção do maviosо poeta da *Varina*, e como tal a festejámos então, e registramos agora a sua publicação em livro.

* * *

A RENASCENÇA. — *Director Joaquim de Araujo.* — Esta folha, tanto pela sua indole puramente litteraria, como pela escrupulosa escolha dos assumptos a que dá cabimento nas suas paginas, é inquestionavelmente d'aquellas que formam á direita das publicações d'egual natureza que entre nós existem. Nem do seu illustrado director era de esperar menos. A sua joeira é das mais cerradas, e bem haja elle.

Entre os nomes dos collaboradores da *Renascença*, figuram não poucos dos mais illustres n'estas lides das letras.

Não somos propensos a exageradas louvaminhas, mas quando o ensejo se nos proporciona de tecer justos e merecidos louvores, como agora, fazemol-o com verdadeiro prazer.

Apezar do favor com que o publico acolheu os primeiros numeros da *Renascença*, tem esta folha luctado com as difficuldades quasi insuperaveis que assoberbam todas as publicações da mesma natureza em Portugal. A ellas é exclusivamente devida a interrupção que tão excellente periodico tem soffrido ultimamente. Consta-nos, porém, que os esforços do seu illustrado director conseguiram por fim levar de vencida algumas d'essas difficuldades, e que, por isso, a *Renascença* recomeçará muito brevemente a sua publicação regular, o que sinceramente estimamos.

*
* *

Os LUSIADAS, *edição consagrada a commemorar o terceiro centenario do poeta da nacionalidade portugueza, pelo Gabinete portuguez de leitura, no Rio de Janeiro. Anno* MDCCCLXXX. *Lisboa na officina de Castro Irmão.* — Entre as publicações destinadas a commemorar o terceiro centenario de Luiz de Camões, é esta sem duvida, uma das mais notaveis e mais dignas do grande facto historico que Portugal celebrou ainda ha pouco com a elevada comprehensão e consciente enthusiasmo que lhe valeram o respeito e a admiração da Europa, quasi esquecida até então d'esta estreita facha de terra do extremo occidente, de onde partiram os primeiros galeões que ousaram aventurar-se ao mar tenebroso, arrostar com a furia indomita do horrendo Adamastor e apontar ao mundo o caminho da maravilhosa India.

O Gabinete Portuguez de Leitura, composto de um punhado de irmãos nossos aos quaes a ausencia e a saudade da patria mais alimentam e afervoram o amor da terra que os vio nascer, não podia deixar de contribuir largamente para a grande festa da nação. Verdadeiros sacerdotes da religião do trabalho, operarios infatigaveis da grande obra da civilisação, portuguezes que se honram de o ser; em tudo quanto possa contribuir para engrandecer e exaltar o nome de Portugal, ahi os encontrareis empenhando generosamento a sua intelligencia, a sua actividade, e os seus capitaes com o maior patriotismo e entranhada dedicação.

Do que podem esse patriotismo e a força de vontade d'esses nossos irmãos, é prova manifesta o grau de prosperidade que attingiu essa benemerita associação chamada o *Cabinete Portuguez de Leitura*.

Não nos permitte o minguado espaço de que dispomos dar aqui a resenha da historia d'esta utilissima instituição. Por isso, limitar-nos-hemos a informar os nossos leitores de que «em 31 «de dezembro de 1878 o *Gabinete* possuia 47:616 volumes no «valor nominal de 105:320$000, mas com valor real muito mais crescido, pela avultada copia de obras difficeis de adqui«rir. O fundo para o edificio elevava-se a 123:352$000, valor «effectivo, representado por quatro predios no largo da Acade«mia, e dinheiro depositado em conta corrente no Banco In«dustrial e Mercantil. Calculava a directoria que em junho da «1880 se eleve este fundo disponivel a 60:000$000 e permitta «a immediata edificação da obra *manuelina*. O numero de socios «era de 1:433 e o de subscriptores 126. Movimento annual de «livros, 43:500 volumes. A receita ordinararia foi de 14:639$000 «e a despeza 11:376$000. É avaliada a construcção do edificio «em cerca de 200 contos de réis, e a directoria obteve a coadju«vação do illustre architecto F. J. Bettencourt da Silva, o fun«dador e principal sustentaculo da bella e utilissima instituição «que no Rio de Janeiro se denomina *Lyceu de Artes e Officios*, «para presidir á direcção d'esse importante trabalho.»

Como é sabido, a ceremonia do lançamento da primeira pedra d'este edificio realisou-se com o maior esplendor por occasião das festas celebradas no Rio de Janeiro em honra do nosso grande poeta, no seu terceiro centenario.

A edição dos *Lusiadas*, publicada pelo *Gabinete Portuguez de Leitura* é deveras luxuosa. Adorna-a uma magnifica gravura em madeira feita em Paris, representando o retrato do poeta nos ultimos annos da sua trabalhada vida, desenho do sr. Columbano Bordallo Pinheiro. Adornam tambem o texto outras pequenas gravuras.

Precede o immortal poema um excellente estudo do sr. Ramalho Ortigão sobre a Renascença e os *Lusiadas* e umas *Observações e Glossario* do sr. F. Adolpho Coelho, que pelo *Gabinete* foi encarregado da revisão e estudo philologico do texto do poema. Fecha o livro uma curiosa *Noticia historica do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro, fundado em 1837*. É assignada pelo sr. Reinaldo Carlos Montóro, da cidade de Ubá (Minas).

Completa o primor do livro uma elegante encadernação em papel *chagrin*, com ornatos dourados.

A. DE SOUZA E VASCONCELLOS.

REVISTA ARTISTICA

—

ALGUNS membros do congresso anthropologico, não todos, visitaram no dia 26 de setembro a academia real de bellas artes. Estando ausente do reino o vice-inspector, o sr. Delfim Guedes, recebeu-os o illustrado director d'aquelle estabelecimento, que lhes indicou os principaes quadros, chamando-lhes a attenção para o Alberto Durer ultimamente comprado, e que os mais entendidos julgaram authentico.

Um dos visitantes mostrou profundo conhecimento da nossa galeria de obras antigas, embora a visse pela primeira vez. Fallou d'ella muito judiciosamente, perguntando por alguns quadros e dando larga noticia dos assumptos e dos presumidos auctores de outros.

A secção de archeologia composta de curiosas antiguidades exploradas no Algarve pelo sr. Estacio Veiga, tambem foi visitada pelos sabios estrangeiros, demorando-se um dos mais notaveis, se não o mais notavel dos que estavam presentes, o sr. Virchow, a conversar por muito tempo com o sr. Estacio sobre sciencia archeologica.

O director da academia logo que foi prevenido da visita de tão distinctos cavalheiros, tratou de preparar a galeria o mais decentemente possivel, mandando pôr molduras novas em alguns quadros, envernizar outros e aceiar tudo de modo que o brilho da riqueza artistica que possuimos portas a dentro de aquella casa, fosse o menos possivel empanado pela pobreza do edificio e pela mesquinhez da verba votada para a conservação da mesma riqueza.

Como se mexeu agora nos quadros, reconheceu-se que muitos d'elles estão quasi perdidos, e alguns sem outra salvação que não seja a do transporte da tinta para a tela, processo difficil e dispendioso, do qual resulta muitas vezes a destruição total do quadro. O proprio Alberto Durer, comprado ha tão pouco tempo, já começa a deteriorar-se. E estamos a clamar contra os vandalismos que vão pelas provincias. Maior do que este não ha nenhum, mormente dando-se a circumstancia aggravante de estar arrendado um palacio para n'elle se recolherem as obras da academia e se salvarem de total ruina. Como, porém, a adaptação do palacio a museu custa onze contos de réis, não se lhe toca, e a renda vae-se pagando, e os quadros vão-se perdendo! Isto não se commenta.

Entre os bons quadros dos mestres antigos existentes na galeria da academia, figura agora mais um que foi comprado ha mezes por modico preço. É uma paizagem de Van der Neer, assignada com o monogramma do auctor, e em bom estado de conservação.

E já que principiei por fallar dos membros dos congressos reunidos este anno em Lisboa, terminarei por dizer que o sr. Armand Dumaresq, um illustrado e conhecido pintor de batalhas que fez parte do congresso litterario, pedio licença á academia para copiar o retrato de Vasco da Gama, exposto n'uma das salas da galeria. Escusado será dizer que a licença lhe foi immediatamente concedida, bem como uma casa da bibliotheca d'aquelle estabelecimento, para o distincto artista executar o seu trabalho com descanço e commodidade.

Vê-se, pois, que a nossa academia se conservou á altura dos demais institutos da capital, esmerando-se, como elles, em receber com a maxima cortezia e affabilidade os illustres hospedes que a honraram com a sua visita.

*
* *

Tive occasião de vêr um curiosissimo trabalho artistico executado por uma senhora. É um album de monogrammas, tendo todas as folhas illustradas com desenhos e aguarellas que representam paizagens, flores, aves, costumes, figuras grotescas, armaduras, bandeiras, innumeros assumptos, emfim, nos quaes a correcção da forma, a harmonia da tinta e a disposição das linhas são irreprehensiveis. Os monogrammas estão collados artisticamente por entre aquelles desenhos, casando-se sempre perfeitamente a côr do monogramma com a do objecto que o emmoldura.

Este trabalho, que representa não só grande paciencia, mas principalmente muito talento, é devido ao bom gosto e rara habilidade da ex.ma sr.a D. Luiza Ribeiro da Cunha, uma das senhoras mais illustradas e de faculdades artisticas mais apreciaveis que eu conheço.

*
* *

E já que mencionei o nome de uma senhora que tão brilhantemente cultiva as artes, não devo esquecer o de outra que ha

pouco tempo obteve a mais lisongeira distincção n'um certamen artistico estrangeiro. Refiro-me á ex.ma sr.a D. Margarida Relvas, premiada na exposição de Gand pelos seus primorosos trabalhos photographicos.

Discipula de seu pae, o sr. Carlos Relvas, procura a sr.a D. Margarida, e consegue-o com a maior felicidade, dar aos seus trabalhos toda a nitidez e finura que valeram ao mais perfeito dos photographos portuguezes, diplomas honrosissimos não só para o agraciado, senão tambem para o paiz que o conta entre os seus filhos mais dilectos.

A sr.a D. Margarida sinceramente desejo os triumphos de seu pae, triumphos que não hão de ser difficeis de obter por quem, como s. ex.a, mostra tão decidida vocação para a arte a que se dedica.

*
* *

Em cumprimento de uma portaria do ministerio do reino, a academia das bellas artes de Lisboa mandou a Coimbra o distincto pintor o sr. Ferreira Chaves para examinar 286 quadros que o reitor da Universidade participara existirem n'aquelle estabelecimento, sem saber que destino lhes havia de dar. O sr. Chaves ia encarregado de enviar para Lisboa os que julgasse dignos de figurarem no museu da Academia.

A maior parte d'aquelles paineis são retratos pouco valiosos de antigos lentes da universidade. Outros ha de algum merito representando varios assumptos; porem uns precisam ser limpos dos barbaros restauros que lhes fizeram, outros que se lhes segure a tinta para poderem ser transportados sem perigo de se estragarem completamente. No entretanto o sr. Chaves apurou dez dos melhores, que mandou para a academia. São:

Dous de flores, eschola hespanhola, similhantes a quatro que ha na academia, attribuidos a Navarro;

Um com duas cabeças representando S. João e S. Thiago;

Um que representa a cabeça de S. Filippe;

Um S. Matheus;

Um representando o martyrio de Santo André, obra notavel pelos costumes, bem conservada e tendo pontos de contacto com alguns dos quadros da nossa galeria em que mais está marcada a influencia da eschola flamenga:

Um tendo por assumpto o martyrio de um sancto, painel tambem notavel pelo desenho, colorido e execução, bem como pela architectura que tem ao fundo, sendo para lamentar que esteja tão gasto em algumas partes, devido por certo ás muitas limpezas que lhe fizeram, o que, ainda assim, é preferivel a ter sido restaurado;

Um representando uma virgem rodeada de anjos, restaurado em partes, mas dando ainda a perceber que foi um bom quadro, devido tambem, como o antecedente, á influencia da eschola flamenga;

Um figurando dous prophetas;

Um que representa Christo no sepulchro, excellente obra na sua primitiva, mas estragado hoje pelo restauro. Conserva ainda, todavia, alguns restos approveitaveis, entre os quaes duas cabeças que devem ser retratos, muito bem pintadas. Tambem na execução d'este quadro se nota a influencia da eschola flamenga em Portugal.

Conviria grupar todos os quadros antigos que possuimos do mesmo caracter afim de que, procedendo-se a um estudo serio e detido, se reconhecesse a procedencia provavel d'elles, e se esclarecessem por uma vez os milhares de duvidas que a respeito d'essas obras se apresentam sempre que são discutidas.

*
* *

Abriu-se concurso para a pintura de um panno novo destinado ao theatro de D. Maria II. Apresentaram diversos esbocetos feitos a lapis e a aguarella, o scenographo portuguez o sr. Machado e o scenographo italiano o sr. Manini. A repartição de obras publicas, não gostando de nenhum dos projectos, convidou os dous artistas a que os modificassem. Feitas as modificações, a repartição entendeu, e muito bem, que a academia de bellas artes era a unica estação competente para julgar do assumpto, e enviou-lhe os diversos projectos.

O director da academia nomeou uma commissão composta dos srs. Rambois, Lafferre e Monteiro para dar opinião ácerca dos referidos trabalhos. O parecer d'esta competentissima commissão foi discutido, e não sei se alterado, pela conferencia geral, a qual resolveu em ultima instancia que fosse approvado um dos projectos de sr. Manini, ainda com alterações. O panno representará, pois, umas cortinas apanhadas dos lados, deixando vêr por detraz uma tela bordada e franjada, na qual se representará uma apotheose a Garrett.

Tive occasião de vêr os projectos, e confesso que os do sr. Manini são explendidamente aguarellados. Se eu, porem, fizesse parte do jury teria rejeitado todos, porque entendo que o panno de um primeiro theatro não pode representar senão um cortinado rico, sim, mas sem apotheoses ou allegorias. Tudo que não seja isto é menos serio e será por vezes prejudicial á scena que o theatro houver de representar depois do panno subir.

Nos theatros estrangeiros os pannos de bocca, em geral, figuram cortinas; parece-me até que em Italia ha um theatro cujo panno, em vez de ser pintado, é uma verdadeira cortina. Dirme-hão que o theatro do Palais Royal, de Paris, ultimamente restaurado, tem um panno de bocca semelhante ao que vae haver em D. Maria, differençando-se d'este, principalmente, no assumpto pintado na tapessaria que figura estar alem das cortinas, o qual, no panno do theatro de Paris, é uma nympha perseguida por um satyro. Isto é assim, mas estou certo de que se o pintor, mr. Lavastre, fosse convidado a pintar o panno de bocca para a *Comedie française*, não procuraria assumpto que não fosse uma rica e pezada cortina de veludo, forrada de seda ou de setim e apanhada em pregas grandiosas. Pois era este mesmo assumpto que eu desejava que se tivesse escolhido para o panno do theatro de S. Carlos, e se escolhesse agora para o panno do theatro de D. Maria.

*
* *

Realisou-se na academia real de bellas artes o concurso para a escolha de um pensionista do estado que ha de ir aperfeiçoar-se em pintura historica nas escholas estrangeiras. Foram concorrentes os srs. Columbano Bordallo Pinheiro e Ernesto Ferreira Condeixa, discipulos da academia de Lisboa; o sr. Custodio da Rocha, discipulo da academia portuense. Consistiam os trabalhos n'uma figura de homem nu pintada do natural, n'uma cabeça de expressão (uma rapariga a rezar) e n'um esboceto feito em oito horas (Christo no horto).

As provas expostas não eram de natureza a causar enthusiasmo por nenhum dos concorrentes. No entretanto o sr. Condeixa desenhou e pintou muito bem a sua academia, mostrando ter muita propensão para a côr; o sr. Custodio da Rocha pintou com muito vigor a cabeça de expressão e o sr. Bordallo Pinheiro compoz com bastante habilidade o seu esboceto. Na cabeça de expressão, o sr. Condeixa tambem não andou mal; mas fraquejou no esboceto. O sr. Custodio da Rocha fraquejou ainda mais do que o seu collega n'esta prova, e desenhou incorrectamente a academia, tornando-a chata e desproporcionada. O sr. Columbano seguio nas tres provas o processo que ha muito adoptou em todas as suas obras.

É justo que não se discutam os processos, comtanto que os resultados satisfaçam. Ora, é o que, na minha opinião, não succede nos trabalhos do sr. Columbano. Nem o intencional desleixo no acabamento dos seus quadros, nem a tinta barrenta que usa em todos elles dão idéa do natural e do bello, obstando por este modo o proprio artista a que o seu incontestavel talento brilhe como póde e deve brilhar. Estou certo de que o sr. Columbano, se fôr estudar em Paris, ha de mudar de processo, por muito enthusiasmo que tenha pelos impressionistas, que por ora não conhece, e que talvez, quando os conhecer, lhe não satisfaçam a imaginação tanto quanto suppõe, sobretudo se os comparar com os grandes mestres modernos, que seguem a eschola do naturalismo em quanto ella é racional, e a abandonam desde que principia a ser extravagante.

São estas questões de arte e de gosto que eu desejava vêr tratadas na imprensa, e não se um trabalho tem ou não reminiscencias de outro já conhecido, o que póde facilmente succeder sem que o artista seja plagiario. Não succedeu porém assim com respeito aos trabalhos do sr. Columbano, que foram os mais discutidos do concurso, mas nunca sob o ponto de vista proveitoso para a arte e para o artista.

A conferencia geral da academia, de accordo com o jury preparatorio, classificou em primeiro lugar os trabalhos do sr. Condeixa.

RAPIN.

Typ. de Christovão A. Rodrigues — Rua do Norte, 145, 1.º

A VOLTA DA EGREJA

Typ. — Christovão Augusto Rodrigues.

J. RUISDAEL pinxt. T. HEAWOOD sc.

A ARTE

LISBOA — OUTUBRO DE 1880

A VOLTA DA EGREJA

—

WOLTZE pintando uma ſcena campezina da Allemanha pintou uma ſcena que ſe reproduz em muitos e variados pontos da Europa. É queſtão ſimplesmente de aſpecto da paizagem, do céo, dos typos, do veſtuario, porque no mais, a intenção dos perſonagens, a expreſſão moral do quadro fica a meſma, quer ſe refira ao viver do campo na Allemanha, ou ao viver do campo em Portugal.

A volta da egreja para a maior parte da gente poderá ſignificar muito pouco. Para uma rapariga e um rapaz de vinte annos ſignifica muito. Woltze quiz traçar-lhe na phyſionomia tudo o que elles diriam ſe podeſſem abandonar os ſeus planos e fallarem á vontade, ſentados no terreno muſgoſo á ſombra azulada dos lilazes que perfumam a atmoſphera, quando os pardaes cantam pelos folhados das larangeiras. E conſeguio. Aquelles dous vultos unidos deviam fallar do Amor. Aqui eſtá a que ſe reduz a queſtão. *That is the queſtion*, como ſe diz no *Hamlet;* uma phraſe ingleza que anda muito em moda quando ha pouco para ſe dizer!

Ora eu vou-lhes contar o que é *a volta da egreja*. Não lhes vou fallar, ſoceguem, da uma hora no Loreto, quando os caleches deſdobram para o aſphalto os ſeus eſtribos polidos, e uns pés pequeninos, como os que enthuſiaſmam Fernando Caldeira, ſurgem por entre o esfervilhar delicado de rendas finas, ſaltando nervoſamente para dentro. Iſſo não, que lá eſtá o poeta para as deſcrever! Mas de uma *volta da egreja* na provincia, a que eu uma vez aſſiſti da janella do meu quarto raſgando para uma longa propriedade dos fidalgos da minha terra.

Foi ao terminar da miſſa das onze. Um rapazote perfeito e deſempenado, de jaleca á heſpanhola e cinta de ſêda eſcarlate, ſeguia uma rapariga bonita, cabellos pretos e olhos mais pretos ainda, filha de camponezes ricos, que tinha, como poucas da terra, um bello grilhão de doze moedas, uma luſtroſa capa de panno preto bandada de velludilho, e cinco courellas de terra á borda da eſtrada real, que lhe deixára a madrinha em teſtamento.

O rapaz tinha eſtado na miſſa, andava ha muito a olhal-a, e a rapariga goſtava d'elle a valer. Nunca, porém, tinham chegado *á falla*, por cauſa da mãe d'ella, que era rabugenta em namoricos de filhas como as que o ſão.

Morava n'uma caſinha muito caiada, branca como a flôr da laranjeira, com ſua parreira muito viçoſa á porta e que dava á habitação uma freſcura deliciosa de ſombras. No telhado os pombos vinham arrulhar com amor ao eſmaecer da tarde quando o horizonte ſe purpureia e os ralos começam a zumbir.

Ora a rapariga no tal domingo eſtava deliciosamente bella, com o ſeu cabello em bandós frios e luzidios ſobre a teſta baça, e os beiços rubros como cerejas esboçavam um ſorriſo, um ſorriſo candido e doce. O rapaz ſeguia-a ſempre, mas a diſtancia reſpeitoſa, por cauſa da mãe a quem não faziam o ninho atraz da orelha. Se Woltze os tiveſſe viſto com certeza que pintava mais um bom quadro!

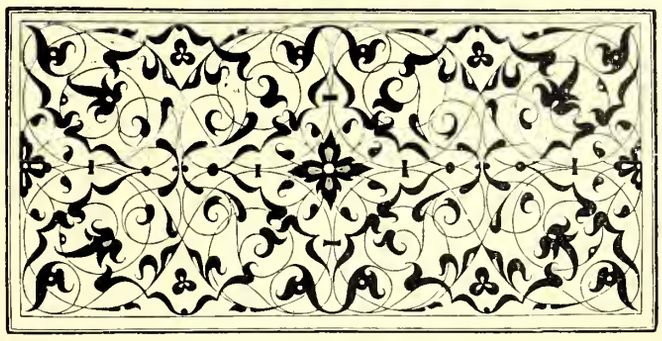
Quando entraram em caſa o rapaz cortou por uma azinhaga, do cimo da qual elle via a janella da ſua querida. Eſtava um bello ſol, um bello ar; muitos cantos de aves pelos pomares verdejando; muitos ſuſſurros de regatos correndo pelas relvas baixas; muitos ruidos ſonoros de chocalhos das ovelhas que ſe apaſcentavam pelas encoſtas. Nos beiraes do telhado os pombos eſvoaçavam n'uma indolencia caſta, as flôres ſorriam nos vaſos, e a rapariga abrindo a janella, atirou ao namorado com um beijo, beijo que certamente o Vento não levou como ſe fazia crêr em outros tempos, porque o vento não ſeria tão tolo que déſſe para os beiços d'outrem aquillo que aos ſeus deveria ſaber tão bem...

Aqui têem o que foi a *volta da egreja* e o que é o quadro de Woltze.

E podem ter a certeza de que — ſe Deus déſſe um ſopro de vida aos typos do pintor, a rapariga que vêem iria á ſua janella onde tambem tem as ſuas flores, o galã de tricornio, o feliz galã que ali eſtá riſonho por detraz da eſtacada tambem teria a paga da ſua dedicação, e com certeza havia de haver pombos que vieſſem arrulhar meigamente para os beiraes vermelhos do telhado.

Eſperem que Deus ſe reſolva a animal-os e verão como ſuccede tudo iſto!

MARIANO PINA.



O CHALE DE MARIA SALOMÉ

(Recordações da infancia)

A ZACHARIAS D'AÇA

RECORDAÇÕES da infancia!... São gratas, principalmente ao declinar da vida!

No inverno lembrar-mo-nos do bom ſol dos dias germinativos da primavera — anima-nos, aquece-nos!

Naſci nas provincias vaſcongadas, na cidade de Bilbau. [1] Naſci n'uma bella provincia e n'uma heroica cidade, a cidade de Diogo Lopes de Haro; que foi tão varonil na edade media, como intrepida para reſiſtir aos aſſaltos da França, nos fins do ſeculo paſſado e principios d'eſte; que ſupportou com heroica perſeverança em 1835 e 36 os repetidos cercos, e ainda ha ſete annos repelliu as arremetidas tigrinas dos ſervos de Deus e vaſſallos de D. Carlos de Bourbon — o honrado e magnanimo!

Fui creado em Deuſto, muito proximo de Bilbau e a quatro leguas das Encartaciones, onde naſceu Antonio de Trueba, o inſigne cancioniſta. Muitas vezes eſtive com meu pae nas Encartaciones. Sabe Deus, ſe na minha infancia, debaixo dos arvoredos d'aquelle valle fertiliſſimo não aſſaltei os ninhos, e apedrejei as nogueiras e caſtanheiros em fraterna vagabundagem com o auctor das *Mães*, da *Nodoa da amora*, e de tantos primores de arte que andam traduzidos nas principaes linguas da Europa! Póde ſer. Eu era a peſte dos ninhos, e Trueba, apeſar do ſeu amantiſſimo coração, é provavel tambem que o foſſe.

Oh! as creanças — os innocentes crueis! — diſſe Victor Hugo.

Quando naſci, meu pae ajuſtou uma robuſta camponeza de Guernica para ſer minha ama de leite. Maria Salomé tinha vinte annos ao entrar em noſſa caſa.

Eſſa rapariga era filha de aquellas bravias montanhas. Bailara e cantara á ſombra das arvores do ſeu burgo — a terra dos *fueros!*

Era de mediana eſtatura e morena. Tinha uma maſſa de cabellos que, quando os ſacudia, cobriam-lhe denſamente os hombros e os peitos, e quando, com impeto e esforço, os agarrava de ambas as mãos, deitando-os para traz por um elegante movimento de cabeça, feito no meſmo ſentido, ſaltavam-lhe em ondas até o artelho!

Os olhos castanhos, tranſparentes, viviſſimos, admiraveis! Tive o ſeu retrato, que, infelizmente, um acaſo deſtruiu, ha tres annos, n'uma mal agourada mudança. Era em papel e feito por Auguſto de Belvedére, um portuguez emigrado, que ſe hoſpedou muitos mezes em noſſa caſa.

Para deixar-nos uma lembrança e recordação grata retratou meu pae, minha mãe, minha irmã e a mim quando eu tinha pouco mais de cinco annos.

Eſte moço pintor, que não alcançou um nome diſtincto na arte, tinha rara habilidade para apanhar ſimilhanças. Os retratos que tirou ſão como photographias.

Belvedére!?... O ſeu appellido foi para nós ſempre um myſterio! Tinha emigrado de Lisboa, depois dos acontecimentos de 1833. Era realiſta. Meu pae não o interrogou nunca ſobre a ſua procedencia: para meu pae tinha a mais reſpeitavel de todas: era intelligente, pobre, expatriado, — infeliz!

O noſſo diſtincto pintor Marciano Henriques da Silva diſſe-me que o havia conhecido em Italia, velho já, porém ſão e vigoroſo, uſando do meſmo nome — Auguſto de Belvedére — e ſendo um reſtaurador de merito.

Se vive ainda, e eſte jornal, *A Arte*, lhe chegar ás mãos, de aqui lhe envio os meus cordiaes agradecimentos por haver feito com que eu poſſa hoje contemplar, como vivas, as nobres feições de meu pae e minha mãe!

A caſa onde viviamos, em Deuſto, era uma caſa antiga. Ficava dentro de uma grande quinta. A quinta eſtendia-ſe até á beira da ria, d'aquella famoſa ria onde ſe peſcam as *angulas*, deſconhecidas em toda a outra parte, que eu tenha noticia — eſpecie de enguias muito delgadas, d'um ſabor exquiſito, finiſſimo. Iam n'eſſe tempo para Madrid em neve: hoje irão facilmente pelo caminho de ferro.

As tardes, nos domingos e dias feſtivos, havia tamboril e baile na praça da povoação, em frente da egreja.

N'eſſes dias tudo corria á feſta: creanças, raparigas, rapazes, mulheres e homens caſados. Era um delirio!

Havia além do tamboril, o jogo de pella, e o jogo da barra; exercicios violentiſſimos.

Que alegria de gente, que ſalubridade e vigor de povo!

As raparigas com as duas tranças longas, atadas nas extremidades com laços de fita de côres variadas e fortes; na cabeça uma flôr do campo. A ſaia curta, a perna redonda, os jarretes finos, mas de ferro como os ſeus montes nativos. A voz extenſa e afinada, gorgeando os *zurzigos*, que correſpondem ás *malagueñas* e *playeras* dos andaluzes. A pandeireta revoluteando nos ares.

As ſenhoritas de *ſangre azul* dançavam com o primeiro camponez que vieſſe tiral-as. Recuſar ſeria caſo inaudito e eſtrepitoſo!

Eſtavamos na terra dos fóros. D'aquelle ſangue não ſaía o carraſco. O ſoberbo e ſombrio Fernando VII entrou a pé nas ruas de Bilbau!

Eu é que era um flagello, um verdadeiro demonio para Maria Salomé, a minha ama, n'eſſas tardes ruidoſas e feſtivaes.

A ella, em ouvindo o tamboril, dava-lhe a vertigem da dança e do canto.

Que linda rapariga, e como os *cortejos* abundavam! Salomé era folgaſã e alegre. Os alegres quaſi ſempre ſão bons.

Em a vendo enlaçada ao ſeu par, requebrando voluptuoſamente o corpo e os braços nos meneios de aquella dança, davam-me uns impetos de furor deſpropoſitado. De uma vez, ſaltei a ella, marinhando como um gato aſſanhado, arranquei-lhe o lenço de ſeda de côres brilhantes, que punha na cabeça — na fórma do mais gracioſo toucado — e lavrei-lhe a cara com as unhas. Depois deſatei n'um chôro apaixonado. Eram ciumes!

As creanças têem d'iſto!

Maria Salomé, vendo-me lavado n'aquelles prantos tão doloridos, eſqueceu as unhadas, o tamboril, o baile, os *zurzigos* e os *cortejos*, abraçando-ſe em mim, animando-me com maternaes caricias, e tambem debulhada em ſinceras lagrimas. Coitada! Queria-me

[1] Meu pae e minha mãe eram portuguezes, como eu me prézo de o ſer.

tanto como á filha, que tinha mais um anno do que eu e eſtava em Guernica, com a avó e o tio.

Maria Salomé era viuva.

Os meus arrebatados e dolorosos ciumes por cauſa do baile, ai de mim! deviam ſer os ultimos!

N'aquella meſma ſemana tornou a picar a guerra civil pelos montes circumviſinhos.

A pella e a barra ceſſaram: o tamboril e os cantos emmudeceram. Fez-ſe um ſilencio ſiniſtro na povoação, no caſeiro, nos filhos: ſilencio cortado de ſobreſaltos, de vigias, de perguntas ancioſas ás *paſiegas* que deſciam das montanhas, ſobraçando um filho aos peitos e trazendo ás coſtas um enorme ceſto carregado de pães de precioſa manteiga freſca, embrulhada em fetos aromaticos, manteiga que vinham vender á cidade.

Eſtas montanhezas fão de uma força e energia admiraveis.

A calada e ſombria ſolidão da noſſa caſa, da habitação do caſeiro, dos aldeãos da quinta e dos caſaes proximos, era apenas interrompida, quando me davam folga, por mim e pelos meus companheiros que, preſentindo a guerra, eu com uma eſpada flammante, que ſe não era lamina de Toledo era de Flandres, os outros com lanças de canna e cavallos de pau, divididos em *faccioſos* e *chriſtinos*, rompiamos á carga, ſuando, barafuſtando, entre gritos e riſadas cryſtalinas.

Prologo pueril e folgaſão d'uma grande tragedia!

Currito, irmão de Maria Salomé, era *faccioſo* (carliſta) fanatico pelos ſeus fóros, prompto a morrer com enthuſiaſmo, comtanto que ao caír beijaſſe o ſolo da patria.

A guerra, em todos os tempos, nas Vaſcongadas tem tido o ardor inſpirado das guerras religioſas.

É um povo ingenuo, vivo, ſadio e robuſto, audaciſſimo na lucta, e perdidamente enamorado do ſeu paiz.

Dão-ſe frequentes caſos de noſtalgia, ſobre tudo nas gentes do campo, quando deixam as ſuas montanhas e fão obrigados a viver em terra eſtrangeira.

Currito pegára em armas como voluntario, e aliſtara-ſe nas fileiras carliſtas. Priſioneiro ſeria paſſado pelas armas immediatamente.

Cabrera, a quem haviam fuzilado a mãe, que adorava, deixou a batina de ſeminariſta, tornando-ſe vingativo e pavoroſo como Sylla.

As matanças do intelligente e audaz caudilho eram dignas da alma de Nero!

Seguiam-ſe-lhe por parte dos *chriſtinos* (ou negros) — os liberaes — repreſalias terriveis!

Os biſcainhos ſó tinham como rivaes no animo os braviſſimos navarros.

Todo o povo das cercanias da cidade era carliſta.

As execuções entre Bilbau e Deuſto eram n'um ſitio chamado o *Sete*, onde a eſtrada, alargando-ſe, formava um pequeno largo.

Eſſas execuções davam-ſe a cada paſſo. Quantas vezes, ouvindo uma deſcarga, eu vi minha mãe fazer-ſe branca como uma defunta; depois, com os olhos empanados de lagrimas, perſignar-ſe e rezar!

Era um *arcabuzado!* A gente que vinha da cidade e que aſſiſtira ao eſpectaculo, perguntavam os curioſos, chegando ás portas:

— *Morió de pechos ou de eſpaldas?*

Quando reſpondiam:

— *De pechos, de pechos!*

— *Mui bien, mui bien!* tornavam os interrogantes com ufania. Iſto é, morreu ſem venda nos olhos, com o peito voltado ás balas.

Alguns dos condemnados atiravam a *boyna* ao ar, ſaudando a ſua cauſa e dizendo:

— *Me voi a cenar com Maria Santiſſima!*

Couſas incriveis, prodigios de valor e de crença!

Quando ſoube que o irmão pegara em armas, Maria Salomé ficou em grande ſobreſalto. Era uma organiſação apaixonada e dedicadiſſima.

Paſſava horas fazendo fios e arranjando ataduras. Não tardou a occaſião em que os fios e ligaduras foram neceſſarios.

No primeiro tiroteio, em Somorroſtro — 8 a 9 kilometros do ponto em que eſtavamos — Currito foi ferido n'uma perna. Maria Salomé para ir vêl-o tinha de atraveſſar o campo dos chriſtinos.

Nada lhe teve mão! Apercebeu um ceſto com quanto julgou util ao doente e partiu de noute.

Se a apanhaſſem ſeria em continente paſſada pelas armas.

Quando lh'o differam, riu-ſe!

Ao cabo de oito dias voltou. Fôra leve o ferimento e o irmão eſtava reſtabelecido.

Ao entrar em caſa com que impeto me tomou nos braços convulſos e vigoroſos! Parece-me ainda agora ſentir o palpitar alvorotado de aquelle nobre peito!

Correu um anno e apenas raros dias tranquillos abriram para o valle de Deuſto.

Os vinhedos deixados por ponta, as varzeas ſem cultura, a noſſa quinta ſem amanho!

Arraſara tudo a guerra civil!

Paſſado um anno meu pae, com a ſua familia, regreſſava a Portugal. Fretou um brigue dinamarquez, e o dia de aquella amarga deſpedida chegou entre lagrimas acerbas!

Foi preciſo empregar a força para conſeguir que Maria Salomé me largaſſe dos braços. No molhe da ria, voltada para o navio, que ficava a pequeniſſima diſtancia, eſtou a vêl-a na eloquente deſordem da ſua dôr! Os cabellos deſatados, as azas do nariz palpitando, o peito ás ondas — erecta, ſublime!

Nos tranſportes de aquella paixão, chegou a cerrar os punhos, ameaçando-me, e exclamando:

— *Ah! indino! no te olvides de mi!*

Tinha eu então oito annos mal cumpridos. A impreſſão d'eſſa deſpedida ficou-me para ſempre.

As feridas da alma fão como as do corpo — indeleveis na ſua cicatriz — e tambem, como a cicatriz, pungem, ás vezes, cruelmente!

Poucos mezes depois de havermos chegado a Lisboa tivemos noticia (noticia que ſe me occultou durante annos) do fim laſtimoſo de Maria Salomé.

O irmão fôra novamente ferido e d'eſſa vez o ferimento era grave. Salomé, vencendo extraordinarias difficuldades e com riſco imminente, foi vel-o muitas vezes. De uma d'ellas agarraram-n'a.

Levava-lhe roupa, tabaco, fructas para a ſua convaleſcença.

Nem o ſer irmão, nem o cumprimento de aquelle ſanto dever lograram abalar os juizes do proceſſo ſummario.

Puzeram-n'a de *capilla* (oratorio). Vinte e quatro horas depois, entre uma eſcolta, acompanhada de um padre, conduziram-n'a para o lugar da execução. Ia com paſſo firme, rezando e proferindo repetidas vezes o nome da filha, que teria pouco mais de nove annos, e ficava ſó, porque o tio eſtava na guerra e a avó havia morrido!

UM TALENTO PRECOCE

Salomé levava um chale que meu pae lhe trouxera de França, e dera, juntamente com outras cousas, ao termo da minha creação.

Depois de ajoelhada no campo do supplicio, ao padre que se retirava, exhortando-a, chamou de viva voz e acenando fortemente com o braço. O padre accudiu.

Salomé tirou o chale e disse com a voz natural:

— Está novo: dê-o a minha filha. É para o dia do seu casamento; as balas furavam-n'o!

Este facto, posto os actos de sangue frio e valor fossem a cada passo, tornou-se notorio, e produziu grande impressão em Deusto e Bilbau. É provavel que ainda vivam algumas pessoas que se lembrem d'elle.

Assim morreu, na flôr da vida, victima de um santo amor e nobre abnegação, a heroica mulher a cujos peitos eu fui creado!

Agosto, 18 — 1880.

BULHÃO PATO.

VIAGEM AO SERTAO DE MOSSAMEDES

(Continuado de pag. 166)

AVIAMOS atravessado o vale de Giraul, antes de chegarmos ao acampamento; seguiramos depois o contraforte do planalto da margem direita, avistando á direita uma lagôa, e para a esquerda a fazenda de Manuel de Almeida Soares, que, apezar de pouco cuidada, mostrava o que poderia vir a ser nas mãos de um trabalhador diligente. Seguindo a estrada, chega-se a uma cova dominada por um lado e outro por arvores bastante altas. Esta cova representa uma planicie regularmente extensa, tendo no meio um monticulo onde se acha construida a casa de madeira, que serve de habitação ao conductor encarregado do serviço da estrada, e ao apontador da mesma obra; sobre a fralda da montanha do lado esquerdo, ha dous renques de cubatas alinhadas, que são as habitações dos serviçaes das obras publicas: sobre o lado direito ha uma barraca de pau a pique para hospital, e em seguida outra para habitação de operarios brancos, havendo mais uma outra, para empregados casados. A planicie é a entrada natural da portella que rasga a montanha da direita, para dar accesso ao alto de Giraul, sendo por ahi, por tanto, que terá de ir a estrada como realmente se está tratando de fazer. Assim vae uma antiga que era boa como principio, mas á qual deram tão pouco desenvolvimento, que as rampas continuaram a ser muito fortes, e vulgares os desastres, principalmente n'uma das voltas, como tivemos occasião de verificar na descida d'um dos carros de bagagem, no regresso, de viagem para a villa.

Trabalhava-se activamente na estrada, duzentos e quarenta pretos corriam para um e outro lado, com os carros de mão para a remoção de terras, outros avançavam sobre uma protuberancia d'alvião em punho. Acolá, alguns reunidos aos pedreiros brancos, faziam um muro de supporte, na primeira curva via-se o conductor restabelecendo o traçado, e fluctuando no ar as bandeirolas indicadoras do trabalho, e do progresso. A meio da esplanada havia uma pipa com agua, coberta com um telheiro provisorio, estando em seguida um barracão grande de pau a pique, e bem coberto, para arrecadação dos generos e ferramentas; junto a esta casa estava a forja de campanha e o rebollo, logo em seguida um telheiro de carpinteiro, para concerto de carros, tudo provisorio mas methodico e commodo.

Sobre as faces da lagôa, que se avista á direita, pastavam os bois do arrematante dos carros, para a conducção dos generos para o acampamento, e os nossos, vendo-se aqui e acolá, grupos de negros, pastores e carreiros, preparando a comida ao som de canticos melancholicos.

Armámos a nossa barraca e as respectivas camas de campanha, sobre um comoro formado na serra do lado esquerdo, e mandou-se fazer uma canja de gallinha, prato obrigado de todas as viagens no matto, quando ellas se fazem com a commodidade possivel. Mas que especie de canjas!? O caldo negro spartano envergonhar-se-hia de se vêr assim vencido na côr, na modestia e no sabor: ainda assim, nada paga o conforto que se obtem com tal tisana, que o nosso camaleão preparou com uma actividade verdadeiramente pasmosa.

Finda a refeição deitámo-nos dentro da barraca, mandando fazer fogueiras em volta, para affastar os mosquitos o que não conseguimos. De noute a aragem saltou para o lado da lagôa, e os mosquitos deram a popa para cima de nós, com uma crueldade verdadeiramente vertiginosa e insupportavel: quem nunca dormio na proximidade d'um pantano, não faz idéa do que é e do que vale similhante sacrificio. Matam-se mosquitos aos milhares, mas elles parece que renascem das proprias cinzas, cada vez mais afinados e massadores! parece incrivel a vozearia aguda e irritante no côro selvagem que entôam; é um suplicio que escapou á inquisição, mas de que se póde fazer idéa dizendo que elles são aos milhares, e que um só n'um quarto produz a maxima inquietação, e as diligencias as mais comicas para o esmagar entre as dobras das cortinas da cama; multiplique-se por milhões esta impressão, saiba-se que se não póde escapar-se-lhes, e ter-se-ha uma idéa approximada da noute que alli passámos, e dos tormentos que ali soffreram durante mais de um anno, os empregados de obras publicas encarregados de aquelle lanço, os quaes tinham, como aggravante, o celebre martyrio moderno de Africa occidental, o pulex penetrans, não faltando a mabata e a formiga, todos os tormentos meudos de uma situação no matto, acompanhados da visinhança do leão e das febres provenientes das emanações do pantano, que a estrada tinha de tornear.

Ás 3 horas e 35 minutos (p. m.) do dia 1 de junho largaram os carros de bagagens para vencerem a rampa de Giraul, o que só conseguiram ás 6 horas da tarde, apesar de não ser superior a 800 metros a distancia a percorrer: a rampa é tão exagerada, e são tão difficeis algumas das passagens, que só descarregando os carros se poude terminar a subida, tendo depois os carreiros de transportar até ao planalto as cargas de que se haviam alliviado as viaturas: seguimos para o sitio denominado a Pedra Grande, chegando á Pedra do Major, á 1 hora da noute.

O gentio tem por costume dar aos sitios onde se descança, o nome das pessoas distinctas, que ali se demoram; assim a pedra do major, é uma referencia ao major Rocha, que conduzia a colonia da Huilla,

que morta de fêde e de canfaço, poude encontrar n'aquelle abrigo algum allivio aos feus males.

É pittorefca efta pedra, que reprefentando uma efflorefcencia granitica fe eftende em abas, mais ou menos extenfas, fendo uma d'ellas recortada na parte inferior, de maneira a formar a apparencia de um grandre alpendre. De refto, o terreno em volta é árido e efcalvado, como até ali, e como fuccede em toda a Africa occidental, á faxa comprehendida entre o littoral e o planalto da ferra fubfequente, em toda a parte onde uma veia d'agua, uma torrente, ou um rio, fe não manifefta.

Perto da Pedra do Major, e entre efta e a Pedra Grande, encontrámos de regreffo á villa o capitão Vital do Canto, grande lavrador, cafado com a viuva de um dos agricultores mais diftinctos da colonia de Moffamedes, o qual pelo feu genio activo e caracter emprehendedor realifou no confelho de Bumbo algumas plantações, que ferviram de molde a muitos outros.

O capitão Vital e um empregado Rodrigues vinham ambos gravemente feridos pelo gentio em uma embofcada covarde e traiçoeira, que havia tido lugar no caminho da Providencia para o Nafcente, na noute de 31 de maio, quer dizer havia algumas horas: acompanhava-os um outro empregado e alguns ferviçaes armados. Os feridos vinham de tipoia, e feguiram fem communicar comnofco: não quiz perturbal-os, nem aggravar com converfações fuperfluas e irritantes o feu eftado grave, e fciente pelo branco, que os acompanhava, do que fe havia paffado, feguimos o noffo caminho.

A impreffão caufada pelos ferimentos de Vital, e um empregado, dava naturalmente lugar a confiderações fobre o que poderia motivar por parte do gentio um ataque, que não tiveffe por fim o roubo de gado, o que é perfeitamente contrario aos feus habitos e tradições.

Com effeito percorrendo a hiftoria d'eftes cafos no diftricto de Moffamedes, moftram-fe tentativas e affaffinatos por parte dos negros, ferviçaes, importados do norte, que tenham por bafe o fimples intereffe de matar, mas os gentios da localidade, quando commettem qualquer crime d'efta ordem, tem fido fempre para confeguir roubar gado ou mantimentos. Fazer efperas em fitio ermo, ferir intencionalmente os dous amos brancos, deixar incolumes os pretos, e não roubar o gado dos carros era cafo perfeitamente novo e fem precedentes.

De aqui nafceram naturalmente fufpeitas, hoje confirmadas pelo defpacho de pronuncia lavrado pelo meritiffimo juiz de direito, contra um branco como mandatario de tal attentado.

Por denuncia poferior de um ferviçal do europeu Caetano de Paiva, foube-fe ter efte mandado aquelle ter com o negro gentio Ambundo á Bata-Bata, onde fe achava acampado efte regulo, para o avifar de que Vital do Canto feguiria para Capangombe, e que era occafião de o mandar affaffinar, como reprefentante das antigas indifpofições d'efte preto com o primeiro marido da fenhora com quem hoje eftá cafado o mefmo Vital, e que era o maior proprietario do concelho do Bumbo, inimigo figadal do gentio, e que por vezes havia tido com o proprio Ambundo queftões, em que tinham vindo ás mãos.

Daria lugar a uma longa narrativa efte epifodio, que fimplefmente esbocei, para fignificar aos leitores, fe porventura os houver, e com a neceffaria paciencia para feguirem efta defcripção, qual o eftado de felvageria das noffas colonias, e como brancos e pretos concorrem pouco para o feu progreffivo defenvolvimento civilifador.

Sabido que foi fer um branco o mandatario de tão covarde attentado, o cafo perdeu toda a importancia politica para dever fer collocado no numero dos crimes vulgares, que eftão bem longe de fignificar uma conflagração geral, ou a manifeftação culpada, difficil de reprimir, e altamente perigofa para uma colonia agricola — *O odio de raça*: em quanto porém a queftão fe não collocou n'efte pé, e todas as circumftancias não foram conhecidas, era natural o pafmo por parte dos agricultores, e eram tambem decerto fundados os receios de quem eftava no caminho de Capangombe, e que pela fua pofição mais devia excitar a cubiça de falteadores atrevidos, ou negros fanatifados por uma poffivel idéa de deftruição da raça dominadora.

O caminho de Giraul á Pedra Grande, eftá fenfivelmente melhorado com o lanço da Pedra Pequena, feito pela circumfcripção de obras publicas; no emtanto o refto do caminho, e principalmente do alto do Giraul ao alto do Binga, offerece ainda graviffimos incommodos a quem viaja de carro, continuando as rampas a fer exceffivas e abruptas, e as pedras foltas e enterradas a pôr em rifco de enormes avarias as viaturas empregadas no ferviço de conducção para o litoral, dos productos do concelho do Bumbo.

Paffou-fe a noute na Pedra Grande, outra enorme efflorefcencia do fub-folo, cujas grandes concavidades fervem de depofitos da agua das chuvas, unico allivio dos viandantes fóra das epochas em que eftas fe não manifeftam, e que por uma empreitada dada a um induftrial, por nome Ayres, ficou collocada em circumftancias de, por meio da conftrucção regular de tanques, aproveitando aquellas concavidades como indicação natural de tal auxilio, conftituir uma das obras mais importantes e mais economicas, que fe devem á iniciativa civilifadora da expedição de obras publicas.

Encontrámos na Pedra Grande, ponto obrigado de efpera n'eftas viagens, oitenta e tantos carregadores da Umpata, que conduziam as cargas de um funante (negociante do matto) por nome Bordallo, antigo foldado voluntario da expedição que em 1860 foi mandada para caftigar na provincia os infultos do gentio do Congo. D'efta expedição de que fazia parte Sua Mageftade, commandando a corveta Bartholomeu Dias, já poucos reftam na provincia; ha porém ainda veftigios, fendo um dos mais notaveis a memoria que d'ella deixou na provincia o fargento D. Vafco Tellles da Gama, filho do ultimo marquez de Niza, reprefentante do heroico defcobridor do caminho das Indias.

Na Pedra Grande juntou-fe-nos tambem uma proprietaria viuva do dono da fazenda do Bombo, o qual por ter fido o primeiro chefe adminiftrativo da colonia de Capangombe, creada pelo governador Calheiros, perpetuou de uma fórma official o nome por que era conhecida a fua propriedade, que eftá collocada na fralda da Chella em feguimento á portella denominada da Banja.

Ás 3 horas e 20 minutos do dia 3 de junho, largámos todos de companhia, formando uma caravana, que tinha toda a fimilhança com uma guerra gentilica, á qual não faltavam os córos bailundos, e outras canções mais ou menos dedicadas ao governador, que confideravam chefe da expedição, e aos ferimentos de Vital do Couto e feu empregado, ferimentos que

pela ſua eſpecialidade, conſtituindo uma notavel excepção, eram por mais que uma fórma celebrados em tom laſtimoſo.

Ás 4 horas e 30 minutos encontrámos o doutor Manuel Fortunato Couto de Aguiar, que vinha preſo pelo tenente Fontaura. Eram acompanhados pelo agricultor Neſtor Joſé da Coſta, celebre caçador de leões, homem de caracter ao meſmo tempo forte e ſocegado, exemplo do que póde a educação franca e ſincera da natureza, quando aſſente ſobre as baſes de inſtinctos generoſos, e n'uma indole exemplar.

Não deixou eſte encontro de ſer uma circumſtancia extraordinaria. O preſidente da camara municipal da villa de Moſſamedes, o homem querido de todos e a todos ſympathico, advogado formado em direito pela Univerſidade de Coimbra, homem de ſala e optimo companheiro de cavaco, ultimamente nomeado juiz de Timor, vinha preſo e accuſado de moedeiro falſo, pronunciado meſmo como companheiro e incitador d'eſte crime, repetido em Africa pelos legendarios artiſtas d'eſte genero, os celebres Silveiras.

Não pronunciaram ainda os tribunaes competentes o ſeu veridictum ſobre a criminalidade d'eſte accuſado; a fuga, porém, logo que ſoube da pronuncia, deverá ſer para o infeliz uma circumſtancia deſgraçada para provar a ſua innocencia. Um encontro d'eſtes em viagem ao ſertão africano, dá lugar a conſiderações de ordem muito particularmente accentuada, para que poſſa deixar de mencionar algumas das que mais deſignadamente me aſſaltaram o eſpirito.

Em primeiro lugar não pude deixar de admirar a coragem e a prudente energia com que o tenente Fontaura procedeu á diligencia em queſtão, ſerviço cercado de perigos, de viciſſitudes, e ainda de riſco imminente de vida, indo prender um homem reſpeitado e protegido por toda a gente da provincia, e tendo de o conduzir de Quilengues para a Huilla, e d'ahi para Moſſamedes por Capangombe!!...

Eſte homem encontraria apoio em toda a gente do diſtricto de Moſſamedes, cujos intereſſes eſtão mais ou menos ligados com os d'elle; onde elle quizeſſe evadir-ſe encontraria até quem o defendeſſe, e iſto meſmo entre o gentio, com as armas na mão. De tudo porém triumphou a boa vontade e a corajoſa energia do tenente Fontaura, o qual por minhas instancias foi merecidameete agraciado pelo governo de Sua Mageſtade com a ordem da Torre e Eſpada.

Fontaura falleceu algum tempo depois de ter recebido a noticia de eſtar condecorado, e perdeu-ſe n'elle um dos officiaes mais notavelmente corajoſos do exercito portuguez.

O doutor Aguiar logo que ſoube que eſtava pronunciado, como diſſe, fugio para o matto, e iſto antes que pela correſpondencia official ſe ſoubeſſe do facto da pronuncia: as circumſtancias que concorreram n'eſta fuga, o ataque de leões, que elle ſoffreu e que lhe inutiliſou os meios de tranſporte, a falta de recurſos com que luctou, a priſão quando ſe julgava abſolutamente livre de qualquer perſeguição, produziram no fugitivo um aſpecto lugubre e melancholico, quadro que mais ainda ſe aggravava com o eſcuro da noute e o ſilencio triſte dos companheiros e carregadores.

AS MULHERES PORTUGUEZAS NO SECULO XVIII

Julgadas em primeira inſtancia pelo dr. Felix Joſé da Coſta, com recurſo de reviſta para um padre barbadinho e appellação da primitiva ſentença, para o cavalheiro de Oliveira.

(1741-1746)

Em 1741 dava o dr. Felix Joſé da Coſta á eſtampa um folheto de 27 paginas de impreſſão, com eſte embrulhado e bombaſtico titulo: «*Oſtentação pelo grande talento das damas contra ſeus émulos offerecida*» e mandava um exemplar da ſua erudita e deſconchavada apologia ao cavalheiro de Oliveira, que então reſidia em Ameſterdão para poupar ao Santo Officio o incommodo de o domiciliar gratuitamente nos carceres da Inquiſição.

Se eu não houveſſe já lido «*El tratado en louor de las mugeres*» de Chriſtoval Acoſta Affricano, impreſſo em Veneza, em 1592, onde ſe diz em louvor das mulheres couſas que eſqueceram ao demonio, ficaria tentado a tomar o dr. Felix na conta de um doudo varrido, logo em ſeguida á declaração de que: *por todos eſtes ſublimes entes* (as mulheres) *veſte como defenſor as armas brancas d'eſte papel* (o folheto) *não menos fortes que as de aço, e empunhando eſta folha concluirei os contrarios, dando-lhes os golpes na teſta, por que ſão mais nobres as feridas altas*»!

Por eſta amoſtra de eſtylo, mais propria de um meſtre de eſgrima que de um doutor formado em direito civil pela Univerſidade de Coimbra, ſe vê que o auctor da «*Oſtentação pelo grande talento das damas*» era uma eſpecie de Fauſto de terceira claſſe, rejuveneſcido por um pacto ſecreto com o genio tutelar das bagatellas, e marrando ás tontas em todos os velhos cartapacios d'onde via que podia ſaccar argumentos em ſavor não de uma, mas de todas as Margaridas do ſeu conhecimento.

Para ſe ſaber ao certo quem foi o dr. Felix da Coſta, baſta lêr o que a ſeu reſpeito ſe lê no «*Diccionario Bibliographico*». Eſte dr. Felix era um erudito de uma eſpecie hoje felizmente perdida, mas abundante nos fins do ſeculo XVII e principios do XVIII. Lia tudo, mas, ou não fazia digeſtão do que lia, ou applicava o fructo das ſuas leituras a ornamentar frioleiras, como as do livro de que ſe trata n'eſte lugar.

Em louvor das mulheres ha centenas de livros deſenxabidos, mas talvez nenhum leve a palma ao do dr. Felix.

Eu, porem, não o querendo avaliar pela rama, procurei julgar por mim meſmo do eſtado mental do paladino das damas portuguezas, arcando intrepido com mais dous folhetos publicados pelo juiz de fóra de Algoſo, concluindo que as damas não têem razão para ſe deſvanecer com a logica, nem com os primores do eſtylo de ſeu officioſo panegyriſta.

Partidario da orthographia ſonica, e como tal um dos aſcendentes do sr. Barboſa Leão em linha varonil, o doutor levava de parelha a ſua cortezia pelas damas, o ſeu rancor pelas letras dobradas, e um odio inveterado e indigno dos ſeus titulos academicos

pelo inoffenſivo *h*, odio que lhe mereceu os galhofeiros reparos do defenfaſtiado cavalheiro de Oliveira.

Para provar a minucia ultra comica com que o dr. Felix ſe atirou á demonſtração da ſua theſe — provar que as mulheres valiam intelectualmente mais do que os homens — baſta ſeguil-o na ſua longa viagem ao paraiſo terreal, e ouvil-o diſcurſar d'eſte modo: «*A primeira mulher que folheou as ſciencias, ou a arvore d'ellas, foi Eva. Diſputou de direito, porque a primeira coiſa que ſe queſtionou foi a intelligencia de uma lei. Diſputou de theologia, por que era materia de theologia fazer-ſe ſemelhante a muitos deoſes. Diſputou de chimica, por que ſe duvidava ſe pelo calor natural aſſoprado da gula d'aquella fructa, podia o umano* — aqui vae guilhotinado o *h* — *converter-se em demonio, ou o ome* — ſegunda execução da pobre conſoante! — *em Deus.*»

E por aqui fóra ſegue o noſſo Felix incommodando os livros ſagrados e os profanos, para os ageitar ao ſabor da ſua furia laudatoria, até chegar ao fim da jornada, dizendo com uma ingenuidade que cheira a baſofia: «*Senhores, tenho acabado eſte papel por eſtirilidade do meu engenho, que pelo que ha que diſer n'eſte aſſumpto nunca acabaria!*»

Por eſtes excerptos ficam as minhas leitoras ſabendo em que mãos caíram os ſeus creditos, oſtentados na proſa ſybilina de um juiz de fóra ſertanejo, que promettera dar os *golpes nas teſtas* dos ſeus adverſarios, por ſerem, dizia o pedante, *mais nobres as feridas altas!*

O mais curioſo d'eſte negocio é, que cinco annos depois da publicação do folheto do dr. Felix, iſto é, em 1746, era dado á eſtampa o ſegundo volume do «*Verdadeiro methodo de eſtudar*» eſcripto por um barbadinho da congregação de Italia, onde, na carta XVI ſe dá, diz o frade, *uma idea do modo de inſtruir as mulheres; e não ſó nos eſtudos, mas na economia, com utilidade da republica*».[1]

Que abyſmo entre as revelações do barbadinho com relação ao nivel intellectual de mulher portugueza no ſeculo XVIII, e as adocicadas jaculatorias do juiz de fóra de Algoſo, arvorado em Magriço das ſuas compatriotas! Em proſa chã, arraſtada e dorminhôca, entra agora o frade em ſcena a dizer de ſua juſtiça, ſem negar ás mulheres a aptidão neceſſaria para o eſtudo, e confeſſando, com um certo tom de bonhomia, *que não encontrou texto algum de lei, ſagrada ou profana, que obrigue as mulheres a ſcrem tolas e não ſaberem fallar.*»

Bem hajas tu, barbadinho, que tal achado fizeſte, para que alguem ſe não lembraſſe de eſcanhoar os teus argumentos, ponde-ſe do lado do bom ſenſo contra as tuas chanternaes e dogmaticas apprehenſões, ácerca dos eſtudos que a mulher deve ter para bem deſempenhar o ſeu papel na ſociedade.

O que porem não deixa de ſer curioſo, quaſi nas veſperas de rebentar a revolução de 1789, e da mulher deſempenhar na ſcena politica um vaſto e glorioſo papel, é lêr o que o noſſo frade eſcreveu da mulher portugueza, com uns taes ares de boa conſciencia, que nos não dá direito a contrarial-o, nem ſequer a pôr em duvida as ſuas affirmativas.

Senão, vêja-ſe. Eſcreve o reverendo: «*Depois ler e eſcrever portuguez correctamente. Iſto é o que rara mulher ſabe fazer em Portugal. Não digo eu eſcrever correctamente, pois ainda não achei alguma que o fizeſſe, mas digo que pouquiſſimas ſabem ler e eſcrever, e muito menos fazer ambas as coiſas correntemente. Orthographia e pontuação, nenhuma as conhece. As cartas das mulheres ſão eſcriptas pelo eſtylo das bullas, ſem virgulas nem pontos, e algumas que os põem, pela maior parte é fora do ſeu logar.*»

Compare agora a leitora eſta ſinceridade fradeſca, com as altiloquas expanções do dr. Felix, e veja ſe ha ou não ha motivo em quebrar a cabeça para apurar qual dos dous fallava a verdade; ſe o fogoſo magistrado, ou ſe o ingenuo tonſurado.

Eſte ultimo, pelo menos, punha o balſamo ao pé da ferida. Ahi vae o que elle eſcreveu para deſculpar as mulheres da ignorancia de que as accuſa:

«*Sei que n'eſte paiz não ha livros vulgares, que expliquem eſtas coiſas, era melhor que alguns religioſos, em vez de comporem tantas novenas, e outras coiſas eſcuſadas, compozeſſem um breve cathecifmo hiſtorico, util para a mocidade, porque a chamada cartilha do meſtre Ignacio, é coiſa indigna.*»

Em ſeguida o barbadinho recommenda ás mulheres, no ſeu plano de eſtudos para uſo do ſexo feminino, que aprendam a conhecer as quatro partes do mundo, *eſpecialmente a Paleſtina*, e que leiam a hiſtoria, e tambem de preferencia a ſagrada, iſto no intuito, accreſcenta o pedagogo, *de confirmar qualquer peſſoa na ſua fé e religião!*

O reſto do plano do frade é um pouco engoiado. Pronuncia-ſe ligeiramente contra o conhecimento da muſica, fazendo para o cultivo d'eſta nobiliſſima arte uma excepção a favor das freiras, e dá a entender que é bom que as mulheres fidalgas aprendam latim, mas deixa no tinteiro as razões d'eſte ſeu ultimo e excepcional alvitre.

Diſſe eu mais atraz que o dr. Felix tivera a candura de preſentear o cavalheiro de Oliveira, o eſpirituoſo folhetiniſta do ſeculo paſſado, com um exemplar do folheto da *Oſtentação pelo grande talento das mulheres*, mal cuidando que de torna viagem lhe viria a réplica mais ſalgada do que ſeria para eſperar de um animo agradecido.

Começa o cavalheiro zombando polidamente da orthographia do ſeu correſpondente — que principia alguns vocabulos com dois *rr* — e referindo-ſe ás refutações que o dr. Felix dera a cinco perſonagens já

[1] Na parte I. Diviſão XIV da *Deducção chronologica e analytica*, que corre impreſſa com o nome de Joſé de Seabra da Silva, lê-ſe uma extenſa e curioſa nota ao § 831 (pag. 497) em que ſe falla com o maior encarecimento do ſuppoſto barbadinho, auctor do *Verdadeiro methodo de eſtudar para ſer util á republica, e á Igreja, proporcionado ao eſtylo, e necessidades de Portugal*. Da referida nota ſe conclue que o auctor pretendera combater o monopolio do enſino publico feito pelos jeſuitas, e que o conſeguira em parte, ridicularifando os livros que até ali corriam impreſſos, recommendados e proteccionados pela Sociedade de Jeſus. Para contrariar a influencia do *Verdadeiro methodo* eſcreveu o jeſuita Joſé de Araujo, com o pſeudonimo de fr. Arſenio da Piedade, um outro livro intitulado *Reflexões apologeticas*, no intuito de fazer ſuſpeito de hereſia o ſeu antagoniſta. Não ſe accommodou eſte com as *Reflexões apologeticas*, e eſcreveu logo em ſeguida um opuſculo com o titulo de *Resposta ás reflexões*, em que tratou tão mal o pretendido frei Arſenio, e toda a Sociedade de Jeſus, que eſta julgou conveniente mandar publicar mais outros dous livros defendendo-ſe, e foram: o *Retrato de morte côr*, e a *Converſação familiar*. O mais que ſe lê na nota a que nos referimos é alheio ao noſſo aſſumpto e demonſtra a enorme influencia que os jeſuitas exerciam ſobre o animo de D. João V e da rainha D. Marianna de Auſtria. Eſta importante controverſia litteraria não vem indicada no *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio, em nenhum dos artigos que ſe referem aos individuos que n'ella tomaram parte, e por iſſo me pareceu curioſo dar aqui noticia d'ella.

mortos, que contra as mulheres haviam eſcripto, accreſcenta tranſpirando ironia em cada phraſe:

«*Torno a louvar a Deus pelo valor que deo a V. M. para deſafiar cinco defuntos ao meſmo tempo, que ſou tão covarde, que ande fugindo a um tudo o que poſſo, porem ſe eu achar os ff, como V. M. achou os rr, para lhe fazer bulha, pode ſer que ainda faça um papel n'eſte mundo com mais ff e rr que o de V. M.*»

Aſſim mettido a ridiculo o auctor e o ſeu trabalho, o cavalheiro de Oliveira, que tinha um talento lucido e brilhante, e uma lingua, ſe não viperina pelo menos rebelde a cortezanias, entra de ſemana com o bacharel dizendo-lhe: «*Tenho viſto poucos papeis mais trabalhados que a «Oſtentação» de V. M. porem para provar que o juizo das ſenhoras mulheres é muito maior do que o noſſo, eu me não canço com argumentos trabalhoſos. Dizendo e confeſſando que nos enganam todos os dias, iſſo baſta para moſtrar quanto nos excedem, e o quanto nós lhe cedemos.*»

A carta toda do cavalheiro de Oliveira é chiſtoſiſſima, e deixa a eſcorrer em ſangue o degeitoſo esquadrinhador dos merecimentos intellectuaes e moraes das damas, que o ſceptico foragido reduz ás mais exiguas proporções ſem fazer cabedal da erudição do dr. Felix, a quem, depois de bem toſado, acaba por chamar ſeu amigo!

«*Tudo o que digo a V. M.*— eſcreve o cavalheiro — *tem auctoridades e exemplos infinitos; porem como eu não tenho livros, nem dinheiro para os comprar, nem paciencia para lhes tirar as entranhas, uſo quando eſcrevo dizer o que me vem á bocca. Eſſe não é o modo de acertar, porem ſe o chegar a fazer em alguma coiſa, quero devel-o a mim meſmo, e não aos estranhos, que ficam ſempre chorando pelo que é ſeu.*»

A eſte remoque bem merecido dado á erudita petulancia do dr. Felix, ſegue-ſe a contrariedade a quaſi todas as affirmações do ſeu livro, até chegar a reſumir o aſſumpto, fallando das mulheres portuguezas do ſeu tempo, pelo ſeguinte modo:

«*Entre eſtas meſmas venerandas e veneraveis portugnesas, não cuide V. M. que é tudo um: já digo que havendo provas para tudo, as não poſſo deſencantar nos auctores que as eſcreveram, porem ſe V. M. quer crêr um dos auctores mais modernos que ſe conhece, creia-me a mim, que me eſtou lembrando como de hontem de tres, ou quatro portugnesas que ahi deixei em diverſos eſtados, as quaes tendo muito entendimento e capacidade, chovia n'ellas como na rua todas as vezes que ſe offerecia occaſião de oſtentarem o ſeu talento. Por eſtas que certamente ſe lembrarão do que paſſaram commigo, me lembro de outras duas com quem paſſei ahi bellos dias, as quaes tendo muito menos juiso, tinham graça a cantaros, ſal aos moios, formoſura a garnel e acertos a pares.*[1] *Uma que era má como as cobras, eſtá pagando as pirraças que me fes em uma das gaiolas d'eſſa côrte, a outra que me fes andar em uma ventoinha, ouvi diser que entrara em priſões mais fortes, caindo nos laços de um Imineu.*[2]

Pelo que deixo tranſcripto ſe vê a nenhuma conta em que o cavalheiro de Oliveira tinha o nivel intellectual das ſuas contemporaneas, em um ſeculo em que fervilhavam as academias e as aſſociações litterarias de homens, e nem ſe quer apparecia denuncia de um bom engenho feminino!

Eſta mingoa de actividade intellectual do ſexo feminino foi nobremente reſgatada nos dous ultimos quarteis do ſeculo paſſado com a traducção da Arte Poetica de Horacio, feita por D. Ritta Clara Freire de Andrade, pela novella, ou como melhor nome haja, publicada em 1752, por D. Thereza Margarida da Silva e Horta, com o nome ſuppoſto de Dorothea Engracia Tavareda Delmira; finalmente com a primoroſa traducção da *Pluralidade dos Mundos*, de Fontenelle, levada a cabo por D. Franciſca de Paula Poſſolo, conhecida nas lettras pelo nome paſtoril de Francilia, paſtora do Tejo, e louvada pelo ſentimento expontaneo das ſuas compoſições poeticas.

Um pouco mais tarde, e quaſi ao entrar pelo ſeculo actual, mas ainda agrilhoadas pelas *velhas tradições do paganiſmo* entraram em ſcena a gentil marqueza de Alorna, a admiradora enthuſiaſta de Filinto Elyſio, ſeguindo-lhe na eſteira a viſcondeſſa de Balſemão, D. Catharina, filiada como poetiſa na eſchola bocagiana, e notavel pelos ditos e replicas verdadeiramente maſculinos que a tradição lhe attribue, e a tornam rival da ſarcaſtica D. Feliciana de Milão, de jovial memoria. Foi por não as haver conhecido, que o cavalheiro de Oliveira formulou na carta a que me tenho referido a ſeguinte ſentença contra as aptidões litterarias das mulheres do ſeu tempo, ſentença a que eu, como eſcrivão d'eſte proceſſo, me não poſſo esquivar a dar publicidade. Diz aſſim o cavalheiro de Oliveira no final da ſua carta ao dr. Felix da Coſta: «*O talento da mulher é como fogo de palha. Se contamos o incendio pelo fumo não ha outro maior, mas ſe falamos ſerioſamente, os incendios de palha ſão os de menos actividade, os de menos duração, e os de menos conſequencia. Com o arado da penna, no campo do papel, cada um póde ſemear a ſeu modo. Os diſcurſos ſão livres e ſe eu podeſſe fogeitar o meu ſó o faria ao talento das damas que amo, e ao juiſo de V. M. que venero com todo o meu coração.*»

Se me é licito dar voto em queſtão para que não fui chamado, direi que não dou razão ás exagerações do dr. Felix, nem approvo o plano de eſtudos do Barbadinho, coordenado para uſo do bello ſexo. Se alguem ſentenceou com juſtiça, em viſta dos autos, foi com certeza o cavalheiro de Oliveira, homem dado a toda a caſta de mundanidades, e como tal habilitado a decifrar a mulher, o mais enredado de todos os enigmas.

L. A. PALMEIRIM.

[1] O cavalheiro de Oliveira reſidia em Ameſtardão, como já diſſe.

[2] A propoſito de hymineu, eſcripto com *I* tinha o cavalheiro de Oliveira brincando com o dr. Felix pela ſeguinte forma: «*Pegando no ſegundo papel de V. M. conheci o peſo d'elle, logo que poude conſtruir que o* IMINEU *era o meſmo que matrimonio. V. M. me tinha prevenido que a orthographia era propriamente ſua, porem ainda com eſſa advertencia cuidei que o dito* IMINEU *era deſpropoſito do impreſſor.*»

UMA PAIZAGEM DE RUISDAEL

—

Jacques Ruifdael nafceu em Harlem pelos annos de 1631. Não fe manifeftou tarde a fua vocação para a pintura, pois parece que aos doze annos já o pincel lhe não era eftranho. Embora deftinado por feus paes á vida medica, a arte fafcinava-o, e parece que a fua convivencia com Berghem acabou por decidir da fua carreira. Defde que em Amsterdão as fuas relações com efte artifta fe eftreitaram, tomou defaffombradamente o pincel, e dedicou-fe efpecialmente á paizagem, tomando por guia aquelle meftre, tanto na maneira como na côr. Comquanto deva fer claffificado entre os pintores romanticos, os feus quadros denotam um profundo eftudo da natureza. As fuas paizagens fão confideradas entre as melhores da efchola hollandeza, e talvez que nenhumas outras traduzam com mais verdade o afpecto dos campos da Hollanda, trifte, auftero e ao mefmo tempo fereno.

A gravura que n'efte numero da *Arte* publicamos é copia d'uma d'effas formofas paizagens. A téla pertence á galeria de Drefde.

Jacques Ruifdael morreu a 16 de novembro de 1681, contando 50 annos de edade.

S.

EXCERPTO DE UM POEMA INEDITO

XIV

Não vê caminho
quem fcifmando o percorre, — quem, — abforto
em feu phantafiar, anda fôfinho.
Por iffo, ás vezes, em atalho torto
até perder-fe vae quem muito fcifma.

Ignoro, juro, ignoro qual o prifma...
fob que afpecto... Raul a feu talante
ia o porvir compondo. Negro e tôrvo
provavelmente o fonhava n'effe inftante,
como fe as azas d'um immenfo côrvo
lhe encubriffem a luz do fol brilhante.
O que eu fei é que foi, alheiada a mente,
fem confciencia de fi, andando... andando...
até deixar a habitual vereda,
dar comfigo dos montes na vertente,
fubir... fubir... parar de quando em quando
fem fol'go, extenuado, — e na alameda
de plátanos frondofos (as plumagens
da crifta da montanha)
entranhar-fe por fim. Denfas ramagens,
por entre as quaes penetra luz efcaffa,
ridente a vide em feus anneis apanha,
nos pampanos vicofos entrelaça.
Dos livros bolorentos, que eu confulto,
confta que ali nafcêra a amavel Graça,
primeira das tres manas, que a feu culto
fubjeita os corações, e tem de bello
tudo... menos o nome de Euphrofina.
No mais encaixa as outras n'um chinello:
nem ha mulher no mundo que o não faça
fe junta a fer formofa o fer ladina.

Em clareira efpacofa e recalcada
o longo renque d'arvores termina.
Um templofinho alegre, — uma capella
toda garrida, toda bem caiada,
levanta-fe fingela
no centro da efplanada.
Ao lado — uma cafita, egual na alvura,
dando-fe ares d'um d'effes galinheiros
onde fó cacareja o padre cura.
Um craveiro á janella. Na parede
efpalmam-fe, tecendo, os jafmineiros
de malha em malha a perfumada rêde,
vigorofos, — floridos. Não, que a fonte
que fufurra não fei que branda queixa
correndo ali defronte,
o pé lhes vae regando, e não lhes deixa
faber o que é ter fêde.

D'um povo inda boçal na crença rude
aguas *fantas* são effas! Um mergulho,
tomado ali com fé, tem a virtude
da quina amarga em fébres outoniças!
Abafa o rheumatifmo, e vae do engulho
as naufeas ferenando! Affoga as férpes
que mordem fem piedade almas noviças
em martyrios d'amor! Extingue os herpes;
facóde cá de dentro os manfarricos,
e outras coifas mais, que dão vertigem
e fão eterna, endiabrada, origem
de convulfões, efpafmos, e fanicos!...

Não é, mifero povo, em agua clara
que mal nenhum dos teus fe extirpa e cura.
Quem limpa de carépa e tira a efcara
é fó um fanto; é *São Boaventura*.
Teimando no mergulho, — então procura
as aguas que fão turvas, e entra affoito.
Se a brincadeira não te cufta cara,
entrafte um zero, e fáes de lá um oito!

F. PALHA.

COFRE PERTENCENTE AO MUSEU DA ACADEMIA REAL DE BELLAS ARTES

—

Pertence o cofre que a noffa gravura reprefenta ao mufeu de arte ornamental da academia real de bellas-artes de Lisboa. Exiftia efte cofre na cafa da moeda, para onde fôra por occafião de ferem ali depofitados varios objectos de valor pertencentes aos conventos extinctos. Foi o fallecido marquez de Soufa e Holftein, quando vice-infpector da academia real de bellas artes, que o requifitou pelo miniftério do reino, conjunctamente com outros objectos artifticos, para o mufeu de aquella academia onde actualmente fe encontra.

É efte cofre de prata lavrada, como fe vê da gravura habilmente executada pelo diftincto profeffor, o sr. Severini, um bonito exemplar da ourivefaria religiofa do fim do feculo XVI, e obra talvez de artifta nacional, pois que não poucos tivemos de fubido merecimento n'efte ramo das bellas artes.

V.

EXCAVAÇÕES HISTORICAS

II

O THEATRO NO REINADO DE D. JOSÉ

GOSTO de D. João V pelas pompas e feſtas eccleſiaſticas convertera-ſe, no reinado do ſeu ſucceſſor, na ardente paixão das pompas theatraes. Numeroſos teſtemunhos nos atteſtam o luxo dos theatros regios de aquella epocha e as enormes ſommas diſpendidas n'eſſes eſpectaculos d'uma oſtentação aſiatica. Não menos de quatro theatros tinha a côrte para entreter os ſeus ocios principescos, como ſe foſſem neceſſarios aquelles apparatoſos ruidos de feſta para apagar os gemidos das victimas que caíam debaixo da tyrannica juſtiça, ou antes da implacavel vingança do despotico marquez de Pombal. O rei que, á ſimilhança de D. João II, triturava, queimava e enclauſurava a nobreza, preciſava de embalar a ſua phantaſia homicida nas ondas harmonioſas deſentranhadas da batuta de David Peres ou de Jomelli.

Não ſe pode negar que n'aquella epocha a muſica teve grande deſenvolvimento entre nós, e foi então que appareceram duas das maiores illuſtrações artiſticas que tem honrado o noſſo paiz — Luiza Todi e Marcos de Portugal; eſte o grande compoſitor, aquella a celeberrima cantora.

A opera abſorveu quaſi toda a actividade artiſtica no reinado de D. Joſé, e alguns eſtudos intereſſantes ſe teêm feito ſobre eſte aſſumpto. Não menos de quatro theatros funccionavam n'aquella epocha; o da Ajuda, o de Lisboa, o de Salvaterra e o de Queluz. Os eſpectaculos eram quaſi excluſivamente muſicaes. Até hoje não ſe tem feito ſenão a chronologia da opera, mas, ſegundo uns documentos que encontramos, havia de certo alguma companhia dramatica que funccionava deante da côrte nos theatros regios. Eſſes documentos vém lançar uma grande luz ſobre a hiſtoria do noſſo theatro, e ſe não eſclarecem completamente a queſtão, podem ſer o ponto de partida para novas inveſtigações, e é ſobretudo debaixo d'eſte aſpecto que nós os apreſentamos. Fôram elles colhidos na correſpondencia diplomatica do noſſo embaixador em Paris, D. Vicente de Souſa Coutinho, correſpondencia que nos tem miniſtrado alguns apontamentos curioſos ſobre outros aſſumptos.

Com data de 24 de junho de 1771, eſcrevia elle:

«Tem-ſe retardado as encommendas que V. Ex.ª me fez para o theatro, por cauſa de ſer neceſſario pintarem-ſe as figuras que devem ſervir de modello. Creyo que S. Mageſtade ficará contente, porque nas que pertencem aos Dramas francezes, não ſó ſe verá diſtinctamente o coſtume nos veſtidos, mas os geſtos das payxões que cada um d'aquelles actores exprime. Eſpero que até 12 ou 15 do mez que vem poſſa expedir tudo pelo primeiro Navio que ſahir do Havre.»

Quem fizer o eſtudo das peças que ſe repreſentavam, por aquelles annos, na Comedia franceza, terá aproximadamente deſcoberto quaes eram os dramas francezes que por ventura ſe vieram a repreſentar em Lisboa.

Um mez depois, a 29 de julho, eſcrevia ainda o noſſo repreſentante ſobre o meſmo aſſumpto:

«Em hum Navio que parte do Havre remetto as encommendas de El-Rey Noſſo Senhor, que já ſe expedirão para aquelle Porto. Multipliquei as figuras da Comedia Franceza, parecendo-me que ſeria agradavel a Suas Mageſtades vêr os modellos das ſcenas mais intereſſantes d'aquelle Theatro. Entre ellas vão tãobem alguas da Opera Commica, Eſpectaculo que ſe tem reduzido aqui á maior perfeição, tanto pela differença da Muſica, como pela eſcolha dos Actores. As figuras da dança cuſtarão muito caras, não havendo mais que hum home que poſſa fazelas com a exactidão neceſſaria. Eſte he Mr. Bouques, o qual me dice havia mandado já alguas para eſſe Reyno.»

São intereſſantes as revelações d'eſta carta, mas quanto mais intereſſantes não ſeriam ſe eſtiveſſe mais extenſamente particulariſada a remeſſa e apontada a ſomma do diſpendio! É natural, todavia, que nos archivos da Comedia Franceza exiſtam algumas indicações ſobre eſta importante encommenda régia.

Ainda ſobre theatros encontramos outra alluſão na citada correſpondencia.

Em carta de 10 de fevereiro de 1772 referia-ſe elle da ſeguinte maneira ao theatro de Salvaterra:

«Eſtimo infinito que El-Rey Noſſo Senhor goſe da boa ſaude que V. Ex.ª me diz e que no ſeu Palacio de Salvaterra ſe divirta no exercicio da caça e com a viſta dos Eſpectaculos, que devem ſer brilhantiſſimos, ſegundo a relação que V. Ex.ª me fez d'aquelle Theatro.»

São poucos os documentos que ſe acabam de lêr, mas parece-nos terem algum alcance. São até certo ponto uma revelação, e quem inveſtigar os archivos não deixará de encontrar novos eſclarecimentos que venham completar o que ſe acha apenas esboçado nas cartas do noſſo embaixador em Paris. Ainda ha pouco um documento encontrado nos cartorios da Univerſidade lançava grande luz ſobre os uſos do theatro academico. Tendo-ſe vivido, durante ſeculos, ſob o predominio do deſpotiſmo religioſo e politico, quem quizer conhecer as manifeſtações da vida do povo, deſde as mais elevadas até ás mais infimas camadas, deſde a realeza até á plebe, haverá infallivelmente de recorrer a cada momento a eſſa mina inexhaurivel dos archivos, onde ſe accumulam, na imperturbavel tranquilidade do pó os ſegredos do Eſtado, os tramas das claſſes dirigintes, os proceſſos da inquiſição e as denuncias da policia.

SOUZA VITERBO.

UM TALENTO PRECOCE

—

NADA mais vivo, mais alegre e buliçoso que uma ninhada de pintainhos! mal sáem da casca, eil-os já ahi andam piando, esgaravatando a terra, e de cabeça erguida e olho accêso procurando a caça. Ao pé de toda aquella animação irrequieta das pequeninas aves, faz rude contraste a figura da mãe, toda desconfianças e sustos, crespa de pennas, e olhando com supremo cuidado, ora para a terra, ora para o céu, com receio de que venha alguem apetecer-lhe o delicado thesouro.

Haja qualquer ruido, passe um gato no muro do telhado proximo, ladre um cão, uma sombra que se extenda de subito ao pé dos pintainhos, e logo a mãe chama anciosamente os filhos, e abrigando-os no mais amoroso conchego, agacha-se, abafa a sua voz, une-se, cose-se com a terra e com as pedras onde porventura esteja, de sorte que o inimigo a não veja, e lhe não venha disputar os filhos.

Que sustos e que ancias, que momentos horriveis, quando desamparado no campo, ou nas cumiadas dos montes, os milhafres famintos apertam cada vez mais o circulo do seu vôo em roda da pobre e afflicta mãe, ou quando uma gineta ou um cão de caça guloso e esmaleitado depara com aquelle banquete.

A pobre gallinha defende-se, atira-se com denodo incrivel adeante do perigo e morre sem se desviar uma linha do limite que o seu grande affecto lhe traçou

Conta a gente das aldeias façanhas heroicas das gallinhas deante de inimigos dez vezes maiores e mais valentes que ellas.

Algumas chegam a ser de tal sorte intrepidas, que se lançam ás proprias pessoas em quem ainda ha pouco, antes de incubarem, tinham grande confiança. Outras levam a sua dedicação ao ponto de não quererem alimento, e de se deixarem morrer em cima dos ovos.

São raras, mas ha casos d'estes. As boas donas de casa conhecem-n'as e borrifam-n'as com vinho, e põem-lhes perto do ninho o alimento que mais as captiva, e assim escapam ellas á morte. Creio que a mãe dos pintainhos da nossa estampa não pertence a esta ultima cathegoria.

Ou foi comer no entretanto, ou anda a espojar-se na terra que ella esborôa e espalha com as patas e com a força do bico...

É que não ha perigo. O ninho é abrigado, coberto por um docel de folhas e de flôres silvestres, e afogado por uma relva macia como o velludo... Os pequenitos piam, chamam, têem medo ainda assim.

Mas não ha perigo, se não vel-a-hiamos ali logo de prompto, accudindo aos pequeninos... Está longe e não assiste ao nascimento de um dos filhos. Um dos irmãos do recemnascido é que está, ás bicadas, arrancando-lhe das pernas uns restos de casca... O outro, que está no primeiro plano, e que parece ser o mais velho, e que tem apparencias de mais esperto e vivo, pouco se importa com os processos da improvisada parteira. É filaucioso e arrogante. Dá grandes promessas. Os seus pios fortes e frequentes fazem crer que virá a ser um valente cantor, cuja voz metallica e vibrante accordará mais tarde o echo das campinas e varzeas em redor. — E o maroto não fecha o bico! Talento precoce! Hasde dar um bello e intrepido gallo.

E depois quem sabe, talvez, de ahi a mezes na conçoada, no dia dos annos do sr. parocho, ou n'um *caso de molestia que obrigue a caldo*, tu, meu pobre frangainho, que tens deante de ti um rasgado porvir de soberano e de triumphador, virás a acabar ás mãos de uma simples cosinheira. Nada pois de arrogancias de pimpão, meu querido pintainho! No entanto como por ora o teu corpinho delicado não dá para um caldo chorudo, falta, brinca, pia, finge combates e vae devorando os mais fracos... Estás dentro da grande lei.

Mata, destróe, e vive... a seu tempo serás morto, destruido e vencido.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

REVISTA ARTISTICA

—

A perto de dous annos que o corpo central da galeria que defronta com a porta principal do magnifico templo dos Jeronymos, se desmoronou, sepultando em suas ruinas alguns infelizes trabalhadores.

Cumpria tomar qualquer resolução para, quanto antes, pôr termo ao deploravel espectaculo exposto á vista dos que visitam a famosa edificação manuelina, o qual tão tristes recordações desperta, proseguindo-se com actividade n'aquellas obras que parecem interminaveis.

N'este intuito, um dos architectos do ministerio das obras publicas fez doze estudos de projectos de um novo corpo central em substituição do que desabou, e conjunctamente um projecto de reconstrucção da capella-mór da egreja, em harmonia com o estylo architectonico de aquella sumptuosa fabrica.

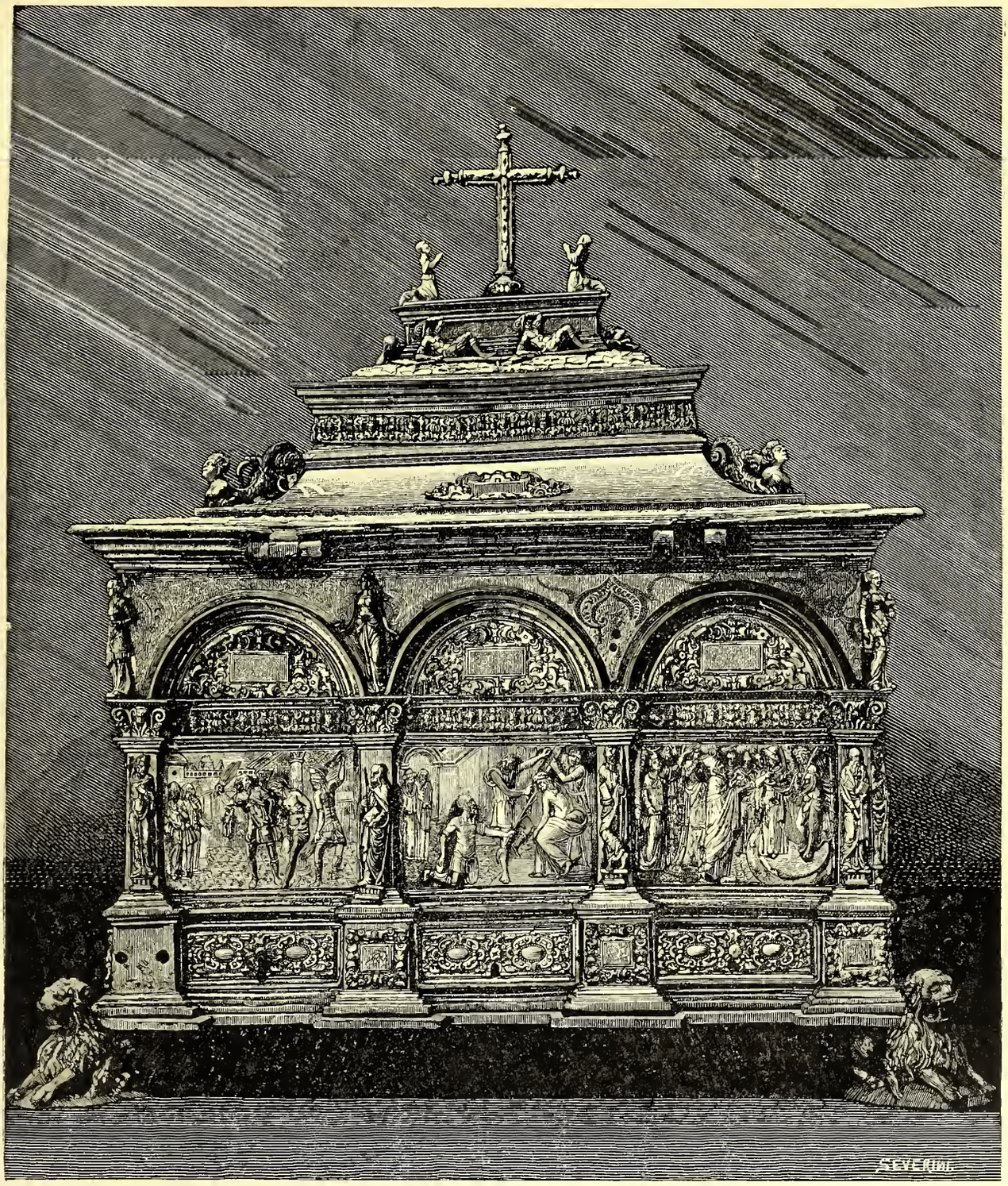
O sr. ministro das obras publicas não querendo resolver por si assumpto de uma especialidade que não pertence verdadeiramente ao seu ministerio, e que é de summa gravidade para o decoro que a arte nacional precisa manter, enviou os projectos á academia real de bellas artes, a fim de que esta instituição désse parecer ácerca de qual conviria preferir.

O director da academia, em cumprimento das ordens que superiormente recebeu, nomeou uma commissão composta dos architectos, os srs. Luiz Monteiro, Gaspar e Nepomuceno, e do esculptor o sr. Victor Bastos.

A commissão, a que presidiu o mencionado director, o sr. Antonio Thomaz da Fonseca, terminou os seus trabalhos no dia 16 de outubro, submettendo o relatorio d'elles á discussão da conferencia geral da academia, que o approvou por unanimidade de votos.

Os artistas commissionados haviam deliberado na primeira sessão em que se reuniram, solicitar da repartição competente os traçados do monumento no estado em que elle se achava antes de começar a sua reconstrucção.

Fôram-lhes remettidos esses traçados, e não só por elles senão tambem por um detido e minucioso exame a que procederam no edificio, convenceram-se aquelles artistas de que a galeria, ou portico aberto, cujo corpo central lhes cumpria estudar, sazia, na sua primitiva, parte integrante da egreja dos Jeronymos, servindo de alpendrada como algumas que ainda hoje existem em antigas egrejas do paiz.



COFRE PERTENCENTE AO MUSEU DA ACADEMIA REAL DE BELLAS ARTES

Reforçavam-lhes esta opinião os vestigios que ainda se vêem em torno da porta principal, os quaes são uma prova irrecusavel da ligação da extensa galeria ao templo, o que a este respeito escreve a *Chorographia de Portugal*, e finalmente, o que Damião de Goes diz na sua *Chronica de D. Manuel*, onde se lê o seguinte:

«... a outra porta é a principal, posto que não seja tamanha como a porta travessa pelo causar uma formosa e comprida varanda de pedra talhada que de sobre ella sae de lógo do caminho publico até o cabo de todollos jardins e edificios d'este mosteiro: sobre ella qual está o dormitorio dos frades.»

A commissão concluindo de todas as suas investigações e demais trabalhos a que procedeu, que a galeria de que se trata não deveria ser nunca separada da egreja, foi de parecer que se deve mandar demolir a parte moderna das extremidades, principalmente a do lado do nascente, ligando-se a mesma galeria com a fachada da egreja, como deve ter sido na primitiva, e que se supprima o corpo central para cuja construcção se commetteu o desacato de demolir janellas magnificas, uma das quaes existe no museu do Carmo. Para isso é necessario reconstruir as arcadas que tambem fôram destruidas, de modo que fiquem exactamente como as demais.

Pondera a commissão que a fachada sul da galeria não é uma fachada principal, porém sim lateral, visto que o eixo da galeria na sua extensão coincide perfeitamente com o principal eixo da egreja. Não parece, portanto, que seja razoavel erigir n'essa fachada um corpo mais elevado e saliente do que ella.

A commissão foi outro sim de parecer que se deve apear a moderna cupula construida sobre a torre dos sinos, collocando-se no lugar d'ella outra de fórma adquada ao estylo do monumento, e bem assim que se reconstrua com o devido criterio o que por successivas demolições, ou errados restauros, tem sido desfigurado ou destruido.

Emquanto á capella-mór, a commissão declarou que no caso de se assentar na reconstrucção d'essa parte da egreja, o projecto que lhe foi enviado não deve ser seguido.

Já que se começou por andar acertadamente n'este assumpto, quer da parte do governo mandando ouvir sobre elle a academia de bellas artes, a unica repartição competente para o estudar, quer da parte da commissão que fundamentou em serias investigações e excellentes raciocinios o seu parecer, bom será que as obras prosigam e se concluam, acatando-se a opinião dos mais entendidos, para que as monstruosidades que têem deturpado aquelle edificio se não repitam, e antes desappareçam ou se modifiquem.

*
* *

Á falta de conhecimentos de desenho e das bellas artes em geral, se deve o atrazo da nossa industria manufactora. O operario portuguez, que, diga-se a verdade, é em geral habilidoso, não tira comtudo todo o proveito da sua habilidade, porque, por via de regra, é ignorante.

Nos cursos nocturnos da academia de bellas artes de Lisboa andam a aprender desenho duzentos e quatro individuos, a maior parte d'elles pertencentes á classe operaria; mas este numero é diminutissimo, principalmente se nos lembrarmos que em todo o paiz ha apenas mais uma eschola de desenho para operarios, na academia portuense, e que essa é menos frequentada que a de Lisboa.

De como o desenho auxilia o aperfeiçoamento da industria, serve de prova um magnifico movel que vi ultimamente executado por um curioso de grande habilidade, mas de grande habilidade cultivada pelo desenho e pela pintura.

Refiro-me a um *chifonnier-bureau* feito pelo sr. Julio Guerra e por este cavalheiro offerecido a el-rei D. Fernando.

Empregou o sr. Julio Guerra diversas madeiras no formoso artefacto que tão artisticamente executou. O casco é de carvalho do norte forrado na parte exterior de pau carvoeiro com embutidos de pau rosa. Na parte superior, estão as armas reaes embutidas com madeiras injectadas, de varias côres. O movel é completado com ornamentos de metal dourado e uma pedra de marmore branco.

No interior, ha formosos embutidos de madeira *holly* sobre pau carvoeiro, e as armas da casa de el-rei D. Fernando, executadas pelo processo das madeiras de côr, embutidas.

Umas gavetas são forradas de freixo da Hungria, que produz um ondeado similhante ao do *moiré;* outras de madeiras injectadas, ostentando bonitos desenhos de ornato.

Como o nome francez indica, parte d'este movel serve de secretária, e o resto para arrecadar papeis.

Os embutidos não são feitos, segundo é uso, á flôr da madeira; profundam a taboa em toda a sua espessura, o que dá mais solidez ao trabalho e o torna menos dispendioso na mão de obra, porque se fazem, ao mesmo tempo, dous ou mais objectos embutidos.

No que, porém, o sr. Julio Guerra leva a primazia a qualquer official de officio, é na arte e no gosto com que está comprehendida e executada a parte ornamental do movel saído de suas habilidosas mãos.

O tom do pau rosa sobre o pau carvoeiro, que é de um preto frio, produz agradavel contraste; o destaque da madeira *holly*, que tem a côr do marfim antigo, sobre o pau negro, é de optimo effeito; a harmonia geral da fórma e da côr irreprehensivel.

Sobre a madeira *holly* abriu o sr. Guerra alguns desenhos que preencheu depois com uma massa negra, e assim conseguiu imitar as gravuras sobre marfim que se vêem nos moveis antigos.

Por ultimo, tanto as armas reaes, como as da casa de el-rei D. Fernando são tão bem coloridas com as tres madeiras injectadas de que se compõem, que o olhar mais exercitado se illude, julgando-as pintadas.

É aos conhecimentos de desenho e até da pintura a oleo que o sr. Julio Guerra possue, que a sua muita habilidade deve o poder ir tão longe, dando-lhe ensejo para produzir um artefacto que não agrada unicamente ao olhar menos culto do vulgo, senão tambem á vista intelligente do artista e das pessoas mais acostumadas a vêr os melhores trabalhos da arte industrial.

São estas luzes de desenho e de pintura que se deseja, e é preciso, que tenham os nossos operarios, que, á falta de faculdades inventivas, procuram imitar a industria estrangeira, mas sem grande criterio nem a sufficiente arte para que as suas imitações fiquem á altura dos originaes.

El-rei D. Fernando, que é um verdadeiro artista, apreciou devidamente o mimo que lhe offereceu o sr. Julio Guerra.

*
* *

O novo panno do theatro de D. Maria II se não é absolutamente como eu desejaria que fosse, quero dizer, se não representa apenas um cortinado rico ostentando grandiosas pregas, e com uma larga barra de ouro e franjas tocadas com o preciso vigor, é comtudo bastante severo e não destôa da grandeza e seriedade do nosso primeiro theatro de declamação.

O assumpto, como já disse em o numero antecedente d'esta folha, reduz-se a um panno de Arras onde está figurada uma apotheose a Garrett, e sobre esse panno duas grandes cortinas vermelhas apanhadas aos lados e franjadas de ouro.

A apotheose consiste n'uma especie de monumento coroado por um genio, tendo duas figuras emblematicas sentadas na base e o busto do eminente escriptor no plintho. Por baixo do monumento, vê-se a figura da fama rodeada de genios.

O panno de Arras está muito bem imitado, principalmente visto de longe. Tem comtudo umas pregas talvez pesadas de mais, cortando uma d'ellas uma das figuras da base do monumento, de modo que, se a prega se desfizesse, a figura ficaria, salvo erro, bastante desproporcionada.

A Fama se não tem uma grande correcção de desenho, não pecca todavia por certos defeitos que algumas pessoas lhe querem notar. A figura não se destaca do panno porque pretende representar uma pintura em seda applicada sobre a tela de Arras. Por isso não é pintada imitando o tecido d'aquelle genero de téla, nem tem o relevo de cuja falta muitos a accusam.

As cortinas vermelhas são pintadas com grande largueza. Tem pregas muito bem estudadas e grandiosas.

A entoação geral é boa, revelando a mão habil do artista que a executou.

O sr. Manini, o scenographo que com tanta felicidade desempenhou este excellente trabalho, é um artista de merito, como mais de uma vez aqui tenho affirmado, e na vista que pintou para o primeiro, segundo, quarto e quinto actos da *Estrangeira*, representando um sumptuoso gabinete, mostrou até onde chega a sua aptidão como pintor scenographo.

No primeiro quadro do primeiro acto da *Martha* apresentou tambem o sr. Manini, este anno, um gabinete que, posto estar incompleto porque o artista não teve tempo de o concluir, affirma os seus creditos de habilissimo decorador de theatro.

Na *Estrangeira* a scena do terceiro acto é tambem nova, e foi pintada pelos srs. Machado e Lambertini. Não tem grandeza, nem qualidades superiores de colorido, mas não é mal composta e decorada, denotando a boa vontade e aptidão dos artistas que a executaram.

*
* *

O sr. Arthur Loureiro, o pensionario do Estado que foi ha um anno para Paris aperfeiçoar-se em pintura de paizagem, remetteu para a academia real de bellas artes dous estudos para servirem de prova do seu aproveitamento.

Um repreſenta uma mulher do campo com um feixe de herva á cabeça, copia de um notavel quadro de Breton, exiſtente no muſeu de Luxembourg; o outro é uma academia deſenhada do natural.

A copia pareceu-me bem feita, reproduzindo perfeitamente o eſtylo do meſtre, a julgar por um quadro que conheço do grande artiſta e que faz parte da famoſa galeria do sr. viſconde de Daupias; a academia é correctamente deſenhada, com quanto o modelo não foſſe, a meu vêr, muito bem eſcolhido, o que de certo não feria culpa do artiſta que o copiou.

O sr. Loureiro remetteu mais dous quadros para Lisboa, os quaes pertencem ao sr. Delfim Guedes.

São uma grande paizagem e uma varina. A paizagem é pintada com largueza e tem um primeiro plano muito bem executado; a varina eſtá bem eſtudada, bem deſenhada e é de um colorido vigoroſo, denotando que faíu dos pinceis de um artiſta de talento, que já comprehende a nova maneira de pintar, e que póde vir a ter um logar diſtinctiſſimo entre os pintores portuguezes.

Ambos eſtes quadros obtiveram a honra de figurar no ultimo *Salão* de Paris.

*
* *

A eſtatua para o monumento levantada no Paſſeio Publico aos reſtauradores de 1640, confiada ao eſculptor o sr. Simões de Almeida, e que repreſenta a *Victoria*, eſtá concluida e vaſada no geſſo; a que figura a *Independencia*, da qual ſe encarregou o eſtatuario o sr. Alberto Nunes, eſtá quaſi prompta e dentro em muito pouco tempo ſerá tambem vaſada. Eſtes dous trabalhos, um dos quaes eu conheço — o do sr. Simões de Almeida — e faz honra áquelle diſtincto artiſta, hão de completar vantajoſamente o conjuncto do obeliſco riſcado pelo architecto o sr. Antonio Thomaz da Fonſeca.

RAPIN.

CHRONICA

VARIAM ao ſabor dos caprichos da moda as regras e primores da elegancia, não ſó no talho das roupas e concerto dos atavios, mas tambem nas viſagens e ademanes para que eſtes manifeſtem, não a verdadeira expreſſão do affecto ou ſentimento que nos anima, mas ſim a de aquelle que a moda impõe conſoante as circumſtancias. O deſdem é hoje para muitos caſos o capitulo ſupremo do codigo da elegancia. A admiração e o enthuſiaſmo ſão manifeſtações burguezas que deſacreditam e eſcandaliſam os ápices da caſquilharia. O deſdem é mais conforme ao ſeu eſtado pſychologico, porque é elle o ſentimento que mais convem á inercia dos eſpiritos. São aſſim os caſquilhos de boa lei, os paraltas e taſues que se prezam de acatar e não infringir os preceitos e mandamentos da mais eſmerada elegancia. Eſtá, pois, em vigor o deſdem. A mácula não é de hoje, mas só ha pouco a moda pegou tão geralmente que ameaça entrar-nos nos coſtumes.

É por isso que no theatro, nos bailes, nos paſſeios, em todos os lugares de reunião, emfim, homens e mulheres ſe entreolham cheios de tédio e de aborrecimento, como ſe ali ſe encontraſſem por peſada obrigação, ou em cumprimento de um penoſo dever. É por iſſo que o jantar de fulano foi deſanimado e deſenxabido, que tal peça é enſadonha, que tal quadro é um *mamarracho*, tal eſtatua um mono, tal opera uma ſemſaboria, tal cantor uma nullidade. Embora a conſciencia lhes diga muitas vezes o contrario, o deſdem vence, porque aſſim o manda a moda, e o imperio da moda eſtá quaſi ſempre acima do imperio da conſciencia.

Accudiram-nos á mente eſtas conſiderações ao pegarmos na penna para dar conta aos noſſos leitores das primeiras recitas da preſente epocha theatral; é geralmenre no theatro, ou a propoſito d'elle, que o deſdem mais ſe manifeſta e impéra. Deixemos, porem, de parte eſſas conſiderações que á farta dariam para um livro volumoſo, e vejamos o que ſe tem paſſado em os noſſos principaes theatros.

Ainda o ſol do verão dardejava os ſeus raios abrazadores ſobre a caſaria branca da velha cidade de Ulyſſes, ainda as primeiras chuvas do inverno não haviam ſuccedido ás miſerrimas regas municipaes, em beneficio da hygiene e da limpeza, ainda os ſalões e camarins elegantes ſe conſervavam deſertos e ſilencioſos, emquanto o bulicio da vida reinava nos campos á sombra das arvores em que os paſſarinhos chilreavam, ou nas praias em que o oceano vinha eſpojar-ſe em eſpreguiçamentos de gigante mal deſperto de profundo somno, e já o theatro de S. Carlos abria de par em par as ſuas portas aos *dilettanti* liſbonenſes. Os cartazes annunciavam o *Trovador*, em seguida a *A Africana*, depois o *Fausto*, depois a *Martha*, depois a *Dinorah*, e tudo iſto dentro do breve eſpaço de alguns dias apenas. Poucas vezes temos tido que regiſtrar tão paſmoſa actividade. Pois apezar d'ella, apezar da variedade que é ſempre um atttactivo, uma grande parte dos camarotes e não menor numero de lugares das cadeiras e da geral conſervavam-ſe vazios, dando á ſala um aſpecto verdadeiramente triſte, quaſi lugubre. E a razão d'iſto qual era? A auſencia dos *dilettanti* que ainda ſe achavam nas praias? Não decerto, porque a maior parte d'elles haviam já regreſſado, e quando aſſim não foſſe feria vergonhoſo confeſſar que Lisboa não tem população que baſte para que o ſeu unico theatro lyrico ſeja regularmente concorrido. Seria então, porque o elenco da companhia eſteja áquem das exigencias e das tradições do theatro de S. Carlos? Mas eſſe elenco é dos mais completos, e dos melhores que hoje funccionam na maior parte dos theatros lyricos da Europa, pois que n'elle ſe encontram os nomes juſtamente aſamados de Borghi-Mamo, Vitalli, Fancelli, Pandolphini e Nanetti. Qual seria, pois, a razão? O deſdem? Talvez. Eſtamos até em dizer que ſim.

No *Trovador*, Borghi-Mamo foi, como já a ouviramos o anno paſſado, inexcedivel na interpretação do papel de Leonor, ſempre correctiſſima no canto, ſempre admiravel na expreſſão e accentuação das phraſes mais profundamente dramaticas. Pandolphini irreprehenſivel, como um dos mais abaliſados artiſtas que tem piſado o palco de S. Carlos. Fancelli com a ſua voz maravilhoſa, voz que é um verdadeiro prodigio, ſoltou alguns *dós* claros e limpidos como ha muito ſe não ouviam em S. Carlos. Pois apezar de tudo, e apezar de ſer n'eſta opera que a sr.ª Borghi-Mamo, a cantora mais querida da platéa, ſe nos apreſentou eſte anno pela primeira vez, o *Trovador* viveu o que vivem as roſas. Ha muito quem ſe delicie com as ſuas melodias, em ſegredo, no convivio da familia, eſcutando-as até por detraz das cortinas da janella, quando o realejo que eſtaciona defronte, na rua, as *móe* dolentemente; em publico porém o caſo muda de figura. Verdi paſſou de moda; aos applauſos enthuſiaſticos de outr'ora ſuccedeu o deſdem de hoje. O *Trovador* não podia, portanto, deixar de ſer deſdenhado.

Eſquecia-nos dizer que foi ainda n'eſta opera que ſe eſtreiou a sr.ª Synnerberg, na parte de contralto. É uma cantora novel, com pouca pratica da ſcena, mas que tem uma voz ſufficientemente extenſa e agradavel, educada em bom methodo de canto.

Seguiu-ſe ao *Trovador A Africana*. Eſtreiou-ſe n'eſta opera o tenor Caldani-Kuon. Em má hora o fez. A ſua voz exceſſivamente abarytonada, a ſua impericia como actor e como cantor não podia deixar de produzir os ſeus naturaes reſultados, isto é, um verdadeiro *fiaſco*. Eſtreiaram-ſe tambem n'eſta opera a sr.ª Pantaleoni, o sr. Nanetti, e a sr.ª Nelly-Marſi. Eſta ultima teve boa parte no *fiaſco* d'eſta opera, para o qual contribuio poderoſamente. Para ſubſtituir eſta artiſta eſcripturou a empreza a sr.ª Torreſella, que além de ſer muito formoſa, tem uma voz muito agradavel e afinada, e canta muito regularmente. A sr.ª Pantaleoni tem uma voz de ſoprano baſtante extenſa, e menos mal timbrada, ainda que um pouco eſtridula na corda alta. Não ſe póde dizer que ſeja uma cantora de primeira ordem, mas tem baſtante merecimento e razoavel methodo de canto, o que mais deſaffogadamente moſtrou nas repreſentações ſubſequentes da *Africana*, e ſobretudo no quinto acto que cantou com baſtante correcção.

O sr. Nanetti, que, como diſſemos, ſe eſtreiou tambem n'eſta opera, é um verdadeiro artiſta. A ſua voz, comquanto abranja toda a extenſão exigida ás vozes de baixo profundo, é pouco volumoſa, ſobretudo na corda grave, e baſtante abarytonada nas notas medias e nas agudas. Phraſeia muito correctamente, e é um bom actor, como o provou no deſempenho do papel de Mephiſtopheles, no *Fauſto*.

Foi n'eſta opera que ſe eſtreiou a sr.ª Vitalli. É cantora já conhecida do noſſo publico que d'ella conſervava as melhores recordações, ſobretudo na parte de *Margarida*, a que eſta artiſta dá uma interpretação primoroſa. A ſua voz pura, ſuave e de uma vibração muito malleavel, bem como a ſua phyſionomia angelica, e a ſua eſtatura preſtam-ſe admiravelmente ás exigencias de candura e ingenuidade do adoravel papel de Margarida. A *Martha* e a *Dinorah* tiveram um deſempenho regular. Os coros eſtão eſte anno muito melhorados, o que decerto contribuirá efficazmente para o bom *enſemble* das operas.

Annunciam-ſe para breve os *Huguenotes*, e alguns concer-

tos em que tomará parte o celebre compoſitor e pianiſta, mr. Saint-Saens, que é uma verdadeira notabilidade muſical, muito feſtejado e applaudido não ſó em França, mas tambem em algumas das principaes cidades da Europa. Que ſeja bemvindo.

Vê-ſe de quanto deixamos dito que a empreza de S. Carlos ſe eſmera em bem ſervir o publico, e em adquirir juſtificados titulos á ſua eſtima e conſideração. Na verdade, não poderá deixar de ſer taxado de exigente, o que ſe não der por ſatisfeito com a companhia que actualmente funcciona em o noſſo theatro lyrico, ſe ſe tiver em attenção a moderação dos preços de entrada n'aquella ſala, e ſe os compararmos com os de outros theatros lyricos do eſtrangeiro, onde talvez ſe não encontre reunido um grupo de artiſtas da fama e nome de que goſam alguns dos que actualmente temos em Lisboa.

*
* *

Depois de um largo interregno de alguns mezes, tornou o theatro de D. Maria a abrir as ſuas portas ao publico em a noute de 30 do corrente mez de outubro. E que mudado o ſomos encontrar!

Era, na verdade, uma vergonha, para o paiz o eſtado de abandono a que tinha chegado o noſſo primeiro theatro de declamação. E tal era elle que não ſó dava de nós a mais triſte idéa ſobre o noſſo zelo e goſto pela arte dramatica e pelos ſeus progreſſos, mas até ſobre os noſſos habitos de hygiene e aceio. O eſtrangeiro que ha mezes ſe lembraſſe de entrar no theatro de D. Maria, ficaria convencido de que o theatro nacional ſervia de quando em quando de mercado de gado ſuino.

Agora, porém, não ha razão de queixa. Lavou-ſe, bruniu-ſe, adornou-ſe, e eil-o remoçado e garrido que não ha reconhecel-o.

Entregue a uma ſociedade de actores compoſta de alguns dos melhores que poſſuimos, eſcolheu o director technico da ſociedade, para a abertura, a peça de Alexandre Dumas, *A Eſtrangeira*, que é pelo primor do dialogo mais do que pelo aſſumpto e contextura, uma verdadeira joia da moderna litteratura dramatica franceza.

Subiu emfim o panno, e ao vêrmos o deſuſado eſmero da diſpoſição da ſcena, o luxo até dos moveis e ornamentos, convencemo-nos immediatamente de que a reforma por que o theatro paſſára não parára no proſcenio. Eſſa impreſſão deveras agradavel para quem como nós preza e eſtima os progreſſos da arte, ſubio de ponto ao vêrmos que os actores, ſem excepção, caprichavam em moſtrar-ſe dignos de aquella ſcena em que n'outros tempos uma pleiade de verdadeiros artiſtas colheu ſarta copia de juſtos applauſos. Ha muito que em Portugal não viamos repreſentar aſſim. Auguſto Roſa maravilhou-nos. A interpretação magiſtral que deu ao papel do duque, denota um progreſſo enorme, que apezar das ſuas aptidões e intelligencia, não era de eſperar em tão curto eſpaço de tempo como o que mediou entre o encerramento da paſſada epocha e a inauguração da actual. Virginia comprehendeu e deſempenhou tambem com muita verdade e talento o difficil papel da duqueza, foi correctiſſima no dialogo e na geſticulação, e deu o neceſſario colorido ás phraſes mais dramaticas, entre as quaes eſpecialiſaremos aquella com que termina o primeiro acto, e que é verdadeiramente theatral. Carolina Falco, Emilia dos Anjos, João Roſa, Pinto de Campos, Auguſto Antunes, todos emfim, contribuiram para a notavel unidade do deſempenho que teve *A Eſtrangeira*, e á qual, infelizmente, de ha muito eſtavamos deſahituados.

Oxalá que egual eſmero tenhamos de regiſtrar nas demais peças que ſubirem á ſcena n'aquelle theatro.

*
* *

No theatro da Trindade repreſentou-ſe pela primeira vez a opereta *Os Dragões d'El-Rei*, aſſumpto extrahido de uma antiga comedia ha annos repreſentada no theatro de D. Maria, com o titulo *O habito não faz o monge*, ſe a memoria nos não engana.

A muſica, obra do maeſtro heſpanhol D. José Rogel, auctor de varias zarzuelas muito applaudidas em Heſpanha, e meſmo entre nós, compoſitor muito diſtincto e apreciado que a empreza da Trindade muito acertadamente elegeu para maeſtro do ſeu theatro, é graciofiſſima, alegre e folgaſã, como convem ao aſſumpto. Alguns dos principaes trechos ſão deveras caracteriſticos, e entre elles citaremos o côro das pennas, as coplas de Florinda no ſegundo acto, e o quinteto do terceiro. A inſtrumentação é boa, e em toda a obra ſe revela a eſpontaneidade de inſpiração e a firmeza de mão experiente n'aquelle genero de muſica.

Não deſdiz da muſica o poema que eſtá traduzido e arranjado com muitiſſima graça, e ſem aquella abundancia de plebeiſmos de mau goſto que por vezes ſe notam nas traducções das peças de aquelle genero.

A execução, não diremos que foi irreprehenſivel, mas é dever confeſſar que foi incomparavelmente ſuperior á de outras peças que temos viſto repreſentar n'aquelle theatro. A *miſe-en-ſcene* nada deixou a deſejar, e a affinação e justeza dos coros e peças concertantes, a expreſſão dada ao canto pelas principaes partes, e o todo emfim do deſempenho moſtrou claramente que a peça havia ſido cuidadoſamente enſaiada, quer na parte muſical, quer na parte dramatica.

Florinda houve-ſe com baſtante correcção e propriedade no ſeu papel, bem como a novel actriz Eſther de Carvalho a quem prophetiſamos um riſonho futuro na ſua carreira artiſtica, ſe quizer applicar-ſe deveras ao eſtudo da arte, e ſe não ſe desvanecer com liſonjas e louvaminhas que a tantos tem prejudicado. Leoni repreſentou com muitiſſima graça o ſeu papel de fr. Nicomedes, e Queiroz interpretou com muita naturalidade a feição de aquelle official amigo da folia, das aventuras difficeis, do vinho e do bello ſexo. Portugal cantou bem contribuindo aſſim para o bom exito muſical que a peça teve.

A. DE SOUZA E VASCONCELLOS.

CONCURSO ARTISTICO

O real conſulado de Italia em Lisboa, em cumprimento das inſtrucções que recebeu do miniſterio dos negocios eſtrangeiros de aquella nação, mandou ultimamente publicar nos jornaes que ſe publicam n'eſta capital, o programma para o concurſo do projectado monumento do rei Victor Manuel. Por eſſe programma ſão convidados os artiſtas de todos os paizes, ſem excepção, a concorrer com os ſeus projectos, ao meſmo tempo que lhes deixa ampla liberdade não ſó na eſcolha do eſtylo, e na compoſição, mas até na indicação do local em que o monumento deva ſer erigido. Aos tres melhores projectos que ſe apreſentarem ſerão conferidos tres premios por ordem de merito, a ſaber: um de 50$000 libras, um de 30$000 e um de 20$000.

Chamamos a attenção dos noſſos artiſtas para eſte convite por aſſim dizer univerſal, e que a ninguem exclue, e muito folgaremos ſe opportunamente encontrarmos entre os nomes dos concorrentes algum nome portuguez, pois que felizmente temos entre nós quem com bons foros pode acceitar o convite e entrar no honroſo certamen.

O praſo do concurſo termina em 23 de ſeptembro de 1881.

Typ. de Chriſtovão A. Rodrigues — Rua do Norte, 145, 1.º

NO APRISCO

Typ. — Christovão Augusto Rodrigues.

A ARTE

LISBOA — NOVEMBRO DE 1880

NO APRISCO

—

ESTA deliciosa gravura veio acordar-nos tristes recordações.

Fez-me lembrar aquelle bom Annunciação, aquelle grande artista que tinha n'estes quadros pastorís a sua grande e immorredoura gloria.

Na cidade, entre um publico que váe para S. Carlos ou que corre para o Price, não se comprehendem bem estes assumptos suavissimos, cheios de encanto, de paz, de boa tranquillidade.

Um aprisco! uma palavra que, á força de não se vêr, parece velha, e que em Lisboa apparece só lá de vez em quando na eloquencia estafada de um pregador rhetorico, ou nas estrophes antigas de um raro lyrico.

Eu tambem estive muito tempo sem conhecer o aprisco senão pelos quadros de Annuniação, pelos bucolicos classicos e pelos romances monotonos e insipidos d'aquelle pastoril Florian.

A primeira vez que a palavra teve para mim uma realidade objectiva foi ha tres annos.

Viajava eu pelo norte com Luciano Cordeiro e Magalhães Lima.

Tive uma sensação estranha ao entrar no verdadeiro aprisco.

Uma formosa rapariga loura, com os seus trajos pittorescos, estava no meio d'aquella casa fria, aberta, com o tecto cheio de traves, e a mangedoura cheia de feno — uma casa que não se parece inteiramente nada com a casa Havaneza — dando de jantar, com uma abundancia que faria córar a mesa redonda de muitos hoteis, a uma população de carneiros, que a rodeiavam avidos, olhando-a com os seus grandes olhos claros e pacificos.

E sabem o que me lembrou essa rapariga cercada de ovelhas brancas, com a sua lã crespa e ondeada? Lembrou-me um conhecidissimo quadro allemão, uma illustração do formoso *Werther* de Goethe, representando Carlota dando fatias de pão com manteiga a seus irmãos, n'aquelle momento em que Werther apparece á porta, e é ferido pelo *coup de foudre*, em que falla Sthendal.

A gravura que tenho á vista fez-me um pouco a mesma impressão.

Effectivamente entre as ovelhas e a pastora ha o quer que seja dos laços de familia.

A pastora é a irmã mais velha das suas ovelhas.

Entendem-se muito bem, muito melhor que alguns irmãos que ha por ahi, amam-se sinceramente, as alegrias de uma são as alegrias das outras, as tristezas são-lhes tambem communs.

Na nossa gravura ha sobre tudo tres figuras que nos encantam. São aquelles dous cabritosinhos que estão afastados das ovelhas grandes no primeiro plano do quadro, ao lado um do outro, presos por essa grande attracção da infancia, e aquella pequenita que sentada ao pé da mãe, se deixa vencer pela mesma lei sympathica, e tendo ao pé de si um monte de bellas ovelhas comendo nas mãos de sua mãe, só tem olhos para aquellas duas cabrinhas pequenas, que brincam emquanto as grandes, mais férias, mais positivas, mais conhecedoras do mundo, vão comendo.

Ao fundo, sobre a mangedoura, vôam os passaros brancos, os hospedes do aprisco, emquanto á direita uma ave muito mais socegada, muito mais pacata, dormita empoleirada, com uns ares imbecís de papagaio, que no fim de tudo não é.

A gravura é magnifica, as ovelhas tem vida nas suas poses, intelligencia nos seus olhares. Pode-se dizer que só lhes falta fallar, mas isso tambem lhes falta fóra da gravura, e ninguem se lembrou ainda de accusar Deus por essa falta.

Tenho realmente pena de não poder estudar a fundo a vida, os costumes, os caracteres, d'aquella branca população pacifica e productiva, como posso estudar os da população de Lisboa, que produz muito menos, e que é muito menos branca, tanto na alma como no corpo.

Mas em summa, a ovelha não é a especialidade de Lisboa e não é no Passeio Publico e no genero litterario que ella se pode estudar.

Lamento-o profundamente, porque gosto immenso d'ellas, tanto na gravura deliciosa sobre quo estou escrevendo, como nos quadros de Annunciação, como, sobretudo, nos queijos que nos manda a serra da Estrella.

GERVASIO LOBATO.

DOLORA

—

No caminho, onde nós ambos passamos,
O minha casta flôr!
Os passaritos, altos, nos seus ramos
Fallavam-nos de amor...

E, depois, quando ali voltei ancioso,
E que já não te vi,
Tudo quanto avistei, n'um tom choroso,
Me fallava de ti...

JOAQUIM DE ARAUJO.

SCENAS HISTORICAS DA INDIA

PRIMEIRO ASSALTO A GOA

1510

FFONSO de Albuquerque, depois da morte do Marechal no desbarato de Calicut, apezar de gravemente ferido, não parou na ſua paſmoſa actividade, que era um dos dotes d'aquelle alto eſpirito. Mandou as naus carregadas para o reino, concertou, armou e apercebeu as ſuas para cair novamente ſobre Ormuz.

Partida a armada de Cochim ao longo da coſta, chegando ás alturas de Margeu, Timoja, gentio, homem de baixa condição, na phraſe do tempo, e que pela ſua audacia, como corſario, chegara a alcançar grande poderio, viera ter n'uma fuſta com Affonſo de Albuquerque.

Timoja, poſto foſſe ambicioſo e de animo ruim, preſtara ſempre bons ſerviços a el-rei de Portugal.

Albuquerque levava em mira, quando não encontraſſe no eſtreito a armada do grão-ſultão, cair em Suez e queimar-lhe todas as naus. Timoja prevenio Albuquerque de que tinha os rumes a dous paſſos, porque todos os que haviam eſcapado á eſpada de D. Franciſco de Almeida em Diu ſe tinham refugiado em Goa, onde eſtavam conſtruindo naus na forma das de Portugal, prevenindo o ſultão de que era aquella a terra onde deviam tomar aſſento e fazerem-ſe fortes, para varrerem os portuguezes, ſeus implacaveis e capitaes inimigos, dos mares da India. Timoja informou tambem Albuquerque de que o Sabaio, governador de Goa, era morto. O aſtuto gentio, a quem não eram eſtranhos os fios da diplomacia, deu-lhe conta das divisões que havia entre o filho do Sabaio — Hidalcão, rapaz muito moço — e os ſenhores do reino de Decam. Tudo iſto auſpiciava um golpe de mão feliz ſobre a cidade de Goa onde o olhar penetrante de Affonſo de Albuquerque via nem mais nem menos do que a chave da India! Convocados os capitães a conſelho, reconhecidas as vantagens d'aquelle feito, quando vieſſe a realiſar-ſe, o vencedor de Ormuz metteu os hombros de gigante á nova e importantiſſima empreza.

Não mentira o Timoja. De facto morrera o Sabaio e a gente da cidade eſtava em grande deſcontentamento com o novo capitão. Todavia, Albuquerque não ousava aventurar as naus na entrada de um rio deſconhecido dos ſeus pilotos, e o grande capitão, que alliava á extrema audacia a extrema prudencia, como todos os homens de ſimilhante eſtatura, concertara com os capitães mandar adeante Timoja nas proprias fuſtas, e ſeu ſobrinho D. Antonio de Noronha em bateis para ſondar o rio.

Acompanhavam D. Antonio — Jeronymo Teixeira, Simão Martins, Garcia de Souſa, etc., nos ſeus bateis, e Simão de Andrade, e Diogo Fernandes de Beja, nas galés de que eram capitães.

Demandaram a barra em companhia de Timoja e foram, entrando o rio, cair ſobre a fortaleza de Pangim, que ficava muito proximo da barra.

Os mouros começaram a bombardear a frota, mas como a artilheria aſſentava alto, os pelouros paſſavam por cima dos bateis e das galés ſem lhes produzirem o minimo damno. D. Antonio pôz o peito em terra; a ſua gente, avançando embravecida, entrou a fortaleza pelas bombardeiras e levando o muro á eſcala paſſou á eſpada quantos encontrava.

Os mouros que eſtavam no baluarte da terra firme, vendo o desbarato dos de Pangim, fugiram todos. D. Antonio mandou a Timoja que entraſſe a fortaleza, recolheſſe os deſpojos, aliás opimos, e lançaſſe fogo ás caſas da fortaleza.

Albuquerque recebeu com alvoroço a nova d'eſta primeira victoria e determinou de mandar ſeu ſobrinho, mais reforçado, a dar uma viſta á cidade.

Quando eſtava para partir, chegaram dous mouros dos principaes da cidade nos ſeus paraus, afim de parlamentarem com Affonſo de Albuquerque.

Vinham da parte do ſeu capitão general pôrem-ſe á ſua obediencia, preferindo ſer vaſſallos do rei de Portugal, a ficarem ſob o jugo do Hidalcão pelas affrontas e tyranias que o pae lhes havia feito.

Affonſo de Albuquerque reſpondeu que, como capitão general da India por el-rei de Portugal D. Manuel ſeu ſenhor, ſe quizeſſem eſtar á ſua obediencia, entregarem-lhe Goa, com todos os rumes e turcos que lá eſtiveſſem, de boa mente lhes garantia a vida e fazendas, firmando com elles tractado de paz e alliança.

Albuquerque viu que a victoria era certa. Expedidos os emiſſarios mandou apromptar todos os bateis e navios pequenos, deixando as naus fóra da barra, entrando o rio em ſeguida e ſurgindo n'eſſe meſmo dia em frente da cidade.

O capitão e os governadores, aſſombrados com o apparato guerreiro das frotas de Affonſo de Albuquerque e D. Antonio de Noronha, mandaram immediatamente alguns mouros principaes a pedir ſeguro para tratarem das condições em que ſe devia render a cidade.

A tudo ſe ſubjeitavam menos a darem os rumes e turcos allegando — brioſamente — que eram eſtrangeiros alli refugiados e não dizia bem, nem á ſua honra, nem á ſua lei entregal-os.

Albuquerque, pondo como condição impreterivel eſſa entrega, não conſentio no ſeguro, reſolvendo dar o aſſalto na manhã ſeguinte.

Durante a noute, um gentio, parente de Timoja, veio prevenir Affonſo de Albuquerque que era fugido o capitão da cidade juntamente com os rumes e os turcos.

Ao clarear da manhã, vendo que a cidade não dava o minimo ſignal de reſiſtencia, entraram as portas com a bandeira real, e uma cruz na frente levada por um frade de S. Domingos.

Affonſo de Albuquerque ſaudava aquelle ſol que rompia no horiſonte, como duzentos e noventa e cinco annos depois outro homem de genio ſaudava o ſol no momento de dar começo a uma celebre batalha. Napoleão perſignava-ſe ao primeiro fuzilar da artilheria na victorioſa mas ſanguinolenta Auſterlitz, Affonſo de Albuquerque cahia em joelhos, debulhado em lagrimas, com o fervor religioſo d'aquelles tempos, agradecendo a Deus haver-lhe dado tamanha conquiſta, ſem que um dos ſeus ſoldados tiveſſe perdido uma ſó gota de ſangue!

SEGUNDO ASSALTO A GOA

1510

As causas que determinaram a saida de Affonso de Albuquerque da cidade de Goa não cabem n'estas scenas, nem cabe tão pouco a narração dos altissimos feitos do grande capitão como organisador e legislador, uma das feições mais salientes do homem que nos fundou o vasto imperio que tivemos no Oriente.

O primeiro assalto fôra como um milagre, o segundo tinha de ser uma rija batalha em que havia de correr muito sangue, e sangue dos primeiros fidalgos de Portugal.

Durante a noute, vespera de Sancta Catharina,—24 de novembro de 1510—Affonso de Albuquerque ordenou que os navios de remo fossem com a maré até em frente da cidade, simulando que era ahi que intentava dar o assalto.

Antes de romper a alvorada, as trombetas de Albuquerque principiaram a tocar, ao mesmo tempo, em diversos pontos, o que desnorteou o capitão e a gente da cidade.

De repente um troço dos nossos, unido, rapido, e violento como uma balla de canhão, entrou a ferro e a fogo pela ribeira!

O combate, n'essas tranqueiras, foi como os primeiros desgarrões de um cyclone.

Os capitães, de ambos os lados, batiam-se, rugindo em duello singular, e, na expressão do tempo, o ferro dos nossos escallou tão fortemente as carnes do inimigo que o obrigou a voltar as costas, levando, já ferido de uma lançada, o seu general.

Os nossos entraram a cidade e ahi estiveram a pique de se perderem, por que os mouros vendo quão poucos eram os da primeira arremetida, voltaram, caindo com todo o impeto sobre os assaltantes.

Foi n'esse lance que D. Jeronymo de Lima ficou mortalmente ferido e que no instante em que seu irmão D. João corria a accudir-lhe, lhe disse estas heroicas palavras, antes do derradeiro suspiro:

—«Adiante, senhor irmão, não é tempo de deter, que eu em meu logar fico.»

A soccorrer os do primeiro assalto seguiram os terços commandados por João de Lacerda, Diogo Mendes de Vasconcellos, e a reserva de Albuquerque.

Lacerda, montado no cavallo de um turco, que matara com uma frechada na cara, conservando o ferro e um pedaço da aste—«tinto o corpo em seu proprio sangue, e as armas no dos inimigos»—era saudado com enthusiasmo por Affonso de Albuquerque.

Um grumete, montado no cavallo de um turco que tambem matara, vinha annunciar ao seu capitão que a cidade era entrada.

Albuquerque, que estimava o moço por ser vivo e diligente, disse-lhe:

—«Bem te entendo, a cavallo vens, que queres ser cavalleiro; que queres ser? cavalleiro da terra ou do mar? Eu me vou traz tua palavra, e tu toma esta de mim para te acrescentar, ou a cavalleiro ou a marinheiro, qual tu quiseres.»

Ganhou-se a batalha—25 de novembro de 1510—cuja descripção pormenor vem em todos os chronistas, e sobre todos elegantissimamente em João de Barros.

El-rei D. Manuel tinha a India segura. O golfo persico—com Ormuz nosso tributario. Affonso de Albuquerque, depois da grande victoria, sonhava já com novos mares, cravando os olhos de nebri sobre a riquissima presa de Malaca!

Para o famoso feito de Goa operara prodigios. O Hidalcão dispunha de grandes forças. As forças dos nossos, quebradas com as luctas, o trabalho, as cruelissimas miserias que haviam passado durante a invernia no rio. Conflictos graves se tinham levantado entre Albuquerque e alguns capitães dos mais notaveis.

Nada porém abatia o animo nem afrouxava o vigor d'aquelle braço robustissimo!

Passava já dos sessenta annos; mas os que nasceram para a immortalidade não conhecem o inverno da vida; o ardor da adolescencia corre-lhes nas veias ainda na edade senil.

Ou creiam, como n'este momento scientifico, só na transformação da materia, ou, como n'aquellas epochas, na mystica passagem para a bemaventurança eterna, os eminentes espiritos, na sua visão luminosa, não se anuviam com a sombra da morte, que é para elles uma palavra vã!

Quando Albuquerque dizia a D. Manuel, altiva e seccamente, que ordenava a seu filho Braz, sob pena de bençam, que requeresse os altos serviços que seu pae havia prestado,—«e em quanto ás coisas da India não direi nada por que ella fallará por si e por mim»—n'esse momento, com o «soluço da morte,» o grande homem desprezava as miserias do rei ingrato, a baixeza imbecil dos emulos, que pretendiam aniquinal-o, por que aquellas torvas pupillas entreviam já na posteridade o seu nome fulgido de gloria!

BULHÃO PATO.

A JORNADA DOS SECULOS

(Continuado de pag. 144)

—

Façamos agora um rapido estudo comparativo da legislação e da religião entre os áryas do Oriente e os áryas do Occidente.

Já mais longe deixamos indicada a opinião de um professor portuguez,[1] de que a polyandria existiu primitivamente na raça aryca, antes que o casamento existisse como instituição social.

Segundo a legislação arya-hindu, codificada por Manu mais de tres mil annos antes da era christã (por este legendario Manu que, segundo Jacoliot, se desdobra depois, conservando a mesma raiz sanskrita, em Manés, Minos e Moisés) o estado monogamico reveste o caracter de instituição social, tendo por base a religião, o principio constituitivo da familia antiga.

No codigo hindu o casamento divide-se em duas epochas distinctas, os esponsaes (*spondere*, prometter) e a celebração. Depois da promessa feita pelo pae ao noivo, a donzella permanecia no lar paterno até attingir a nubilidade. As vezes decorriam

[1] Configlieri Pedroso—*A constituição da familia primitiva*, Lisboa, 1878.

muitos annos. Chegada a epocha propria, o pai mandava avisar o noivo, para que fosse reivindicar os seus direitos de esposo.

Portanto, o casamento dos áryas do Oriente, caracterisado pelo symbolismo da agua e do fogo, pode dividir-se em duas partes distinctas: a doação por parte do pae, e a recepção por parte do esposo.

A legislação de Manu reflecte-se, pelo que toca ao casamento, no direito grego e no direito romano.

Na velha Grecia, o pae, em sua propria casa, proferindo uma formula sacramental, declarava que dava sua filha ao noivo, isto é, segundo Fustel de Coulanges,[1] declarava que desobrigava sua filha das ligações religiosas que a prendiam ao lar paterno, permittindo-lhe que fosse atar novos laços religiosos no lar conjugal.

Depois a joven noiva era conduzida em triumpho ao lar do esposo, á luz do facho nupcial, e ao som do hymno sagrado a que se dava o nome de *hymeneu*.

O ultimo acto do casamento grego era a iniciação no lar conjugal, pela ablução da agua lustral e pelo contacto do fogo sagrado.

No casamento romano dá-se exactamente o mesmo processo.

O pae faz doação da filha (*traditio*). A noiva é depois conduzida triumphalmente ao lar do esposo (*deductio in domum*), podendo aliás ter esperado a nubilidade em casa do pae. (*Digesto — De Sponsalibus*). Em frente da casa do esposo, são apresentados á noiva o fogo, emblema da divindade domestica, e a agua lustral dos actos religiosos.[2] Depois a noiva entrava no lar conjugal e comia com o esposo um bolo de farinha (*panem farreus*, *confarreatio*).

Mas na Grecia ou em Roma, a noiva não penetrava no lar conjugal sem que se simulasse o rapto, soltando ella alguns gritos, e fingindo defendel-a as mulheres que a acompanhavam. Fustel de Coulanges estabelece algumas hypotheses sobre a origem d'este rytho. Crê, porem, que fosse menos um symbolo do pudor da noiva do que da investidura do poder marital. Mas, segundo a theoria do sr. Consiglieri Pedroso, baseada em episodios do *Râmayana*, e do *Mahâbhârata*, esse simulacro de lucta seria a reviviscencia tradicional da exogomia praticada pelo rapto, durante a epocha polyandrica dos aryas da Asia, reapparecendo ainda vestigios da tradição primitiva no codigo de Manu, pois que o rapto constitue uma das formas de casamento permittida por lei á classe militar.

«A instituição do casamento sagrado,— diz Fustel de Coulanges — deve ser tão antiga na raça indo-europea como a religião domestica, porque uma acompanha a outra. Esta religião ensinou ao homem que a união conjugal é mais alguma cousa do que a communicação dos sexos e um affecto passageiro, e que une dous esposos pelo laço poderoso do mesmo culto e das mesmas crenças.»

Ora este caracter profundamente religioso que Fustel assignala ao casamento romano, encontra-se precisamente no casamento dos áryas do Oriente, entre os quaes era prohibida a união com uma mulher oriunda de uma familia que não cumprisse os seus deveres religiosos, com uma mulher cuja filiação se ignorasse, porque n'esse caso poderia acontecer que fosse parenta do noivo n'um grau prohibido; no codigo de Manu o respeito pelo culto domestico, que a familia deve perpetuar de paes a filhos, váe até permittir o repudio quando a mulher haja sido esteril durante oito annos, e o reflexo d'esta disposição legal dos velhos áryas projecta-se nos costumes romanos, como prova o facto de Carvilius Ruga se divorciar de sua mulher, a quem ternamente amava, por ella não ter preenchido o fim do casamento sagrado, isto é, por não haver tido filhos.

Pela imposição do dever religioso entre os áryas, o marido infecundo devia ser substituido por um parente seu nas funcções maritaes, e a mesma disposição se observa nas leis de Athenas e de Sparta. Pelo filho varão era que o culto domestico se propagava entre os áyras do Oriente, como entre os gregos e romanos, por isso que as filhas renunciavam á familia paterna pelo facto de casarem, e pela mudança de lar. No codigo de Manu era pelo filho varão que o pae solvia a sua divida com os manes e garantia a si proprio a immortalidade. Para os gregos e romanos assim era tambem. É debaixo d'este ponto de vista que Eschylo chama ao filho varão o salvador do lar paterno.

N'esta moral exclusivamente domestica, que se revela no casamento antigo desde os áryas da Asia até aos romanos, a pureza da mulher, a honra do lar, a harmonia dos conjuges constituem um dever indeclinavel e sacratissimo.

O codigo de Manu diz que pelas uniões prohibidas é que as familias cáem em desprezo e se extinguem; segundo o mesmo codigo, a mulher deve pela sua pureza ser accumulada de honras e de presentes, e em toda a familia em que a mulher se der bem com o marido e o marido com a mulher, a felicidade será certa.

«Eis aqui, diz Fustel, por que as leis da Grecia e de Roma dão ao pae o direito de repellir o filho recemnascido (do adulterio). Eis por que essas leis são tão rigorosas, tão inexoraveis para com o adulterio. Em Athenas é permittido ao marido matar o criminoso. Em Roma, o marido julga a mulher, condemna-a á morte. Esta religião era tão severa que o homem nem mesmo tinha o direito de perdoar completamente, e era pelo menos forçado a repudiar sua mulher.»

Na India como em Roma, a mulher adultera era privada do seu dote.

Por sua parte, a mulher casada podia promover, no Industão, o divorcio quando o marido fosse criminoso, impotente, degredado, atacado de molestia contagiosa, ou por muito tempo ausente em paizes estrangeiros.

O direito romano estabelece as mesmas causas para o divorcio requerido pela mulher.

É claro que o caracter de religiosidade domestica que resalta da instituição social do casamento no codigo de Manu, e que se conserva na legislação grega e no direito romano, affirmando o predominio do genio hindu atravez dos seculos, bastaria a impôr ao acto do divorcio um rytho que tornasse solemne a dissolução da alliança religiosa. Por isso, em Roma, o effeito da *confarreatio* só podia ser destruido pela *diffarreatio*.[3] Os esposos que queriam divorciar-se, comparecendo pela ultima vez no lar commum, na

[1] *Cité antique*, pag. 44.
[2] *Cité antique*, pag. 46.
[3] Fustel de Coulanges, *Cité antique*, pag. 48.

QUE MEDO!

preſença de um ſacerdote e de teſtemunhas, repelliam o bolo de farinha que lhes era apreſentado, entoando um cantico terrivel, que trovejava como uma maldição.

Vimos como a deshonra da mulher caſada era, alem do caſo da ſua eſterilidade, o fundamento legal do divorcio.

Durante a edade media, meſmo entre nós, as mulheres accuſadas de adulterio paſſavam pela prova do fogo, iſto é, *purgavam-ſe a ferro caldo*. É facil achar a relação coexiſtente entre a ceremonia eſponſalicia da agua e do fogo, continuada deſde o codigo de Manu até ao Digeſto, e a prova juridica do *ferro caldo*. Pois que a mulher ſe eſquecera de conſervar o fogo do lar, emblema da divindade domeſtica, era eſſe meſmo fogo, offendido em ſua ſantidade, que a ia julgar, abſolvel-a ou condemnal-a. As chronicas portuguezas fallam ſobejamente de muitos caſos d'eſta prova ſolemne; baſtará citar os exemplos da mulher do ferreiro de Leſſa (*Agiologio Luſitano*) e de D. Thereza Soares (*Monarchia Luſitana*).

Provado o adulterio, alguns foraes determinam que o fogo, depois de ter ſido juiz, ſeja tambem algoz: o foral de Freixo de Eſpada á Cinta ordena que a mulher convicta de adulterio ſeja queimada por aleivoſa.

Aſſim, temos viſto que na legiſlação concernente ao caſamento, que, como bem diz Jacoliot, é a baſe das ſociedades e das nações,[1] o eſpirito dos áryas veio, atravez dos ſeculos, eſpalhar as ſementes productivas das ſuas tradições, leis e coſtumes ſobre o torrão aſſimilador dos paizes do Occidente.

Com razão, pois, obſerva Fuſtel de Coulanges[2] a profunda analogia que ſe encontra entre as inſtituições domeſticas dos áryas do Oriente e dos áryas do Occidente, tirando da ſua obſervação a concluſão de que a origem das inſtituições domeſticas n'eſta raça é anterior á epocha em que os ſeus differentes ramos ſe ſepararam.

Mas é tão profunda aquella analogia, que apparece até nos minimos *detalhes*. Ainda com referencia ao caſamento, lembraremos o costume, tão noſſo conhecido, dos noivos trocarem, no acto da ceremonia religioſa, os ſeus anneis. D'onde veio eſte coſtume? Ainda do Oriente, dos áryas da Aſia. Diz o codigo de Manu: «*A ceremonia da união das mãos pelos dous anneis ſoldados que ſe partem*, ſó ſe verifica quando os dous eſpoſos pertencem á meſma caſta, etc.» Jacoliot explica: «Nos caſamentos entre brahmines, ou xehatrias ou vayſias, os dous eſpoſos enfiam no terceiro dedo da mão eſquerda ou da mão direita, ſegundo as caſtas, dous anneis de ouro ou de prata ligeiramente ſoldados por um lado; com uma branda preſſão deſſoldam-n'os, e cada um dos eſpoſos guarda o ſeu annel.» O coſtume, atraveſſando os ſeculos, chegou até ao Occidente, com ligeiras modificações. Aſſim, ſegundo um rithual de Reims, o noivo devia metter no quarto dedo da noiva um annel, porque julgavam que uma veia que paſſava n'eſſe dedo ia dar ao coração.[3] A'parte as modificações introduzidas pela imaginação popular, o coſtume ſubſiſtiu, viajou até nós, perpetuou-ſe.

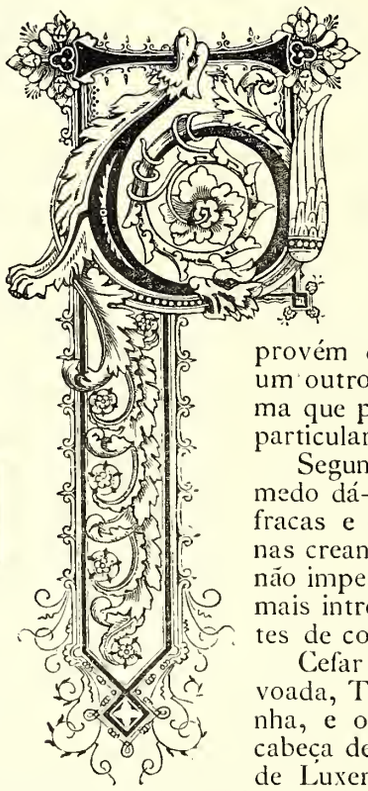
(Continúa).

ALBERTO PIMENTEL.

[1] *La Bible dans l'Inde*, pag. 35.
[2] *La geneſe de l'humanité*, pag. 19.
[3] Michelet — *Origines du droit français*, etc. pag. 35.

QUE MEDO!

—



TODA a creatura conhece eſta ſenſação — o medo. — É maior ou menor ſegundo os individuos. Os ſeus effeitos ſão diverſos: paralyſa, põe-nos azas nos calcanhares, petrifica, mata.

De que provem o medo?

Gall aſſegura que provém da falta de coragem, e um outro ſabio, Spurzheim affirma que procede de uma affecção particular, da circumſpecção.

Segundo os phyſiologiſtas o medo dá-ſe em geral nas peſſoas fracas e doentes, nas mulheres, nas creanças e nos velhos, o que não impede que não o ſintam os mais intrepidos e os mais valentes de corpo e de alma.

Ceſar eſtremecia ouvindo trovoada, Turenne vendo uma aranha, e o marechal de Albret a cabeça de um porco; o marechal de Luxemburgo antes de entrar em batalha tinha febre, e Murat, o temerario, o fanfarrão da Victoria, teve, ſegundo reſam as chronicas, um grandiſſimo medo em uma das batalhas, ferida na Italia.

O grande antidoto do medo é a coragem, e eſta conſiſte não em deſprezar o perigo, mas em ſaber disfarçar, encobrir e dominar eſſe ſentimento natural — o medo.

Eis no que reſide principalmente a valentia, a coragem, quando bem ponderada, e não entrando nos dominios da temeridade.

Eſta apprehenſão inſtinctiva que todos nós uma ou outra vez temos ſentido não é excluſiva d'eſte ou d'aquelle animal, apodera-ſe, na approximação do perigo, de todos, deſde os mais poſſantes animaes até aos mais fracos. Eſtou porém que o medo deve ſer muito mais intenſo e vivo nos individuos debeis do que nos vigoroſos.

Imaginem o ſuſto que aquelles pintainhos tiveram!

Eſtavam muito felizes, eſgaravatando a terra, procurando inſectos e vermes, catando as folhas das plantas, aquecendo-ſe ao ſol, correndo, brincando, piando...

De repente ouve-ſe um eſtrepito, e ali ao pé d'elles, ali meſmo ao pé, cáe, não ſei de onde, um inſecto eſtranho, e nunca viſto por elles.

Não, d'aquella grandeza e d'aquella fealdade ainda elles não tinham viſto outro animal.

Horrivel!

E andava, movia-ſe, mechendo umas longas pernas eriçadas de pequenos eſpinhos, e olhava com uns olhos eſtupidos, parados... Torno a dizer: horrivel!

Aquillo foi os pintainhos darem com a viſta n'elle e deitarem logo a correr n'uma debandada vergonhoſa e indigna de *gente gallinacea*.

E tal e tão inopinada foi eſſa fuga, que um d'elles na deſordem precipitada em que ia, fica eſtatelado no

chão, de coſtas, e o outro, a que o medo não preciſava de dar azas, falta-lhe por cima do ventre, olhando eſpavorido para traz com receio de que o bicho horrivel lhe venha no encalço.

O medo porém, apezar de contagioſo, não abalou a intrepidez de um dos pintainhos, e ainda bem!

Viu a retirada dos irmãos, e para que ſe não diſſeſſe depois que aquella familia era de poltrões, adeanta-ſe, o olhar em braza, o bico em tom de guerra, os pés firmes; examina, obſerva, procura o ponto fraco do inimigo.

O que ſahirá d'eſte combate? O gafanhoto deixar-ſe-ha deſpedaçar e devorar pelo pintainho, e pagará com a vida o pavor de que foi involuntaria cauſa, ou preſentindo o perigo, terá pela ſua vez medo, e deſdobrando as azas voará para longe do inimigo?

Não ſei.

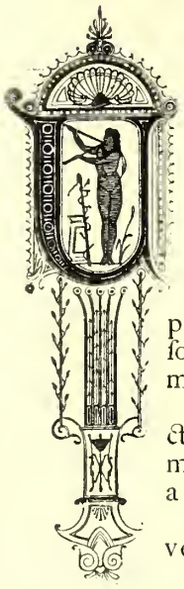
O que é natural é que os pintainhos não apanhem tão depreſſa um medo como aquelle!

Que medo!

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

A ARTE

—



UMA das preoccupações, oſtenſivas ou reaes, dos que manuſêam aſſumptos de arte, nos ſeus diverſos aſpectos, é querer que ella obedeça a uma determinada *orientação ſcientifica*, ſegundo a moderna linguagem.

Poſto iſto, taxam de futeis todas as manifeſtações de Deus atravez do eſpirito humano, quando eſſas manifeſtações ſignificam apenas uma fórma particular de ſentir, ſem que envolva a ſolução de qualquer dos graves problemas pendentes.

Abſtrahindo de um certo ſabor dictatorial contido no mandamento, vêmos por elle que a idéa de arte ſe anda a baralhar com a idéa de sciencia.

A arte aſpira ao bello. O bello é a verdade na ſua eſſencia radiante.

Alguem que já em vida é immortal eſcreveu ha muito eſtas palavras ſolemnes: «*La poéſie, c'eſt tout ce qu'il y a d'intime dans tout.*»

N'eſte intimo das couſas é que reſide o eſpirito d'ellas,—fogo na ſua pureza.

A arte dirige-ſe á commoção, ao enthuſiaſmo, aos affectos mimoſos, á expanſão das grandes energias.

Tudo o que eſtá fóra d'eſte dominio eſtá fóra do ſeu imperio.

A cupula de S. Pedro não eſclarece nenhuma duvida biologica. A eſtatua de *Moyſés* não dá lições de chimica organica. A *Transfiguração* é demaſiadamente ſobria em principios ſociologicos. O *Fidelio* de Beethoven jámais penſou em que ſe muſiqueaſſe o conceptualiſmo de Abeilard.

Como querem, pois, que ſe metrifiquem as hypotheſes anthropologicas ou os ſyſtemas mais ou menos aſſentes de economia politica?

Eſtes aſſumptos agitam-ſe em uma outra eſphera.

A ſciencia tem o ſeu campo delimitado e perfixo.

Paſcal, auctor do *Triangulo arithmetico*, nada tem commum com Paſcal, auctor das *Cartas provinciaes*. Leonardo de Vinci, engenheiro de Ludovico Sforza, não é o meſmo que Leonardo de Vinci, pintor de Franciſco I.

O *bem* que a arte deve produzir eſtá immanente no *bello*.

Certamente as portas de Ghiberti não offerecem a utilidade pratica das portas de um dique; mas, ſem embargo de tal ſenão, devem produzir no animo do obſervador uma ſalutar influencia.

O perfume das ſebes, por iſſo que é balſamico, não deixa de ſer therapeutico.

A immenſidade eſtrellada, o rumor eſparſo das folhas, a cantilena ſuave dos riachos, o pepitar confuſo das aves, as exhalações phosphoroſcentes, o ſol a deſmaiar entre uns cabeços, o balir das ovelhas que paſſam, o deſpertar da creação n'um dia vernal, tudo iſſo que é poeſia ſubjectiva,—verdadeiro lyriſmo inutil,—tudo iſſo faz mais almas boas e honradas, e deſperta em nós uma conſciencia moral mais elevada e pura, do que os innumeros compendios de philoſophia que ſe tem eſcripto, e fe hão de eſcrever n'eſte mundo.

Como é, porém, que os meſmos propugnadores da *orientação ſcientifica* defendem e proclamam o actual naturaliſmo,—verdadeiro genero de litteratura pornographica?—Se a miſſão do eſcriptor,—poeta, romanciſta ou dramaturgo,—conſiſte em vulgariſar os conhecimentos luminoſos, os remontados deſcobrimentos, os juſtos poſtulados da verdade, como é que a arte licencioſa pode ſer a columna de fogo, acceſa em frente dos homens?

O eſpectaculo da torpeza não é o melhor eſtimulo do recato.

A convivencia com o mal embota os doces ſonhos de virtude.

Eſſe ambiente craſſo em que ſe aſpiram todos os miaſmas da podridão e da crápula, acaba por asphixiar no intimo quanto cada um de nós pode ter de delicadeza, de pudor e de honeſtidade.

As galés não purificam.

Poderá dizer-ſe que a arte, tendo por ſeu modelo a natureza, a deverá reproduzir no que ella tem de feio ou de aſcoroſo.

Não; nunca aſſim o entenderam os grandes meſtres.

Se a arte deveſſe ſer uma d'aquellas Phedras ou Eſtonobêas corrompidas, a que Eſchylo ſe refere, ſuperciliofo, n'uma parte das *Rans* de Ariſtophanes, então voltariamos ás bacchanaes primitivas, e dariamos amplo curſo aos *relinchos das paixões*, ſegundo a phraſe energica do maximo orador ſagrado da França.

Temos, portanto, duas opiniões que ſe contrariam, dous caminhos que divergem, duas tendencias que se diſpartem. E, caſo eſtranho, ſão os meſmos que ſe apreſentam bifrontes. Uma das faces volta-ſe para a academia, a outra para o proſtibulo. Beija-ſe, não direi a toga de Platão, que é já velha, mas o roupão caſeiro de Littré ou de Comte; o que não impede que ſe façam eſgares, não direi tambem a Lais, delida deſde muito na grande piſcina do tempo, mas a qualquer heroina de *trottoir*, que vae ſofraldando, petulante, as ſuas ſaias enlameadas.

Ha verdadeira incongruencia no principio. Teriamos o ideal, levando ſob um dos braços um *in-folio* de paleonthologia, e conduzindo no outro uma amphora com agua de Labarraque.

Na ſua nudez, é eſte o caſo.

Em todos os tempos e em todos os paizes ſe deram ſempre d'eſtes tranſvios laſtimoſos.

A reputação tradicional da ſciencia germanica, trazida mais ou menos em recovagens indirectas, veio eſtabelecer a primeira corrente da opinião critica; a ſegunda formou-ſe com os esgotos pariſienſes, infiltrados nas boas ondas litterarias que por lá correm, com detrimento de todas as preſcripções de ſanidade e de policia.

Uns querem a deuſa explicando a *Phenomonologia do eſpirito*, outros obtemperam a que ella leia ás creanças a *Devoção de Henri Roch*.

D'aqui reſulta o que eſtamos vendo: a enfatuação logogriphica miſturada com a ſordidez temulenta.

A arte deixou de ſer aquella entidade deslumbrante, que pairava nas ſerenas regiões do bello abſoluto, do ideal immutavel, e transformou-ſe n'uma matrona, que arraſta, cambaleando, o pallio magistral dos doctores, ſalpicado pelos dedos da orgia.

E comtudo, ſaibamos, quem ſão hoje os continuadores de Goethe, de Schiller ou de Burger? Onde é que brilham, grandioſos na ſua mageſtade olympica, eſſes immortaes creadores de typos celeſtes? Onde ſe cinzelam, na patria que encarnou *Margarida*, eſſas eſtatuas de marmore, animadas pelo genio com um ſôpro de vida?

Krupp, entoando pela boca dos ſeus canhões os deſaſtres de Gravelotte e de Sédan, não nos parece que ſeja exactamente o meſmo que Theodoro Koerner, levantando com os ſeus cantos o animo abatido da patria.

Pelo que toca ás obſcenidades vindas de França, e rapidamente aclimadas n'eſte ſolo ubertoſo, iſſo foi apenas um andaço de variola, de que os proprios naturaes ſe vão resguardando, para que a contagião não progrida.

O naturaliſmo purulento começa a ſer ſubmettido a um regimen cuidadoſo e deterſivo, ſendo de eſperar que entre em breve n'um periodo de convalescença auſpicioſa.

D'onde veio, pois, toda eſta celeuma contra as formas exiſtentes e deſde tanto conſagradas? D'eſte deſejo de fazer o contrario do que de longa data ſe pratíca. Apontou-o ſentencioſamente Dumas filho n'um dos prologos dos ſeus dramas.

A ancia de originalidade accommette facilmente os eſpiritos fecundarios, e elles então, na febre dos ſeus antojos mal contidos, começam a exigir novas regras e novas manifeſtações, chegando a accuſar de monotona e de eſteril eſta natureza ſempre a meſma, que deſde o dia em que ſahio do cahos perſiſte em que os peixes nadem e os paſſaros vôem, ſem ter tido uma unica vez inspiração para lhes ordenar o contrario.

Eſta arte moderna, que por um lado querem ſabia e pelo outro diſſoluta, deve ſentir-ſe realmente embaraçada no ſeu papel antinomico. A ſimilhança da moura, na tragicomedia *Cortes de Jupiter*, poderá ella dizer com extrema propriedade, a começar na propriedade da lingua:

Mi no xaber que exto extar,
Mi no xaber que exto xer,
Mi no xaber onde andar.

E aſſim ſe traça rumo aos peregrinos que demandam, incautos, os limpidos mananciaes onde as almas ſe deſſedentam,—eſſa morada ſuprema e radiante da arte,—«dont la ſource eſt toujours ſur la montagne qu'habitent les dieux», como dizia Lamennais; —e quando a humanidade, para eſpairecer das canceiras terrenas, levanta a cabeça extenuada pelo trabalho do corpo ou pelas auſteras meditações; quando buſca, pela extenſão dos horiſontes, deſcobrir eſſas montanhas e ſerranias *que parece ſe junctão com as eſtrellas, e levão traz ſi o eſpirito;* quando applica o ouvido para ſe alheiar na canção de um paſtorſinho que váe levando o seu rebanho, com um farrapo no corpo e uma aurora na alma; quando quer vêr o Creador revelado no talento do homem, dá com o panorama da devaſſidão, que nem chega a ſer aphrodiſiaca, e ouve, por entre as gargalhadas do cyniſmo, cantar-ſe, em voz roufenha, qualquer dithyrambo impudente.

Vêmos, portanto, que a arte, não devendo obedecer ás leis que encaminham e regem a ſciencia, muito menos ſe deve dar a colorir e a engrandecer eſſas deformidades moraes, que por deſgraça corroem o mundo.

Ainda não ha muito, que, a propoſito da inauguração da eſtatua de David d'Angers, os jornaes francezes celebravam a virilidade honrada do artiſta, o ſeu acatamento pelo que ha de auguſto no genio.

Era elle, o proprio David, o *poète du marbre*, como lhe chamou Victor Hugo, era elle que traçava eſtas palavras: «Les grecs avaient un mot pour flétrir l'artiſte qui ſ'abaiſſe à des repréſentations indígnes; ils l'appelaient: peintre de la boue.»

O que diria o grande eſpiritualiſta da eſculptura, ſe aſſiſtiſſe agora ao tranſvio inſolito da arte? Como comprehenderia elle no poema, no romance, na téla ou no marmore, a repreſentação de epiſodios phallicos, ou de impudencias ſem rebuço? O ſeu animo nobre e ſevero confranger-ſe-ha ante o quadro da depravação intellectual. Como os deuſes antigos costumavam fulminar os que polluiam a ſantidade dos templos, aſſim elle fulminaria,— e com elle quantos? — todos os que ſe eſquecem de que perverter o goſto não ſe diſtancía muito de perverter o caracter.

Senta-ſe um homem á ſua meſa, cheio de talento e de ambição de renome. Como os vulcões preciſam de irromper, aſſim elle carece de expandir o cerebro. Eſtá alli um poeta, no ſentido eſtreme e levantado da palavra. Faz proſas ou faz verſos, pouco importa. Sente e penſa,— tem eſtas duas amplas faculdades. A par d'iſſo ha n'elle os predicados de um artiſta. Sabe dar forma á ſua viſão interna.

Eſſe homem ou é um ſciſmador ou um phantaſiſta.

No primeiro caſo cantará a piedade das mães e a innocencia dos filhos; librar-ſe-ha n'uma atmoſphera azul e tranſlucida, não direi tão alta como eſſa em que pairam as aguias, mas ao menos como eſſ'outra em que adejam as pombas. Terá a religião de todas as dedicações,— deſde o esforço até ás lagrimas;—e aſſim como os choupaes ſe inclinam para a terra, dando-lhe a freſquidão da ſua ſombra, aſſim elle ſe inclinará para tudo em que houver um affecto, dando-lhe a caricia do ſeu enternecimento.

Será meigo, bom, devaneador, e quando erguer olhos do papel, onde lhe range a penna, ſerá para os dilatar pelo firmamento, onde corre uma eſtrella.

Sem ſe enlevar demaſiado, no apparato ruidoſo das commiſerações ſociaes, terá palavras que ſerão lenitivo de muitas dôres.

Os athenienſes captivos compravam a liberdade a preço dos verſos d'Euripedes. A primeira gota do ceu que orvalhou a conſciencia afflicta da humanidade foi o *Sermão da montanha*.

Supponhamos, porem, que effe homem é um phantafifta, um efpirito ardente, uma d'effas imaginações faceadas onde o raio da luz fyderal fe refrange em côres variadiffimas; eftá alli, por exemplo, o torvelinho das imagens que fe precipitam, dos phantafmas que rodopiam; temos Callot, Arnim, Goya, Hoffmann, quer dizer, a ebulição do entendimento; fahir-nos-ha, pois, o conto extraordinario, o bofquejo imprevifto, a fingularidade caprichofa; ou então, effe artifta que fe defvela, não é de exuberancias tão febrís, e debuxa-nos a paizagem, como um Paulo Potter ou um Claudio Loreno, e fobre effe fundo rifonho ou melancolico, mas fempre notavel, fempre frefco, fempre verde, *femper viridis*, deixa-nos contemplar os grupos que deffifam e fe entremefclam, fatalmente encadeados pela logica dos acontecimentos,—na qual podem intervir os fucceffos dramaticos do mefmo modo que os picarefcos.

É iffo que nós temos o direito de efperar, quando o artifta pega do buril ou da pluma, do pincel ou do efcopro.

Quando, porem, ao revez da obra de arte, elle fabrica o aleijão moral ou phyfico, e com o barro de Antinoo modela Bertholdo, do mefmo modo que fubftitue Andrómaca por Thereza Raquin, o povo, o fabedor e o illetrado, o que tem fêde de recreação ou de confelho, de entretimento ou de cultura,—effe, dir-lhe-ha então, como o Chrifto á famaritana: «*Dá-me de beber*», — e fentindo coar-fe-lhe nos labios, em lugar de um veio falutar e limpido, a agua eftagnada de um palude, deverá clamar e proteftar contra os que envenenam, brincando, e que affim transformam a urna fanta dos immortaes na taça perfida dos Borgias.

A arte, infiftimos, tem de refpirar natureza.

Sob que afpecto? Sob o que ella tem de aprazivel.

O livro, o quadro, o monumento, devem attrair-nos pelo que contiverem de bello, como, por egual motivo, a creação nos attráe e fafcina.

Quem fe irá embeber na contemplação de um pantano, onde fe efphacela um montão de organifmos informes? E comtudo effe pantano é uma verdade, tão real como o fol do eftio.

Fallem-me, porem, no efpectaculo do mar cachoando, dos rochedos a prumo, das arvores que fe contorcem e rumorejam, da lufada que paffa, filvando estrepitofa, como uma vibora immenfa. Ahi tendes realidade, para os que prezam as commoções intenfas e fonoras.

Para os que goftam do ambiente em calma, para effes ha o madrigal das flores, a velha poefia idyllica das relvas e dos aftros,—das relvas onde já refocilavam os paftores de Theocrito, e dos aftros onde engolfavam o penfamento os myfticos fonhadores da Chaldéa.

E ninguem diga que com ifto chegamos á inacceitavel divifa: *A arte pela arte.*

A arte gera fempre o bem, mefmo quando a crêem pueril.

Faz ifto lembrar a fabula de Labda, a bacchante, filha de Amphião.

O paganifmo, com a fua intuição larga e formofa, creava, a miude, fymbolos patheticos.

Labda tinha um filho, por nome Cypfelo. Tendo o oraculo vaticinado que um filho de Labda fe aposfaria de Corintho, mandaram dez homens a cafa da bacchante, com ordem de lhe matarem o filho. Quando o primeiro dos affaffinos ia a vibrar o ferro, a creança eftendeu-lhe os braços, e forrio. Entibiou-fe o animo ao verdugo; anda Cypfelo de mão em mão, e nenhum d'elles tem força para tirar-lhe a vida.

O desfranzir meigo de uns labios fez mais do que poderiam fazer os calorofos argumentos.

A arte é affim,—tambem produz o bem com um forrifo.

Concluindo:

O talento é uma força. A applicação da força é um dever. Em que fentido? No de conftruir, no de avançar, no de efclarecer, no de fecundar, no de tornar efte mundo melhor.

A força tem de fer um turbilhão de bondade.

Hercules trucida os monftros, e limpa os curraes de Augias.

Efta é a miffão civilifadora.

A arte, auxiliando o progreffo, nada tem que vêr com o geometra medindo o ceu, com o philofopho cogitando no abyfmo, com o geologo procurando o fegredo da terra, com o phifiologifta interrogando o fegredo da vida.

O poema didactico, efcreveu ha pouco um dos noffos homens mais celebres, fugio envergonhado para o limbo onde repoufam o acrofticho e os feus congeneres.

Quando fe diz poema deve entender-fe a arte, no feu fentido complexo.

Uma pagina meiga, confoladora, ou então repaffada d'effas iras tremendas, que elevam por vezes o efcriptor á altura dos antigos prophetas, nada d'iffo participa da chamada *orientação fcientifica*, a qual pretende affentar o ideal entre um telefcopeo e um efcalpello.

No templo das mufas não ardem as lampadas dos amphitheatros.

Efta collaboração da arte no fentido do util é conftante e manifefta.

Voltemos ainda a Euripedes. O *mifógyno* de Salamina é digno de fer citado duas vezes.

Depois de Lyfandro haver tomado Athenas, deliberaram os vencedores que a cidade foffe deftruida, e os feus habitadores reduzidos a captiveiro. No banquete que fe feguio, em que eftavam todos os generaes, levantou-fe um phocio, e entoou eftes verfos do primeiro côro da *Electra*: «*O' filha d'Agamemnon, torno de novo á tua morada ruftica...*» Ouvindo ifto, os commenfaes fentiram-fe commovidos, e comprehenderam o que haveria de monftruofo em deftruir uma cidade tão celebre e que tinha dado ao mundo tantos homens notaveis.

E' affim que o bello produz o bem e o util.

Quanto ao chamado *naturalifmo*, crêmos que ha de paffar como os tabardilhos;—vêmos n'iffo apenas uma queftão de faneamento.

E então, e fempre, a humanidade voltar-fe-ha para a generofa infpiradora de todos os grandes e verdadeiros artiftas, e dir-lhe-ha pela divina bocca de Homero: «*Canta, ó deufa!*»

Outubro — 31 — 80.

E. A. VIDAL.

NA MACEEIRA EM FLOR

—

Não é facil acertar com a razão porque aquella gentil camponeza ſe foi trepar áquelle ramo. Que eſtranho capricho ſeria o ſeu? que devaneio a levou ali? ſeria o deſejo de ſe vêr aſſentada n'um throno de flôres? ou ſeriam recordações de annos mais deſcuidoſos que não volverão nunca? ſaudades d'aquelles dias alegres da infancia, breves e fugitivos, cuja memoria ſe não apaga jámais no decurſo da vida, ſejam quaes forem os trabalhos, as luctas e as tempeſtades da alma que nos aſſoberbem? Saudades d'aquelles dias em que ella corria no campo atraz das borboletas, tecia grinaldas de boninas, eſcallava as arvores em demanda de ninhos?... E quem ſabe?... talvez que a razão foſſe muito outra. Deſcobre-ſe de ali um horizonte mais vaſto do que do eirado da ſua caſinha branca. Vê-ſe de lá a fonte que a viſta não alcança de aqui. A fonte é no campo o lugar aprazado para as entreviſtas dos namorados, e a noſſa gentil camponeza eſcolheu aquelle poſto de atalaya, porque o ciume remorde-lhe o coração. Suſpeita que é traída e quer deſenganar-ſe. Eſtá pois de atalaya. Eſpera ancioſa o momento deciſivo. O que lhe trará elle? uma deſillusão? Talvez. Mas ſe lh'a trouxer poderá ſer a primeira da ſua vida, mas não ſerá decerto a ultima.

S.

QUIA ÆTERNUS

(A JOAQUIM DE ARAUJO)

—

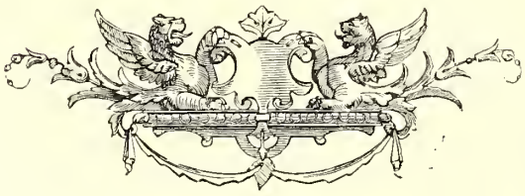
Não morreſte, por mais que o brade á gente
Uma orgulhoſa e vã philoſophia...
Não ſe ſacode aſſim tão facilmente
O jugo da divina tyrannia!

Clamam em vão, e eſſe triumpho ingente
Com que a Razão — coitada! — ſe inebria,
É nova fórma, apenas, mais pungente,
Da tua eterna, tragica ironia.

Não, não morreſte, eſpectro! — o Penſamento
Como d'antes te encara, e és o tormento
De quantos ſobre os livros desfallecem.

E os que folgam na orgia impia e devaſſa
Ai! quantas vezes, ao erguer a taça,
Param, e eſtremecendo, impallidecem!

ANTHERO DE QUENTAL.



VIAGEM AO SERTAO DE MOSSAMEDES

POR F. AMARAL

As 7 horas e 10 minutos da manhã chegou-ſe á Pedra da Providencia, e uma hora depois eſtavamos no ſitio onde fôra commettido o attentado contra Vital do Canto, e ſeu empregado Rodrigues.

Poucos veſtigios reſtavam: algumas louças partidas, e uma maſſa informe, que repreſentava os reſtos de um jumento, que havia ſido paſto das feras; pégadas de animaes ferozes, eis o que ficara da ſcena tragica que, dous dias antes, animara aquelle local, que ficará ſendo de triſte memoria para a influencia malevola de alguns individuos da raça branca ſobre os indigenas, com cujos inſtinctos eſpeculam por vezes, enſinando-lhes os crimes da civiliſação ſem lhes inocularem as vantagens d'ella.

O aſpecto do paiz proximo da Pedra da Providencia é menos árido. Ceſſam as enormes dunas de arêa, que ſeparam aquella região do littoral, e a vegetação começa a ſer mais abundante; môrros de granito com formas extravagantes deſtróem a monotonia dos arêaes, começando a crear vida o quadro que ſe deſenrola defronte da viſta cançada de terrenos eſcalvados, áridos e pobres, cuja apparencia bem razão dá á hypotheſe de terem, em epochas não muito remotas, feito parte de valles profundos cobertos pelo oceano, de onde não eſtão hoje ainda muito affaſtados.

O eſpinheiro e o muteate apparecem de um e outro lado da eſtrada, formando de horas a quando matagaes denſos, apoiados ſobre um fundo de pedras graniticas, em que os differentes elementos que entram na ſua compoſição têem mais ou menos pronunciada a ſua preeminencia, o que produz um certo matiz na côr da pedra, que melhora a apparencia do quadro.

A eſtrada da Providencia á Naſcente é cortada de linhas de agua, que derivam dos môrros adjacentes. Eſtas linhas, cobertas da arêa arraſtada na torrente, denunciam a cada momento as pégadas de animaes ferozes, e todos os veſtigios da caça por elles perſeguida.

Vimos diſtinctamente, e ainda freſcas, as pégadas de leões, engires, cabras do matto, gazellas antilopes, rapoſas, finalmente de todos os animaes que coſtumam animar a natureza agreſte que ali ſe patenteia aos olhos de quem tem por miſſão affrontar as incommodas peripecias, e o panorama, ora triſte ora grandioſo, de uma viagem no interior de Africa.

O caminho da Providencia para a Naſcente é ainda a repetição das meſmas difficuldades. As mesmas rampas abruptas; as meſmas covas e depreſſões no terreno no ſentido tranſverſal; as meſmas pedras e tôcos de arvores, cortadas em tempo, difficultando a marcha dos carros; aqui porém os males ſão aggravados pelo maior riſco do ataque de animaes ferozes, e ainda das tentativas de roubos por parte do gentio dos Covaes, que tem aquella parte da entrada, com toda a razão, como o terreno que, pela ſua proximidade das ſanzallas, e fechado dos matagaes, que o ladeiam, melhor ſe preſta ás ſuas intenções malevolas derivadas em parte dos ſeus inſtinctos de rapina, instigados muitas vezes, como já repetimos, por brancos degenerados, que não receiam animal-os em ſua

vida nomada e errante, e dar-lhes a coragem do conselho e da instigação para os mais atrozes attentados.

Ás 10 horas e 30 minutos chegavamos á Nascente sem novidade, largando depois de um pequeno descanço para o Munhino, tendo no caminho deixado competentemente guardado um carro, que se havia avariado.

No dia seguinte 4 de junho largámos do Munhino ás 4 horas da manhã. Hora e meia depois, porém, partia-se um eixo de um carro, e tivemos que esperar proximo da margem direita do rio Munhino, que obtivessemos um outro para substituir o que se havia avariado, o que conseguimos de uma fazenda de Vital do Canto, que estava ali perto. O local onde parámos era lindo de vegetação mimosa, e matizado de diversas côres. Escondia-se porém um perigo medonho por detraz de uma apparencia tão convidativa da natureza!

Era ali o bebedouro habitual das feras, e não só o rasto como os gritos ferozes, que ouviamos a metros de distancia, por entre a ramada da vegetação proxima, e bem assim a impaciencia e o mugido afflictivo do gado dos carros, tudo nos fez passar até ao amanhecer uma hora pouco agradavel, em que se viam os pretos em volta de nós creando animo na attitude dos brancos, e confiando nas suas espingardas; estes, certos da perspicacia e da vista dos pretos para conhecer as feras, mesmo a distancia, esperavam os acontecimentos com a serenidade de animo que, para todo o homem habituado a viajar na Africa, traz a vista repetida de scenas d'aquella natureza.

Quiz a nossa felicidade que continuassemos a jornada sem contratempos, mais do que os resultantes do pessimo estado da estrada, especialmente proximo do rio da Onça. Não se faz idéa dos solavancos, das ribanceiras, dos precipicios, dos riscos e incommodos de tão attribulada travessia; a cada momento viamos e presentiamos que se iam partir eixos e molas do carro que nos conduzia: que os bois morreriam affogados pelos apparelhos, no risco permanente de cahirem d'uma forma desastrosa.

A chegada a Capangombe ás 2 horas e 45 minutos da tarde, tendo passado o rio Chimba ao meio dia, e o Molombe á 1 hora e 55 minutos, foi por todos nós saudada como um verdadeiro milagre. Allivio apreciavel e apreciado do cansaço, que nos prostava a todos, inclusivé o agricultor, que nos acompanhara, apezar de muito habituado a esta especie de excursões! O somno d'essa noute passada ao relento fóra da esplanada da fortaleza foi reparação de forças essencial, para continuar a peregrinação.

A fortificação de Capangombe é uma das mais decentes do interior de Africa; não sei se muito bem situada, mas ao menos arranjada em condições de resistir aos pretos: possuindo accommodações amplas e hygienicas para o destacamento, especialmente, depois das ultimas reparações que se lhe fizeram, e que estavam quasi concluidas.

No dia seguinte 6 de junho partimos para a fazenda denominada a Tampa, visitando a pequena horta do estado, e a fazenda do agricultor Brandão.

Estabelecemos o nosso quartel general na Tampa, e ahi tratámos das reparações das avarias. O proprio char-a-bancs, que era tão forte, não havia resistido; e a tal ponto se havia avariado, que já nos não poude conduzir para a Tampa, para onde fomos, alguns montados em burros, outros em tipoias.

Na Tampa tratou-se de obter carregadores, o que só conseguimos devido á influencia do respectivo proprietario com as tribus visinhas, e com alguns gentios, a quem cede terrenos e com as quaes vive na melhor harmonia.

Cinco dias se passaram em demoras para arranjar carregadores, e para os juntar, não só os vindos da Leba, pequeno sobbado no topo da serra, sobranceira á fazenda da Tampa, como ainda os das sanzallas collocadas nos môrros que se levantam entre o de Santo Antonio e a serra da Chella, e os gentios que têem nos terrenos do proprietario da Tampa os seus arimos e plantações.

Os preparativos para a partida d'uma quibuca de carregadores são de uma impertinencia incrivel. Em primeiro lugar para os collocar em linha e contal-os é preciso que o quissondo ou cabeça produza os milagres da vara de que vem armado! Segue depois a distribuição das cargas! Todos querem levar as ancoretas da aguardente, ou a tipoia do chefe; para arranjar gente para a caixa do rancho, é um martyrio quasi sem fim, se não se intervém com o valor d'uma imposição positiva. Depois de muita berraria, de dispôrem e amarrarem as cargas entre duas varas que apoiaram sobre os hombros, de receberem a matuletagem, ou rancho para o caminho, animados com um bom copo de aguardente, e tendo-se-nos aggregado a quibuca dos empregados de obras publicas, partimos no dia 10 de junho ás 9 horas e 30 minutos para investir com a serra da Chella pela portella denominada a Leba.

(Continúa).

NO TURBILHÃO

—

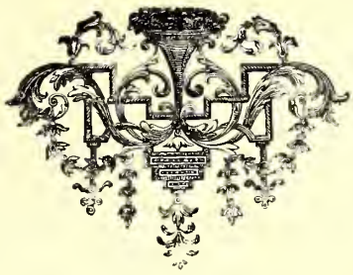
No meu sonho desfilam as visões,
Espectros dos meus proprios pensamentos,
Como um bando levado pelos ventos,
Arrebatado em vastos turbilhões...

N'uma espiral, de estranhas contorsões,
E d'onde sáem gritos e lamentos,
Vejo-os passar, em grupos nevoentos,
Distingo-lhes, a espaços, as feições...

—Phantasmas de mim mesmo e da minha alma,
Que me fitaes com formidavel calma,
Levados na onda turva do escarcéo,

Quem sois vós, meus irmãos e meus algozes?
Quem sois, visões miserrimas e atrozes?
Ai de mim! ai de mim! e quem sou eu?!...

ANTHERO DE QUENTAL.



NA MACEEIRA EM FLOR

REVISTA ARTISTICA

—

Começa a produzir os feus beneficos effeitos o Centro Artiſtico Portuenſe.

Eſtá publicado um programma para a primeira expoſição que eſte benemerito inſtituto ſe propõe fazer no Palacio de Criſtal, a começar no dia 27 de março proximo futuro, conſtando eſſa expoſição de trabalhos de architectura, eſculptura, pintura, deſenho, gravura e artes de reproducção, artes induſtriaes, archeologia e litteratura da arte. A expoſição podem concorrer artiſtas e amadores nacionaes e eſtrangeiros.

O fim d'eſte certamen, como muito bem diz o programma, é crear por meio da legitima alliança da arte com a induſtria, eſtimulos para a arte em todas as ſuas grandioſas manifeſtações afim de que ellas ſe ergam do abatimento a que as tem condemnado entre nós uma indifferença perniciosa e a falta conſtante de elementos educadores do bom goſto.

Haverá um catalogo critico d'eſta expoſição, no qual ſe emittirá deſaſſombradamente o parecer da direcção do Centro ácerca dos objectos que lhe fôrem enviados.

Na parte relativa ás artes induſtriaes hão de figurar reproducções em gravura, photographia, chromolithographia, aſſim como objectos originaes antigos, comtanto que ſatisfaçam á condição eſſencial de terem pureza de eſtylo e que vão acompanhados das neceſſarias indicações hiſtoricas.

O Porto que é, como mais de uma vez o tenha dito, a terra portugueza das grandes iniciativas, dá um grande paſſo no caminho da civiliſação levando á realidade eſte notavel certamen em que todos têem a approveitar directa ou indirectamente.

A idéa de admittir obras de litteratura de arte portuguezas não é a que menos merece geraes louvores, viſto ſer a primeira vez, ſupponho, que a uma reunião de productos d'eſta ordem da intelligencia humana, ſão chamados em Portugal os trabalhos dos eſcriptores nacionaes, que luctando com a indifferença da maioria do publico, ſe dão á improba tarefa de analyſar e criticar os productos de arte produzidos no paiz.

Para terminar, direi que o Centro Artiſtico Portuenſe é credor do applauſo ſincero d'aquelles que não deſcrendo das aptidões artiſticas, induſtriaes e criticas dos portuguezes, deſejam vêr galardoados os meritos dos que trabalham e augmentada a ſua educação artiſtica por meio d'eſtas exhibições inſtructivas em que o util ſe reune ao agradavel, miniſtrando um enſinamento ſuave e proveitoſo.

*
* *

N'uma das ſalas do edificio da Eſchola Polytechnica têem eſtado expoſtos quatro modelos que vieram de Italia, para o monumento que ſe projecta levantar em Lisboa ao fallecido marquez de Sá da Bandeira.

Parece que os artiſtas portuguezes ſe abſtiveram de entrar n'eſte concurſo, porque, pelas condições do programma, julgaram que o maior lucro que haveria a tirar da execução d'aquella obra ſeria para o canteiro que a executaſſe.

O primeiro projecto é um pedeſtal menos bonito, na baſe do qual ſe vê uma eſcrava com as correntes quebradas, moſtrando a uma creança que tem no collo o nome do que tanto trabalhou para a abolição da eſcravatura. A creança ſuſtenta nas mãos uma corôa. Na face oppoſta, a Italia grava eſte acontecimento civiliſador n'uma taboa que tem encoſtada a ſi. A figura eſtá ſentada. N'uma das faces lateraes vê-ſe um leão adormecido, tendo por baixo a data de 1814; na outra eſtá um leão acordado, e ſob elle a data de 1828. Nas faces lateraes do pedeſtal ha dous baixos relevos de batalhas. Sobre o pedeſtal eſtá a figura do general empunhando a bandeira da liberdade e tendo junto de ſi um genio com um fa:ho.

A parte eſculptural d'eſte monumento é muito bonita, ſendo admiravel a idéa figurada pela eſcrava que eſtá na face principal.

O ſegundo projecto repreſenta um grande pedeſtal de marmore de côr, tendo na frente a figura da Patria apontando para o nome do marquez, e do lado oppoſto um eſcravo de joelhos como que abraçando o monumento. Eſtas figuras e a do marquez ſeriam de bronze ſe o projecto foſſe adoptado, o que não me parece que ſuccederá porque o julgo abaixo da critica.

O terceiro é um grande pedeſtal muito ornamentado e tendo varios baixos relevos. Duas figuras allegoricas—a *Guerra* e a *Navegação*—vêem-ſe aſſentadas nos degraus das faces lateraes da baſe do monumento. A figura do marquez eſtá de chapéo armado na cabeça, e tem o braço ao peito.

As linhas do pedeſtal d'eſte projecto inſpirado no eſtylo renaſcença não ſão feias, principalmente para um monumento de outro genero; a parte eſculptural, porém, é pouco notavel

O ultimo projecto é uma columna jonica com canelluras ornada de grinaldas de bronze no capitel, e eſcudos tambem de bronze na baſe. A *Hiſtoria* ſentada n'um dos degraus da baſe parece ter acabado de eſcrever o nome do general. Do lado oppoſto vê-ſe a *Liberdade*. Sobre a columna eſtá a figura do marquez de Sá tendo na mão eſquerda um papel.

Eſte monumento cujas linhas não ſão deſagradaveis, pécca para nós por já termos um em fórma de columna, e que é muito melhor do que elle.

Compete á commiſſão eſtudar bem todos os projectos, cercar-ſe até de quem a elucide ácerca do verdadeiro merecimento de cada um, caſo preciſe d'eſſe eſclarecimento, e optar pelo melhor, poſto não ſeja eſſe o mais economico. Os melhores, quanto a mim, os mais artiſticos, são os que mais caro devem cuſtar; iſto, porém, não é uma razão para que ſe prefira algum dos peiores. Em tal caſo melhor ſerá não eſcolher nenhum e abrir novo concurſo. É eſte o meu humilde parecer, ſe me é dado emittil-o no aſſumpto em queſtão.

*
* *

Tambem na ſala da Aſſociação dos jornaliſtas e eſcriptores têem eſtado expoſtos alguns dos quadros com que o sr. Columbano Bordallo Pinheiro figurou na ultima expoſição da Sociedade promotora de bellas artes, e outros novos do meſmo artiſta, aſſim como os quadros que o sr. Ramalho pintou para o concurſo em que tomou parte na Academia portuenſe, concurſo aberto para mandar um alumno aperfeiçoar-ſe em pintura de paizagem ás eſcholas eſtrangeiras. Com eſtes eſtão outros trabalhos executados pelo meſmo artiſta.

Entre as novas compoſições do sr. Columbano, ha uma que ſe intitula creio—*O Sarau*, na qual ſe revela mais uma vez o talento d'eſte artiſta, embora a critica deſapaixonada lhe poſſa notar defeitos eguaes aos que lhe tem encontrado nas ſuas ultimas obras. Eſtá bem compoſto o quadro, as figuras pouſam perfeitamente, e o ſentimento de cada uma eſtá menos mal caracteriſado; ha, porém, franqueza demaſiada na maneira de pôr a tinta, ou antes falta de acabamento na execução, e a côr é barrenta, deſtituida por conſeguinte do attractivo da tinta de um pintor coloriſta.

O sr. Columbano váe eſtudar para Paris. Eſtou certo de que ha de aproveitar muito da convivencia com os meſtres modernos, porque tem baſtante vocação para a arte; e o ſeu primeiro aproveitamento ha de conſiſtir, ſupponho, na modificação completa não ſó do ſeu proceſſo de pintar, ſenão tambem da ſua maneira de vêr a côr. Nunca ſerá um coloriſta porque iſſo não ſe aprende, e eſſa qualidade natural que falha a muitos artiſtas notaveis, falta ao sr. Columbano. Comtudo, os ſeus futuros quadros hão de vir a fazer grande differença em côr dos actuaes, porque no meio artiſtico onde ſe produzem obras como as que todos nós conhecemos da galeria do sr. viſconde de Daupias, na qual a eſchola franceza eſtá muito bem repreſentada, os menos coloriſtas interpretam a côr de um modo muito differente d'aquelle por que o sr. Columbano Bordallo Pinheiro a vê e traduz.

O sr. Ramalho tem algumas paizagens pintadas ſegundo a moderna eſchola implantada entre nós pelo sr. Porto. A que fez para o concurſo acima referido tem qualidades excellentes, revelando muito eſtudo do natural e verdadeira vocação para aquelle genero de pintura. Ha uma praia muito bem pintada; e entre os quadrinhos pequenos figura um cheio de luz, o qual tem muito merito. É pena que eſte artiſta não poſſa aproveitar o beneficio da lei para ir aperfeiçoar-ſe nas eſcholas de Paris e da Italia.

*
* *

O sr. Joſé Ferreira Chaves concluiu um retrato do fallecido conſelheiro Marggiochi, e eſtá acabando um da sr.ª condeſſa de Rio Maior.

O primeiro repreſenta o retratado com a farda de par do reino, e junta á boa execução artiſtica, a maior ſimilhança, poſto foſſe feito unicamente por photographias e indicações de peſſoas que mais de perto trataram com o fallecido.

O ſegundo é de um colorido verdadeiramente notavel e pintado com uma correcção e vigor que dão a medida do talento do artiſta. Eſtou que ha de fazer ſenſação eſte trabalho ſe o ſeu auctor o expozer ao publico, como deve, para ſeu bem e da arte portugueza.

Na proxima primavera o sr. Ferreira Chaves concluirá tambem um grande quadro de flôres pintadas com a côr, tranſparencia e verdade que elle ſabe dar, como poucos, a eſte genero de pintura.

*
* *

No leilão effectuado pela irmandade de S. Lourenço de Carnide comprou o sr. vice-inspector da Academia real de bellas artes, Delfim Guedes, os seguintes objectos destinados ao museu da mesma Academia:

Uma corôa de ouro com brilhantes, perolas e esmaltes, do seculo XVI, a qual, segundo a tradição, foi offerecida por el-rei D. Manuel a Nossa Senhora da Luz. É um objecto interessantissimo, producto talvez da arte franceza;

Uma Nossa Senhora e peanha de prata, com as carnes de esmalte, tendo no manto algumas pedras de pouco valor intrinseco. A corôa da Senhora está quebrada. Nas quatro faces superiores da peanha lê-se a seguinte inscripção:

esta pianha e respalndor doev a nosa
senhora da lvz dona elena enriques mo
lher de pedro mascarenhas go
vernador que foi da mina ano de 1696;

Uma custodia de prata dourada, dos fins do seculo XVI ou principios do seculo XVII;

Uma cruz procissional, de prata lavrada, da epocha da imagem da Senhora a que acima me refiro;

Uma bacia de pedir, de prata lisa tendo em volta a seguinte inscripção:

esta basia dev de esmola a menza dossantissimo sacramento
andré gomes ano de 1722.

Todos estes objectos custaram 1:018$500 reis, tendo de valor intrinseco 538$200 reis.

Foi uma boa acquisição esta, e por isso cabem louvores ao sr. ministro do reino que a auctorisou e ao sr. vice inspector que a fez.

*
* *

Vae longo este artigo, e d'esta vez tenho ainda muito que dizer, felizmente, a respeito do nosso movimento artistico. Seja-me, pois, permittido, para não tomar demasiado espaço a esta folha, relatar o que me resta como simples noticia, sem maiores considerações ou commentarios, que são quasi sempre a praga d'estas secções.

Costumam os architectos francezes, pensionarios do estado em Roma, enviar todos os annos para o seu paiz um projecto de restauração de qualquer dos famosos monumentos da cidade eterna. O governo francez emprehendeu ha tempos a publicação d'essa enorme collecção de trabalhos artisticos, por meio da gravura a talho doce, a qual collecção produzirá muitos volumes curiosos e valiosissimos para os que lidam com assumptos da arte. Pois a nossa bibliotheca da Academia real de bellas artes vae possuir um exemplar d'essa obra, que o governo francez lhe envia gratuitamente para satisfazer ao pedido que n'este sentido lhe dirigio o sr. Delfim Guedes, quando ultimamente esteve em Paris.

S. ex.ª tambem anda tratando de adquirir para o museu da Academia tres quadros attribuidos por uns a Zuccaro e por outros a Masucci, os quaes existem no antigo convento de Palazzoli, nos arredores de Roma, convento de que o governo portuguez tomou posse ultimamente. É possivel que antes dos quadros virem para cá se façam copias d'elles para ficarem na egreja do referido convento.

A valiosissima bibliotheca da nossa Academia de bellas artes já está aberta ao publico todas as noutes. Concluiu-se o inventario dos seus livros, bem como o catalogo alphabetico; o methodico acha-se muito adeantado. As obras, que prefazem uns onze ou doze mil volumes, estão avaliadas em mais de dezoito contos de réis, valor que tende a elevar-se desde que se completem as muitas que estão truncadas. Tambem já se começou a proceder a este trabalho. É á sensata administração do sr. vice-inspector que se deve este melhoramento realisado n'aquella excellente bibliotheca, porque um dos seus primeiros actos quando tomou posse do lugar para que o governo o nomeou, foi ordenar os trabalhos acima citados.

Em virtude do ultimo concurso a que se procedeu na Academia, foi nomeado pensionario de pintura historica o sr. Ernesto Ferreira Bandeira. Este artista que revelou boas qualidades de desenhador e de colorista na academia que pintou para e referido concurso, já seguiu viagem para Paris, onde terá ensejo de se aperfeiçoar na arte para que mostra tanta propensão.

A proposito, direi que a *Chronique des Arts et de la Curiosité* refere que no grande concurso do desenho de ornamento commum aos architectos, pintores e esculptores, effectuado ultimamente na eschola de bellas artes de Paris, o jury conferio a grande medalha ao alumno portuguez o sr. José Maria Rato Junior, que estudou esculptura na Academia de Lisboa, e é actualmente discipulo dos srs. Dumont e Carlier. Logo em seguida o sr. Rato obteve outra medalha no concurso de esculptura do antigo, sendo esta honra superior á primeira por isso que uma secção tem mais importancia do que a outra. Parece-me que fechando a revista com a menção de tão honrosas distincções para um artista portuguez, a fecho, como se costuma dizer em phrase já muito gasta, com chave de ouro.

RAPIN.

CHRONICA

O acontecimento mais notavel que temos a registrar na presente chronica, é, sem duvida, a apresentação do maestro Saint-Saens ao publico lisbonense no real theatro de S. Carlos.

Ha muito que Lisboa não recebia a visita de uma notabilidade musical de tão grande nomeada, como aquella de que gosa na arte o talentoso compositor e distincto pianista. O annuncio da sua proxima chegada havia alvoroçado os animos dos *dilettanti*. E tão grande era esse alvoroço, pois que quasi de outra cousa se não fallava entre os frequentadores de S. Carlos, que ainda os mais pessimistas agouravam á empreza grandes enchentes, e por consequencia grandes receitas. Chega emfim Saint-Saens, e na mesma noute da sua chegada apresenta-se no theatro, entre a multidão, como um simples espectador; a noticia começa a circular de bocca em bocca, e passados instantes todos os binoculos se assestam para um determinado ponto da sala. Saint-Saens, o grande organista da Magdalena estava ali; ninguem o conhecia, ninguem o indicara com o dedo para dizer — é aquelle! — mas logo no começo do espectaculo correra no theatro uma voz vaga de que Saint-Saens estava entre os espectadores, e poucos momentos depois todos adivinhavam quem elle era. É que a centelha do genio fulgia n'aquella fronte espaçosa, n'aquelle olhar que sem se fixar em nenhum objecto parece vaguear nas regiões do infinito em demanda de visões phantasticas, de imagens vaporosas e estranhas, de harmonias celestiaes. É que aquella cabeça erguia-se por de sobre todas as demais que povoavam o theatro, illuminada pela aureola de um grande talento. O nome do illustre maestro circulava de um ao outro extremo da sala acompanhado de um côro unisono de louvores e admiração. Na vespera ainda, poucos conheciam o seu nome, e raros tinham noticia das suas composições e da sua individualidade artistica. Agora, porém, já não ha quem não saiba o que elle é e o que elle vale. Todos conhecem já o seu *Prélude du déluge*, a sua *Danse macabre*, e as suas mais afamadas composições; todos assistiram em Paris a algum dos seus grandes triumphos, todos se extasiaram ao ouvir sob as abobadas da Magdalena os effeitos prodigiosos do orgão dedilhado por elle, embora uns nunca pisassem o solo da França, e outros nunca ouvissem sequer uma unica das producções do distincto maestro.

Dous dias depois annunciavam os cartazes o primeiro concerto de Saint-Saens. Esperava-se uma enchente. Houve-a effectivamente, mas foi no... circo. S. Carlos estava deserto.

Emquanto o publico se extasiava no Salitre ante as cabriolas dos arlequins e as momices truanescas dos palhaços, Saint-Saens tinha por auditorio as cadeiras vasias da platéa de S. Carlos. E tal era a corrente da opinião em favor dos saltos mortaes dos saltimbancos e das piruetas das volteadoras, que os raros amadores que á gymnastica preferem a boa musica, tomavam o camiaho de S. Carlos pelas ruas mais escusas, como criminosos que se furtassem ás vistas da policia.

Saint-Saens é um pianista muito notavel, um organista de grande fama, e um compositor de muito talento. As suas composições profundamente philosophicas têem ao mesmo tempo o que quer que seja phantastico e estranho que prende e enleva o espirito. Não se encontra n'ellas a melodia facil e vulgar, sem significação philosophica, sem intenção determinada, sem uma idéa definida; ao contrario d'isso, cada phrase musical traduz ou expressa um pensamento e o agrupamento e sequencia d'essas phrases não é simplesmente a obra do acaso vasia de sentido, mas um acto consciente e de verdadeira inspiração. *Le Prélude du déluge* e *La danse macabre* comprovam quanto deixamos dito, e bastariam estas duas composições só por si para conferirem ao distincto maestro a individualidade que o caracterisa entre os compositores contemporaneos.

Já dissemos que Saint-Saens é um pianista muito notavel;

como organiſta, porém, o ſeu merecimento artiſtico é muito ſuperior. A magiſtral execução dos trechos que lhe ouvimos tocar no magnifico orgão de S. Carlos difficilmente poderá ſer excedida em ſentimento e nitidez.

Deſagradavel, porém, e muito deſagradavel deve ter ſido a impreſſão que Saint-Saens recebeu em Lisboa, e não mais liſongeiras para nós devem ter ſido as recordações que d'aqui levou. Na França, na Allemanha, na Heſpanha, por toda a parte emfim por onde o illuſtre artiſta tem andado, o publico tem accudido com enthuſiaſmo a admirar as ſuas compoſições, e a ouvir o piano ou o orgão dedilhado por elle. Em Lisboa o publico voltou-lhe deſdenhoſamente as coſtas, e foi para o circo recrear-ſe com os palhaços e applaudir com delirio os ſeus eſgares e chocarrices. Não ſe pode dar mais cabal e evidente teſtemunho da noſſa aprimorada educação artiſtica! Nós ſomos aſſim, e não nos envergonhamos d'iſſo. É devéras lamentavel!

*
* *

A Traviata, *Os Huguenotes* e *D. Carlos* eis as tres operas que ſubiram á ſcena no preſente mez.

Queixaram-ſe alguns *dilettanti* de que a empreza preferiſſe ás operas do grande repertorio, a *Martha*, o *Trovador*, a *Traviata*, a *Dinorah*, etc., e a eſſa preferencia pretendiam attribuir a e falta de concorrencia que eſte anno ſe tem notado no theatro. A razão, porém, não era eſſa, e os factos vieram demonſtral-o claramente, porque nem *Os Huguenotes* nem *D. Carlos* chamaram ao theatro maior numero de eſpectadores. Qual era, e qual é pois eſſa razão? — o deſdem. Já o diſſemos o mez paſſado.

Não é moda ir a S. Carlos — eis a phraſe que a todos os momentos ſe ouve ao fallar-ſe do theatro lyrico. Ninguem ſabe de onde veio eſta voz, de quem partiu a iniciativa de tão abſurda lei, mas raros ſão os que a não reſpeitam e acatam.

Digamos, porém, duas palavras ácerca do deſempenho das operas a que nos referimos.

Comecemos pela *Traviata*. Ha muito que eſta opera não tinha em o noſſo theatro uma execução tão ſatisfatoria como a que agora teve. A sr.ª Vitali cantou com muita correcção e ſentimento, diſtinguindo-ſe eſpecialmente em todo o primeiro acto. O sr. Corſi, apezar da ſua pouca voz, houve-ſe no decurſo de toda a opera como abaliſado artiſta, e deu o maior relevo a todas as phraſes da grande ſcena do terceiro acto, em que obteve muitos e merecidos applauſos. O sr. Pantaleoni contribuiu para o bom deſempenho da opera, e o publico foi juſto applaudindo-o na romanza do ſegundo acto *Di Provenza il mar il ſuol*, que não é decerto um dos floröes da corôa de Verdi. O sr. Pantaleoni é um artiſta de merecimento, que phraſeia excellentemente e poſſue boa eſchola de canto. A ſua voz, porém, ainda que de timbre muito agradavel e de baſtante volume, é já cançada e deſafina com frequencia.

Nos *Huguenotes* obteve a sr.ª Borghi-Mamo um novo triumpho, como era de eſperar. Eſta cantora a quem ſobeja talento e ſentimento artiſtico tem na difficilima parte de Valentina campo em que pode moſtrar até onde chegam os ſeus recurſos, como cantora e como artiſta. No duetto do quarto acto com Fancelli, quando a paixão, o terror e a anguſtia lhe fazem vibrar mais profundamente a corda dramatica, o publico enthuſiaſma-ſe e applaude delirantemente a illuſtre prima-dona. Pode a ſua voz não ter por vezes volume baſtante para as exigencias muſicaes d'aquelle primoroſo duetto, mas o talento e a arte da joven cantora luctam vantajoſamente com eſſe pequeno ſenão. Fancelli ſe não foi apaixonado e ſentimental, porque a ſua indole não é eſſa, deu ainda aſſim maior relevo do que coſtuma a algumas das principaes phraſes do duetto, e mais ama vez nos deixou admirar a belleza da ſua portentoſa voz, que não tem talvez rival actualmente. Nanetti é um verdadeiro artiſta conhecedor de todas as regras e ſegredos da arte, os quaes obſerva ſempre conſcienciosamennte. Mais uma vez o provou na canção do primeiro acto e no duetto do ſegundo com Valentina, embora a ſua voz não ſeja tão poderoſa e profunda como a parte de Marcello exige. Pandolphini na parte de Saint-Bris manteve-ſe á altura da ſua bem merecida reputação, e ſó temos a ſentir que nas repreſentações ſubſequentes foſſe ſubſtituido pelo sr. Sbordoni. A sr.ª Synnerberg, no papel de pagem, houve-ſe muito diſcretamente. Na parte da rainha, confiada á sr.ª Torreſella, provou eſta cantora que nos não enganáramos no juizo que d'ella formamos quando pela primeira vez a ouvimos na *Africana*. Poſſue uma voz de ſoprano de timbre muito agradavel e inſinuante, e o ſeu methodo de canto parece-nos bom. É afinada, vocaliſa com precisão e phraſeia muito correctamente.

Reſta-nos fallar da execução do *D. Carlos*.

Da opera nada diremos. É já conhecida do publico, e de ha muito que a ſua critica eſtá feita. E que o não eſtiveſſe não feria eſſe empenho para as noſſas forças. A critica de uma partitura ſob o ponto de viſta da arte é empreza difficilima para a qual ſe requerem conhecimentos eſpeciaes que não poſſuimos. Limitar-nos-hemos, pois, a expôr a noſſa humilde opinião com reſpeito ao deſempenho que eſta opera teve na preſente epocha.

Era completamente novo para muitos eſpectadores eſte *ſpartito* de Verdi, pois que, ſe bem eſtamos lembrados, foi na epocha de 1870-1871 que em S. Carlos ſe ouviu pela primeira vez, não tendo deſde então voltado á ſcena. Foi talvez eſta uma das razões porque o *D. Carlos* não teve logo na primeira repreſentação o exito que era de eſperar. O ouvido mais experimentado eſtranha a contextura muſical d'eſta opera, filiada na eſchola allemã; a melodia não ſe deſenvolve facil, ſimples e deſafrontada, como acontece em tantas outras operas do meſmo auctor; a fórma rithmica das phraſes muſicaes é completamente diverſa da que caracteriſa a primeira *maneira* de Verdi, e a harmonia predomina quaſi ſempre em grandes maſſas inſtrumentaes. Por todas eſtas razões o *D. Carlos* é d'aquellas operas que na primeira audição nos deixam no ouvido a impreſſão que podem cauſar-nos as vibrações de ſons deſconexos, de harmonias confuſas ſem deducção nem penſamento, ſem arte nem inſpiração. É miſter que o ouvido ſe habitue a eſſas eſtranhas combinações, para que o canto ſe nos revele, para que comprehendamos as phraſes que o compõem, para que poſſamos apreciar as modulações e deſcobrir as bellezas que por aſſim dizer ſe eſcondem na emmaranhada floreſta das harmonias. Foi talvez, por todas eſtas razões, como já diſſemos, que o *D. Carlos* não teve nas primeiras repreſentações um exito mais liſongeiro.

Fallemos, porém, do deſempenho, confiado ás sr.ªs Pantaleoni, Synnerberg, Torreſella, Fancelli, Pandolphini, Nanetti, Sbordoni e Magnani.

Nem a critica nem o publico tem ſido, a noſſo vêr, muito benevolentes com a sr.ª Pantaleoni. Não obſtante parece-nos que poſſue qualidades artiſticas que não ſão para deſdenhar. É verdade que nem ſempre é exempta de ſenões na parte dramatica, e que a ſua voz é eſtridula e deſagradavel ao ouvido no regiſtro agudo; mas, comquanto reconheçamos todos eſſes defeitos, é de juſtiça confeſſar que o ſeu methodo de canto é correcto, que phraſeia muito regularmente, que tem facilidade de emiſſão e entonação, e que ſabe imprimir ao canto o relevo e o ſentimento que elle exige. Não queremos dizer com iſto que a sr.ª Pantaleoni ſeja uma cantora de primeira ordem, um talento de arrebatar platéas, mas parece-nos que é uma artiſta muito apreciavel na cathegoria em que ſe nos apreſentou no enlenco da actual companhia lyrica.

A ſua voz de ſoprano *ſfogato*, perfeitamente caracteriſada, preſta-ſe ás exigencias da parte de Izabel eſcripta n'uma *tacitura* muito alta. Foi por iſſo que no *D. Carlos* a sr.ª Pantaleoni patenteou mais acentuadamente as ſuas imperfeições e as ſuas qualidades artiſticas.

Aſſim por exemplo, emquanto nos duettos do primeiro e quinto actos com *D. Carlos*, nem ſempre foi feliz e correcta n'algumas phraſes, ſoube pelo contrario haver-ſe muito regularmente, e por vezes com primor, na romanza e na aria do quinto acto, cantando eſtes trechos com baſtante expreſſão e ſentimento.

Fancelli oſtentou todos os recurſos da ſua admiravel voz na ingrata parte de *D. Carlos*. Pandolphini no papel de Poſa, foi o artiſta diſtincto que o publico feſteja juſtamente ſempre que apparece em ſcena. As honras da noute, porém, couberam a Nanetti. Não ſe póde ſer mais primoroſo no deſempenho do papel de Filippe, quer na parte muſical, quer na parte dramatica. A interpretação do perſonagem, a acentuação de cada phraſe, o cunho taciturno, cruel e fanatico com que a muſica traduz o abominavel caracter d'aquelle rei, tudo foi admiravelmente comprehendido pelo talentoſo artiſta. Na romanza do quarto acto, ſobretudo, foi inexcedivel.

As sr.ªs Synnerberg e Torreſella, e os srs. Sbordoni e Magnani, bem como os coros e a orcheſtra, todos contribuiram para o bom exito d'eſta opera, ſendo de juſtiça eſpecialiſar o deſempenho que no todo teve o grande concertante e mageſtoſo final do terceiro acto.

*
* *

Dos theatros de declamação apenas temos a regiſtrar duas comedias de abertura. *O foneto* do sr. Cypriano Jardim, e *Theoria de Favart*, do sr. Luiz Teixeira. São ambas n'um acto, e a primeira em verſo. *O foneto* ſubiu á ſcena no theatro de D. Maria, e a *Theoria de Favart*, no Gymnaſio. São duas compoſições ligeiras e mimoſas como convém ao genero dramatico a que pertencem.

A. DE SOUZA E VASCONCELLOS.

Typ. de Chriſtovão A. Rodrigues — Rua do Norte, 145, 1.º

O GATUNO

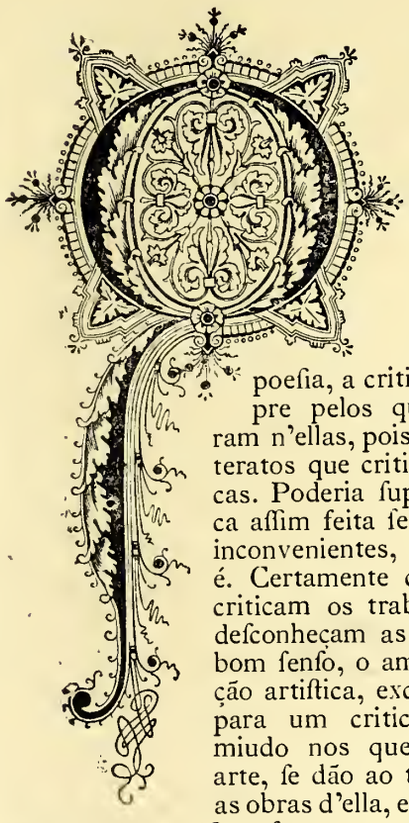
Typ. — Christovão Augusto Rodrigues.

A ARTE

Lisboa — Dezembro de 1880

O GATUNO

—



uerem muitos que para criticar a arte ſe deva ſer artiſta, e n'eſte deſejo vão de par com os que entendem que tambem ſó por poetas podem os poetas ſer apreciados.

Nas bellas artes, mais talvez ainda do que na poeſia, a critica é feita quaſi ſempre pelos que não ſe exercitaram n'ellas, pois ſão em geral os litteratos que criticam as obras artiſticas. Poderia ſuppôr-ſe que da critica aſſim feita ſe derivariam grandes inconvenientes, e comtudo tal não é. Certamente convem que os que criticam os trabalhos artiſticos não deſconheçam as bellas artes, mas o bom ſenſo, o amor do bello, a intuição artiſtica, excellentes conſelheiros para um critico, encontram-ſe a miudo nos que não profeſſando a arte, ſe dão ao trabalho de apreciar as obras d'ella, e que, por iſſo meſmo que não ſão artiſtas, fazem com muito maior imparcialidade o ſeu juizo.

Mas de ſerem os litteratos os mais frequentes criticos das obras artiſticas vem que, em geral, procuremos ſempre nos quadros encontrar um ideal, um aſſumpto, como ſe a imitação do que é bello, a exacta reproducção de muitos quadros da natureza ou da ſociedade, não foſſe occupação digna do artiſta, e como ſe ſó deveſſem deſpertar a noſſa attenção as télas que nos levam á cogitação de themas philoſophicos, ou á rememoração dos feitos grandioſos da hiſtoria.

Occorreram-nos eſtas reflexões ao encontrar-nos em frente da bella gravura, aqui reproduzida, copia de um quadro do eximio pintor allemão, Luiz Knaus, que desde 1852 tem enriquecido a arte com magnificos trabalhos, alguns d'elles premiados nas expoſições univerſaes.

Tambem n'eſte quadro procurámos um aſſumpto. O coſtume levava-nos a pedir mais alguma couſa do que a reproducção de um typo vulgar, magiſtralmente pintado.

E quem poderá dizer que o pintor não correspondeu, meſmo n'eſta parte, aos preceitos que alguns querem impôr ás obras de arte?

Demorem um pouco a viſta n'aquelle garoto, dêem largas á imaginação, e digam-me ſe o quadro lhe não accordou n'alma nenhuma reflexão, nenhuma recordação triſte ou alegre, nenhum problema mais ou menos philoſophico?

Os quadros de genero, parecendo reſumirem-ſe na repreſentação de um typo, de uma ſcena da vida real, vão ás vezes mais longe, e dão-nos thema para larguiſſimas conſiderações.

Leiam nos olhos d'aquelle garoto ao meſmo tempo a eſperteza e a velhacaria, vejam n'aquella phyſionomia os traços que denunciam uma creatura desde já entrada no caminho que leva ao vicio e á depravação, architectem depois qualquer hiſtoria para lhe explicar o paſſado, e deixem correr á ſolta a imaginação para lhe traçar o futuro, e terão um romance completo, entremeiado de não ſei quantas queſtões philoſophicas e ſociologicas. Não ſuppônham que os vamos acompanhar em ſimilhantes cavalgadas pelos dominios da imaginação. Ahi é melhor que cada um corra á vontade e ſem guia. Se o pintor houver conſeguido, a par de uma bella obra, levar, por alguns momentos, a cada um dos que a examinam, ás regiões do ideal, ou á contemplação de algum grave problema, que mais lhe poderemos pedir?

Ora o rapazito póde não merecer tamanha honra. É certo que elle váe por mau caminho; provavelmente acabou de furtar aquelles immenſos nabos, váe mettel-os no ſacco, e parece na melhor diſpoſição de reſponder com uma careta de garoto ao primeiro que lhe appareça a tomar-lhe contas do ſeu procedimento. Mas quer encaremos o quadro na ſua ſimplicidade artiſtica, quer procuremos achar n'elle thema para discorrer pelos campos da phantaſia, o que é innegavel é que ha ali muito que admirar na correcção do deſenho, na naturalidade da figura, na expreſſão da phyſionomia, e que ſe não é uma das primeiras compoſições de Knaus, d'aquellas que lhe deram um nome, tambem não é das que ficam eſquecidas nas galerias da arte.

T. A. C.

ETERNO FEMININO

La femme c'est une religion.
Michelet.— *La femme.*

Eu não cultivo a flôr ſetinea e bella,
— A flôr ſentimental,
Que ha vinte annos abriu, roſa ſingela,
Em pleno madrigal.

Não canto os olhos triſtes de Leonora
Debaixo do balcão,
Porque os balcões ſumiram-ſe, e os d'agora
São feitos de cartão.

Não vou ao guarda-roupa das cruzadas
Buſcar eſſas viſões
De caſtellãs e moiras incantadas,
De pagens e truões.

Nem vejo pelas múrmuras devezas,
Da lua ao doce alvôr,
Vultos errantes de gentís princezas,
Soluçantes de dôr.

A minha fina eſthetica moderna,
Porém, faz-me acceitar
O Amôr, eſſa canção febril e terna,
Que nunca ha de acabar.

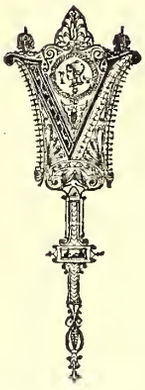
E — lyrio bom! — ao entrevêr teu vulto,
Meu doido coração,
— Como quem d'um ſarcóphago ſepulto
Se levantaſſe então,

Innundam-n'o canções deſconhecidas
— Idylios virginaes,
Como pombas que pouzam doloridas
Nos vaſtos pinheiraes...

JOAQUIM DE ARAUJO.

ESTUDOS HISTORICOS

—



AMOS atraveſſando um periodo de renovação, que é ſem exemplo na hiſtoria da humanidade. Nenhuma das revoluções do mundo antigo, ſem meſmo exceptuar a profunda e civiliſadora transformação iniciada com o cezariſmo romano, nenhuma pode comparar-ſe, nem pela rapidez do movimento, nem pela grandeza dos reſultados, com a que rebentou no fim do ſeculo paſſado, e que váe ſeguindo impetuoſa o ſeu curſo. É que tambem as condições da vida ſocial nunca foram como hoje; nunca a civiliſação, no mais amplo ſentido da palavra, attingiu tão elevado grau: portanto, nada tem de extraordinario, que ſeja hoje mais poderoſa do que nunca a acção renovadora das forças ſociaes.

Depois que as grandes alluviões de homens do norte invadiram a Europa, eſcurecendo com a ſua rudeza a explendida civiliſação helleno-romana, houve um periodo de retroceſſo para a ignorancia, a immoralidade e a miſeria; periodo ainda hoje marcado na hiſtoria com a denominação de *epocha barbara*. Seguiu-ſe-lhe um outro de progreſſo lento, mas continuo: as forças ſociaes eram tenues, o impulſo não podia ſer vigoroſo: mas o deſejo de melhorar as condições da exiſtencia, a aſpiração ao aperfeiçoamento, precioſa qualidade das raças progreſſivas, não conſentia que o movimento paraſſe. E aſſim ſuccedeu em todo o periodo denominado *epocha feudal*, até que a cultura dos eſpiritos, fructo do inceſſante lavor, chegou a ponto, não de ſe comprehender a civiliſação antiga — era ainda cedo — mas ao menos de attrahirem a attenção, e ſerem admiradas, as obras primas que d'ella reſtavam. D'eſſe phenomeno reſultou um grave defeito e um grande merito, caracteriſticos d'aquella epocha. A admiração, que por pouco eſclarecida chegou a ſer fanatica, imprimiu uma direcção falſa ás aſpirações ſociaes, ao ideal do progreſſo; mas, apezar d'iſſo, foi vivo eſtimulo para um notavel esforço renovador.

O periodo activiſſimo em que ſe conſtituiram as nações modernas, denominado *epocha da renaſcença*, é de todas as phaſes hiſtoricas a que tem mais pontos de contacto com o movimento da actualidade, ſendo, aliás, profundamente diverſa, nas duas epochas, a corrente dos eſpiritos.

As ſciencias, a religião, a arte, a politica, tudo então ſe diſcutiu e reconſtruiu; porem, o facto que teve mais deciſiva influencia nos deſtinos da civiliſação moderna, foi o ardor com que ſe eſtudou um paſſado já remoto: a vida da antiga Roma e de Athenas. Procuravam-ſe ávidamente, para os decifrar, os velhos manuſcriptos eſquecidos e inuteis; interrogavam-ſe os monumentos que a acção do tempo e a mão deſtruidora dos barbaros havia feito em ruinas; deſenterravam-ſe eſtatuas, columnas, medalhas, inſcripções, ſepulturas, objectos do culto e utenſilios do uſo domestico, as armas dos guerreiros e os ornatos das mulheres. E tudo ſe tratou não ſó de interpetrar, mas de imitar. A ogiva das cathedraes abateu-ſe em architrave corinthia; ouviu-ſe de novo, desbarbariſada e culta, como ſe fallava no *forum*, a lingua de Cicero; a diſtincção de maneiras e a elegancia dos habitos ganhou ás claſſes elevadas, como a *urbanidade* e o *atticiſmo* haviam dominado na patria de Mecenas e de Alcibiades; ficaram para diverſão da plebe, ou refugiaram-ſe nas villas e aldeias, os autos de devoção e as velhas tragi-comedias; Terencio e Sophocles voltaram á ſcena com trajos novos, mas rigoroſamente cortados pelo feitio antigo; desfizeram-ſe os foraes e refizeram-ſe os codigos, eſtudando-ſe os textos dos jurisconſultos romanos; os coſtumes cederam campo ao direito philoſophico; nos tribunaes, nas falas, nos theatros, nas relações de convivencia, como no regimen de governo, em tudo exercia poderoſa influencia o *cultiſmo claſſico*. Para tudo ſe propunha á imitação o modelo antigo. O deslumbramento produzido pelas maravilhas que ſe deſcobriram, e que denotavam um elevado grau de civiliſação, cegou os eſpiritos; ninguem viu que eſſa civiliſação, embora muito ſuperior, era tambem de indole muito diverſa da que ſe eſtava formando. Eſta, porem, que tinha elementos de vida propria, luctou contra os elementos eſtranhos, que vinham dar-lhe uma feição anachronica, ainda que brilhante. D'eſſa lucta energica reſtam em Portugal os veſtigios, fundamente traçados, talvez como em nenhum outro paiz, em dous grandioſos monumentos, um livro e um templo: os Luſiadas e Belem. [1]

[1] N'um artigo publicado por occaſião do centenario de Camões procurei esboçar eſta meſma idéa, approximando os epiſodios mais conhecidos dos Luſiadas — *Ignez de Caſtro*, o *Adamaſtor*, a *Ilha dos Amores* e o *Magriço*, com o fim de tornar bem viſiveis as duas correntes oppoſtas que influiram na compoſição do poema, o qual foi tão aſperamente cenſurado pelos claſſicos orthodoxos do ſeculo paſſado, e principios d'eſte.

Para aqui tranſcrevo um trecho do artigo a que me refiro:

«Nos *amores de Ignez* ha a deſaffectada nobreza da dicção, o mimo da phraſe, a cadencia do metro, toda a correcção e elegancia da forma virgiliana. Ao meſmo tempo deſcobre-ſe a forma convencional, vaſada em moldes perfeitamente claſſicos. As emoções do affecto diluidas em palavras ſonoras, e os gritos de dôr ſuffocados pelas figuras de rethorica. Lê-ſe com deleite aquelle formoſo epiſodio, porque admiramos n'elle a arte antiga; a harmonia das proporções, a pureza das linhas, a peregrina belleza da forma.

Na viſão do *Adamaſtor* não é o artificio da palavra que nos ſeduz; encanta-nos a ſingela expreſſão das idéas e crenças das epocha: o terrôr ſuperſticioſo dos marinheiros, naſcido das tradicções lendarias, do eſtado do eſpirito propenſo para o maravilhoſo e dos vagos receios pelo deſconhecido; terror que ſubjuga os animos mais valentes, e que ſó pode ſer vencido pe-

O classicismo venceu, por fim; ainda mal que venceu. Havia-se apoderado das classes dirigentes, jurisconsultos, artistas, homens de lettras, de governo e até do clero. A sua influencia dominou todo o periodo da epocha denominada do absolutismo; e quando o movimento revolucionario do seculo passado alluiu as velhas instituições, sonharam-se as liberdades *classicas* da antiga republica de Roma, como se fosse possivel enterrar uma sociedade viva no sepulchro das gerações extinctas.

Essa ignorancia do que é proprio a um dado estado social, ignorancia resultante da falsa comprehensão do espirito do seculo e das lições da historia, foi uma das causas mais perturbadoras do trabalho de reconstituição das sociedades modernas, e o que mais o tem demorado. Felizmente que váe diminuindo a intensidade d'essa força desorganisadora, á medida que se desenvolve o progresso scientifico.

Tambem hoje, como no tempo da renascença tudo se discute, analysa e renova: as crenças, as idéas, os costumes, as instituições e até os habitos e sentimentos; tambem hoje, como então, se refazem, por novos processos, as sciencias já existentes, e se criam outras; tambem hoje, como então, se estuda ávidamente a historia das sociedades mortas, com a differença que em vez de se concentrar a attenção sobre determinada epocha, ou povo, explora-se em toda a sua extensão, até ás origens, o vastissimo dominio do passado. Relêem-se os palimpsestos, restituem-se os textos, interpretam-se as inscripções, explicam-se os lugares obscuros dos escriptores antigos, ou emendam-se-lhes os erros; desentranha-se a historia da fabula, e pede-se ás linguas o segredo da origem dos povos. Ha, comtudo, no movimento scientifico das duas epochas uma differença capital; a causa d'elle é a mesma: o desejo, a necessidade de aperfeiçoamento; porém o fim é hoje diversissimo do que foi n'aquelle tempo. Não se tentam agora resurreições estravagantes, absurdas; procura-se simplesmente conhecer pela serie dos factos, bem determinados, as leis do desenvolvimento social; se olhamos o passado não é para ficarmos voltados para elle, mas para seguirmos direito o caminho do futuro.

É certo que nos principios d'este seculo houve uma sezão de enthusiasmo pela civilisação medieval; não tendo a revolução satisfeito ás necessidades da epocha, principalmente ás aspirações liberaes, julgou-se vêr a liberdade na vida tumultuaria da edade-media, e acreditou-se que seria progresso a apropriação das suas instituições. O *romantismo*, porém, teve uma existencia pouco duradoura; [1] portanto, a sua influencia no destino social não póde comparar-se á do classicismo, cuja existencia se prolongou por seculos.

Ao desenvolvimento da historia, ou melhor, á completa reconstituição das sciencias que lhe respeitam, se deve, sem duvida, a paralisação d'aquelle movimento. Depois que a critica se deu a determinar o valor dos factos historicos, não só verificando rigorosamente a realidade d'elles, se existiram e como se deram; mas tambem examinando as relações de dependencia que os ligavam, as causas de que procederam e os resultados que produziram; depois que se conquistaram, em virtude d'este processo, um certo numero de verdades desconhecidas e indiscutiveis, e se pôde com o auxilio d'ellas penetrar o genio das differentes epochas, começou-se tambem a comprehender mais claramente, não a utilidade da historia, como *mestre da vida*, na classica phrase de Cicero, mas a necessidade d'ella para o desenvolvimento social. Descobriu-se, que este era subjeito a leis naturaes, inalteraveis, como as do mundo physico, e que, portanto, assim como havia necessidade de conhecer as forças que dominam a materia, para as subjugar e utilisar, assim tambem era indispensavel conhecer, pela observação dos phenomenos sociaes, as leis a que elles obedecem, afim de as aproveitar e dirigir do modo mais conveniente. Quanto maior é o numero de segredos que se arrancam á natureza, mais se desenvolve o progresso material; assim tambem, quanto maior fôr o numero dos que se tirarem á luz, das trevas da historia, mais se aperfeiçoará a organisação social.

Desde muito que uma vaga percepção d'esta verdade havia alvorecido em alguns espiritos superiores: João Bodin foi talvez o primeiro que fez uma tentativa bem dirigida para conhecer a significação das instituições; mas a atmosphera scientifica na epocha da renascença não era apropriada á germinação e desenvolvimento da semente que o illustre sabio lançou á terra. Mais tarde Montesquieu, enriquecido já com maior cabedal de conhecimentos, que mais lhe avigoravam a sua natural aptidão de analysta, procurou

los impetos de uma coragem irreflectida, a coragem nervosa tão propria das raças latinas.

Habitam a *ilha encantada* as oceanides da theogonia pagã; as mais bellas ficções da phantasia grega; deidades gentilissimas, risonhas, travessas, lascivas como o fremito das ondas que em noutes quentes de estio se espreguiçam na praia. É um quadro antigo com que Pericles folgaria brindar a sua voluptuaria Aspasia, alma de Minerva em corpo de Venus.

No *Magriço*, nos doze que sahiram

La da bal cidade onde teve
Origem, (como é fama) o nome eterno
De Portugal...

para quebrar lanças em defeza das damas de Inglaterra, e que proseguiram aventuras na Allemanha e Flandres, debalde procuraremos as magestosas *poses* dos heroes da Grecia ou Roma. Vêl-os-hemos:

De armas e roupas de uso mais moderno,
De elmos, cymeiras, lettras e primores

porque são a personificação das idéas cavalheirosas da edade-media, nascidas nos castellos feudaes, e vivas ainda, no seculo XVI, não só nos contos em volta do lar dos pobres casaes das aldeias, mas tambem nas palestras dos escholares, e ainda nos serões da côrte.»

O sr. Pinheiro Chagas apreciando, na sua Hist. de Port., o movimento da nossa litteratura no seculo XVI, faz a conceituosa observação de que *tivemos uma especie de litteratura manuelina como tivemos uma architectura manuelina*, e desenvolve essa these com o superior talento que em todos os seus escriptos se manifesta. O illustre escriptor volta ainda á mesma theoria, e demonstra-a amplamente, applicando-a ao immortal poema de Camões. (Prologo dos Lus. edic. dos srs. A. Abranches e Santos).

[1] Considerar o *classicismo* e o *romantismo* simplesmente como denominação de systemas, ou escholas de arte e litteratura parece-me que é dar áquellas palavras uma significação incompleta, e desconhecer a ligação indissoluvel de cada phase da organisação social com as manifestações da arte, das lettras, da industria, dos costumes, de tudo o que constitue a vida das sociedades. O classicismo, como o julgo, não consistiu na applicação das formas antigas á manifestação do pensamento e sentimento modernos, mas tambem na vivificação do absolutismo da ultima epocha do imperio. Da mesma forma o romantismo não foi só o apparecimento dos soláos e a exhibição de Macias enamorados, mas tambem origem da excessiva confiança na descentralisação administrativa, como garantia da liberdade politica, e das chimeras do federalismo.

Não permitte o acanhado limite de uma nota dar a este assumpto o desenvolvimento que elle comporta, nem é esse o meu intento: basta-me que estas poucas linhas sirvam para justificar o que se acha escripto no texto.

NO BALOUÇO

determinar a relação das inſtituições com os coſtumes, o clima, as crenças e os antecedentes hiſtoricos de cada povo. É certo que frequentemente ſe deſvia do methodo ſevero que a ſi proprio impoz; algumas das ſuas concluſões, demaſiado empiricas, ſão inacceitaveis, e muitas preciſam ſer rectificadas; comtudo o grande merito da ſua obra eſtá cabalmente demonſtrado pela funda impreſſão que produziu nos eſpiritos mais illustrados. Infelizmente, porém, deſencadeou-ſe n'eſſe meſmo tempo um vendaval de philoſophia abſtracta que arrancou pela raiz a arvore da ſciencia plantada de novo, e que decerto produziria optimos fructos, á medida que ſe deſenvolveſſe.

A celebre theoria de um pretendido eſtado natural do homem, completamente falſa, porque tal eſtado era ſimpleſmente uma abſtracção, nunca foi uma realidade; mas deslumbradora pelo vigor logico das ſuas deducções, eſſa theoria, expoſta com ſumma lucidez, e propagada por uma litteratura brilhante, imprimiu no eſpirito do ſeculo tendencias demolidoras, fortemente acentuadas, caracteriſticas.

E como nenhum obſtaculo ſe oppoz á expanſão d'eſſa força, ſuccedeu que todas as inſtituições foram revolvidas deſde os fundamentos, alluiram, fizeram-ſe em ruinas. Comtudo, o novo ſyſtema de organiſação aſſentava ſobre principios applicaveis a um ſer abſtracto; é evidente que não podia accommodar-ſe com a realidade: as utopias revolucionarias nunca poderam ſer realiſadas, ou tiveram exiſtencia ephemera: vingou ſómente o que era compativel com o eſtado ſocial de cada povo: ſó conſeguiram radicar-ſe, e deſenvolver-ſe, as inſtituições que não tinham contra ſi nem as aſpirações, nem os preconceitos. Das experiencias fruſtradas naſceu o deſengano, que deu em reſultado uma reacção contra o errado methodo no eſtudo das ſciencias ſociaes.

Ne entanto os partidarios de ſyſtemas chimericos não abandonaram o campo, nem deixaram de conquiſtar proſelytos; e d'ahi veio formarem-ſe duas eſcholas rivaes, conhecidas pelas denominações de *philoſophica* e *hiſtorica*. A differença entre uma e outra conſiſte no methodo que adopta cada uma d'ellas; comtudo eſſa differença é capital, porque é preciſamente da perfeição do methodo que depende o descubrimento da verdade, e portanto a mais acertada reſolução dos problemas que ſe offerecem na practica.

A rivalidade circumſcripta n'eſtes limites comprehende-ſe, porque é racional, ſobre tudo por que é fundada na realidade dos factos; mas levar a exageração a ponto de cada uma das eſcholas ſe tornar tão excluſiva, que não admitta o concurſo da outra, é um erro manifeſto. Não ſe póde conteſtar a neceſſidade da hiſtoria para explicação dos phenomenos ſociaes, e descuberta das leis a que obedecem; mas como eſſes phenomenos ſão o producto de ſeres intelligentes, é egualmente neceſſario que a philoſophia, na mais ampla ſignificação da palavra, promova o deſenvolvimento da intelligencia, afim de que a elevação do ideal determine o aperfeiçoamento das inſtituições.

Como ſe vê, cada uma d'eſtas ſciencias tem a ſua eſphera d'acção, e a ſua utilidade practica; ambas ſão neceſſarias á civiliſação; e ſe até aos noſſos tempos não ſe havia dado á hiſtoria o lugar que lhe competia no quadro das ſciencias ſociaes, hoje que ella conquiſtou eſſe lugar, é um ſerviço importante contribuir para o ſeu aperfeiçoamento, e um dever propagal-a.

DELFIM DE ALMEIDA.

NO BALOUÇO

—

ÃO-LHES lá dizer o que ha de mau por eſſe mundo.

Balouçam-ſe!

É uma familia jovial, freſca, em que as creanças mais parecem irmãs do que filhas.

Uma, a da eſquerda, de pandereta e geſto lubrico, tem os ares petulantes de uma bohemia ſádía.

Bom olho, bom dente, e uma intrepidez que ſe revela na poſtura. Todos ſe agarram, até a ella, vejam; mas a moreninha audaz a requebrar-ſe laſcivamente, sem temer as ondulações da redouça.

A do outro lado, uma formoſa rapariga em perfeito deſabrochar da mocidade, eſſa afinca-ſe ás cordas, e remira-ſe n'um moçoilo, com um gesto de quem lhe eſtá dizendo: — Gosta?

Elle, um tanto embaraçado, não ouſa olhal-a de ſicto em ſicto, e á ſimilhança do Dante, — eſta familia deve ſer da Italia, — talvez diga baixinho e com os ſeus botões, se é que os tem:

«*Coſim' andava timido e penſoſo.*»

Realmente, elle eſtá com uns modos de donzel na caſca, por maneira que faz vontade de uma peſſoa lhe gritar:

— «Então você meche-ſe ou não ſe meche?»

No centro do grupo ha a maternidade e a virgindade, — qual d'ellas mais pura?

Accode-me agora á lembrança aquella pagina eſculptural de Hugo, quando Gwynplaine encontra Dêa na planicie cuberta de neve, ſobre o peito da mãe, já ſem vida.

— «A nudez dos ſeios era pathetica, diz o grande eſcriptor. Tinham ſervido aquelles ſeios; viam-se os indicios da vida, dada pelo ente a quem a vida falta; e a magestade materna ſubſtituia n'elles a pureza virginal.»

Eſta mãe que eſtamos vendo eſtá felizmente em um ambiente tepido, e acariciando o filho, que já engatinha por ella acima, como um cabritinho por uma oliveira.

Santa ſimplicidade! Innocente diſtracção que fica bem a mulheres!

Aquellas não têem nada que vêr com Luiza Michel, a intranſigente oradora do communiſmo, nem pretendem doctorar-ſe em qualquer univerſidade polpuda. Contentam-ſe em ſer o que são, e bem ſabem que são muito. Concluiram, pela experiencia, que o amanho domeſtico tem ſuas particularidades de obſervação e de tacto, e que a mãe, a fiel guardadora da casa, como se diz na *Oreſtide*, preciſa muito mais da anatomia deſcriptiva de portas a dentro, do que da de Bichat, ou de qualquer outro ſabio de graduação mais ſubida.

Lidaram, mourejaram, cuidaram do penſo das creancitas, deram a ſua demão pelo quintalejo, onde ha uns alfobres soberbos, e agora, debaixo de um céo azul, em que ſe recorta o verde da folhagem, diſtráem-ſe a ſeu modo, a ſeu goſto, riſonhas, felizes, ſem phantaſias de coſta acima, nem aſpirações a Penthesilêas modernas.

Não captives teu cuidado
Em coiſas não de cuidar;

como se lê na trova do *Cancioneiro;* e aſſim parece que ellas tomaram eſte epiphonema por diviſa.

Entre hombreiras obſerva-as bonachamente a governante da caſa, — creada antiga e que as viu empennar a todas, — ao pé de uma franganota, que se deteve em rilhar a bucha, com ſeus aſſômos de quem inveja o folguedo.

Baloucem-ſe, boas raparigas!

A vida é iſſo, exactamente, — um vaivem, uma fluctuação perpetua.

Quando parardes d'eſſe ondear, que faz forrir, entrareis n'outro, em que nem ſempre os labios ſe entreabrem.

E. A. VIDAL.

AMOR JUNIOR

ROMANCE ORIGINAL

I

Desde a primavera até ao inverno de 1873, decorre, na hiſtoria da moderna Heſpanha, um periodo de revôlta agitação demagogica, em que tanto a abandonada corôa da velha monarchia de S. Fernando como o recente barrete phrygio da Republica fluctuam n'um mar de ſangue, golphado do proprio coração d'eſſe bello paiz meridional, e ſiniſtramente illuminado pelos reflexos coruſcantes dos incendios de Alcoy, que eram o facho triſtemente glorioſo da inſurreição cantonal.

Nação eſſencialmente catholica, a Heſpanha viu profanados os ſeus templos, principalmente em Barcelona, onde as mulheres, n'uma infrene orgia de bacchantes, envergavam as veſtes ſacerdotaes, entoando cantares obſcenos, e derramando por fobre os altares o vinho que trasbordava das taças.

Nas ruas, as allucinações da muſa popular, terrivelmente revolucionaria, alternavam-ſe com as detonações dos fuzilamentos, e aos dithirambos entoados á beira dos altares correſpondiam, fóra dos templos, trovas ſacrilegas, diſſolventes, anarchicas:

Yá ſe le acabó á los curas
El comer á dos carrillos,
Y el ir de noche al café
Con el ama y los chiquillos.

Abajo las eſtrellas,
Abajo los galones,
Que no quiere mandones
La ſanta federal.

É certo que na alma popular da Heſpanha não eſtavam de todo pervertidos os ſentimentos cavalheireſcos da raça caſtelhana, mas a revolução ia alaſtrando dia a dia o ſeu dominio, — em Sevilha era incendiada a *calle de las Sierpes*, em Cadiz punha-ſe em almoeda a cuſtodia do *Corpus Chriſti*, em Malaga dous bandos rivaes porfiavam em horrores de barbarie, em Granada os deſenfreamentos do vandaliſmo deſmoronavam as inſtituições e os templos, como acontecia em Barcelona, em cujos campos os boſques incendiados chammejavam como enorme fornalha: por iſſo ſó timidamente a muſa das ruas ouſava contrapôr um grito de juſta indignação aos deſvarios da demagogia que golpeava o coração da patria, enodoando de ſangue as mais bellas paginas da hiſtoria nacional.

D'eſſes timidos gritos de reacção popular não ſe perdeu comtudo a nota caracteriſtica, que ainda hoje pode encontrar echo na apreciação imparcial d'eſſe periodo demagogico:

La republica en Guarena
La cantan los taberneros,
Y en D. Benito la cantan
Los ſaſtres e zapateros.

El candido de Figueras,
Y el radical Figuerola,
Nos han dejado en cuerines
Sin calzon ni camiſola.

Um illuſtre eſcriptor heſpanhol, o sr. Vicente Barrantes, emigrando n'eſſa epocha para Portugal, eſcreveu, ſob o titulo de *Dias ſin ſol*, um livro intereſſante em que eſtão conſignadas as doloroſas impreſſões que as deſgraças da Heſpanha punham no coração dos ſeus mais anguſtiados filhos. Uma pagina d'eſſe livro diz:

«Com mão debil e porventura timida empunhou o tribuno Emilio Caſtellar as redeas da dictadura, ao tempo que a fronteira portugueza, onde eu me achava, offerecia um lancinante eſpectaculo. Cerrada a do norte pelos carliſtas, era aquella a unica porta para eſcapar d'eſte inferno de Heſpanha, e cada trem do caminho de ferro iberico parecia barcada de Acheronte, como aquellas que rangendo os dentes e blasphemando até dos paes de ſeus paes viu paſſar o grande poeta da Edade-Media pelo lodoſo lago que ao inferno conduz... De Madrid, de Alcoy, de Cartagena, de Valencia, de Cadiz, de Sevilha, de Jerez chegavam por centenas familias diſperſas, como quem foge de uma peſte; e iſto um dia e outro dia, e mezes inteiros; e récuas e caravanas de inoffenſivos lavradores, de pacificos artiſtas, de laborioſos induſtriaes deſemboccavam ſimultaneamente por todas as povoações da fronteira, deſde Barrancos a Setubal, deſde Elvas a Lisboa, deſde Zamora e Ciudad-Rodrigo ao Porto: miſero formigueiro de emigrantes de todas as claſſes e condições, com os olhos voltados para Heſpanha, mas receiando a cada hora que o horror os converteſſe em eſtatuas, como á mulher da Biblia.»

Sendo um dos emigrados heſpanhoes d'eſſa epocha, o sr. Barrantes deſcreve com inteira fidelidade o eſtado moral dos ſeus companheiros de exilio. Setubal, pela amenidade do ſeu clima, e pela belleza dos ſeus campos, hoſpedou uma importante colonia heſpanhola, atravez da qual eu paſſeei algumas vezes os meus ocios de *touriſte*. Principalmente no verão, em julho, que foi a epocha mais calamitoſa da revolução, a affluencia de emigrados era numeroſiſſima ali. E o que é verdadeiramente notavel é que os havia de todos as côres politicas, porque o perigo era egual para todos. A revolução não curava de perſcrutar as opiniões de cada um. Perſeguia, roubava, incendiava, fuzilava indiſtinctamente. Já não era pequena felicidade poder fugir á morte, e ſalvar a honra. Dos emigrados, conheci alguns ricos, poucos, e eſſes eram os que tinham logrado liquidar a tempo os ſeus haveres, antes que a *ſanta federal* ſe encarregaſſe da liquidação. D'eſte numero era a familia Saavedra, de Se-

vilha, que tem de figurar n'eſta hiſtoria. Tres peſſoas apenas: pae, mãe e filha.

O pae, o sr. D. Enrique Saavedra, havia collocado uma ſomma importante n'um banco inglez. Era um induſtrial poderoſo, e teve o bom ſenſo de fechar as ſuas fabricas mal que ſoaram os primeiros rugidos da inſurreição cantonal. Se não tiveſſe procedido assim, haveria decerto ſuccumbido ás mãos dos ſeus proprios operarios. Em politica, era francamente monarchico; principalmente, partidario dos Bourbons. «D. Izabel, dizia-me elle, eſtá exilada. Mas ou a revolução aniquila de vez a Heſpanha, ou a Heſpanha ainda chamará a rainha.» Com effeito, em pouco ſe enganou D. Enrique: um filho de Izabel II occupa hoje o throno de S. Fernando. Os Bourbons voltaram.

Recapitulando a hiſtoria de Heſpanha nos ultimos annos, D. Enrique dizia-me:

— Eu ſou heſpanhol, mas francamente lhe confeſſo que a meſma indole do noſſo povo o leva á revolução. Por iſſo, para governar a Heſpanha, é preciſo um braço de ferro. O proprio temperamento nacional torna inquieto o exercito, que de mais a mais vê que os generaes naſcem do ſangue das revoluções, como Venus da eſpuma do mar. Portanto, para oppôr á força, a força. Para Prim, Narvaez. Prim era um ingrato. Devia tudo á rainha, e conſpirou contra ella. Depois do *pronunciamento* de 1866, era preciſo que a rainha ſe tornaſſe ſevera. Narvaez não era um carraſco, acredite o que lhe digo; era um heſpanhol que comprehendia perfeitamente a ſua terra e a ſua epocha. A revolução, atiçada de longe por Prim, estava em toda a parte; era preciſo eſmagar todas as cabeças da hydra, ſem tremer, e ſem deſcançar. A morte de O'Donnel e a de Narvaez deram forças á revolução; era preciſo que a reacção duplicaſſe. Mas ſentia-ſe a falta do braço de Narvaez, faltava eſte homem inabalavel. Gonzales Bravo não o podia ſubſtituir. Deſde elle momento a cauſa da rainha, que era a cauſa da ordem, achava-ſe compromettida...

Como eu fizeſſe menção de o querer interromper, D. Enrique apoſtrophou com vivacidade:

— Sim, a cauſa da rainha era para a Heſpanha a cauſa da ordem. Deſde o momento em que o povo quer a liberdade para chegar á anarchia, a cauſa da ordem ſerá aquella que reprima as tendencias do povo. D. Amadeu retirou-ſe, deixando a Heſpanha entregue a ſi meſma. Parece-me que lhe não podia dar maior liberdade... Veja o que aconteceu, e o que eſtá acontecendo a eſta hora. É horrivel! A' falta de reſiſtencia proporcionada, a revolução de Cadiz vingou. A Heſpanha, nos arrebatamentos da ſua indole nacional, folgou, folgou inconſcientemente, como quando Deus preſervára a vida da rainha do punhal de Merino, na egreja da Atocha. O povo heſpanhol é o unico povo do mundo que feſteja os extremos. Novaliches foi o unico homem que n'eſſa occaſião ſoube reſpeitar os ſeus juramentos. A rainha fugiu para Pau, mas a juſtiça começara n'eſſa hora. Durante o ſeu reinado, o trabalho e a inſtrucção publica organiſaram-ſe. A induſtria floreſcera. O commercio desenvolveu-ſe. O credito nacional fortificou-ſe, os fundos publicos ſubiram. Finalmente, tivemos eſtradas, colonias, progreſſo. D. Izabel fizera tudo, ſó o que não pôde conſeguir — ainda mal! — foi eſmagar o militariſmo...

— Mas — objectei eu — dado o temperamento ardente do povo heſpanhol, como pode D. Enrique explicar a cordura com que ſe houve a democracia republicana immediatamente á revolução de Cadiz?

— Já lhe diſſe que a Heſpanha adora os extremos. Viu principalmente na deſthroniſação de D. Izabel um pretexto para pôr luminarias e para entoar hymnos. Baſtavam as illuminações para diſtrail-a. Vendo-a distraida, eſtadiſtas platonicos, tendo aliás todos os demais defeitos da noſſa nacionalidade, poderam cegar-ſe ao ponto de crêr que a Heſpanha n'um ſó momento lográra comprehender o que ha de mais difficil na vida collectiva dos povos: a liberdade. Fizeram programmas, diſcutiram theorias, quizeram n'um ſó dia metter a Suiſſa e os Eſtados Unidos dentro das fronteiras de um paiz que naſceu eſſencialmente monarchico! Prometteram todas as eſpecies de liberdade poſſivel, *y muchas mas*; liberdade individual, liberdade religioſa, liberdade de aſſociação, liberdade de imprenſa, ſuffragio univerſal, o diabo! Váe d'ahi, o que aconteceu? Aconteceu que, reunidas as conſtituintes, a Heſpanha revelou abertamente todas as profundas contradicções do ſeu caracter nacional: uma parte do paiz eſcolheu livremente o *jugo de ferro* que pouco antes havia ſacudido, iſto é, o regimen monarchico; outra parte, pegou da ficticia liberdade que lhe tinham concedido, e aquecendo-a com o ſeu halito peſtifero, conſeguiu chocar o monſtro terrivel de todos os tempos: a demagogia. De mais a mais note que a Heſpanha adoptava de novo a monarchia ſem ter probabilidades de encontrar um rei fóra dos Bourbons! E adoptando a monarchia, ella reconhecia implicitamente a impoſſibilidade de ſe governar por ſi meſma, e de ſer uma nação reſpeitavel fóra do ſyſtema monarchico. Deitou-ſe por toda a parte pregão para encontrar um rei; ninguem o queria ſer: que vergonha! A propria candidatura do principe Leopoldo de Hohenzollern, eſſe ambicioſo ou louco projecto que tanto ſangue veiu a cuſtar, foi retirada por ſeu proprio pae n'uma celebre carta que toda a Europa leu e commentou. Retirou-ſe a candidatura, mas, infelizmente, ficou uma guerra. Apezar de todas eſſas contrariedades, a Heſpanha não deſiſtia da monarchia. O general Prim, que tinha desfeito um throno, era o primeiro a reconhecer a neceſſidade de conſtruir outro. Finalmente, encontrou-ſe um rei, um rei italiano, D. Amadeu de Saboya. A monarchia de um eſtrangeiro não podia deixar de ſer uma tranſição rapida para a monarchia dos Bourbons. Folguei com iſſo, mas no fundo da minha alma tive dó do principe que ſe immolava á mais cega das ambições. D. Amadeu ſubiu ao throno, e Prim baixou á ſepultura. A bala que o matou diſparou-a a Providencia; foi o cuſto da ſua leviandade e da ſua ingratidão. Para um paiz catholico como a Heſpanha, D. Amadeu era o peior dos reis, porque era um inimigo de Roma. Achou-ſe ſó. Teve que inventar uma côrte, um partido, um reino. Entretanto, perigoſas doutrinas, com que tanto ſe havia embriagado o povo heſpanhol, iam gerando a ſua obra de deſtruição: a revolução ſanguinaria. Por todos os modos ao ſeu alcance, a Heſpanha fazia ſentir a D. Amadeu de Saboya que elle era um eſtranho, um intruſo...

— Mas um nobre e digno intruſo, é força confeſſar.

— É força, é dever. D. Amadeu, no momento de renunciar, é um exemplo vivo de honra, e de dignidade humana. Mas tambem é dever confeſſar que na ſua renuncia eſtá a condemnação da ſua ambição, porque, para mim, o ſeu curto reinado foi uma violação aos direitos dos Bourbons. Aqui temos a Hes-

panha em plena liberdade. Luminarias e hymnos. E como inicio da liberdade, a proclamação tumultaria da republica, a mãe depravada de todos eſtes horrores que eſtão a eſta hora enſanguentando a Heſpanha, a velha Heſpanha monarchica. Ai! d'ella, e ai de nós todos, os heſpanhoes!

Quem ſe não importava grandemente com eſtas declamações philoſophicas de D. Enrique ſobre a historia contemporanea da Heſpanha, era ſua filha, Soledad, a mais completa encarnação da graça caſtelhana, a mais *ſaleroſa* belleza de mulher que é dado phantaſiar na vaga idealiſação de uma noute de ſerenata.

Bocage, quando do alto do ſeu monumento a viu, eſtremeceu.

Setubal ficou aſſombrada, não obſtante ter-ſe iberiſado então pelas relações commerciaes que mantinha com a colonia dos emigrados. E digo commerciaes, porque os heſpanhoes eram os primeiros a queixar-ſe que ſó trataſſem com elles os ſetubalenſes nas transacções ordinarias da vida: dá cá, toma lá. De reſto os emigrados entretinham-se uns com os outros, com duas ou tres peſſoas da terra, e com as que eram de fóra.

O ideal de Soledad era uma *tertulia* ou, como hoje dizemos á franceza, uma *ſoirée*. Por muito tempo procurou deſeſperadamente uma *tertulia*, e ſe alguma vez ouvia tocar piano, parava de ſubito, attentava o ouvido e, com uma graça vivaz, picante, exclamava: *Que! És una tertulia?* Era apenas um piano que tertuliava uma valſa... platonicamente.

Chegara o verão, começaram a apparecer os banhiſtas, gente do Alemtejo, ſevada na digeſtão de gorduras ſuinas e no embrutecimento de largos ſomnos eſtrepitoſos. Ao fim da tarde ſentavam-ſe na praia, olhando para o mar, e ou fallavam dos ſeus montados e das ſuas courellas, ou deſcahiam em ſomnolencia mazomba. Alguns d'elles, de faces roſaceas, abdomen enxundioſo, e inſtinctos retemperados pela bella fibra ſuina tinham exclamações carnaes quando a heſpanhola paſſava, e digo a heſpanhola porque era aſſim que toda a gente fallava d'ella, ſem embargo de que n'eſſe momento outras muitas eſtiveſſem em Setubal. Era, porem, como ſe ſe diſſeſſe: a bella heſpanhola, a formoſa por excellencia.

Das peſſoas da terra foram poucas as que romperam com a tradição local de retraimento biſonho, arraſtadas pela faſcinação. E eſſas poucas, eram homens. As ſenhoras viſitavam-ſe então em Setubal difficilmente, e eſta difficuldade augmentava para com os eſtrangeiros, cuja procedencia era quaſi impoſſivel eſquadrinhar, a não ſe fazer obra pelas informações dos ſeus patricios, ſuſpeitas para o caſo.

Um dia, porem, Soledad comprehendeu que os ſeus olhos podiam, elles meſmos, em toda a parte, improviſar uma *tertulia*; que no ſeu ſorriſo alegre e reſplendente de andaluza havia encantos de ſobra para fazer conhecidos e namorados, e deſde eſſe momento ella zombou poderoſamente da ſemſaboria ſetubalenſe, trazendo comſigo, a toda a hora, de manhã ou á noute, uma *tertulia* completa, attrahida pelo iman da ſua formoſura, rebocada pela ſua faſcinação iberica. Era a ſua côrte, a ſua *coterie*, o ſeu ſequito. Por accordo tacito, conferiu-ſe-lhe o ſceptro das Heſpanhas que a princeza de la Ciſterna havia depoſto. Vaſſallos enthuſiaſtas rodeiavam-n'a como nunca os tivera a rainha Maria Victoria. Cada dia que paſſava trazia um novo alliado. Alguem que vinha a Lisboa, dizia: «Que bella heſpanhola que eſtá em Setubal!»—«O que?» perguntavam no Chiado.—«Unica, incomparavel, ſublime!» era a replica. Os curioſos iam e ficavam. Creio que os generos alimenticios chegaram a encarecer em Setubal. Mas o que embarateceu foi a poeſia. N'aquelle tempo, ainda o verſo era o vehiculo do amor, e com razão ſe julgava que para uma mulher de um paiz ardente não havia para inflammar-lhe a phantaſia como uma metralha de alexandrinos.

Em redor da bella andaluza, fallava-ſe um heſpanhol maſcabado, que ás vezes parecia ſer-lhe ainda de mais difficil comprehenſão de que o vaſconço o é para o commum dos heſpanhoes. Mas que ſe importava Soledad com as palavras? Ella já ſabia o que lhe diziam, o que por força ſe havia de dizer ao pé d'ella; que a amavam. Sorria, e reſpondia com os olhos, augmentando a faſcinação, ſem ſe comprometter: eſte fegredo que ſó os olhos das heſpanholas poſſuem. As portuguezas, com habitarem a meſma peninſula e ſerem da meſma raça, affirmam ou negam com os olhos, compromettem-ſe pelo olhar. Os olhos das heſpanholas fallam ſempre, mas raras vezes para affirmar ou negar. A duvida atiça o amor, e ella espalhava a duvida com o olhar. Não era bem prometter, não era bem recuſar, ſeria tudo iſſo talvez, ou, ainda melhor, nada d'iſſo ſeria. Semeava eſperanças, atirava flores e olhares ao acaſo, emquanto o pae fallava dos aſſaſſinatos de Montilla, dos incendios de Alcoy e dos ſacrilegios de Barcelona, e emquanto a mãe, que ſe morria por peixe, ia por ali fóra, com um deſembaraço verdadeiramente heſpanhol, fazendo-ſe acompanhar por um rapazito do caes, comprar um ſafio ou uma corvina. Aſſim meſmo é que era; ſem *ficelles* realiſtas, pela minha parte.—Ah! ditoſo ſafio! ah! venturoſa corvina! diziam muitos, que não podendo occupar o coração de Soledad, ſe contentariam com achar logar no ſeu eſtomago. Eu nunca fui d'eſta opinião; não pelo acto em ſi meſmo, mas pelas conſequencias. Todavia, ha paladares para tudo....

Alguns entendiam que o melhor modo de conquiſtar a filha era captivar a mãe—pela bocca. Offereciam-lhe carregações de peixe-eſpada, cardumes de ſalmonetes, cabazes de laranjas—e então aquellas laranjas, as de Setubal! Um adorador ſetubalenſe mandou-lhe de uma vez um preſente de ſal, que chegava bem para ſalgar uma geração inteira. Outro *attaché*, lisboeta, riu do caſo, fazendo notar que quem poſſuia uma filha aſſim tinha mais ſal do que todas as marinhas do Sado.

Para brindar Soledad, os ſeus admiradores iam colher as melhores flores das quintas de Brancannes, que diſpunham em gracioſos *bouquets* e finas *corbeilles*, recorrendo ao velho eſtratagema amoroſo de esconderem entre as flores uns verſos ou uma carta, ſe bem que ella pareceſſe ás vezes goſtar muito mais de laranjas do que de flores.

O proprio D. Enrique era obſequiado com garrafas de excellente moſcatel, e ſeja dito em abono da verdade que o moſcatel de Setubal parecia ter o condão de lhe aligeirar os deſgoſtos cauſados pelas desgraças da patria.

De dia para dia ſe tornava cada vez mais numeroſa e obſequiadora a côrte em que a bella andaluza era rainha abſoluta, omnipotente. Soledad ſabia, como ninguem mais, conſervar a illuſão, a duvida ao meſmo paſſo cruel e deleitoſa, que traz ſuſpenſos os namorados entre a eſperança e o deſalento. Não ſe deixava comprehender: eſſe era o ſeu grande ſegredo. A maior deſgraça que pode acontecer a uma mulher é o ſer comprehendida por todos. Umas vezes, parecia

enlevada em extafis romanticos, tinha vagas abftracções, o feu olhar pairava no azul luminofo da noute. *Que bella es la luna!* dizia. Dos feus labios adejava um fufpiro, que era impoffivel interpretar. Outras vezes, quando lhe faziam notar a belleza da lua, ria com defdem petulante, replicando que já eftava enfaftiada de ouvir fallar da lua de Portugal e da revolução de Hefpanha.

Emquanto uns fallavam a Soledad, vogando na ondulação das fuas efperanças, ora afagadas, ora combatidas, D. Eftaniflada, a mãe, difcorria a propofito do peixe efpada que tinha comido ao jantar com fallada de alface e azeitonas, e D. Enrique difcurfava fobre a queda dos Bourbons ou fobre a frafqueira do sr. Fonfeca, de Azeitão.

Eu não poffo dizer quantos e quaes foffem os fatellites de Soledad, a effe tempo. Eram muitos. Citarei apenas os que me forem lembrando. Um jornalifta de Lisboa, que mandava mais verfos do que laranjas, e um morgado de Reguengos qne mandava mais laranjas do que verfos. Um proprietario das Alcaçovas que fe atirava ao coração de Soledad com forrifos e prezuntos. Um rapaz de Setubal que recorria ao auxilio das flores, e que deixára pela bella hefpanhola uma menina da terra, a Sequeira, que eftava padecendo horriveis hyfterifmos por fe vêr abandonada. O confelheiro Antunes, de Evora, peffoa grave e dinheirofa que fe dirigia principalmente á mãe, não fe fabia fe para ficar por ahi, fe como ponto de partida para fe approximar da filha. Um hefpanholito, tambem emigrado, D. Ramon Mendoza, que recitava verfos como quem eftá a folfejar cantochão. Um alferes e um tenente de caçadores 1. Um fueco, que eftava ali a negocio: alto, louro, rofado e inintelligivel. Um marialva do Chiado, que fôra a uma corrida de touros, e não tivera coragem de voltar para Lisboa. Um eftudante de Alcacer, que tinha ido a ferias, e não chegara a cafa. Mas, francamente, é-me completamente impoffivel enumerar todos os cortezãos da bella andaluza, tanto mais que todos os dias pareciam multiplicar-fe como as cabeças da hydra de Lerna e os algarifmos da divida fluctuante.

Em face de tão numerofo cortejo, terá decerto perguntado já o leitor a fi proprio como é que elles podiam conviver uns com os outros, fem defatarem á defcompoftura e ao murro. A todos os trazia illudidos a efperança, como a duzentos candidatos que requerem o mefmo emprego. Fallavam-fe, como os pretendentes fe fallam debaixo da Arcada. Cada um tratava de metter memorial, e de arranjar as fuas coufas. Havia *hotel*, o *Efcoveiro* por exemplo, onde dormiam dous a dous, por falta de leitos. A's vezes intrigavam-fe. Finalmente, eftavam em Setubal a amar a bella hefpanhola como podiam eftar em Lisboa a amar o deputado do circulo.

Todos elles poffuiam o retrato de Soledad, reproduzido do *cliché* que um photographo ambulante, temporariamente eftabelecido no largo das Almas, durante a eftação de banhos, punha ao fervico do amor, na razão de 1$500 réis por photographia. O retratifta eftava fazendo um grande negocio; parecia ter fome, quando ali chegou, mas paffados dias, ia todas as manhãs á praça do Sapal comprar uma bella pofta de carne de vacca e um chouriço, levando tudo para cafa n'uma folha de couve.

Eftes retratos duravam fó mais quatorze manhãs do que a rofa de Malherbe. Quando muito, ao cabo de tres femanas a imagem defapparecia, apagava-se. Os enamorados iam fornecer-fe de novo, n'uma grande anciedade amorofa, da qual o photographo ambulante defentranhava chouriços no dia feguinte.

A' hora da ceia, na longa meza dos *hoteis*, um grupo de amorofos, n'uma orgia de mofcatel, brindava pelo amor e pela efperança, havendo cada um encoftado á garrafa ou á compoteira o retrato de Soledad. Então extafiavam-fe, foltando *hurrahs* perante o feu talhe *mignon*, o feu collo de pomba, os feus baftos cabellos negros, caprichofamente amontoados fob as rendas brancas da mantilha, os feus olhos penetrantes como punhaes de Toledo e vivos como carvões accefos, com o feu graciofo ar petulante, illuminado por effa luz myfteriofa, que fe projecta fobre as mulheres hefpanholas, e que fe chama — o *falero*.

O confelheiro Antunes, que tambem eftava n'um *hotel*, não tomava parte n'eftas bacchanaes amorofas, condemnava-as mefmo, e tiravam-lhe o fomno, quer foffe pelo ciume ou pela algazarra. No dia feguinte queixava-fe de perfevejos.

O fueco, effe embebedava-fe com kirsch, e tornava-fe inintelligivelmente gárrulo; punha os olhos no tecto parecendo recitar as mais fentimentaes eftrophes da Scandinavia, ao paffo que os portuguezes choravam de rifo ao vel-o arroubado, e perguntavam entre fi: «*Que diabo eftará a dizer efte pedaço de bruto!*»

Uma noute, havia dado uma hora na egreja de S. Julião, e no *hotel Efcoveiro* o grupo dos enamorados abordava a fetima garrafa de mofcatel, tendo cada um o retrato de Soledad em frente do feu prato, quando de repente, á porta da fala, uma figura inesperada apparece.

Era D. Enrique Saavedra.

O eftudante d'Alcacer, que receiou uma tragedia de colera paterna em cinco actos e outras tantas bengaladas, lembrou-fe de apagar o candeeiro.

Fez-fe um filencio profundo, que o fueco, alheio ao que fe paffava, e grandemente enkirfchado, interrompeu começando a declamar palavras de quinze fyllabas, longas e fybillantes como um comboyo.

De repente, a voz de D. Enrique troveja:

— *Hombres, por Dios, atencion!*

O eftudante foi tacteando a meza, ás efcuras, para efconder os retratos, e aconteceu-lhe metter uma das mãos dentro d'uma chicara de café.

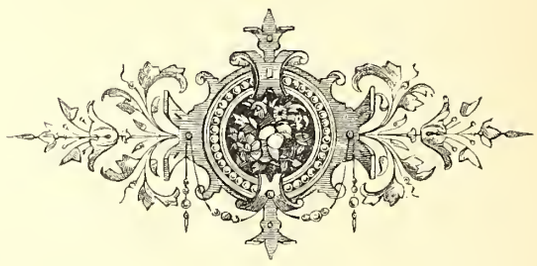
O fueco calou-fe, porque o proprietario das Alcaçovas lhe deitou as mãos ás guelas.

O jornalifta lisboeta gritou que deixaffem ouvir.

Então D. Enrique declarou o que queria: Procurar o cirurgião ajudante de caçadores 1, para accudir a D. Eftaniflada, que eftava afflictiffima com uma indigeftão de peixe efpada e de fallada d'alface.

(Continúa).

ALBERTO PIMENTEL.



UMA FORMOSURA

—

EU e eſtá ſciſmando. Sciſmando em que? No que diz a fita? O que ſerá?

Uma eſperança fagueira que vem illuminar-lhe o eſpirito, ou uma ſuave recordação que ſe lhe imprime na alma?

Alguma revelação de amor, talvez.

Que dirá aquella fita? Que ſignificam as flores de aquelle *bouquet?*

Quem pode ſer aquella encantadora mulher com tão correcta linha de ſingela elegancia?

Formoſa, olhos que fallam, bocca a prometter doçuras ineffaveis, dentes da côr das perolas, cabellos negros como a noute, e como a noute que envolve os myſterios do mar que ſe agita, a envolverem tambem aquella gentil cabecinha, onde naſce talvez a tempeſtade de mil penſamentos.

Que ella é aſſim, ſabe-ſe, porque ſe eſtá vendo; mas quem ella pode ſer e no que eſtá penſando é impoſſivel adivinhal-o.

Quem é que atina com os penſamentos de uma mulher?

O que uma imaginação feminil alcança nas horas de devaneio, nem Deus é capaz de o ſaber.

Ce que femme veut, Dieu le veut, diz-ſe. E' que nem o ſupremo poder dos poderes do mundo ſe atreve a querer de outro modo, e tem razão a maior parte das vezes, porque tambem a maior parte das vezes a mulher quer o bem, e exerce-o. Onde ha lagrimas a enxugar e deſgraças a que levar conſolação, manda Deus as menſageiras da ſua Providencia — as mulheres.

Penſam os homens, na ſua vaidade incommenſuravel, que valem pelo esforço e pelo intellecto muito mais do que as mulheres; e a verdade é que um homem nunca teve uma idéa boa que lhe não vieſſe da mulher, nunca praticou uma acção louvavel que não foſſe ainda a mulher quem lh'a inſpiraſſe. Ellas, ſempre ellas, a dominarem o mundo pela força irreſiſtivel da ſua fraqueza attrahente.

Eſta, que nos dá a gravura, é o ſoberbo modelo de uma feliz creação.

Não ſei o que repreſenta, nem a intenção reſervada do que eſtá fazendo; ſei, porém, que me eſtão lembrando ao contemplal-a, aquelles formoſos verſos do poeta que diz:

Elle était dans cet âge où, prête à ſe flétrir,
Cette fleur de beauté, qu'un printemps fait mûrir,
Semble inviter l'amour à cueillir ſes delices
Avant qu'un jour de plus effeuille ſes calices;
Age heureux de la grace et de la volupté,
Qui confond en un jour le printemps et l'été.

FERREIRA DE MESQUITA.

D. MARIA JOAQUINA DOROTHEA DE SEIXAS BRANDÃO

(MARILIA DE DIRCEU)

(1769-1853)

ESTA mulher foi mais do que uma poetiſa: foi a muſa de um ſentimental e infeliciſſimo poeta.

Quem ha em Portugal e no Brazil, que não conheça as lyras de Thomaz Antonio Gonzaga, do apaixonado Dirceu, que eterno tornou o nome de Marilia, a D. Maria Joaquina de Seixas Brandão, que nos vae ſervir de aſſumpto a eſte eſtudo?

Quem ha, por mediocre conhecedor que ſeja da litteratura portugueza, que ignore como o dulciſſimo poeta ſe achou envolvido e declarado cheſe em uma conſpiração republicana, tendente a ſeparar o Brazil da metropole, ſendo preſo na noute de 25 de maio de 1789, remettido para o Rio de Janeiro, e ahi encarcerado na fortaleza da ilha das Cobras?

Quem ignora ainda, como em 1792, por commutação de ſentença, foi Gonzaga condemnado a dez annos de degredo para Moçambique, ſob pena de morte ſe voltaſſe á America?

Quem ſe eſqueceu já de como o melodioſo poeta paſſou os ultimos quinze annos da ſua attribulada vida no inhoſpito clima da Africa, devorado menos pelas febres, que pouco a pouco lhe iam mirrando a exiſtencia, do que pelos ſonhos ardentes do patriota, affeiçoado ás idéas da revolução franceza que lh'os deſpertara n'alma?

Quem pode ainda hoje lêr, ſem profunda commoção, a ſentença dos juizes da alçada, que no meſmo proceſſo envolveu os nomes de dous outros illuſtres poetas, o deſditoſo Alvarenga, e o intrepido ſuicida Claudio Manuel da Costa?

Quem pode, ſem meditar um pouco na inſtabilidade dos julgamentos humanos, recordar-ſe que tres grandes talentos, tres glorias de um paiz apenas nascente, foram, por um capricho da ſorte, votadas ao martyrio e á ignominia, no meſmo imperio, e na mesma praça, onde vinte e nove annos depois ſe jurava a conſtituição, reſurgindo heroes os reprobos de 1792?

Mas não é de Thomaz Antonio Gonzaga, nem dos ſeus infelizes companheiros, que me cumpre fallar n'eſte lugar,[1] mas ſim da mulher que ſoube captivar-lhe os affectos, e com elle entrar em plena immortalidade, ſem para iſſo carecer que ſe lhe attribua o apocripho «Dirceu de Marilia» livrinho que teve a

[1] No *Diccionario Bibliographico* de Innocencio Franciſco da Silva, encontram-ſe completas informações ácerca da vida e das obras do mallogrado poeta. Ahi ſe corrigem os muitos erros que a ſeu reſpeito eſcreveram entre outros Joſé Maria da Coſta e Silva e Franciſco Freire de Carvalho. No meſmo *Diccionario Bibliographico*, ſe indicam os dous eruditos brazileiros João Manuel Pereira da Silva e Franciſco Adolpho Varnhagen, como tendo conſeguido reſtabelecer a verdade dos factos com relação ao poeta.

Eu tenho para me guiar n'eſte eſtudo ácerca de D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas Brandão, a «*Maria de Dirceu: lyras de Thomaz Antonio Gonzaga, precedida de uma noticia biographica, e do juizo critico dos auctores eſtrangeiros e nacionaes*, E DAS LYRAS ESCRIPTAS EM RESPOSTA ÁS SUAS, *e acompanhados de documentos hiſtoricos, por Joaquim Norberto de Souſa e Silva. Rio de Janeiro.—Rua do Ouvidor.—1862.*

Eſta, que ſupponho ſer a ultima edição das poeſias de Gonzaga, é extremamente curioſa com eſpecialidade pelas noticias que dá com relação a Marilia, e aos verſos que ſe lhe attribuem.

UMA FORMOSURA

ingenua pretenção de illudir os bibliophilos, mas que não enganou os proprios que d'elle quizeram fazer complemento das apaixonadas lyras de Thomaz Antonio Gonzaga.

Nasceu D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas Brandão em Villa-Rica, provincia de Minas Geraes, no imperio do Brazil, em 1769.

Não me é licito duvidar ter sido Maria Joaquina — Marilia de Dirceu, — uma mulher de excepcional belleza, não só pelo que d'ella cantou o seu apaixonado amador, como por se haver prestado pela sua longevidade a que insuspeitas testemunhas confirmassem as asserções do poeta, taes como esta:

Os seus compridos cabellos
Que sobre as costas ondeiam
São que os d'Apollo mais bellos:
Mas de loura côr não são.
Tem a côr da negra noite
E com o branco do rosto
Fazem meu bem um composto
Da mais formosa união.

Um profador que não queria, nem aspirava a competir com Gonzaga na descripção dos attractivos physicos de D. Maria Joaquina, escreveu:

«*Tinha já quarenta annos Thomaz Antonio Gonzaga, e sentia-se morrer de amores por uma senhora cuja belleza peregrina era admirada por toda a capitania de Minas Geraes.*»

Em outro lugar diz o mesmo biographo:

«*A natureza havia realisado o ideal de Praxiteles em tão bella senhora. O poeta que lhe cantára as perfeições do corpo, ou dotes d'alma, jamais poude ser taxado de exagerado pelos seus contemporaneos. Não obstante a differença das edades* (o poeta tinha mais 25 annos do que ella), *dizia-se d'esses dois entes, que um tinha nascido para o outro.*»

«Na mesma biographia acrescenta o officioso informador:

«*Proclamada bella e formosa, cantada pelo poeta que se fizera eminentemente celebre pela catastrophe da sua prisão, pelo infortunio do seu exilio, vio todos esses louvores espargidos a mãos cheias pelo seu tão afamado livro, traduzido nas principaes linguas d'este seculo. Ganhou assim uma fama não vulgar pelos dotes que lhe dera o céo, e pela paixão que soube inspirar ao mais terno dos poetas da nossa lingua. Era portanto o alvo da geral curiosidade. Nacionaes e estrangeiros que chegavam ás montanhas de Ouro-preto, que viam ainda os logares descriptos nas immortaes lyras do novo Petrarcha, ficavam como que possuidos do mesmo desejo, que era vêr a mulher que por sua belleza viera a figurar accidentalmente em uma das nossas mallogradas revoluções. Mas a modesta filha das montanhas de Ouro-preto affligia-se e córava, ainda mesmo nos ultimos annos, quando lhe fallavam n'esse livro, quando lhe lembravam o nome do seu auctor, ou lhe repetiam aquelles versos que sem duvida sabia ella melhor do que ninguem; negava-se a apresentar-se; escondia-se; furtava-se ás vistas curiosas, que buscavam vêl-a, que queriam admiral-a e apenas apparecia na cidade para cumprir um dever religioso, era então que podia ser vista, dirigindo-se á capella de S Francisco, a ouvir missa.*»

Vae agora fallar uma testemunha ocular: [1]

«*Vimol-a um dia, pela ultima vez, um anno antes da sua morte, vimol-a e admirámos ainda n'essa senhora, atravez das rugas que lhe encrespavam o semblante, aquella regularidade de feições como um typo osteotothico de belleza. A callosa mão da morte lhe roçára pelo rosto; seus negros olhos perderam o esmalte da juventude que os fizera tão brilhantes como poderosos; suas faces outr'ora tão mimosas, murcharam como a folha da papoula, e a rosada cutis que as assetinava perdeu-se com as vivas côres tão celebradas nas harmoniosas lyras do seu amante.*»

Finalmente, uma outra testemunha, tambem ocular, disse no proprio dia do funeral da bella Marilia: [2]

«*A rival da mãe do amor na belleza, a deidade mortal que inspirára ao desditoso Gonzaga tantas lyras immortaes, a formosura peregrina, que despertára o genio pelos estimulos do amor, vinha agora povoar a morada dos mortos, habitar no asylo das lagrimas, cair na nudez do sepulchro, sumir-se emfim para sempre no seio da eternidade.*»

Até aqui a Musa, a quem só temos a arguir a bisonhice com que se escondia dos seus admiradores, como um bicho de matto, e a trivialidade com que se furtava ás vistas dos curiosos que buscavam vêl-a! Estavam servidas as verdadeiras musas, as nove irmãs, não menos castas que D. Maria Joaquina, se quando alguem as procurasse as fosse topar jogando o jogo das escondidas no Parnaso!

Vou agora fallar da mulher, — da simples mortal — desfazendo um quasi nada no seu romance amoroso, para mais tarde tratar da conjecturada poetisa, que, na minha opinião, o foi tanto como essas innumeras ELLAS, que vão á missa do Loreto, como D. Maria Joaquina ia á capella de S. Francisco de Ouro-preto, levando pela arreata os Pegasos alheios, mas incapazes por si só de subirem a outro monte que não seja o Santa Catharina, aqui; e lá não sei a qual por ignorar a topographia da terra natal de Marilia de Dirceu.

É preciso primeiro saber-se — bem dizem as mulheres que os homens são uns monstros! — que Thomaz Antonio Gonzaga casou em Moçambique em 1793 com D. Juliana de Sousa Mascarenhas, filha de Roberto de Sousa Mascarenhas, que benignamente em sua casa o hospedára, o que um biographo brazileiro não poude levar á paciencia, accusando o poeta *de fementido por haver jurado que nunca dera palavra de casamento a pessoa alguma*: e chamando a sua esposa: *flôr agreste d'esses áridos arêaes, sem belleza, sem cultivo, embora pura e modesta.*

A vingança de D. Maria Joaquina Dorothea de Sousa Brandão foi estrondosa! O poeta morreu, desterrado ainda em Moçambique, em 1809, e ella deixou-se ficar cá por este mundo ainda mais 44 annos a pensar no caso, resolvendo-se só em 1853 a ir em demanda de Dirceu, para lhe exprobar em cara o haver-se esquecido da sua Marilia, trocando-a por uma simples D. Juliana!

Foi por esta sua teimosia em querer viver, que Lopes de Mendonça lançou um brado de indignação

[1] Norberto de Sousa, «*Noticia sobre Thomaz Antonio Gonzaga, e suas obras.*» Na edição de 1862.

[2] Auctor anonymo. Residente em Villa-Rica. Escreveu em um jornal de Minas Geraes.

ao ſaber da ſua morte, em um dos mais eloquentes trechos de proſa portugueza: [1]

«*Se quereis merecer o amor de um poeta, deixai-vos morrer como a Laura de Petrarcha, d'aquella famoſa peſte que Boccacio deſcreve tão energicamente no prologo do ſeu Decamerone. Se quereis que um famoſo eſtatuario como João Goujon, vos torne immortal n'um prodigio de eſtatuaria, ſêde moça como Diana de Poitiers, até aos ſeſſenta e ſete annos, merecei como ella os extremos, e a fidelidade de um Henrique II.*

«*É que Thomaz Antonio Gonzaga não era ſó um poeta terno e paſtoril, era um patriota, era um republicano. É que ſoffreu, é que morreu pela patria.*»

E depois:

«*Finalmente, em 1809, o poeta expira longe do Brazil e deſcança n'uma terra eſtranha. Quereis ſaber? a Marilia tem então occaſião de viver, de viver muito, de viver o mais que lhe é poſſivel; ſó quarenta e quatro annos depois da data fatal, é que ſe lembra que eſte mundo conſente com difficuldade que ſe reproduzam os milagres da Biblia. E ſe Deus lhe concedeſſe o meſmo privilegio de Sara, ſe houveſſe um Abrahão condeſcendente, que quizeſſe um Iſaac legitimo, teriamos uma nova Marilia talvez, para que a raça das Marilias ſe não perdeſſe!* [2]

É, não arrependido de brincar, mas para contraſte com eſte periodo zombeteiro, que Lopes de Mendonça lhe contrapõe eſt'outro:

«*Quando uma mulher encontra, o que não é muito vulgar, um homem de ſuperior talento que a ama, que a torna o culto da ſua vida, o idolo da ſua imaginação, quando eſſa mulher chega a partilhar o affecto, que lhe ſoube merecer, exiſtem ambos preſos á meſma cadeia: o ſol de uma gloria commum vem illuminar as ſuas frontes; quando um morre, o outro ſente-ſe attraido para o tumulo: ha uma voz que o chama, ha um preſentimento que lhe diz que o mundo é pequeno para a ſua ſaudade, que a ſua vida é eſteril á ſua gloria. É aſſim que a Fornarina, e mais era uma mulher perdida, deſapparece, quando Rafael expira: é aſſim que tu — ó Natercia! — quaſi que apagas o teu nome da hiſtoria, porque deixaram — os ingratos! — que o teu amante morreſſe n'um hoſpital, e que uma mortalha empreſtada lhe cingiſſe o glorioſo cadaver!*

«*E eſta mulher teve coragem para viver oitenta e quatro annos! Viveu com aquelles ſentidos adeuſes, com aquellas magoadas queixas, com aquellas abrazadas recordações, com aquelles funebres verſos na memoria! Não ouviria no ſilencio da noute, quando o vento triſte do inverno açouta as ramadas do arvoredo, a voz doloroſa do pobre louco, repetindo-lhe: Marilia! Marilia!*»

E mais ainda (eſtá-me doendo a conſciencia de truncar aſſim o magnifico artigo de Lopes de Mendonça), e, mais ainda, eſta pungente objurgatoria:

«*Quereis ſer Marilia, quereis deſpoſar um homem elevado pelo talento, e de um caracter nobre e generoſo não vos levo iſſo a mal. Nada ha mais ſublime que adormecer com uma caricia a cabeça que penoſamente medita: é uma digna ambição ſentir palpitar junto ao peito um coração esforçado, que ſabe amar e padecer.*

«*Mas quando eſſe poeta, que exiſte n'uma poſição eminente, quando eſſe homem lança fóra dos hombros a toga do magiſtrado, para veſtir a opa do tribunal, quando troca a cadeira do juiz pela maſmorra do condemnado, quando inſpirado por uma devoção ſublime quer vêr a ſua terra ſolta das tyrannias da metropole, e penſa no exemplo dos Eſtados-Unidos, para lhe dar as liberdades da republica, quando eſtá pobre e deſterrado n'um clima devorador, então é partir, é abandonar as ricas planices do Novo Mundo pelos eſtereis ſertões da Africa, é premiar n'elle o poeta que canta o ſeu amor, o republicano que expia o ſeu grandioſo delicto.*»

Aſſim eſcrevia Lopes de Mendonça ao ſaber da morte de Marilia, e terminava: «*Se Gonzaga reſuſcitaſſe, repetir-lhe-hia ironicamente o dito de Arlequim.* — Agora eſtás perfeita, por que não és homem nem mulher. — «*Com effeito aos oitenta e quatro annos não ſe é racionalmente, nem uma nem outra couſa.*»

(Continua).

L. A. PALMEIRIM.

[1] «*Morte de Marilia de Dirceu.*» Artigo publicado primeiro na *Revolução de Setembro*, e depois encorporado nas *Memorias de Litteratura Contemporanea.*

[2] As datas aqui citadas por Lopes de Mendonça, não ſão as que poſteriormente foram apuradas como as verdadeiras.

REVISTA ARTISTICA

A proxima primavera deve effectuar-ſe em Madrid uma expoſição internacional de bellas artes, para a qual eſtão já publicados officialmente os reſpectivos convite e programma.

A Academia de Lisboa vae, de certo, ſolicitar providencias para que os noſſos artiſtas poſſam condignamente figurar n'eſſa expoſição, que lhes deve ſervir de eſtimulo para a execução de trabalhos valioſos, e até de enſinamento, ſe a viſitarem, porque ali eſtudarão o progreſſo que teem feito as artes nobres n'eſtes ultimos tempos.

Houve ha dez annos uma expoſição analoga na capital da Heſpanha, e as obras de arte que ali fôram enviadas pelos noſſos artiſtas, e os proprios artiſtas que viſitaram o civiliſador certamen, fôram cavalheiroſamente apreciados pelos noſſos viſinhos. Se nem tudo correu á medida dos deſejos dos artiſtas portuguezes, foi iſſo proveniente de cauſas que de certo ſe não darão d'eſta vez, e que tiveram origem em factos politicos que então ſuccederam.

O noſſo governo da melhor vontade preſtou n'eſſa occaſião valioſo auxilio á arte portugueza, abonando as deſpezas de tranſporte dos productos d'eſſa arte, e até ſubſidiando alguns individuos para irem á expoſição. É de crêr que o actual miniſterio ſe empenhe tambem em conceder a protecção poſſivel aos noſſos artiſtas, procurando pelos meios ao ſeu alcance que a arte nacional figure, como de direito lhe pertence, ao lado dos trabalhos dos artiſtas eſtrangeiros.

Temos, felizmente, architectos, pintores e eſculptores cujo talento inconteſtavel nos auctoriſa a pedir lugar entre as obras dos artiſtas das mais adeantadas nações, para expormos as ſuas; não devemos portanto reſignar eſſa honra, antes nos corre a eſtricta obrigação de nos uſanarmos com ella.

Ao governo, pois, e ás duas academias de Lisboa e Porto cumpre promover a comparencia das melhores obras dos artiſtas portuguezes na expoſição de Madrid, e facilitar a alguns d'elles os meios de irem obſervar áquella cidade não ſó os progreſſos da arte moderna, mas até as maravilhas da arte antiga e da archeologia tão ſuperiormente repreſentadas nos famoſos muſeus da capital da Heſpanha.

*
* *

A grande commiſſão encarregada de erigir um monumento ao marquez de Sá da Bandeira, prefidida pelo sr. duque de Palmella, depois de examinar os projectos vindos de Italia e aos quaes me referi em o numero de novembro d'efta publicação, approvou todos em merito abſoluto, e conferiu o primeiro premio de 500$000 réis ao que tem os dous leões e a eſtatua do marquez empunhando a bandeira da liberdade, projecto feito pelo eſtatuario Giovanni Cinifelli, de Roma. O ſegundo premio de 300$000 réis conferiu-o a commiſſão ao projecto que tem as eſtatuas ſymbolicas da Guerra e da Navegação; e o terceiro de 200$000 réis ao que figura uma columna jonica. Ambos eſtes projectos são do eſculptor e architecto milanez Luigi Pagani.

A grande commiſſão nomeou uma ſub-commiſſão encarregada de elaborar o programma para a execução do monumento eſcolhido, que é o que obteve o primeiro premio, programma que já eſtá redigido por um dos membros d'efta commiſſão e approvado por quaſi todos.

Vem a propoſito dizer, que na parte d'efta ſecção em que eu me referi, no ultimo numero da *Arte*, aos projectos em queſtão, appareceram tantos erros que, em boa verdade, não vale a pena rectificar nenhum. Refere-ſe ahi que n'um dos projectos ſe vê a Italia eſcrevendo os feitos do marquez de Sá! Aſſim como n'efte ponto o bom ſenſo do leitor o deverá ter levado a ſubſtituir a palavra *Italia* pela palavra *Hiſtoria*, tambem nos outros lhe terá aconſelhado egual benevolencia para collocar as couſas no ſeu devido lugar.

*
* *

Na caſa Margoteau Ferreira tem eſtado expoſto um pareciſſimo retrato de S. M. a Rainha, feito por um proceſſo pouco vulgar entre nós. É uma miniatur apintada ſobre porcelana, ſendo eſta cozida depois de pintada. Acreſce á perfeição da pintura o ſer feita por uma ſenhora—Madame Pezerat—que tem executado mais alguns retratos n'efte genero, copiados de photographias.

É digno de vêr-ſe efte trabalho, que faz honra á intelligente artiſta que o aſſigna.

*
* *

Mr. H. Rouſſelon, conhecido director da caſa franceza Goupil & C.ª, e inventor do celebre proceſſo da photo-gravura, ao qual ſe devem tão intereſſantes copias dos melhores quadros modernos, dirigiu ao sr. Carlos Relvas uma carta muito honroſa para efte cavalheiro, a propoſito de umas excellentes photographias que s. ex.ª lhe enviou.

N'eſſa carta pede mr. Rouſſelon ao noſſo primeiro photographo amador que lhe envie uns *clichés* de flores feitos pela ex.ma sr.ª D. Margarida, filha e diſcipula do sr. Relvas, para os imprimir pelo ſeu notavel proceſſo.

É uma diſtincção que, muito embora mereciſſima, deve penhorar o sr. Carlos Relvas e ſua ex.ma filha, porque os ſeus nomes vão figurar no catalogo das obras da caſa Goupil conhecida em todo o mundo.

*
* *

O sr. Molarinho, habil gravador portuenſe, concluiu uma medalha commemorativa do centenario de Camões.

A medalha tem no anverſo a effigie do poeta, e no reverſo uma allegoria.

A effigie é bem modelada e gravada com muito eſmero; a allegoria ſe não tem a correcção d'aquelle trabalho, prima, como elle, pela perfeição com que eſtá gravada.

Eſta nova obra do sr. Molarinho atteſta a aptidão do artiſta n'um ramo da arte que não tem muitos cultores entre nós.

*
* *

É dever dos que eſcrevem ácerca d'eſtes aſſumptos, não regiſtrar unicamente nas ſuas reviſtas os trabalhos filiados na grande arte, mas tambem os que pertencem ás artes auxiliares, todas as vezes que elles pelo ſeu merecimento ſe tornem dignos de ſer criticados.

É por iſſo que, muito goſtoſamente, vou fallar aqui de uma excellente obra de decoração ultimamente executada por um artiſta, que tem tanto de modeſto como de habil na ſua arte — o sr. Eugenio Cotrim.

Refiro-me á eſcada da propriedade do sr. Delfim Guedes, na rua Oriental do Paſſeio, decorada toda no eſtylo etruſco pelo referido artiſta.

Não ha um ornato ou uma cercadura, quer nas paredes, quer nas portas, quer nos tectos, que não ſeja rigoroſamente do eſtylo adoptado em toda a decoração. Procurando aconſelhar-ſe com o architecto o sr. Monteiro, executando deſenhos do eſculptor o sr. Simões para as figuras que decoram as paredes e os tectos, o sr. Eugenio Cotrim realiſou um trabalho digno a todos os reſpeitos de ſer viſto e louvado pelos que conhecem as difficuldades que ha em conſervar a perfeita unidade de eſtylo em qualquer obra que pretenda imitar o antigo; acreſcendo que ácerca do etruſco ha muito menos eſcripto e deſenhado do que a reſpeito dos demais eſtylos.

Ser-me-hia extremamente difficil deſcrever o trabalho do sr. Cotrim, por iſſo me limito a deixar conſignadas aqui eſtas palavras, que são uma juſtiça e não um favor preſtado ao habil artiſta decorador.

RAPIN.

Typ. de Chriſtovão A. Rodrigues — Rua do Norte, 145, 1.º

(5°) Le montage et la conduite de la machine se font sans aucune difficulté, ne nécessitant qu'un minimum de main-d'œuvre.

(6°) Encombrement très réduit.

(7°) La consommation d'eau n'est pas supérieure à celle qu'exigent les trois opérations des méthodes existantes.

(8°) On peut se servir de réservoirs de réception de construction normale pour l'alimentation de la machine.

La machine se compose d'un tambour monté sur roulements à billes et tournant dans un cage se formant de tamis, le tout monté sur un bâti de construction robuste.

D'après ce système, les cerises de café entrent dans une petite trémie de réception, point où l'eau transporteuse se sépare des cerises. Cette eau transporteuse se laisse recueillir et remployer.

En quittant cette trémie, les cerises entrent dans une deuxième trémie, laquelle contrôle la quantité alimentant la machine, et passe ensuite au tambour. Le tambour rotatif force les cerises contre les tamis et contre des couteaux, dégageant ainsi la pulpe des fèves. De l'eau sortant des petits trous de la périphérie fait passer la pulpe dégagée aux goulottes de décharge par des fentes dans les tamis. Les fèves en continuant leur passage à travers le tambour subissent une certaine attrition, et cette action, conjointement à celle de l'eau sortant toujours du tambour, débarrasse les fèves du mucilage, en les lavant en même temps. La sortie des fèves de café de cette machine est réglée par un clapet contre-balancé. Ce clapet peut s'ajuster à une pression quelconque pour correspondre au type de café en préparation. Il y a encore deux tuyaux, dont l'un fournit de l'eau à l'extérieur des tamis pour aider à enlever la pulpe déchargée, et l'autre dirige un jet d'eau sur le café lors de sa sortie.

Le Dépulpeur est entièrement enfermé, supprimant ainsi tout jaillissement d'eau.

Rendement approximatif de la machine		2950 kilos de cerises mûres par heure.
Force motrice nécessaire		25 — 28 CV.
Quantité d'eau nécessaire		9000 litres environ par heure à une hauteur d'élévation de 4m877, c.-à-d. 0,5 atmosphère.
Dimensions des poulies fixe et folle ...		610 mm × 152 mm.
Vitesse		400 t.p.m.
Dimensions de la machine :	longueur	2m514.
	hauteur	1m778.
	largeur	0m864.

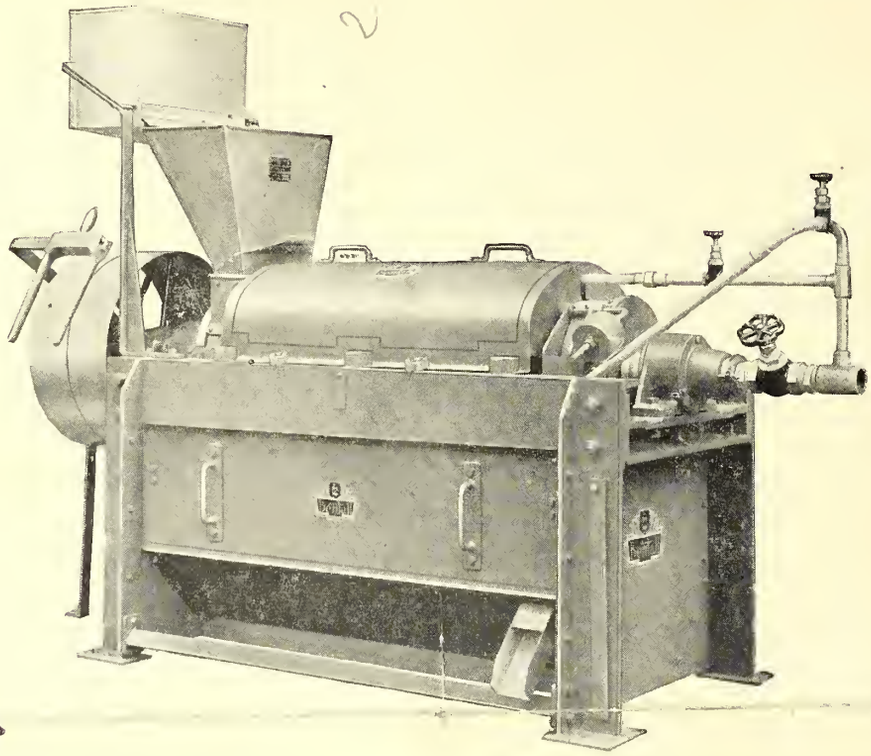
Prix de la machine, y compris emballage et livraison franco bord à Londres **£290 : 0 : 0** environ.

La construction de la machine AQUAPULPA est telle que les pièces mouvantes principales sont immédiatement interchangeables avec celles du Dépulpeur Raoeng No. 3 fabriqué par la maison Krupp avant la guerre. Ceci permet la réparation de Dépulpeurs Raoeng existants — devis sur demande.

E. H. BENTALL & CO., LTD., Heybridge Works, Maldon, Essex, Angleterre

Imprimé en Angleterre.

Notice Provisoire No. 2203.



LE NOUVEAU
DÉPULPEUR-LAVEUR BENTALL "AQUAPULPA"

Cette machine a été conçue dans le but de supprimer la fermentation. En préparant les fèves de café pour la vente suivant la méthode d'humectation, deux des opérations les plus délicates sont le dépulpage et la séparation du mucilage par la fermentation. La machine "AQUAPULPA" effectue ce travail difficile, en plus du lavage, en une seule opération continue, le café quittant la machine étant déjà prêt au séchage.

Les principaux avantages de ce système par rapport aux méthodes existantes sont :

(1°) Le dépulpage, le nettoyage, la séparation du mucilage et le lavage se font en une seule opération.

(2°) Aucun ajustage délicat de la poitrinière lors du dépulpage ; du café de toute grosseur — y compris le café partiellement mûr — se laisse dépulper.

(3°) Aucun besoin de réservoirs de fermentation, donc diminution sensible du prix d'achat. Il va sans dire, d'ailleurs, qu'il n'y aucun danger de fermentation excessive ni insuffisante, ni de détérioration de la saveur du café par suite de la présence de corps étrangers dans le réservoir. On réalise, du reste, une énorme économie de main-d'œuvre.

(4°) Le café sort de la machine en état lavé, se laissant donc sécher immédiament — il n'y a aucun besoin de machines laveuses.

O PRIMEIRO RAMILHETE

Typ. — Christovão Augusto Rodrigues.

A ARTE

GRÃO VASCO

—

ENSAIO HISTORICO E CRITICO

I

Pelos annos de 1844 e 1845, andou em Portugal um estrangeiro colligindo subsidios para a historia da pintura portugueza. Das laboriosas investigações do conde de Rackzynski resultaram as *Cartas* e o *Diccionario*, fontes a que, por mais copiosas que os livros de Machado e Taborda, geralmente recorrem aquelles que desejam illustrar-se ácerca dos nossos pintores e das suas obras. [1]

A questão do Grão Vasco attrahiu logo em principio a attenção do conde, como ponto capital que era o nucleo ou fundamento de todos os trabalhos, em que houvesse de empenhar-se para a historia da pintura em Portugal. Tratou, pois, o solicito investigador de colligir noticias e documentos, que lhe dessem alguma luz no meio das espessas trevas que obscureciam o assumpto. Dos portuguezes que mais o auxiliaram n'este empenho foi o conservador da Bibliotheca nacional, Vasco Pinto de Balsemão, que lhe deu uma lista constante de noventa e dois quadros attribuidos ao Grão Vasco, em varios lugares do reino. Estes sommou o conde com outros de que teve conhecimento, e achou serem ao todo mais de duzentos. Mas, como, para se reputar do Grão Vasco algum quadro, não precisava senão de ser do denominado estylo gothico, e pintado em madeira, a logica estava pedindo que se attribuissem egualmente ao pintor portuguez, a quem deram o epitheto de *Grão* ou *Grande*, todos os innumeros similhantes quadros, de fóra do reino, e, particularmente, os da antiga eschola flamenga, por mais analogos aos que se encontram em Portugal. Conduzido assim o conde a defrontar com as raias do absurdo, passou-lhe naturalmente pelo espirito a suspeita de que o Grão Vasco não teria tido nunca existencia real, que seria apenas um mytho gerado pela phan-

[1] Rackzynski — *Les arts en Portugal* — Paris, 1846.

Rackzynski — *Dictionaire historico-artistique du Portugal* — Paris, 1847.

Cyrillo Volkmar Machado — *Collecção de memorias relativas ás vidas dos pintores e esculptores, architectos e gravadores portuguezes e dos estrangeiros que estiveram em Portugal* — Lisboa, 1823.

José da Cunha Taborda — *Regras da arte de pintura*, etc. — Lisboa, 1815.

tasia popular para explicar a origem de todos os quadros antigos, cujos auctores o correr do tempo lançára no esquecimento.

A esta suspeita, em que já outros estrangeiros tinham entrado, oppunham-se não sómente os testemunhos de tantos escriptores nacionaes que affirmaram a existencia do nosso pintor, mas tambem a tradição commum em Vizeu, sua patria, e finalmente os famosos quadros que ainda hoje se admiram na sé cathedral d'essa cidade. Razões taes pesaram bastantemente no animo do conde, para se não deixar tomar de todo pela desconfiança que o assaltára. É verdade que os testemunhos que se lhe deparavam nos livros impressos não remontavam além do seculo passado. E tal circumstancia diminuiria assaz o valor d'esta prova, se Manuel Botelho Ribeiro, n'um livro inedito, que escreveu da cidade de Vizeu em 1630, não atribuisse expressamente a Vasco Fernandes as pinturas mais antigas e mais apreciaveis da sé. [1]

Temos, pois, um auctor viziense, que viveu no ultimo quartel do seculo XVI e no principio do seculo XVII, a attestar a existencia do Grão Vasco, e a attribuir-lhe quadros que devem ter sido pintados anteriormente ao anno de 1550. O silencio dos outros escriptores dos seculos XVI e XVII, a respeito de assumpto de tamanha importancia, explicar-se-ha, attendendo ao muito que os nossos antigos desdenhavam occupar-se dos artistas, cujos nomes e obras rarissimas vezes se davam ao trabalho de mencionar. Não é portanto extranhavel que sómente no seculo XVIII principiassem a prestar alguma consideração á historia da arte, e a citar a tradição que fazia do Grão Vasco o principe dos pintores portuguezes.

Mas, quem era esse Vasco celebre que por suas obras merecera o cognome de *Grande?* Ninguem o sabia ao certo. E, como fosse desconhecido o manuscripto de Botelho que dava o verdadeiro nome, não houve artista chamado Vasco, e que tivesse vivido nos seculos XV ou XVI, que não parecesse aquelle que a tradição tanto exaltava.

Francisco de Sousa Loureiro, director da Academia das Bellas Artes, n'um discurso que pronunciou em 1843 n'uma sessão publica da mesma Academia, esforçou-se para demonstrar que o Grão Vasco não era um Vasques Lusitano, de que se conservava em Hespanha um quadro com a data de 1562, nem um Vasco Pereira que trabalhava em Sevilha de 1594 a 1598; porém sim um Vasco sem appellido que em 1455 recebera na côrte de D. Affonso V o diploma de illuminador. [2]

Depois que, pelo manuscripto citado, se soube o verdadeiro appellido, inclinaram-se os votos para um Vasco Fernandes do Casal, moço da camara de infante D. Duarte, filho de el-rei D. Manuel, e esse foi aquelle a quem o conde de Rackzynski deu a preferencia, segundo consta das primeiras das suas cartas no livro *Les Arts en Portugal.* Ao escrever porém a duodecima, tinha já debaixo dos olhos um documento que operou uma revolução total nas suas idéas. Era um assento de baptismo, descoberto pelo padre José Oliveira Berardo, n'uma egreja de Vizeu, e que mostrava ter nascido n'esta cidade em 1552 um Vasco, filho de Francisco Fernandes, pintor. [3]

Para o conde desde logo ficou evidente que este Vasco, filho de Francisco Fernandes, e que por tanto deveria ter usado do mesmo appellido, não era senão o celebrado Grão Vasco, o qual não teria vivido, como se dizia, no tempo de D. Manuel, porém sim pela segunda metade do seculo XVI.

Dominado por esta idéa, Rackzynski dirige-se a Vizeu, examina os quadros da capella do Bom

[1] *Dialogos moraes, historicos e politicos — Fundação da cidade de Vizeu*, etc. 1630. Vi em Vizeu esse manuscripto, do qual se conserva uma copia na Bibliotheca Publica do Porto.

[2] Rackzynski — *Les arts en Portugal*, pag. 161 a 173.

[3] «Aos xvij dias do mes de setembro de 1552 años bautisei Vasquo fº de frco Fez. paintor et de mª Amriques sua molher forão padrinhos e madrinhas Egas Velho e pº Lopes fº de Aº do Rego e Rº Aº madrinhas mª Lopes molher de Gaspar Vas e Cª Pays, molher de Geronymo Tavares todos moradores nesta cidade e por verdade asynei aquy.

Afonso Alves.»

Rackzynski — op. cit. pag. 307.

Jesus e da sachristia da Sé, e, com quanto reconheça n'elles e confesse a influencia de Alberto Durer e da eschola flamenga, admitte, comtudo, a possibilidade de terem sido pintados em 1570, quando o estylo dos van Eyck, van der Weyden e Matsys tinha já passado de moda em Portugal e em toda a Europa. O conde, sem se lembrar de que no reinado de D. João III se operára entre nós a grande revolução que na architectura, na pintura e em todas as artes substituira o estylo da antiguidade classica ao das escholas medievaes, chegou a escrever do quadro do Calvario:

«Voici ce que je pense de ce tableau. Il est d'un grand mérite quoique mal conservé. Je l'aurais cru plus ancien que 1570; mais enfin, les documents sont une plus forte autorité que mes impressions.» [1]

Note-se bem que o documento, que tamanha mudança fizera nas idéas do auctor, apenas prova ter nascido em Vizeu no anno de 1552 um Vasco, filho do pintor Francisco Fernandes. Que este Vasco fosse o artista famoso, a quem distinguiram pelo cognome de Grande, que elle fosse quem pintára em 1579 (com 17 annos de edade) os quadros da sé de Vizeu, n'um estylo impossivel em Portugal e em toda a parte no ultimo terço do seculo XVI, disse-o Rackznyski sem prova nenhuma, cerrando os olhos e os ouvidos á evidencia da historia e á voz da razão que lhe mostrariam claramente a vacuidade da sua hypothese. Todavia, entre nacionaes e estrangeiros, desde logo passou em julgado que o Grão Vasco nascera em 1552. Procedeu sem critica n'estes e n'outros pontos o illustre conde prussiano, mas a sua auctoridade era unica e por consequencia indisputavel. Excepto Cyrillo e Taborda, antes ninguem o precedera, depois ninguem o seguira na estrada que deixára largamente aberta para o estudo da historia da pintura em Portugal.

II

No anno de 1865 veiu a Portugal examinar os quadros, attribuidos ao Grão Vasco, um dos primeiros e mais competentes empregados da secção de pintura do museu Kensington de Londres, que, pouco tempo antes, mandára tambem expressamente photographar os principaes dos nossos monumentos architectonicos.

O sr. Robinson achou a questão no pé em que, havia mais de vinte annos, a collocára o conde de Rackzynski, e alguns dos quadros com a poeira que se lhes accumulára em cima, depois que o diplomata prussiano os espanejára pela ultima vez.

N'um jornal de bellas artes publicou o viajante inglez uma Memoria com o resultado das suas investigações, a qual o fallecido marquez de Sousa Holstein traduziu e prefaciou, promettendo um trabalho de mais folego, ao que infelizmente obstou a sua prematura morte.

O conde de Rackzynski, amador de quadros, e possuidor de uma importante galeria em Berlim, foi incançavel em colligir noticias e documentos, durante os dous annos que se demorou entre nós. Os seus dous livros são vastos repositorios de subsidios para a historia artistica de Portugal. Contêem muitas notas, muitos esclarecimentos apreciaveis, dos quaes alguns de certo se perderiam, sem o diligente cuidado do curioso estrangeiro. Faltava-lhe porém o conhecimento cabal das varias epochas de cada eschola e dos signaes porque se differençam, para bem determinar a edade dos quadros. Assim é que as opiniões apresentadas nas *Cartas* e no *Diccionario* se estribam antes em documentos historicos, informações particulares e tradições que nos caracteres das pinturas.

O sr. Robinson, menos litterato, menos cuidadoso de colligir noticias e apontamentos, mostrou-se porém muito mais conhecedor dos signaes distinctivos das obras dos pintores, muito mais experimentado em classifical-as e em marcar-lhes a edade.

É esse o seu grande merito. Como technico expendeu opiniões auctorisadissimas que servirão de

[1] Rackzynski — op. cit. pag. 366.

bons fundamentos aos raciocinios que sobre ellas possam formar-se. Em prova bastará dizer que as datas que indicou se demonstram com dados historicos de que não teve conhecimento.

Mas o sr. Robinson, como quasi todos os praticos, desprezou as fontes estranhas ao seu exame pessoal. De onde resultou em primeiro lugar não tirar dos factos observados todas as conclusões possiveis; em segundo lugar commetter alguns erros que facilmente evitaria com a leitura dos livros portuguezes, e pela confrontação das noticias escriptas com os objectos a que se referem. Conduzido por um d'esses erros a uma conclusão falsa, deixou a final a questão mais intrincada, registrando todavia na sua Memoria os dados bastantes para resolvel-a.

Muitos annos depois de ter sahido de Portugal o conde prussiano, apparecera em Vizeu um quadro com uma assignatura de grandes letras gothicas que diziam *Vasco Fernandes*. Estava, pois, demonstrada authenticamente a existencia de um pintor portuguez com esse nome. O sr. Robinson de certo lhe attribuiria o *Calvario*, o *S. Pedro* e os outros congeneres, senão viesse encontrar na sachristia da Santa Cruz de Coimbra um quadro similhante áquelles, evidentemente do mesmo pincel, mas com a palavra *Velascus* por assignatura. Tinha, por tanto, nas mãos o viajante inglez um fio certo e seguro para o tirar do labyrintho. Transviou-se exactamente com a descoberta que deveria servir-lhe de guia. Ignorando ser *Velascus* a fórma latina do nome portuguez *Vasco*, attribuiu os quadros de Vizeu e de Santa Cruz de Coimbra a um pintor chamado *Velasco*, suppondo que do celebrado Grão Vasco, do Vasco Fernandes, não restaria senão o quadro assignado com o seu nome.

Em agosto de 1875 offereceu-se-me occasião de estudar pelo espaço de alguns dias os quadros de Vizeu. Acompanharam-me e auxiliaram-me n'esse estudo o fallecido Augusto Soromenho e o sr. Augusto Luso, meus collegas no jury dos exames de historia que funccionou por esse tempo no lyceu d'aquella cidade. Parecendo-me que, pelo minucioso e prolongado exame que fizemos, pelas recordações que eu conservava dos quadros da eschola flamenga, que poucos mezes antes examinára em Bruges, Gand e Antuerpia, pela correcção do erro capital do sr. Robinson, e com os dados fundamentaes da sua Memoria, poderia chegar á apetecida solução do problema, abalancei-me á empreza. Se foi atrevimento de minha parte, sirva-me de desculpa a importancia do assumpto e a falta de quem tenha querido dilucidal-o com as explanações necessarias.

A. FILIPPE SIMÕES.

(Continúa).

O PRIMEIRO RAMILHETE

Não ha creança que não goste de flôres. É que a flôr é fresca, viçosa e alegre como a infancia; vive como ella de mimos e disvelos, e assim como a creancinha nos enleva com o divino perfume da sua innocencia, assim a flôr nos delicía com o seu delicado e suave aroma. A esta aquece-a e dá-lhe vida a luz do sol, como áquella dá vigor e alento o calor do seio maternal. Os beijos da brisa são para a flôr, o que os beijos da mãe são para a creança. Uma perde o viço e a côr se lhe falta o orvalho matutino; a outra definha e morre se lhe fallecem as caricias maternaes, que, como aquelle, outra cousa não são senão perolas do céu caidas.

Ahi temos em a nossa estampa um exemplo d'essa predilecção das creanças. Aquella que ali vêdes ao collo da mãe, de ha muito que sentia a vista deslumbrada pelo variegado matiz das flôres que se balouçavam nos vasos collocados no peitoril da janella. Ella bem queria chegar-lhes, mas estavam muito altos, e ella era pequenina. O desejo nas creanças é tão pertinaz, como nos homens a

ambição. Por isso, tanto pediu á mãe, tanto insistiu e se amuou, que esta cedeu por fim, e por sua mão colheu as flôres e fez o ramilhete que a creancinha ergue agora acima da loura cabeça para que todos a vejam senhora do precioso thesouro. E tão alegre e ufana está de sua pessoa que nem já se lembra da maçã que conserva na outra mão. Pudera! se é o seu primeiro ramilhete!

D. MARIA JOAQUINA DOROTHEA DE SEIXAS BRANDÃO

(MARILIA DE DIRCEU)

(1769-1853)

(Continuado de pag. 195 do 2.º vol.)

OPES de Mendonça, que foi um verdadeiro poeta em prosa, como o demonstra não só nos seus escriptos, como nas peripecias da sua curta e accidentada vida, coroada por um doloroso e excepcional martyrio, consubstanciava em si os delirios do sonhador e as maguas do republico, e pelo que sentia ajuizava de como os outros deveriam sentir.

Ora a verdade é que Gonzaga, casando-se, absolveu D. Maria Joaquina do peccado da longevidade! O mais que a hermeneutica do coração podia exigir da parte de Marilia era que conservasse uma grata recordação das apaixonadas lyras de Dirceu, e mais nada. No livro do *deve e ha de haver* da reciprocidade do amor dos dous co-reus as contas estão saldadas. Dirceu, condemnado e proscripto, lançou-se nos braços de uma D. Juliana qualquer, sem affrontar com versos a crassa ignorancia de que a devemos suppôr dotada. Marilia, depois d'este ponto final, entendeu que a vida era uma cousa menos má, e deixou-se viver á sombra dos coqueiros, sem suspeitar que um simples namoro lhe havia de franquear as portas da celebridade, defezas a tantas de mais delicado sentir.

Onde está aqui o peccado de Thomaz Antonio Gonzaga? Onde está o crime de D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas Brandão? Se por detraz de ambos com os seus nomes, sobrenomes e appellidos, quizermos vêr Dirceu, réo de contrabando poetico, por haver mentido nas suas eroticas lyras, e Marilia, sua cumplice, por lhe haver desafiado o estro com a magia de uns olhos voluptuosos, e o esplendor de umas tranças sem rivaes, isto sendo simples sobrinha e tutelada de um tenente coronel de infanteria, então o caso muda de figura. Mas ainda assim, entendo que Gonzaga fez bem em preferir um amor pratico ás idealidades de um amor platonico, não deixando tambem de dar razão a D. Maria Joaquina em se não ralar com bagatellas.

Elle ainda mantem hoje, e manterá sempre firme a sua gloria de poeta, apezar de casado com D. Juliana de Sousa Mascarenhas. Ella — a Marilia — ha de viver eternamente, mesmo contra vontade sua, nos versos do seu amante, versos bem melhores do que o retrato do auctor que tenho presente na ultima edição das suas lyras. Assim vejo que nem um nem outro têem rasão de se queixar.

Dou aqui por terminado este pleito, em que cuido haver dado razão a todos, cada qual segundo a sua justiça, depurados os argumentos dos advogados das duas partes das exaggerações e dos sophismas com que é de uso ornamentar as causas crimes. Julgada como fica Marilia na sua qualidade de musa e estudada como mulher que não pretendeu sair da craveira por onde se affere o commum do seu sexo, resta-me defendel-a da accusação de poetisa, com que alguem, sem maldade, a quiz apeiar do pedestal glorioso de inspiradora de um homem de talento, pelos unicos e exclusivos attractivos dos seus encantos pessoaes.

Os paizes novos são como os fidalgos de recente data. Se hão de como a mocidade alongar as

aspirações pelos largos horisontes do futuro, agarram-se a um passado, que foi de hontem, e querem achar n'elle, que se nega a dar-lh'as, todas as tristezas, todos os desconsolos, todos os similes, todos os mythos, todas as realidades das nações velhas assoberbadas pelo peso dos annos e dos achaques.

No caso presente, a insistencia, pouco ou nada justificada da critica brazileira contemporanea, em querer apresentar D. Maria Joaquina como auctora d'um livro de versos visivelmente apocripho, e genuinamente mentiroso que se intitula: «Dirceu de Marilia» faz-me lembrar a patriotica estupidez com que um corregedor do Algarve pedia a Junot um Camões para a sua provincia, e a soldadesca ignorancia com que o general invasor promettia n'uma proclamação acceder aos desejos dos algarvios, manifestados pela bocca do seu primeiro magistrado!

Um Camões para o Algarve! Extravagante pedido este, só equivalente a pedirem os brazileiros uma Sapho para Villa Rica, e sair logo satisfeita a encommenda na pessoa da auctora do «Dirceu de Marilia» contrafacção do genio poetico de Gonzaga, e especie de desgarrada, em que o anonymo embaidor, disfarçado em Marilia, pega nas palavras de Dirceu, para as espalmar em uma replica incolor, sem o carimbo de um verdadeiro sentimento espontaneo.

Apuremos o facto, para que a mystificação não venha de futuroa tentar algum admirador posthumo de qualquer das menos qualificadas collaboradoras do *Almanach das Senhoras.*

Que D. Maria Joaquina foi uma mulher bonita, é caso passado em julgado. Que Gonzaga se apaixonou por ella, é tambem fóra de toda a duvida, para gloria de ambos, e proveito de nenhum d'elles. Agora que Marilia fizesse versos é o que a sua propria biographia desmente, e o seu caracter nega. É o que as circumstancias particulares da sua vida auctorisam a não acreditar sem exame. É finalmente o que se deduz da ausencia completa de todos os indicios que denunciem n'ella uma escriptora, incluindo o fragmento qualquer de um bilhete amoroso, ou o empinado fac-simile da sua pouca legivel assignatura.

A primeira duvida que me assalta o espirito no apuramento do ponto controvertido — de que não ha de vir nem bem, nem mal ao mundo — é ter sido relativamente recente a morte de Marilia, e ninguem se gabar de possuir d'ella o mais insignificante authographo. A segunda duvida, ou antes a primeira, guardada a ordem chronologica dos factos, é não se ter encontrado no sequestro feito nos livros e papeis de Gonzaga o vestigio, a sombra qualquer de um bilhete amoroso de Marilia: a terceira duvida que me occorre é a ignorancia quasi fabulosa das senhoras portuguezas no fim do seculo passado, — apezar de brilhantes excepções — ignorancia que se deve crêr não ter ficado circumscripta á Europa, antes haver como um philoxera intellectual invadido as terras de Santa Cruz, não poupando a provincia de Minas Geraes, e menos ainda a comarca de Ouropreto, templo da musa de Thomaz Antonio Gonzaga.

Tanto estas suspeitas têem fundamento, que o mais interessado em fazer passar D. Maria Joaquina como poetisa, escreveu no prologo do «Dirceu de Marilia» as seguintes linhas: «*Apocriphas ou originaes, completam estas lyras a historia dos amores e saudades d'esses amantes desgraçados, que a poesia começou por celebrar, e que os homens acabaram por immortalisar; os nomes de Hero e Leandro, Sapho e Phaon, Heloisa e Abeilard, Ignez e Pedro, Laura e Petrarcha, Dante e Beatriz, Camões e Catharina, então serão populares em todo o mundo.*»

A desconfiança do editor, aqui revelada, augmenta com o dizer que a *auctora ou quem quer que seja*, deve ser louvada por haver completado o poema dos amores e saudades de Gonzaga, como Lamartine completou o Child-Harold de lord Byron.

A unica, mas essa essencial differença entre os dous casos, é a que vae entre a franqueza de Lamartine, e a grosseira mystificação do anonymo auctor do «Dirceu de Marilia» livro não direi sem merecimento poetico, mas com certeza sem interesse, como capitulo de um romance amoroso, desenlaçado, de uma parte pelo casamento, e de outra parte pelas prosaicas certidões de nascimento e

obito da protogonista, entalada entre estas duas significativas datas: — 1769-1853! Á vista d'estas razões, que eu poderia ampliar para desengano das musas contemporaneas que pretendem dar baixa do posto, para figurarem como simples correspondentes de qualquer talento poetico que venha a apparecer na nossa terra, estou tentado a levantar aqui ainda uma outra duvida, que, averiguada ella, cortará pela raiz não só a authencidade do «Dirceu de Marilia» mas até — oh! attentado! — a plausibilidade de Gonzaga haver cantado uma Marilia unica, o que a ninguem deve admirar, sabendo-se, como se sabe, que os corações dos poetas são umas estalagens.

Para descargo de consciencia sempre apontarei a minha ultima duvida. O velho marquez de Rezende publicou em 1868 um folheto com o seguinte titulo: «*Pintura de um outeiro nocturno e sarau musical no fim do seculo passado*» outeiro a que assistiram além de muitas pessoas da côrte que não vem para o caso mencionar, os seguintes poetas: Domingos Maximiano Torres, o padre Caldas, *Claudio Manuel da Costa*, João Baptista Gomes, João Anastacio da Cunha, Curvo Semedo, Francisco Manuel do Nascimento, os dous irmãos Francisco e Antonio Malhão, Francisco de Mello Franco, Antonio Ribeiro dos Santos, dr. José Durão (auctor do Caramurú), Antonio Diniz da Cruz e Silva, Theotonio Gomes de Carvalho (auctor do Uruguay), finalmente Thomaz Antonio Gonzaga, *conhecido pelo nome pastoril de Dirceu*, e o *joven Manuel Maria Barbosa du Bocage*. Um Parnaso completo, sem lhe faltar ninguem!

O marquez de Rezende que esteve presente ao outeiro e sarau musical, e que d'elle conservou tão boa memoria, que até se recordava haver começado ás sete horas da noute, esqueceu-se de nos dizer, o que lhe seria facil, o anno em que teve lugar, contentando-se em nos dar a vaga designação do *fim do seculo passado*, como a epocha de tão brilhante e excepcional reunião.

No sarau a que se allude estiveram presentes, Claudio Manuel da Costa, — o companheiro de infortunio de Gonzaga, — Manuel Maria Barbosa du Bucage, *então joven*, e o proprio Thomaz Antonio Gonzaga, que em 1788, era já desembargador da relação da Bahia, havendo anteriormente servido, ignoro por quanto tempo, de ouvidor da comarca de Villa Rica.

No folheto do marquez de Rezende, que desce ás ultimas minucias, e em que elle promette *não fallar de cousas que todos sabem*, e esquivar-se a seguir o exemplo *dos que fasem retratos que se não parecem com ninguem;* diz o esmerilhador fidalgo:

«*Logo depois, e para que a estes versos agros* [1] *se seguissem alguns brandos, deu a velha condessa de Ficalho a Thomaz Antonio Gonzaga, a quem chamava poeta musical, este suave mote.* [2]

É mais doce que o mel teu terno agrado.

que elle glosou, fallando com a sua pastora, no segundo soneto, apreciavel pela doçura das palavras, pela cadencia dos versos, e pela harmonia dos rythmos.

«Marilia chega que Dirceu te espera
Sobre as candidas azas da alegria.

[3] Approximando e comparando as datas, e não havendo razão para alcunhar de embusteiro o marquez de Rezende, segue-se que Gonzaga antes de partir para o Brazil já tinha uma Marilia,

[1] Os versos agros a que se refere o marquez de Rezende eram do poeta satyrico Lobo, glosando de colcheia:

O abbade do Desterro
É d'esphera superior.

[2] O marquez de Rezende chama suave mote a um verso que tem nada menos de tres hiatos! O que não diria Gonzaga lá comsigo do *ouvido musical* da condessa de Ficalho! *Teu terno agrado!* Safa! que é de fazer arripiar a gente.

[3] Não transcrevo todo o soneto para não deitar tudo a perder, chegando ao final.

aquella a que se refere o soneto, que sommada com a outra de Villa Rica, dá duas Marilias, sem contar ainda com uma terceira, que, por se chamar Juliana, e ter casado com o poeta, ficou fóra de combate, e sem direito a figurar como musa. Por isso eu disse ha pouco que os corações dos poetas eram umas estalagens!

Seja como fôr, eu que não pretendo inventar nem desthronar Marilias, deixo a de Villa-Rica na posse plena do coração do poeta, mas não pavonear-se como poetisa, por ser para mim artigo de fé que ella nunca poz penna em papel, e poder levar a desconfiança mesmo ao ponto de duvidar que D. Maria Joaquina soubesse escrever; se não, provem-me o contrario emquanto é tempo, exhumando a sua assignatura, — ao menos a sua assignatura — do cartorio da respectiva parochia, ao menos como especimem calligraphico da supposta auctora do «Dirceu de Marilia.»

Por estas e outras que taes, é que Goethe e Lamartine, não querendo deixar em duvida os leitores ácerca dos seus negocios caseiros, escreveram o primeiro as suas «Memorias» razoavelmente enfatuadas pelo que respeita a assumptos do coração, e o segundo a «Graziella» publica-forma das fortunas amorosas do auctor.

Se Gonzaga vivesse hoje, o que seria feito das suas futuras Marilias! O necrologio moderno é a ultima pá de terra que se lança sobre o cadaver de um finado illustre.

Vejam lá se alguem é capaz de architectar um romance com as vidas de Herculano, de Garrett e de Castilho, apezar de um haver escripto o «Eurico», outro «As folhas caidas», o ultimo os «Ciumes do Bardo.»

O necrologio é como a lagarta: arrenda a folha que baba, e mina tambem a raiz da arvore a que se achega.

O nosso seculo matou as conjecturas romanti-cas. Bem haja o nosso seculo.

L. A. PALMEIRIM.

A MINHA EXCOMMUNHÃO

—

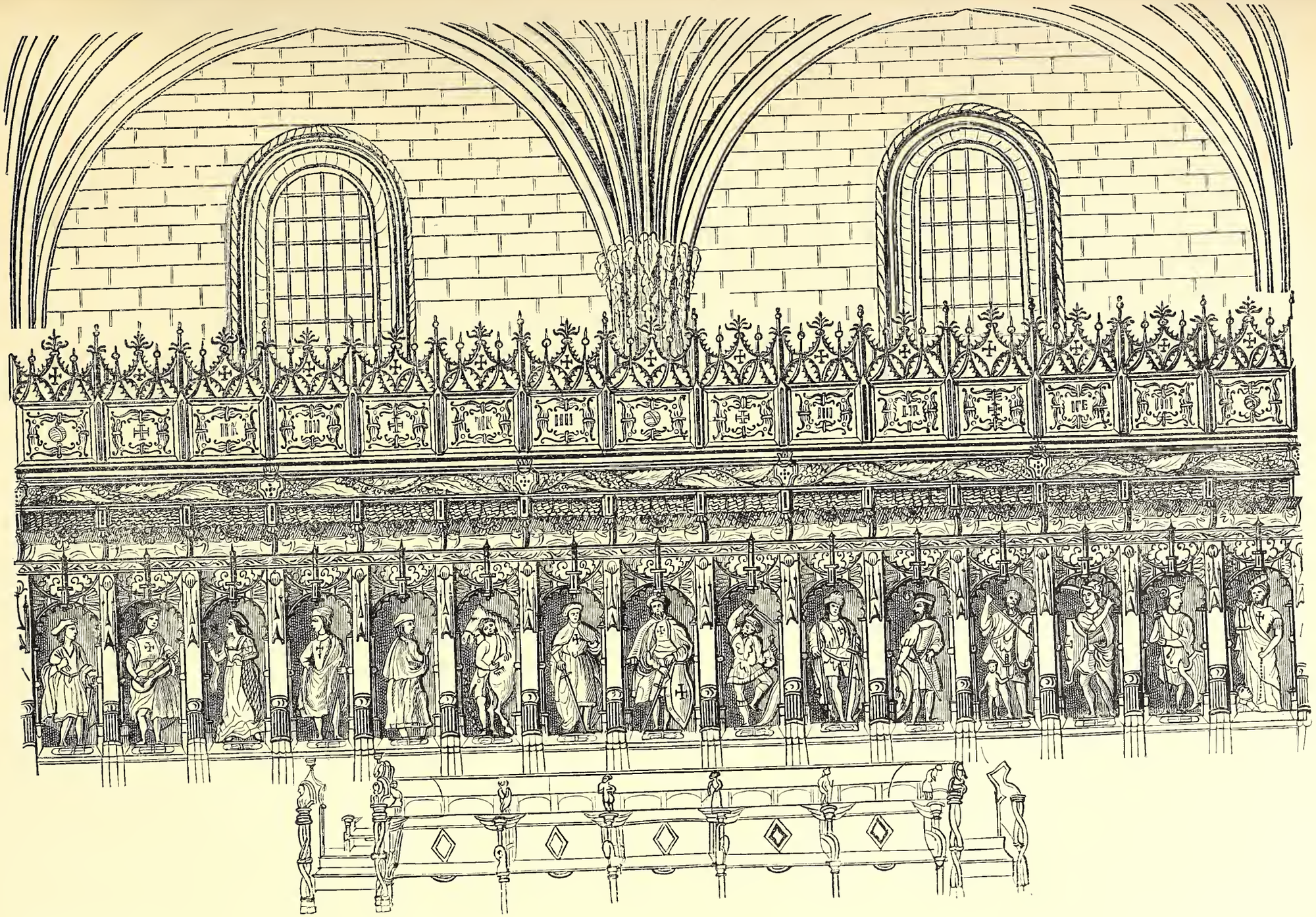
CORRESPONDENCIA OFFICIAL E AUTO DE INVESTIGAÇÃO SOBRE AS CARTAS DOS AÇORES E SEU AUCTOR, BULHÃO BATO

Ilha de S. Miguel — Villa Franca do Campo.

. . . . . .

MARIA de Jesus, solteira, creada de servir de João Casimiro Franco, residente n'esta villa de Villa Franca do Campo, (ilha de S. Miguel), de 20 annos de edade, disse: Que foi á missa cedo do dia 17 do mez passado (maio de 1868) que foi um domingo, e que ouvindo a prédica do padre João Soares de Oliveira, este disse na mesma que se vendiam as cartas na botica e na loja de Eduardo, mandadas por um senhor Pato, que eram contra os senhores missionarios e Nossa Senhora da Missão, que quem as tivesse comprado estava no inferno, e que as levasse quem as tivesse, á egreja, para serem queimadas nas luzes de Nossa Senhora, e que mais cousa alguma ouviu, etc.

«Maria das Dôres, solteira, creada de servir de João Casimiro Franco, residente n'esta villa, de 27 annos de edade, disse: Que foi á missa cedo no domingo de maio 17 do dito mez, e ahi ouviu a prédica que fez o padre João Soares de Oliveira, o qual disse na mesma prédica que se



PROSPECTO DE UM LADO DO CORO DO CONVENTO DE CHRISTO, EM THOMAR

vendiam na botica e na loja de Eduardo, umas cartas mandadas por Bulhão Pato, as quaes fallavam contra os missionarios, e contra Nossa Senhora da Missão, e que quem as tinha comprado estava no inferno, e que as levassem á egreja para serem queimadas nas luzes de Nossa Senhora, e que mais cousa alguma ouviu, etc.»

Seguem muitas outras testemunhas, cujos depoimentos omittimos para não encher espaço.

Narremos agora os factos, que determinaram este processo. É uma pagina de historia contemporanea, que tem o seu interesse e valor relativos.

Em novembro de 1866 era grave o meu estado de saude. Resolvi-me a ir passar a força do inverno na ilha de S. Miguel.

Mez e meio depois da minha chegada desembarcaram em Ponta Delgada alguns padres jesuitas, trazendo á sua frente, como cabeça, Carlos Rademaker, homem de talento e illustrado, de que adeante fallarei mais largamente.

O seu fim era exaltar, attrahir, e dominar o espirito do paiz, começando subrepticiamente a missão pelos campos, no meio d'um povo ingenuo, e que habituado á presença tão variavel do mar, ás maravilhas da sua natureza vulcanica, ás caldeiras das suas furnas, aos frequentes abalos de terra, mais facil é em se deixar surprehender pelo terror e dominar por idéas sobrenaturaes. O terreno era propicio e os cultivadores habeis, habilissimos!

Carlos Rademaker aventurou um primeiro sermão na cidade. A maior parte dos ouvintes foram por curiosidade e ouviram com indifferença.

Não succedeu, todavia, outro tanto a algumas familias de elevada posição na ilha, familias cujas idéas eram ultramontanas. N'essas, principalmente no sexo feminino, Carlos Rademaker produziu grande e profundo abalo. Ao terceiro sermão estavam completamente fanatisados homens e mulheres de tres ou quatro casas principaes, e os conflictos domesticos começavam já a picar, pela divergencia de opiniões, até entre os parentes mais chegados e affectivos.

Isto, porém, tinha um caracter ainda particular na cidade, e nos campos a serpente estava cautelosamente assolapada!

Ponderei a alguns amigos, liberaes sinceros, o risco que me parecia grande e proximo. A maior parte d'elles sorriu dos meus receios, julgando-os quasi puerís, tão convencidos estavam de que a liberdade seria invulneravel na terra da Ladeira da Velha, e de que o jesuitismo era apenas um ultimo arranco do passado, arranco impotente em presença das idéas modernas.

Encolhi os hombros, mas não convencido de que fossem falsos os meus vivos receios.

No dia 2 de março de 1867, ás tres horas da tarde, embarquei a bordo do *Açoriano* de volta a Lisboa.

É notorio o que me fizeram em S. Miguel, e não relembro por vaidade senão por gratidão sincerissima o que devi áquella terra, desde as ovações enthusiasticas nos grandes auditorios, até ás mais altas, mais delicadas finezas que me tributaram amigos no aconchego e intimidade do seu lar!

Os nomes... não cito os nomes.

Alguns já não existem; os outros, os que vivem,—e felizmente são ainda na maior parte—sabem que nem a distancia nem o tempo podem obliterar da minha alma os seus nomes fraternos!

Passeiava no tombadilho na disposição de espirito propria de um homem que deixa amigos taes sem saber quando os tornará a vêr!

O mar não estava grosso, mas reclamava nos vãos e nas furnas da costa com som prolongado como subterraneo e doloroso. Bramidos surdos de leão que está faminto no antro. O horisonte mosqueado. No ceu os rabos de gallo. De quando em quando algumas lufadas mornas.

A natureza vinha pesar ainda sobre o meu animo anuveado!

Ha momentos em que o homem, embora cercado pela multidão, se julga só, tal é a contenção do seu espirito.

Corria a faina dos ultimos momentos da partida. Ainda um abraço; ainda um aperto de mão; ainda o derradeiro acenar dos lenços brancos! Está o ferro em cima; fogo á peça; é o tiro da despedida. Boa viagem. Ao mar e ao largo!

Veiu o socego, quasi instantaneo, que succede á agitação de bordo no momento de levantar ferro.

A poucos passos de mim, parado, a olhar-me, deparou-se me um homem baixo, moreno, de olhos pequenos, mas vivissimos, com um sobretudo grosso e comprido; um bonnet de viagem na cabeça.

Encarei-o attenta, e talvez inconvenientemente. Elle deu dous passos, vindo para mim, e disse-me estendendo-me a mão: — Tem razão, senhor Bulhão Pato; quem foi recebido por tal modo e deixa tantos amigos, tem razão para estar commovido!

Era Carlos Rademaker que se me apresentava para me ser agradabilissimo companheiro n'aquella tormentosa viagem!

Apertámo-nos mutuamente a mão, charlámos, discorremos pela litteratura, ceiámos e despedimo-nos como bons camaradas.

No dia seguinte justificava-se o carís que o tempo apresentára na vespera. O sol appareceu amarellado e maculoso. Dentro de pouco as nuvens achatadas sobre o mar rasgavam-se ao fuzilar e estralar dos coriscos; a onda levantava-se em pyramides, rebentando fumante. Mar d'arrebentação. Um temporal de folga e alivia n'aquelles mares!

Vinha grande numero de passageiros. Ficaram tres em pé: Carlos Rademaker, Luiz Monteiro e eu.

Rademaker, como todos os homens corajosos, não tinha bravatas; estava sereno mas sério.

Ao cair da noute, no meio de um balanço horrivel, houve faina. Quando a manobra acabou, e vendo que eu tinha fallado com o commandante, Antonio Telles Machado, Rademaker perguntou-me, com a voz sem a mais leve alteração:

— Julga que estaremos em perigo?

— O commandante disse-me que o navio ficava agora de capa e que não havia perigo algum.

— Bem, então vou vêr o meu desgraçado companheiro, que é uma lastima de enjôo.

O seu companhelro era o padre João Rebello de Menezes, moço na flôr da vida, procedente d'uma familia illustre, creio que d'entre Douro e Minho.

Durante os dias d'aquella viagem, tive ensejo de apreciar a viveza, o talento, a variadissima erudição de Carlos Rademaker: erudição profunda n'alguns pontos — nas litteraturas classicas, por exemplo, e, comquanto capital inimigo do jesuita, fiquei sempre apreciando e estimando o homem.

Em fevereiro de 1868 voltei á ilha.

Os meus receios não haviam sido infundados. A missão talára os campos, e n'alguns pontos fanatisára completamente o povo.

Chegado a Ponta Delgada, fui no mesmo dia para Villa Franca do Campo hospedar-me em casa d'um amigo intimo, Sebastião do Canto.

Em Villa Franca, a influencia jesuitica tinha grande poder. Os liberaes sinceros, taes como o meu hospede, sentiam já amargamente os effeitos da sua primitiva incredulidade e estavam arrependidos de não haver seguido o exemplo da ilha Terceira, que não consentira no desembarque dos padres da missão.

No seio de grande parte das familias reinava a agitação e a desordem.

As mulheres largavam a casa para passarem o dia e parte da noute em rezas, aterradas com as pavorosas visões do inferno, e allucinadas com os milagres que fazia a cada passo a Senhora da Missão.

Nas ruas da villa, nas casas, nos campos, homens, creanças e mulheres cantavam em côro:

O nome de Maria tão bonito é,
Salvae a minh'alma que ella vossa é.

A pratica e a oração eram na rua.

No adro da matriz de Villa Franca os jesuitas levantaram um morouço de pedras e converteram-n'o em aras santas.

Refugiam do templo. O seu culto e as suas catecheses davam-se ao ar livre. Era mais proficuo e theatral!

O governador civil, Felix Borges, mandou desmanchar o morouço.

Felix Borges foi depois substituido por Poças Falcão.

As mulheres não podendo luctar com a tropa exasperaram-se. Depois, as desgraçadas, com os cabellos em desordem, os olhos faiscando, a bocca espumante, os punhos cerrados, voltavam-se para a egreja, e nos impetos do seu furor blasphemo, chamavam-lhe egreja maldicta—jurando que não voltariam lá! [1]

A missão, com os olhos seraphicos postos no Divino, não descurava completamente os proventos mundanos. As imagens de Nossa Senhora da Missão, em todos os formatos, eram impostas aos fanaticos e aos ingenuos por bom preço.

A mulher roubava o marido, e a filha roubava os paes para dar aos missionarios. Estes aproveitavam tudo: desde os grandes donativos das casas poderosas até aos cinco réis de funcho que as creanças iam apanhar ás sebes do campo.

Havia episodios eminentemente comicos no meio d'aquellas deploraveis miserias. Um missionario italiano—Prosperi—um dos farçantes mais finos d'aquella comedia ao Divino, mandou remontar um par de botas.

O povo confluio á porta do remendão, que se viu em terriveis apertos, porque todos queriam um fragmento da *sandalia santa* para a trazerem ao peito com o efficaz e sagrado amuleto!

No pulpito ouviam-se cousas extraordinarias! estrepitosas!

Um dizia:

«Deus *para se poder salvar*, foi preciso que viesse á terra padecer.»

Os prégadores missionarios chamavam a Christo capitão, e capitão a Satanaz. [2]

Trocavam os tempos dos verbos, baralhavam as passagens do Velho com a Novo Testamento. As imprecações, os brados desatinados, as punhadas estrondosas, os esgares de energumenos substituiam o argumento, a imagem, a allegoria, a presopopeia, a antithese, a apostrophe. Era a saturnal da palavra no templo de Deus!

Eu assistia a isto amargurado e indignado. Por fim resolvi-me a pegar na penna e a escrever as *Cartas dos Açores*.

Essas cartas, escrupulosamente verdadeiras em tudo, produziram impressão nos liberaes da ilha, e por conseguinte levantaram contra mim o odio da piedade evangelica dos santos missionarios.

Os mais prudentes, abafando o rancor no peito immaculado, eram de opinião que se guardasse profundo silencio a meu respeito, e, contando com a tibieza, senão adhesão da auctoridade n'aquelle momento, proseguirem na sua obra.

Outros entenderam que era impreterivel sustar a divulgação das cartas e accender o furor do povo contra o auctor d'ellas.

[1] Vide «Cartas dos Açores», pag. 59.

[2] Vide «Cartas dos Açores», pag. 64.

GENTIL MULHER!

O momento era propicio. Villa Franca do Campo estava exaltada. A casa de Sebastião do Canto, onde eu vivia, ficava em frente da egreja matriz.

Decidiu-se que no domingo, 17 de maio de 1868, a minha humilde pessoa fosse excommungada em missa plena!

Quando o povo saisse da egreja amotinado pela pratica salutar, devia eu sair tambem de casa para a minha volta habitual ás codornizes.

Se tal se houvesse dado, é provavel, apezar dos dous cannos do meu bom Gastine Renette, que não traçasse agora estas linhas.

O padre, como Cicero, estudára cuidadosamente o seu discurso.

«Quem lêr as cartas do impio e do atheu está no inferno!» — exclamava elle.

As mulheres batiam nos peitos, esbofeteavam-se, choravam, bramiam!

Era edificante!

A peroração do inspirado levita foi digna do exordio. Como não chovesse havia tres semanas e os chuveiros quasi diarios são uma grande riqueza agricola da ilha — o padre João Soares de Oliveira fechou a sua oração — que podia ter sido funebre! — com este rasgo de pittoresca eloquencia:

«Olhae, meus irmãos, desde que está aqui aquelle impio, até os milharaes estão com as mãos para o ceu a pedir chuva!»

Isto que faria rebentar as pedras de riso, fez rebentar o furor do animo simples d'aquelles pobres fanaticos!

Tudo calculára perfeitamente o padre menos que eu tivesse tido uma boa inspiração, como vulgarmente se diz.

No sabbado, 16, escrevera-me o meu prezado amigo Ernesto do Canto para que fosse passar com elle o domingo á cidade. No mesmo sabbado, depois de jantar, como estivesse a noute magnifica, metti-me n'um carro e fui ficar a Ponta Delgada. Esta simples resolução fez com que o bom pastor perdesse completamente a sua rhetorica e eu salvasse a minha pelle.

O padre Tavares, irmão do que fôra prior de Santa Isabel, em Lisboa, era parocho nas Capellas. Homem intelligente, honrado, diligentissimo no cumprimento dos seus deveres. Os missionarios quizeram invadir-lhe a egreja. Oppoz-se energicamente. Elles appellaram para o retiro espiritual.

Vejamos o que era o retiro espiritual.

Quando um parocho bemquisto dos seus freguezes se oppunha a que os missionarios entrassem nos dominios da sua jurisdição e estabelecessem catechese, primeiro, por meios occultos, tentavam abalar-lhe o animo procurando as influencias locaes, peitando as pessoas que podiam exercer mais imperio sobre elles; isto todos os dias, a todas as horas, com a tenacidade caracteristica da vasta associação. [1]

Depois dez, doze, vinte padres iam para os suburbios da villa ou da aldêa, mettiam-se n'uma casa e convidavam o povo a rezar e pedir com elles á Senhora da Missão, para que a Senhora allumiasse o espirito do pastor que estava em trevas.

No primeiro, no segundo, no terceiro dia o povo implorava resignado. Se vía, porém, que o seu parocho continuava a resistir, ao quarto impacientava-se, ao quinto ou ao sexto, o mais tardar, levantava-se contra elle. Então, apertado por todos os lados e com as suas ovelhas em desordem, o parocho cedia.

O prior das Capellas teve a hombridade de não ceder.

O povo murmurava, mas não se atrevia a romper com elle, tal respeito lhe tinha!

Este facto principiou a abalar fortemente o animo dos que até ali se tinham conservado indifferentes.

[1] Vide «Cartas dos Açores», pag. 70 e seguintes.

O escandalo da minha excommunhão teve echo estrondoso na cidade.

Os jornaes fulminaram o padre. Eu reuni os meus amigos e partidarios e fallei-lhes. Então principiou-se a trabalhar com a maior energia. Vinte e quatro horas depois estava uma representação assignada por todos os liberaes da ilha que eram em grande maioria. A representação foi enviada no paquete d'esse mez para a metropole e o facto fez impressão em Lisboa. Nunca me esquecerei da fineza que devi ao meu velho e bom amigo Freitas de Oliveira. Não podendo já realisar uma interpellação na camara, veio aos jornaes advogar a minha causa em energicos e brilhantissimos artigos.

O ministro da justiça, então o sr. visconde de Seabra com quem tenho relações de boa estima desde os meus tempos da casa de Alexandre Herculano, na Ajuda, mandou logo no paquete de junho retirar a missão.

A ordem estourou como um raio no meio dos heroicos cenobitas que ficaram assombrados!

Vieram comigo no mesmo navio. Vinham na segunda camara. Apezar dos vaticinios de alguns praguentos a viagem foi uma viagem de rosas!

Os campos serenaram, e a ordem principiou a estabelecer-se em toda a ilha.

No anno seguinte, porém, sob colôr de haver falta de milho romperam alguns tumultos de certa importancia. Os liberaes estavam no seu posto e firmes. De Lisboa partiu a corveta *Estephania* commandada por José Baptista de Andrade.

Eu fui na corveta.

Quando chegámos estava tudo tranquillo.

A experiencia fizera com que o partido liberal tivesse d'essa vez o olho mais aberto e vigilante!

Janeiro, 28 de 1881.

BULHÃO PATO.

OBRA DE TALHA DO CORO DO CONVENTO DA ORDEM DE CHRISTO, EM THOMAR

Foi de benefico influxo para o grandioso convento da ordem de Christo em Thomar a epocha memoravel d'el-rei D. Manuel.

Bastante novo ainda, quando apenas duque de Beja, e longe talvez de pensar que a sua boa fortuna lhe havia de cingir a fronte com a corôa de monarcha, D. Manuel fôra investido na alta dignidade de governador e administrador da ordem de Nosso Senhor Jesus Christo.

Foi talvez por esta circumstancia que, vendo-se o monarcha venturoso no apogeu da sua grandeza, quiz contemplar a ordem com beneficios valiosos, que deixaram bem assignalada a sua regia munificencia.

Omittindo a enumeração d'esses beneficios, referir-nos-hemos apenas ás obras e edificações com que ampliou e ennobreceu o convento de Thomar.

Todas ellas são magestosas, e quasi todas enriquecidas de tal fórma com as galas e esplendores da arte, que constituem de per si um monumento de belleza e bom gosto, e o padrão mais valioso do estylo a que deixou ligado seu nome o grande monarcha a quem são devidos. É nas obras feitas em Thomar por el-rei D. Manuel que se encontram os specimens mais puros e mais completos do formoso e delicado estylo *manuelino*.

Entre essas obras é de notar-se que o corpo da egreja, no seu interior, ficasse muito singelo e desataviado das louçanias que com tanta profusão o adornam externamente. Parece que o monarcha pretendeu posteriormente attenuar este defeito mandando ornamentar o côro da egreja com obra de talha riquissima. É um dos lados d'esta notavel peça artistica o assumpto representado na estampa

conjuncta. O desenho que serviu para a gravura crêmos não ser um trabalho completo e acabado, nem mesmo muito fiel, parecendo-nos apenas um esboço ou delineamente feito por homem simplesmente curioso; todavia ministra o sufficiente para se poder ajuizar o quanto seria rico e esplendido o trabalho de talha do côro de Thomar.

Não existe já esta notavel obra de arte, e, pena é dizel-o, desappareceu em resultado de um acto da mais pungente e cruel selvageria: foi incendiada pelos soldados francezes quando passavam por Thomar em 1810 ou 1811 retirando das linhas de Torres Vedras! O desenho ou esboço original que serviu para a gravura é feito á penna e tem a data de 1807.

A. M. SIMÕES DE CASTRO.

Ao favor do ex.mo sr. Fernando Palha deve o director da *Arte* o poder apresentar nas columnas d'este periodico a reproducção em gravura de madeira dos dous desenhos do antigo côro do convento de Christo em Thomar, por ter aquelle cavalheiro obtido para esse effeito a necessaria auctorisação do seu possuidor, o ex.mo sr. José Isidro Mousinho.

Um d'esses desenhos é o que agora apresentamos aos nossos leitores; o outro deverá ser publicado n'um dos seguintes numeros.

Tanto ao ex.mo sr. Fernando Palha, como ao ex.mo sr. José Isidro Mousinho, agradece o director d'esta folha este valioso serviço prestado por ss. ex.as á historia da arte em Portugal, serviço tanto mais relevante quanto é certo serem os referidos desenhos os unicos authenticos que existem d'aquella primorosa obra, da qual infelizmente nenhum outro vestigio resta.

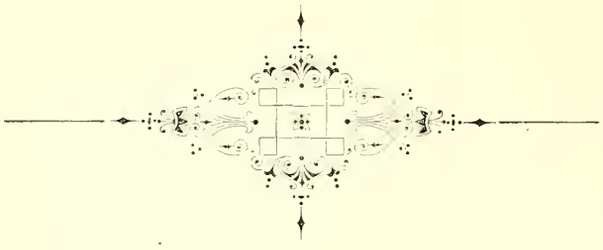
A. DE SOUZA E VASCONCELLOS.

GENTIL MULHER!

DEVERAS gentil aquella figura de mulher! tão gentil e tão elegantemente ataviada que se fossem assim as pastoras dos campos, por muito naturaes e justificados deveriamos ter esses amores de reis e fidalgos que ellas souberam captivar e render aos seus encantos, em tempos que já lá vão, segundo resam velhas historias. Esta, porém, não pensa em avassallar reis nem em vêr cair submissos a seus pés nobres e poderosos senhores, apezar das tendencias democraticas d'esta epocha que vamos atravessando. No entretanto, não é só nas suas ovelhas que ella pensa, não são só para ellas os seus cuidados e desvélos.

Não foi decerto para lhes levar de beber que ella soltou ao vento os seus formosos cabellos, poz na cabeça aquelle chapéo de palha e aquelles laços, e concertou as prégas do alvo lenço de cambraia com a garridice de quem sabe que em certos casos tão má é a demasiada avareza como a excessiva liberalidade.

Para que foi, então?... É esse o seu segredo. Talvez que um rapagão da mesma aldêa, alto, robusto e musculoso, de tez crestada pelo sol dos campos, de cabellos e olhos negros que se innundam de luz ao vêr a gentil camponeza, nol-o soubesse explicar.



Typographia de Christovão Augusto Rodrigues, rua do Norte, 145, 1.º

É UM MANDRIÃO

Typ. — Christovão Augusto Rodrigues.

A ARTE

GRÃO VASCO

—

ENSAIO HISTORICO E CRITICO

(Continuado de pag. 4)

III

Opinião commum, e de certo mui plausivel, que a viagem de João van Eyck pela peninsula, nos annos de 1428 e 1429, contribuira para vulgarisar o gosto da pintura flamenga, tanto em Castella, como em Portugal. O celebre artista brugelino veiu a Lisboa na comitiva do sr. de Roubaix, que Filippe, o *Bom*, duque de Borgonha, enviara como embaixador a el-rei D. João I de Portugal para solicitar a mão de sua filha a infanta D. Isabel.

A embaixada chegou a Lisboa a 18 de dezembro de 1428; e van Eyck tratou logo de se desempenhar da missão de que tinha sido encarregado, retratando a infanta. A 12 de fevereiro de 1429 era enviado o retrato para Flandres; e, emquanto não chegava a resposta do duque de Borgonha, que parece não quizera resolver-se sem examinar por copia fiel a formosura da noiva, foram o embaixador e a sua comitiva viajar por Castella e Granada. Em junho chegava a resposta affirmativa de Filippe, o *Bom*, e a 25 de julho o sr. de Roubaix recebia em Lisboa a infanta por procuração. No dia 8 de outubro regressaram a Flandres. [1]

Dizem que, emquanto van Eyck se demorara em Lisboa, damas e fidalgos disputavam á porfia a acquisição das suas obras. No inventario autographo de Margarida de Austria, de 1516, acham-se mencionados dous quadros de van Eyck offerecidos por Dom Diogo de Guevara á governadora dos Paizes Baixos. [2]

Em 1430, o papa Martinho V deu de presente a D. João II, de Castella, um triptyco pintado pelo famoso Rogero van der Weiden, discipulo de van Eyck. E esse triptyco juntamente com outras obras

[1] Copie du verbal du voyiage de Portugal, qui se feist de par feu mons.r le bon duc Phelippe de Bourgoingne en l'an mil quatre cens et vingt huyt, pour amener en ses pays de pardeça madame Elisabeth, infante du roy de Portugal, etc. sa compaigne. Vej. Collection de documents inedits concernant l histoire de la Belgique, publiés par L. B. Gachard. Bruxelles 1834, tom. 2.º, pag. 63.

[2] J. de Vasconcellos — Albrecht Durer e a sua influencia na peninsula. Porto 1877, pag. 93.

de pintores flamengos doou aquelle monarcha em 1445 á Cartuxa de Miraflores. [1] Outras casas religiosas começam por então a exornar os seus altares com paineis ou triptycos pintados em Flandres.

Se Pedro Christophsen ou Petrus Christus, successor dos van Eyck, não esteve, como alguns affirmam, na Peninsula, é certo que pelos seus quadros que para aqui vieram de Flandres, alguma influencia deveria ter nos pintores hespanhoes do seculo XV.

Dos mencionados quadros da Cartuxa de Miraflores se sabe por uma nota, extrahida do archivo, terem sido pintados por um João Flamengo, que uns suppozeram bem poderia ser Holbein, outros Memline, o que porém se não demonstra. Estudando com os pintores flamengos que por acaso viriam á Peninsula, estudando aqui as suas obras ou visitando as Flandres, formaram-se pintores distinctos, castelhanos de nação: Citoz, Gallegos, Sanchez de Castro, Antonio del Rincon, etc. [2]

Em Portugal, com quanto se não tenham conservado, como em Hespanha, memorias dos pintores dos seculos XV e XVI, deveremos todavia crêr que se introduziria com a mesma facilidade a arte flamenga. A exageração do sentimento religioso, a natural disposição para o mysticismo, a tenacidade com que os povos da peninsula por mais tempo conservaram os costumes da edade média, as relações politicas e commerciaes com as Flandres, o gosto e a cultura das artes que as riquezas da India e da America favoreciam, e finalmente a maior analogia dos estylos do oriente com o byzantino, do qual em linha recta procedera o estylo flamengo, tudo contribuia para a vulgarisação d'este ultimo, e para fazer querida e apreciada em Portugal a eschola brugelina que principalmente o representava.

Vinham de Flandres armas, tapetes, mobilia, trajos, etc. De lá vinham tambem esculptores e pintores. Olivel ou Oliveiro de Gand fez o retábulo da capella mór de S. Francisco de Evora, as cadeiras do côro e outras obras da egreja e claustro do convento de S. Francisco de Evora, e as cadeiras do côro da egreja de Thomar. [3] De todas estas obras não resta um só vestigio.

De documentos existentes na Torre do Tombo consta que el-rei D. Manuel encarregara, em 1518 ou 1519, Francisco Henriques de fazer as pinturas da Casa da Relação. Que vieram para o ajudar sete ou oito pintores de Flandres, os quaes todos morreram de peste. [4]

Em Thomar appareceu uma lapide com uma inscripção que cobria os restos mortaes de João Dralia, pintor flamengo. [5]

Era flamengo George van der Straten que em 1536 fez o retrato de D. Antonio, filho de D. João III. [6] Era-o tambem, segundo affirma Taborda, fr. Carlos que tomou o habito de S. Jeronymo em 1517 no convento do Espinheiro de Evora. [7] A esses nomes accrescentarei mais os de Antonio Moro e de Guillaume Belles, e finalmente os de Christovão de Utrecht e de Antonio de Hollanda. [8]

Com a influencia de Flandres concorria a de Allemanha, operando, de certo, no mesmo sentido, pela analogia do estylo e dos processos empregados n'aquelle tempo pelos pintores flamengos e allemães.

A parte importantissima que teve a feitoria portugueza em Antuerpia na vinda de pintores flamengos e allemães e das suas obras para Portugal, foi estudada pelo sr. Joaquim de Vasconcellos,

[1] D. Gregorio Cruzada Villaamil — Catalogo provisional, historial y razonado del Museo Nacional de Pinturas — Madrid 1865, pag. 215.

[2] Catalogo citado.

[3] Raczynski — Les arts en Portugal, pag. 220.

[4] Artes e Letras, 2.º anno, 1873, pag. 174.

[5] D'esta inscripção, inedita, deu uma copia ao sr. José Maria Nepomuceno em 1870 o fallecido Pedro de Roure Pietra. Li a primeira parte da inscripção que se segue, e é intelligivel. O resto parece não ter sido bem decifrado. «Ossa venerabilis pictoris Flandiensis Brugts oriundi Joannis Dralia hic requiescunt, etc.»

[6] Rackzynski — Op. cit. pag. 215 e 216.

[7] Idem, idem, pag. 127.

[8] J. de Vasconcellos — Albrecht Durer, pag. 43. De Belles suppoz Rackzynski que seria flamengo, mas sem provas.

que poude chegar a compôr um catalogo das pinturas e gravuras de Alberto Durer, que os nossos feitores adquiriram. Com quanto não viesse á peninsula este grande artista, as suas obras vulgarisaram-se tanto em Hespanha como em Portugal.

Em 8 de janeiro de 1523 el-rei D. João II agradecia a Gregorio Lourenço, veador do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, os dous retábulos que mandara fazer a mestre João Allemão para as duas capellas que estavam no cruzeiro da egreja. [1]

Wiriex, Hemessen, Masen pintavam em Portugal no reinado de D. João III. [2] Finalmente no theatro figuraram personagens adornados com trajos allemães. [3]

(Continúa).

A. FILIPPE SIMÕES.

AMOR JUNIOR

II

(Continuado de pag. 190 do 2.º vol.)

No dia seguinte, o estudante de Alcacer do Sal passeiava a sua paixão escholastica sob as arvores do largo das Almas, quando de repente lhe apparece, de phisionomia completamente transtornada, o photographo ambulante. Que se encontrava n'uma situação afflictissima, disse-lhe o retratista. Um agiota de Lisboa, a quem devia cem mil reis, sabendo que estava fazendo interesses em Setubal, caira sobre elle de chofre, tendo chegado no comboyo da manhã, para exigir-lhe o prompto reembolso de uma parte da divida. Que elle photographo se havia esquecido realmente de satisfazer as prestações estipuladas, que a mulher e os filhos gostavam muito de bifes, e que elle gostava não só de bifes mas tambem do moscatel de Azeitão. Que não tinha dinheiro algum de que podesse dispôr, e que o agiota queria retirar-se para Lisboa no comboyo da tarde, levando algum dinheiro. Sou um homem muito desgraçado! exclamava o photographo. E acrescentava: Portugal é um paiz perdido para os artistas. São todos como eu. (Referia-se certamente á pobreza, não ao moscatel e aos bifes).

O estudante ouviu-o tendo nos labios um sorriso de extranha superioridade, com as mãos nos bolsos das calças, enfunando-as á hussard. E perguntou ao retratista:

—O sr. viu alguma vez a *Cora* em D. Maria II?

—Vi, sim, respondeu promptamente o photographo. E acrescentou:—Uma só vez, sabe Deus com que sacrificio! para vêr o panorama do Mississipi, que me tinham gabado muito,—por amor da arte!

—Pois bem. Lembra-se como o Cesar de Lima fechava um acto?...

—*O senhor já viu alguma vez a Providencia? Pois a Providencia sou eu.* Parece-me que era isto.

—Exactamente. É essa a phrase, observou o estudante. Em Lisboa a Providencia é o Cesar de Lima; em Setubal, sou eu.

—O senhor!

—Eu mesmo, *me adsum.*

[1] Collecção de cartas de D. João III, da rainha, do infante D. Henrique e de outros para Fr. Braz de Barros, reformador e governador do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Copia ms. do sr. João Corrêa Ayres de Campos.

[2] Rackzynski—Op cit.

[3] Ruy de Pina—Chronica d'el-rei D. João II. Ineditos da Academia, tom. 2.º, pag. 126.

E tirou do bolso do frak todos os retratos que na vespera á noute havia podido encontrar sobre a mesa do *Hotel Escoveiro*, para que D. Enrique Saavedra os não visse. Mostrou-os ao photographo dizendo-lhe:

—Vê isto?

—Vejo. São os retratos da *senhorita Soledad*, como o photographo, no seu calão de circo, costumava chamar sempre á bella andaluza. Mas não comprehendo.

—Pois não comprehende! estranhou o estudante. Vae comprehender. Hontem á noute, estando nós a ceiar no *Hotel Escoveiro* e tendo os retratos de Soledad sobre a mesa, entrou inesperadamente D. Enrique Saavedra.

—Oh diabo! exclamou o photographo. E elle soube que sou eu quem os tiro?!

—Qual historia! Quando elle entrou, eu tive a idéa luminosa de apagar o candeeiro...

—Então não foi luminosa, exclamou o photographo já tranquillo, e contente de si, por ter feito um dito gracioso.

—É boa! exclamou o estudante, rindo estrepitosamente, e dando dous piparotes no estomago do photographo. Apanhou-a bem!...

—É que n'estas cousas de luz, um photographo entende sempre.

E riram de novo.

—Ora bem, continuou o estudante de Alcacer. Eu tive a escura idéa de apagar o candeeiro, e de procurar em cima da mesa os retratos de Soledad. Durante a viagem das minhas mãos por sobre a toalha, introduzi uma d'ellas dentro de uma chicara de café, e estive para partir uma garrafa. Mas, felizmente, pude apanhar todos os retratos. São estes.

O photographo começou a comprehender; sorria velhacamente.

—Hoje, continuou o estudante, todos os hospedes do *Hotel Escoveiro* irão a sua casa procurar retratos de Soledad, e o sr. venderá estes mesmos, exceptuando o meu, se quizer acceitar as condições que lhe vou propôr.

O photographo ouvia attentamente, com uma curiosidade cheia de pontos de interrogação.

—As condições são dar-me a commissão de vinte por cento em cada um d'estes retratos...

Nos labios do photographo passou rapidamente um movimento de despeito. Litteralmente traduzida, essa crispação quereria dizer: Ah! maroto, que me comeste!

Mas em voz alta:

—Vá feito.

—Espere lá,—continuou o estudante, que havia tres dias estava sem dinheiro.—o meu amigo ainda não pensou na possibilidade de ir alguem a Lisboa mandar copiar qualquer d'estes retratos, de modo a poder-se reproduzir o *cliché* por um preço muito inferior a 1$500 reis o cartão?

—Sim... lá isso... mas a despeza do caminho de ferro?... e o incommodo?... e sobretudo... o ter que ausentar-se da senhorita Soledad, deixando o campo livre ao inimigo!

Esta ultima advertencia do photographo tinha visivelmente por fim ferir a corda sensivel do coração do estudante, que se deu pressa em responder:

—Ora o meu amigo excede na arte de não saber photographar o proprio Marcel das *Scenas da vida da bohemia* (era o livro predilecto do estudante) que tirava retratos aos granadeiros de Paris com a similhança garantida por um anno. A imagem das suas photographias só pode ser garantida por quinze dias, o maximo. Portanto, d'aqui a oito dias, estes retratos estarão completamente apagados, o meu amigo terá novas encommendas, e eu continuarei a receber a commissão de vinte por cento, com direito a um retrato gratuito.

O photographo transigiu, pactuou. O estudante entregou-lhe os retratos de Soledad, que n'esse mesmo dia foram vendidos aos seus admiradores—pela segunda vez.

No dia seguinte, o photographo ia, com o producto d'esta receita inesperada, fazer uma patusca-

da a Azeitão, levando comsigo a mulher, a sogra, e os pequenos. O agiota de Lisboa tinha sido uma fabula inventada pelo desejo com que o photographo accordára de dar um rega-bofes a toda a familia. E o estudante habilitava-se a comprar ao feitor de uma quinta de Brancannes um bello ramo de flores com que correra a presentear Soledad, por isso que, *inopia pecuniae*, se havia deixado preterir n'este genero de galanteria idyllica.

D. Estanislada estava inteiramente restabelecida. O cirurgião ajudante de caçadores 1 fôra felicissimo na prompta applicação de um copinho de genebra de Hollanda, que pôde quebrantar os impetos do peixe-espada no estomago da afflicta senhora. *És usted un doctor completo!* dizia ao outro dia D. Enrique Saavedra ao cirurgião, passeiando com elle na praia, e impingindo-lhe a centessima edição da historia oral dos acontecimentos de Hespanha. E como o doutor caisse ingenuamente em dizer que andava fazendo estudos sobre a historia da poesia revolucionaria na peninsula—o doutor era a esse tempo o sexto republicano que havia em Portugal—, D. Enrique Saavedra começou a repetir-lhe, com uma facundia verdadeiramente hespanhola, varias quadras *callejeras*, como elle dizia, taes como estas:

Ay qué risa, qué risa, qué risa
Que Amadeo lo he visto en camisa!
Ay salero, ay salero, ay salero,
Que á Amadeo lo he visto yo en cuero!

Si nos cumplen la palabra
Zorrilla, Rivéro y Martos.
Le pondrémos á Amadeo
El passaporte en la mano.

Entretanto, D. Estanislada, Soledad, e o grupo dos admiradores da bella andaluza haviam-se encaminhado para o passeio da Praia de Troino, que a camara municipal havia mandado fazer tres annos antes. O arvoredo, as paredes de verdura que orlam as avenidas irradiadas do lago ainda não tinham então a altura nem a espessura que teem hoje, e que fazem d'aquelle recinto um lugar sobremodo aprazivel para uma tarde de verão. Mas já era bastante convidativo o local, e a grande serenidade do Sado punha no horisonte da paizagem uma vaga doçura inexplicavel.

O sueco sentia-se bem deante do aspecto grandioso das aguas do rio, e do mar que se avistava ao longe. Era, em toda a sua pujança, n'esse momento, um homem do norte, habituado a vêr os grandes rios e os grandes lagos, sem se arripiar de frio, graças ao habito do clima septentrional e... ao kirsch. Como Soledad parasse ao pé do lago para lhe atirar uma pedrinha, que desappareceu descrevendo á superficie da agua ondulações concentricas, o sueco disse-lhe, na sua linguagem arrevezada, que se ella visse o lago Moelar, em Stockholmo, semeado de pequenas ilhas, ficaria verdadeiramente encantada, e baixo, ao ouvido, acrescentou: *Senhora poderr irr comiga, se querr casa mim.*

Como fosse o sueco quem n'essa tarde parecia ter adeantado terreno, os outros iam despeitados, e alguns, n'um grupo, faziam troça e iam chasqueando das suas calças curtas, das suas grandes botas rugosas, do seu passo de pachiderme, e da sua *gaucherie* amorosa. O conselheiro Antunes, fallando com D. Estanislada, aconselhava-lhe que para a outra vez se abstivesse do peixe-espada, que na sua opinião era muito reimoso.

Chegados á beira do rio, Soledad sentou-se, poz os olhos na corrente plácida do Sado, e tirou da sua alma de andaluza um suspiro que mandou ao Guadalquivir. Explicou ao sueco que a cidade de Sevilha ficava na margem do Guadalquivir, um bello rio, o mais formoso de todo o mundo! exclamou ella n'uma arrojada hyperbole hespanhola. O sueco sentiu-se ferido na corda do patriotismo, e replicou: *Nó! nó!* E procurou justificar a negativa citando os principaes rios da Scandinavia, enumerando o *Tornea*, o *Lulea*, o *Pitea* e o *Umea*. E o estudante, troçando, acrescentou do lado, com ruidoso applauso dos circumstantes, e com a rapidez de quem está declinando nomes latinos: E o *Gelea*, o *Gouvea*, o *Obrea* e o *Lamprea*.

O sueco fez-se encarnado como uma cereja, sem perceber ao certo senão que estavam rindo d'elle,

e Soledad vibrou uma gargalhada sonora como um tinido de crystaes, que se houvessem encontrado na sua garganta.

Era que o estudante de Alcacer estava verdadeiramente desesperado. N'esse mesmo dia em que havia ido comprar um *bouquet* a uma quinta, a cuja porta um grande cão arremettera contra elle ladrando encolerisado, n'esse mesmo dia em que tivera a vantagem de só elle offerecer flores, e a contrariedade de arrostar as iras do cão, via-se preterido pelo sueco.

O estudante procurou desesperadamente no seu espirito uma idéa salvadora, que podesse restituir-lhe a importancia que visivelmente ia perdendo. Queria a todo o custo deslocar o sueco da bella posição em que se encontrava, e pretendeu despertar na alma enthusiastica de Soledad as tendencias devaneadoras que por vezes se caracterisavam n'uma intermittencia de romantismo. Propôz um passeio ao oratorio de Mendoliva, um sitio poetico, na encosta da serra de S. Filippe, quasi á beira-mar. Com effeito, o espirito da bella andaluza exaltou-se promptamente. Ella não sabia o que era Mendoliva, nem qual fosse a belleza d'esse local. Mas o seu delicado instincto de mulher e de andaluza adivinhou que se tratava de uma tradição romantica, de uma legenda nacional, e abraçou o alvitre.

O estudante delirou de alegria, julgou-se victorioso.

D. Estanislada perguntou a que distancia ficaria o oratorio. Indicou-lhe a direcção o rapaz de Setubal, aquelle por quem a Sequeira estava bebendo anti-hysterico todas as noutes. O alferes e o tenente de caçadores affirmaram que o sitio era delicioso. Mas o conselheiro Antunes recordou a D. Estanislada o preceito da eschola de Salerno:

Post prandium sta, post coenam ambula,

e aconselhou-lhe que ficasse, que elle lhe faria companhia, *com muito gosto e muita honra* — palavras suas —, *minha senhora*. D. Estanislada acceitou a advertencia — por causa do estomago, mesmo porque, apezar dos graves acontecimentos da vespera, não podera resistir n'esse dia á tentação do peixe-espada.

Partiu em direcção ao oratorio de Mendoliva o alegre rancho da bella andaluza e dos seus cavalleiros *servientes*. O caminho, á beira mar, é em verdade delicioso. O sol, n'uma grande explosão de luz, lançava sobre o mar uma chuva de ouro. Manchas encarnadas, de um colorido á Rubens, punham no horisonte uns tons de purpura, que davam ao sol uma magestade olympica, como as cortinas de um throno asiatico. Chegaram com effeito ao local da antiga ermida de S. Braz, onde em outro tempo um soldado portuguez se elevou em extasis de asceta, havendo trocado a espada pelo habito.

Soledad gostou muito, comprehendeu a vaga poesia que se respirava ali, e pediu ao estudante a legenda do sitio.

Pobre estudante! Viu-se entalado, sem saber como havia de tirar-se d'aquelle mau passo. Concluiu por dizer que o sitio não tinha legenda. Foi um golpe de espada de Alexandre. O alferes e o tenente de caçadores 1 foram da mesma opinião: que o sitio não tinha legenda. O proprietario das Alcaçovas acrescentou com uma rudeza brutal que não podia ser assim: que *Mendoliva* havia por força de dizer alguma cousa. O morgado de Reguengos accudiu em auxilio do patricio, pela honra do Alemtejo: que *Mendoliva* havia de ter uma significação qualquer. Então o jornalista, que se havia conservado callado, com um sorriso de ironia nos labios, pôz-se em evidencia: disse que o chronista Ruy de Pina contava que Mendo Gomes de Seabra fôra um cavalleiro do tempo de D. João I, que, mais tarde, já depois do desastre de Tanger, se apartára do mundo, ermando ali, e que, passados annos, fundára o mosteiro do Alferrara.

O estudante estava desesperado, apopletico de colera: observou, completamente allucinado, que o jornalista estava confundindo Mendo Gomes de Seabra com D. Nuno Alvares Pereira, que fôra

quem depois de ter militado nos exercitos de D. João I resolvera vestir o habito monastico, e que provavelmente o povo setubalense confundiu os dous individuos na mesma lenda.

O jornalista despeitou-se, e perguntou ao estudante se elle já havia feito exame de historia portugueza. O estudante respondeu insolentemente: que sim, mas que talvez a tivesse desaprendido lendo os jornaes. O jornalista perguntou se se referia ao jornal de que era redactor. E o estudante, querendo nivelar-se á altura de um Cid campeador perante a bella andaluza, respondeu que não podia referir-se a outro jornal, visto que o seu redactor confundia Mendo Gomes de Seabra com D. Nuno Alvares Pereira. O jornalista ainda avançou para o estudante, mas o proprietario das Alcaçovas deitou-lhe a mão ao braço, como na vespera havia deitado as mãos ás guelas do sueco.

Soledad acompanhou com os seus bellos olhos penetrantes todos os episodios d'este conflicto. Comprehendeu perfeitamente tudo o que se havia passado, e quiz dissipar a nuvem negra que subitamente se formára. Lembrou que o sitio era encantador, que convidava á poesia, e pediu ao estudante que recitasse uns versos. O estudante desculpou-se, que estava indisposto, que se não lembrava de versos nenhuns. Ella insistiu, com imperiosa meiguice. Que não, que não podia, tornou o estudante. Soledad redobrou de instancias. O estudante, com as faces rubras como papoulas e os olhos congestionados, teve que ceder e começou a recitar, com uma precipitação colerica:

As flores d'alma que se alteiam bellas,
Puras, singelas, orvalhadas, vivas,
Têm mais aromas, e são mais formosas,
Que as pobres rosas, n'um jardim captivas.

Completamente fóra de si, fez uma longa pausa, procurando visivelmente lembrar-se da segunda quadra. Depois ia continuar com igual precipitação:

Sol bemfazejo lhes aquece a chamma

e, olhando n'este momento para o jornalista, viu que elle sorrira. Sem mesmo perceber que se havia enganado, e dito uma tolice, o estudante exclamou: «Oh! é de mais!» Subitamente, Soledad levantou-se e disse com uma gravidade que ninguem podia decerto esperar: *Caballeros, hagan usteds favor de acompañarme.*

Seguiram-n'a todos, n'um cortejo silencioso. Mas, poucos passos andados, Soledad desfechou uma gargalhada cristallina, e, voltando-se para D. Ramon Mendoza, declamou com ares mysteriosos, com uma graça verdadeiramente andaluza:

El ruido
Cesó,
Un hombre
Pasó
Embozado,
Y el sombrero
Recatado
A los ojos
Se caló.
Se desliza
Y atraviesa
Junto al muro
De una iglesia
Y en la sombra
Se perdió.

D. Ramon immediatamente respondeu com o proprio *Estudiante de Salamanca*, dando á sua voz a nota melodramatica, e alludindo graciosamente á pendencia dos dous:

> ... á fé mia,
> Que estoy resuelto á mataros
> Y no alcanzara á libraros
> La misma vìrgen Maria.

As gargalhadas eram estrondosas, colossaes; o estudante, tendo dado o braço ao alferes de caçadores, dizia-lhe a meia voz, cheio de colera: «O que elle não sabe é que tem de se bater commigo! Por força!»

Sairam-lhes ao encontro D. Estanislada e o conselheiro Antunes, aos quaes se haviam juntado D. Enrique Saavedra, e o cirurgião ajudante de caçadores 1.

— É bonito? perguntou D. Estanislada á filha, em hespanhol, ainda a certa distancia.

— Formosissimo! respondeu Soledad.

— Sabes tu! disse D. Estanislada, temos aqui um grande cosinheiro, e indicou o conselheiro Antunes. Iremos amanhã comer uma grande caldeirada... aonde?... como se chama aquillo? e apontou para a outra margem do rio.

— Troia, respondeu o conselheiro com a gravidade de um Páris de cincoenta annos.

— Excellente! commentou o morgado de Reguengos. As laranjas, essas, ficam por minha conta.

— Havemos de bater-nos, por força, tornou o estudante a dizer a meia voz ao alferes de caçadores.

(Continúa).

ALBERTO PIMENTEL.

É UM MANDRIÃO!

—

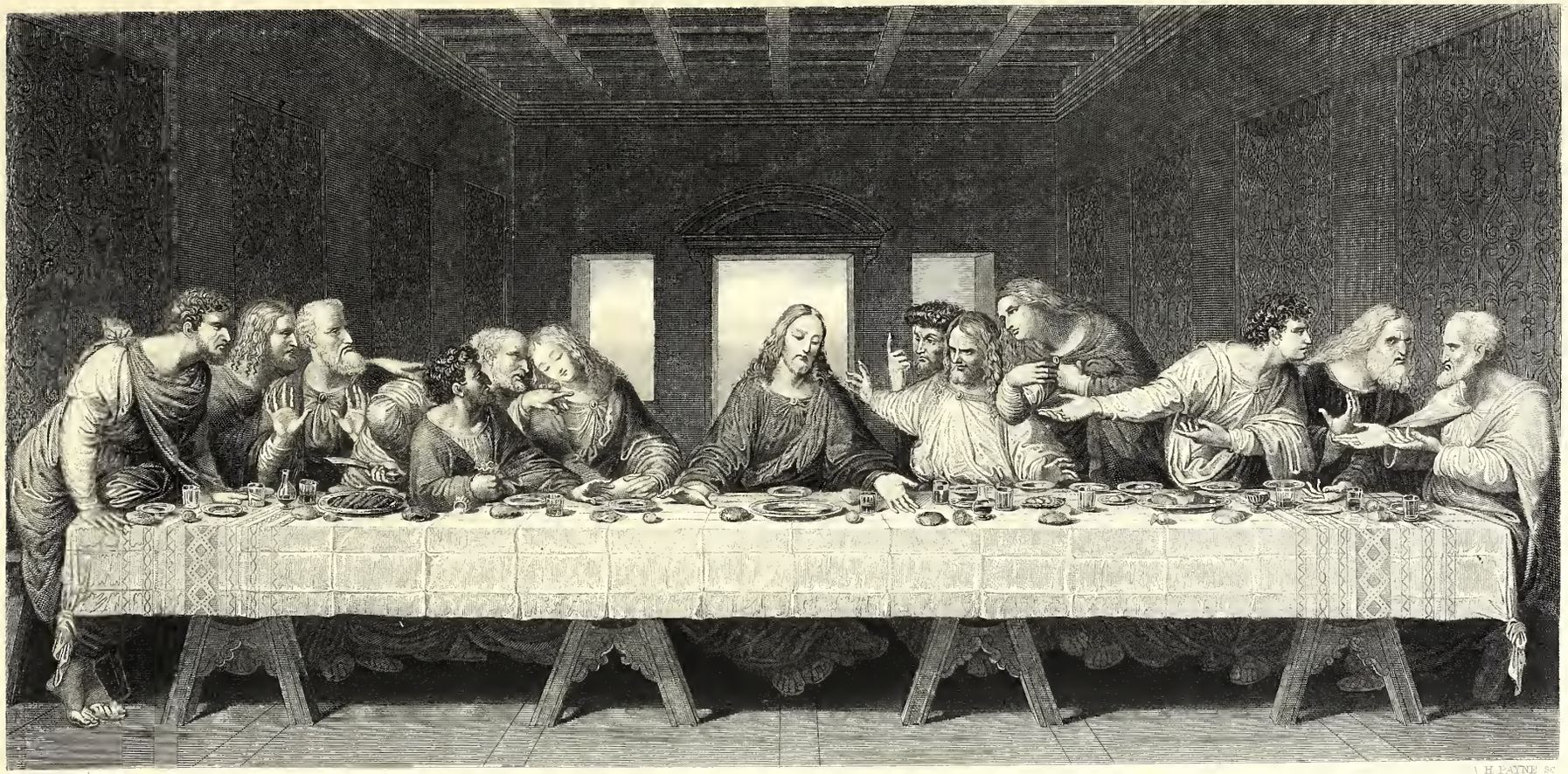
Um mandrião! nunca d'aquillo se ha de fazer homem que preste!

Amarga e desanimadora devia ser para aquelle pae esta sentenciosa resposta do velho mestre-eschola! Pobre pae! porque conheceste no decurso da tua trabalhosa vida quanto é triste a ignorancia, quizeste furtar a ella teu filho, para que elle um dia mais abençoasse a tua memoria! Era esse o teu sonho mais querido, e Deus sabe se alguma vez chegaste a pensar ousadamente na possibilidade de que o rapazinho viesse a ser padre, medico, advogado ou cousa assim muito outra do mister em que te creaste e que sempre foi o teu ganha pão!? Tinhas visto outros de não mais nobre estirpe conquistar pelo estudo uma posição importante na sociedade, subir até aos mais elevados cargos publicos. Não era, portanto, milagre que teu filho chegasse a taes alturas.

O pequeno, porém, é que nunca pensou n'isso, nem tem ambições taes. O que elle quer é trepar ás arvores em busca dos ninhos, correr, saltar, e jogar a cabra-cega e a pedrada com os da sua egualha. Em livros não lhe fallem. Tem-lhes horror, e detesta tanto a eschola quanto odeia o mestre.

Mas o tempo corre; os annos hão de fugir velozes, e com elles fugirão tambem esses teus dias descuidosos da infancia, meu rapaz! Então, quando já fôres um homem, chegará para ti a hora do arrependimento e maldirás a tua cegueira de hoje. Será tarde, porém.

R.



VINCI pinxt. J. H. PAYNE sc

A CÊA DO SENHOR.

DIVISÃO TERRITORIAL E CONDIÇÃO DOS POVOS DA PENINSULA IBERICA SOB O DOMINIO ROMANO

I

ABRINDO a *Historia Natural* de Plinio, e procurando a parte relativa á peninsula iberica, encontraremos que no primeiro seculo da nossa era se conheciam as designações de *Hespanha ulterior* e *Hespanha citerior*. Constituia esta a provincia *Tarranense*, e subdividia-se aquella em duas provincias: *Lusitania* e *Betica*. [1]

Comprehendia a provincia Tarraconense sete conventos, [2] compostos de doze *colonias;* treze *cidades de cidadãos romanos;* dezoito de *antigos latinos;* uma de *federados;* cento e trinta e cinco stipendiarias, além de duzentas e noventa e tres *contributas*, isto é, tributarias de outras. [3]

A Lusitania continha tres *conventos*, [4] que abrangiam quarenta e cinco povos, nos quaes estavam incluidas cinco *colonias*, [5] um *municipio de cidadãos romanos*, tres *cidades de antigos latinos* [7] e muitas outras *stipendiarias*.

Havia na Betica quatro conventos *juridicos*, contendo cento setenta e cinco cidades, nove das quaes eram *colonias;* dez *municipios de cidadãos romanos;* vinte e sete privilegiadas com o *direito antigo latino; livres* seis; *federadas* tres; *stipendiarias* cento e vinte. [8]

O celebre naturalista conclue uma das suas minuciosas descripções com este periodo, em que o vago da expressão tem dado motivo a interpretações differentes: *O imperador Vespasiano Augusto, inquietado pelos tormentos dos negocios publicos, concedeu a toda a Hespanha o direito do Lacio.* [9]

Claramente se vê n'esta phrase: *inquietado pelos tormentos dos negocios publicos* — a justificação de um acto fóra do commum; mas seria inspirado pelo sentimento de justiça, ou arrancado pela força

[1] In eo prima Hispania terrarum est, ulterior appellata. Eadem Baetica. Max á fine Murgitano citerior, eademque Tarraconensis ad Pyrenaei juga. Ulterior in duas per longitudinem provincias dividitur, siquidem Baeticae latere septentrionali praetenditur Lusitania, anne Ana discreta. Plin. Hist. Nat. (Edic. de Detlefsen, Berlim, 1856) L. 3.º sect. 2.ª (pag. 128, 129).

Todas as nossas citações de Plinio referem-se a esta edição, que passa por ser uma das melhores; modificamos-lhe, porém, a pontuação para lhe tornar a versão mais facil.

[2] Nunc universa provincia dividitur in conventus septem Carthaginensem, Tarraconensem, Caessarangustanus, Cluniensen, Asturum, Lucensem, Bracarum. Id. Liv. 3.º sect. 4.ª (pag. 132).

[3] Civitates provincia ipsa praeter contributas aliis CCXCIII continet; oppida CLXXVIIII, in iis colonia XII, oppida civium Romanorum XIII, Latinorum veterum XVIII, foederatum unum, stipendiaria CXXXV. Id. ib.

[4] Universa provincia dividitur in conventus tres, Emenitensem, Pacensem, Scalabitanum; tota populorum XLV, in quibus coloniae sunt quinque, municipium civium Romanorum, Lati (?) antiqui III stipendiaria XXXVI. Id. lib. 4.º sect. 53 (pag. 192).

[5] Coloniae; Augusta emerita (Merida) Anae fluvio adposita, Metellinensis (Medellin), Pacensis (Beja), Norbensis, Caesariana cognomine (Caceres). Contributa sunt in ea castra Servilia castra Caecilia. Quinta est Scalabis (Santarem) quae praesidium Julium vocatur. Id. ib.

[6] Municipium civium Romanorum Olysipo (Lisboa), Felicita Julia cognominatum. Id. ib.

[7] Oppida veteris Lati Ebora (Evora), quod idem Liberalitas Julia, et Myrtilia (Mertola) ac Salacia (Alcacer do Sal).

[8] Juridici conventus ci IIII, Gaditanus, Cordubensis, Artigitanus, Hispalensis. Oppida omnia numero CLXXV. In iis coloniae VIIII, municipia c (*ivium*) R (*omanorum*) x. Latio antiquitus donata XVII, libertatae VI, foedere III stipendiaria CXX. Id. liv. 3.º sect. 3.ª (pag. 129).

[9] Universae Hispaniae Vespasianus imperator Augustus jactatum procellis rei publicae. Latium tribuit. Id. Liv. 3.º sect. 4.ª in fine. A traducção de que nos servimos é do sr. Gabriel Pereira (*Fragmentos relativos é historia e geographia da peninsula iberica*, pag. 20), que não nos satisfaz, mas que tambem não sabemos fazer melhor.

dos acontecimentos? Divergem as opiniões; [1] no entanto, seja qual fôr a que se adopte, em nada fica alterada a importancia do facto: resultado da necessidade ou da benevolencia, é certo que desde então ficou esta parte do imperio n'uma condição privilegiada. E esse privilegio qual era? Que vantagem tinham as cidades de *direito latino?* Em que se differençavam as *contributas* das *livres*, as *stipendiarias* das *federadas?* Que modificação exprime o adjectivo *antigo* ligado ao substantivo *latino?* O que era uma *colonia?* um *municipio?* A palavra *convento* o que significa?

Decerto que estas interrogações accudirão de tropel ao pensamento a primeira vez que se nos depara tão estranha linguagem; vocabulos quasi todos conhecidos, mas que nada representam, nada revelam, se os tomarmos no sentido usual. É que a acção do tempo, modificando pouquissimo, e ás vezes nada, as palavras, transforma completamente as idéas que lhes correspondem. Das varias significações que damos actualmente á palavra *colonia*, nenhuma quadra ao justo com a que tinha no tempo de Plinio; a combinação d'estas duas palavras: *cidades estipendiarias*—é hoje um verdadeiro enigma, que absolutamente carece de explicação. Não ha similhança entre os modernos estados federados e a *cidade federada* dos romanos; comtudo, se acompanharmos as successivas transformações de significado, operadas no decurso do tempo, e resultantes do desenvolvimento do organismo social, encontraremos, por fim, n'uma civilisação já extincta, a origem remota das designações modernas.

Sendo a transformação a que alludimos consequencia necessaria do desenvolvimento social facilmente se comprehende como só no transcurso de um largo periodo se notam as differenças. Não se realisa a mudança de repente, mas sim em virtude de modificações successivas. No mesmo assumpto de que nos occupamos poderemos escolher um exemplo. Seja a palavra *provincia*.

Antes de proceder a esse estudo convem notar desde já, como esclarecimento, que se fizeram na peninsula iberica tres divisões territoriaes, em differentes epochas, [2] e marcando cada uma d'ellas um systema politico diverso: a republica democratica, o cesarismo e o absolutismo. [3] A cada uma d'es-

[1] Veja-se um artigo do professor de Vienna o sr. Otto Hischfeld, ácerca da historia do direito latino, e publicado na «Revista de legislação, do direito e da jurisprudencia,» 4.º vol. (de pag. 283 a 308). Ahi se lê, que segundo uns (Nipperdey e Zumpt), não se deve considerar aquella phrase como justificação de um acto louvavel, mas como desculpa de uma concessão arrancada pela necessidade dos tempos; emquanto que o auctor do artigo, ponderando que Plinio de certo a não teria apresentado de similhante modo em uma obra dedicada ao filho do imperador, explica diversamente a phrase em questão. Havendo-se concedido o direito latino a paizes barbaros, em consequencia das agitações succedidas pouco tempo antes (no anno 69), entendeu Vespasiano, que com muita maior razão deveria ser dado á Hespanha, o que não era senão voltar á antiga praxe, em virtude da qual similhante privilegio sómente se concedia á Italia e paizes limitrophes, incluindo as antigas provincias de Hespanha e da Africa. Ha ainda quem dê a esta passagem uma interpretação que leva a opinião differente: *Jactatum procellis reipublicae hoc est, lege Julia, quae de civitate sociorum lata fuit, ex Italia expulsum promotumque in provincias partium occidentis* (Rudorff). Um distincto historiador moderno, sem pretender interpretar a phrase, tão discutida pelos eruditos, explica, todavia, este ponto obscuro, lançando uma rapida vista sobre a situação politica do imperio: *Galba tinha concedido o* jus latii *á maior parte da Gallia; Vespasiano tornou-o extensivo a toda a Hespanha. Desde que a Italia desapparecia, era acto de justiça, e de prudencia, interessar na causa do imperio as provincias mais romanisadas. Havia pouco, um gaulez, Vindex, desthronara Nero, e um outro, Antonius Primus, abrira as portas de Roma a Vespasiano: vinte annos mais tarde começará a dynastia hispano-gaulez, chamada dos Antoninos* (Duruy. Hist. des Rom. Paris, 1874, tom. 4.º, pag. 194).

[2] Parece desnecessario advertir, que nos referimos sómente a divisões determinadas por mudança no systema de governo, pondo de parte as que se fizeram por conveniencias administrativas, e das quaes só restam memorias escassas, ou duvidosas. Podem vêr-se algumas d'ellas em Rezende, *De antiquitatibus Lusitaniae, Conimbricae*, 1792, tom. 1.º

[3] Os caracteristicos d'este systema são: no primeiro a intervenção directa do povo nos negocios publicos; no segundo a concentração das attribuições exercidas por diversos magistrados no chefe do estado, que as exerce em virtude de uma supposta delegação do povo; no terceiro o chefe do estado exerce o poder supremo e illimitado, não por delegação do povo, mas por direito proprio, o qual transmitte em herança.

Seria curioso, e ainda muito mais instructivo que curioso, estudar até que ponto a *divisão dos poderes* contribuui

sas mudanças corresponde tambem uma transformação completa no systema de governo provincial. Se proseguissemos em explicações seriamos forçosamente arrastados para muito longe do fim a que nos propômos; limitar-nos-hemos, pois, áquella simples indicação, que julgamos necessaria para melhor comprehensão do que vamos expôr, e passamos a averiguar as transformações que soffreu a significação da palavra *provincia*.

A principio significava apenas um commando militar, [1] e assim foi que no anno 536 de Roma (218 ant. de Chr.), sendo consules T. Sempronio Longo e P. Cornelio Scipião, veio a Hespanha, como delegado d'este, seu irmão Cneio Cornelio Scipião, para debellar os carthaginezes. [2] Expulsos estes da peninsula, e apoz alguns annos em que differentes generaes romanos se occuparam de contrahir allianças e reprimir sublevações dos povos ibericos, [3] crearam-se em Roma, no anno 557 da fundação da cidade (197 ant. de Chr.), mais dous pretores, destinados a estabelecer limites, organisar e governar as duas provincias em que foi dividida a Hespanha: *citerior e ulterior*. [4]

Começou desde então a palavra provincia a tomar-se como expressão geographica, significando —*um territorio extra-italico, submettido pela guerra ao poder romano, dotado de uma organisação provincial, governado por um magistrado de Roma e tributario*. [5]

Mais tarde foi esta significação um pouco modificada, comprehendendo-se na mesma expressão não só o territorio submettido pela força, mas tambem o adquirido por uma doação, ou por simples occupação, e mesmo os reinos tributarios. [6]

Cumpre, todavia, notar, que a antiga significação continuou ainda por muito tempo conjuncta-

para o estabelecimento do cesarismo em Roma, ao passo que, nos estados modernos, a maior ou menor somma de liberdade, depende exactamente do modo por que se realisa a *separação dos poderes*. Escrevemos de proposito *divisão de poderes* com referencia á primeira epocha, e *separação de poderes* relativamente á ultima, para marcar bem a differença do mesmo principio em uma e outra; differença enorme, e da qual procede o contraste que procuramos fazer notar. Explicar no que ella consiste seria muito proprio de um trabalho sobre direito publico, mas ficaria talvez um pouco deslocado em um modesto artigo de historia. Diremos sómente que a separação de poderes, creação do moderno direito publico, segue um processo rigorosamente scientifico: attendendo-se á natureza dos diversos serviços publicos, separam-se em grupos differentes os actos relativos a cada um d'elles, constituindo esses agrupamentos homogeneos um conjuncto de attribuições inseparaveis. Não assim a divisão dos poderes, como os romanos a praticavam, que era puramente arbitraria. Pertencia a uma magistratura um certo numero de attribuições judiciarias e administrativas, por exemplo, emquanto que outra parte das mesmas attribuições pertencia a outra, independente d'aquella. Como similhante meio não era adequado ao fim que se procurava de garantir a liberdade, antes, pelo contrario, serviu muitas vezes de instrumento de vingança aos chefes de partido, dando em resultado a agitação das facções e as guerras civis, tornou-se necessario, por fim, dar ao poder a unidade necessaria á sustentação da ordem. D'essas circumstancias, e não da habilidade politica de qualquer homem, nasceu o cesarismo, que embora trouxesse em si o germen do absolutismo, causa da decadencia, comtudo, no momento em que se instituiu foi mais do que um progresso, foi uma necessidade.

[1] Ea fuit causa cur proximo anno C. Poetilius Balbus consul, quum collegae ejus M. Favio Ambusto Hernici provincia evenisset, adversus Tiburtes jussu populi exercitum duceret. (Liv. 1 edic. da bibliotheca Nisard) l. 7, c. 11. Ib. l. 9, c. 11. Tomava-se tambem esta palavra na accepção de um conjuncto de attribuições inherentes a uma magistratura, ou cargo: Eadem ob causam opera optimatibus data est, ut provinciae futuris consulibus minimi negotii, id est, silvae calesque decernerentur. Suet. Cer. 19. Edic. Garnier Freres. Paris, 1865.

[2] Liv. l. 21, c. 60.

[3] Lib. l. 28 a 31 *passim*.

[4] Sex praetores illo anno primum creati, crescentibus jam provinciis, et latius patescente imperio (Il. l. 32 c. 27 *in fine*). Hispaniam Sempronius citeriorem, Helvius ulteriorem est sortitus. (Il. c. 28). Inde primum apud Romanus ortus mos, in Hispaniam, gentibus divictis, magistratus annuos mittendi, panlo ante centesimam quadragesimam quartam Olympiadem: qui jam pacen praeessant provinciae, eamque constituerent. App. De reb. hisp. 38 (Edic. de Schweichaenser, Lipsiae 1875).

[5] Willems. Droit public romain. 3.ª edic. Louvain 1874, pag. 407. Hondoy. Le droit municipal chez les romains. Paris 1876, pag. 88.

[6] Willems, loc. cit. pag. 215 n. 8.

G. Cederström
EVALD HANSEN

mente com a nova; e tanto, que já depois d'aquella divisão, durante a guerra da Macedonia, foram as duas provincias reunidas em um só commando, sendo mais tarde novamente separadas. [1]

Parece poder affirmar-se, que em todo o periodo republicano, e mesmo nos primeiros tempos do imperio, usaram-se indistinctamente ambas as accepções; assim o auctorisa a suppôr a divisão que o senado fazia das provincias em pretorianas e consulares, dando, em regra, aos consules o commando das que ainda se achavam em via de conquista, e aos pretores o governo das já pacificadas. [2]

(Continua).

DELPHIM D'ALMEIDA.

OS QUICHOTES

I

Viram, cheiraram tudo, encheram-se a preceito
D'esse enorme saber, dogmatico e escorreito,
Que verdeja o primor nos cimos das lombadas,
Como as couves no alfoufe e os cachos nas latadas.
Sabem tudo quanto ha,—e o que não ha, por cima:
O mouro, o thibetano, o cafre; e a prosa e a rima
Fraldejam-lhe ao redor, submissas e trementes,
Promptas, a um gesto seu, a dar com pés e dentes
Nos chilros com bolor, ratões de mona e masso;
Todo o passado é chôcho; o insipido bagaço
Que elle á patria legou contaminou-a em tudo.
É preciso dar nervo e orientar o estudo,
Reger o pensamento, alçapremal-o bem,
Disciplinal-o, emfim, nutril-o, ser-lhe mãe,
Dar-lhe nús a chuchar os úberes leitosos
Que engordaram Zolá,—e uns picaros gulosos!

II

Ó vates do lyrismo, ó sempre ethereos bardos
Que teimaes em cantar o firmamento e os nardos,
Os balsamos e a luz, o amor, e inda outras pêtas;
Vêde agora fulgir, quaes rubidos comêtas,
Esses, que, em vez de lyra, empunham sobranceiros
Os rudes serpentões dos arraiaes brégeiros.
Isto sim; pois então a sociedade nova
Faria o seu *têm-têm* ao som de qualquer trova
Empapada em rosaes?...—uma infantil chimera,
Um constante arrulhar em plena primavera!

[1] Q. Aelio, M. Junio consulibus de provinciis referentibus censuere Patres, duas provincias Hispaniam rursus fieri, que una per bellum macedonium fuerat... Cn. Fulvii Hispanica citerior, C. Licinii Nervae ulterior. Liv. l. 45, c. 16.

[2] Labatut. *Hist. de la preture.* Paris 1868, pag. 240 e 241.

Não; deixae-os brandir a clava poderosa,
Escalavrar o metro, assassinar a prosa,
E ao senso trivial fazer bloqueio em regra:
Um malabar de feira, intruja...mas alegra.

III

E assim vae tudo agora em derrocada immensa;
O trabalho gigante, a remontada crença,
A fé que a mente accende, a audacia proba e honesta,
O insano labutar na onda e na floresta,
Nos páramos sem fim da vasta natureza,
Em procura do bem, do justo e da belleza;
Todo esse afadigar por tanto dia e noute,
Mourejar na galé, sentir na face o açoute
Do rijo vendaval, do monstro que se infamma,
E proseguir na rota, e ser Colombo e o Gama
Nas amplas solidões de nenhum lenho aradas;
Pois bem, todo esse ardor, as luctas desusadas,
Descobrir, conquistar, galgar, fender os montes,
Recuar para longe os negros horisontes,
Vêr a gloria surgir, crescer, ganhar em vulto,
E illuminar, sorrindo, o que era grande e occulto,
Tudo isso ha de cair no tremedal dos zotes,
Ás lançadas crueis d'uns pandegos Quichotes.

IV

E d'onde é que elles vem, os taes de lança em riste?
Onde foram colher o engenho, a graça, o chiste,
A sabença, a verdade, a ultima palavra?
Tirem dos seus graneis o que é da propria lavra,
Mostrem ao mundo absôrto a nata dos portentos,
Ponham-na á luz do sol, cantem-n'a os quatro ventos.
Mentira! A *evolução*, essa farfalha ôcca,
Não é mais de que um som, a andar de bôcca em bôcca
Muito senhor de si, com laivos de pedante;
Pois o transumpto vil do charro e do bargante,
A copia do aleijão, da sordida torpeza,
Da lascivia brutal, de quanto a natureza
Pode conter em si de mais protervo e abjecto,
Pois isso é o novo bello, esse ideal correcto
Que andaes a apregoar, vergonha dos dentistas?
E chamar-se isto eschola,—um bando de farcistas
Que o sacro templo da Arte alcunha d'obsolecto,
E erige um lupanar ao pé de um Lazareto!

V

O sombras immortaes, ó genios deslumbrantes,
Que traçaveis no azul as pombas e os gigantes,
O encanto divinal e o supercilio fero,
Helena e Prometheo,—Eschylo junto a Homero.
Numes da inspiração, possantes luctadores,
Que, apoz entretecer o ninho dos amores,
Ieis com mão robusta, e sopesando o escôpro,
Talhar na mole a estatua, e dar-lhe o eterno sopro
Que faz da fria pedra a ardente Galathêa;
Pois sabei, todos vós, que a luz da nova idêa
Mostrou que um só painel de lubricas pimponas
Vale mil vezes mais que as télas das madonas!

VI

Não, não me assusta o mal; por esses campos vê-se
A miude e de repente, ir-se acamando a messe,
E definhar, morrer; que a desgraçada morra!...
Não podem dar bons pães trigaes que tem alforra.
Succede o mesmo agora; as artes tem campinas,
Onde brota escalracho entre arvores divinas.
Basta um leve esmondar; depois, o sol de Deus
Precipita-se a flux da vastidão dos céos,
E fecunda, n'um beijo, a terra, a sua amante;
E em toda a fresquidão do espaço verdejante
Vê-se, então, ondular n'uns espiraes suaves,
O halito da flor e o cantico das aves.

Fevereiro — 1881 E. A. VIDAL.

A CÈA DO SENHOR

—

O FRESCO que a nossa gravura representa é uma das obras primas de Leonardo de Vinci. Existe no convento de Nossa Senhora das Mercês, em Milão, mas infelizmente muito deteriorado, não só pelos estragos inevitaveis do tempo e da humidade do local, mas porque, segundo se julga, o grande pintor, cujo amor pelas innovações era extraordinario, longe de empregar n'esta sua obra o processo geralmente seguido nas pinturas a fresco, servio-se de tintas e drogas de sua invenção, do que resultou a breve ruina de tão famoso producto d'aquelle celebre engenho.

Não tinham ainda decorrido cincoenta annos depois que Leonardo de Vinci déra o ultimo toque n'esta sua composição, e já ella se achava consideravelmente deteriorada. Restaurada por Bellotti em 1726, e ainda por outros artistas posteriormente, além dos vandalismos n'ella praticados pelos soldados austriacos e francezes, é evidente que a creação do divino Leonardo está hoje muito deturpada e muito outra do que era.

Para que os nossos leitores que porventura o ignorem, possam fazer idéa do apreço em que esta notabilissima obra era tida no tempo de Francisco I, bastará dizer que este monarcha quiz mandar transportar para França a parede em que o famoso fresco está pintado, e só desistio do seu empenho em presença da recusa dos engenheiros aos quaes encarregára de realisar o seu intento, que não ousaram luctar com as difficuldades insuperaveis de tal empreza.

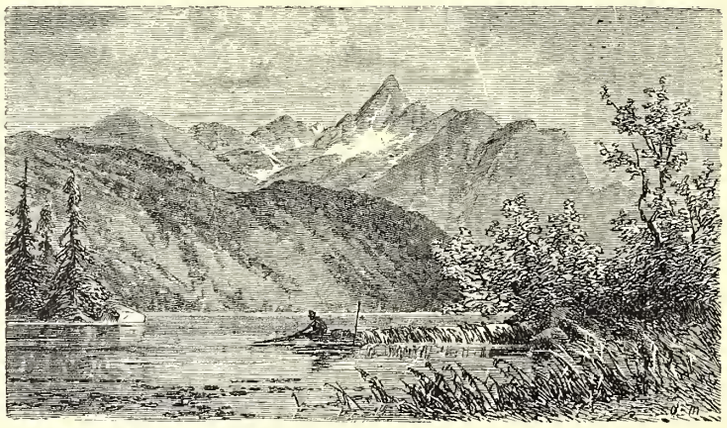
Os desenhos que serviram para a composição do maravilhoso fresco existem disseminados por diversas collecções. O museu do Louvre possue alguns. Por elles, melhor ainda do que pela propria obra, hoje deturpada pelas restaurações e pelos vandalismos a que nos referimos, se póde ajuizar do extraordinario merecimento de um dos mais valiosos monumentos que nos legou a arte da Renascença.

O ALISTAMENTO DE UM RECRUTA

—

Dil-o ali, o triste, prestes a trocar a enxada pela espingarda, o lar pela caserna, o nome de baptismo e de familia por um simples e laconico numero. N'aquelle tempo ainda o recrutamento era aquillo que ali se vê n'aquella gravura, copia de um excellente quadro de G. Cederstrom. Hoje o processo pelo qual se chamam ás fileiras do exercito os mancebos, é muito outro. Mas se o processo variou, se ao recrutamento de cordel succedeu a lei que a todos tornou eguaes perante esse dever sagrado que se chama defeza da independencia e da liberdade da patria, o recruta ficou e ficará sendo o mesmo. E se não digamnos se aquelle camponio do seculo passado não tem o mesmo aspecto, a mesma expressão alvar, e o mesmo desconcertado gesto dos que ainda hoje vêmos chegar das nossas aldêas, aos quarteis da cidade, sobraçando o exiguo espolio cuidadosamente embrulhado n'um lenço de chita de côres vivas e variegadas.

O quadro está primorosamente composto, e d'entre todas as figuras sobresáe pela naturalidade com que está desenhada, a do recruta, que é sem duvida a principal d'esta téla de Cederstrom. Por ella vêmos que não só os recrutas d'este seculo continuam a ser o que eram os do seculo passado, mas que em todos os paizes têem o mesmo aspecto simplorio e bonacheirão. Ás vezes, porém, sob uma apparencia quasi idiota occulta-se o arrojo e o valor de um heroe.



Typographia de Christovão Augusto Rodrigues, rua do Norte, 145, 1.º

AGRADAVEL SURPREZA

Typ. — Christovão Augusto Rodrigues.

A ARTE

A GAVETA DOS MEUS PAPEIS

—

Foi um dia d'este inverno. Nos anteriores, o sul desgarrão, batendo em brecha as janellas do meu quarto, acutilava as roseiras do quintal, onde o cebolo, a alface, o lombardo, a couve flôr e o aipo, olham com desdem para um raro principe negro, que mal se atreve a abrir de envergonhado, n'uma nesga de jardim.

Horta e jardim fundem dezoito passos de comprido e nove de largo.

Depois da longa tormenta, digo, appareceu, para variar, um dia congestionado, morno; nuvens com o tom alaranjado das nuvens londrinas. Uma chuva densa, constante, tépida e miuda como cacimba.

Levantei-me quebrado, molle, estupido, como se estivesse moido pelo *cirocco* de Napoles, o suão da Madeira ou o levante do Algarve.

Quiz lêr, não pude, quiz escrever, menos, quiz pensar, nada—completamente palerma!

—Vou arrumar a gaveta dos meus papeis. Papeis tenho eu muitos, e muitas notas... nenhuma do banco!

Notas, cartas, provas, impressos, tudo, dentro da grande gaveta de uma commoda antiga, estava em confusão medonha. Que barulho! Parecia a cabeça de algum sabio nacional e dos nossos dias!

Estive segundos parado a olhar para aquella lastima! Ia fechar e procurar outra distracção quando se me deparou um papel almaço, ordinario, amarellado, dobrado em quarto, produzindo me singular impressão.

Eu conhecia aquelle papel; aquelle papel tinha uma historia!

Abri-o e li. Resava assim:

Aos 19 do mez de agosto de 1851, na cumiada de uns montes fronteiros á aldeia da Ameixoeira compareceram José Maria de Andrade Ferreira, redactor da *Opinião*, e Claudio José Nunes, redactor da *Civilisação*, afim de darem explicações no campo em virtude de uma polemica jornalistica. Ás duas e meia da tarde começou o duello, sendo padrinhos por parte do primeiro Raymundo de Bulhão Pato e por parte do segundo José Guilherme Lobato Pires, escriptores publicos.

O combate durou quatro a cinco minutos, terminando depois de haver segundo ferimento observado pelo cirurgião medico Rodrigo da Fonseca Paganino.

Lisboa, 17 de agosto de 1857.

Jorge Guilherme Lobato Pires.»

Rodrigo Paganino morreu de 27 annos com uma lesão cardiaca. Com egual enfermidade, Claudio José Nunes de 44, e Andrade Ferreira aos 50.

José Guilherme Lobato Pires morreu aos 35 annos, doudo, no hospital de Rilhafoles.

Dos cinco, que então eramos, resto eu!

De Paganino já fallei no meu livro *Sob os Cyprestes*. Vamos agora a estes. Tratarei depois do duello.

Lobato Pires frequentou comigo S. João Nepomuceno e a Eschola Polytechnica. Desde creança a sua bella cabeça, que se dava facilmente ao estudo da sciencia, fôra dotada de imaginação brilhante e vivissima. Era um poeta; teria deixado um nome de primeira plana se o seu enorme infortunio o não houvesse abatido tão cedo!

Esteve muitos annos louco, com alguns intervallos lucidos, ás vezes intervallos grandes. N'um d'elles, n'uma reunião politica em casa de Latino Coelho, Lobato Pires tomou a palavra fallando com elevação e acerto. Já nós iamos a cantar victoria quando a enfermidade voltou á carga.

Em poucos paizes haverá, relativamente, em tão limitado espaço de tempo tantos homens de superior talento que hajam morrido loucos:

Lopes de Mendonça, João Evangelista, Fontora, Lobato Pires!

A sua loucura começou por um modo singular! Calumniando atrozmente uma senhora e essa senhora era a propria mulher!

A principio chamaram-lhe infame, e parecia cabido o epitheto; mas o desgraçado era apenas um louco!

Nos primeiros dias da sua alienação improvisava magnificos versos, conservava-os de memoria, recitava-os confidencialmente, porém não queria escrevel-os, dizendo, com grande convencimento, que os versos que publicara tinham sido a sua perdição. E contava uma historia: *Alguem* que lêra uma poesia sua lhe escrevera, d'ahi nascera uma correspondencia. Depois de narrar os promenores mais arrebatados, mais extravagantes, mais lubricos, terminava dizendo, como se tivesse a consciencia do seu estado — e teria para maior tormento! — «d'isto resultou o que vê; esta desgraça em que eu estou!»

Toda a physionomia se lhe illuminava durante a recitação e a narrativa: depois, ao proferir as ultimas palavras, as lagrimas borbulhavam-lhe como douradas pela luz das pupilas faiscantes!

Fazia profunda lastima aquelle desventurado rapaz!

Que impressão me produziu a ultima vez que o vi!

Um dia fomos fazer uma visita a Rilhafoles. Eramos: a sr.ª condessa da Anadia, seu irmão Christovam de Moraes Sarmento, Luiz Aranha, aquelle nobre coração e valente rapaz que se enterrou ha poucos dias, deixando em lagrimas a mais virtuosa e affectiva das esposas, — e eu.

Quando tinhamos quasi terminado a nossa visita áquella casa pavorosa, ao entrarmos n'um quarto particular, depara-se-nos Lobato Pires. Natural a expressão dos olhos insinuantes e formosos. Estava muito magro e extremamente pallido. Comprimentou, como homem elegante, a sr.ª condessa, e a mim estendeu-me a mão com naturalidade.

Perguntei-lhe machinalmente:

— Como estás?

Demudou-se-lhe logo o semblante e respondeu-me em tom sacudido:

— Estou bom; não gosto que me façam perguntas.

E voltou-me as costas.

Fiquei magoado pelo haver offendido, posto involuntariamente.

Não tornei mais a vêl-o. Pouco tempo depois tive noticia da sua morte.

Pobre moço!

Claudio José Nunes, que padecia havia muito, caiu um dia, para nunca mais se levantar, na sua casa de Bemfica.

A agonia de Andrade Ferreira foi mais longa e cruel!

Todos cumpriram com a santa lei do trabalho, todos tinham talento e todos foram mais ou menos infelizes!

Agora ao duello.

Claudio José Nunes na *Civilisação* e Andrade Ferreira na *Opinião* travaram-se de polemica. As phrases que trocaram no debate e que deram azo ao duello, no jornalismo d'este momento, seriam, por ventura, expressões amaveis. Os romanticos, na sua qualidade de ingenuos, eram pelludos, assomados, caturras; mas batiam-se!

Claudio mandou pedir a Andrade Ferreira que retirasse as phrases que tinha como offensivas de sua dignidade.

Andrade Ferreira não retirou uma virgula, e pediu-me para que resolvesse o negocio.

As controversias deram-se pela noute do dia 16 e no dia 17 ás duas e meia da tarde batiam-se á espada, os dous contendores. O duello não se realisou de madrugada porque houve difficuldade em arranjar espadas eguaes. Nenhum d'elles tinha noções rudimentares do jogo de esgrima. Ambos eram corajosos. Claudio José Nunes baixo, musculoso, forte, exercitara-se á caça desde creança. Andrade Ferreira era alto, magro, curto de vista. Passava a vida luctando com grandes difficuldades, estudando e escrevendo sempre! Este rapaz provado na adversidade, de caracter que parecia manso, em se enfureeendo perdia a cabeça e atirava-se cego, como homem amouco, fosse a quem fosse.

De uma vez escreveu ao senhorio pedindo-lhe tres dias de espera no pagamento da renda de casa. O burguez, pulão, avermelhado, membrudo, mal creado e por cima de tudo *senhorio*, respondeu-lhe insultando-o.

Andrade Ferreira mandou-lhe dizer que estivesse, ás cinco horas, no Rocio, que lá ia pagar-lhe. Procurou o seu grande amigo Manuel Patricio Alvares; este emprestou-lhe immediatamente o dinheiro e, vendo-lhe a catadura minar, foi-lhe no encalço.

Andrade Ferreira entrou no Rocio; lá estava o seu homem ao pé do galheteiro, impando de soberba e de chispe com hervas.

Chegou-se a elle, apresentou-lhe o dinheiro e disse-lhe seccamente:

— Conte.

O burguez, depois de contar respondeu:

— Está certo.

E metteu no bolso.

N'este passo, Andrade Ferreira, joga-lhe a mão esquerda ao pescoço apopletico e convida-o com uma saraivada de murros. O senhorio, atordoado, baqueia no embrechado da praça como um boi no matadouro. O aggressor, sem o desaferrar, vae sobre elle, joelho na bocca do estomago e rufando-lhe nos queixos como a vaqueta rufa na pelle d'um tambor!

Patricio Alvares, que o seguira de perto e era homem de grandes forças, logrou, não sem esforço, arrancar-lhe das mãos o senhorio esmurrado e quasi asphixiado!

Voltemos ao duello:

Dado o signal, terçaram as espadas. Claudio foi o primeiro a atacar. Andrade Ferreira defendia-se mal, mas com serenidade. De repente, sentindo nas carnes o ferro do inimigo, como diziam os

nossos antigos, enfureceu-se e com os olhos injectados de sangue, enfiado, de *ambas las mãos*, principiou a jogar cutiladas. Se soubesse atirar tinha morto o adversario; mas a espada, pela impericia do atirador batia de prancha. Um dos golpes, porém, deu de gume, no braço de Claudio e fez-lhe um bom *gil-vaz*. Eu estava armado com uma excellente bengala de canna da India: vendo segundo ferimento e a cegueira de Andrade Ferreira, metti-lhe a bengala a outro golpe que despediu, bradando-lhe ao mesmo tempo, que serenasse.

Á minha voz parou. O golpe, que me apanhou a bengala, obra de um palmo abaixo do castão, levou-lhe uma fasquia até á ponteira.

Era uma boa cutilada! A bengala andou de mão em mão no Marrare.

Passado o impeto, vendo o lanho que abrira no braço de Claudio, Andrade Ferreira perguntou, commovido, a Rodrigo Paganino, se o ferimento era grave: este respondeu-lhe que não.

De facto elles o que estavam, principalmente, era contundidos. N'aquelle duello alguem ficara tambem ferido; mas na fazenda, como o boticario de Tolentino, foi Francisco Mouter Champalimaud, — o meu maior amigo! — que emprestou as suas finas e elegantes espadas.

Voltaram-lhe a casa como duas serras!

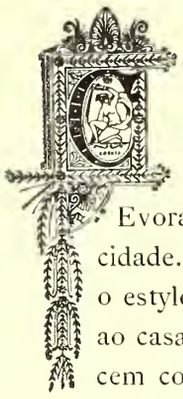
5 de março de 1881. BULHÃO PATO.

GRÃO VASCO

ENSAIO HISTORICO E CRITICO

(Continuado de pag. 19)

IV



Conservam-se ainda hoje em Portugal muitos quadros do estylo flamengo. N'alguns, porém, os rostos das figuras, a especialidade dos ornatos, a profusão do ouro, os trajos, as moedas, os objectos de uso domestico denunciam claramente a mão de artistas portuguezes. N'outros não ha signal nenhum que os difference das obras dos artistas flamengos. D'estes ultimos o mais notavel é o da capella do paço archiepiscopal de Evora. Representa a Assumpção, e esteve no altar da antiga capella mór da Sé d'aquella cidade. Poderia figurar vantajosamente entre as obras primas de Bruges. N'elle viu Raczynski o estylo de van Eyck, mas assimilha-se muito mais aos quadros de Memline, especialmente ao casamento mystico de Santa Catharina. Os anjos e os instrumentos que elles tocam parecem copias d'aquelles que se admiram n'este quadro e no famoso relicario de Santa Ursula. A viveza do colorido, as bellas cabelleiras douradas, a expressão formosissima das physionomias tudo leva a attribuir, senão ao proprio Memlino, pelo menos a algum dos seus melhores discipulos, o quadro de Evora.

Comparou o conde de Raczynski ao quadro de Holbein que foi da capella da Bemposta o celebre quadro da Misericordia do Porto, que representa o Crucificado, e, de uma e outra parte, como que desprendidos da terra a Virgem e S. João. O divino sangue enche uma grande bacia, que serve de peanha á cruz. Em roda estão, entre muitas outras figuras, el-rei D. Manuel, a rainha D. Maria e seus filhos. É por extremo notavel a similhança d'este quadro com o *Triumpho da Egreja* do Museu Nacional de Madrid, attribuido pelos nossos visinhos, talvez menos fundadamente, a João van Eyck. [1]

[1] Museo espanol de antiguedades, tom. IV, pag. 1.

O desprezo com que Francisco de Hollanda em 1549 trata a pintura portugueza não prova nada contra a elevação da arte em Portugal pelas influencias da eschola flamenga. Francisco de Hollanda foi grande e exaggerado apologista do renascimento em Italia. Nos dialogos que escreveu, e entre cujos interlocutores elle proprio figura a par com a celebre Vitoria Colona e com Miguel Angelo, faz dizer a este artista que a pintura flamenga sómente agrada aos devotos, a quem excita a chorar copiosas lagrimas, não pela propria força da expressão da mesma pintura, mas pela sensibilidade dos devotos, já de per si dispostos para similhantes effusões. Depois censura acrimoniosamente a multiplicidade de objectos dos quadros flamengos, a falta de symetria, a ignorancia da anatomia, etc., etc. E por fim conclue que em paiz nenhum da terra póde haver bons pintores senão em Italia.

Na sequencia do dialogo chega a vez de fallar a Francisco de Hollanda que declara não haver em Portugal nem edificios sumptuosos, nem pinturas como em Italia; mas emfim que felizmente começava a desvanecer-se pouco a pouco o excesso de barbaria que os godos e os mouros haviam deixado por terras de Hespanha, e que esperava em Deus que, regressando a Portugal, contribuiria para que este paiz rivalisasse com a Italia na elegancia da architectura e na nobreza da pintura.

Palavras taes denotam evidentemente um admirador apaixonado da renovação da arte classica e convencido da necessidade de deprimir as outras escholas para exaltar a italiana, e talvez para se acreditar a si proprio como artista superior, destinado a supplantar aquelles que por então figuravam em Portugal. [1]

Para mostrar a exaggeração com que o auctor condemna a arte portugueza bastará citar os sabidos versos com que, bons vinte annos antes, fazia a sua apologia Garcia de Rezende. O chronista e poeta parece n'este ponto insuspeito, não sómente por ser entendido em bellas artes, mas tambem porque, censurando os costumes do tempo com grande vehemencia, exceptuou as artes da sua geral censura. Eis aqui os versos:

Pinctores, luminadores
agora no cume estão
ourivezes, esculptores
sam mais sotís, e melhores,
que quantos passados sam;
vimos o gran Michael,
Alberto e Raphael,
e em Portugal ha taes,
tam grandes e naturaes,
que vem quasi ao livel; [2]

Na Torre do Tombo conservam-se documentos respectivos a Francisco Henriques, Garcia Fernandes, Christovão de Figueiredo e Jorge Affonso, pintores do tempo de el-rei D. Manuel. [3] Tambem anda em tradição que este mesmo rei mandara estudar na Italia quatro pintores: [4] Fernão Gomes, Gaspar Dias, Francisco Venegas e Manuel Campello. Todavia Francisco de Hollanda na tabella dos pintores do seu tempo, a quem chamavam *Aguias*, inclue apenas um portuguez, cujo nome não declara e sómente diz ter pintado o altar de S. Vicente de Lisboa.

Mas o procedimento do auctor explica-se pela paixão que o dominava, e induzia a taxar de barbaro quanto recordasse a edade media. A Batalha, Belem, Thomar, os quadros do estylo flamengo

[1] Rackzynsik—Op. cit. pag. 14 e seguintes.

[2] Garcia de Rezende—Miscellanea e variedade de historias, costumes, casos, e cousas que em seu tempo aconteceram.

[3] Artes e Letras, loc. cit.

[4] Raczynski—Op. cit. pag. 169.

não passavam de obras de barbaros que importava esquecer para se substituirem pelas obras classicas da eschola italiana. Sem este documento interessante, quasi passaria desapercebida a lucta que se travou em Portugal mais tarde que nas outras nações da Europa.

Em Castella, por exemplo, as duas escholas tiveram sempre representantes que as punham uma em frente da outra. A corrente de Italia começou ao mesmo tempo que a de Flandres no reinado de D. João II (1406 a 1454), e redobra de força no tempo dos reis catholicos (1468 a 1516). A todos sobreleva o famoso Berruguete, discipulo e feliz imitador de Miguel Angelo. Na Catalunha, nos reinos de Murcia, Valencia e Aragão dominou sempre com absoluto imperio a eschola italiana. [1]

Em Portugal não apparecem vestigios da lucta antes de D. João III. E por esse tempo Francisco de Hollanda sómente julga digno de elogio um pintor, cujo nome não declara, talvez porque pintando á maneira de Italia, não seria muito considerado pelos seus compatriotas, a quem o novo estylo, por insolito, pareceria de certo inferior ao da eschola flamenga.

Os homens mais illustrados avaliariam, sem duvida, a importancia da revolução artistica da Italia, apreciando devidamente as obras dos grandes artistas italianos. Mas a maior parte, o vulgo, não estava n'esse caso. O estylo flamengo era o estylo religioso por excellencia; o povo habituado ás figuras e representações que, por assim dizer, se tinham identificado com o culto, não contemplaria nem adoraria outras de bom grado; não faltaria até quem temesse descahir no peccado de idolatria, se por acaso desviasse os olhos dos typos asceticos dos quadros do estylo flamengo, para os fixar nas bellas figuras mundanaes que os artistas italianos se compraziam de pintar nos seus quadros, restituindo á perfeição physica o grande apreço em que a tiveram outr'ora os gregos e romanos.

O estylo flamengo, não obstante o nacionalisar-se na epocha da grande opulencia, quando a architectura, a esculptura e a ourivesaria tomavam caracteres proprios e particulares, conservou-se todavia menos alterado, e resistiu melhor, posto que não inteiramente, ás influencias que modificavam a arte n'esta parte da peninsula, durante o reinado de D. Manuel, a ponto de tomar o seu nome na architectura.

As mesmas razões pois que protrahiram o uso do estylo ogival na ourivesaria até ao meiado do seculo XVI, como se vê na custodia de Guimarães, acabada em 1534, imperariam similhantemente para se conservar por largos annos o estylo flamengo na pintura, não obstante a grande revolução operada na Italia, e communicada ao resto da Europa.

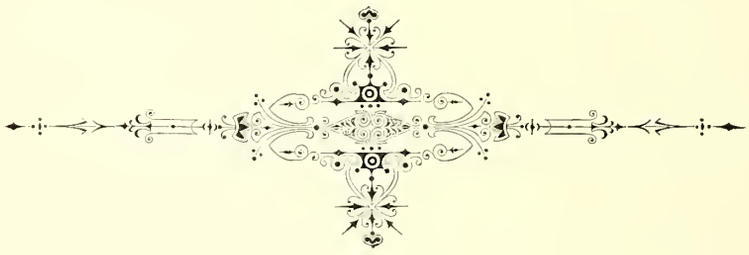
Em Lisboa conserva-se n'uma collecção particular um quadro da Adoração dos Reis com a data de 1584. A figura da Virgem patenteia já claramente a influencia da eschola italiana, mas os reis estão ainda com as suas vestes carregadas de ouro e cobertas de ornatos minuciosamente pintados, como os de tantos dos quadros antigos da academia real de bellas artes.

Vamos vêr esta fusão ou antes promiscuidade dos dous estylos n'alguns dos quadros de Vizeu. No interior das provincias, sobretudo, seria maior a resistencia á innovação, á similhança do que ainda hoje acontece com relação á moda. Ora a moda impera nas artes, como em tudo o mais.

(Continúa).

A. FILIPPE SIMÕES.

[1] D. G. C. Villaamil — Catalogo cit. pag. 211 a 221.



ESCHOLA DA NATUREZA[1]

—

Não me falta na vida honesto estudo
com longa experiencia misturado,
coisas que juntas se acham raramente.

LUS. C. X. 154

A VIAGEM de Camões á India, e a sua demorada estação n'aquellas regiões, foram de uma importancia capital para a sua obra; deve-se a ellas, pode-se dizer affoutamente, todo o interesse dos *Lusiadas*.

O troveiro plangente e namorado, surgia, após o baptismo do sol oriental, o épico de estatura poderosa que encontrara finalmente na natureza os moldes do seu poema.

Como toda a obra de arte, o poema de Camões é uma obra profundamente pensada e sentida. Não é apenas o producto de uma phantasia vigorosa, mas o resultado da vibração genial de quem comtemplava de perto o modelo que engrandecia.

Por maior que fosse o seu poder intuitivo, nunca elle poderia ter imprimido á sua obra o cunho de verdade palpitante que a destingue, se a presença das cousas que commemora o não tivesse impressionado directamente.

As multiplas emoções que tinham agitado o peito valeroso dos heroes da conquista do Oriente, durante o seu longo roteiro, ia-as elle experimentar na sua undivaga peregrinação compenetrando-se, d'esse modo, do valor da empreza.

Aventureiro, como os nossos primeiros conquistadores, exemplares modelos da sua raça, Camões deixava, n'uma viagem decisiva, os acanhados limites do seu paiz,—vaso estreito para conter toda a ousadia do genio portuguez—, por um horisonte mais amplo, de novas aventuras; como os primeiros conquistadores, demandava mares desconhecidos, proporcionando ao seu espirito, deante do espectaculo do infinito, *universal pintura*, novas sensações de pasmo e delicia, de prazer e receio, de esperanças e saudades; como elles, e em lucta com as forças contrarias que se oppunham ao singramento placido do seu navio, tomava parte, como actor e interessado, na grande batalha universal da lucta pela existencia; e enfreando os ventos, retalhando as ondas, arcando com o desencadear tremendo das forças da natureza, assistia de perto a esse grande combate que depois immortalisou nos seus ferreos versos, e no qual estavam, de um lado a humanidade triumphante no seu empavezado baixel, e do outro lado os cabos, os pormontorios, as tempestades, os elementos vencidos pela industria... [2]

Por isso nos *Lusiadas* como que se sente em cada estrophe o arquejar do oceano, d'esse grande coração do mundo, sempre agitado e convulso. Vive-se ali a vida assaltada de perigos e de consumações extraordinarias que viveram, durante a sua longa derrota, os companheiros do Gama, errantes entre dous infinitos. Os diversos aspectos do mar sem limites, as cambiantes variadas do firmamento, os phenomenos maritimos e celestes: tanto os grandes quadros naturaes como os promenores restrictos, tudo ali tem o cunho da verdade, confirmada pelos sentidos.

A allegoria só é utilisada como um instrumento para dar vulto e forma ás visões com que povoam a phantasia do poeta os diversos aspectos da vida universal.

Ha nos seus quadros uma grande unidade de composição; é n'elles evidente o estylo, nitida a forma, a um tempo sobrio e rico o colorido. Não os sobredouram os grandes jactos de luz, que ca-

[1] Do livro inedito—«Camões na India.»

[2] E. Quinet.—«O genio das Religiões.»

racterisam as producções do genio indisciplinado, mas primam pelo acabado dos contornos, e pela sensação do conjuncto, que no dizer de Taine, é o verdadeiro sentimento do bello. Com que vigor e perfeição não foram caracterisados por Camões, o grande Miguel Angelo da poesia, os quadros immortaes da *Ilha dos Amores*, *do Adamastor*, e tantos outros?

São por ventura meras allucinações d'um cerebro genial? Não; são a amplificação gigantea de uma visão que teve origem na realidade, e em formas reaes se fixou na opulencia das rimas.

O Adamastor, esse *monstro horrendo*, despota dos mares africanos, não é mais do que o vulto sinistro do cabo das Tormentas, produzindo na imaginação do poeta o effeito de uma barreira viva, posta por mão desconhecida no seu caminho, no intuito de lhe atalhar o passo; visão facil de ser concebida n'uma noute de tempestade em que ao anciar de tantas vidas, entregues á fragilidade de um lenho, assiste lá ao fundo, impassivel e medonho, um vulto negro que parece avançar pelo mar dentro, com a serenidade com que um búfalo entraria a beber n'um ribeiro tranquillo.

E a *Ilha dos Amores?* O que é ella senão a commemoração dos prazeres, por tanto tempo desejados, que o marinheiro, cansado de uma viagem tormentosa, saboreia no primeiro porto onde descansa?

Um é a visão homerica dos horrores da lucta contra um inimigo desconhecido e terrivel; a outra é a visão dantesca dos gosos fruidos após aspero lidar; visões que nos acompanham durante a vida, em proporções mais ou menos amplas, pois representam as duas necessidades mais imperiosas da natureza animal: o trabalho e o repouso.

Essas necessidades ninguem as conheceu melhor que o marinheiro do seculo XVI; e foi ao lado d'elle que Camões estudou toda a verdade do seu poema.

Diz o chronista Manuel Castanheda que a sua ida á India o ajudou a conhecer aquillo de que elle queria *fallar como experimentado.* [1]

Para se reconhecer na obra de Camões a mesma influencia benefica, não necessitamos da sua confissão, bastante é lêl-o e estudal-o.—Poeta da natureza como Kahdasa, como Lucrecio, como Virgilio, Camões só attinge a perfeição quando cria reproduzindo; quando dá o relevo da sua imaginação ás cousas por seus olhos vistas, e não

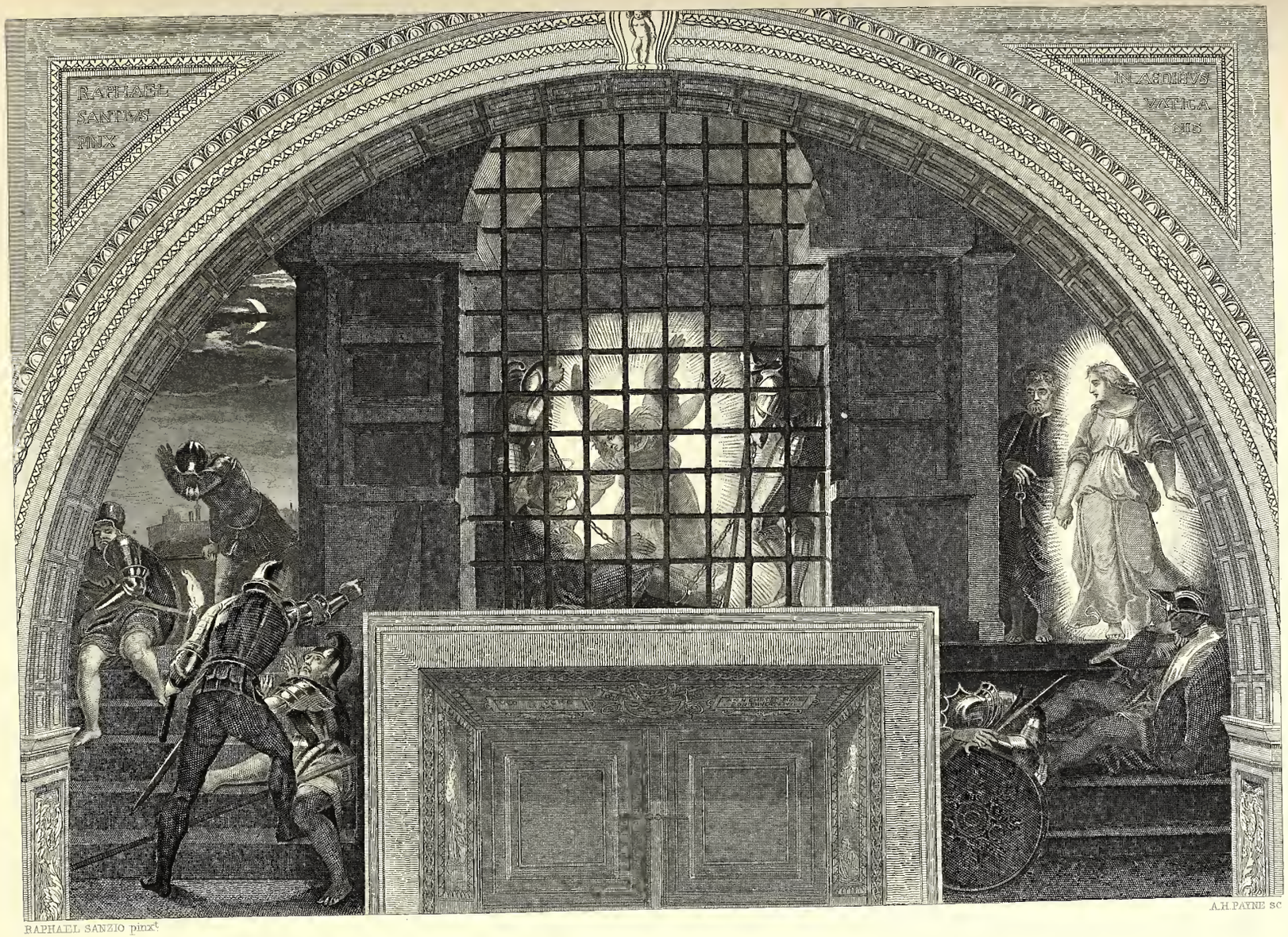
ás vãs façanhas
phantasticas, fingidas, mentirosas!

A linguagem dos *Lusiadas* tem por isso um cunho de natureza e de liberdade que a distinguem. Entre essa linguagem, e o pensamento que a utilisa ha uma affinidade completa. Quebram-se as fôrmas convencionaes e estreitas, e vasam-se nos moldes camoneanos novos mananciaes de riquezas; a palavra brota fluente e rica como um veio de ouro fundido.—Os infortunios do poeta, a fatalidade do seu temperamento, o imperio do meio que habitava, davam-lhe, expatriando-o para a India, o baptismo fecundo d'essa grande escalla dos genios: a natureza

O aspecto dos climas tropicaes, com
aves agrestes, feras, e alimarias
pelo monte selvatico habitando;
mil arvores silvestres, e hervas varias
o passo e o tracto ás gentes atalhando,

os trajos variados, os costumes extravagantes e nunca vistos, o influxo poderoso d'aquelle extraordinario paiz, forneciam novas tintas aos seus quadros, onde o pensamento europeu se allia ao senti-

[1] Historia da Conquista.



LIBERTAÇÃO DE S. PEDRO.

mento oriental, ou, como disse Edgar Quinet, «onde as recordações da Europa rescendem aos perfumes do Oriente.»

Humbolt, reconhecendo nos *Lusiadas* o mesmo sabor, duplamente gostoso, diz que atravez esse poema, aquecido ao sol dos tropicos, como que se sente fluctuar um aroma de flores indianas. [1]

E é esta, a nosso vêr, a feição principal dos *Lusiadas*, poema que tem o duplo caracter continental e maritimo, como a nação portugueza, que devendo a independencia ao seu valor, dentro dos horisontes patrios, conquistou a sua grandeza e prestigio nos seus feitos navaes, e proezas d'alem-mar.

Por isso, quando esse prestigio desappareceu com a perda das melhores possessões ultramarinas, e com a desorganisação das poucas que ficaram, os *Lusiadas*, epopeia escripta por um ézule, com as lagrimas dos ezilados, e por um valente com o sangue dos heroes, ficou sendo como que o testamento immorredouro de uma gloria que se extinguia, como a Odysséa e a Iliada ficaram representando o espolio de uma epocha morta.

CHRISTOVAM AYRES.

AGRADAVEL SURPREZA

—

LVEJAM-LHE sobre a fronte rugada as cãs venerandas dos oitenta invernos; podia ser duas vezes nossa avó e é de crer que tenha bisnetos, uns rapazolas traquinas e alegres, a servirem de esteio e de consolo á sua velhice cheia de achaques.

Vio muito aquella boa velhinha, teve muito desengano por certo, sentio affectos profundos, experimentou alegrias suaves e dôres lancinantes.

Na pujança dos seus vinte annos foi esposa e mãe, talvez, enlevando-se nos santos prazeres do lar e da familia. Então, eram ainda pretos de azeviche aquelles cabellos hoje brancos como estrigas de linho, que dão um tom grave e sombrloao seu busto curvado pelos annos. Havia no seu olhar, agora amortecido, o brilho intenso que se irradia da mocidade e do amor. Os passatempos que lhe recreiavam o espirito juvenil, n'essa quadra feliz e sorridente, eram muito outros que não são os de agora.

Hoje, no occaso da vida, sem as preocupações dos seus bons tempos, d'aquelles aureos tempos em que tomava parte nos bailes campestres, nas romarias festivas e nas descamisadas alegres do logar, entretem-se a contar historias de moiros encantados, a fiar linho, no canto da lareira, e a fazer criação de gallinhas. Esta ultima distracção, sobretudo, é o mais doce enlevo da santa velhinha, constitue o mais ineffavel dos seus gozos.

Cada vez que, dos ovos deitados, vê sair um pinto, com as pequeninas azas mal cobertas de penugem amarellada, e correndo tropegamente em demanda do calor da gallinha, a nossa boa velha bate as palmas de contente e fica por largo tempo a contemplar embevecida aquelle risonho quadro, achando immensa graça ás *poses* orgulhosas da ave que está no choco, sobranceira e altiva, e aos saltinhos dos pequeninos seres, que se abrigam sob as suas amplas azas, procurando o agasalho vivificante e benefico.

Uma ninhada de pintos que apparece ao canto da cosinha, tem sempre para ella um novo encanto, provoca-lhe sorrisos de doce jubilo, surprehende-a agradavelmente, como se nos animaesinhos recemnascidos se consubstanciasse toda a sua ventura, toda a sua felicidade.

A nossa gravura representa-a n'essa attitude comtemplativa e sympathica, mostrando-nos o seu perfil illuminado pela alegria que lhe vae n'alma, ao vêr a prole gentil da gallinha predilecta.

[1] Cosmos — Tom. 2.º

Respeitemos aquella *enfantillage* dos oitenta invernos. Ha muita poesia na distracção da pobre velhinha, e póde bem ser que nós, hoje rapazes, quando as cãs nos alvejarem na fronte, sejamos tambem poetas a seu modo. Quem sabe...

C. D.

EGREJA DO SENHOR JESUS DO BOMFIM

—

Pelos fins do seculo passado resolveram alguns fieis da cidade do Porto erigir uma ermida dedicada ao Senhor Jesus do Bomfim, escolhendo para esta edificação um ponto elevado fóra da cidade, para o lado do Oriente, e d'onde se descobrissem largos horisontes.

Tanto foi crescendo o Porto, que, passados tempos, rebentou a cinta de muralhas com que a cingira D. Affonso IV, dilatando-se até ao sitio ermo e affastado, onde os devotos portuenses haviam construido a ermida do Senhor Jesus do Bomfim. Com tal augmento de população, a parochia de Santo Ildefonso, que abrangia todos os moradores da parte do nascente, difficilmente podia accudir ás necessidades espirituaes de tão grande numero de freguezes, espalhados por tão extensa área. Tornando-se portanto necessaria e indispensavel a creação de uma nova parochia, erigio-se esta n'aquella ermida, que, pela grandeza com que se edificára, offerecia as precisas commodidades.

Este novo bairro, a principio, compunha-se quasi exclusivamente de casas pobres, habitadas por modestos fabricantes. Mais tarde, porém, depois de plantada e enraizada a liberdade no nosso paiz, liberdade a cuja sombra benefica se animaram e desenvolveram as industrias quasi moribundas, o pobre bairro oriental desenvolveu-se tambem e transformou-se completamente, desapparecendo d'elle os modestos albergues, para darem logar a bons e vistosos predios de bonita architectura, destinados á classe operaria, e mandados construir por grandes emprezarios e abastados capitalistas. A camara municipal, por fim, aformozeou as ruas, que se povoaram de estabelecimentos industriaes e fabris.

A larga e extensa rua do Bomfim é actualmente uma das melhores do Porto. No topo, formando-lhe o fundo, levanta-se a egreja parochial do Senhor Jesus do Bomfim. Para o adro, que é bastante elevado, sobe-se por uma escadaria de pedra muito larga e comprida.

O templo é de architectura simples e de proporções modestas, mas extremamente aceiado, tanto no interior como no exterior.

A capella-mór fica quasi a cavalleiro da nova e bonita estrada que conduz do Porto a Penafiel. Do adro, que é arborisado e corre em torno da egreja, goza-se a formosissima perspectiva dos arrabaldes de Valbom e Campanhã, das deliciosas margens do Douro e de cordilheiras distantes.

O sitio do Bomfim é memoravel nos annaes do cerco do Porto. A 29 de setembro de 1832 ferio-se ali uma sanguinolenta batalha, que veio acabar na rua do Bomfim, onde o inimigo poude penetrar, transpondo as linhas de defensa e ameaçando abalar o throno de D. Maria II.

No dia 25 de julho de 1834 tambem aquelle sitio foi theatro de uma gloriosa acção, que ennobreceu a carreira militar do duque de Saldanha.

C. D.

DIVISÃO TERRITORIAL E CONDIÇÃO DOS POVOS DA PENINSULA IBERICA SOB O DOMINIO ROMANO

(Continuado de pag. 29)

TRANSFORMADA a republica em monarchia cezariana, entrou o systema de governo provincial em uma phase nova, que não nos propômos seguir, porque seria uma digressão descabida ao nosso intento; notaremos só, que Octaviano Augusto, conservando apparentemente as instituições e usos tradicionaes do regimen republicano, deu-lhes, comtudo, uma direcção muito diversa. Investido do poder proconsular, entregou ao senado as provincias já pacificadas e sem visinhança hostil, reservando para si as que, pela sua indole turbulenta, ou por visinharem com nações inimigas, precisavam de fortes guarnições que as podessem conter em respeito ou defendel-as. [1]

Houve desde então duas cathegorias de provincias, differentes uma da outra pela forma e origem da nomeação dos governadores, pela duração do governo, e sobretudo pelos poderes de que eram investidos aquelles magistrados, conforme fossem eleitos pelo senado ou nomeados por Cesar. Estas desegualdades influiam poderosamente no regimen do governo provincial; como, porém, não tratamos agora de fazer a historia d'este, limitar-nos-hemos a notar a innovação, acrescentando que, apezar d'ella, nem por isso deixaram de existir as antigas distincções de provincias consulares e pretorianas: com a differença, porém, que só tiveram essa denominação as pertencentes ao imperador, [2] as quaes eram governadas por *legados pretorianos de Cesar (legati Caesaris pio praetore* [3]), pertencendo uns á ordem dos *legados consulares*, [4] outros á dos *legados pretorianos (legati praetorii)*. [5] Confiavam-se geralmente dos primeiros as provincias mais importantes. [6]

A natural consequencia da reforma politica a que temos alludido foi a necessidade de uma nova

[1] Provincias validiores, et quas annuis magistratuum im periis regis nec facile nec tutum erat, ipse suscipit, ceteras proconsulibus sortito permisit; et tamen non ullas comutavit interdum atque ex utroque genere plerasque saepius adiit, Suet. Augt. 47. Vide Dian Cassius. Hist. Rom. tit. 53, § 12.

[2] Willems, loc. cit. pag. 416 e nn. 7, 8 e 9.

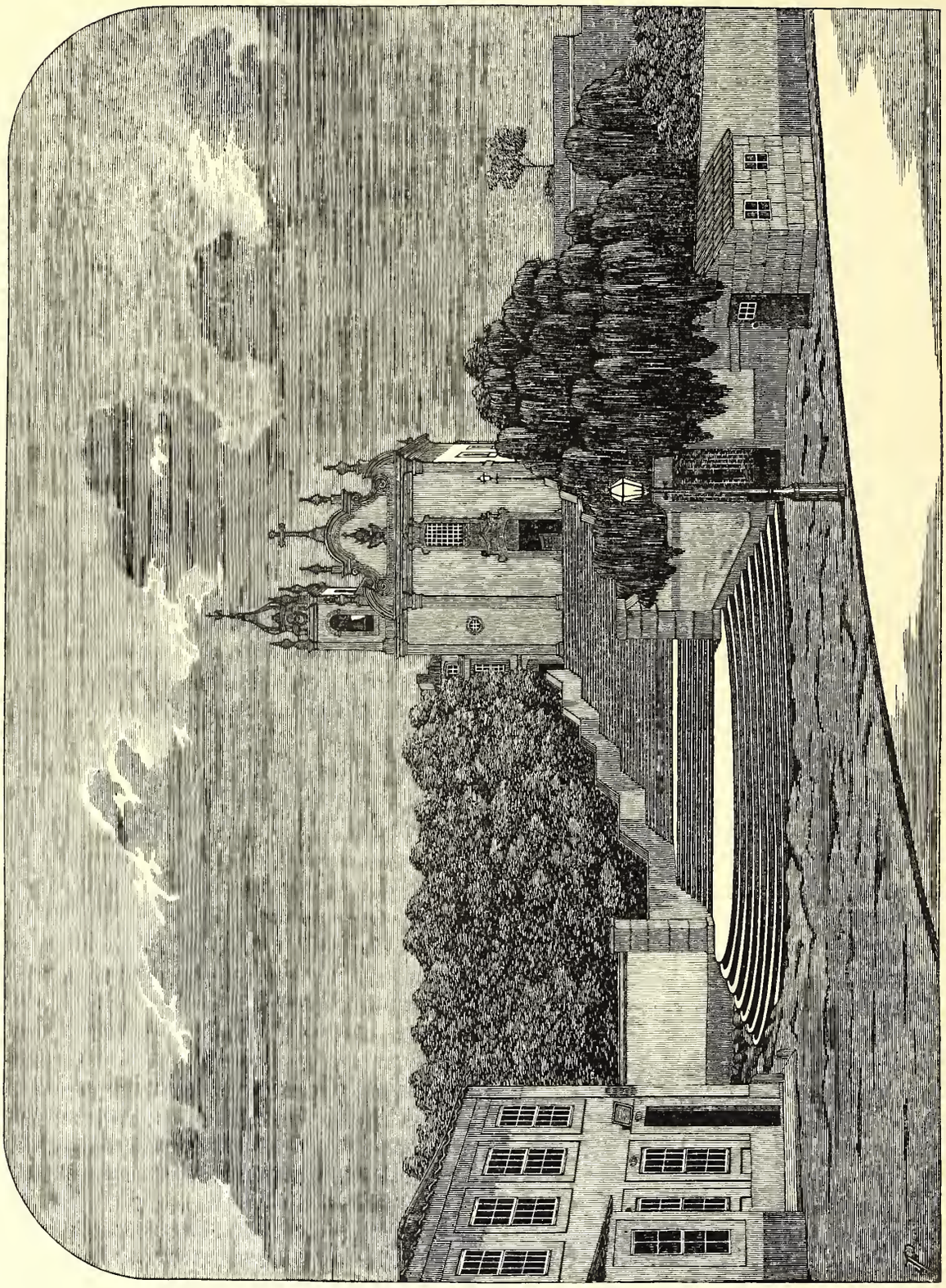
[3] Ib. E tambem *legati Augusti*. Esta ultima denominação é a que se encontra mais frequentemente, senão sempre, nos monumentos epigraphicos da peninsula. *Cestius Acidius Perennis, leg (atus) Aug (usti) pr (o) pr (aetore) provinciae Lusitaniae*. Corp. Insc. tom. II n.º 258. Sententiam quem tulit *L. Novius Rufus, leg (atus) Aug (us) ti pr (o) pra (etore) v (ir) c (larissimus)*... n.º 4115 e n.ºs 4115, 4118, 4124, etc.

[4] Orelli n.ºs 1172, 3666, 3667, etc. Apud Villems, loc. cit. *Genio praetorii consularis* diis p (enat) ibus F. Fl. Titianu s *leg (atus) Agg (usti) pr (aetore)*.... Corp. Insc. tom. II n.º 4076.

[5] ... *legatis* quoque *consularibus* nimia ac formidulosa erat. Nec. *legatus praetorius* ad cohibendam potens, incertum suo an militum ingenio. Tacito. Agric. 7. (Ediç. de Holtze, Lipsae 1866. § 26. Vide supra n. 22).

[6] Ex eo tempore mihi videntur Romani Iberiam quam nunc Hispaniam vocant in tres partes dividere, et magistratus in singulas mittere: quorum duos, eosque annuos, senatui; tertium Imperator pro arbitratu suo, in tempus indefenitum, legit. (App. De reb. hisp. 102. cf. nn. 28 e 29) Justo Lipsio, fundando-se na auctoridade de Strabão e no texto de Dion Cassio, transcripto nas duas notas que seguem esta, adverte o erro de App. em attribuir duas provincias ao senado e uma sómente ao imperador. Schweichaenser (ed. cit. tom. 3.º pag. 335), transcrevendo a impugnação de Lipsio, accrescenta: *Mirum vero, Appianum, quum nom modo diu Romae in foro et sub oculis Principis fuerit versatus, set et ipse uni ex insignioribus Romani imperii provinciis esset a Caesaribus praefectus, nescivine destribuitionem provinciarum, quae ipsius aetate obtinuerit. Itaque suspicare sane licet, Appiani aetate aliam fuisse provinciarum, in quas distributa Hispania erat, rationem, quam quae ab Augusto fuerat instituta.*

E' muito plausivel esta hypothese, que está perfeitamente de accordo com a indicação de Suetonio relativamente á mudança que muitas vezes se dava nas nossas provincias, de uma para outra cathegoria. (Vide supra n.º 21). Cumpre, no entanto, advertir, que se essa mudança acaso se deu relativamente á Hespanha, decerto foi de pouca duração, pois que não encontramos vestigios d'ella nos monumentos epigraphicos da peninsula.



EGREJA DO SENHOR JESUS DO BOMFIM

divisão territorial, de que resultou ser a Hespanha retalhada em tres provincias. [1] Separou-se na *ulterior* a *Betica* da *Lusitania*, e ficou a *citerior* constituindo a *Tarraconense*. Pertencia a primeira á cathegoria das *senatorias*, [2] e as duas ultimas á das *imperiaes*, [3] e provavelmente *consulares*. [4]

Continuaram os successores de Augusto seguindo a direcção que elle havia dado á fórma do governo, a qual, em virtude da successiva concentração dos poderes no chefe do estado, chegou, por fim, a attingir, no tempo de Constantino, o completo desenvolvimento de uma monarchia absoluta. Convinha que as divisões territoriaes se adaptassem ao novo regimen, e n'esse intuito procedeu-se a outra divisão, [5] em virtude da qual ficou toda a Hespanha e uma parte da Africa, constituindo uma *diocese*, subordinada á *prefeitura* das Gallias, e subdividida em seis provincias: Lusitania, Gallaecia, Tarraconense, Cartaginense, Betica e Tingitania. [6]

Esta ultima pertencia á Africa, tinha por capital Tanger, e abrangia os modernos reinos de Fez e Marrocos. Portugal achava-se comprehendido nas duas primeiras e estendia-se ainda a uma parte insignificante da Betica (Serpa e Moura). [7]

Determinada a significação da palavra provincia em differentes epochas, procuremos a das subdivisões que ella abrangia, e ás quaes Plinio se refere, occupando-se da Hespanha.

Se abstrahirmos da moderna organisação dos estados, e remontarmos ao mundo antigo, encontraremos a unidade politica na *cidade*. Ligava-se então a essa palavra uma idéa muito differente da que hoje representa. A cidade era autonoma. Alterava a sua organisação interna, declarava guerra e contrahia allianças sem dependencia estranha. [8] Quando as conveniencias o exigiam reuniam-se as cidades em confederações, mais ou menos duradouras, conforme a causa que determinava esse acto, que, de ordinario, era a guerra de defeza ou de conquista.

[1] Hac de causa senatus populo que Africa, Numidia, Asia... atque Hispania Baetica adscriptae sunt. Dion Cass. lib. 53, 12 (Ediç. de Sturzins, Lipsiae, 1824).

[2] Caesari autem Hispaniae quae relinquerant ut Tarraconensis Lusitaniaque. Ib.

[3] Suetonio, referindo-se aos ocios de Tiberio em Caprea, diz: Hispaniam et Syriam per aliquod annos sine consularibus legatis habuerit. Tib. 41. A. Caetano do Amaral, na sua *Memoria II para a historia da legislação e costumes de Portugal*, inserta no 2.º tomo das Mem. de Lit. da Acad. affirma ser a Lusitania provincia pretoria (pag. 337) fundando-se n'este texto de Strabão, que transcreve: *Reliqua est Caesaris, et in ea mittuntur duo Legati, Pretorius et Consularis, quarum ille cum Legato jus dicit Lusitaniae, quae attingit Baeticam et porsegitur usque ad Daurium amnen et ejus ostia.* Assim como muitas vezes as provincias do senado e do imperador mudaram de cathegoria, como já notamos, é tambem provavel que o mesmo succedesse com as consulares e pretorianas. A nota (a) da pag. 338 da mesma *Memoria*.

[4] A. Herculano colloca n'esta epocha a divisão a que nos referimos no texto, e acrescenta: «Querem outros que esta divisão remonte ao tempo de Hadriano talvez com pouco fundamento.» Hist. de Port. tomo 1.º, pag. 24 (ediç. de Lisboa, 1846).

[5] Antequera (D. José Maria) Historia de la legislacion Española, Madrid, 1874, pag. 26. A. Caetano do Amaral, Memoria cit. pag. 338, nota (b).

[6] Vide Hubner, Corp. Insc. tom. II.

[7] Pittiscus dá a seguinte definição: «Civitas significationis origine nom urbem notat, sede nationem pupubuanve integrum aud costum hominum in societate viventium, iisdemque magistralibus, legibus ac juris conditione in eadem regione utensium.» (Lexicon verl «Civitas»). Mr. Fustel de Coulanges, no seu livro inimitavel «La cité antique», trata desenvolvidamente o assumpto, historiando a formação das cidades antigas. Ahi encontramos estas palavras: (pag. 242, 6.ª edição. Paris, 1876), «Cada cidade era zelosa da sua *autonomia*, que assim chamava a um conjuncto que comprehendia o seu culto, o seu direito, o seu governo, toda a sua independencia religiosa e politica.» O mesmo auctor, em outra obra menos conhecida entre nós, mas que talvez nos interesse mais («Histoire des institutions politiques de l'anciene France», Paris, 1877), reproduz a definição de Pittiscus, acima transcripta, mas de um modo muito mais conciso e por ventura mais claro: «Estado organisado e soberano.» Cumpre todavia advertir, que já no Itinerario de Antonino se toma aquella palavra na accepção moderna, ou proximamente (Vide Serrigny «Droit public et administratif romain», Paris, 1862, tom. 1.º, § 233 n. s.)

[8] Romani, de more, ad eos Hispaniae populos, quos recens Scipio, et antia Brutus, vel in deditionem acceperant, vel vi subjerane, detam senatores, quis rebus constituendis et pacificandis vacarent, miserunt. (App. De rebus hisp. 99).

Tal se nos apresenta a peninsula iberica, anteriormente ao dominio romano. Vejamos que alterações se deram, depois que, por um decreto do senado, foi declarada provincia da republica, e recebeu, como de costume, a lei organica (*lex provinciae*), dada pelo governo da metropole.

Sabemos que vieram a Hespanha dez *legados* da ordem senatorial, [6] para darem execução áquella lei, cujo texto é hoje desconhecido. Combinando, porém, as noticias dispersas por livros e monumentos, recordando os factos anteriores ao decreto alludido e o que sabemos das instituições e costumes romanos, poderemos concluir, sem a mais leve hesitação, que as cidades ou povos submettidos ficaram em condições muito diversas, segundo as circumstancias que haviam acompanhado a submissão. Alguns fizeram tratados com a republica, permanecendo sempre fieis; muitos resistiram, foram vencidos, entregaram-se, e muitos outros ainda, já depois de entrados no systema politico da republica, sublevaram-se contra os invasores.

A estas differentes circumstancias correspondiam situações diversas, como veremos no artigo seguinte.

DELPHIM D'ALMEIDA.

IZABEL DE CASTRO E ANDRADE

1530-1595

Em D. Izabel de Castro temos nós uma das raras percursoras da mulher authonoma, como alguns esquentadiços dos nossos dias pretendem que todas ellas o devem ser, isto é, tratando cada qual da sua vida, e deixando o lar domestico ao Deus dará.

Foi seu pae Alvaro Peres de Andrade, da familia dos condes de Villa Alva, no reino de Galliza, commendador de Torres Vedras, e senhor do morgado da Annunciada de Lisboa, [1] o qual deu á filha uma tão esmerada educação que não só nas linguas antigas e modernas se fez perita, como tambem nas sciencias moraes divinas e humanas, chegando com grande applauso a defender conclusões publicas de philosophia e theologia no convento do Varatojo.

Costa e Silva, homem sisudo, e que não gostava de vêr andar o carro adiante dos bois, ao dar conta da façanha praticada por D. Isabel de Castro no convento do Varatojo, encheu-se de uma louvavel mas inutil indignação retrospectiva, não querendo admittir confusão de sexos, e dizendo:

«Não serei eu quem louve Alvaro Peres de Andrade por esta educação dada a sua filha; parece-me bem, é certo, que uma senhora seja instruida nas bellas letras, no desenho, na pintura, na musica, e em outros semelhantes conhecimentos, que dão novo realce ás prendas e graças do seu sexo, que perde muito pela crassa ignorancia, em que pelo excesso contrario deixamos hoje corromper a mais bella metade do genero humano: não posso porém approvar que uma *dama se faça homem, e usurpe o barrete de doutor, e se dê em espectaculo arguindo em conclusões publicas;* acho n'isto um não sei que de pedantesco e de theatral, que se não conforma com a modestia que é propria do sexo, nem com o respeito que se lhe deve. Quero antes ver-lhe nas mãos os *Lusiadas*, que os Santos Padres, quero antes que a belleza mova a agulha sobre o bastidor e o pincel sobre a tela, que o telescopio no observatorio, ou o escalpelo no amphitheatro anatomico. A mulher tem uma destinação propria nos planos da Providencia, e o affastamento d'ella é uma anomalia, com que nem ellas, nem a sociedade póde lucrar.»

[1] Vide «Ensaio bibliographico e critico» de Costa e Silva, T. IV.

Em boa razão assim é. Mas já antes, muito antes de Costa e Silva haver formulado a sua severa sentença, andavam divididas as opiniões sobre o assumpto.

Sem fallar de Boileau, que pôz as litteratas á raza nas *Femmes Savantes*, outros o antecederam ou seguiram, pretendendo rebaixal-as ao inglorio mister de gatas borralheiras.

Acharam porém sempre contradictores esses que taes. Aqui temos nós á mão um livro intitulado *Tratado em louvor das mulheres*, escripto em hespanhol, [1] que ao lêl-o não fica o leitor sabendo de que mais deva pasmar, se da erudição sobre-posse do apologista encartado das mulheres, se da ingenuidade ou velhacaria com que escreveu capitulos, como por exemplo este: *Mugeres fueran principio et invencion de las cosas mas necessarias á la vida humana*, enunciado que comprova com as auctoridades de Varrão, de Plinio e d'Aristoteles!

No dizer do brincalhão auctor do *Tratado em louvor das mulheres*, foram ellas quem inventaram: *as republicas*, *as letras do alphabeto*, *a rhetorica*, *os relogios*, *as espheras*, e,—esta é que ninguem esperava!—*as leis da Barberia!*

Se Costa e Silva soubesse tudo quanto as mulheres tinham inventado, quando elle as mandava coser e bordar, não teria ampliado o seu modo de pensar—o que deixámos transcripto—com mais este não chega—para comprovação da sua affirmativa.

«Esta minha opinião ácerca da parte, que cabe ás mulheres no grande drama da vida humana, me parece ter a mesma explicação respectivamente ás Bellas Artes.»

«Herminia terna, sensivel, como Tasso a pintou no *Godofredo*, sempre ha de produzir mais impressão no espirito do leitor, do que a *Virago Clorinda* armada de todas as peças e combatendo ante os muros de Jerusalem. Nada prova melhor o bom, o philosophico espirito de Voltaire, que o caracter dado por elle exclusivamente ás mulheres nas suas tragedías *Zaira*, *Idomé*, *Merope*, *Palmira*, *Adelaide de Guesclin*, *Amenaida*, nos internecem, nos arrebatam, e nos obrigam a derramar lagrimas, ao passo que vemos, com frieza, ou enfadamento, *Cleopatra*, *Emilia*, *Cornelia*, *Medea*, engolfadas em politica, envolvidas em conspirações, e negocios de estado, meditando crimes, respirando vinganças e dando aos homens lições de heroismo, e de patriotismo, em estylo enfatico e empolado: isto prova que em Corneille havia um grande talento, mas gosto pouco apurado, pouco conhecimento da natureza, e ainda menos philosophia.»

N'este arrasoado de Costa Silva ha uma certa confusão de idéas, e um julgamento falso ácerca das aptidões theatraes de Corneille. Querer ajuizar do merecimento artistico de um auctor tragico pela indole moral das suas heroinas, é um erro tão manifesto que não chega a merecer contestação, e que pouco ou nada prova, pró ou contra as aptidões intellectuaes do sexo feminino.

Voltemos a fallar da nossa doutora. Parece que Isabel de Castro, quando se enfastiava das polemicas theologicas, e das controversias da philosophia, se dava com feliz engenho á cultura da poesia, evitando seguir os defeitos da escola predominante no seu tempo, uma especie de *idéa nova* que então grassava, mas sem os *processos scientificos* e os *meios artisticos* inventados pelos bandurristas da actualidade.

Segundo affirmam os seus contemporaneos, D. Isabel de Castro deixou ineditas numerosas poesias, que todas se perderam, excepto dois sonetos, um que sahiu impresso na *Historia Seraphica da Provincia de Portugal;* outro que se encontra no *Commentario das rhythmas de Luiz de Camões*, por Manuel de Faria e Sousa.

Pelo dedo se conhecerá o gigante. Ahi vae o primeiro:

[1] Impressa em Veneza em 1592. O titulo completo é *Tratado en loor de las mvgeres*, offerecido á infanta D. Catharina d'Austria, por Christoval Acosta Africano, que nos se affigura anagramma do verdadeiro nome do auctor.

SONETO [1]

Cheia de furiosa flamma ardente
A dura pedra sendo aqui lançada,
Em pó miudo, e branco transformada,
N'este forno já foi antigamente.

Outra transformação mais excellente
Por mais suave flamma é já aqui dada,
Antes a duras pedras costumada,
Agora a corações de dura gente.

Edificios na terra então fazia,
Edificios no Céo levanta agora,
Vede a transformação d'aquelle effeito!

Passou de noute escura a claro dia,
Com tão grande vantagem se melhora,
Que então abrandou pedras, hoje o peito!

Apezar do verso errado:

Por mais suave flamma é já aqui dada

Costa e Silva diz, e não deixa de ter razão, que se tão destemperado assumpto tivesse caido nas mãos de qualquer outro poeta contemporaneo de Izabel de Castro, as anthiteses e os equivocos seriam tantos, que tornariam ridiculas as devotas expansões dos metrificadores d'aquella epocha de mau gosto litterario.

O outro soneto de Izabel de Castro, e que não transcreveremos para poupar a paciencia dos leitores, é uma apologia do poema castelhano a *Araucana*, de Ercilla, soneto que, no dizer do conde da Ericeira, D. Francisco, consolidára entre nós a reputação do poema e do seu auctor.

Tem aqui cabimento o dar noticia de uma circumstancia notavel da vida de D. Izabel de Castro, que todos os seus biographos se comprazem em narrar, e nós não queremos pôr no escuro para que nos não accusem de incredulo.

Camões tinha razão quando se queixava dos desconcertos da natureza, e ainda elle não suspeitava do caso que se havia dar com Izabel de Castro, que, sendo como affirmam os seus contemporaneos dotada de uma excepcional precocidade intellectual foi de uma marralhice physica sem exemplo.

D. Izabel de Castro, que em rapariga deffendera, como vimos, conclusões publicas de philosophia e de theologia, só se resolveu, a ser mãe tardiamente, brindando seu marido com um filho, depois dos 54 annos de edade!

O primogenito da moderna Sara chamou-se no seculo D. Henrique de Menezes e foi quinto Senhor do Louriçal. Como em grande numero de actos da vida o caso está em começar, teve D. Izabel ainda mais uma filha, que se chamou D. Maria de Castro, e foi casada com D. João de Menezes, alferes-mór do reino.

A historia não diz se estas duas vergonteas de tão caduca arvore valeram mais ou menos do que os dois sonetos que D. Izabel de Castro legou á posteridade como documentos da sua passagem cá por este mundo.

[1] O assumpto d'este soneto foi o estar o forno, em que se cosera a cal para as obras do convento doVaratojo convertido em uma capella, dedicada a Christo Crucificado: e que ainda no anno de 1590 existia gravado no frontespicio da mesma capella.

Costa e Silva: Ensaio bibliographico e critico, T. IV.

L. A. PALMEIRIM.

Typographia de Christovão Augusto Rodrigues, rua do Norte, 104, 2.º

RUINAS

Typ. — Christovão Augusto Rodrigues.

A ARTE

DIVISÃO TERRITORIAL E CONDIÇÃO DOS POVOS DA PENINSULA IBERICA SOB O DOMINIO ROMANO

(Continuado de pag. 46)

II

PARA melhor comprehensão das diversas condições dos povos ligados de qualquer modo ao poder de Roma, parece-nos conveniente recordar primeiro algumas noções, embora muito ligeiras, do *direito fecial*, origem remota do direito internacional moderno.

Nunca os romanos emprehendiam uma guerra sem primeiro se assegurarem que ella seria do agrado dos deuses, o que só poderia dar-se quando fosse justa. A idéa de justiça, porém, não era a mesma que hoje fariamos; consistia apenas em não atropelar nenhuma das formalidades estabelecidas, as quaes eram: propôr conciliação ao inimigo: se ella fosse aceita proceder-se a um tratado, e no caso contrario, declarar-se solemnemente a guerra. Para todos estes actos havia um formulario tradiccional, diremos, talvez, melhor — um ritual consagrado, cujo desempenho se achava confiado de uma corporação sacerdotal, denominada dos *feciaes*.

Não era esta instituição exclusiva de Roma; todos os povos italianos a tinham similhante, e havia até a tradição de que Numa, ou Ancus Marcius, a importara dos aequos, ou aequiculos. [1]

Ao conjuncto de regras e ceremonias que os *sacerdotes feciaes* deviam observar, nas relações da communidade romana com um povo estrangeiro, se dava o nome de *direito fecial*, que, na sua essencia, não era mais do que uma applicação ás relações internacionaes dos mesmos principios que presidem ás relações dos individuos.

A condição das pessoas na sociedade romana pode dividir-se em tres classes: 1.ª homens livres e independentes; 2.ª homens livres, mas com certas dependencias d'outros a quem denominavam *patronos*, e de quem eram *clientes;* 3.ª escravos. D'esta diversidade de condições nasciam neccessariamente as relações de egual para egual; as de inferior para superior e as do servo para o senhor. No

[1] Marquardt — *Römische Statsverwaltung*. 3.º vol. pag. 398 (*Das collegium der Fetiales*). Cf. Laurent. — Études sur l'hist. de l'human. 3.º vol. (Rome) pag. 24 (2.ª ediç.) Duruy. Hist. des Rom. tom. 1.º, pag. 45.

entanto, o escravo podia por quaesquer serviços feitos ao seu senhor, ou por benevolencia d'este, obter a sua carta d'alforria, e as relações do *liberto* ou *libertino*, [1] e seu senhor, sujeitos sempre a certo numero de condições, já eram differentes de todas as outras a que alludimos. [2] Demais, havia ainda as relações especiaes entre pae e filho, e as provenientes da hospitalidade, que, como é sabido, merecia grande respeito aos antigos. A estas differentes situações pessoaes correspondia a situação dos diversos povos, ligados de qualquer modo a Roma. Aquelles que, pela sua força, podiam impor-se ao respeito, tratavam com a republica de egual para egual; estipulando nos respectivos tratados de *amisade* condições de interesse reciproco, em pé de egualdade. Os que solicitavam a protecção da poderosa republica, ou recorriam á sua generosidade para evitarem o exterminio ou a escravidão, faziam com ella tratados de *alliança*, *(foedus sociale)*, mas em condições de inferioridade, como as do protegido e protector. Os que tinham sido vencidos pela força, era lei da guerra ficarem á descrição do vencedor, que os podia exterminar, ou escravisar. Acontecia, porém, algumas vezes, fazerem taes serviços á republica, que esta os recompensava com a liberdade: ficavam, pois, livres, como os *alliados*, *(foederati)* mas com uma differença essencial, que opportunamente notaremos. Ás relações de pae e filho correspondiam as *colonias*, constituidas por cidadãos romanos, e que traziam para os novos lares as mesmas leis, tradições e costumes. Finalmente, da hospitalidade nasceu o *municipio*, como ainda n'outro logar teremos occasião de expor. [3]

Em resumo: os povos que faziam com Roma os tratados de *amisade*, e que por isso se ficavam chamando *amici*, não se podiam dizer incorporados no systema romano, porque, tratando de egual para egual *(aequo foedere)* não eram sujeitos ao *imperium* de Roma. [4] Esta especie de tratados foi-se tornando mais rara, á proporção que a republica ia adquirindo forças bastantes para tornar valiosa a sua protecção, e impor a sua vontade aos outros povos. Tomaram então maior incremento os tratados desiguaes *(impari foedere)*, ou de simples *alliança*, [5] chegando a ser, por fim, os unicos admittidos. A entrada contractual dos povos, por este meio, no dominio romano, não se fazia sempre nas mesmas condições; concediam-se a uns maiores vantagens, e esses ficavam-se denominando *socii*; outros eram menos favorecidos e tomavam o nome de *foederati*. Uns e outros, porém, aceitavam a preeminencia do povo romano, embora este lhes reconhecesse a sua antonomia. [6] Conservavam a liberdade administrativa e municipal, mas constituiam-se subditos de Roma, desde que se submettiam á *magestas Romana*. [7] Os povos subjugados pelas armas ficavam tributarios do vencedor *(stipendia-*

[1] *Liberto* se dizia relativamente a quem lhe deu a liberdade; *libertino* com relação á sua condição civil e politica. Segundo Suetonio, nos principios da republica *libertus* era o que tinha recebido carta d'alforria, e o filho d'este tomava o nome de *libertinus*. Nid. Willems. obr. cit. pag. 99, § 4.º n. 6.

[2] «Os que recebiam a liberdade em virtude da manumissão, eram em grande inferioridade politica e civil, com relação aos que nasciam livres» Ib. pag. 67. III.

[3] Esta engenhosa approximação das relações civis e internacionaes, encontramol-a na conhecidissima obra de Mr. Laurent. sobre a historia do direito das gentes, que já citamos. Vid. o mesmo vol. pag. 63 e seguintes.

[4] «O tratado da amisade continha, segundo Walter, as duas clausulas seguintes: 1.ª comprometterem-se os povos amigos a recorrerem, nas suas questões, á conciliação: regulamento das relações dos respectivos subditos, dos seus direitos em territorio estrangeiro, e da protecção que lhes deveria ser prestada pela auctoridade local. Em caso de guerra, os povos ligados por esta especie de tratados, podiam dar, ou deixar de dar soccorros.» (Humbert. Dicc. de antig. greg. e rom. sob a direc. de Daremberg. e Saglio, verb. *amiticia*.

[5] N'estes tratados estipulava-se a clausula de soccorro em caso de guerra: *Imperium magestatemque populi romani, gens Aetulorum, conservate sine dolo malo... Hostes eosdem habeto, quos populus romanus, armaque in eos ferto bellumque pariter gerito.* (Liv. 38. 11).

[6] Vid. Mr. Giraud. *Les bronzes d'Osuna*. Journal des Savants, 1875, pag. 75, 76.

[7] A formula que designa a inferioridade encontra-se na oração de Cicero pro Ballbo, e extraida do tratado feito com a cidade de Cadix: Magestatem populi romani comiter conservate. Apud Mr. Giraud, loc. cit. cf. n. 6.

rii), ao qual abandonavam todas as cousas divinas e humanas, segundo a formula consagrada para o acto da rendição *(deditio)*. [1]

Das colonias e municipios nos occuparemos opportunamente; por agora restringimo-nos ao indispensavel, para se comprehender o espirito das relações internacionaes no systema romano, sem o que não seria facil apreciar devidamente as differentes condições dos povos incorporados n'aquelle systema, e das quaes passamos a tratar.

(Continua).

DELPHIM D'ALMEIDA.

VIAGEM AO SERTÃO DE MOSSAMEDES

POR F. AMARAL

(Continuado de pag. 175 do 2.º vol.)

RA no dia 10 de junho, e a manhã, que se apresentara nublada, parecia de molde para a empreza difficil de vencer o planalto da Chella; pouco depois, porém, levantou a neblina, o calor tornou-se insuportavel.—Investimos pela portella da Leba. Esta subida é um caminho horroroso, cheio de pedras, e em todos os pontos mais ou menos perigoso pelos abysmos abruptos, que se encontram d'um e outro lado, e pelo declive enorme, que os representa. Tendo sahido ás 9^h 30^m d'uma altura de quatrocentos metros acima do nivel do mar, ás 11^h 35^m estavamos a 1060 metros de altura, e acampavamos a meio da serra, já bastante fatigados.

O sitio escolhido para descansar era delicioso. Sombra espessa; uma clareira limpa de terra fofa e fresca; algumas pedras dispostas em guisa de assento central, e um regato, torneando com agua limpida e fresquissima a pousada que escolheramos, para criar animo e forças, para o muito que ainda faltava subir.

Vales profundos; ravinas accentuadissimas; enormes penedos; e vegetação cerrada, eis o panorama que de todos os lados se nos antolhava, modificado apenas com o tom mais fresco que, d'horas a quando, se divisava no deslisar d'uma fonte ou d'um ribeiro,—aggravando-se por vezes esta impressão suave com o sombrio aspecto e lugubre estrondear d'uma queda d'agua imponente, que em lençol d'agua espumante accentuava o quadro de natureza virgem e agreste, que se desenrolava aos nossos olhos, ja fartos de impressões similhantes; ao nosso espirito pouco disposto á contemplação platonica da natureza; ao nosso corpo quebrado e abatido pela subida, que haviamos feito, e que nos fazia estar quasi desanimados pela idéa do muito que havia a fazer, sob a impressão d'um sol abrazador, ao qual só serviam de defeza os regatos que, repetidas vezes, encontravamos desenvolvendo-se em sinuosa e rapida carreira ora atravez, ora ao longo do caminho que percorriamos.

Ás 2^h (p. m.) largámos o delicioso acampamento, que haviamos gosado, e continuámos a subir a serra por caminhos similhantemente ingremes, e rodeados das maximas difficuldades, até que, ás 5^h 15^m chegamos ao topo da serra, na Embala do Sobba da Leba, já mais dispostos a deitar-nos do que a tratar de negocios administrativos.

[1] Eis a formula da *deditio*, que Tito Livro conservou na sua historia: *Deditis ne vós populum que Collatinum, urbem, agros, aquam, terminos, delubra, utensilia, divina humanaque omnia? Dedimus. At ego accipio.* Liv. 1, 38. *Itaque populum campanum, urbemque Capuam, agros, delubra deum, divina humanaque omnia in vestram, Patres conscripti, romani ditionem dedimus, quicquid, deinde patiamur, deditii vestri passuri.* Ib. 7, 31.

Fez-se o acampamento; armaram-se barracas; distribuiu-se aguardente; preparou-se a canja do costume; fizeram-se as fogueiras; e travaram-se com o sobba os comprimentos do estylo, que, na sua synthese, representam sempre mais ou menos a troca de presentes, e os mil protestos que, ao recebel-os, fazem os sobbas, da muita estima e eterna gratidão, acompanhadas da maior consideração pelos brancos, e representantes do *moeni-puto* ou rei de Portugal.

O sobbeto da Leba fingio lamentar não ter os seus bois proximos, contentando-se em presentearnos com algumas maçarocas de milho e aboboras, as quaes demos aos negros, que nos conduziam.

Comido que foi o caldo negro e fumado, que podémos preparar com o auxilio do fiel camaleão, fomos para as barracas, onde tentámos dormir, o que não conseguimos — Estavamos esquentadissimos com a enorme soalheira que haviamos supportado; e na altitude de 1715 metros, em que nos achavamos, o frio começou a ser por tal forma intenso, que a roupa encharcada com a transpiração produzida pelo esforço da subida na serra, tornou-se verdadeiro systema de compressas frias e humidas, que causaram um mau estar indefinivel — A geada em volta da barraca; a proximidade do respectivo testo; o vento sacudindo as paredes, e o ar frio entrando pela parte inferior; o fumo das fogueiras, que ardiam em volta; e a vosearia dos negros accumulados em roda de nós; tudo constituia um quadro realista, coroado por uma espertina impossivel de dominar, principalmente sendo, como eramos quasi todos, mais affeitos aos calores excessivos d'Africa, do que aos frios, ainda mesmo não tão fortes, como os que estavamos experimentando.

N'um mesmo dia, com intervallos de 6 ou 8 horas, experimentámos a temperatura de 38 graos, seguida d'uma insulação prolongada; terminando pela temperatura de geada, que tivemos na madrugada seguinte occasião de verificar, cobria os campos visinhos! — Esta experiencia é dura para o organismo humano, e tanto assim que não escapámos ás febres constipatorias, que eram derivada essencial de tão rude prova.

O sobba da Leba não gosa das melhores reputações. Tendo a sua sanzalla collocada em optima posição estrategica, dizem ser couto de ladrões de gado, com os quaes parece tem estado na melhor harmonia; ultimamente, porém, tinha-se tornado mais honesto, porque elle proprio fôra roubado pelos seus alliados! — Tive com este negro feio e porco as melhores relações, que esperava cultivar, se tivesse d'ali ir outra vez.

Deve parecer estranha esta vontade de fazer relações intimas com uma individualidade, que se appresenta com tão poucas rasões de recommendação; desejei eu porém sempre conservar com as auctoridades gentilicas bom trato, no intento de nos insinuarmos, e procurarmos, por todos os meios, fazer-lhes desvanecer idéas menos justas, mas ás vezes infelizmente justificadas, que ácerca das auctoridades portuguezas, e dos brancos em geral, têem alguns d'elles.

Sem saudades do Sobba da Leba, largámos no dia 11 de junho ás 7^h 30^m, seguindo caminho da Huilla, passando pela Embala do Sobba da Humpata, onde chegamos com a esplendida viagem de 3^h 45^m.

Os carregadores, ainda frescos, corriam com as tipoias por entre os arimos dos pretos da Humpata, que nos victoriavam na passagem, com gritos ora selvagens e rudes, ora harmonicos e compassados, e risadas francas, em que a alvura dos dentes contrastava d'uma maneira muito pitoresca com a negrura da pelle. As negras, com os filhos suspensos das costas, interrompiam o trabalho do campo para nos saudarem com as mesuras grotescas e originaes, que lhes são habito e maneiras, e os negros auxiliavam os nossos carregadores no transporte das tipoias, e entoavam córos d'um effeito muito harmonioso e sympathico. Ás 11^h 15^m estavamos pois conversando com o Sobba da Humpata, o negro mais insinuante dos que conheci no sertão de Mossamedes. Tem este preto optima presença, e um grande e raro prestigio sobre a gente que governa.

Parente e subordinado de Pombaculo, Sobba do Jáo, é sobrinho d'um negro Gim, de quem herdou o estado. Era o tio official de segunda linha, e gosava de muitos bons creditos entre os brancos, creditos que este conserva com egual razão e egual justiça.

Houve a troca de presentes habitual—Consistiram estes da minha parte em aguardente e fazendas. Branco que não dá aguardente, não tem conceito entre os pretos em Africa; chamam-lhe Cangundo, nome com que classificam os brancos de baixa condição, e que applicam muito particularmente aos degredados. Deu-me o Sobba um garrote, que mandei matar para distribuir pelos negros e soldados, que me acompanhavam, e as mulheres vieram quasi todas, em uma linha, entregar-me

DÁ-ME DEZ RÉISINHOS?

aboboras e milho, que fiz tambem distribuir, dando-lhes em troca missangas, que agradeceram com effusões manifestas de gratidão e estima.

O Sobba almoçou comnosco, comendo com perfeição, e sem se atrapalhar, distinguindo perfeitamente as hypotheses no uso do garfo e da faca, o que ás vezes se não respeita n'algumas mezas de primeira ordem, na Europa.—Daremos em seguida a descripção do baptismo d'este Sobba e suas duas mulheres, na Capella da Huilla.

(Continúa).

RUINAS

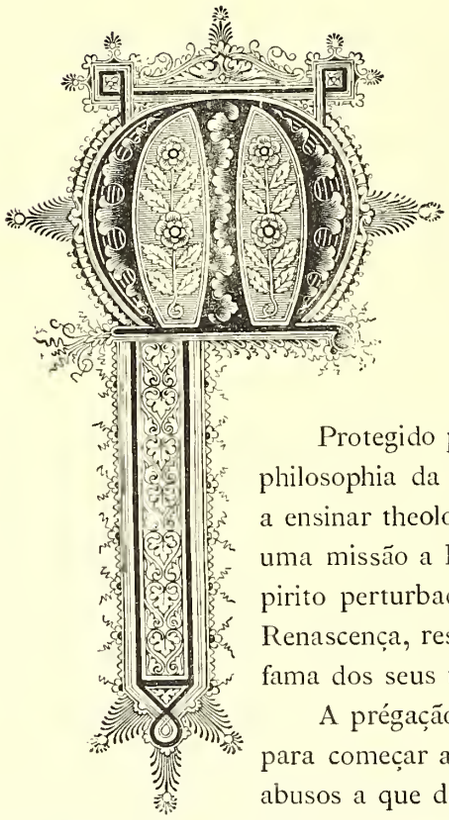
—

REPRESENTA a nossa gravura um palacio arruinado da Allemanha, onde são ainda numerosos os monumentos de architectura militar da edade media, que me recordam a epocha do feudalismo, mais brutal e feroz n'aquelle paiz do que em muitos outros da Europa, entre os quaes foi, sem duvida, Portugal o reino em que o seu nefasto poder não teve nunca uma sombra sequer d'aquelle que chegou a attingir na Allemanha, França, etc.

Ha ruinas respeitaveis pelas suas gloriosas tradições, como as ha execrandas pelas memorias de factos ignominiosos que a ellas andam ligados. Umas e outras, porém, são reliquias do passado sob o ponto de vista da historia da arte.

LUTHERO

—



ARTINHO Luthero, um dos mais celebres chefes do protestantismo, teve o seu berço em Eisleben (Saxe) onde nasceu a 10 de novembro de 1483, sendo filho de um pobre cortador de lenha, que, mais tarde, chegou a possuir minas em Mansfeld.

Ainda muito creança, mas revelando já grandes talentos, cursou Luthero a universidade de Erfurt, estudando tambem em Eisenach e Magdeburgo, com aproveitamento notavel. Depois de uma doença gravissima, que o prostrou em funda melancholia, resolveu fazer-se frade e entrou no convento dos eremitas de Santo Agostinho, em Wittemberg, onde tomou ordens sacras.

Protegido pelo vigario geral da ordem, João Staupitz, obteve a cadeira de philosophia da nova universidade de Wittemberg, dedicando-se especialmente a ensinar theologia, a explicar a Biblia e a prégar. Em 1510 foi encarregado de uma missão a Roma junto do Summo Pontifice; mas voltando d'ali com o espirito perturbado pelos costumes pouco severos da Italia e do paganismo da Renascença, resolveu entrar em lucta aberta contra Roma. A esse tempo, já a fama dos seus talentos se havia espalhado na Allemanha.

A prégação das indulgencias, decretada por Leão X, deu ensejo a Luthero para começar a desempenhar o seu papel de reformador. Indignado contra os abusos a que dava origem a distribuição da bulla de indulgencias, dirigida pelo dominicano Tetzel, afixou em 31 de outubro de 1517, contra aquella, á porta da egreja do castello de Wittemberg, um programma com grande numero de proposições. Tetzel respondeu-lhe violentamente, dando essa resposta logar a uma larga discussão theologica, conhecida pelo nome de *Argumentação de Leipzig*, que acirrou ainda mais o ardor de Luthero na campanha travada contra os seus antagonistas, Tetzel, Eck, Emser, d'Alveld e outros. O frade saxão, por fim, deixou de respeitar o papado, e alcançou numerosas adhesões, atacando as riquezas do clero e excitando contra ellas a cupidez da nobreza allemã. Este modo de proceder violento e energico fez com que o Papa o excommungasse solemnemente, em 1520.

Depois de fulminado pela excommunhão papal, Luthero, com uma audacia e coragem espanto-

sas, lançou a bulla ás chammas, na praça publica de Wittemberg, de envolta com os decretaes pontificios e com os livros de direito canonico.

A nossa gravura representa-o n'essa situação, sobranceiro e altivo, quasi feroz, cercado pelo povo, arremessando a bulla papal á fogueira crepitante.

Carlos V citou-o para comparecer na diéta de Worms, dando-lhe um salvo conducto para vinte e um dias. Luthero não se intimidou e foi, embora muita gente lhe dissesse que iria ter a sorte de João Huss. Junto da diéta não quiz retractar-se nem abjurar os seus erros. De volta de Worms, refugiou-se no castello de Wartburgo, onde começou a traduzir a Biblia em linguagem vulgar, e a escrever grande numero de pamphletos contra as innovações temerarias de Carlstadt, Storch e Münzer, respondendo tambem d'ali, com libellos injuriosos, a Henrique VIII e á Universidade de Paris.

A 3 de março de 1522 deixou a solidão do seu *Patmos*, como elle lhe chamava, e reappareceu em Wittemberg. *A guerra dos camponezes* assolava por esse tempo a Allemanha, e Luthero, que era indirectamente o auctor da rebellião, declarou-se contra aquelles desgraçados, exhortando os *senhores* a perseguirem-n'os sem piedade.

Um anno depois, o reformador desposava uma religiosa, chamada Catharina Bora, de quem teve varios filhos.

As opiniões de Luthero haviam-se espalhado por uma grande parte da Allemanha; não se limitando elle já a repellir a auctoridade do papa e da egreja, mas atacando tambem o celibato do clero, os dogmas principaes do catholicismo, os votos monasticos, e regeitando tudo quanto a sagrada escriptura, livremente interpretada, não tinha instituido.

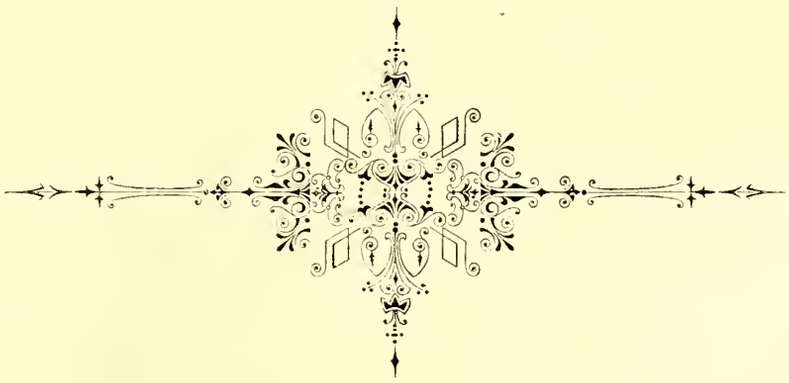
Em 1526 formou-se em Torgau a primeira liga dos lutheranos ou protestantes, tendo á sua frente o eleitor de Saxe e o landgrave de Hesse; a reforma estendeu-se a todo o norte da Allemanha, á Dinamarca e á Suecia. Luthero, mostrando-se cada vez mais intolerante com todos aquelles que não perfilhavam as suas doutrinas, declarou-se contra Zwinglio e Calvini, fez sair de Saxe, Carlostadt, e fulminou com o seu odio a Erasmo, philosopho moderado, que havia defendido o bom senso.

Os lutheranos tinham-se recusado a obedecer aos decretos da diéta de Spira em 1529. O imperador, em vista d'esta recusa, pediu a Luthero uma exposição das suas doutrinas, que elle redigiu, auxiliado por Jonas, Pommer e Mélanchthon. Em quanto este ultimo sustentava perante a diéta, em 1530, as diversas proposições da *Confissão d'Augsburgo*, compunha Luthero, no castello de Ehrenburgo, o famoso cantico: *Uma cidadella é o nosso Deus*. Em seguida publicou um manifesto dirigido aos allemães e viu organisar-se a união de Smalkalde para a defeza da liberdade religiosa.

Os tratados de Nuremberg e Cadan pozeram termo á guerra. Abriu-se em Trento um concilio, havia muito tempo promettido, mas os protestantes não quizeram comparecer a elle. Foi por esta occasião que Luthero deixou de existir, acabrunhado de trabalhos e de fadigas.

Luthero foi, acima de tudo, um dialectico apaixonado, um theologo cheio de sciencia e de orgulho indomavel. As suas obras são numerosissimas e valiosas. Os habitantes de Wittemberg erigiram-lhe uma estatua de bronze.

C. D.



AMOR JUNIOR

III

(Continuado de pag. 24)

E'ssa noite, foi no *Club Setubalense* que se improvisou a *tertulia*. Soledad e mais tres senhoras hespanholas constituiam todo o feminino da sala; mas por muitos que fossem os satellites, e por mais brilhante que palpitasse o lume de seus olhos castelhanos, Soledad, o bello astro da praia, a todos offuscaria com a graça picante dos seus sorrisos, dos seus olhares, e do seu desembaraço andaluz. Não havia, portanto, necessidade de mais senhoras ali. Em estando Soledad, ella só bastava a encher de torrentes de vida a sala e os corações. A irradiação da sua bellesa era como a da lua, nas formosas noites de verão.

No elemento masculino notava-se, porém, uma certa agitação n'essa noite. Os admiradores de Soledad entravam e saiam frequentemente da sala, cheios de uma certa preoccupação mysteriosa. O proprio conselheiro Antunes desapparecera. Algumas pessoas envenenavam este facto, fazendo notar que Dona Estanislada não estava presente. Mas a verdade era que o conselheiro Antunes, entrando nas suas funcções de cosinheiro, corria a cidade em todas as direcções, procedendo aos preparativos indispensaveis para a caldeirada do dia seguinte. Nenhumas outras funcções poderiam ter despertado no conselheiro tanta energia. Mas elle comprehendia perfeitamente que todos os conselheiros portuguezes ficariam compromettidos na sua respeitabilidade de classe, se o *picnic* disparasse n'um enorme *fiasco* culinario. De mais a mais, a sua reputação individual de Vatel amador, affirmada por muitas vezes nas patuscadas aristocraticas de Cintra, encontraria nas areias de Troya um verdadeiro Waterloo, uma deploravel ruina. E elle, que já de pouco mais se podia lisongear, gabava-se de ter ainda uma excellente mão de tempero.

Isto pelo que respeita ao conselheiro. Quanto aos outros, a causa da sua preoccupação era diversa. Sentia-se effectivamente que andava no ar um acontecimento estranho, extraordinario, alarmante. N'um gabinete interior conferenciava-se em tom discreto; entravam uns, saiam outros, e o marcador do bilhar, que espreitava cheio de curiosidade por um pequeno buraco do tabique, chegou a suspeitar de que estivessem bebendo á socapa, — julgando-se até certo ponto desconsiderado por lhe não haverem distribuido o papel de Ganimedes do festim.

O marcador era um tolo, um guloso, para não dizer um borracho. Ali, no gabinete, não se tratava de beber vinho; se havia sêde, era de sangue. O estudante de Alcacer queria sugar as veias do jornalista de Lisboa, escorropichar-lhe as arterias, mastigar-lhe o coração. Uma carnificina! O alferes de caçadores 1 dirigia os preliminares do duello, e dizia marcialmente que, *cousas d'esta natureza*, em que elle entrasse haviam de acabar por força em sarrabulho. Que não era para brincadeiras, que tinha uma farda, que devia honral-a, e que estava n'essa firme convicção. Que o duello havia de ser de morte, a poucos passos de distancia, á pistolla, pelo menos; por não estar em costume bater-se ninguem a canhão, porque seria esse o meio mais racional de dois sujeitos se metralharem.

No botequim da praia contava-se, commentava-se o *escandalo* d'aquelle dia. Que o estudante e o jornalista não só se haviam insultado de palavras, na presença de Soledad e por causa d'ella, mas que tinham mesmo chegado a vias de facto, arrancando as barbas, e não sei se os olhos, um ao outro. Alguns curiosos foram ao lugar do conflicto para verificar se havia no chão nodoas de sangue, e algum olho perdido. Não encontraram nada. Accrescentava-se que o administrador do concelho já tinha tomado conhecimento do facto, que o poder judicial receberia participação, e todo este *escandalosinho* era saboreado a pequenos golles, como um vinho generoso. Em Setubal, quando algum acontecimento extraordinario occorre, põem-n'o de escabeche para durar mais tempo. Sabem tratar

SALVA DO XVII SECULO PERTENCENTE AO PALACIO DA AJUDA

muito bem do peixe e do escandalo de conserva. Depois, os commentarios saltavam. Uns velhos sacudiam o seu caruncho em phrases desdenhosas: «Que tolos! são uns asnos! Tudo isto por causa de uma hespanhola que os anda a comer!» E outros, mais philosophos: «Todas as mulheres são da mesma massa, tanto faz que sejam hespanholas como portuguezas.» E um bregeirote, do lado: «Se ella fosse de massa não se massavam elles tanto!...» «Aquillo é para lavar e durar!» commentava um capitão de navios, vermelho e grosso, já entrado na genebra de Hollanda, que bebia em copinhos, de um só sorvo.

No gabinete do *Club* resolveram que era melhor o estudante apparecer na sala da dança, para *dissipar suspeitas*. Quando o marcador o apanhou na casa do bilhar, depois de haver sabido por um frequentador do botequim, que entrára, a historia exagerada do conflicto na praia, chegou-se-lhe ao ouvido, e disse com os ares de superioridade de quem está de posse de um segredo: «Então, o senhor tira a desforra, hein?» «Chut! respondeu o estudante. Eu cá sou assim, ha de ser duello de morte!» O marcador ficou entalado: «De morte?» perguntou. E como o estudante lhe voltasse as costas, saboreando a sua reputação de duellista, o marcador foi vêr ao livro dos *fiados* a quanto montava a divida do estudante. E sommou: Cinco partidas de bilhar, dois charutos, um copo de vinho do Porto: total, 360 réis. O estudante fez a sua entrada na sala, apparentando uma tranquillidade heroica, a serenidade fria de um Cassagnac, julgava-se circumdado de um resplendor glorioso. Mas Soledad parecia não o haver comprehendido, mostrava-se uma digna representante de um paiz de antigos brigões de capa e espada, e de modernos toureiros audaciosos. Não fez caso do heroe. Estava apertando a cravelha amorosa ao sueco, conseguindo extrahir d'elle, do *Stradivarius* que todo o homem tem no coração, notas de uma mellifluidade assombrosa nas raças do norte. Ella tinha-o embriagado com o *Kirsch-Wasser* dos seus olhos. Estava tonto de amor o sueco, bebado de *salero*, e, no *grand'-chaine* dos *Lanceiros*, as suas mãos enormes, duras e grossas, pareciam ter uma delicadesa de sensitiva, as contracções nervosas dos tentaculos de um carangueijo, ao colherem os dedos avelludados e finos de Soledad.

Depois da dança, rendeu-se culto á poesia. O estudante, que estava sempre na vanguarda dos recitadores, menos do que nunca se fez rogar n'essa noite. Recitou versos de Alvares de Azevedo, o mais genial, o mais nacional dos poetas brazileiros, talvez. E de pé, tendo na voz todas as commoções ao mesmo passo epicas e lyricas do homem, que vae expôr-se heroicamente á morte, estando psychologicamente mais vivo do que nunca, declamou:

Se eu morresse ámanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã:
Minha mãe de saudades morreria,
Se eu morresse ámanhã.

Quanta gloria presinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perdera chorando essas corôas,
Se eu morresse ámanhã.

Que sol! que ceu azul! que doce n'alva
Acorda a natureza mais louçã!
Não me batera tanto amor no peito,
Se eu morresse ámanhã.

Mas essa dôr da vida, que devora
A ancia de gloria, o dolorido afan...
A dôr no peito emmudecera ao menos,
Se eu morresse ámanhã...

Na verdade, o estudante de Alcacer difficilmente poderia ter escolhido outra poesia, que melhor traduzisse as grandes luctas intimas da sua alma. É certo que nos pormenores da composição não havia inteira identidade de circumstancias entre o recitador e o poeta. O estudante nunca tivera irmã nenhuma, e por isso estava bem longe de que a piedade fraterna tomasse sobre si o encargo de lhe fechar os olhos. E ainda que caisse ferido no campo da honra, de pistolla em punho, sua mãe não morreria de saudade, pela simples razão de já ter morrido, alguns annos antes, com as febres de Alcacer. Quanto ás *corôas* que elle perderia morrendo, a dessimilhança era profunda. O pae, comquanto fosse um bom proprietario de marinhas, estava cansado das prodigalidades do filho, — isto pelo que toca ás corôas de... dez tostões; quanto ás de louro, colhidas nas lides de Minerva, as *raposas* encarregavam-se de lh'as devorar annualmente. Mas, em tudo o mais, essa triste prophecia de Alvares de Azevedo parecia quadrar á situação do estudante.

Soledad deu mediana importancia aos versos e ao recitador... N'essa noite parecia deliciada em conhecer como um homem forte do norte póde estontear de amor sob a influencia de uma mulher do occidente. Quando o estudante saiu da sala, jurando aos seus deuses matar o sueco, depois de ter matado o jornalista, o marcador chegou-se ao pé d'elle, e lembrou-lhe *aquella contasinha de dezoito vintens, visto que ha viver e morrer, e elle haver dito que o duello havia de ser de morte...*

O estudante ficou vivamente contrariado, remexeu nas algibeiras, e poude, ao cabo de muitas pesquizas, encontrar 150 réis.

— Aqui tem, disse elle ao marcador; e se eu morrer, mandem-me penhorar pelo resto no inferno. O cobrador que pergunte ao Cerbéro por Julio de Lemos. Cerbéro é um cão...

— Lá isso é, ficou dizendo o marcador, e de 210! Corja de pulhas!...

No gabinete as negociações haviam caminhado rapidamente durante a breve ausencia do estudante. Os *padrinhos* conferenciaram, o alferes de caçadores declarou muitas vezes que o duello havia de ser de morte, que vestia uma farda, que tinha o dever de honral-a, que o seu committente queria matar ou morrer, que a offensa tinha sido grave, mas, arrastado pela marcha evolutiva das cousas, a seguinte acta já estava redigida quando o estudante entrou:

«Nós abaixo assignados fomos encarregados pelo ex.^{mo} sr. Julio de Lemos de procurar o ex.^{mo} sr. Aurelio Goes, a fim de lhe pedirmos explicações sobre algumas phrases violentas que na tarde de hoje, e junto ao oratorio de Mendoliva, suburbio de Setubal, dirigira ao nosso digno e brioso committente. Immediatamente o ex.^{mo} sr. Aurelio Goes encarregou os dois cavalheiros, que comnosco assignam, de nos procurarem para deliberarmos sobre o que á honra de ambos mais conviesse, fazendo-se reciprocas declarações de que tanto um como o outro estavam dispostos a sacrificar-se para satisfação da propria honra, caso se reconhecesse que havia sido offendida. Examinada por nós maduramente a causa do conflicto, e a maneira por que elle se deu, entendemos em nossa consciencia e dignidade que as phrases tidas por violentas, apenas continham allusões litterarias, que de nenhum modo podiam *susceptibilisar (sic)* os brios pessoaes d'aquelles dois cavalheiros, pelo que, foi por nós quatro reconhecido, que não havia motivo rasoavel para que esta pendencia proseguisse, devendo outrosim declararmos que os nossos committentes se comportaram de modo a affirmar louvavelmente o seu pundonor e a sua coragem, como pessoas que nobremente antepõem o respeito pela honra individual a todas e quaesquer conveniencias materiaes.

Setubal, etc., etc.

Pelo ex.^{mo} sr. Julio de Lemos, *Fulão* e *Fulão.*

Pelo ex.^{mo} sr. Aurelio Goes, *Fulão* e *Fulão.*»

O alferes de caçadores 1 chegou a convencer-se de que effectivamente a honra individual não havia sido atacada de parte a parte, mas não prescindiu de declarar verbalmente mais uma vez que,

desde o momento que se tivesse liquidado haver affronta para o seu committente, o duello seria de morte porque, em homenagem á sua propria farda, não acceitaria qualquer outra solução.

O estudante ouvindo lêr a acta conjunctamente com o jornalista, declarou que effectivamente lhe parecia que os factos estavam correctamente apreciados, mas que muito o contrariava não poder experimentar no campo da honra a força do seu braço; por sua parte, o jornalista disse que os factos haviam sido fielmente interpretados, mas que lamentava que ainda d'aquella vez elle não podesse provar que pertencia ao numero dos jornalistas, que acceitam a responsabilidade das suas acções e das suas palavras em qualquer campo aonde sejam chamados.

Resolveu-se mais que as pazes fossem solemnemente selladas com um abraço, e que uma copia authentica da acta apparecesse no proximo domingo nas columnas da *Gazeta Setubalense*, e na *Trombeta Ullyssiponense*, de que Aurelio Goes era redactor effectivo.

O morgado de Reguengos e o proprietario das Alcaçovas riram a bandeiras despregadas quando ouviram lêr a acta, e declararam cathegoricamente que, se os duellistas houvessem tentado bater-se, teriam ido separal-os a murro e a ponta-pé.

Havia tal energia alemtejana n'esta declaração dos dois, que toda a gente os acreditou, incluindo os padrinhos e os proprios duellistas.

Julio de Lemos sentiu os seus nervos mais tranquillos, porque a verdade é que ninguem sabe onde uma bala póde ir parar, mas por outro lado foi obrigado a reconhecer que lhe faltava o prestigio da heroicidade, que lhe tinha fugido das mãos um titulo altamente recommendavel, a reputação de duellista.

D. Enrique Saavedra entendeu que eram horas de pôr termo á *tertulia*, quando na egreja de S. Julião bateram as dez. Que sua mulher estava só em casa... e além d'isso o banho... que a maré era cedo: respondia elle ás instancias com que lhe pediam meia hora, mais meia horinha ao menos. Mas a verdade era que D. Enrique estava aborrecido por lhe faltar o cirurgião ajudante, para fallar com elle sobre a poesia revolucionaria na peninsula, e que, por causa do duello, não apanhára ninguem a quem podesse massar sobre os acontecimentos da politica hespanhola.

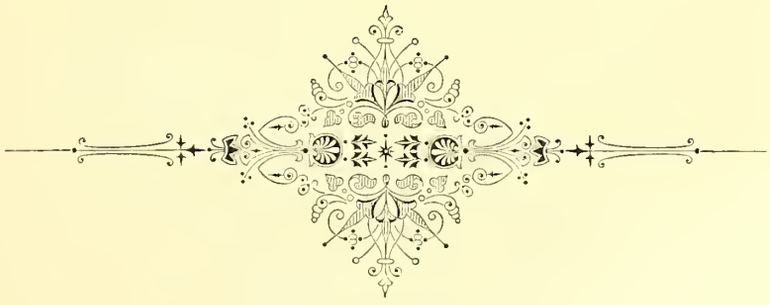
Na praia, quando a familia Saavedra se dirigia para casa, acompanhada por todos aquelles que constituiam o seu sequito habitual, um vulto passava em direcção opposta, e reconhecendo D. Enrique, chegára-se a elle, e dissera-lhe a meia voz:

—Sabe *usted* que ainda não pude até agora arranjar azeite bom para a caldeirada de ámanhã?! Com mau azeite não ha caldeirada que preste...

Era o conselheiro Antunes, que até áquella hora não tinha effectivamente podido arranjar azeite. Estava contrariado.

ALBERTO PIMENTEL.

(Continúa).



LUTHERO

OS CHANGOS

—

(APONTAMENTOS DE VIAGEM)

DESERTO de Atacama prolonga-se desde os confins de Copiapo, no Chile, até á costa de Arequipa, no Peru.

Ao oeste é banhado pelo Pacifico.

A leste limitam-n'o os Andes.

Extensão, N. a S, 600 kilometros, approximadamente.

Largura media: 200 kilometros.

Aqui nunca chove.

As mortas areias d'estas praias só estremecem e se molham ao contacto das ondas do oceano.

As rochas, os seixos, a lava que coroa estas alturas, espalhada em pó e fragmentos sob infinitas formas, apenas bebem o rocio das nuvens na primavera.

N'estas margens habitam, dispersos, os restos indigenas chamados *Changos*, hordas errantes oriundas d'estas áridas regiões.

Da sua origem primitiva nada se sabe, e parece não terem pontos de communidade com os da raça inca ou kechua.

Verdade é que a historia diz-nos que n'esta costa encontraram os primeiros conquistadores hespanhoes gentes simples e miseraveis submettidas aos senhores de Kusko.

Mas o idioma e costumes dos Changos são muito diversos do idioma e costumes dos Incas.

Sem estimulos, sem esperanças, esta pobre gente arremeda, com os seus habitos de indolencia, com o seu atrazo, com a sua nudez, as condições estereis e sinistras do deserto.

Em vão por aqui passa, quasi quotidiano, o grande motor da vida dos povos—o vapor.

Indifferente, o Chango mal attenta nas galhardas evoluções d'esses vehiculos da civilisação, acaso admirando somente a rapidez da sua carreira, a sua magnitude e o pennacho de fumo que arroja em caprichosas espiraes.

No palacio fluctuante, que avisto além, a ninguem, certo, occorre que, dentro dos aridos seios d'estas praias ou debaixo dos precipicios d'estas costas, eriçadas de montanhas ermas e calcinantes, existam similhantes familias humanas.

As mesmas povoações civilisadas que por aqui se tem fundado a largas distancias, como oasis do deserto, movem-se, afanam-se, exploram as riquezas mineraes em que abunda o solo (ouro, prata, cobre, etc.) ignorando que entre ellas vivam estas fracções desherdadas, que outr'ora foram pacificos soberanos d'esta terra.

Nos portos do Peru, Bolivia e Chile tem-se do Chango uma idéa vaga, abstracta, e uma certa consciencia de mingua e desprezo. Por isso, as suas relações são escassas, nenhuns os seus vinculos.

Inimigo dos habitos sociaes e das povoações... vive errante, sem domicilio fixo na grande extensão d'estas praias.

Quando se approxima das immediações dos portos, é impellido pela necessidade de vender os seus productos.

Os unicos ramos industriaes que conhece são a pesca e o apascoamento.

É por meio d'elles que estabelece as suas curtas relações com o mundo e se torna um pouco social.

Provê os portos de leite, ovos, queijos—congros, corvinas, linguados e outros muitos peixes que ha na costa.

O Chango conhece certos pontos, a que chama *aguadas*, donde, com uma curta perforação, faz brotar pequenos receptaculos de agua salobra.

Assim, certo de achar essa mesquinha humidade para apagar a sede, interna-se afoutamente nas sinuosidades do deserto.

Imbuido em alguns principios geraes de religião, diz-se christão.

Mal conhece o culto; mas, inclinado ás superstições da ignorancia, tem os seus ritos, o seu fanatismo.

Chegado á idade viril, se casa com alguma *moça* da sua raça, é feliz e constitue familia.

Essa familia, criada á intemperie e sob os rigores da nudez e da miseria, é uma horda bruta e sem esperanças.

Muitas vezes, porém, não alcança essa felicidade, e envelhece sem companheira, abandonado e só, se não morre em alguma das suas correrias.

Então é uma ave sem ninho, uma planta sem seiva, uma arvore sem fructo, um parasita.

A penuria da sua vida, as privações a que está sempre sujeito, destroem e anniquilam a casta de um modo sensivel.

Por outro lado, a rapacidade dos mineiros da costa e a escassez de mulheres nos portos e estabelecimentos, teem dado logar a abusos das filhas d'esta pobre gente, as quaes fogem do lar paterno para renegar da sua estirpe.

E eis outro elemento de destruição da raça pelo desequilibrio dos sexos.

Afastado do bulicio da sociedade, sem mais estimulos que as necessidades materiaes da vida, o Chango dedica quasi todo o seu afan á pesca.

Isto torna-o um navegante rude e ousado.

Usa uma embarcação, chamada *balsa*, formada de dous grandes chouriços de couro de lobo marinho, inflados, unidos no centro, com remates em ponta arqueados e salientes.

Estas balsas apenas offerecem o espaço sufficiente para conter dous homens, accommodar o peixe e os utensilios da pesca.

Entre os utensilios figuram redes, anzoes e arpões com cordas grossas e compridas.

As balsas, geralmente, teem seis metros de comprido, sobre uma grossura do diametro de setenta centimetros cada chouriço, na sua parte central.

Os lobos marinhos, em que abunda a costa, ministram, com o seu couro beneficiado, esta ligeira embarcação, a quál, ordinariamente, é betumada nas costuras e apresenta uma côr de tijolo ou de sola.

Como uma grande boia, a balsa fluctua sem esforço sobre as aguas.

Para livral-a dos temporaes e resacas, o Chango põe-n'a em terra.

N'esta fragil embarcação percorre as costas e transporta-se de um a outro porto para realisar as suas pescas.

Passa dias, semanas no oceano, luctando com as mais furiosas ondas.

Nas suas correrias sustenta-se de bolacha, peixe assado e agua.

Um mau remo de madeira, com duas pás nas extremidades, é a locomotora, o leme da tosca embarcação.

O modo audaz com que pesca o espadarte merece mencionar-se.

Com um arpão seguro por uma corda muito comprida, presa n'um dos extremos da balsa, fere o peixe que se lhe apresenta.

O monstro, cravado pelo ferro, lança-se cego entre as aguas, e, sumindo-se em direcção caprichosa, corre, veloz como o raio, arrastando a balsa.

A balsa assim impellida, segue com o Chango a carreira da sua victima sobre a sinuosidade das ondas, e exposta a todo o instante a bater contra os escolhos ou a virar-se.

Algumas vezes, o monstro ferido, intencional ou casualmente, crava a sua espada na embarcação e submerge-a.

Então o Chango é victima da sua audacia.

Felizmente, a maior parte das occasiões succede que, desangrado o espadarte e anniquilados os seus esforços, cede por fim e morre.

Então o ousado pescador, ensopado em agua, transido de frio, agitado de cansaço, recolhe satisfeito a corda em cuja extremidade arrasta o monstro que, pouco antes, o fizera gyrar como uma veleta.

Mas quantas vezes o pobre filho do deserto desapparece entre as embravecidas ondas ou se desfaz contra algum rochedo, para o seu corpo servir de pasto ás feras vorazes do oceano, sem deixar nenhum rasto, nem sequer uma lagrima!

E, comtudo, o Chango busca solicito taes emprezas em que arrisca a vida por oito dias de folga, e cujo producto nunca excede a trinta *pesos* (vinte e sete mil réis.)

Quando o Chango desembarca com a sua presa, entram no lar a festa e a alegria.

Diligente, procede á desmembração do peixe, á extracção do azeite, e, reservando uma parte para seu consumo, corre com o resto ao mercado mais proximo.

Realisada a transacção, lança-se nos braços da gula e da ociosidade.

A casa e o vestuario não lhe dão cuidado.

O seu abrigo pessoal não passa de andrajos e um velho sombreiro informe.

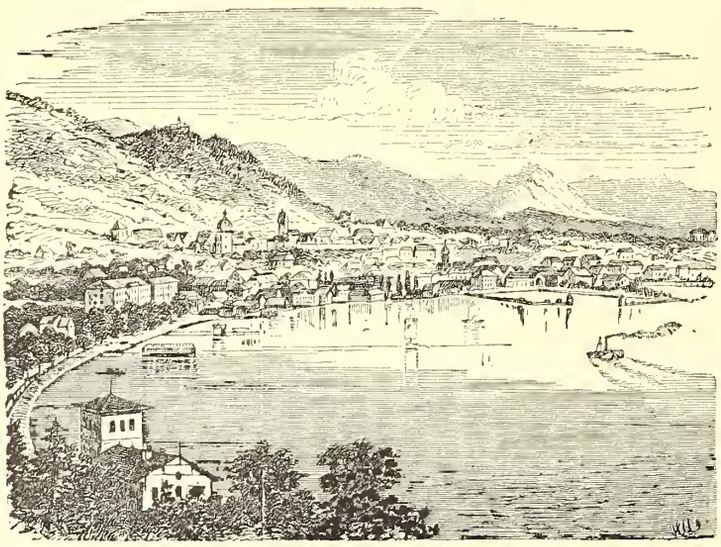
Uma choupana, geralmente nas cavidades das rochas, construida de taipa, costellas de baleia, encerados, ripas e couros achados nos muladares, é a habitação.

O leito — uma esteira e uma enxerga esfarrapada.

Ossadas de peixes e alguma mesa desconjunctada completam a mobilia...

Assim se deparam ao viajante curioso, n'aquellas soledades, os restos de uma raça que, por sua rudeza, indolencia, frugalidade, constancia, mesquindade, por sua ousadia, forma o typo mais original e mais nullo do homem americano que vegeta ao lado da civilisação.

FRANCISCO DE ALMEIDA.



Typographia de Christovão Augusto Rodrigues, rua do Norte, 104, 2.º

O BALOUÇO

Typ. — Christovão Augusto Rodrigues.

A ARTE

O BALOUÇO

—

Nem um só d'esses conselheiros graves e sisudos, que á noite costumamos vêr no Gremio, e que por ahi se repotream em fofas carruagens, flagellados por uns assomos de rheumatismo, é capaz de dizer que não brincou com balouços, quando tinha a redemoinharem-lhe no cerebro juvenil, em vez de projectos financeiros, as irrequietas e buliçosas phantasias dos dez annos.

Dou um doce ao primeiro, d'entre elles, que não o houvesse feito nas suas rapaziadas alegres, n'essa quadra florida e sorridente em que se joga o pião e as escondidas, a pélla e a cabra cega; n'esses tempos aureos em que todos nós fazemos repetidas *gazetas* á escola e atiramos por ares e ventos uns papagaios descommunaes com rabos de trapo incommensuraveis, roubados á cesta de costura maternal.

Já Enéas se balouçava: se o não dizem as chronicas d'esse tempo, asseguramol-o nós. Balouçou-se Gambetta, iamos jural-o sobre umas Horas. Grevy mesmo, não foi estranho ás doces commoções do balouço, quando ainda nem sonhava que havia de presidir aos destinos de uma republica; e o proprio Gladstone, com toda a sua fleugma britannica, não deixou de dar meia duzia de saltos, balouçado n'uma taboa qualquer, como a que a nossa gravura representa.

O balouço é de todos os tempos, de todos os paizes e tem servido de distracção a todas as classes da sociedade. Faz-se em qualquer parte, do pé para a mão, n'um abrir e fechar de olhos, muito mais facilmente que um ministerio. Haja uma taboa, um ponto de apoio, e estará formado o balouço, sem que seja preciso mais nada para fazer o que estão fazendo aquelles alegres rapazelhos.

Poderá cair um sapato, no ardor da brincadeira; poder-se-ha dar um trambulhão, que deixe dorida a parte do corpo onde se levam os açoites, mas tudo isso entra no programma da folia, tudo faz parte das suaves commoções do brinquedo.

Quanto daria hoje muita gente boa, para poder voltar ao tempo, em que lhe era permittido balouçar-se despreoccupadamente n'uma redouça, com os cabellos soltos á mercê da brisa, o fato em desalinho e a doce alegria da juventude a reflectir-se-lhe no semblante!

Que inveja e que saudades causarão a muitos, as quatro criancinhas jubilosas, que a nossa gravura reproduz!

C. D.

NO OUTONO

—

As arvores choram.

No cair das folhas ha o cair das lagrimas.

Por mais que a gente queira desplumar as azas em que se libra na atmosphera dos sonhos, por mais que pretenda empégar-se francamente n'uma realidade com que hoje é moda calumniar a natureza, o espirito nortêa-se sempre por umas nuvemzinhas que se balouçam muito ao longe, n'um horisonte côr de ouro, quando o sol vae pouco a pouco descendo pelas ribanceiras do poente, como que saudoso das ultimas flores que já pendem.

No dia em que se acabarem estes ágapes, nos quaes o coração se banquetêa de aromas, quando o devaneio fôr uma puerilidade de nescios, e o *positivo* se constituir em religião definitiva dos homens,—então, ó mães, apagae dos labios o ultimo beijo caricioso, deixae de ser as scismadoras divinas, arredae-vos do berço onde cicia o halito da innocencia, e pedi ao visinho do vosso lado, que é um philosopho impermeavel a crendices de tias velhas, que vos não denuncie ao club dos evolucionistas, e que vos poupe á vergonha de serdes cantadas em alexandrinos, que chovem da pousada das musas como retraços do Pegaso.

*
* *

E depois, se entrarmos bem na observação de certos factos que nos apresentam como o resultado de uma transformação gradual e inevitavel, se perguntarmos á arte e á sociedade o que querem fazer d'ellas uns creadores de originalissimos inventos, descobrimos que tudo isso não é mais do que um rumor dissonante do passado, mal conduzido atravez de cerebros impertinentes.

Para visões sociologicas deve ser melhor Campanella; para lubricidades irritantes é muito preferivel Juvenal.

A que miram, portanto, os que se dão ares de iniciadores de uma era nova, e que repetem no tom desdenhoso de uns pantalões encartados aquellas sabidas palavras de Prospero: «*Il faut que de nôtre temps l'idéal devienne réalité?*»

Miram unicamente á celebridade.

Á mingua de melhor recommendação aos olhares dos incautos, fazem-se os Alcibiades da sua epoca,—e se não descaudam molossos, jarretam o bom gosto e o bom senso.

A arte deixou de ser para elles uma cousa grande e austera, e passou a ter *chic*.

Regeitam-se os antigos modelos, como incompativeis com o estado actual da civilisação e de nenhum modo capazes de mitigar a sêde das grandes aspirações, e recortam-se os novos figurinos, subordinando o bello immutavel á fantasia licenciosa.

O carnaval tem o seu culto.

*
* *

No fim de tudo, parece haver umas bem fundadas suspeitas de que a verdade da natureza não foi agora descoberta e patenteada. Desconfia-se tambem que a transformação e selecção das cousas não foi exactamente estabelecida pela omnipotencia dos modernos apostolos.

O chamado *realismo*, consistindo em manifestar as deformidades fisicas e moraes, representa a passagem do deos para o *compra-chicos*.

N'estes assumptos, em que o genio dá testemunho das suas luminosas exuberancias, ainda ninguem asseverou que os triviaes esplendores da Grecia valessem menos que as monstruosas concepções da China.

*
* *

Como fallamos no que a arte deve ter de verdadeiro e de natural, consagremos algumas linhas á memoria d'essa actriz incomparavel de singelesa e de propriedade, — que, desde o porte até a inflexão, jámais falseou personagem algum, dos muitos a que deu corpo e vida.

Tudo n'ella brotava de limpida fonte. Não havia o postiço, o contrafeito, o exagerado. Não se sentia o esforço, não se adivinhava o estudo. O que ella executava era, aos olhos de todos, o que podia haver de mais facil.

Triumpho supremo do artista! Desesperadora ancia dos que trabalham!

Fallar como todos fallam; mover-se como todos se movem; desapparecer o palco e ficar o mundo; fundir-se a actriz e contornar-se a mulher; — mas onde houve outra que pozesse a mão n'este quasi intangivel pômo de Tantalo?

Será preciso escrever este nome: *Delfina?*

Só de uma sabemos, — pobre creança, que bem cedo reclinou a fronte no cabeçal de pedra, — quando tão viçosas lhe andavam as boninas a matisar os seus cabellos louros!

*
* *

Comquanto o outono traga comsigo uns certos nevoeiros que ensombram o espirito, ha tambem n'elle as diversões galhofeiras, os passatempos risonhos, a therapeutica jovial.

As praias são a medicina côr de rosa.

Depois, ao despontar da lua, mal a claridade do ceu brinca nas aguas, o idyllio piscatorio volita como nos bons tempos da Arcadia, quando as conchinhas luzentes e os camarões rubros davam substancia para varias declarações, muito mais estimulantes do que os mariscos acima referidos.

Isto, e as immersões matutinas, avigoram as compleições lymphaticas.

O velho Neptuno deixou o *trilingue*, *madido tridente* (como lhe chamava o Tolentino, em estylo de mofa), e tornou-se agora um enfermeiro piedoso, um pobre diabo, que já não fende as rochas sobre as quaes blasphemavam os indigetes homericos; contentando-se apenas em friccionar a epiderme das meigas nymphas constitucionaes.

Uma decadencia de baixo imperio!

Um descredito mythologico!

N'este rasourar de tudo o que cheira a poesia, até nem escapam aquellas formosas creações, que foram por tanto tempo os perennes mananciaes da arte.

Os delfins, e toda a mais familia maritima, que tinham visto no seu tempo esculpturar-se na espuma das ondas a deusa virginal dos encantos, fogem agora cautellosamente ás malhas da tarrafa, e ainda mais ás explosões da dynamite.

E, quando um visionario como eu, ou como o leitor, por exemplo, sente a nostalgia de um passado remoto, d'aquellas edades de ouro de que fallam os diccionarios da fabula, atiram-lhe á face com um adjectivo bem cascalhudo e bem rebarbativo, — elles, os que andam a architectar o mundo do futuro sobre os fumos da sua jactancia fastienta.

*
* *

Pois é n'este momento, ao vermos que a poesia parece obedecer ás previsões de Pelletan, que um graciosissimo escriptor nosso se lembra de fazer trasladar as fabulas de La Fontaine, na opulenta edição de Gustavo Doré.

Empreza de Eduardo Garrido.

A gloria, como o sol, é sujeita a eclypses.

Quantos nomes, dos mais radiantes que a França estadeava, se acham agora quasi que sepultos na grande valla do esquecimento!

Chateaubriand é um ecco; Lamartine um murmurio.

As sonoridades com que d'antes enchiam o mundo, esvaeceram-se e extinguiram-se.

Como acontece a certas gemmas preciosas, cairam elles ha muito em desuso.

Outros nomes sobrenadam, á maneira dos mortos da condessa palatina.

Molière tem hoje o seu sacerdocio como Buddha.

La Fontaine é de todos os tempos.

Quem não conhece o admiravel trabalho de Taine ácerca do candido fabulista?

Toda aquella estupenda bicharia que os nossos mestres nos apresentavam como um arremêdo feliz de não sei que Esopos antigos, tudo isso é o esboço de uma côrte fastosa, brunida, encalamistrada,—côrte que deu nome a um seculo,—graças á constellação de talentos com que se emmoldurou um rei frascario e petimetre.

*
* *

Depois das praias começam a negacear os theatros.

O Passeio fechou,—aquella insalubridade para o corpo e para os costumes.

Se me não engano, já de sobra se tem protestado contra a bacchanal do *can-can* juvenil, em que o recato se afugenta ás pernadas.

A suave timidez dos poucos annos, aquelle pudor já macrobio que rosava d'antes as faces dos impuberes, o celestial retrahimento de sensitiva, que faz da creança uma especie de anjo ainda arisco; tudo isso se vae diluindo n'uma boa calda de piruetas municipaes, que fazem o enlevo das paternidades babócas, e a reputação picaresca do mestre de dança.

Eu creio que devia haver para certas praticas o mesmo que ha para com os alimentos.

Assim como a policia intervem, fiscalisando o pão e a carne, cumpria-lhe intervir egualmente, analysando a essencia dos passatempos.

Uma menina de seis annos, estimulada no sapateado como qualquer dançarina sostra, está ingerindo em si um alimento nocivo.

O brinquedo tornou-se um caso pathologico.

Requeira-se a opinião do delegado de saude.

É preciso que a mulher, a mulher em flôr, a mãe d'amanhã, se desenvolva n'um ambiente casto e são; que beba a pulmões cheios o sentimento do decoro proprio.

Eu não creio na emancipação feminina que começa nas succursaes do Mabille, embora vá terminar na sala dos doutoramentos.

Ainda ninguem me convenceu de que a mulher se deve masculinisar, sob pena de me demonstrarem que ao homem é que pertence o obscuro e sublime governo caseiro.

Não ha muito que Paulo Bert citava um admiravel proverbio mexicano: «O logar da mulher é em casa, como o do coração é no peito.»

E que puro sangue não devem ter estes corações, onde a humanidade vem beber os germens da vida!

*
* *

E o outono a condensar as suas nuvens!...

Para onde é que os olhos e os pensamentos se voltam, n'esta quadra de effusões sentimentaes e patheticas?... As attenções, os desvelos, os cuidados humanos, para onde é que de preferencia con-

vergem? — Quando a natureza parece transsudar não sei que exhalação balsamica, e os seios fortes da terra se abrem em sulcos profundos para serem prolificados de novo, — uberes incansaveis e eternos; — em que pensam as nações, o que decretam os cerebros poderosos, que molas de trabalho honrado se ungem com o suor dos homens?

O outono!

Não; eu não sou um lyrico de tal modo impenitente que quizesse o principe de Bismarck a fazer elegias ou o sr. Gladstone a escrever romances (embora os escrevesse o seu rival fallecido); não chego a devanear a possibilidade de se substituirem as notas diplomaticas por madrigaes trocados entre Leão XIII e o Grão Lama da Mongolia; mas, pelo amor de Deus, quando tudo nos parece emballar-se n'uma redouça cadente, quando ha o mavioso espirar das auras, é então que as grandes nações preparam as manobras dos seus grandes exercitos, á luz do sol, com a impudencia dos bandidos, pedindo á posteridade em vez de grilheta, a gloria.

E. A. VIDAL.

HISTORIA DAS ARTES DECORATIVAS

—

CHINEZ Hoang-Ti, tendo feito reparo na variedade de côres que apresentam as flores e as aves, inventou a tintura dos estofos. Azalzel ensinou-a mais tarde aos Egregoros. A principio empregaram-se as tintas sêccas, taes como o carvão, a grêda e o gis: depois fez-se uso do vinho e do sangue. A côr de purpura foi descoberta pelos phenicios, no tempo de Phenix. Polygnoto inventou uma côr muito viva, queimando o bagaço da uva. O minium foi achado no Ephéso pelo atheniense Callias, que procurou obter o ouro por meio da areia e da prata. Os romanos empregaram o açafrão (amarello), a garança e a cochonilha (vermelho), e o glasto (azul). O escarlate foi extrahido da cochonilha por Gilles Gobelin em 1500; o verniz foi importado da China, pelos missionarios, no mesmo anno; a tinta preta veio da Allemanha para a França, trazida por Pierre de la Malthière, em 1523; o azul foi descoberto por Chistophe Schruiner, em 1550; o azul da Prussia, obtido por Diesbach de Berlim e Dippel de Darmstadt, em 1704; o azul de cobalto, por Thénard, em 1804; o azul do ultramar fabricado pelo lyonez Guimet, em 1827; o vermelho de Andrinopla, inventado por M. Daniel Kœchlin. Foi na exposição de Londres, de 1852, que appareceram as primeiras côres de anilina, extrahidas do alcatrão de hulha; a côr violeta de anilina (malva) foi descoberta em 1856, por Fritzche; o vermelho de anilina (magenta), em 1859, por Hoffmann; e o azul de Lyon, por Girard.

Os rapidos progressos realisados de ha vinte annos para cá, fazem-nos persuadir de que estamos apenas no começo da exploração de uma mina inexgotavel de côres. Ha poucos annos publicou-se em França um colorimetro, especie de diccionario de côres, que indica, para a industria, em quinze atlas, mais de seis milhões de variedades.

*
* *

O gosto dos adornos e enfeites precedeu o uso dos vestuarios. Theophilo Gautier diz, não nos lembra onde: «O selvagem, que se pinta de vermelho ou de azul, e atravessa uma espinha de peixe no nariz, obedece a um sentimento confuso de belleza.» A pintura dá, com effeito, ao corpo do selvagem, visto a certa distancia, um tom gracioso e elegante, e destroe em parte o nojento aspecto da nudez.

Os libycos tingiam-se todos de encarnado, como os caraibas, os cafres, e os naturaes da Australia. Os agathyrsos preferiam o azul e os egypcios o amarello. Os ethiopes pintavam de branco metade do corpo, e a outra metade de vermelho. Os thracios, os dacios e os scythas faziam o mesmo.

Moysés prohibio aos hebreus a pintura do corpo.

Já dissemos que Hoang-Ti havia inventado a tintura dos estofos. Accrescentaremos agora que José usava uma tunica de variegadas côres, que os habitantes de Megara inventaram a tintura da lã, e que Tarquino, o *Antigo*, importou da Etruria para Roma os vestidos pintados e as tunicas enfeitadas de louro.

O tartaro Tchin ensinou os chinezes a fabricarem a seda. O bicho de seda foi introduzido na Moréa por dois frades nestorianos; em Palermo, por Rogerio da Sicilia, e em Montélimart, por Guy, Papa de Saint-Aubant, no anno de 1494.

As bordaduras, a principio, faziam-se exclusivamente nas orlas dos estofos. Siling-Chi fabricou tecidos de grande belleza, sobre os quaes bordou aves e flores. A arte de bordar a fios de lã e seda, foi inventada, nas costas do Mediterraneo, pelos phrygios e lydios. Os bordados a ouro eram já conhecidos no tempo de Moysés, o qual ordenou aos hebreus que usassem franjas nos seus mantos e ornatos dourados nas orlas dos roquetes. O escudo de Minerva era enfeitado com franjas de ouro compridas e fluctuantes, admiravelmente tecidas. Os troyanos usaram fitas, os indios largas rosetas, os finnezes borlas de lã, e os antigos habitantes da America, tecidos cobertos de pennas.

Nos primeiros seculos era inteiramente desconhecida a arte de imprimir graça e elegancia ao vestuario. A toga foi inventada por Pelasgos, e teve a principio uma fórma rectangular; o seu córte arredondado foi originario da Etruria.

A escumilha ou gaze, ligeira e graciosa, a que os antigos chamavam *ar tecido*, foi inventada em Cós, por Pamphilio.

O espartilho com barbas de baleia e laminas de aço, foi introduzido em França por Catherina de Médicis, no anno de 1540. A epocha e o local em se inventou o veludo de seda, são ainda desconhecidos. Os primeiros veludos vieram da India para a Europa, por occasião da entrada dos romanos na Asia. Os veludos finos, porém, foram inventados em Genova, sob o reinado de Luiz XII, no anno de 1515, e fabricados em Lyão, pelos genovezes Turquette e Narris, em 1536. A *coquetteria* inventou, em todas as epochas, uma infinidade de fórmas para os vestidos das mulheres. No tempo de Plauto, usavam-se tunicas ligeiras, tunicas forradas, almilhas, bordaduras feitas com lantejoulas e vestidos côr de açafrão agaloados.

No tempo de Carlos Magno adoptou-se na Italia a moda de enfeitar os vestuarios com pelles de animaes, empregando-se as de lontra. de gato, de arminho e de arganaz.

A fabricação dos pannos finos data apenas do seculo XIV. Baptista Chambrai foi quem fabricou a primeira *batiste*, no seculo XIII.

Os tecidos de damasco foram inventados em Palermo e em Milão na epocha das cruzadas.

Os carneiros merinos foram introduzidos em Hespanha pelos mouros, e seguidamente em Inglaterra (1483), na Suecia (1715), na França (1752) e em Saxe (1765).

No seculo XV, as damas usavam já luvas perfumadas, que vinham de Hespanha.

As rendas foram inventadas por Metzys, em Flandres, segundo uns, e por Carpaccio na Italia, segundo outros; e mais tarde introduzidas em França, no reinado de Henrique II.

Quando foi generalisado o uso das camisas, toda a gente começou a apreciar immensamente as roupas brancas, que tiveram desde então uma enorme voga. As pessoas mais abastadas chegavam a fazer córtes nas mangas dos vestidos, para que lhes vissem bem a camisa.

Os vestidos de grande cauda appareceram em Paris no seculo XIII.

A crinoline começou a usar-se sob o reinado de Francisco I, mas já Marco-Polo tinha visto mulheres indianas, em 1283, com saias guarnecidas de circulos de ferro.

As mangas largas nos vestidos das mulheres, datam tambem do seculo XVI.

O uso dos collares foi introduzido em França, nos reinados de Francisco I e de Carlos IX.

No tempo de Henrique III, usavam as mulheres, a exemplo de Margarida de França, duqueza de Berry, cintos a que suspendiam, de um lado, um pequeno espelho, e do outro, um leque. A *tournure* feita de crina, data de 1579.

O canutilho de ouro e prata já existia no tempo de Rabelais; o crépe veio de Bolonha em 1667.

Foi no tempo de Richelieu que os vestuarios começaram a ter um certo cunho de elegancia e de grandeza.

A arte de dar lustro aos estofos de seda foi descoberta em Lyão por Octavio Ney, no anno de 1709.

A musselina foi introduzida na Inglaterra, em 1670; e na França, em 1781.

Madame de Orleans, filha do eleitor Palatino, legou o seu nome ás palatinas, em 1671.

Em 1745 encontraram as rendas uma rival importante na *blonde*.

O setim veio da China e a cachemira da India.

Napoleão I trouxe do Egypto, á imperatriz Josephina, o primeiro chale que se vio sobre os hombros de uma europea.

O tulle data do começo d'este seculo.

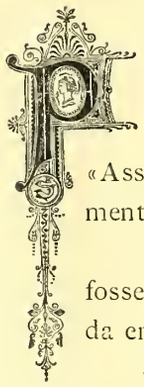
(Continua).

C. D.

A JORNADA DOS SECULOS

—

(Continuado de pag. 167 do 2.º volume)



Passemos agora do *casamento* para a *propriedade*.

Quanto á sua natureza, a lei hindú divide os bens em moveis e immoveis, e esta divisão fundamental, passando atravez dos seculos, tem sido adoptada nos codigos modernos, entre os quaes o codigo civil portuguez (artigo 373.º e seguintes). Gibelin escreve: «Assim, todas as distincções dos bens, segundo sua natureza, proveniencia, detentores e finalmente o direito de propriedade, são na Europa outras tantas tradições da lei oriental.»

«Na India, observa Jacoliot, toda a transmissão da propriedade, sob qualquer titulo que fosse feita, onerosa ou gratuita, devia outr'ora ser acompanhada das fórmas da doação, isto é, da entrega do ouro e da agua acompanhada de grãos e de hervas, *tila* e *cusa*.

«O ouro era entregue pelo vendedor ou doador ao comprador ou donatario, para acabar de o contentar, se a propriedade não era de um valor sufficiente. A agua era derramada, como no casamento, em signal de doação; o grão e a herva eram entregues como parte e producto da propriedade, em signal de cessão.

«Foi ahi, não o duvidamos, que todas as formulas romanas para a solemnidade dos contractos e os costumes dos povos do norte para a alienação pela agua e pela terra, pela herva e o ramo, foram bebidas. Sobre todos os pontos, é-se forçado a reconhecer a influencia do direito hindú.»

O symbolismo naturalista dos áryas do Oriente transmittiu se, é certo, aos povos do occidente; o caracter de generalidade d'esses symbolos explica-se pela unidade moral e ethnica dos áryas occidentaes. Por uma synedoche juridica, o ramo dá a posse da floresta; symbolo que se encontra frequentes vezes na Europa. Já vimos que, em Roma, a agua era um dos symbolos da *posse* da mulher. No digesto indiano, os productos da terra, e a propria terra, faziam prova. Os caracteristicos da posse dada a um conquistador eram, segundo o exemplo dos áryas do Hindustão, a terra e a agua.

Vamos encontrar o mesmo symbolismo naturalista entre os árias do Iran, já depois da constituição da nacionalidade persa. Em lucta com os scythas, Dario recebeu por meio de um arauto uma ave, um rato, uma rã, e cinco flechas. Julgou, em virtude de uma tradição de raça, que esses presentes significavam a *posse* da terra, allegorisada pelo rato e pela rã; que o passaro representava na sua ligeiresa a cavallaria dos scythas, e as flechas as suas armas. Mas esse estranho presente, em vez de ser uma tradição de raça, era uma ironia de guerreiros. «Se não voardes tão ligeiros como os passaros, ou se vos não occultardes na terra como o rato, ou se não mergulhardes na agua como as rãs, não escapareis ás nossas flechas», eis o que os scythas queriam dizer aos persas.

O estado de adiantamento da legislação hindú, manifesta-se principalmente na materia dos contractos. [1]

Vamos, pois, vêr como n'uma especie de contractos, o emprestimo, as leis romanas e as modernas são um desdobramento do direito antigo da India:

Texto hyndú. *Catyayana* — O que empresta por obrigação não levará juro.

Direito romano — Commodata res tunc proprie intelligitur, si nulla mercede accepta vel constituta, res tibi utenda data est.

Codigo civil francez — O emprestimo para uso (à usage) é essencialmente gratuito.

Codigo civil portuguez — Sobre a gratuidade do commodato, artigos 1506.º, 1508.º.

Texto hyndú. *Catyayana* — Se a cousa perece por seu vicio proprio, o commodatario não é responsavel pela perda, salvo o caso de ter havido culpa da sua parte.

Direito romano — Quod vero senectute contigit, vel morbo, vel vi latronum ereptum est, aud quid simile accidit, dicendum est nihil eorum esse imputandum ei qui commodatum accipit, nisi aliqua interveniat.

Codigo civil francez, artigo 1884.º — Se a cousa se deteriora por unico effeito do uso para que foi emprestada, e sem alguma culpa da parte do commodatario, não é elle responsavel pela deterioração.

Codigo civil portuguez, artigo 1516.º — Se a cousa perecer, ou se deteriorar no uso que lhe é proprio, ou por acontecimento fortuito ou força maior, não sendo a dita cousa empregada em uso differente d'aquelle para que foi emprestada, será toda a perda por conta do dono, salvo havendo estipulação do contrario.

Texto hyndú. *Catyayana* — Quando os interesses do proprietario possam ser compromettidos por uma necessidade urgente da cousa emprestada, o depositario poderá ser forçado a restituil-a mesmo antes do tempo estipulado.

Codigo civil francez, artigo 1889.º — Todavia, se durante este periodo (o do emprestimo) ou antes que a necessidade do depositario haja cessado, sobrevem ao commodante uma necessidade urgente e imprevista da cousa emprestada, o juiz póde, segundo as circumstancias, obrigar o commodatario a restituil-a.

Codigo civil portuguez, artigo 1513.º — O commodante poderá exigir a cousa, antes que finde o praso convencionado, sobrevindo-lhe necessidade urgente, ou finando-se aquelle a quem o emprestimo foi feito.

Texto hyndú. *Narada* — Quando uma pessoa confia um objecto seu a outra pessoa, com a condição de o restituir, esse acto é um deposito.

[1] Eschbach, *Introduction générale á l'étude du droit*, pag. 601.

A CAÇADA DE DIANA

Typ. — Christovão Augusto Rodrigues.

Direito romano — Depositum est quod custodiendum alicui datum est.

Codigo civil francez, artigo 1915.º — O deposito em geral é um acto pelo qual se recebe uma coisa de outrem, com o encargo de a guardar e restituir no mesmo estado.

Codigo civil portuguez, artigo 1413.º — Diz-se contracto de deposito aquelle, por que alguem se obriga a guardar e a restituir, quando lhe seja exigido, qualquer objecto movel, que de outrem receba.

Texto hyndú. *Yajnyawalcya* — Se o depositario usa da coisa depositada sem consentimento do proprietario, será punido e obrigado a pagar o valor d'ella, e o juro.

Direito romano — Qui rem depositam, invicto domino, sciens prudensque, in usus convertit, etiam furti delicto succedit.

Codigo civil francez, artigo 1930.º — Não se póde servir da coisa depositada sem a permissão expressa ou presumida do depositante.

Codigo civil portuguez, artigo 1437.º — O depositario não póde servir-se da coisa depositada sem permissão expressa do depositante; aliás responderá por perdas e damnos.

Texto hyndú. *Manú* — No mesmo logar em que se faz a entrega do deposito se deve fazer a sua restituição.

Codigo civil francez, artigo 1943.º — Se o contracto não designar o logar da sua restituição, deve ser feita no mesmo logar do deposito.

Codigo civil portuguez, artigo 1447.º — A coisa depositada deve ser entregue no logar, onde o deposito foi feito, não havendo convenção em contrario.

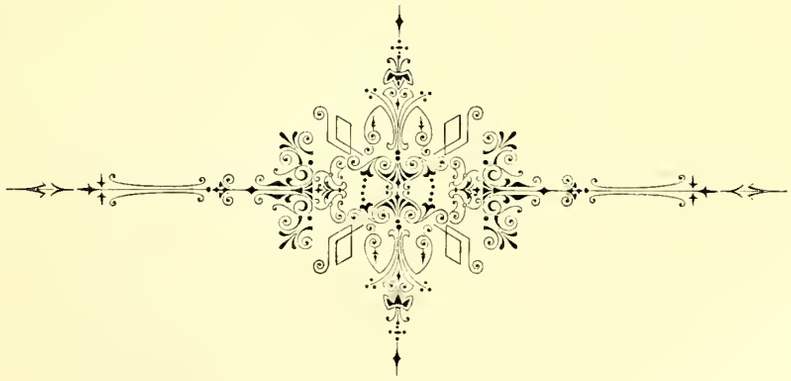
Acabamos de vêr como os textos de Manú teem sido desenvolvidos por Catyayana, por Narada, por Yajnyawalcya, bem como o foram ainda por outros brahmanes; Eschbach diz, com referencia á França, que a singular coincidencia de disposições que se dá entre o *Codigo Napoleão* e o *Manara-D harma-Sastra* não auctorisa comtudo a concluir que o segundo foi o berço do primeiro. [1]

Em todo o caso, desde o momento em que pelo confronto de diversos codigos se chega a comprovar a identidade da maior parte das disposições que conteem, é licito deprehender que o mais antigo d'esses codigos projectou, atravez dos seculos, sobre todos os outros, a sua doutrina e o seu espirito, como um grande fóco de luz, a estrella central, que vae com a sua irradiação illuminar os planetas que, em torno d'ella, descrevem as suas orbitas no espaço.

(Continúa).

ALBERTO PIMENTEL.

[1] *Introduction générale á l'étude du droit*, pag. 603.



NOITE NO RIO

(A LEÃO AMZALACK)

INHA-SE afogado de todo no poente, a ultima tinta paludosa da tarde, e uma sombra egual, atravessada de scintillas de estrellas e palpitações de atomos, caia de cima dissolvendo os contornos das cousas, e escorregando na agua do rio, que se fizera densa e viva como uma carne de annelideo, gelatinoso e murmuro. A guiga em que nos mettemos, leve como uma penna, toda esguia ondulando á menor arfagem da onda, dir-se-hia um pequenino tumulo branco e ouro, em que seria delicioso partir coroado de lichens e algas, para os reinos do coral, no fundo d'esses paizes submarinos, em que as cidades são feitas de galeões submersos, as cupulas de conchas côr de saphira, e as columnatas de phantasiosas incrustações de molluscoides. Emquanto Lia se punha ao leme, toda em *sattineta* rosa bordada de rendas, um decote em triangulo e mangas curtas, cabellos claros em duas tranças descaidas, ia eu de remos em punho, aventurando o barco bem para lá do caes, áquella hora adormecido. O meu vestuario não era bem o d'um barqueiro, nem era bem o d'um banhista. A camisola escarlate sem mangas, deixava-me os braços livres e nús; tinha o chapeu de palha, com abas reviradas, caido á banda, e descoberta uma pouca de espadua fulva, onde pannos musculares contrahidos, avincavam por vezes a sua estriada dentadura, de luctador glorioso. O homem é vaidoso da sua força, se dos olhos da mulher que adora, desce uma especie de irradiação voluptuosa, como a vestir-lhe a nudez. Lia, que era ardente pelo sangue da sua raça, tinha pela fórma mascula, o culto altivo das zagalas biblicas, que nos piedosos tempos atravessavam sósinhas desertos e tribus hostis, para vir desposar o sonhado do seu coração, pastor como ellas, herculeo e timido, olhos obliquos e doces, onde n'um fulgor amoroso se rimava todo o poema do paiz das palmas, dos figueiraes e dos lagos. Fôra a sua agulha, que espalhára na flanella que me cobria o peito e o ventre, esses relevos exoticos de flôres vivas, n'um labyrintho de grinaldas, que se enroscavam em torno de ninhos, symbolisando, dizia ella, a tenacidade do seu amor e a aspiração infinita da sua alma, que era ser mãe. E era ella quem, na ferocidade da sua ternura, se entregava commigo ás ondas, por aquella noite calida, na leve guiga branca, que os meus remos faziam voar. Não imaginam talvez, que orgulho eu tinha d'aquelles ciumes de leôa fecunda, em cujos dedos a certas horas, eu sentia crispações de garras, e em cujos olhos inexprimiveis, de tão singular multiplicidade de expressão, que n'elles podia lêr a emoção mais vaga, desde a que se traduz na voz pelo grito, pela palavra ou pela phrase, até á que a linguagem articulada não póde dar, e quando muito, se crystallisa nos labios pelo sorriso, dando uma perola ou uma estrophe — e em cujos olhos, dizia eu, ás mesmas horas vibrava n'um galvanismo instantaneo, a intima dolora de uma alma perlada de juventude e paixão. Sabia bem quantos ficavam para sempre feridos no rastro da sua belleza divina e quantos desejariam apunhalar-me n'um antro, dizendo-me criminoso porque era feliz.

Lia não tinha nada da esculptura antiga, linhas consagradas de modelo napolitano, seios altos, tinta bassa, nariz grego, cabeça de Juno, onde torvelinhassem cabellos de noite. Era uma rapariga tão fresca como uma creança e tão branca como uma camelia. As linhas do seu corpo instrumentavam uma symphonia purissima, sem relevos superabundantes e sem energias lubricas. Musical, toda essa organisação de que um tepido perfume de saude, se escapava em risos, em sobresaltos e canções! Sob a coloração da sua pelle luminosa, tão fina que me dava calafrios ao contacto, e sob a fragilidade etrusca da sua cinta tenra e dos seus punhos magnificamente moldados, ninguem podia sonhar sequer a tenacidade altiva, e a teimosia do seu espirito jactitante, todo incoherente de pequenos requintes de gata, e anckilosado dos mais estranhos prejuizos. De feito, era necessario vir de uma raça atormentada e tenaz, grandiosa na sua miseria e filtrada por seculos sem numero, atravez dos

cataclysmos da terra e das maldições do Deus irado, hoje errante nas asperesas do captiveiro, depois prosperando sob os reinos da Edade gothica, apoz azorragada para o exilio, logo entregue ao carrasco e á fogueira, roubada, espesinhada e maldita, para assim engastar como joia rara, no fragil involucro de um corpo adolescente, esse genio caprichoso, que parecia tecido dos vôos da andorinha, do *angelus* de Massenet, de gottas de luar, e do travor bravio dos fructos silvestres, genio que era bom e mau ao mesmo tempo, luminoso e negro, leve, rythmico, vivo até á doidice, mas que por vezes, vinha bater a aza de uma melancholia negra—talvez a hereditaria saudade d'essa patria ideal, perdida além na bruma dos longiquos continentes, onde contemplativas repousam as ruinas dos templos, sobre cujos capiteis destroncados eternamente dorme a sombra do Sinay!

Pela agua, irritada de fremitos, a guiga corria em silencio, fóra do quadro aduaneiro. Lia tivera a idéa de uma pescaria nocturna, que nos furtasse n'aquella noite de Casino, á convivencia de banhistas pretenciosos e mulheres fatigadas. A noite estagnava n'uma quietação abafadiça, sem brisas e toda uniforme no seu lucto. Da banda da cidade, o gaz traçava na sombra como um plano de edificio monstruoso, ponctuações vermelhas, que se alongavam em formidavel escala, desde a Torre de Belem cravada na ponta de uma linha arenosa e curva, até á outra balisa, que o accumulado das casas de Alfama parecia occultar. E de tamanha fabrica, vinha um fervor de respiração convulsa, que á flôr da agua se afinava com subtilezas acusticas, estremando cada ruido na sua gradação, e decompondo por espaços atravez dos sons, toda a vida complicada da cidade, desde o hausto de uma valvula de fabrica, até ao grito indistincto de um vendedor de jornaes. Olhada assim de longe, d'aquelle fundo de sombra salgada, Lisboa tinha o ar de uma grande cidade entregue á nevrose tragica do vicio, pois que se apagavam na noite as frontarias dos edificios burguezes, as architecturas hybridas dos palacios e dos templos, a uniformidade das ruas geometricamente alinhadas, e no tremeluzir dos lampeões se podia evocar alguma d'essas necropoles torvas, onde as festas resumiam a vida, as carnes das mulheres se cobriam de lhamas de ouro em purpuras radiantes, a musica embalava a embriaguez dos soldados e capitães, e do homem nada vivia senão a besta, tripudiando em concupiscencias phenomenaes. Evitavamos os navios ancorados, como conspiradores em perigo; uma vez ou outra porém, tinhamos de contornar alguns d'esses cetaceos immoveis, que affrontados pela prôa, pareciam crescer desmedidamente nos ares, multiplicando a confusão de vergas, escadas e cordagens, e accendendo pelos oculos das camaras, fulgores sanguinolentos de olhos estoirados, sem movimento e sem palpebra.

—E a pesca? disse Lia, em voz baixa. Aproximámo-nos da outra margem. Caiam de cima as arestas dos montes, fazendo trevas na sombra. A maré descia vagarosamente, embalando no dorso das ondas alastramentos de algas verde-negras. Accendi á pôpa um archote, e fizemos alto. Em volta, a chamma abria uma photosphera geometrica, raios que se quebravam na agua, torvelinhando em redes de sangue, e na penumbra da noite se amorteciam, á medida que se alongavam. Immovel no seu banco, Lia tinha a cabeça distrahida e nua, a narina quieta, e uma serenidade de face a cada passo desmentida pela caustica dos seus olhos de hebrea.

—E a pesca?—foram em toda a noite as unicas palavras que disse, n'um fluido de abstracção monotona, sem sentido e sem alma, com voz que era antes um echo. Nem por um instante, porém, esses olhos me largaram, spasmos n'um deslumbramento de luz, a principio tranquilla e doce, depois tenaz, depois feroz, e inquietadora por fim. Não sei explicar, nem ha coisa alguma que explique, porque vibrações infinitesimas iam passando as fibrilhas d'essa iris, que dentro de mim illustrava com illuminuras divinas todo o fulvo poema de uma paixão selvatica. Parecia-me, na incoherencia em que oscillava, o seu amor uma serpente que se enroscava frenetica a mim, inoculando peçonhas no meu sangue e loucura no meu cerebro, invertendo a polarisação dos meus instinctos e contaminando a nobreza dos meus ideaes, tornando-me feroz, grosseiro e cobarde, e deixando pela algidez da minha vida, um rastro de maldição e estupor! E por mais esforços que fizesse, a contemplação d'esse typo

de Herodiade, embaraçava-me, cançava-me, fundia-me! Em pleno rio e longe do bulicio, a sua figura transfigurava-se, de immovel, e atravez d'ella eu via irem desfilando em procissão phantastica, tunicas de linho ao vento, cabellos ornados de sequins, e olhos de terrivel belleza, todos os estranhos typos da judia lendaria, desde Maria, a suprema innocencia, até Thamar, a suprema culpa!

—E a pesca? hão de os senhoras perguntar. Bom Deus, nem me recordo!... Nem sei inda agora explicar, porque o archote se apagou sem nós sentirmos, e o primeiro raio do sol nos veio surprehender abraçados no fundo da guiga!

Oh! a deliciosa pescaria!...

FIALHO D'ALMEIDA.

UM PASTOR PROVENÇAL

—

TALVEZ como o sonhou Daudet no seu formosissimo conto, *As Estrellas*. Póde ser até mesmo o pastor d'aquella narrativa encantadora. Quem sabe!

Tem por companhias unicas, um cão fiel, que o segue de perto por montes e valles, e um rebanho de ovelhinhas saltitantes, que lhe conhecem a voz, que correm ligeiras diante de si, por entre o mato espesso, e adormecem a seu lado, em santo e affectuoso convivio.

Passam-se longos dias sem que veja sombra de gente. O ruido alegre das povoações e os descantes das raparigas formosas com que outr'ora brincava, não se ouvem n'aquella vastissima solidão das serranias.

O sino da aldeia distante não lhe envia, atravez do espaço, o meigo som dos seus toques festivos. As auras do crepusculo vespertino não lhe levam no regaço uma palavra affectuosa de ninguem.

É um pária, um desgraçado!

Durante o dia, vagabundeia pelas montanhas penhascosas, rasgando os pés nas urzes dos caminhos, á torreira de um sol abrazador, ou com o corpo gelado pelas frias chuvas do inverno.

Por alimentos, tem o pão negro e endurecido, que de longe em longe lhe levam, e a agua crystallina dos regatos que serpentêam nos valles. Por vestuario, um esfarrapado e misero gabão, que mal o cobre, uma pelle de carneiro que algumas vezes lhe serve de cama, e um amplo chapeu. Por distracções, a sua rude flauta campestre, o seu alvo rebanho buliçoso, o infinito em que á tarde crava os olhos prescrutadores, e as estrellas scintillantes do ceu, que á noite o allumiam. Nada mais.

Se lhe perguntarem:—Vives feliz? responde talvez affirmativamente, desfranzindo os labios vermelhos n'um sorriso alegre, e dizendo que nada lhe falta, nem o acre aroma das flôres silvestres, que innebria, nem o ar puro dos campos que vivifica, nem a luz do sol que avigora e aquece.

Se forem dizer-lhe que troque a solidão monotona e tristonha dos montes pelo bulicio das cidades e das villas, é possivel que não queira. Consagra ás suas ovelhas brancas de neve um affecto profundo e entranhado; aquella existencia errante de bohemio, por caminhos pedregosos, tem para elle um encanto suavissimo, que nada n'este mundo eguala.

E todavia, reflecte-se no seu limpido olhar, o intenso fulgor que irradia de vinte primaveras gentis, frescas como o orvalho da madrugada, risonhas como um cantico de ave. Dentro do peito pulsa-lhe um coração, que a lepra das paixões ruins não poude corroer ainda. Aquella fronte emmoldurada em formosissimos cabellos pretos e annelados, era susceptivel de fazer accender paixões... mas elle

UM PASTOR PROVENÇAL

não ama ninguem, não quer abandonar o seu redil, a sua cama de palha, o seu adorado rebanho. Hade envelhecer nas montanhas ao lado d'elle, ouvindo balar as ovelhas que estremece, e cantar o rouxinol que todas as manhãs o desperta do seu somno tranquillo. Faz bem o pastor. Quem podesse viver como elle, despreoccupado e feliz!

C. D.

VIAGEM AO SERTÃO DE MOSSAMEDES

POR F. AMARAL

(Continuado de pag. 52)

baptisado d'um adulto foi para mim uma novidade. Nunca tinha visto as ceremonias, que precedem a entrada do neophito no logar sagrado, nem tão pouco sabia a quantidade de cruzes que é preciso fazer no nariz, na testa, na bocca, nos ouvidos, no peito, etc. de quem por aquelle ceremonial fica pertencendo á religião de Christo: é incalculavel a porção de vezes que o padre tem de repetir o *signo tibi;* e tanto o sobba da Humpata, como as suas duas mulheres, estavam verdadeiramente abysmados, exprimindo nas physionomias um pavor respeitoso, que impressionava — A capella em que foi administrado o sacramento, era e é, mais que modesta: tem por invocação uma Nossa Senhora da Conceição; mede, quando muito, cinco a seis metros de comprido por quatro de largura; estava bem caiada e conservada com aceio; de resto respirava pobreza por todos os lados; ainda assim não era menos imponente o acto, pelo que significava, e pelo seu alcance politico, que realmente teve, com o auto de vassalagem, que em seguida se fez, e a que agora, com a formação da colonia dos Boers nas terras d'aquelle sobba, se deu o verdadeiro valor. Ficou este satisfeito com os presentes de aguardente e fazendas, que lhe fiz na minha qualidade de padrinho, e concluidos que foram os nossos preparativos de retirada, largámos da Huilla a 16 de julho, ás 6 (a. m.), — vindo almoçar á Humbia, á sombra d'uma arvore frondosissima, que é paragem obrigada de quem se dirige á portella da Biballa, onde chegámos ás 3 horas e 30 minutos (p. m.).

Difficil foi a descida da Biballa, que por vezes tentámos fazer de tipoia, tendo de desistir porque os carregadores davam parte de fracos a cada instante; umas vezes era uma pedra enorme, a que era necessario trepar, e depois descer escorregando; outras um barranco abrupto, e a pique, que era forçoso transpôr com o auxilio das mãos, sem o que não havia possivel equilibrio. Pedras soltas, pedregulhos, covas, de menor importancia eram sem conto, e quasi permanentes. A natureza apresentava-se, como na subida da Chella, egualmente virente, e similhantemente cerrada a vegetação, a que não faltava o bem conhecido inimigo do viajante d'Africa, o espinheiro d'unha de gato, que rasga o fato e as carnes, e é a defesa natural de taes caminhos — Mortos de cansaço, chegámos á fazenda do agricultor Campos ás 8 horas e um quarto da noite, onde nos refizemos com um bom jantar, e com o optimo acolhimento do dono da casa, caracter sympathico e franco, homem valente, cheio de tenacidade no trabalho, e que dispõe de grande influencia no sertão.

No dia 18, ás 4 horas (a. m.) partimos da Biballa para Maconge, atravessando o caminho da Assumpção — O que se passa n'este caminho não tem descripção; florestas de muteates e outros arbustos, alguns verdes e outros seccos, espinheiros d'unha de gato, urses, pedras, covas, finalmente um verdadeiro inferno e labyrintho indescriptivel, sem treguas e de que só os negros gentios sabem triumphar. Os tampos das tipoias rasgaram-se; destruiram-se as cortinas, e era necessario, mesmo dentro d'ellas, e apesar de serem de lona as da tipoia em que eu ia, ter os olhos fechados, e cober-

tos com os braços, para não cegar: como os negros sahem incolumes de similhante campanha, apenas cobertos com uma tanga de fazenda, quasi transparente, e tendo, quando muito, como resguardo, uma pelle curta de animal pendurada na cintura, é problema, que precisa ser visto, para se acreditar na sua solução. No caminho que descrevemos e em uma das investidas, que os carregadores deram com a tipoia, senti cair dentro d'ella um masso grande de papeis; abri a custo os olhos, para não ser colhido por algum ramo de espinheiro, e ouvi a voz d'alto dada por um cabo do batalhão de caçadores n.º 5 d'Africa Occidental, vendo ao mesmo tempo, defronte de mim, tres soldados formados n'uma pequena clareira de pedra, que se seguia a este encontro; tudo isto constituia uma tal successão de impressões inesperadas, que não quiz deixar de as reproduzir, como tendo operado no meu espitito a agradavel surpreza das noticias da patria, trazidas aliás por fórma tão estranha, quanto pittoresca.

Esta maneira de receber correio ao atravessar um caminho, que mais era esconderijo de feras do que percurso transitavel, foi um episodio interessante, e por isso o mencionei n'este rapido esboço d'uma viagem no matto, para fazer bem avaliar quanto ali as cousas se passam differentemente do que na Europa. Compare-se o pacifico correio das nossas villas e aldeias, com o tom marcial d'uma escolta, de armas carregadas, e equipada em ordem de marcha, e ter-se-ha n'este pequeno confronto, a distancia e differença de meios, em que ali e aqui se tem de exercer a auctoridade, para se explicarem muitas circumstancias, que aqui seriam abusos, e lá são necessidades impreteriveis.

Os dias que decorreram até ao dia 27 de junho, passámol-os em revistar as fazendas, comprehendidas entre a Tampa e o Munhinho, a do Bumbo, e tambem a da Chella, que, se não é a mais notavel, como riqueza productiva, ou como industria remuneradora, é de certo a que mais prenderia a attenção d'um touriste, que não tivesse uma intensão mais particularmente administrativa na sua visita.

A fazenda da Chella é um verdadeiro primor; uma bellesa, que não se descreve, e que traz á memoria, uma feição da Europa temperada enxertada nos climas tropicaes.

Extensa planicie coberta de trigo; cannaviaes densissimos, e altos cafeeiros, cobertos de fructo; extensas ruas de bananeiras e laranjeiras; a par de pecegueiros, e macieiras; tudo em fim quanto póde fazer recordar tão diversos climas, tudo se encontra ali, n'aquella verdadeira exemplificação pratica d'uma amostra d'um clima, permitta-se a expressão, cosmopolita, quanto aos seus effeitos productores. Agua em abundancia corre em regatos das fontes da serra: no alto das montanhas abruptas, que formam o valle em que está situada a fazenda, saltam os macacos, fazendo uma vosearia infernal: corre a aragem branda e fresca pelos declives da serra, sombreada d'ora a quando por enormes penedos, que mais e mais se repetem, logo que se deixa o plateau denominado Chão de Chella, e que se avança para o arraial de Cayonda, onde a percentagem de declive, e o corredor fechado, e formado por altas montanhas de granito escuro, são verdadeiramente assombrosos!

No fim d'uma visita, feita em termos de tão extraordinaria rapidez, não podiam o cansaço e os pantanos, que atravessamos na inspecção das fazendas, productoras de algodão, deixar de exercer sobre nós os seus effeitos naturaes — Fomos visitados por uma forte febre d'Africa, á qual applicámos o correctivo do sulphato de quinino, verdadeiro vade-mecum inseparavel de todo o viajante na Africa, tão necessario, tão efficaz, tão util e tão amargo!

(Continua).

A CAÇADA DE DIANA

—

Sabem quem era a formosa Diana da nossa gravura? Era filha de Latona e de Jupiter, e irmã d'Apollo. Tinha, diz a mythologia, uma aversão profundissima pelos homens e pelo matrimonio. Vivia triste, errando melancolica na solidão dos bosques, procurando sempre os sitios mais ermos e sombrios.

Uma das suas missões de deusa, consistia em presidir ás florestas e á caça, sob os nomes de Diana Caçadora ou Artemisa, habitando as montanhas pedregosas e as praias desertas.

Com os pés calçados n'uns singellos cothurnos, uma tunica ligeira sobre os hombros, crescente na fronte, aljava a tiracollo, arco na mão, e seguida por um bando de oitenta nymphas, formosas como ella, Diana percorria as florestas, em todas as direcções, dando a morte aos animaes ferozes, que se collocavam ao alcance da sua flecha certeira. Á noite, procurava a beira dos mares e entretinha-se a pescar.

Mais de uma vez, segundo conta a mythologia, esta deusa altiva do paganismo deu provas evidentes do muito odio que sentia pelos homens, revelando o seu caracter vingativo e irascivel.

Uma bella tarde, surprehendeu-a o caçador Acteon á borda de um lago crystallino, repousando das fadigas do dia, no meio das suas gentis companheiras. Ao que parece, a formosa Diana não gostou muito de ser assim surprehendida, ou porque estivesse n'um *déshabillé* pouco decente, ou porque já andava de ponta com o caçador atrevido. N'aquelle tempo ainda não havia o vitriolo; Diana, cheia de colera, vae-se á agua do lago, enche as mãos d'ella e arremessa-a violentamente ás faces do pobre Acteon, que ficou desde logo transformado em veado, e foi pouco depois morto á dentada pelos cães da sua propria matilha.

Passado tempo, um outro caçador, Orion, caía tambem exanime, varado por uma flecha, que a implacavel deusa disparára contra elle. Conta-se, porém, que Diana ficou arrependida de ter praticado este ultimo acto de selvageria, e tanto, que pediu permissão a Jupiter para suspender o corpo da sua victima na abobada celeste, onde formou uma das mais brilhantes constellações.

O culto d'esta deusa espalhou-se por toda a Grecia. O seu templo, no Ephéso, era um chefe de obra de architectura e uma das sete maravilhas do mundo. Todos os povos iam ali depôr as suas offerendas e vasar os seus thesouros.

O LEQUE CHINEZ

(A JAYME DE SEGUIER)

Pelos florões do tecto rendilhado
Espraiava-se o fluido d'esse olhar,
Destacava-se o brilho do collar
De perolas no seio desmaiado,

E eu sentia tremulo ao seu lado
Um vago aroma de jasmins no ar
E sorria ao dragão, que ao palpitar
Do fino leque estremecia irado;

Mas outro agora escuta a doce falla,
Os protestos de amor e pela sala
Passa o—Toi, toujours toi—de Strauss:

Ha n'esse olhar um fluido transparente,
Palpita o leque voluptuosamente
E o dragão abre a sua enorme fauce.

MARCHIALLY.

Typographia de Christovão Augusto Rodrigues, rua do Norte, 104, 2.º

UM DESAPONTAMENTO

Typ. — Christovão Augusto Rodrigues.

A ARTE

UM DESAPONTAMENTO

—

AVIA muitos dias já que elle namorava o feiticeiro relogio, n'essa mudez eloquente das creanças travêssas, onde se traduzem calculos extravagantes e fantasias buliçosas. Era uma fascinação irresistivel e constante; um enlevamento, que durava horas inteiras.

O nosso rapazola não pensava n'outra cousa. Aquellas oscillações isochronas do pendulo absorviam-n'o; aquelle *tic-tac* cadenciado, que punha no silencio da sala uma nota melancolica, fazia-o scismar; o movimento vagaroso dos ponteiros, que a uma hora certa se encontravam no mesmo ponto para se separarem logo e proseguirem com uma gravidade austera no seu gyro eterno, trazia-o enlevado e attonito.

— Como era que se movia toda aquella machina? perguntava o nosso homemsinho muitas vezes a si proprio, espicaçado pelo aguilhão da curiosidade, sopeando a custo o vehemente desejo que o assaltava de trepar a um movel e de mergulhar mãos e olhos n'aquelle intricado labyrintho de rodas irrequietas.

A pergunta repetia-se todos os dias e a curiosidade não satisfeita tomava, no espirito fantasioso do rapazote, proporções gigantescas.

Certa manhã achou-se sósinho, sem testemunhas importunas que o desviassem do proposito havia muito tempo formado. O seu querido relogio fascinava-o; o sol, entrando em ondas pela janella, punha no mostrador scintillações douradas, que lhe davam um tom alegre e feiticeiro. A occasião era opportuna e propicia.

Não quiz, porém, o acaso mofino que o pobre moço saboreasse as delicias de uma analyse minuciosa com que tanto sonhara. As suas mãos pequeninas e pouco adestradas puxaram de mais pelo pendulo, e o objecto dos seus enlevos caiu por terra, deixando-o petrificado, extatico, collado á parede, com os dedos na bocca e os olhos fixos no chão, dizendo de si para comsigo o que nós dizemos agora contemplando a gravura:

— Que desapontamento!

PINTEUS

AO DR. THOMAZ DE CARVALHO

—

Não sei que amor me prende a esta ruina immensa!
Raro a imaginação me paira assim suspensa
da ideia do passado. Era eu bem novo então,
uma creança audaz, um doido coração,
uma alma de crystal ingenua e transparente.

Cantavam-me cá dentro as musicas do Oriente;
tangiam harpas d'oiro estranhas melodias,
como um gargantear de alegres cotovias.
Povoavam-me o azul dos meus dezenove annos
como flocos de luz, os luminosos planos,
e as doidas illusões: um mar immenso, um mundo,
onde o espirito andava errante e vagabundo.

Esta enorme ruina, onde o roaz damninho
e a andorinha errabunda armar vem hoje o ninho,
tinha então alegria e vida e actividade.
Era em plena aldeola um salão de cidade;
um pequenino mundo alegre e feiticeiro,
posto entre um morro altivo e um placido ribeiro.

Ouvia-se lá dentro a faina dos creados;
e a luz quente do sol, e o perfume dos prados
entravam, a sorrir, pelas amplas janellas.
O moinho defronte, abrindo as fartas velas,
trabalhador activo, álerta noite e dia,
quebrava a sequidão da abrupta serrania,
parecendo escutar, por sobre as ribanceiras,
soalheiros aldeões, cantos das lavadeiras.

Habitavam aqui tres seres feminís,
em corpos de mulher tres corações viris,
formando uma formosa, e adoravel trindade:
a virtude, o talento, e a doce caridade.

A mãe era uma santa, a quem a aspera sorte
abrira, mesmo em vida, os carceres da morte;
uma alma mutilada, um coração aberto,
como um templo de luz no meio d'um dezerto.
Por isso aquella casa era como um azylo;
um azylo de paz, conchegado e tranquillo,
onde o perenne bem chegava a tudo e a todos: —
tinha o rico a affeição, os pobres tinham bôdos,
a porta aberta sempre, e sempre franca a mesa.
Prodigo coração, tão forte na fraqueza!

Tinha então a seu lado as suas duas filhas,
talentos d'eleição, que estranhas maravilhas

faziam borbotar da aridez d'esses montes.
No casto azul dos ceus, na limpidez das fontes,
no aroma virginal dos floridos arbustos,
tinham purificado os corações robustos,
povoando de visões a alma sonhadora,
salamandra creada entre os vulcões da aurora.

Uma d'ellas, a fada, a musa d'estes ermos,
nem para a apreciar, nem para a conhecermos
bastante é ouvil-a ou lêl-a; — astro de luz e sombra,
ha n'ella não sei quê de singular que assombra.
Debil como um jasmim, tenaz como a vingança,
é uma alma d'heroe n'um corpo de creança.
Facil ao desalento, e prompta ao heroismo,
é o mysterioso enigma em que por vezes scismo
sem lhe attingir comtudo as luminosas metas!
A verdadeira esphinge é a alma dos poetas.

A outra irmã mais nova, a indomita serrana
de olhar bondoso e fino, e d'alma franca e lhana,
era n'aquelle tempo a santa providencia
do humilde lugarejo. A tristeza, a indigencia,
a desgraça, encontrou sempre em seu peito amigo
um consolo, uma esmola, um carinho e um abrigo;
e na satisfação d'inspirações tão nobres,
tirava tudo a si para acudir aos pobres,
ás vezes, arriscando a sua propria vida.

Alegre como o sol, e como se nascida
no meio dos trigaes, por sobre obscura leiva,
palpitava em toda ella a exuberante seiva
que é a riqueza e o condão da ardente mocidade.
Do rosto intelligente a casta suavidade
tinha ás vezes uns tons sombrios de tristeza,
e um mixto de meiguice e instinctiva braveza,
de quem tudo deveu á natureza mãe:
— rudezas da verdade, e os impulsos do bem;
fraquezas naturaes e naturaes pujanças.

Essa creança é hoje a mãe d'estas creanças;
coração varonil, alma forte, que tinha
um singular condão para entender a minha.

Pinteus — 1878.

CHRISTOVAM AYRES.

AQUELLA JANELLA!...

—

Conversemos um pouco, minha adoravel leitora, sobre uma das mil pequeninas cousas que nos interessam no mundo, na sociedade, na rua, no campo ou nas praias, no hyppodromo ou no circo, na opera ou no theatro de declamação, e que reunidas todas dão esta melodia estranha, perfumada, suavissima, que se chama o sentimento, vibrando em nós as florescencias de setim das mansas recordações—as andorinhas douradas do nosso espirito saturado de melancolia...

No escrinio avelludado das tuas joias delicadas, entre as esmeraldas que nos sorriem com o seu sorriso verde e os brilhantes que nos fitam dos cantos penumbrosos com o ardor d'um desejo que em nós quizessem saciar, ha umas flores seccas que ali guardaste com cuidado, como um documento historico d'um certo facto, não é verdade? E eu sei que ao abrires a tampa de crystal do teu escrinio, e ao encarar com esses pequeninos *recuerdos*, esse teu corpo elegante e vibratil suspende-se por um momento; a tua bonita cabeça loura, d'uma adoravel tonalidade *marronée* inclina-se um pouco, pende como um lyrio; o teu braço como que se petrifica; a tua mão branca onde umas unhas côr de rosa, bem *soignées*, brilham como opalas, fica immovel; e a tua physionomia illumina-se da mais vaga e espiritualisada melancolia...

Ah! que esse instante resume em si todo um largo poema de encantos! O teu olhar mais puro que todo o azul dos ceus, o teu sorriso brando, imperceptivel, que te roça os labios ao de leve, como a tunica immaculada d'uma Chimera mysteriosa que passa, sobre a superficie crystallina d'um lago, tudo isso tem a mais encantadora das explicações.

D'aquella violeta já secca evola-se comtudo o perfume d'uma bella recordação. Fôra ha dois mezes... no baile do ministro da Russia... que lh'a dera um elegante parisiense... E no seu espirito, cae como um orvalho consolador, o queridissimo *souvenir* d'essa figura distincta de rapaz, fallando o portuguez com a pronuncia deliciosamente viciada pelos *r r r r*, sabendo dizer as mais encantadoras phrases de galanteio... que ao entrar de madrugada no seu quarto, no seu espirito havia como que um turbilhão desordenado de pensamentos, eu sei! talvez até por um momento a idéa de que ainda havia de dar o braço a esse elegante e passear com elle por entre a gloria ruidosa dos *boulevards* cheios d'um mundo estranho e incomprehensivel...

E é essa flôr resequida e triste, que elle trazia vecejante na sua casaca e que te offereceu como um reconhecimento da ultima walsa, que recorda agora todo esse tempo em que o teu cerebro andou confuso e allucinado como uma pomba perdida nos mundos da treva!

E é essa flôr já secca que te produz esse sorriso bom e meigo, um sorriso suavemente triste, em que chora o capricho da tua fantasia de mulher!

*
* *

Assim—*aquella janella!*

A janella, porém, é mais exclusiva do nosso sexo... é a nossa violeta!

Ás vezes, n'estas noites cheias d'um luar algido e baço, em que tudo nos parece feito dos tristes marmores tumulares, eu procuro as eminencias da cidade, para vêr toda essa vastidão oceanica de telhados, d'uma mudez afflictiva, onde ha os mais sombrios poços de sombra.

Lisboa a estas horas encanta-me. É regularmente meia noite.

Primeiro começo a seguir com a vista as linhas dos candieiros bordando as ruas com os seus lumes pequenos como estrellas. As ruas, porém, cruzam-se, bifurcam-se, partem-se, e em pouco eu

sinto-me como que perdido n'uma enorme confusão de predios, que se agglomeram, que se ligam, que se confundem...

Depois vêm os monumentos, os zimborios, as torres. Começo a fitar muito estes pontos vagos, sem contornos, e do meio da sombra vejo surgir estas massas enormes, que o luar illumina vagamente, como uma fraca luz de magnesium.

E assim passo horas e horas, n'este silencio nocturno, cortado de longe em longe pelo ruido d'um carro que passa a grande distancia, arrastando-se de vagar n'esta cidade muda, sem vida, que o manto do somno envolve e suffoca; assim passo horas e horas vendo os caprichos que as sombras desenham transformando completamente a capital, aqui erguendo arcos phantasticos, acolá enchendo de negro a abertura immensa d'um portico assombroso, que dá ampla entrada para toda esta massa de casarias...

Mas se em vez de abranger com a vista toda a cidade, eu desço a embrenhar-me por esse labyrintho de ruas tortas e estreitas, completamente só, os predios então trazem-me ao espirito as mais imprevistas lembranças, e todo um passado saudoso se desenrola no meu cerebro como um panorama immenso.

Aquella janella!... Foi ali o meu quarto, o meu primeiro quarto d'estudante, quando deixei a minha adorada provincia, pela necessidade de vir estudar pelos compendios de João Felix. Quantas alegrias ali passadas! Ainda me lembro como se fosse hoje, quando meu pae veio assistir ao meu primeiro exame... e que eu fiquei approvado... e que tive por premio um lindo fato novo, que dias depois foi o assombro dos rapazolas da minha terra!

Aquella janella!... Foi ali que eu estive quasi a morrer... Uma noite uns medicos de suissas brancas e sobrecasacas pretas, depois da junta, disseram a meu pae que eu não durava doze horas, os crueis! E toda a noite eu senti, o ouvido muito apurado, o soluçar agonisante de minha mãe tratando do meu remedio, e entrar depois, no quarto, com um sorriso animador e bom nos pobres labios descorados, para, ao sair d'elle, ir cair novamente n'um choro despedaçador....

Aquella janella!... Ah! o que ali se passou n'essa noite! O que eu ali perpetrei! Queres sabel-o, deliciosa leitora?... Foi o meu primeiro folhetim! Não era folhetim, não. Era um artigo de fundo! Tinha então quinze annos. Estava-se na epocha dos exames do lyceu; o padre Amado reprovara muitos alumnos de geographia e eu quiz fulminal-o com um artigo! Era escripto n'um espantoso estylo biblico! Ao bom do sr. padre eu dirigia as ultimas prophecias, e pelo meu calculo, pela minha dialectica, com o auxilio d'algumas citações de Hugo e de trechos de La Place, provava que era necessario destruir a hydra da reacção, escondida ainda no animo de Sua Reverendissima!

E continúo a andar pelas ruas desertas da cidade. Os predios dormem na friesa da noite. Ao longe sente-se o arrastar monotono das vassouras mechanicas, e a uma ou outra esquina tilintam as chaves d'algum guarda nocturno.

Os carros desappareceram: toda esta vida que ainda ha poucas horas animava as ruas se extinguio, e um silencio profundo dá-nos a vaga sensação dos cemiterios isolados. Voltemos por este lado.

Irresistivelmente passo em frente d'este predio onde está — aquella janella!... que eu bem conheço.

Aquella janella!... tem para mim um encanto que tu, certamente, adoravel leitora, não desconheces.

É como todas as outras, um rectangulo aberto n'uma parede, com umas vidraças para resguardar do tempo o interior. Toda a cidade póde desfilar na sua frente, que nada lhe encontrará de extraordinario! Quantas mil pessoas não teem passado ali? Já alguma a examinou? Não! Todo o mundo é indifferente para com essa janella...

Mas no meio do turbilhão enorme da sociedade que passa, um sujeito ha que se detem na sua frente, e que a olha com vivo interesse.

Se alguem reparar n'elle, verá na sua physionomia a mesma expressão que ha pouco tu tinhas em frente da tua violeta!

Porque a noite é silenciosa e é muda. Na abobada de saphyra a mais pura, a lua boia á superficie do azul, irradiando a sua luz branca, que á força de ser branca tem uns tons imperceptiveis de anil. E aquella janella podia abrir-se agora de par em par, e ao parapeito surgir o busto cheio e bem contornado d'uma encantadora rapariga, que lá dentro dorme tranquilla, no conforto do seu pequeno e aconchegado quarto.

Aquella janella!... aquella janella!...

MARIANO PINA.

UM DUELLO EXCENTRICO

(3 ACTOS DE OPERA BUFFA)

As seis da manhã, quantos não teem quatrocentos mil réis nas obras publicas, ou estabelecimentos na baixa, estão ainda no aconchego do leito, entorpecidos na tranquilla penumbra morna da alcova, emquanto no quarto de vestir proximo range methodico, o *tic-tac* da pendula. Mas dormira mal: uma noite cheia de divagações desgrenhadas, e insomnias lividas de uma estravagancia febril, idyllios satanicos em que palpitava rutilante, um sinistro escarneo mephistophelico. E todo o meu ser torcia-se n'um mau estar sem explicação; opprimiam-me dôres vagas com pequenas picadas nervosas; abria os olhos sem ver, — fadigas languidas, como quem chegou de longe, comprimido entre bagagens soltas. Afinal, que fizera no dia anterior, para estar assim doente? Absolutamente nada — algumas horas de patinagem, um esplendido almoço com o visconde, duas horas a cavallo, uma pequena estação em casa de H., a galante cantharida da Opereta. O doutor F. affirma que é justamente a ociosidade que me cança. E prega-me a moral, que a sua mocidade jamais adoptou. Que vida a nossa — pobres rapazes sem espirito!... Mas hoje tudo vae mudar. Á força de não fazer cousa alguma, de vaguear pela cidade com um *charuto* na bocca e uma penna tyroleza, iriente e alegre, no chapeu de forma conica, decidi-me pelo trabalho. A cidade é realmente triste e somnolenta; um ar de aldeia macadamisada, fria e pretenciosa como uma creada de quarto. Nos bustos, nem uma linha nobre; os bigodes uzam-n'os impunemente os caixeiros e os operarios; senhoras côr de palha, vão por um lado e por outro, bambaleando-se, laminadas na pressão do espartilho, com olhares lyricos, em que se sentem as cartas de namoro, a *Norma* e o *Noivado do sepulchro;* ás vezes, pela rua do Ouro, passa um sujeito de barbas, com grandes passos, que tira o chapeu a todo o mundo e contos da caixa forte dos Bancos; fervilham rumores de cautelleiros, e os escriptores usam em geral luneta e são chupados, com pulsos de cavador. Emfim, os organismos atrophiam-se aos centos, por familias inteiras, nos varios pavimentos de um predio, das lojas aos sotãos, entre o perfume canalha do siphão, e os arrancos do piano, que bolsa afflictamente as suas hemoptyses de Bellini, a espaços methodicos e curtos. Decidi-me a trabalhar. Mas que faria? Todo o mundo segue um destino, alcança um diploma, estuda uma especialidade, ganha uma profissão. Poderia escrever; em Portugal, o futuro de quem escreve é risonho e magico. A litteratura ministra-se de ordinario em dozes de trezentas paginas, em restaurants ás moscas, chamados livrarias, preço fixo. Despende-se em geral a mesma quantia chumbando um dente, comprando um volume ou tomando um duche. O que é frisante. Mas que escreveria? Alguem me aconselhava fazer pentes; muitos diziam que a minha voz, os meus ares ducaes e os meus gestos de uma altivez leonina, arrancariam das almas duras do nosso tempo, as largas commoções theatraes, que su-

blimam e fulminam as platéas dominadas. E diga-se a verdade, o theatro tinha para mim deslumbramentos. Por exemplo, isto de dizer em scena, com voz cava: *a maldição de Deus cahiu sobre mim!..* — que grande era! E via-me desfallecendo ao estrepito das ovações, destacando com pompa, na lona dos bastidores, a minha figura de gentil-homem, beliscado pelas comparsas, alvo de uma paixão lubrica da esposa do emprezario, carmim na face e um fato de velludilho cereja, bordado a galão roto. E vacillante, viajando em divagações estroinas, não encontrava occupação que me despertasse interesse. Foi quando, o pintor Kirckoff me apresentou o principe. O principe russo, uma creança e um heroe. De resto um selvagem sabendo beber. Mais ou menos, todos nós travámos já conhecimento com um principe russo. É sempre elle que, nos romances de Ponson e nas embrulhadas de Montepin, fornece ouro aos punhados a uma sociedade mysteriosa, e enche de scintillas vividas os cabellos e os hombros das peccadoras levianas, com presentes de joias, diademas de brilhantes, e certo annel symbolico, com uma *caixinha, onde se guarda o segredo que se descobre no ultimo capitulo...* Oprincipe não tinha sido heroe de romances: mas tinha aventuras soberbas, audacia sem par, estomago forte e lamina excellente, que esgrimia com distincção ferina. Aos vinte annos, era um pouco pallido e frio: em torno dos olhos, manchas *bistre* revelavam dissoluções surdas e noites vagabundas, entre hespanholas ebrias. A sua alta estatura de cossaco, marmorea e firme, tinha a belleza heroica de uma figura de legenda, atraz de que se esmaltavam as proezas audaciosas dos levianos valentes, duellos, raptos, naufragios e combates; a caça do urso, entre pinheiraes bravios e sobre planicies de gelo, emquanto o nevoeiro enfuna a sua forma incoherente nos longes, de uma desolação selvatica; phantasticas correrias em trenós levados ao desfilar das grandes rapozas domadas, na planicie alvejante; despotismos nas explanadas dos parques, onde abetos seculares, immoveis, apontam com a magreza esqueletica dos ramos nús o ceu fleugmatico e fosco; scenas de sangue e rancor, em que os *mougicks* seminus curvam a face livida de servos, ao aspero açoute dos tyrannos, rins gottejantes, olhos dilatados n'uma tortura sangrenta, e blasphemias na garganta contrahida. Havia d'elle casos felizes, de uma bohemia saudavel e originalissima. E referindo-os, que graça petulante elle expendia!...

Commandara guerrilhas nas Vascongadas, armado de trabuco, *boina* na cabeça, e fallava com ardor d'esta façanha, ainda nos seus mais alegres dias. D'uma vez, Madrazo o pintor, um dos meus amigos, tinha-o visto em Sevilha, em *terciopello*, a perna desenhada na polaina, n'uma alta curva nervosa, cinta vermelha, e bifurcado n'uma mula á mourisca, cheia de guizadas ruidosas. Vendia *colorado* — vinham á porta das *posadas*, *manolas* de olhos pretos e braços nus, uma flor de romeira saindo do cone de tranças opulentas; os *majos* paravam para mirar a sua face branca, como um marmore hellenico de transparencia delicada; e na praça, a filha do alcaide, a *senorita* Carmen, empallidecera encarando-o, cheia de uma paixão romanesca. Alguem fez um romance do amor que o mordeu um dia, na côrte do rei Amadeu, á vista da duquezinha de Henares, branca creatura franzina, illuminada de sonhos, como as legendarias filhas dos reis abencerragens. Tinha então quinze annos, era um delicioso e herculeo libertino, cuja epiderme fina e fria, destacava como uma tentação, no velludo negro da sua veste. E estavam cheias do seu nome, as historietas galantes da *Puerta del Sol*, *das Delicias e del Prado,* as chronicas dos cafés e dos circos, onde centenas de vezes apparecera no bando dos *toreros*, ardentes, esculpturaes e terriveis, armados da capa côr de sangue.

Uma manhã, o principe aborreceu-se do mundo, das mulheres, do luxo, das aventuras e das orgias. Hesitante entre a bala e o veneno, chegou a Portugal e sepultou-se em minha casa. O seu tedio tinha uma ferocidade rouca, cheia de rugidos, cheirando a sangue. Kirckoff, um paisagista de Arckangel, viajava no Minho, tirando esboços, com um barrete de rapoza azul na cabeça calva. Ás vezes vinha directamente de Vianna do Castello, jantar comnosco, trazendo na sua caixa as aguarellas mais excentricas, mais soberbas, e mais realistas, e na mente uma anedocta pagã, que relatava com o picante da sua phrase mordaz. Assim mesmo, mau grado impetos e caprichos do prin-

cipe, eu amava-o, como se amam as cousas raras, inventando para o distrahir as orgias mais extraordinaaias e doudas: cancans de velhas esqueleticas, ossudas e funebres, que erguiam a perna n'uma curva dolorosa e tremula; ceias com palhaços tisicos, vestidos de negro, carapuços vermelhos bordados de reptis; jogos de punhaes em que, loucos de cabellos eriçados gargalhavam tragicamente deante das victimas rasgadas de golpes e palpitantes em sangue; scenas gelidas de enterros, no meio de hymnos de blasphemias e cantos fervidos de monges lividos, apertados no aspero burel de penitentes; grupos de mulheres esplendidas, coroadas de parras, n'uma immobilidade esculpida de bacchantes... e elle encolhia os hombros; arruinavamo-n'os, mas tudo lhe era vulgar e miseravel, como a lembrança d'esse passado de ignominia e de dôr. Separámo-nos assim na quinta feira d'Endoenças! No dia seguinte, sexta de Paixão, eu achara uma grande idéa. Erguera-me com ella ás seis horas, afflicto por bolsal-a na confidencia do principe — como um vomito de imaginação tresloucada.

E esperando que Ivan despertasse, puz-me a lêr distrahidamente os jornaes.

A cidade ia lentamente bolindo, como quem se desentorpece de uma embriaguez nocturna. Ia começar um lindo dia, de uma transparencia profunda, em que volitavam aos pares, como cotovias, aspirações e amores. Nas folhagens verdes dos arbustos, gottas d'agua tremiam como um pranto castissimo da noite, estacado pela consolação da aurora. Uma grande lucidez estendia as azas sobre os horisontes: ao largo, na linha partida dos outeiros, tombado na quietação da agua, rarefazia-se em volutas finas o nevoeiro do rio. Entrava a despertar a officina, o commercio, o povo. No passeio. uma velha descalça e ignobil, de amarellidão esfomeada, ia com um sacco de papeis — e toda curvada pela miseria, apanhando os trapos, as cintas dos massos de tabaco, a hortaliça podre dos barris, tinha o ar de uma rata invalida, angustioso e vil. E eu via da janella recolher á sua toca, aquelle brusco animal, á hora em que a mais gente sahia para a fluctuação do commercio, e para o martelar das fabricas, lobregas de fumo e carvão.

A porta abriu-se, valentemente atirada.

Ivan fez-se annunciar. O almoço estava já na meza.

§

— Bons dias, disse elle; o que dizem os jornaes?

— Pouco, fallam das eleições. Os votos estiveram muito baratos este anno, o que demonstra que o nivel intellectual se eleva. Alem d'isso...

— Que mais?

— Varios sujeitos fizeram annos e deram jantares.

— Que escandalo!...

— Muitos, para desafogo das consciencias, vão perfurando os ventres dos semelhantes, nas ruas escuras d'Alfama. E evadem-se, muito descançados.

— É natural, n'um paiz que teve o dominio dos mares e o poderio do Novo Mundo.

— Sobem os divorcios.

— Juro-lhe, que não tenho concorrido para isso. N'este paiz creia, as mulheres é que são os homens — a julgar pela quantidade de barba.

— Nas luctas capitaes, os jornalistas atiram as pennas e erguem as bengalas.

— Perfeitamente distincto. Influencias da amenidade *d'este bello clima*. Nada mais?

— A roda anda amanhã.

— Oh!... Bocejava, cheio de tedio.

— Agora conte-me o que sabe.

— Pouco lhe digo. Hontem no theatro, encontrámos a unica creatura adoravel da cidade, a corista Anna, dos Recreios, sabe? Pois bem, esta noite pensei muito n'ella, acordei desejando-a ao pé de mim, e ámanhã devo tel-a.

AO LEVANTAR DA CAMA

— Olá! o meu amigo é exigente: não estamos na Russia. Devagar, devagar!

— Sabe, que não estou costumado á resistencia — preconceitos talvez de educação! De forma, que se amanhã, Anna não acceder ao convite galante que lhe fiz de cear comnosco, irei buscal-a á força, seja onde fôr.

— Onde diabo estamos nós, querido? O lago Nyassa fica longe, lembre-se. Alem d'isso, encontra-se na terra uma cousa, não prevista no seu plano heroico.

— Serio?

— A policia, uma cafila de chanfalho, bigode e algumas vezes, pera: não se admire, fallo serio, c'os diabos!

(Continúa).

FIALHO D'ALMEIDA.

O ESPIÃO

Foi summario o processo d'aquelle desgraçado. O tribunal vae condemnal-o, e a pena imposta será fatalmente a de morte. Elle bem o preadivinha, n'aquella sua attitude supplicante e commovedora. Mas por mais pungitivo que seja o espectaculo das suas lagrimas, por mais verdadeiro e sincero que seja o seu arrependimento, não consegue abalar o coração frio dos juizes, que hão de lavrar impassiveis a horrivel sentença.

O crime é d'aquelles que se não perdoam, e para que não ha circumstancias attenuantes. A consciencia do infeliz, flagellado, pelo espinho do remorso, segreda-lhe isso mesmo, diz-lhe que praticou uma villeza e que merece ser apodado de infame.

Ha, todavia, no rosto do pobre espião, traços caracteristicos de uma bondade sympathica. Aquellas cans, que lhe alvejam na fronte, inspiraram-nos commiseração e respeito.

É criminoso, diz o tribunal. Será. Mas é tambem um velho, e soffre, e chora. Não ha cousa que nos commova tanto como as lagrimas da velhice. Não ha nada que tanto nos incite á piedade como as torturas que se lèem n'umas faces maceradas pelo infortunio, sulcadas de rugas senis, desbotadas pela dôr lancinante do remorso.

Se elles podessem absolvel-o!...

O ULTIMO LYRICO

Julietta era um dos raros nomes, citados a miudo, sempre que se tratava de collecciónar o restricto numero de formosuras que guardam ainda em Portugal o vestigio, cada dia menos evidente, do bello typo mosarabe.

Julietta era alta, magra e elegantissima; contava apenas dezoito annos; possuia uns grandes olhos escuros, velludosos, banhados de melancolia; dentes brancos de neve, que scintillavam no escarlate humido dos labios; um sorriso divino, accusado por duas covinhas, verdadeiramente irresistiveis; uns cabellos abundantes e sedosos, e, para completar o conjuncto de tantas maravilhas, uma pontinha de febre romantica e um enorme desgosto da vida.

As desillusões começaram cedo a toldar-lhe o ceo azul da juventude.

Era uma sina, que tinha de cumprir-se, disse ella, sentimentalmente, quando uma tarde, havia cerca de seis annos, lhe vieram trazer os despojos mortaes de Beautiful, um pequenino galgo, nervoso,

fino, esperto como uma faisca, que Julietta adorava e que exhalara o extremo alento nas fauces hiantes do odioso *bull-dog* de Jeronymo de Sepulveda.

Fôra aquelle o segundo ponto negro.

O primeiro succedera dois annos antes, exactamente no dia em que Julietta completava o seu undecimo anniversario.

A tia, uma boa tia affectuosa, mas demasiado indulgente, que ficára fazendo as vezes de mãe, junto do berço da orphã, acabava de perfumar os finos cabellos loiros da criança, borrifando-os de *ylang-ylang;* depois, domando sob a pressão dos dedos essa pequena floresta de fios de oiro, toda rescendente de aromas *chics*, atou-lhe uma fita de setim azul.

Um vestido de seda da mesma côr, guarnecido de rendas de França, mandado vir expressamente de Paris pela Aline, completou a *toilette* de Julietta.

A tia achou-a divina.

As criadas, chamadas a emittir o seu voto, declararam, unanimemente, que a menina era o vivo retrato de Nossa Senhora da Conceição.

Julietta estava radiante; parecia uma pequena *grande dame;* no crystal de Bohemia do amplo espelho de vestir, a sua figurina recortava em azul celeste a curva, ainda hesitante, do busto infantil; as rendas, serpenteando em zigzagues no avental, punham um vago aspecto de mundanismo na innocencia d'esses onze annos.

O pae, que fechara n'esse dia mais cedo o escriptorio, em consequencia da solemnidade da festa, estacou suspenso no limiar do quarto, contemplando, babado de ternura, o seu thesouro.

Julietta consultava pela ultima vez o espelho, preparando-se para fazer sensação na sala, onde a esperavam as amiguinhas: a Lili, de cambraia branca; a Mimi, de *piqué;* a Carlotinha, de lã côr de rosa; a Zita, de alpaca; uma miseria, que nem de longe poderia hombrear com a opulencia da sua seda e das suas rendas.

De repente, um ruido de passos, correndo em tropel, resoou no corredor; e no gabinete alcatifado, que precedia a grande sala de recepção, desabaram de subito, ennovellados, socando-se, empurrando-se, os tres irmãos de Zita, tres garotos, de quatro a seis annos, que depois de um assalto ao aparador, apopletico de dôces de todas as qualidades, tinham emprehendido, movidos de um pensamento unanime, apropriar-se cada um, á viva força, do quinhão do leão.

Dez dedos, alagados em compota, estamparam-se, vigorosamente, no bello avental azul, espumado de rendas, emquanto o Josésinho, largando-se de improviso dos braços do irmão mais velho, que se dispunha a coçar-lhe o nariz com o bico da bota, veio cair de chofre em cima da pobre Julietta, que ficou estendida ao comprido na alcatifa, com o seu luxuoso vestido novo rasgado, manchado ignobilmente de nodoas pegajosas, os cabellos esfuriados, lagrimas de raiva a rebentarem-lhe dos grandes olhos e um desespero enorme a devoral-a toda.

E aqui está como as pequeninas almas adquirem, logo aos primeiros passos na vida, o germen dos amargos desenganos!

*
* *

A sede de ideal que devorava Julietta, suscitada pela leitura das novellas de Cherbuliez e Feuillet, uma sede fatal que não a impedia de walsar doidamente, enlaçada nos braços dos homens, de ir ás corridas, de frequentar os theatros, de se produzir nos passeios, com uns chapeos que obrigavam toda a gente a voltar a cabeça, revelou-se uma vez, claramente, a proposito de um facto naturalissimo.

O pae de Julietta, notando, inquieto, a pallidez da filha, consultou o doutor Oliveira.

Relatou, minuciosamente, as excentricidades da menina.

O ESPIÃO

Ao jantar, fosse qual fosse o *menu*, não comia senão uma aza de gallinha ou uma truffa, meia duzia de morangos e um copo de leite; á noite, chupava uma laranja; ao almoço, bebia duas chavenas de chá preto e, depois de vivamente instada pelo pae, comia meia torrada.

O medico sorveu, demoradamente, uma pitada de meio grosso; em seguida, diagnosticou a enfermidade e rematou suggerindo a therapeutica do matrimonio.

O capitalista approvou.

N'essa mesma noute, depois da partida do whist, chamou de parte Jeronymo de Sepulveda e, á queima-roupa, sem preambulos, perguntou ao parceiro se queria casar com a filha.

Jeronymo de Sepulveda era um espirito pratico e profundamente methodico; cumpria invariavelmente, com uma exactidão mathematica, as obrigações inherentes ao logar que exercia, de chefe de secretaria. Dotado de uma imaginação excessivamente impressionavel, guardando no intimo da sua alma, honesta e boa, uma candura cheia de sensibilidade, Jeronymo de Sepulveda occultava esses ignorados thezouros sob um aspecto reservado e frio, deixando-se calumniar sem protesto e passando aos olhos de toda a gente como um homem orgulhoso, egoista, incapaz de sentir ou de inspirar um amor profundo e sério.

Amava extremosamente sua mãe, rodeiava-a de todos os confortos; fizera do seu lar uma especie de sanctuario, divinisado pelo respeito em que elle envolvia esses queridos cabellos brancos, e jurara sacrificar ao repouso da velhinha qualquer projecto de casamento que porventura lhe atravessasse o espirito. Chegara aos quarenta annos sem ter nunca avaliado a gravidade do compromisso que voluntariamente tomara, isto é, sem ter experimentado um d'esses amores, imperiosos e dominadores, que apagam a propria consciencia.

Jeronymo vira Julietta pela primeira vez, quando ella contava cinco annos.

Frequentando assiduamente a casa, onde era certo na habitual partida do whist, assistira ao desenvolvimento d'essa pequenina planta melindrosa: mantendo sempre o seu ar frio e reservado, Jeronymo sentia um interesse, quasi paternal, por essa fragil creaturinha, excepcionalmente bella e singularmente voluntariosa, abandonada, no conflicto da vida, á tutela de uma fantasia cheia de caprichos e de ideaes perigosos.

Timido, córando como um collegial, Jeronymo de Sepulveda arriscara uma vez um conselho, que envolvia, subrepticiamente, uma reprehensão.

Tratava-se de um passeio á noute, no Tejo, á luz diamantina do luar, organisado por um grupo de estroinas e aformoseado pela companhia de algumas senhoras, demasiadamente conhecidas.

Julieta aceitou sem discutir, saboreando de antemão a realidade do seu poetico sonho:

. . . airoso barco ao largo
Bordava aureo listrão do Tejo ao manto azul,
Cedia a natureza ao celestial lethargo,
Traziam meigos sons as virações do sul.

O pae e a tia, escravos do seu fetichismo domestico, não ousaram contrariar a menina.

Jeronymo lembrou que as auras poderiam ser mais meigas e menos celestiaes do que seria para desejar.

Este facto, aggravado pela morte de Beautiful, victima imbelle do *bull-dog* de Jeronymo de Sepulveda, indignou Julietta.

Uma antipathia pronunciada succedeu á indifferença. Esse homem vulgar, que usava umas sobrecasacas quasi tão grandes como o seu appetite imperturbavel, que gosava uma saude de ferro, que tinha palavras seccas e monotonamente pausadas, como o pendulo de um relogio, que jogava o whist, com pequenos gestos automaticos, emquanto a rhetorica lyrica dos *badauds* lhe punha no ouvido vibrações harmonicas e a walsa lhe agitava os nervos, arrebatando-a em ondulações estonteadoras, e

que até então fôra para ella um personagem nullo, começou a apparecer-lhe sob um ponto de vista hostil e ridiculo.

Jeronymo de Sepulveda não era só um materialão, um espirito anguloso, systematico e infallivel, como uma equação algebrica; era mais, era um monstro, um desmancha prazeres, um egoista!

Cheia d'estas convicções, Julietta respondeu, regeitando terminantemente o noivo escolhido pela vontade paterna.

E á sobremesa, segurando nas pontas dos dedos, finamente torneados, um *bonbon* e collocando-o, delicadamente, entre os dentes brancos e miudos, disse que não, que não casaria nunca senão com um idealista, com uma alma delicada e poetica, susceptivel de desprender-se, a todos os respeitos, do barro vil da prosa real e de isolar-se, enlaçada á sua, na região luminosa do sonho.

Jeronymo de Sepulveda ouviu impassivel a resposta, fielmente repetida pelo pae de Julietta.

Á meia noute, depois de concluir a partida, retirou-se, como costumava, apertando cordealmente a mão do amigo. N'essa noute, porém, entrou em casa um pouco mais tarde, accendeu um charuto e, atirando-se para o fundo de uma *voltaire*, teve um estranho capricho, resolveu esperar o dia, fumando e scismando!

*

* *

Julietta descobriu afinal o principe Charmant.

Rodolfo possuia todos os requisitos.

Fazia versos, exhibia a pallidez magnoliana dos incomprehendidos, detestava a sopa e vacca, e escrevia cartas onde os adjectivos trotavam á garupa dos substantivos, ao longo de uma exuberante florescencia calligraphica, da côr das violetas de Parma.

Tinham-se encontrado no baile do Club.

Adivinharam-se em um simples olhar, cambiado entre dois compassos de uma walsa.

Elle pedio para lhe ser apresentado; e, curvo, melancolico, atormentando nos dedos, premidos em pellica branca, as guias pretas do bigode, sorrindo, dolorosamente, por entre uma vaga ironia de descrido, alludio, com delicada reserva, ao martyrio atroz de viver isolado, como o escalracho, no alto do cómoro escalvado, que se chama desalento.

A metaphora não tinha talvez a sonoridade de uma estrophe.

Mas, no hiato da ampla janella, que abria para o oriente, alvorecia a madrugada, ondeante de veus diaphanos; as estrellas morriam, engolphando-se no azul; vinha de fóra um *brouhaha* indeciso, uma claridade opalina, que succumbiam, dominados pela vibração da orchestra, executando um doido *cotillon*, vertiginoso e interminavel; nos espelhos, a sala dilatava-se, tomando um aspecto duplo, atravez do qual os pares resvalavam, desdobrando-se as caudas de setins e velludos, que adejavam, turbilhonando, como um bando de aves dos tropicos.

Uma saudade nostalgica invadiu lentamente o coração de Julietta; a claridade polar do crepusculo parecia-lhe a luz funerea de uma tocha; a voz de Rodolfo punha-lhe no ouvido a desolação angustiosa de um adeus supremo; acreditava que não mais veria esse bello archanjo trigueiro, que, como os anjos de Vigny, tinha ainda na fronte o reflexo do paraiso; que nunca mais ouviria essa eloquencia, apaixonada e triste, que respondia a todas as suas dolorosas hesitações e realisava, n'uma fórma humana e tangivel, o ideal das suas noutes de febre: então, nas compridas pestanas recurvas de Julietta tremeu uma lagrima.

N'esse critico lance, Rodolpho segurando na sinistra o *claque*, pondo a dextra no coração, recitou Musset, e, prostrando-se de joelhos, no corredor que conduzia ao vestiario, exclamou, soluçante: — — Amo-te!

Jorge de Sepulveda jogava o whist.

*
* *

Um anno depois, os jornaes de Lisboa entretinham a curiosidade dos seus leitores, noticiando que a sr.ª D. Julietta intentára acção de divorcio contra seu marido, o sr. Rodolpho de Menezes.

Esse divorcio era o epilogo de um drama pungente.

O menestrel dos salões lisbonenses, depauperado pelo regimen de virtude a que sujeitára o seu noviciado matrimonial, resolveu, logo depois do primeiro quarto da lua de mel, parodiar o duque de Clarence, tonificando-se a banhos de môsto.

O lyrismo do incomprehendido exuberou em evohés orgiacos, secundados por uma bacchante de cabellos ruivos e claviculas esburgadas, importada de Milão, com rubrica *trés fragile*, para o corpo de baile de S. Carlos.

Julietta, arrancada violentamente a essa existencia artificiosa, creada pela exaltação do seu espirito, a esse mundo ficticio, povoado de personagens convencionaes, onde não resoara nunca a linguagem fria e logica do bom senso, experimentou uma dôr aguda e despedaçadora.

Uma tarde, depois de uma altercação em que a injuria, alcoolisada, espumou nos labios convulsos do ex-lyrico, Julietta, não podendo soffrer mais tempo a pressão odiosa d'esse marido despresivel, saiu desvairada, atirou-se para dentro de um *coupé* que passava, e foi cair, chorando, nos braços do pae.

Jeronymo de Sepulveda entrava n'essa occasião, dando o braço a sua mãe; o seu olhar, tranquillo e bom, absorvia-se todo na querida velhinha, que caminhava, risonha e orgulhosa, suspendendo-se do braço do filho.

Um raio de sol poente, entrando obliquamente pela janella, veio illuminar em cheio esse bello grupo affectuoso, digno de um interior de Gerardo Douw.

Jeronymo de Sepulveda viu Julietta, advinhou tudo, e, depois de apertar-lhe a mão, pedio licença para retirar-se. No ultimo degráo da escada, parou um instante pensativo.

No rosto, impassivel e frio, do egoista, uma lagrima resvalou, indo morrer, silenciosa, no bigode grisalho.

Foi a primeira e a ultima lagrima de Jeronymo de Sepulveda.

GUIOMAR TORREZÃO.

AO LEVANTAR DA CAMA

Que pae ha por ahi que não tenha visto todos os dias, no seu proprio lar, a reproducção d'esse quadro verdadeiramente encantador, que a nossa gravura representa?

Qual d'elles não recorda ainda, fitando aquelle formosissimo grupo illuminado pelos castos alvores da innocencia, a quadra iriante das suas cinco primaveras gentis, a epoca feiticeira das travessuras ruidosas e alegres, em que por qualquer cousa se ri e chora, em que a lavagem quotidiana nos inspira o mais profundo dos horrores e nos provoca umas caretas muito feias?

Todos fomos assim, todos fizemos o mesmo que a formosa creancinha reproduzida na gravura. E quem não o tiver feito, que nos lance a primeira pedra. E quem não tiver perneado como ella, ao sentir nas carnes quentes a frigidez cortante da agua, que se apresente a confessal-o: não o acreditaremos.

O quadro ahi fica. Superfluo e escusado é tentar descrever um a um os personagens sympathicos que d'elle resaltam.

Typographia de Christovão Augusto Rodrigues, rua do Norte, 104, 1.º

O CANTOR SABOIANO

Typ. — Christovão Rodrigues.

A ARTE

O CANTOR SABOIANO

—

TRANSPARECE n'aquelle olhar supplicante a funda melancolia que se inspira do infortunio. N'aquellas faces desbotadas está impresso o sello da miseria.

Leva a existencia a cantar, vagabundeando pelas ruas e pelos caminhos, á mercê da caridade dos que passam, ouvindo aqui o motejo alvar de um, soffrendo acolá, resignado e paciente, a chufa brutal de outro.

A garotada esqualida ri-se da farraparia multicor que mal lhe disfarça a nudez do corpo. Os cães ladram-lhe á entrada das povoações, por onde transita em demanda de agazalho.

E quanto mais se sente esmagado pelas torturas da fome, mais canta, o infeliz. Quanto maior é o seu martyrio, mais repetidas e duradouras são as canções que se lhe exhalam dos labios. Cruel irrisão do destino!

É que elle precisa de viver, e aquellas pobres canções, ora sorridentes e alegres como um gorgeio de rouxinol, ora melancolicas e tristes como um gemido de creancinha agonisante, são o seu ganha-pão.

Habituou-se ou acostumaram-n'o desde tenros annos áquella existencia bohemia. Seus paes tinham sido o mesmo, cantores da rua e das praças. Haurio, com o leite materno, o germen d'aquelle modo de vida; apprendeu no berço coberto de farrapos a cantar para comer.

Bem creança ainda, mandavam-n'o, á torreira do sol, ou sob o rigor intenso da invernia, percorrer as aldeias mais proximas, prescrevendo-lhe a obrigação de trazer na sacola uma quantia certa. E o pobre pequeno lá ia, descalço e seminú, com os cabellos annelados a emmoldurarem-lhe o rostinho contrafeito, bandeja na mão, e olhar supplicante, pedir ás multidões, nos seus cantos sumidos, que lhe dessem uma esmola.

Podia o sol, á vontade, abrazar-lhe a cabecinha gentil, ou a chuva ensopar-lhe os miseraveis andrajos com que se cobria. O bom do pequeno saboiano caminhava sempre, até que na bandeja tivesse cahido a ultima moeda da quantia prescripta.

O infeliz, então, repousava por momentos, assentado sobre a primeira pedra do caminho, e punha-se a contar repetidas vezes o magro peculio colhido no seu gyro tortuoso e fatigante.

Cada uma d'aquellas pequeninas moedas, muito sujas e muito espalmadas, em que o attricto produzido por milhares de dedos asperos tinha apagado completamente o relevo dos caracteres, representava para elle compridas horas de fadiga. Cada uma das esmolas que colhera aqui e acolá,

significava um esforço enorme, um labor cruelissimo, uma canção soltada a custo, por entre as angustias da fome e as agruras do cansaço.

Foi crescendo, crescendo, e, ou por que já estivesse muito affeito áquella profissão miseravel, ou por que se sentisse inhabil para outro mister, continuou a cantar de aldeia em aldeia, de rua em rua, de paiz em paiz, implorando de dia a caridade dos que se prestam a ouvir-lhe a voz cansada e rouquenha, dormindo á noite, como um cão, em qualquer palheiro desabrigado.

Quando não canta, não come; e é por isso que elle continua a entoar na passagem as cantigas singelas que lhe ensinaram no berço. Assim vive, e assim morrerá, cantando sempre.

C. D.

EM ROMAGEM

—

A verdade, começava a estar insupportavel em Lisboa — o thermometro subindo sempre sem attender a supplicas, subindo e putrefazendo tudo, os despojos subterraneos e a frescura das mulheres, a carne de venda a retalho e a carne de aluguer, os artigos dos jornaes diarios, e os artigos alimenticios. Em Lisboa transpira-se muito, pela pelle e pelos creados. E ás vezes, sob o influxo de uma hora de sol ou de publicidade, qualquer pessoa se arrisca a ficar com a roupa alagada, e com a reputação em fanicos.

No verão, similhante phenomeno exaggera-se com violencias equatoriaes; nem gelados nem discrição, logram attenuar-lhe os impetos — é soffrer ou partir. Eu parti.

Não imaginam que simplicidade hollandeza de *toilette* e que frescura de linhos, expendidas em *vestons* sem forro e pantalonas sem feitio!... Botões de madreperola do diametro de relogios, polainas altas, atando na perna por correias em cruz, o cinturão de coiro com cabaça para agua, chapeu tyrolez e bordão ferrado, tendo a mochila dependurada na ponta. Sobre isto, excellente saude, pouco dinheiro, muita alegria e nenhum pezo de consciencia. Magnifico ser novo e saber desprezar os tolos, pois não é? N'estas digressões de andarilhos, só me entristece uma coiza: não levar ninguem ao lado.

Tenho amigos, juro-lhes, mas são os peiores inimigos de que dou signal — e por esses cafés, tabacarias e alamedas, dando-nos o tu da leal camaradagem, trocando charutos, rindo e enlaçando os braços, é de ver com que risonha perfidia nos sabemos detestar reciprocamente. Esta hostilidade sagaz, enluvada e fina, que se chama ahi confraternisação litteraria, e sob cuja egide se dão jantares no Gibraltar, elogios nas gazetas, e impagaveis desandas, em conclaves reconditos, não passa d'um voltarete elegante, ganho pelos que sabem rir, e sempre pago pelos que esverdeam de coleras refreadas. Resumindo, parti só. Era Junho, sabem, quando empallidecem os trigos espigados e seccos, as cigarras chiam nas oliveiras, o azul é caustico; começam as romagens aos rusticos eremiterios, e as feiras de gado chamam a turba-multa dos lavradores e maioraes.

Portas fóra, mobilias da Baixa abalavam raras ainda, caminho dos oasis burocratas, Sete-Rios, Campo Grande, Bemfica e Lumiar, em que todo o bom official de repartição, merceeiro ricaço e tisico pobre se refugiam, a tonificar-se pelo bom ar dos campos, sem deixarem de vir todavia, aos seus misteres intra-muros.

O typho fazia já propaganda por esses bairros, nas azas do miasma, evolto de toda a banda, das portarias surdas, das consciencias gangrenadas, das loterias da Misericordia, dos quarteis, dos tribunaes e dos canos.

Theatros fechados, livrarias ás moscas, tudo esbaforido, e soldados parando ás esquinas, a sole-

trar os grandes cartazes, annunciando — *O Hereje*, *O Renegado*, *A Orgia*, e o *Fiacre n.º 13*, que segundo me contam, é revolucionario tambem — e medonho, c'os diabos!...

O campo em junho, despoetisa-se um pouco, no paiz cerealifero. Veem-se grandes zonas amarellecidas de ceara, pastos seccos vestindo a charneca, barrancos sem poça d'agua, silvados deixando pender as amoras em cachos, e toda a legião sombria de migadores que veem de cruzar o Estreito, rolas, cegonhas, cucos... Nos montes de rocha, murtaes irrompem d'entre penedos calvos; os alecrins dão flores em espigas esguias; ascende a vinha arvores acima, vestindo os troncos em pampanos esplendentes; estão copadas, metallicas e redondas de folhagem, as figueiras picadas dos primeimeiros capa-rotas. E á margem das ribeiras humidas, nas terras gordas e marnosas, os meloaes expandem-se em fructos sulcados de meridianos finos, traçando de antemão as bellas talhadas a partir nas melancias rubras e frescas, e n'esses ricos melões de cheiro, que em jantares de ceremonia, tanta pessoa séria teem compromettido. Depois as aboboras, os frades e as gilas, descançando em feno ou á borda das rigueiras, e picando a monotonia dos caules cellulosos, que rastejando vão na terra sequiosa das hortas. Todo o pomar maduro—laranjaes florindo para os fructos novos, e mostrando ainda pendentes os fructos velhos; a interminavel colonia das ameixas e abrunhos; os damascos de fallas mansas e contactos velludosos; a pera ventruda e monotona de casca; a ginja e a cereja, tão pictorescas e picantes á paisagem e ao paladar. E, fechando o cortejo, os pecegos...

Os pecegos!...

Adorei uma mulher, que gostava muito d'elles, e tinha uma graça infinita, a mordel-os com os seus brancos dentinhos de gata. A's vêzes, se por traz d'ella, tomando-lhe a barba docemente com as pontas dos dedos, a forçava a vergar-se toda nas costas da cadeira, a sua bocca vermelha, toda gottejante dos succos perfumados, matava-me de sede e endoidecia-me d'amor. Pobre quinquilharia loira!... Tamanha era a voracidade que a possuia, ante esses fructos voluptuosos e quentes, que d'uma vêz, enguliu os caroços e partiu para o cemiterio.

Na sua cova, como lição a incautos, viridente pecegueiro todos os annos carrega de fructos, brotado d'esse corpo de jaspe, e á custa d'elle crescido tambem, ai de mim!

*
* *

Como peregrino, que de lugarejo em lugarejo e cabana em cabana, vae seguindo em busca de alguem que lhe foge, assim de bordão e esclavina, como a bella D. Auzenda, eu me aventuro a pé, por esses campos e terreolas, fazendo sésta nos moinhos, pernoitando nas eiras e descampados sob o olhar das estrellas, passando a vau os rios, cruzando estradas, e detendo-me a colher ás horas de sede torrida, os medronhos bravios das espessuras. Esta existencia de cigano reconforta-me e endurece-me. Tenho a pelle tostada, crescida uma grande barba, e os musculos das pernas e braços, estriados como um aço de rija tempera. Janto o rolão corneo dos cavadores, sardinha salgada com um pichel de vinho alemtejano por cima. Não leio jornaes, o que explica porventura, a singular lucidez que em mim refloresce a espaços.

Todas as manhãs, o sol me encontra de chapeu na mão e assobio de melro, nas chapadas adustas, que os vales dominam, como pulpitos sobre as naves rumorosas dos templos. De redor de mim, esfarrapam-se as ultimas gazes da nevoa matinal; ha serranias confusas nos longes; faias, salgueiros e platanos desenham a curva sinuosa das ribeiras, onde o rebanho converge a beber, manso e manso, n'um rythmo de chocalhos distantes. E sobre laivos verdes de vegetaes rasteiros, tons pardos de olival, pedaços de ceara madura, cannaviaes e hortejos, andam esparsas em pulverisações de branco, as cazinholas de montes, aldeias, moinhos e conventiculos.

Os galos tocam alegremente a alvorada; vão lá baixo trabalhadores de chapeirão e alforge; tudo canta, sol, galos, velas de moinhos, gente que passa, quem vôa nos ares, quem canta nos ramos,

quem corre de pedra em pedra, no fundo dos limos verdes, quem nos fios telegraphicos vibra, e quem chora até—tão phantastica e estranha é a resonancia d'esta cupula cerula, extasiada na luz do sol occidental!

Na travessia emprehendida, aponto as differenças do typo, os uzos, a emphase de linguagem, os vestuarios, as habitações, os processos decorativos de interior, a hospitalidade para estranhos, a côr de pelle, e vivacidade ingenita de cada povo e provincia. Ha contos populares, que começam devotos no Minho e acabam equivocamente no Algarve.

O tom das cantigas, em que se surprehende a indole, crenças e viver intimo das varias gentes, decresce em alegria de norte para sul, e occidente para oriente, á medida que nos vamos affastando da agua, que a vegetação é mais secca, a terra arida, menos profusos os rios, e mais distante o oceano.

Comparo a *Caninha Verde*, o *Verde-Gaio* e as *farandoles* das romagens de Minho e Douro, com a monotonia repassada de tristeza, vagarosa e funebre, das cantigas do Baixo-Alemtejo; e sinto atravez d'ellas o *pai*, extremando-se em zonas de cultura menos e menos profusa—no Minho as risonhas veigas ensopadas de agua, inteiramente em cultura, verduras radiantes á luz de um sol claro, humidas de bruma matinal, toda a erupção da vida esparsa em fremitos, por uma população enorme e fecunda, que é bella e sadia, com o instincto colorista que, em vestuarios garridos, dá a essa paisagem exhuberante, accessorios maravilhosos—no Alemtejo, charneca quasi sempre, arida e interminavel, reverberando no verão ardores mortaes, e uma luz crua que vae crestando implacavelmente, as epidermes e os olhos. E começam aqui as difficuldades da vida, pela inclemencia hostil do meio, faltam as pescarias que são a fartura e a felicidade, falta a carne, as ricas hortaliças, grande parte dos fructos.

Diluida n'essa area formidavel, a população rarêa, deixando a agricultura sem braços. Em pontos a raça é mal cruzada, pela fatalidade dos casamentos consanguineos, impostos pela distancia que medeia entre povoado e povoado, e porque quasi sempre, aldeias e villas tiveram por nucleo uma familia ou duas, enfraquecendo-se depois a descendencia pelo mau passadio, e regressão a um mesmo typo uniforme, de certas em certas gerações. Outra vegetação, implantada n'outro solo, começou a surgir, passo a passo, um dia, não sei quando, depois de longo caminhar. Scintillava ao largo um espelho caustico, movediço e sem balisas. Veio o pinhal em massas desconformes primeiro, e após rareando em avançadas, contra a grande areia relampejante das dunas. Mudava o clima, adoçando-se de humidade salgada, dos cheiros da marezia e rezinas da floresta. E sempre ante mim essa coriscação da agua sem termo, espumando nas cristas, e tendo a bocados, mosaicos de azul e ouro. Na altura em que eu ia, detive-me então commovido, a olhar por tempo essa decoração assim extraordinariamente atravessada de luz. E tirei reverente o meu chapeu, para cumprimentar o Oceano.

*
* *

A convivencia do mar, profunda e larga, faz o homem bom, e simples o espirito, pela contemplação d'essas superficies tranquillas e azues, imagem da pureza e da força, sobre que os olhos vogam idealmente, como madreporas em villegiatura. No mar ha um extraordinario mundo de seres pictorescos e fecundos, cortados nas formas mais caprichosas, e cheios dos mais bellos cambiantes. E as povoações littoraes, risonhas na penedia e na areia, com as succursaes fluctuantes dos barcos de pesca e das redes, offerecem aos nervos do *touriste*, finas sensações que o desenervam d'essa vida cardiaca e brusca dos centros cultos, que faz velhos os homens de trinta annos, e cynicos os que não teem ainda barba. Porque estamos n'um periodo secco, analysta e vertiginoso, que leva á loucura os mais delicados, e a desalentos senis os mais robustos. Não contentes de dissecarmos os outros, de os desfibrarmos por uma especie de sensualidade, no intimo das suas sensações, das suas ideias,

dos seus vicios e dos seus males, vamos tambem pondo a nú pelo escalpello, o nosso organismo, viscera a viscera, nervo a nervo e vaso a vaso, buscando o segredo da vida nas experiencias do amphitheatro, querendo sentir pelo requinte de descrevermos a impressão, querendo soffrer para vivisecarmos as nossas dôres, n'uma crueldade consciente, que fatiga e mata. Vejam as obras de arte modernas. Foi-se a idealisação translucida dos bellos corpos perfeitos e brancos, foi-se o requinte aristocratico das paixões academicas e nobres, em que as figuras ostentavam, nos quadros, nas estatuas, nos poemas e romances, attitudes gloriosas, harmonicas, reguladas e altivas. Por ellas, só o bello vivia, eram heroes os homens, a vida não se convulsionava em miserias torpes, o proprio vicio era bello, e a desgraça sympathica. Agora não! Cada artista fixa na tela, no livro ou no marmore, o que vê, e ás vezes o que não vê, e só consegue attingir por um illuminismo interior, posto ao serviço de resolver algebricamente o complicado problema psychologico.

Deixando de consagrar-se exclusivamente aos regalados do mundo, nobres, opulentos e reis, para descer á generalidade das massas e baixas classes, a obra de arte tem para ser util, de ser sincera — e para ser sincera, de copiar a vida laboriosa, mortificada e doentia das populações modernas, os *ateliers*, as fabricas, os bordeis, a rua, os *ménages* tristes de burocratas, e todos os enrodilhamentos da promiscuidade mendicante, coberta de vermine e de pustulas — essa vida que calleja as mãos, atrophia os membros, escava as physionomias, macera as epidermes e perturba o jogo da circulação, que faz do cerebro uma monstruosidade pathologica, pela actividade sem repouso que lhe imprime, definhando as mais visceras em proveito da sua avidez de funcção, e fazendo chispar de encontro a tudo, essas centelhas, que a certo ponto condensadas são o genio, e de cujo exacerbamento resultam a loucura e a morte.

Dias ha, em que as idéas se nos varrem, uma ignorancia imbecil nos estrangula, e brumosas tristezas de carcere vem descendo aos nossos olhos e aos nossos labios, no lethargico cançaço que chega sempre, após semanas de mentalidade exagerada. Ficamos então com ar de sonambulos, olhamos sem vêr, tudo nos doe, e um desespero surdo nos tortura. E o estomago não digere bem, o pulmão recusa-nos a sua mechanica de folle sobrevindo a oppressão asphyxiante, o sangue é tumultuoso, pulso cortado de silencios, doem as articulações, doe-nos a cabeça, doe-nos tudo — é um aniquilamento sombrio, um odio contra livros, contra deuses e contra homens!

N'estas crises morbidas da alma na besta, nada como a intimidade das aguas, para reconstruir para reconduzir, para repousar. Faz-se em nós uma limpidez provocada pela serenidade impeccavel do mar, extenso e liso como um espelho magico. Quando muito ás vezes, uma ellipsoide de espuma fervilha no dorso de alguma aspiração mais rebelde, desejo, orgulho refreado, dissabor ou paixão — como a vaga, que destacando pura da grande massa, se orla de branco ao rebentar na praia.

Com que quietação interior me não estendi então nas areias, coberto de poeira, coberto de azul e bemdizendo tudo! Não me lembro em que ponto da costa isto foi — mas era magnifico.

Que vastidão de paisagem, que deboche de azul, que luz irradiante!... Para um lado iam agrupamentos plutonicos, penedias a prumo, esburacando em cavernas sonoras da onda que ia e vinha, chapinhando e refluindo. Promontorios irregulares, sahiam da grande môle côr de ferrugem, em trombas que se alongavam para beber. Da esquerda, planuras de areia faiscavam em circo, a chicotadas de sol. Deante, o mar, e a duna cortando a retirada por ultimo, onde os pinheiros aos grupos, estavam bivacando socegadamente. Sobre uma insula escalvada em pinaculo, o pharol sahia da agua, negro no ceu luminoso, e expandia-se na plataforma da lanterna em seteiras alluidas, com agudas torrelas nos cantos.

Era assim um dedo de colosso, sobre cuja unha roida, aos gritos, vortilhando por centenas, aves marinhas vinham pousar, com tremuras de azas, goelanos, alcyons, gaivotas, andorinhas do mar... Os pescadores lançavam cantando ao largo, as suas redes. Vinham badaladas sobre a agua, de um sino mysterioso. Todo esse viver feliz, sem rebeldias nem artificios, me commoveu pela simpleza,

pela probidade, e graça primitiva e rude. Tive uma saudade aspera, não sei de que outra existencia vivida por mim, por meu pae, ou qualquer da minha raça, em não sei que tempos historicos e esquecidos. Sentia como uma volta á patria, reconhecia as formas, e tornava a respirar nos ares os perfumes amigos, que me extoxicavam de uma especie de innocencia e de uma especie de alegria.

Tres mezes correram assim. Quando uma noite despertei ao estrepito das vagas. A bruma viera, fazendo deslocações de fumarada compacta, côr de cinza claro pelos effeitos da lua minguante. E em revolta a agua urrava, tripudiava nas cavernas, soluçava, cantava e ria. Praia fóra, despertados de chofre, os pescadores gritavam em côro, não achando os barcos na amarra. Ia começar o mau tempo. Tudo passa. E n'essa manhã parti.

VALENTIM DEMONIO.

RIMAS

Tu és o mar caprichoso,
Mysterioso e vibrante,
O Mediterraneo airoso
Ou o Atlantico arrogante.

Ora me ris ternamente,
Ora em teus profundos olhos
Eu vejo a sombra inclemente
Da borrasca e dos escolhos...

E, como em grupos amigos,
As alcyones nevadas
Expõem-se aos arduos perigos
Das ondas encapelladas,

As minhas crenças em bando
Duas a duas, aos pares,
Em torno de ti pairando
Se abrazam nos teus olhares;

E meu pranto derramado
Alimenta-te, Senhora,
Bem como um rio ignorado
Que o mar sorrindo devora.

Rio de Janeiro.

LUIZ GUIMARÃES.

HISTORIA DAS ARTES DECORATIVAS

(Continuado de pag. 71)

A HISTORIA do penteado é bastante longa, por isso apenas citaremos d'ella os factos principaes. Os homens primitivos não cortavam a barba nem o cabello: os antigos reis da China usavam os cabellos desgrenhados e não traziam nunca, na cabeça, o mais leve adorno. No tempo de Moisés já se fazia uso das navalhas de barba. Theseu obrigou os gregos a aparem as suas cabelleiras incultas, sendo os cabellos então dispostos em pennacho, em rabicho e em tranças. Os Libycos Maxyos deixavam crescer o cabello na parte direita da cabeça; os Libycos Machlyos atraz; os Libycos Ausenses e os Abantes adiante.

Os Arabes cortavam-n'o em circulo, á altura das fontes. Os insulares do estreito de Torres usam papelotes nos cabellos; e os selvagens de Viti enfeitam com arte as suas enormes cabelleiras.

Azalzel ensinou as mulheres a pintarem o rosto. As de Jerusalem empregavam n'essa pintura o sulphureto de antimonio. As de Athenas punham alvaiade nas faces, negro nos olhos e vermelho nos labios. Medéa aprendeu a tingir os cabellos. Michol, mulher de David, usou cabelleira postiça.

Homero falla dos soberbos adornos da cabeça de Andromaca, e cita a rede e os laços da sua cabelleira. Os Lacedemonios atavam aos cabellos fitas fluctuantes. Os Troyanos cobriam-n'os de enfeites de ouro. Os cavalleiros de Salomão serviam-se d'uma pomada feita com pó de ouro para dar brilho ao cabello. Os Burgondes untavam-n'o com manteiga rançoza. Os Canadianos polvilhavam-n'o com pennas miudas. Pelo que respeita ao penteado dos Egypcios, dos Gregos e dos Romanos, podem consultar-se as esculpturas e medalhas antigas, onde se veem penteados variadissimos e bastante curiosos.

Os Gregos dos tempos primitivos cortavam a barba em ponta. Os Abantes, os Arabes e os Gaulezes deixaram crescer o bigode. Scipião, o africano, foi o primeiro homem que se habituou a fazer a barba todos os dias.

As coroas foram inventadas em Sicyone pela celebre ramalheteira Glycère.—Se dermos credito a alguns naturalistas, a invenção dos olhos postiços deve-se a um velho macaco que, tendo perdido um olho, encheu a orbita vasia com uma mistura de grêda e hervas. Os Egypcios serviram-se d'esta mesma mistura na confecção de certas estatuas.

As flores artificiaes com folhas de ouro e prata datam da mais remota antiguidade.—As damas romanas usavam mascaras feitas de massa de farinha, para conservarem a côr e a frescura do rosto, e serviam-se das cinzas das cascas de ostra, para fazer desapparecer as rugas.

Os barretes de panno foram usados pelos Merovingianos. No tempo de Carlos Magno começaram a forral-os de arminhos, e depois fizeram-n'os todos de pelles, mais ou menos enfeitados, tendo a forma de funil. Nos fins do seculo XV usaram-se barretes muito compridos, que pendiam ao lado. Sob o reinado de Carlos VI, as mulheres adoptaram a touca flamenga, que se elevava, na cabeça, a uma altura de 70 centimetros. Mademoiselle de Fontanges dictou a moda dos toucados de rendas em 1680; e as mulheres do seculo XVIII usaram toucas ligeiras, feitas de renda, de gaze e de blonde. As modistas do seculo XIX imaginaram a moda das pennas e cabeças de ave. Ha uma casa, em Paris, que emprega, cada anno, 50:000 aves para os chapeus das suas freguezas.

*

Os selvagens usam collares, braceletes e anneis em volta dos braços, do pescoço, das pernas, dos artelhos e até mesmo do corpo.

Semiramis usava diadema. Rebecca tinha anneis e braceletes. José, um collar. As mulheres dos Madianitas e dos Libycos usavam braceletes nas pernas.

Não contentes de pendurarem ornatos em todas as partes do corpo onde a natureza lhes permitte suspender qualquer cousa, os selvagens furam ainda as orelhas, o labio inferior, o nariz e as faces. «Os habitantes do novo mundo, conta Americo Vespucio, furam as faces, os labios, as narinas e as orelhas. E não se pense que estas cavidades praticadas na carne são pequenas e em pequeno numero. Vi muitos d'elles que, só na face, tinham sete, cada uma do diametro de uma ameixa. Guarneciam-n'as com pedras azues, pedaços de marmore ou de crystal, alabastro, conchas, ossos trabalhados com arte, etc.»

Eram estas, com effeito as materias que compunham as primeiras joias. Mais tarde, o acaso fez com que se attentasse no brilho das pedras chamadas preciosas.

A saphira era conhecida de Job; o onix, a agatha, a esmeralda e a amethista, de Moisés; o jade de Theophrasto.

Azalzel, decimo principe dos Egrégoros, foi o primeiro que aprendeu a trabalhar o ouro e a prata, para fazer diversos enfeites destinados ás mulheres; aprendendo egualmente a polir e a embellesar as pedras preciosas.

As joias de Rebecca eram todas de ouro. Penelope tinha brincos preciosissimos, com tres formosos

pingentes. O Louvre possue joias egypcias de inestimavel valia. As mulheres de Salomão faziam uso de muitos renques de perolas e pedras finas, habilmente dispostas sobre a fronte e as faces.

A arte de gravar as pedras preciosas foi inventada pelos Egypcios e era conhecida de Moysés.

Penélope tinha um colar de ouro guarnecido do mais bello ambar. Os Gaulezes ornavam de coral os escudos, os gladios e os capacetes.

Djemchid incitou os Persas á pesca das perolas.

Os antigos sabiam imitar as pedras preciosas com vidros de cores; conheciam o diamante, mas não faziam grande caso d'elle, por não saberem polil-o.

Foi Agnès Sorel a primeira mulher que teve um collar de diamantes.

A arte de lapidar o diamante só foi descobera em 1476, por Luiz de Berquen, de Bruges. Edelinck d'Amiens inventou o córte em losangos; e foi só em 1780, por morte de Maria Thereza de Austria, que começou a voga dos diamantes lapidados.

A arte de trabalhar o *plaqué* foi introduzida por Vicente Huguet, em 1759.—As joias de aço polido fizeram furor em 1776.—A invenção das cadeias de relogio é ingleza, mas os ourives francezes teem-n'a aperfeiçoado consideravelmente.

(Continúa).

C. D.

UM DUELLO EXCENTRICO

—

(Continuado de pag. 89)

LEVIANAMENTE juntei:

—Mas que belleza é essa, que o preoccupa?

Elle mordia os labios.

—Eu lhe digo, fez com emphase. Ha na minha vida um poema lyrico, chama-se a duqueza de Henares—devaneio de rapaz, que quer? Tinha-a encontrado em Madrid, nas recepções de Aranjuez; mais tarde, em Baden-Baden achámo-nos companheiros de hotel um verão; vi-a depois nas corridas de Epson, com o duque seu pae. Tem a mais graciosa das figuras, uma altivez andaluza, toca guitarra... na sua bocca, a seguidilha é de perder um santo!

Tenho vergonha de o confessar, mas apaixonei-me.

—E ella?... Elle empallideceu de raiva e disse:

—Resistiu-me, não posso negal-o.

—No fim de quatro horas, esqueceu-a, aposto.

A julgar pelo que lhe ouvi, deve ser isto.

—Tambem não, mas foi a primeira vez e a ultima, póde crer.

—Em todo o caso, é menos invulneravel do que eu pensava. Mas vamos ao resto: que ponto de contacto entre a corista e a duquezinha?

—Uma é como o *cliché* da outra, tão eguaes ambas que ninguem as distinguiria.

—Uma porém é corista, a outra nobre: faz sua differença. E a sua paixão...

—Amanhã hei-de tel-a extinguido, saciando-a.

—E que meios tenciona empregar? Estou a vêr d'aqui, todo o arsenal de tortura—uma escada de seda, mascara, coupé de stores descidos, o bufete de qualquer restaurant da rua da Prata, e seis libras, hein?

A FRESCATA

— Não! Primeiro ella tem pae, irmãos, e um estafermo de tia rabugenta, que a não larga por um momento. Depois, cousa unica n'uma corista, é de uma pureza virginal.

— A *pureza virginal*, é flôr que não vive no ambiente dos palcos. Se faz porém muito gosto conserve a hypothese: não me causa transtorno, a fallar a verdade.

— Raptal-a, hein? Que diz?

— Não é mau, mas raptal-a como? No theatro, no hotel?

— Em qualquer dos pontos, sim.

— Talvez prefira na *Deusa dos mares*, sempre é mais fresco.

— A sua mordacidade indigna-me. Encare estas cousas a serio. Que meio descobre para obtermos Anna sem escandalo?

Eu murmurava, como para mim:

— Dado um amor ardente, á russa, motivado por uma hespanholita, que se rodea de pae, irmãos e uma tia dos diabos, havendo alem d'isso muita policia na cidade, muita indiscripção na imprensa, pergunta-se: como ha de um sujeito apanhar a pequena sem fazer ruido na familia, na policia e na imprensa?

Ficámos calados muito tempo. O principe fumava.

— A questão é simples, disse eu. Se a familia não apitar, a policia não vem e os jornaes ignoram. Ora o pae de Anna é *hidalgo;* os irmãos elegantes sem vintem; a tia anda de mantilha rota. Se o principe enviar ao velho um amplo capote felpudo, e algumas moedas de ouro; se os rapazes receberem com uma carta amavel, varios cheques decentes; se a tia fôr presenteada com uma mantilha nova, de rendas finas, todos os agraciados pela generosidade sem exemplo do meu amigo, se esquecerão da *pureza virginal* da sua creança, para sómente se entregarem á expansão da sua alegria e inesperada fortuna. E aproveitando então o *esquecimento*... hein?

— Comprehendo, disse elle.

§

Na noite do dia seguinte, Anna tinha um talher á nossa meza, e uma alcova em minha casa, na qualidade de amante do principe. Anna era realmente uma deliciosa *mignonne*, franzina e pallida, grandes olhos humidos de amor, um appetite excellente, muita vocação para o Champagne, e *salero* elegantissimo: mas, palavra de honra, não se parecia com uma duqueza de Henares, a não ser que esta lembrasse muito uma corista. O principe prolongou um pouco mais a lua de mel, do que havia a esperar d'um saciado de prazeres; por outro lado, eu achava que Anna, adoravel e esplendida, ia despertando em mim velleidades. Uma noite, surprehendi-me compondo um soneto, de rimas estrepitantes, em sua honra — era forte! O principe não reparava na minha reserva, mas eu sentia a vontade de evital-o, de o não encarar face a face. Pretextando uma compra de herdades, abandonei-lhe a casa, e annunciando a minha partida para o Alemtejo, fui residir n'um bairro velho, lamacento e sujo, n'uma mansarda lugubre, bem occulta no fundo d'um pateo. Não era leal, tomar para mim a amante do meu amigo: assim o pensava. Mas Anna é que teve a culpa; sem saber como, uma noite encontramo-n'os: ella pareceu surpreza de me ver com um trajo azul de trolha, e um velho chapeu desabado nos olhos. Comecei a contar-lhe as angustias e reviravoltas d'uma paixão que me envenenava, a dedicação do meu desterro, longe d'ella, amarguras de solitario, sonhos de excentrico, phantasias de allucinado.

E cheio de rethorica, pintava negrumes de tempestade, rasgados raramente por um raio dos seus olhos madrilenos, humidos e castissimos. Anna silenciosa, a cabeça pendente no peito, escutava, abstrahida em cogitações. Ao primeiro beijo que lhe furtei, deu um gritinho assustado e reagiu. Mas devorava-me um amor esfaimado. Apertei-a contra mim, rugindo como hydrophobo. Ella

ergueu a sua pequenina mão pallida, de uma esculptura cuidada, e com gesto nervoso de bacchante, zás... feriu-me na face. No dia seguinte, ao amanhecer, o principe entrou-me na agua furtada, furioso, ergueu-me a roupa com impeto, chamou por mim com um brado. Despertei de surpreza.

— Bons dias, meu caro, por cá tão cedo?!...

— Nada de disfarces, senhor. Vista as cuecas e tome este sabre: tem cinco minutos!

— Cinco minutos é muito para um sujeito enfiar um chambre, e pouco para tomar uma folha de aço e pôr-se em guarda. O principe já almoçou?

— Quero a sua vida antes de me sentar á mesa. Os insolentes não merecem a minha clemencia.

— Tem cousas! Quem fallou na sua clemencia? — e com uma risada larga, saudavelmente vibrante: que diabo de comedia é esta, meu caro Ivan? O senhor graceja ou delira?

— Não percamos tempo, senhor. Faltou á lealdade que todo o homem deve a outro, tentando seduzir uma mulher que me pertence: quero a desforra! Em guarda! — Erguera a lamina, tomando *pose*. Eu tinha-me erguido, tomando ao acaso um dos dois sabres, que elle depozera sobre a banca, e com um meio riso escarninho, olhava-o.

— Quer então, decididamente bater-se. É uma questão suprema?

— Uma questão de honra.

— Que diabo quer dizer *honra*, applicada ao facto que originou esta pendencia? Trata-se de uma *cocotte*, veja. Não se impaciente, homem. Temos tempo para nos matarmos. A questão é esta: nós vivemos juntos, eu, o senhor e Anna. O senhor ama-a; bem. Mas eu, que não sou perfeitamente insensivel, e que presenceio, todos os dias, os requintes de sensualidade exotica, excentrica e funesta, que o dominam ao senhor quando junto d'ella, percebo uma manhã que Anna me convulsiona, me queima, como um revulsivo: os braços d'ella apparecem-me se durmo, enroscam-se em torno de mim, se sonho, apertam-me n'uma grande excitação animal, victoriosa e rubra; os seus olhos ardem nos meus desejos, como um arco de luz electrica, nos apices de dois carvões approximados; finalmente, eu sinto que a minha lealdade para com a sua estima, entra a ser ameaçada, que a minha esphera d'acção está cheia d'essa triumphante imagem de mulher; o que faço? Podendo amar Anna á minha vontade, gosal-a na sua auzencia, tel-a quasi o dia inteiro ao pé de mim, ao meu lado, junto do mesmo fogão, sob o mesmo tecto, á mesma meza, em logar de me aproveitar da sua confiança, abandono a minha casa, e como um trolha, vou viver n'um sotão, com cama e meza por quatro libras pagas no dia um, de cada mez. Não é tudo. Para arrancar de dentro esta paixão funesta, canina, sem ideal e sem nobreza, para abandonar plenamente á sua voracidade, moscovita, uma preza rara, cuja posse o senhor deve á completa execução do meu plano de rapto, eu levo os dias em chinellas, n'este carcere, ruminando a prosa dos jornaes e as tragedias do Carlos Pinto d'Almeida, ouvindo ganir teimosamente os garotos da minha hospedeira, a senhora Libania dos Prazeres, e esperando que chegue a noite, como um refugio ao meu tormento, para escalar aquelle muro que o senhor alli vê pelos vidros, ir tateando em seguida por um jardim que floresce atraz d'elle, penetrar em uma casa elegante, e cahir na mais perfumada e macia das alcovas, n'um leito de ebano, com rendas soberbas e docel de brocados, nos braços d'uma mulher insaciavel e irresistivel, a condessa...

— O quê, disse precepitadamente Ivan; o senhor possue a intimidade da S. Mandé, a mulher do embaixador de França? O senhor?... — Deixara cahir a arma, sem já se lembrar do duello: na sua face esmaecia uma pallidez anciosa, o seu olho azul, profundo e immovel, tinha um pasmo sincero, de quem admira a aventura heroica, de que se não julga capaz. Olhava para mim com uma especie de fascinação, como se deante d'elle surgira alguma creação legendaria, feita de assombros e pavores. Eu sorria.

— De modo, disse elle vagarosamente, que o senhor não pensa excessivamente em Anna...

A CIGANA

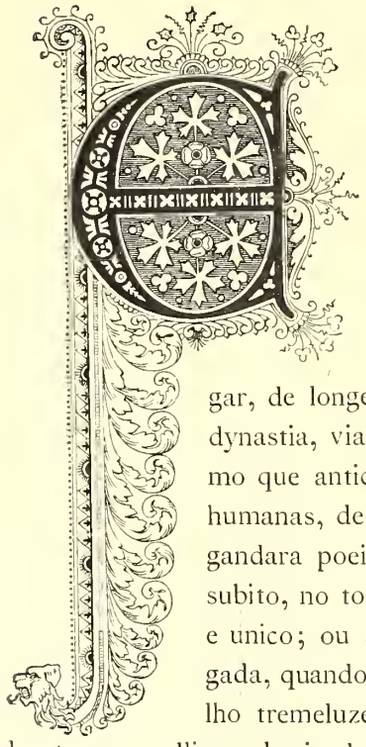
— Para fallar a verdade, a condessa é uma mulher mais distincta, outra conversação, outro estylo, espirito em centelhas, musica de um gosto exquisito e fino, o corpo, um sonho de marmore branco — emfim, amante que faria o orgulho d'um rei. Que quer? Encontrei a hespanhola hontem, e por signal que esplendidamente vestida. Ah, meu caro! É impossivel desconhecer na *toilette* d'uma rapariga estroina, a munificencia d'um millionario de gosto; se o millionario é russo, e principe, a sua generosidade demonstra-se em peliças: Anna vinha carregada de macias marthas-zibelinas, de um valor muito soffrivel. Mas — note isto — ia a pé. No inverno, mulher que percorre a pé as ruas da cidade, tendo ao seu dispôr os *coupés* dos amigos, ou é doida ou tem um segredo que não confia a ninguem, e nem quer fazer presentir aos cocheiros. A sua bolsa, Ivan, pode affirmar lhe á saciedade que Anna tem *muito juizo*. Só resta, bem vê, acreditar a existencia do segredo. Prosigamos, se quer. O unico segredo que uma mulher desvia do seu amante e dos creados, é este: um amor occulto, uma paixãosinha de camarim, guardada talvez do mundo indiscreto, pelas persianas verdes d'um *cottage* escocez, no fundo de aristocraticas ruas de loureiros, n'uma quinta isolada, onde a agua espumante, tomba de fraga em fraga, do alto das cascatas em que o lothus floresce, e os nenuphares brancos, mysticos como escapularios, boiam como aspirações incoherentes, na fluctuação da agua movediça.

(Continua).

FIALHO D'ALMEIDA.

A CIGANA

—



XTRAORDINARIA raça!...

Forte, dotada de arcabouços amplos, de musculatura rija, de sangue de fogo e de pelle de aço, como os velhos Titans mythologicos, que tiveram um dia o insolente capricho de esbofetear o ceo... n'uma metaphora de pedra e cal.

Pueril, esquiva, supersticiosa, ignorante, como a recem-nascida das civilisações!...

Extraordinaria raça!...

«Extraordinaria e feliz», pensa-se, instinctivamente, ao vel-os chegar, de longe, estreitamente unidos, formando uma só familia, para não dizer uma dynastia, viajando juntos, como as andorinhas, amando-se, com o doido exclusivismo que anticipa os gosos celestiais, no desdem absoluto de todas as leis divinas e humanas, de todas as theocracias e autocracias, atravessando, ao cair da tarde, a gandara poeirenta e escalvada, mergulhada na atonia do crepusculo, e abrindo, de subito, no tom pesado e uniforme da paisagem, um traço de um colorido pittoresco e unico; ou subindo, — ao amanhecer — por entre as pompas gloriosas da madrugada, quando as folhas das arvores scintillam como esmeraldas e as gottas do orvalho tremeluzem, soltando-se das petalas das flores, como um fio de aljofares que se desata, — a collina arborisada, afogada em luz, impregnada dos cheiros acres dos fenos, que ondulam, no fundo da planicie, (como um lago verde encrespado pela viração) perfumada pelo tomilho e pela madresilva, vibrante do pipitar dos pintasilgos que esvoaçam doidamente, e descançando por fim, á sombra dos choupos e das oliveiras, bebados de sol, de musica, de perfumes, de todo esse festim uberrimo offerecido, pelo grande amphitryão — a natureza — aos passaros e aos vegetais, em geral,

e em particular aos ciganos — passaros tambem, aves nómades, que voam sem destino e sem norte, amando, cantando, sonhando talvez, e lendo nos astros, nas plantas, nas linhas que se cruzam na palma da mão, a palavra mysteriosa do destino...

E todavia, sobre essa raça vigorosa e robusta, sobre essa tribu independente e altiva, que é como que um desafio atirado ao nosso organismo depauperado, á nossa civilisação submettida á tyrannia do preconceito, pesa uma melancolia, perfeitamente typica, que não se parece com o tedio moderno, inseparavel das peccadoras cobertas de diamantes e dos dandys gafos de dividas.

Será, á semelhança do que succede aos israelitas e aos polacos, a nostalgia do berço?

Devoral-os-hão, instinctivamente, as saudades da patria, debuxando-lhe, em paineis invisiveis, os palmares, os templos de Brahma, a floresta sagrada, a mogreira florida, o Ganges, desdobrando-se magestoso, todos os esplendores d'essa querida India, de que foram expulsos?...

Recordar-se-hão, herdando de pais para filhos as tradições adstrictas á sua casta, da Ethiopia, do Egypto, d'onde trouxeram o nome de *gangui*, correspondente ao de uma provincia ethiopica, convertido, mais tarde, pelos inglezes, no de *gipsies?*...

Serão ainda essas visões retrospectivas que absorvem, communicando-lhe uma tristeza insondavel, o olhar da formosa cigana, objecto especial do meu artigo?...

Quem póde arrancar o segredo que se occulta no fundo d'esses grandes olhos negros, velludosos, illuminados de um fogo estranho, em torno dos quaes brincam, como uma florescencia dos tropicos, os cabellos escuros, crespos, torcidos em espiras, que se lhe desenrolam nos hombros?...

Se é verdade, como disse um poeta, que o coração da mulher é um abysmo, no fundo do qual existe um perdão, resta saber o que existirá no intimo do coração de uma leitora da *buena-dicha*...

G. T.

AS ARVORES

—

AO SR. ANTHERO DE QUENTAL

Ó arvores sombrias da deveza,
Que mão vos ha plantado? quem seria?
Alguma doce e mystica princeza
Sob as vossas ramagens vaguearia?

Algum monge, nas horas da tristeza,
Á vossa triste sombra scismaria?
N'essa vossa indolente morbidezza
Que funda e melancolica elegia!

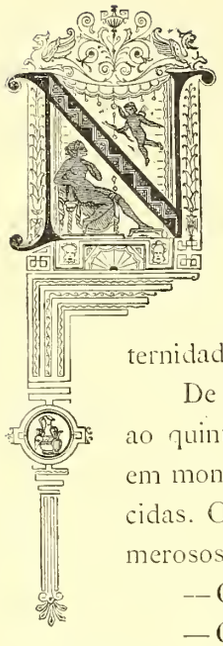
Nem um unico astro desolado
Interroga talvez vosso passado,
Que na noite dos tempos se perdeu...

Ó arvores leaes! boas amigas!
— Sereis vós porventura mais antigas
Que as estrellas que vemos pelo ceu?

JOAQUIM DE ARAUJO.

A FRESCATA

—



Um dia quente, á hora da missa, apanhando a familia na egreja, cinco mariolas da peor especie, deliberaram entre si uma frescata de estrondo.

—Vamos jogar os touros? disse o Arsenio.

—Nada! Guerra é que deve ser, fez o Ricardo.

Quando a petroleira da Monica, senhora do campo, entrou logo a planear:

—Que devia ser uma casa de senhoras comadres — ella mãe, o Arsenio pae, o Ricardo de filho, mais o Romão. E o Manel seria lobo.

—E eu havia de ir cavar por esses mattos, grailhou o Arsenio, ufano da paternidade concedida — e vinha um lobo... E os filhos vinham-me livrar: oh vá?...

De paus ao hombro, simulando enchadas e picaretas, tres dos melros marcharam até ao quintal, dando—*salve-o Deus, mano homem!*—ás paredes de taipa esboroenta e arados em montes nos alpendres, como se por veredas e azinhagas fossem cruzando gentes conhecidas. O que fazia de lobo já se tinha embuscado nos mattos á espreita, uivando com temerosos arrancos. E os tres a cavar!

—Oh pae! disse Romão, pondo em descanço o simulacro de enchada que esgrimia.

—Que é, filho? fez o Arsenio em voz de metter respeito.

—Que será isto nos mattos a uivar?... Valha-nos aqui Nossa Senhora!

Quando de repente todos gritaram:

—Ai, lobo! ai, lobo!...—desandando a quatro pés por esses caminhos, e ao tempo de estar prompto o jantarinho que Monica preparara.

Estiveram comendo, sim senhor, e foi de vêr a surpreza, quando a pequena com os seus olhos faiscantes, tirou da grande bolsa de caça do avô Dyonisio, a latinha do *kentucky*, seguida de uma collecção de cachimbos disformes, confeccionada pelo velho nos ocios da apascentagem dos gados.

Toda a sociedade concordou em fumar uma cachimbada do forte, depois da comida. Fazendo valer então a sua auctoridade de chefe de familia, o Arsenio reclamou como preza de leão o maior dos cachimbos, monumento de esculptura, talhado sobre azinho mais duro que o granito dos montes. Romão agarrou tambem no seu, o Ricardo, e até o Manel, que era o patarreco da ninhada. Toca a encher as fornalhas de bom tabaco! O Ricardo ria como doido, espendurado n'um cachimbo disconforme e atirando para a nuca o chapeirão de esteira algarvia, emquanto os mais passeavam triumphantemente na cosinha, chupando o fumo, saboreando e cuspilhando no chão, em carantonhas de amargor, descalços e com o ar marcial de quem conquistou um imperio.

Quando, o Manel sentado na banca tosca da cosinha, disse que lhe andava tudo á roda; e o cachimbo pendeu-lhe n'uma embriaguez esvaida.

A Monica tinha esfregado um phosphoro de pau, e esperava curvada, que o Arsenio atafulhasse o seu enorme cachimbo de azinho. Então, sem elles perceberem, o cão deu signal de gente.

Tinha-se acabado a missa, e pela deveza da aldeia, a familia vinha subindo já para a herdade... Nem lhes descrevo a tunda que estes meus cinco patifes apanharam, quando avô Dyonisio, um velho avaro, os surprehendeu na orgia do seu rico kentucky.

Olhem a gravura, que como scena episodica, é o que ha de mais flagrante.

DE GAVARNI.

Typographia de Christovão Augusto Rodrigues, rua do Norte, 104, 1.º

A ASCENSÃO

(Quadro de Domingos Antonio de Sequeira)

Typ.—Christovão Rodrigues.

A ARTE

O SAGUI

—

s jornaes d'aquelle dia annunciavam a 90.ª recita de assignatura, com o *Baile de Mascaras*.

—Que era muito bom, confirmára o Lencastre, logo pela manhã, depois de ter relanceado a vista pelos periodicos, amontoados em cima do contador do escriptorio, dobrados, n'uma symetria banal, accusando, simultaneamente, o desdem do senhor pela rhetorica da imprensa e o amor do criado de mesa pelos bellos quatro vintens, em que o Martins, o da mercearia grande, avaliava cada kilo da papelada.

—Que era optimo, repetiu, pondo um beijo de um lyrismo delicado, na franja de cabellos loiros, que se abria em duas azas transparentes, de finissimo tecido de oiro, na branca testa da esposa.

A viscondessa, resultado de uma dôr nevralgica que encolhera de repente, na volta dos saltos do Campo Grande, a perna direita do seu *King-Charles*, tinha resolvido não receber n'aquella noite.

Era por isso que o Lencastre, não confiando demasiadamente nos recursos da sua conversação para entreter a esposa, e desejando que a sua formosa mulhersinha, que lhe custara os olhos da cara a conquistar, não experimentasse um unico momento de enfado, applaudira a deliciosa lembrança que tinha occorrido á empreza de S. Carlos de dar, contra o seu costume, espectaculo á segunda feira.

Tinham casado havia um anno.

Adoravam-se.

Simplesmente, ella não tivera ainda tempo de dizer ao marido que o amava.

Saira do collegio inglez, um bom collegio puritano, escolhido pelo tutor, para entrar na egreja. Tinha acabado de escrever o ultimo thema, quando lhe trouxeram a *corbeille*, espumada de rendas, estrellada de joias, estofada de setins de côres indecisas, que se enroscavam, em curveteados macios, por entre as sedas de Lyon, fortes, indomaveis, proprias para as fundas pregas roçagantes, que põem na toilette o *frou-frou* aristocratico.

Duas ou tres vezes, o Lencastre tivera, o que raro lhe succedia, uma idéa; lembrara que seria divinamente bom passarem uma noute em casa, ao *coin du feu*, um com o outro, lendo, conversando, beijando-se, na salinha côr de oiro, uma pequena sala garrida e enervante como o *boudoir* de uma marqueza do seculo XVIII.

Maria, risonha, applaudia, batia as palmas, atirava-se, louca de prazer, aos braços do marido, ía buscar o crochet, arranjava as flôres nas jarras, sentava-se, dilatando-se na serenidade do *ménage;*

chamava o marido para a *chaise-longue*, e deitava nos joelhos, enroscado como um novello de seda, Boy, um pequeno sagui, que trouxera do collegio,—o seu inseparavel.

De repente, porém, entrava o primo, o Jorge, um leão da Havaneza, e, torcendo o bigode, rindo, accumulando phrases, mettia-os a ridiculo:

—Que era burguez; que os monopolios conjugaes eram anti-civilisadores; que isso era bom para o tempo em que se usava «uma cabana e o teu amor»;—e todos os bellos projectos do Lencastre mallogravam-se, sem remedio!

—Sabes? disse elle, n'esse mesmo dia, voltando do escriptorio, ás cinco da tarde; afinal não ha espectaculo; adoeceu o Kaschmann!

—Que ferro! fez ella, mettendo no peito um molho de frescas violetas que o marido lhe trouxera e retribuindo, distraida, o beijo que lhe fôra pedido em troca. Mas afinal esse Kaschmann, tornou, accentuando muito a crueldade da phrase, não é um barytono, é um invalido!

Então o Lencastre agarrou-se á sua idéa favorita; suggeriu, timidamente, fazendo-lhe collar dos braços, o *coin du feu*, um ao lado do outro, na sua casinha, sem um importuno, ouvindo, ao longe, entre o rumorejar de um beijo, o ruido de toda essa absurda multidão que o fatigava.

Maria fez que sim, com a sua pequenina cabeça ideal, de uma suavidade digna do pincel de Holbein.

Os criados receberam ordem de negar os senhores.

Anoiteceu; uma noite fria, nevoenta.

De vez em quando, na janella, grossas gottas d'agua escorriam, resvalando como lagrimas. Carruagens rodavam, interrompendo violentamente o silencio da rua. Pregões de jornaes cruzavam-se, esmorecendo pouco a pouco como um echo e confundindo-se, por ultimo, no *brouhaha* indeciso e vago, que é como que a respiração da noite.

No fogão, uma pequenina chamma azulada crepitava, brandamente, fazendo uma temperatura morna, de uma languidez irresistivel.

Elles assentaram-se na *chaise-longue*, defronte de uma mesa cheia de vasos de begonias, entre a palpitação das luzes da serpentina.

A figura, delicada e esbelta, de Maria, desenhava-se nitida na macieza flexivel de uma *robe de chambre* de setim côr de perola; a sua bonita cabeça expressiva brilhava, phantasticamente colorida pelo reflexo da chamma, que se torcia em pequeninas espiraes, estalando, a espaços, com um ruido secco.

O Lencastre contemplava, extatico, a mulher; nunca lhe parecera tão bonita; inclinando-se, tremulo como um namorado, disse-lhe, ao ouvido, phrases melodiosas, espiritualisadas, sonoras como um alexandrino, limpidas como um diamante.

Ella sorria-se docemente; na iris do seu olhar azul scintillava o goso de se sentir amada; de toda a sua pessoa exhalava-se um abandono, uma plenitude de confiança e tranquillidade, que a embalava serenamente.

Pouco a pouco, fecharam-se-lhe os olhos, a cabeça pendeu-lhe, e, com os labios vermelhos, frementes de beijos, adormeceu.

Elle não a acordou: curvou-se apenas, fascinado pela belleza da esposa, captivo d'essa mocidade resplandecente de attractivos, e, ebrio de paixão, tentou beijal-a nos olhos.

Então Boy, soltando-se do seio de Maria, que adormecera estreitando-o nos braços, atirou-se ao pescoço do Lencastre e mordeu-o na nuca.

Furioso, o Lencastre levantou-se, procurou a bengala e resolveu matar o sagui.

De repente, a bengala caiu-lhe da mão; parou no meio da sala, estupefacto.

Boy, em pé: diante da *chaise-longue*, desfazia-se em cumprimentos, imitando os gestos do conquistador moderno; ajoelhou, depois, aos pés de Maria, cruzou as patas; em seguida, envolvendo-a em um longo olhar, apaixonado e supplicante, beijou-lhe a mão.

N'esse momento, a paciencia do Lencastre esgotou-se; a bengala descreveu meia ellipse e Boy caiu redondo.

*
* *

—Sei tudo! disse elle á mulher, acordada em sobresalto. Hoje ou hontem esteve aqui um homem, ajoelhou aos seus pés, beijou-lhe a mão, fez-lhe declarações...

—Estás doido? respondeu ella, esfregando os olhos.

—Quem foi? responda? fez elle, colerico, arripiando o bigode.

—Ninguem, juro-te! tornou ella, levantando-se e alisando com os dedos a franja de cabello.

N'este momento a criada entrou.

Trazia um bilhete do primo da senhora.

O sr. Jorge pedia a charuteira, que deixara, de manhã, no *gueridon* da salinha cor de oiro.

Uma suspeita terrivel varou de subito, como um estylete, o coração do marido. Explosões de ira affluiram-lhe, impetuosamente, aos labios convulsos.

Foi só n'essa occasião que Maria avistou Boy, estendido sem vida, na relva do tapete.

Soluçante, louca de dor, precipitou-se, gritando, sobre o corpo do sagui.

O Lencastre córou; o sangue da victima escaldava-lhe as mãos, como chumbo derretido; achava-se infame; instinctivamente, teve horror a si proprio,—porque ella adorava aquelle gracioso macaquinho africano, que elle tivera a estupida brutalidade de assassinar com uma bengalada!

Então veio-lhe uma idéa, sentiu-se capaz de uma abnegação; aquella grande dôr impoz-se-lhe; e, heroico, ajoelhando aos pés da esposa, pediu-lhe perdão.

*
* *

Maria de Lencastre, devorada talvez pelas saudades do Boy, nunca mais na sua vida quiz vêr a sombra de um macaco.

G. TORREZÃO.

TENTAÇÃO

—

Ás vezes nasce em mim o fervido desejo,
não sei se bestial, mas grande, fundo, ardente,
de ir dar alento e vida ao teu amor, dormente,
pousando n'essa bocca um prolongado beijo.

Depois, fico indeciso; hesito, sinto pejo,
e ponho-me a pensar se um osculo candente,
em vez d'ir accender essa affeição latente,
fará morrer de todo a esp'rança por que almejo.

Por fim, a tentação evola-se fugaz;
invoco o Deus da Fé, repillo Satanaz
e o beijo não se dá... e o teu affecto dorme.

Ai! Se elle não desperta um dia, scintillante,
brilhando n'esse olhar co'a chamma crepitante
das grandes commoções..., que desventura enorme!

C. DANTAS.

UM DUELLO EXCENTRICO

—

(Continuado de pag. 110)

Ahi tem Anna — veste os vestidos que o senhor paga, bebe o Champagne que o senhor encommenda, fuma os *scandos* que o senhor esquece sobre as mezas, habita e usa os gabinetes e os moveis que o senhor lhe prepara, expõe-se ás garridices e ás extravagancias parisienses da sua luxuria, mas em tudo isto, ella anda machinalmente, com zig-zagues de mona suissa, olhos de vidro e um folle no estomago. E reserva sómente para o senhor mysterioso, para o seu dono legitimo, que a morde, a gosa, a domina, e lhe suga n'um amplexo supremo, a vida, a palpitação, o respirar, os seus rubores de cahida, os seus enthusiasmos de andaluza, os seus gritos de esfaimada, os seus poemas de mulher! Esse rival, que desconheces, pode ser tudo; o czar de todas as Russias ou o sapateiro; um duque ou um criado de quarto; talvez um ferrador bebado, de mãos calosas, rapado á navalha. Pergunta-me se penso muito n'ella: não. Por mais estroina que se seja, só uma amante se conserva por necessidade e por amor; as outras são um luxo, como os cavallos ou as sobrecasacas: teem-se nas cavallariças e nos guarda-vestidos, e servem quando muito uma vez, por desfastio. Tenho a condessa. Faço-lhe presente do quinhão que poderia caber-me no coração da hespanhola. Devo porém dizer-lhe a verdade: ninguem despreza uma boa occasião. Se amanhã, Anna vier aqui, fecho-lhe a porta — mas depois d'ella haver entrado. O meu encontro com ella foi simples, tão simples que os seus ciumes são ridiculos, e dignos, perdôe-me, da musica de Lecoq ou Barbieri. Encontrei-a por acaso, fallámos no velho thema — o que se dirá a uma leviana gentil — e eu disse á pequena a minha existencia caliginosa e proscripta, pintando-me victima do dever, exaltando a heroicidade da minha desgraça, e desfibrando-lhe com uma crueza de anatomista, a minha paixão rugidora e febricitante, digna d'uns tercetos de bronze, dantescos e eternos. Creio a convidei a cear, lhe dei um beijo, um forte abraço mesmo, que tem isso? De resto, a minha face soffreu — ella tem a mãosinha leve! E aqui tem, Ivan, a traição por inteiro.

O principe distrahido, mordicava o bigode louro, quasi branco, com impaciencia ferina.

— E agora? disse eu.

— Peço-lhe licença, tornou Ivan, para adiarmos o duello. É melhor.

— Para quando?

— Para quando eu fôr o amante da condessa, e a tranquillidade d'ella exigir ou auctorisar a sua morte.

Observei com escarneo:

— Será cedo, isso?

— Talvez. Quinze dias me bastam: estou agora mais pallido e a condessa ama os romanticos. Concedo-lhe por tanto duas semanas de vida, senhor. Uma cousa...

— Que é? Alguma nova generosidade.

— Quanto lhe ouvi me affiança, que sahiu da minha convivencia, não por amor da hespanhola, mas por amor da franceza.

— É claro.

— De modo, que não vejo inconveniente em d'ora avante, vivermos de novo, sob os mesmos tectos. Vivermos os tres.

— O que!... Pois não tenciona apunhalar a andaluza, que o atraiçôa? Desmente-se então.

— Mas se a amo menos desde hoje...

— Bem. O principe é rasoavel, vê-se. Transigir, porém, não é russo — é francez.

§

O almoço foi servido, almoçámos juntos.

— Ouça, disse eu a Ivan, tenho um projecto. Ouvi-lhe ha uns dias que se enfastiava; eu soffro o *spleen* tambem, que me pode levar ao suicidio. O senhor viajou no mundo, conviveu nos juncaes com o tigre de Bengala e com os fackirs de Bassorá; conhece o estrangulador e a bayadeira; as marchas sobre os camellos pacificos, pela areia que relampeja com brilho sequioso e cru; no Labrador caçou a phoca, na Siberia luctou com os ursos, percorreu a India sobre elephantes ajaezados, subiu o Hymalaia, trepou ao monte Branco, perdeu milhões em Baden, teve duellos pela Europa, finalmente amou mulheres de todos os paizes, de todas as raças e de todas côres. Eu tenho menos peregrinagem, conheço a bohemia dos *ateliers* de Paris e Roma; fui o intimo de Gavarni; amo Sarah Bernhardt, a excentrica cujo talento possue uma altivez de rainha; na correspondencia de Henri Regnault ha cartas que eu forneci ao editor; Doré trata-me como pessoa de casa, e na vida aventureira do louco Mauricio Sand, pode crer, tomei uma parte importante. Alem d'isso, meu caro, viajei na Italia, percorri a Hungria, sei a Allemanha como o Padre Nosso, e em Hespanha joguei a *coxilla* em Valencia, o pau em Ciudad-Real, as castanholas em Sevilha e Murcia; conspirei em Madrid, tenho uma morte na Sierra. Que mais quer?

Estamos saciados dos prazeres das cidades e das commoções mais ou menos grandiosas, que as *impressões de viagem* dos *touristes* imbecis, nos recommendam em tiradas de prosa postiça, sonora e tola.

O sr. Ivan, mais dia menos dia, adoece de morte: no mundo nada ha hoje, que o senhor desconheça ou admire — d'aqui o desgosto de tudo e de todos. A sua irascibilidade faz-me prever, qual o seu fim. Olhe-me bem: dentro em dois annos, o senhor ou tem esmigalhado o craneo, ou entrado n'um hospital de doidos. Engano-me?

— É verdade, disse elle absorto. — Prosegui:

— Eu experimento o mesmo. A incoherencia perpetua da minha organisação nervosa, o tedio palustre sob que vejo tudo, e a perfeita incapacidade, de já hoje me commover qualquer delicada impressão, affiançam-me que sou demais n'um planeta, que pouco ou nada mais me pode mostrar, ou descrever.

De modo...

— Vae propor-me o suicidio? Mas a condessa...

— Não lhe proponho semelhante tolice: ouça. Se nós fossemos percorrer o espaço que não conhecemos, experimentar profundas e novas commoções, resultantes de perigos jamais arrostados, ou pelo menos arrostados por poucos... que lhe parece?

— Mas que perigos? Nenhum que me seja novo, descobrirá. Conheço o naufragio, o terremoto, o raio; são-me familiares a guerra, a explosão, a fome: nada poderá alarmar-me, por tanto.

— Está enganado, nada d'isso proponho. O espaço que exploraremos, será todo esse concavo abysmo, em que rolam os astros, como lucidas estrophes de um poema truncado, anonymo e formidavel. Os vehiculos que aconselho, simples globos de tafetá impermeavel, recobertos de cautechouc e cheios de hydrogenio — um gaz 14 ½ vezes mais leve que o ar.

Ivan encolheu os hombros com desdem.

— Isso é simplesmente vulgar. Não ha acrobata que não tenha subido n'um trapesio, fixo a qualquer balão, e no meio dos berros dos idiotas pasmados. Ah, meu pobre amigo! Não resta um só refugio; ou uma bala ou a casa dos doidos. Que futuro, que futuro!... Se fossemos dançar na corda bamba, com fatos de malha... Interrompi-o bruscamente.

— Permitta-me que insista no meu projecto. O balão é uma descoberta perfeita e completa? Não.

Que lhe falta? Direcção. Um balão guiado nos ares, como um barco nos rios, não é uma cousa vulgar. São citadas quando muito, tentativas, ensinam-se martyrologios: tudo isso, porém, não resolveu ainda a questão.

— Que o senhor esclareceu plenamente, aposto. Vamos a ouvir o seu plano. — Acendemos charutos. Eram onze horas da manhã. Um inverno luminoso e saudavel, cheio de sol e limpidez, sorria nos campos.

— Imagine, disse eu ao principe, que em vez d'um globo empregamos quatro, cujos involucros tenham o mesmo peso, e cujos volumes, quando os globos estejam cheios de gaz, sejam rigorosamente eguaes. Fixemos os quatro globos, superior e inferiormente, aos extremos de dois quadrados que se collocam horisontal e parallelamente, mas está claro, em planos diversos. Pelo facto da menor densidade do hydrogenio, relativa ao ar, o systema formado pelos quatro globos subirá até uma determinada camada atmospherica. Os globulos teem valvulas e torneiras, que o aeronauta pode mover, se deseja descer. Em tal caso, abrindo as torneiras da mesma quantidade, sae uma mesma porção de hydrogenio de cada balão: e o systema desce. Se quizermos subir, por exemplo, lançaremos fóra o lastro.

Bem. Vejamos agora como guiar o apparelho ascencional. Presa aos quatro globos, dispomos a barquinha, barca confortavel, como um ninho *d'edredon*, com a forma d'um *chalet* vermelho, sua fila de janellas, de uma elegancia arrendada e preciosa, uma pequena esplanada em volta, cheia de balaustres e verdejante de arbustos exoticos, com canteirosinhos de violetas e camelias orvalhadas, de uma frescura moça e virginal. Este ninho, em que teremos, quanto é necessario á vida de um homem elegante, o banho, o quarto de *toilette*, a sala de bilhar, o salão de musica, a camara com molles tapetes felpudos e leitos de uma commodidade moderna, os jardins, a illuminação esplendida com velas electricas de Jablockoff — dar-nos-ha o repouso que não temos no mundo, a alegria, a liberdade, a bôa digestão e o humor facil, espontaneo e superabundante, que nos falta no meio desastrado em que giramos, e na sociedade impertigada, convencional e egoista, que ahi pullula, entre cafés e lupanares. Pairamos, por exemplo, n'uma certa camada d'ar em movimento, seguindo n'um determinado sentido. Premimos uma forte mola que ha, no centro da esplanada onde assenta o *chalet;* essa mola desprende fortes palhetas girantes de um systema de rodas, a corrente d'ar impelle as palhetas, e a rotação desenvolve-se tanto mais veloz, quanto mais forte o motor soprar. Eis o apparelho caminhando, como um barco. O systema de rodas pode girar em torno do ponto que o suspenda, como o jogo dianteiro de um *coupé* bem construido, a fim de que as rodas obrem na direcção do vento. Se isto não basta, puxamos uns cabos enrolados em pequenos cabrestantes que, desandando, desenrolem velas latinas, presas ás hastes dos quadrados, que manteem symetricos os balões. Queremos modificar a acção do vento sobre as velas, ou sobre as rodas? Agarramos na cana d'um leme aperfeiçoado, com uma haste de ferro que prende as palhetas, como se fôra um travão, difficultando o movimento, ao passo que o impulso da pá d'esse leme, na massa d'ar em actividade, combate a violencia do vento nas velas. Ahi tem a minha idéa. Resta-me descrever-lhe promenores do machinismo, especialidades do jogo de alavancas, que reservo para quando os balões estiverem promptos, cheios e atrelados ao nosso palacio encantado.

— E teremos de esperar muito?

— Oito dias apenas. Mandei a Manchestar contractar um engenheiro, e ha um mez que os trabalhos começaram. Temos promptos os globos, com valvulas, torneiras e redes de finas cordas de canhamo. Hontem, as rodas foram experimentadas nos eixos, e bem assim fizemos ensaios quanto ao movimento dos lemes, velas e cabrestantes: deu tudo o melhor resultado. Em cinco dias, o *chalet* assentará na esplanada; os canteiros, trepadeiras e mobilamentos interiores, estarão no seu logar, e d'aqui a sete dias partiremos. Aceita?

— Da melhor vontade. Mas se morrermos...

— Não tencionavamos nós, antes do meu projecto, terminar a vida com uma bala? Que importa um ou outro genero de morte, a quem tracta a vida com tal desdem soberano?

— Tem razão. Saio para fazer os meus preparativos e as minhas despedidas. Amei algumas mulheres, de quem ainda agora, parece-me, conservo certas lembranças: receberão a minha fortuna, no caso de eu não voltar com vida ao nosso globo. É justo, não é verdade?

— Seja.

— Adeus. É verdade, a condessa?

— Parte d'aqui a sete dias para Paris, com o marido.

— E Anna? Pobre pequena! Aquelles olhos...

— Irá comnosco.

— Soberbo! Até logo. — E sahiu.

(Continúa).

FIALHO D'ALMEIDA.

HISTORIA DAS ARTES DECORATIVAS

—

(Continuado de pag. 104)

s povos nomades não tinham mobilia. Os moveis strictamente necessarios para seu uso eram feitos a machado e muito desgraciosos. Fenestella, morto no reinado de Augusto, dizia que um pouco antes d'elle, os *repositoria* eram de madeira, redondos, massiços e quasi do tamanho das mezas: durante a sua infancia, começaram a fazel-os quadrados, com os angulos guarnecidos de prata e de concha de tartaruga. Os leitos dos primtivos romanos eram pequenos e tinham por unico ornato, na sua cabeceira de bronze, uma cabeça de burro coroada de pampanos, diante da qual as creancinhas brincavam com a sua doida alegria de pequeninos pagãos.

O ouro e a prata, depois de cinzelados, redobraram de valor.

José tinha vasos de prata preciosissimos. Cadanus offereceu aos deuses uma bacia de estanho gravado. Betsaléel inventou, no tempo de Moysés, desenhos para trabalhar em estanho.

Moysés mandou fazer magnificos candieiros de ouro.

Ulysses recebeu d'Euryale uma espada de aço finissimo, com o punho de prata e a bainha de marfim.

Nestor tinha uma soberba taça de metal, com duplo fundo e quatro azas, adornada de estrellas brilhantes e pombas de ouro.

O escudo de Achilles era uma verdadeira maravilha.

Homero faz menção de um vaso de prata, superior em bellezas a tudo quanto se pode imaginar de mais esplendido e formoso.

Os oleiros de Samos baniram completamente as azas dos vasos e das taças.

A materia com que se fabricaram as primeiras loiças era negra ou escura, areenta e grosseira. Mais tarde, os oleiros apprenderam a escolher a argila e a refinal-a por meio da decantação, tornando-se a massa muito mais fina. Os Samnitas misturaram-lhe depois terra vermelha. O emprego das côres constituio em seguida um progresso notavel. Sobre as torres e muralhas de tijolo de Babylonia representaram-se diversos animaes, perfeitamente reproduzidos por meio de côres e relevo. Via-se ali uma caçada, composta de animaes, que tinham mais de quatro covados de altura. N'esta caçada

representava-se Semiramis a cavallo, lançando o dardo a uma panthera; perto d'ella estava Nino matando um leão a golpes de lança.

Os Corinthios foram os primeiros que pintaram vasos. Os Etruscos só fabricaram loiça sem esmalte. O esmalte vitreo foi descoberto por Arcesilau, e o verniz de chumbo pelos arabes, no seculo VIII. As loiças envernizadas foram em seguida cobertas de uma camada de argila branca, em Schlestadt (1146) e Faenza (1299); o esmalte de estanho, descoberto pelos arabes de Maiorca, permittio o emprego de muitas côres; e Bernardo de Palissy levou esta arte a um alto gráo de perfeição, em 1555.

A loiça fina, chamada porcelana e inventada pelos chinezes, foi introduzida na Europa pelos portuguezes, em 1518, e fabricada por Boetcher e Tschirnhausen, em Dresde, no anno de 1676. João Toutin, ourives de Châteaudun, descobrio o segredo das bellas côres metallicas, em 1632.

A porcelana de Sèvres é a mais estimada, pela sua leveza, pela alvura das suas massas, pela perfeição das suas formas e belleza das suas côres.

*

Tendo uma caravana accendido uma grande fogueira, nas margens do rio Bélus, na Phenicia, o nitro que sustentava os vasos, posto em fusão e misturando-se com a areia, formou uma camada vitrea e transparente, que deu a primeira idéa do vidro. Durante muito tempo, o vidro foi opaco e grosseiro. A' silica e á soda juntaram os romanos a cal, para o fabricarem. No tempo de Nero, chegaram os egypcios a dar-lhe uma transparencia maravilhosa, sabendo já cinzelal-o e doural-o. Dos vidros coloridos passou-se aos mosaicos e ás vidraças pintadas.

A pintura sobre vidro foi, durante muito tempo, uma arte exclusivamente franceza: dois marselhezes, porém, introduziram-n'a em Italia. O crystal foi, a principio, fabricado em Inglaterra, pelos Hungaros, no anno de 1557. Veneza teve, durante muitos seculos, o monopolio dos grandes espelhos.

A arte de talhar os crystaes foi levada da Bohemia para S. Quirino, por Bucher; e a arte da gravura sobre vidro, da Allemanha para Stourbridge, por Schinner, em 1760. Os inglezes, finalmente, crearam o *flint-glass*, a mais bella materia vitrea que se conhece.

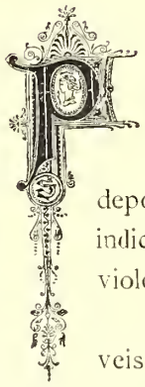
(Continúa).

C. D.

VIAGEM AO SERTÃO DE MOSSAMEDES

POR F. AMARAL

(Conclusão)



PASSADA a febre durante a noite de 26, partimos, na manhã de 27, nos carros, já descriptos, em direcção á Pedra da Providencia, onde chegámos ao meio dia, e sob a influencia d'um sol abrazador.

Aqui démos descanço ao gado, e a nós mesmos, que não precisavamos pouco d'elle, depois da repetição dos terriveis e atrozes solavancos, em que já fallei e que simplesmente indico, para que possa ser bem apreciado o estado, em que eu poderia estar, tendo tido tão violento esforço para convalescença da forte febre, do dia anterior.

Repetiram-se da mesma forma as scenas das avarias nos carros, e depois de inevitaveis demoras, conseguimos chegar á Pedra Grande.

Mais morto do que vivo, tive ali um encontro, que me servio de salvaterio contra as torturas da viagem no carro.

Consistio aquelle n'uma porção de gentio do Humbe, que vinha acompanhando gado e cargas

do sertão, vindo alguns livres, para no retorno irem carregados, com generos da villa — Propuz-lhes trazerem-me de tipoia para a praia, e o quissongo, ou chefe da caravana, acceitou, nomeando dôze carregadores, que, saindo commigo da Pedra Grande, no dia 28 de madrugada, me levaram até ao alto do Giraul, em seis horas d'um correr vertiginoso, dando entrada na villa, ao som de enorme vosearia, ás 7 horas e 15 minutos. Quer dizer, em menos de 14 horas de quasi constante marcha, transposeram o espaço que haviamos gasto 36 horas a percorrer, e isto com a maxima commodidade e quasi sem eu sentir a mudança dos homens no bordão da tipoia!!...

Os carregadores eram dos melhores, e tive ainda uma occasião de ver que, quanto mais do interior, e menos contacto teem tido com os brancos, mais doceis e mais exactos são os pretos da raça hotentote no cumprimento dos seus deveres. Não sei se esta regra será indeferida, e se alguns limites se deverão assignar a tal asserção, a que não quero dar o valor d'uma noção absoluta; o que é certo, porém, é que tão longe, quanto tenho ido, ou de tão longe quanto ali vi irem os pretos, não falha a affirmativa de peiorarem na rasão directa do contacto dos brancos; tristissima verdade, que empana um pouco o brilho das grandes viagens no interior, se com effeito diminuirem os riscos de contacto com os pretos com a diminuição da sua civilisação; regra que se mantém até aos Gambos, margens do Cunene, e todo o sertão de Mossamedes e Benguella, exceptuando, quanto ao primeiro, talvez os Muximbas, raça selvagem e feroz, que difficilmente se relaciona até com os visinhos, da mesma côr.

Indicada assim, a largos traços, a descripção d'uma viagem, que pouco ou nada teve de interessante, particularmente para os leitores d'um jornal do genero da *Arte*, tenho o dever d'agradecer ao meu amigo, o sr. Vasconcellos, a amavel insistencia com que me obrigou a entrar n'um campo descriptivo litterario tão fóra dos meus habitos e da minha vocação.—A arte não tem muito a lucrar com a observação dos sertões Africanos. Para o lado do Norte, é que por vezes se nota n'elles alguns vestigios da invasão Egypciaca: no Sul, e sob este ponto de vista, pelo menos a olhos profanos como os meus, a ausencia de qualquer civilisação, por aquella aferivel, é notoria — Talvez a unica scentelha de genio artistico, se manifeste na construcção dos instrumentos de que usam, nos batuques e nas dansas, com que quasi reproduzem todos os actos da vida pratica, insistindo muito particularmente nas manifestações guerreiras, como seria de esperar de povos primitivos, e formados de tribus pastoris, de natureza nomada e impropria a criar o descanso e quietação essenciaes ás conquistas da paz e do trabalho.

O tratamento das pelles d'animaes é tambem uma especialidade digna de nota, não pela rapidez dos processos, que são o que ha de mais moroso, mas pela maciesa que lhes dão, nos continuos tratos a que as sujeitam; quando as usam (e refiro-me n'isto a todas) como ornamentação ou vestuario, estão por tal forma limpas e curtidas, e dobram-se com tanta facilidade, como a mais fina pellica, o que conseguem pelo attricto repetido, durante mezes, d'uma pelle com outras, até chegarem á flacidez que as torna avidamente appetecidas.

As gaitas, que empregam para reunir os rebanhos, e uns páos sonoros, que usam e batem, para conseguirem fazer correr o gado, quando perseguidos pelas tribus inimigas, são tambem curiosidades de difficil descripção; o que é certo, é que o som agudo, que tiram d'aquellas, excede quanto tenho ouvido, fazendo-se presentir a distancias enormes, como um grito de desespero, ou um signal de alarme de notavel valor. — N'este methodo se apoiam tambem os negros salteadores, para effectuarem os roubos de gado aos brancos. Com effeito, o gado havido por estes, procede de compras ao gentio, e está, desde novilhos, educado em correr atraz dos pastores, logo que estes fazem vibrar os páos e soltam os gritos afflictivos do tal instrumento; dois ou tres ladrões, no meio d'um rebanho, e quando apanham distrahidos os pastores, bastam para effectuar o roubo de todo o gado, que os segue a galope, logo que ouve os gritos com que o educaram, para escapar á rapacidade das tribus inimigas. — O gentio corre quasi tanto como um veado; e para aquella raça não ha obstaculos, nem

espinhos, nem pedras; conhecem todas as sinuosidades dos caminhos; saltam as pedras, e em corrida vertiginosa conseguem, a maior parte das vezes, escapar até ás velocidades prodigiosas das ballas forçadas.—Raras vezes resistem; roubam de surpreza, e a não ser nas passagens dos rios, é difficilimo poder apanhal-os; nos rios, como o gado está costumado a beber agua, e, portanto, a fazer paragens, é que os ladrões por vezes teem de desamparar a presa; fóra de isso, é quasi impossivel rehaver o que uma vez caiu sob o influxo infernal da estranha musica por elles empregada.

Em facas e machadas tambem se manifestam uns taes ou quaes preliminares de arte; no entanto, são elles tão rudimentares, e é tão difficil assignalar-lhes qualquer intenção de originalidade, que não me parece digno de attenção, sob este ponto de vista, o que por ali se observa.—As zagaias e flechas mais teem que ver; todavia, são estes instrumentos tão conhecidos, que se lhes não pode dar a consideração de determinarem um tal ou qual movimento artistico, por parte dos que as fabricam.

Fico por aqui, e dou por isso os parabens aos leitores da *Arte*, que já sabem contra quem teem de queixar-se d'esta narrativa africana, insidiosamente intercallada nas notaveis manifestações artisticas de tão sympathico jornal.

A GIUSEPPINA GARGANO

(NA FESTA EM HONRA DA GENTIL CANTORA)

Como cahem do ceu no calix das violetas
As lagrimas leaes e puras da manhã,
O teu canto illumina as almas dos poetas,
Ó cantora gentil! ó suave castellã!...
É o orvalho do ceu no calix das violetas...

Os astros immortaes scintillam n'amplidão
—Grandes lirios de luz, abertos pelo espaço—...
Se a tua voz derrama em nosso coração
Torrentes de harmonia, em languido compasso,
Os astros immortaes scintillam n'amplidão...

Sentem-se estremecer, nos tumulos antigos,
Os vultos ideaes das candidas creanças,
Ouvem-se germinar serenamente os trigos,
Entr'abrem-se no azul as limpidas esp'ranças,
Sahe um grito de amor dos tumulos antigos...

Chora oppresso de dôr teu seio que palpita
Na emoção que não morre e que se não define,
E a gente vê surgir a pleiade bemdita
De Gounod, Meyerbeer, Beethoven e Rossini,
Anciosos, a fitar teu seio que palpita...

No delirio sem fim das c'rôas e das palmas,
Das rosas do Japão, das lucidas camelias,
Ficam-nos a boiar, trementes, nossas almas,
Como um bando leal de timidas Ophelias,
No delirio sem fim das c'rôas e das palmas...

1881 JOAQUIM DE ARAUJO.

JESUS DE NAZARETH

—

NDA poderiamos, querendo, reconstruir physicamente Jesus, sobre esses ramos dispersos e talvez degenerados de judaismo que enche o mundo, e em parte o domina pela cohesão poderosa dos seus milhões.

Como em todas as raças puras, e infusiveis com outras por uma reacção de hieraldico orgulho, teem os judeus mantido inalteraveis, o seu aspeito e caracter fundamental — e no *pêle-mêle* de gentes que se acotovelam pelos grandes emporios, sempre que um d'elles passa, vestido no *taleth* de lã branca ou levando chapeu alto, a gente aponta-o logo pelos extraordinarios olhos convergentes sobre o nariz de gume; pela bocca em ponto, dulcissima nas creanças e tão maligna nos velhos commerciantes; pela maravilhosa belleza dos pés e das mãos; e ainda pela lanugem do craneo, que, de encarapinhada e sedosa, lembra um dorso de cabra tibethina.

Jesus devia ter sido um pouco como qualquer rapaz judeu que os senhores conheçam, tendo sobre esse a fascinação do genio, a harmonia de uma natureza musical, e a franzina belleza de rapariga, que pela frescura deslumbrava as mulheres, e pela ingenua castidade attrahia os rudes pescadores do lago Tiberiade. Nimba-o a lenda em transcendentes purezas — e essa virgindade constituida em força, é um grande factor talvez no grupo das suas victorias, sobre o bando que lhe servia de côrte. Quando Martha e Maria lhe vêm ungir os pés com beijos e naphtas preciosas, em joelhos, córando no albor das suas tunicas de linho, indo com elle sob as figueiras dos valles e aos rumores d'agua brotando das penhas sepulchraes; quando Magdalena queima á sua voz publicamente as purpuras do vicio, e como a Gauthier mais tarde ao amor de Armando, regenera o passado, pelo amor ainda; quando resurge Lazaro e Paulo se converte, não é só a doutrina, embora simples, poetica, parabolica, imaginativa e colorista do judeu, que deslumbram e transfiguram todas essas gentes — mas a face adolescente; os cabellos ondulosos bipartindo em estrigas loiras; a pequenina bocca de voz meiga e palavra quente, abrazada no escarlate dos sangues do deserto e gottejando toda em virginaes perfumes; e essa romantica barba em cauda de andorinha, feita de sol e oiro vivo, que espirala descendo, nas pontas, sobre o peito aconchegado da tunica. Em volta, os apostolos adoram-n'o tambem um pouco, pela extraordinaria graça dos seus gestos leaes, o azul escuro da iris, e uma eburnea pallidez de mãos. O duro Pedro sente-se invadir á sua vista d'um amor extatico, que lembra de longe o de Socrates por Alcibiades. E João Baptista, o mais pequeno do bando, não o larga nunca e ouve-lhe gracejos de onde a onde. Esse bando originalmente sobrio, sem grandes idéas, sem cuidados, sem relações e sem dinheiro — o que lhe fez naturalmente decretar a maldição dos ricos, dos sabios e dos ambiciosos, erigindo em apotheose a pobreza, a ignorancia e o desprendimento de tudo — erra pittorescamente por caminhos e aldeias, colhendo adeptos de estação em estação, comendo por casas amigas, em rusticos festins, o cordeiro da Paschoa; indo dizer ás bodas, entre hossanas e palmas, lucidas parabolas irientes de imagens e côr; ou baixando as mãos para affagar as creancitas nuas. E acalmam-se epilepticos e hystericas sob o magnetico influxo da sua candida bondade, o que o bando traduz como resurreições prodigiosas. Tudo que soffre encontra n'elle refugio, conforto, benção e promessas. Quando o sol vae theatralmente morrendo no lago, ou por traz das collinas redondas se afloga na sua explosão de escarlate e oiro, o ingenuo cenaculo embebido na tristura penetrante da hora, falla do reino *que não é d'este mundo*, depois da morte, quando tombarem no inferno os felizes da terra e os pequenos forem glorificados. Embaladas na barca de Pedro, ou armando crescente á volta *do filho do homem*, essas phantasias arabes comprazem-se de volitar na *rêverie* das ridentes promessas, fabricando imperios de luz, com bemaventurados em extase na graça immortal. A voz de

Jesus vem-lhes n'um fundo de visão serena, como anodyno refrigerando os desamparos da humildade. Aos vinte e seis annos, estando o homem já feito, com toda a sua actividade em jogo e seiva em movimento, ainda lhe residem em certas linhas da face e humidades tenras dos beiços, uns restos de frescura recordando a adolescencia percorrida. Sómente a espaços o olhar abre profundos lances, concentra-se, austerisa-se, trahindo o espirito amadurecido. N'esta conflagração de phases vitaes, que não poderam extremar-se ainda, marulham expansões subitaneas, generosidades e risos, a creança retemperando o homem. Jesus estava n'essa edade—e é bem singular que nunca amasse uma mulher! Esse poeta unico, cuja delicadissima intuição presentia na sua primeva simpleza, as relações eternas

das idéas e das coisas, avantajava-se hora a hora ante o ardor ignorante dos discipulos, propensos a ver milagres nos factos mais logicos, e a surprehender em tudo revelações da divina origem do mestre, cuja infantil vaidade deixava correr taes versões em collaboração da sua doutrina. Este começo de religião não passou a principio d'um parnaso poetico, brotado da mais extraordinaria pureza d'almas, da absoluta boa fé e inviolavel respeito pelo chefe. Estimulado pelos successos da sua vulgarisação entre as gentes rusticas, Jesus ousa entrar nas cidades, onde os lampejos do seu genio e divinas explosões de generosidade, o glorificam e perdem. Vendo a torpeza do escriba, incita o povo á rebellião e crucificam-n'o! Desde então a lenda está feita e creada. Os proprios discipulos lhe exag-

geram as formas, lhe forjam sobrenaturaes origens, lhe multiplicam e subtilisam os intuitos dos discursos e ditos. E elle faz-se vago como um mytho, radia em ascenções miraculosas, glorificações, magias—a sua obra poetica desviada da simplicidade graciosa e pura, que ascende no claro escuro da lenda, a concepções de maior tomo. Quanto mais os seculos sobre a sua vida galopam, tanto maior o numero se faz dos seus fieis amigos, dos seus apaixonados e dos seus escravos. Por milhares, esses loucos proclamam a sua obra pelas edades tragicas da historia velha; e rindo e cantando-lhe hymnos, preferem a fogueira, a forca, a cruz e a carnagem dos circos, a renegar-lhe a memoria. Assim esse ideal judeu pende do lenho como limite maximo de soffrimento, de innocencia, de generosidade e de amor, mas poeta, sempre um poeta! Á nossa edade tem cabido vergastar do calendario os assassinos e prostitutas, canonisados em Roma por cubiça e ignominia de pontifices e reis, substituindo cada qual dos desthronados por um grande nome de martyr scientifico, descobridor, viajante, benemerito ou sabio. E ainda em meio d'essa moderna côrte celestial, Jesus fica, humanisado, fulgurando em genio, nosso egual, nosso amigo e nosso irmão...

VALENTIM DEMONIO.

A JORNADA DOS SECULOS

—

(Continuado de pag. 73)

NTES de passarmos do *direito* para a *religião*, seja-nos permittida uma digressão breve para mostrarmos mais uma vez como a tradição aryanna se perpétuou nos usos e costumes dos povos que, como nós, descendem d'essa antiga raça asiatica, cuja illustração foi a fonte crystallina d'onde dimanou para a nossa vida social o veio abundante que ainda hoje nos dessedenta a alma nas investigações da sciencia e das origens das lendas.

Nas epopeas indianas faz-se menção de um rio, chamado *Vaitarani*, que os mortos atravessam, os maus para se dirigirem ao inferno, e os bons ao mundo de Pitris. Segundo uma passagem do *Sâmavêda*, [1] parece que se passava no rio sobre uma ponte, *suvitasya sètum durâyyam*, a ponte de salvação, difficil de atravessar. A alma do morto era conduzida pelo demonio *Vizaresho*, que a interroga ácerca do que fez na terra. Se é pura, os *Yazatas* celestes fazem-n'a atravessar a ponte; se não é, cae ao inferno. [2]

A crença na existencia de um rio que os mortos tinham de passar, n'uma ponte ou n'uma barca, encontra-se entre os gregos e os romanos, e tanto ao norte como ao sul da Europa.

Hinc via Tartarei quæ fert Acherontis ad undas:
Turbidus hic cœno vastaque voragine gurges
Æstuat, atque omnem Cocyto eructat arenam.
Portitor has horrendus aquas et flumina servat
Terribili squalore Charon; cui plurima mento
Canities inculta jacet; stant lumina flamma,
Sordidus ex humeris nodo dependet amictus;
Ipse ratem conto subigit velisque ministrat,
Et ferruginea subvectat corpora cymba;
Jane senior, sed cruda Deo viridisque senectus.
(*Eneida*, liv. VI).

[1] Um dos livros dos *Vedas*.

[2] *Les origines indo-européennes*, por A. Pictet, tom. II, pag. 521.

Ennius foi o primeiro poeta romano que reatou a tradição oriental da migração das almas. [1] Mais tarde, Virgilio aproveita-a para toda essa admiravel descripção do *Inferno*, que tão vivamente havia de impressionar a imaginação do Dante, conservando-se depois a sua influencia nos dominios da poesia até aos derradeiros arrancos da Arcadia.

Na tradição scandinava, o rio da passagem dos mortos toma o nome da *Giöll*. Passa-se sobre uma ponte de ouro, guardada pela virgem *Môdhgudhr*. A fim de facilitar a viagem ao morto, atava-se-lhe aos pés um par de sapatos, *helskô*, sapatos do inferno. Se, durante a vida, esse, que era morto agora, havia dado sapatos aos pobres, encontrava-os no outro mundo para fazer a jornada. Esta tradição explica talvez a nossa phrase *sapatos de defunto*.

Em Portugal, a tradição do rio dos mortos atravessa toda a edade media e chega até á renascença, em que se avigora, galvanisada pelo espirito greco-romano, que caracterisa essa epocha. Gil Vicente compoz o auto da *Barca do inferno* em 1517:

FIDALGO — Esta barca onde vae ora
Que assim está apercebida?
DIABO — Vae para a *Ilha perdida*,
E ha de partir logo ess'hora.

E não deixa de ser notavel a circumstancia de que n'este auto figura, como passageiro para o inferno, um sapateiro, que vem carregado de fôrmas, e que em vez de dar sapatos aos pobres, enganava os freguezes a quem os vendia:

DIABO — Tu morreste excommungado,
E não n'o quizeste dizer:
Esperavas de viver,
Calaste dez mil enganos.
Tu roubaste, bem trinta annos,
O povo com teu mister.

O auto da *Barca do Purgatorio* foi representado em 1518.

Este rio é mui escuro,
Não tendes vau nem maneira:
Entrae em barco seguro,
Havei conselho maduro,
Não entreis em má bateira.

O auto da *Barca da Gloria* tem a data de 1519.
N'este auto, um duque peccador quer passar na barca, e o diabo diz-lhe:

Veis aquella *puente* ardiendo,
Muy lejos allen del mar,
Y unas ruedas volviendo
De navajas, y heriendo?
Pues alli habeis de andar
Siempre jamás.

[1] Preller, *Les dieux de l'ancienne Rome*, pag. 320.

Vem a morte, e traz um bispo, que se lamenta, dizendo:

Ó mis manos y mis *piés*
Cuán sin consuelo estarés.

Na *Malaca conquistada*, de Sá de Menezes, o poeta, descrevendo o inferno, [1] refere-se ao terrivel rio da velha tradição indiana.

Mas o cyclo brilhante da Renascença encerra-se, e a tradição do rio infernal subsiste:

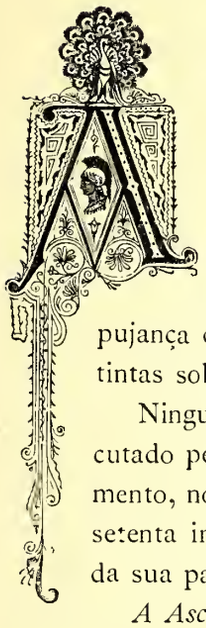
Dido infelice
Assaz viveu;
D'alta Carthago
O muro ergueu:
Agora nua,
Já de Charonte
A sombra sua
Na barca feia
De Phlegetonte,
A negra veia
Surcando vae.
(Garção).

(Continúa).

ALBERTO PIMENTEL.

ASCENSÃO

—



A GRAVURA que hoje damos aos leitores da *Arte* é copia de um esplendido quadro do eminente pintor portuguez, Domingos Antonio de Sequeira, aquelle notabilissimo artista que Raczinski comparou ao Rembrant e que deixou de si, na Italia, uma memoria immorredoura.

Analysando minuciosamente os detalhes d'este bello quadro, o seu vivido colorido, os seus magnificos effeitos de luz, a distribuição elegantissima dos diversos grupos que d'elle resaltam, cheios de vida e de movimento, e a correcção admiravel das suas roupagens, pensar-se-ha, sem duvida, que Sequeira o pintou, ainda na pujança da mocidade, quando ao espirito não escassêa o vigor, e o pincel, que desdobra as tintas sobre a téla, é guiado por mão firme e certeira.

Ninguem acreditará facilmente que um trabalho d'este vulto podesse ser concebido e executado pelo grande artista, aos setenta annos de edade, na quadra frigidissima do desfallecimento, no occaso de uma existencia laboriosa consagrada ao estudo. E todavia, contava já setenta invernos quando o produziu; caminhava já para o tumulo a largos passos, quando da sua palheta de mestre brotou aquella obra maravilhosa e gigantesca.

A Ascensão, o *Calvario*, o *Juizo final* e a *Adoração dos Magos* constituem os principaes quadros de Sequeira, os chefes de obra do famoso e admiravel artista. Todas essas esplendidas creações fazem hoje parte da riquissima galeria da casa Palmella, que as adquiriu por dezeseis contos de réis. Os famosos cartões d'estes quadros existem na nossa academia de bellas artes, ao lado de mui-

[1] Livro VI.

tos desenhos, esbocetos e outras obras de Sequeira, e deverão figurar brevemente na exposição de arte retrospectiva, onde os nossos leitores poderão ir admiral-os.

*

Grande numero dos melhores trabalhos de Domingos Sequeira, estão no Brazil, como, por exemplo, o seu formoso quadro, *A morte de Camões*. Alguns acham-se espalhados pela Italia, em poder dos Hercolani, de Roma, de Alexandre Grepi, do duque de Bracciano e de um ou dois pintores afamados. Um d'elles está na egreja de Santa Maria della Pacce, em Roma; outro no Bom Jesus de Braga e alguns no Porto.

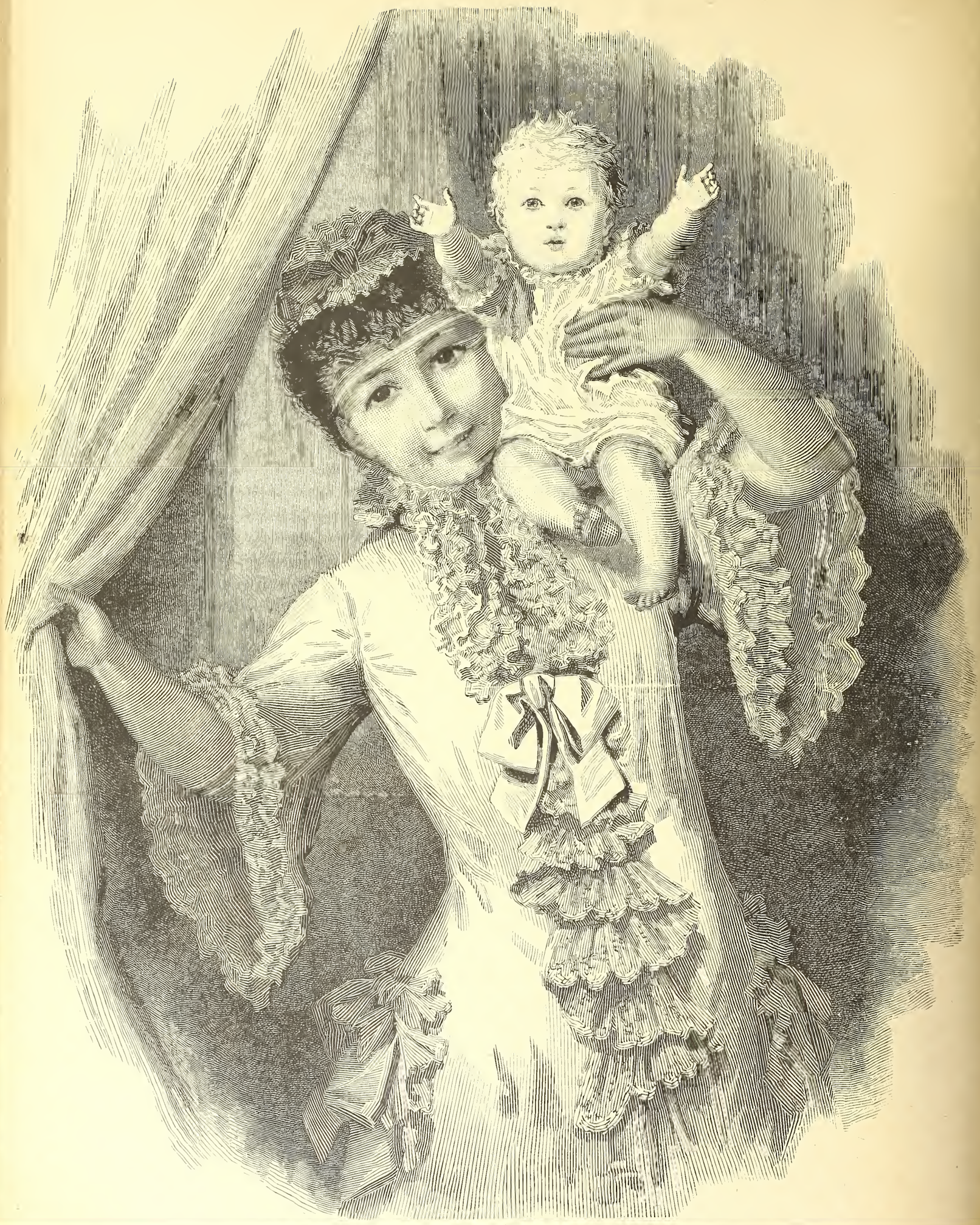
Na galeria da Ajuda admiram-se varios quadros do grande artista. A academia de bellas artes, além dos cartões a que nos referimos, possue o bello quadro *S. Bruno*, que se admira na segunda sala da galeria, e varios outros.

A casa Benagazil, o visconde de Villa Maior e a casa Farrobo teem tambem alguns valiosos quadros do illustre pintor portuguez.

Sequeira foi muito apreciado na Italia, quando alli esteve, e deixou n'aquelle paiz, essencialmente artistico, indelevel e viva memoria de si, como já dissemos no começo d'este ligeiro artigo sem pretensões a byographia.

Ainda não ha muitos annos, em 1874, crêmos nós, veio de Florença a Lisboa um esculptor celebre, Cesar Seghinolfi, e uma das primeiras cousas que pediu foi que lhe mostrassem os quadros do famoso pintor, cujo nome elle conhecia desde longa data, melhor talvez que muitos portuguezes, e a cujos trabalhos — os ultimos principalmente — ouvira tecer os mais enthusiasticos elogios.

Typographia de Christovão Augusto Rodrigues, rua do Norte, 104, 1.º



QUE PERFEIÇÃO!...

Typ. — Christovão Rodrigues.

A ARTE

A ARTE MUSICAL NA ANTIGUIDADE

—

MUSICA, na sua expressão mais simples, é anterior á palavra articulada. O primeiro som proferido pelo homem, saiu do intimo da sua alma e foi como um suspiro de extase, exhalado em signal de jubilo por sentir que vivia.

A felicidade, a alegria e o enthusiasmo fizeram os primeiros musicos. Os antigos representantes da humanidade, quando á volta das suas caçadas atravez das florestas primitivas, se banqueteavam lautamente, tinham sempre, por epilogo a esses festins, dansas e descantes. O mesmo acontecia quando a primavera se annunciava em arreboes esplendidos, ou quando os inimigos acabavam de ser cruelmente immolados. Então, todos esses nossos antepassados selvagens, ebrios de uma exuberante voluptuosidade, projectavam para fóra de si as energias do corpo.

O seu peito, intumecido de spasmos, esvasiava-se em gritos phreneticos; os seus nervos e musculos, sacudidos por estranhos appetites, agitavam-se n'uma chorêa infernal. Imitava-se, no fundo dos bosques, o grito dos animaes ferozes, o canto das aves, o murmurio das aguas, o ruido das tempestades, o sibillar do vento nas sinuosidades dos rochedos ou na crista dos pinheiros selvagens. Todos os sons da natureza eram repercutidos por estas gargantas humanas. Entrechocavam-se as armas de pedra; batiam-se as clavas; bandos de possessos espesinhavam os mattos; os membros rangiam; as boccas exhalavam sons gutturaes, e honrava-se com esta estravagante catalepsia alguma divindade obscura, representada por um rochedo tosco e informe.

O sagrado misturava-se ao profano; as convulsões da carne confundiam-se com as emoções da alma, n'estas festas do paganismo primitivo. Como devia ser bello, sob um ceu recamado de estrellas, nas penedias da Armorica, escutando o frémito das ondas, ver estes homens e estas mulheres enlaçadas em transportes religiosos, lançarem todo o seu ser ás faces do Eterno! Dois fachos vermelhos como nodoas de sangue, subiam crepitantes nas trevas, tingiam de purpura estes rostos em delirio, aqueciam as vozes, e o culto brilhava em todo o seu esplendor orgiaco!

Nunca o Deus desconhecido foi talvez mais cercado de hymnos e adorações! Era a immolação completa do homem ao poder mysterioso.

Estes selvagens illuminados, depois de terem offerecido assim ao seu idolo todas as forças ex-

pansivas, sacrificavam a vida n'um sublime paroxismo de loucura supersticiosa. Os gritos ferozes, as contorsões e os assobios não bastavam. Sangue! Era preciso sangue correndo em ondas, entranhas abertas, agonias expiradas, vôos de almas no ether! O cutello sagrado mergulhava no flanco das victimas humanas; e estes estertores de morte misturavam-se, como harmonias de orgão, aos córos entoados pelos celebrantes em delirio.

A musica brotou d'estas saturnaes piedosas; surgiu pouco a pouco d'este chaos de bramidos grosseiros, como todas as bellas cousas do mundo.

Os sacerdotes da India, attribuindo ao seu velho Brahma a invenção da musica, contribuiram bastante para a fazer sair da infancia. As suas melopéas, de uma tristeza infinita, que definem tão bem as vagas aspirações d'estas almas pantheistas, as formidaveis resonancias dos seus instrumentos, que parecem iniciar-nos no estrepito dos mundos desfeitos, e todo esse *pêle-mêle* de harmonias quebradas e symphonias estridentes, revela uma arte de poderosa originalidade. As tentativas de Wagner fazem lembrar esta producção brahmanica. A musica hindou dos templos, pinta ao ouvido a soberba eloquencia das concepções religiosas. Não variou desde então nem perdeu a primitiva castidade: é o canto-chão sublime de um culto cosmico.

Os egypcios importaram dos hyndous esta musica sacerdotal, mas adoçaram-n'a muito nas suas harpas. Este povo de costumes hieraticos, concebeu harmonias sacras. O timido estremecimento das cordas, as vibrações suaves das cantilenas, definiam perfeitamente o sentimento ineffavel que elle votava á divindade.

Os egypcios conheceram certas leis simples da harmonia. Nas noites estrelladas, vogando nas suas barcas sobre as aguas do Nilo, entoavam canções languidas, a que os barqueiros iam juntar as suas melodias sonhadoras.

Mais tarde, depois da passagem do Mar Vermelho, Miriam, irmão de Moysés, entoou um cantico de acção de graças, acompanhado pelo côro dos hebreus e sustentado por grande numero de instrumentos.

No tempo de David e de Salomão, a poesia lyrica attingiu o sublime do enthusiasmo inspirado. Os levitas, vestidos de linho, com os olhos postos no chão, cantavam Jeovah nos templos, possuidos de um santo temor, e psalmodeavam os hymnos dos prophetas. Os seus cantos eram graves e solemnes. O nome ineffavel de Jeovah desenrolava-se em modulações infinitas, como o echo do trovão nas montanhas, e retumbava sob as abobadas. Quando as procissões entravam nos templos e o sacerdote subia magestosamente os degráos do altar dos sacrificios, as trombetas soavam com força, os tambores batiam em surdina, as citharas, as harpas e os psalterios desfolhavam o seu *bouquet* de harmonias n'este concerto atroador, que figurava o côro dos anjos confundido na assembléa dos homens.

Com os gregos, a musica tornou-se uma sciencia universal: abraçou os movimentos celestes, a theoria dos numeros; o harmonico, que tratava dos sons, dos intervallos e dos generos; a rythmica, que classificava os movimentos; a metrica, que dava a medida dos versos; a melopéa, que creava as melodias e fixava a medida; e, finalmente, a poesia, a divina poesia do Hellade, que não se concebia senão cantada.

A musica fazia parte da educação de todos os adolescentes de Athenas e da Jonia. Um joven, que não soubesse musica, passava aos olhos de todos por mal educado, por uma especie de barbaro sem cultura, e era excluido da sociedade elegante. É a esta propensão delicada para a arte musical que os gregos deveram o seu atticismo de raça, podendo chamar-se á Grecia o paiz da harmonia.

Apollo, Orpheo, Lino e Amphion, eram as divindades sorridentes d'este povo doido pelas canções, enthusiasta pela arte maravilhosa que, n'outro tempo, chegou a domar as proprias feras.

C.

QUE PERFEIÇÃO!...

—

Santo e louvavel orgulho o d'aquella gentil creatura, radiante de jubilos castissimos, que se revê, ditosa e contente, no primeiro fructo do seu amor!

Justificada vaidade, a que ella sente, vendo-se mãe de uma criancinha encantadora, cuja robustez sadia foi haurida nos seios maternaes!

—Que perfeição! exclama a formosa mulher, por entre sorrisos de intima alegria não disfarçada, erguendo do berço, onde o acalentára com ternissimas canções repassadas de affecto, o filhinho estremecido, e mostrando-o orgulhosa, ao pae, talvez, para quem elle estende os braços, contente e irrequieto, balbuciando um monosylabo inintelligivel!

E que perfeição, com effeito!... Como n'aquelle rostosinho feiticeiro transparecem as tintas denunciadoras de uma saude plenissima! Como se evidenceia, nas bellas linhas d'aquelle corpo adoravel, opulento de carnes rosadas e mimosas, a robustez bebida com o leite materno, limpo do virus lethal que gera a anemia!

O peior é que, perfeições como estas, só se admiram, as mais das vezes, na téla, esplendidas de colorido e da vida que o artista lhe imprime. Raro é vêr, nos tempos que vão correndo, uma criança com o *emponpoint* sadio d'aquella que a nossa gravura representa, cheia de frescura e exuberante de seiva.

UM DUELLO EXCENTRICO

—

(Continuado de pag. 119)

Quanto eu dissera ao principe, era exacto. O plano proposto por mim para dirigir as machinas aerostaticas, systhemas de rodas, lemes, velame e cabrestantes, dispostos como eu tinha communicado a Ivan, fôra concebido a partir do dia em que, erguendo-me ás seis horas, resolvera trabalhar. O meu projecto não era novo, talvez mesmo fosse a imitação ou modificação ligeira de outros inventos, tendentes á resolução do acerbo problema—a direcção, nos ares, dos globos cheios de hydrogenio. Na officina, Mr. James Hulley, um intelligente rapaz de Manchester, executára com as mais rigorosas precauções scientificas, o meu risco e os desenhos que lhe fornecera, para a construcção. Á medida que se apromptavam as diversas partes do apparelho voador, iamos cheios de enthusiasmo, fazendo experiencias e multiplicando observações. Faltavam apenas sete dias.

O que iria succeder, nem me occorria. Que diabo! Era o menos. Mas tudo seria bem disposto no interior do *chalet*—a guitarra tinha logar á cabeceira do meu leito, entre um thermometro e um barometro. Amo loucamente as violetas, os jasmins e as camelias: encontraria nos jardins do *chalet*, tudo isso, em graciosos canteiros, pequeninos e frescos.

A seguidilla embebeda-me: Anna cantaria muitas á janella do seu quarto, enquadrado em folhagens phantasticas de trepadeiras exoticas e cheias de grandes flores purpurinas. E no meio do silencio piedoso dos espaços, a lua, como somnambula vagabunda, lançaria uma luz extatica e opalina, cheia de estrophes, sobre os contornos espheroidaes dos bolides, acariciando o faiscar das estrellas com um

beijo perfido, cheio de frio e de contemplação. Que de harmonias, sonhos e poemas, n'essa musica da sua voz castelhana, abraçada no harpejo da minha *banzara*, e como delirando em tristezas supplicantes, doces vibrações resonando de astro em astro, como um echo de threnos pios, das poeticas eras patriarchaes!... A nossa vida deslisaria n'uma placidez crystallisada em gozo. O principe, de papo para o ar, e uma garrafa de *Kyirsh* na banca, remorderia o seu *breba*, pelas regiões monotamente azues. E dilatava as minhas phantasias, d'um arrojo extraordinario, imaginando episodios e duellos, entre homens armados de raios, bifurcados em caudas de cometas e fallando por trovões, emquanto fossem derruindo nos longes, baluartes de nuvens, caliginosas e tragicas. Ou então, aportando em satellites, fariamos *aguada*, sorrindo aos naturaes, com rebuçados no bolso, chinellos de mouro nos pés, e grandes barbas de famintos. Attingiriamos os meridianos mais ovalados da esphera celeste, cortando a canivete, pacientemente, um bocadinho ao eixo do mundo—para vermos como era por dentro.

E, como grandes gymnastas dextros, fariamos as *barras fixas* nos ares, ebrios com o vinho de todos os paizes. Far-se-hiam *toasts* formidaveis com palavras sonoras como canhões, emquanto fossemos arrojando ás estrellas, garrafas vasias, sarcasmos de violencia escalpellante—rindo ás gargalhadas.

Assim chegou a noite, a condessa esperava-me ás sete horas na sua alcova. Realmente é vulgar que um homem se apaixone, e desentranhe em mil projectos para a posse d'uma mulher.

Mas que uma mulher trabalhe para a posse d'um homem, sendo essa mulher condessa, deslumbrantemente bella, e embaixatriz—pois não se encontra aqui a aventura dos velhos tempos romanticos, hein? Era o que succedia entre mim e a Saint Mandé. Ah, era mulher pr'a temer, aquella!

Lembrava-me ainda da primeira vez que nos encontramos, na *matinée* do club em que F., rethorico com pomada no cabello, fazia a leitura do seu poema revolucionario. Ella tinha uma *toilette* altiva, linha nobre e singela, em que destacavam nitidamente, como esmaltes chinas, as suas brancas mãos, dignas de um estojo de ebano com embutidos, e a sua cabeça sahia firmemente esculpida, com uma distincção unica, surprehendente e sonhada. Entrei a vel-a em toda a parte, em carruagem nas ruas fazendo compras, entrando na Aline, rindo no Silva Mattos, escolhendo joias no Leitão e rendas na Damien, em S. Carlos, de inverno, n'uma frisa, vestida de gala, com hombros de estatua alabastricos e frios, surgindo de tufos de renda e bouquets de rosas, um leque de pennas cahindo do pulso por uma cadeia de ouro, duas camelias no penteado, e aquelle olhar azul, absorto e fluctuante dos que se isolam scismando, e vivem indifferentes no seio da agitação dos outros.

Os marquezes de L. deram em Cintra uma recita de intimos, n'um pequenino theatro esplendido, instalado no salão. Todos se lembram ainda d'essa festa admiravel, tão alegre, tão elegante e tão fina, a que concorreram os membros do *turf* e todas as senhoras da nobreza. Os actores eram rapazes conhecidos, duas senhoras de talento e um velho diplomata italiano, cheio de escaras illicitas.

Lembro-me que n'um proverbio de Musset, eu ajoelhava aos pés da condessa, com uma supplica balbuciante. Ella tomava-me pelas pontas dos dedos, risonha, com as narinas côr de rosa, de uma transparencia de concha, palpitando de subita commoção, divinamente sentida.

E isto nos approximara, nos fizera conhecidos e amigos, dedicados até ao sacrificio.

Uma paixão, tem phases rigorosamente marcadas na pathologia dos tumores, e strictamente previstas no diagnostico. Quando um rapaz de desoito annos fortes, agil e de uma carnação ricamente dotada, sem preoccupações, crenças ou contratempos, é amado por uma mulher, que por desgraça é esposa, pode-se apostar cem contra um, em como essse rapaz não levará a sua obediencia á moral e a sua abenegação pelo marido, ao extremo de vestir um habito na *Trappe*, ou ir viajar á Italia, sómente para não profanar de peccado o nome, lar e thalamo, da mulher que o adora. O que succede quasi sempre, é que esse rapaz travesso, imprudente, leviano ou vil, seja apanhado ao escalar um muro, subir uma escada, virar d'uma alea ou d'uma esquina, fixo pelo gasnete e obrigado a

curvar o espinhaço, para soffrer no sobredito algumas bengaladas, com cortejo de pontapés no cocyx e soccosinhos por onde calha.

Todas as noites, depois de jantar, quando o embaixador sahia, eu e Sara reuniamo-nos na branca alcova nupcial, confiados á guarda de Mariette, uma petulante criança que me era dado beijar, no cimo da escada secreta, na meia luz indistincta do *boudoir*. Havia bastante tempo que viviamos assim, isolados no nosso segredo, como duas estatuas n'um mesmo pedestal de bronze, deixando os brilhantes gozos do mundo, da convivencia e do espirito, pelo remanso ideal d'aquella pequenina camara, forrada de tapetes fôfos e setins macios, onde sobresahiam, na pureza do estofo, duas telas lombardas, de uma suavidade mystica e nua. Durante essas noites de sonho, sobre que se evolvia em subtis volutas, o perfume inebriante das corôas de laranjeira esfolhadas e esquecidas, como flôres murchas de um *bouquet* que se renova — quantas theorias expendidas para desculparmos, sanctificarmos o nosso procedimento! A condessa, ás vezes, expunha-me o seu remorso, para que eu o apagasse com a minha logica romanesca, toda infiltrada da philosophia *canaille* do chimerico Dumas filho. Ninguem adivinhará a satisfação do seu sorriso, ninguem poderá idealisar sequer a doçura, a transparencia e a seducção da sua face, quando em certas horas exaltadas, eu esboçava o quadro da nossa ventura, sobre fundos de castidade serena, onde a figura d'ella, com relevos de archanjo, destacava immaculada do nosso amor, como d'uma sarça flammejante, soberba na brancura da sua tunica e abrindo a camelia vermelha d'um sorriso, que vinha esfolhar-se na minha alma candente e lyrica, em vibrações de ventura extatica, luminosa e sem egual!

Ninguem até alli conhecia o nosso crime. Mas os homens são cobardes, mesmo parecendo heroes. N'aquella mesma manhã, revelára eu a Ivan as minhas relações com Sara. E — grande Deus! — tremia lembrando a imprudencia; bem podia o principe deixar escapar uma palavra ou um sorriso, nos circulos em que se fallasse da embaixatriz: estava tudo perdido! Felizmente, iamos partir d'alli a uma semana, eu e Ivan; os condes abandonavam Portugal para não voltar; e adeus sonhos, aventuras e audacias de estroina!... Nunca mais veria Sara; em verdade era triste! Com a partida do embaixador, porém, eu ficava livre de receios e punha ponto n'uns formigueiros interiores, chamados remorsos. Apaguei a luz.

Era a hora de fazer escalada no muro do jardim fronteiro. A noite escura dissolvia fóra todas as fórmas. Sentia-se o segredo perfido da nortada nas ramarias das arvores. Enrolei á cinta a corda cheia de nós, com um gancho de ferro no extremo, que me permittia subir com rapidez de saltimbanco; e abafando os passos, o capuz cahido sobre o rosto, abri sem ruido a janella e desci ao pateo: estava deante do muro da embaixada. Não havia luz na casa da minha hospedeira; a fachada hirta, cortada de angulos, aggressivos no ceu luctuoso, tinha um isolamento de ruinas: longe, amortecida no ar corrente, uma rebeca soava, com pequenas risadas de cynica, executando a aria de Mephistopheles amaldiçoando Margarida, ás portas da cathedral...

... Atirei o gancho ao dorso da parede, e sem hesitação, pendurei-me da corda nodosa e fui subindo, subindo. O jardim estava deserto; tinha um punhal no cinto e estive um instante á escuta.

Depois, auxiliado ainda da corda, desci. Nos aposentos da condessa não brilhava luz, como de costume. Mariette guiava-me pela mão, até á alcova de Sara. Impelli a porta: a doida ladina já estava á minha espera. Beijámo-nos.

— Vamos, disse eu. É mais tarde que hontem.

Ella deteve-me mysteriosamente, para me dar uma carta. Quiz subir. Mariette disse em voz baixa: não! E rapidamente: a senhora sahiu para o theatro, e parte depois d'amanhã para França. Vamos todos; o senhor conde e o mordomo... — Aquillo contrariava-me.

— Mas não posso fallar-lhe, ainda hoje?

— Nunca mais! disse ella, espaçando as palavras.

— Tão cedo! tornei eu penalisado. — E como quem necessita preencher uma lacuna: — e não te-

rás pena de mim, *'tite chatte?* As minhas mãos percorriam os seus cabellos crespos, de uma abundancia turbulenta, e a fina oval do seu rosto gaiato, desenhado com vivacidade quente, em que a tinta delicada e saudavel palpitava em folegos luminosos.

Ella conduziu-me até ao *boudoir* da condessa.

Uma serpentina, posta diante do espelho, dava um feixe nitido, que nos envolvia de raios. Mariette olhava-me zombeteiramente, esperando.

— Que estás tu pensando? dise eu.

— Que tão tarde se lembrasse de me cortejar! Ora confesse que se tinha habituado a esta *soirée*, de todas as noites. Não era mau; lá isso não era.

— Realmente, Sara é um anjo. — Ella mordeu uma ironia.

— É justo: leia então a carta, que ella deixou para si.

Esquecera-me: abri a carta.

— «Espero me não procurará mais. Desde hoje, que a sua leviandade me advertiu do meu crime, fico pedindo a Deus o perdão de haver deshonrado o nome do homem, que me deu o seu nome e a sua dedicação. É inutil tentar reconciliação ou solicitar de mim uma entrevista: serei inabalavel. Vou remir, pelo remorso, o socego e a dignidade que espesinhei. Supplico-lhe, não procure mais ver-me.

Sara.»

Perfeita carta de heroina á Ponson. Que diabo teria ella, para assim se indispôr?

— Então? perguntou Mariette. — Tomei-a pela cintura.

— Restas-me tu. Que fazer? Os meus beijos perdiam a coisa chamada castidade, para exhalarem, o miasma excitação. Mariette não se escandalisava muito, nem tinha de que — entre intimos... Olhavamo-nos, com a mesma scintillação no olhar.

— És horrivelmente bella! disse eu, saccudindo os cabellos, com gesto d'Antony. — Ella tornou:

— Não me parece, uma vez que só agora m'o declara.

— Sara não o permittira, e a nossa separação seria inevitavel. Assim podemos chegar a esta noite, vês?

E cingindo-a fortemente: — não é verdade?

Ella ergueu-se: o seu talhe fragil, tinha uma graça picante.

— Ora diga-me cá. — Avançara até ao grande espelho da parede, como entretida em reparar a leve desordem do fato.

— O senhor tinha uma grande paixão pela senhora condessa? Tinha, agora serio?

— Estás-me torturando com perguntas, que realmente não podem ter resposta coherente. — Estava perturbado: ella ria.

— Mas tinha ou não? — Olhava-me sequiosa e seria.

E irritada: — cartas na meza! — Respondi.

— Eu amava a condessa; juro me teria feito matar em seu serviço; affianço...

— Hum! O amor não quer semelhantes sacrificios. Isso no theatro. Na pratica é mais commodo e menos arriscado. — E séria:

— E tinha razão, apaixonando-se. É uma mulher soberba! Pois viu já corpo mais florescente e esculptural, que o d'ella?

E cheia de maldade, um ponto caustico nas pupillas, a narina palpitando:

— Anna, por exemplo, está longe de se parecer com a senhora condessa, hein? A hespanhola, a tal...

Corri para ella.

— Tu és cruel, Mariette. Sara abandonou-me; queres tambem deixar-me? — Estreitava-a febrilmente.

(Continúa). FIALHO D'ALMEIDA.

HISTORIA DAS ARTES DECORATIVAS

—

(Continuado de pag. 120)

uso dos tapetes foi introduzido no Egypto por Menau.—As paredes interiores das habitações dos hebreus eram caiadas.—A arte dos mosaicos foi importada da Persia para a Grecia, no tempo de Alexandre, e para a Italia, no reinado de Sylla. Os romanos aperfeiçoaram-n'a, misturando vidros e esmaltes aos cubos de pedra.—No tempo de Claudio chegou-se a pintar o marmore. Os mosaistas de Roma empregavam, no seculo XVIII, quinze mil variedades de tintas.

Os espelhos eram desconhecidos dos esquimões.

Os espelhos de cobre eram communs entre os hebreus; e os de prata foram inventados por um certo Praxiteles, no tempo de Pompeo, segundo Plinio.

As tapessarias foram inventadas pelos Babylonios, segundo uns, e pelos Médas, segundo outros.—O rei assyrio, Sargon, fez salas com madeira de ébano, tamargueira, pinho cedro, cypreste e lentisco. O ébano é implicitamente attribuido á Ethiopia, por Herodoto, e foi, desde as mais remotas eras, conhecido na Grecia. Cypselo possuia um grande cofre de madeira de cedro, com incrustações de marfim e ouro.—Na Italia, o ouro banio dos templos os vasos de Numa, o cobre de Saturno e todos os objectos de louça dos velhos toscanos.

Glauco de Chio apprendeu a soldar o ferro.

Os Carios gravavam figuras sobre os escudos; e os Gaulezes bituriges estanhavam e douravam o cobre.

Pausias de Sicyone inventou a pintura a fresco, por meio do pincel, e foi o primeiro a empregal-a na decoração das paredes e dos tectos.

Os aposentos dos imperadores romanos eram guarnecidos de cortinas.—Aroun-al-Raschid offereceu, no anno 807 da era christã, a Carlos Magno, riquissimas alcatifas com bellas pinturas a muitas côres.

*

Os espelhos de vidro foram inventados em Sidonia.

A invenção das esteiras é attribuida aos povos da Asia.

As mais bellas obras de marchetaria consistiam, primitivamente, em peças brancas e pretas, dispostas como nos nossos taboleiros de xadrez. Só em 1530 é que essa arte foi aperfeiçoada, multiplicando-se o numero das côres e dos desenhos.

As grandes poltronas da edade media foram substituidas, no tempo dos Valois, por cadeiras leves e elegantes, graciosamente guarnecidas de velludo e seda franjada.

O palixandro foi importado da Guyana, pelos hollandezes, em eras desconhecidas; o acajú, das Indias Occidentaes, por um inglez, em 1725; o pau rosa, das Canarias, tambem por um inglez, em 1781. Para os burguezes simples e credulos, metamorphoseava-se o carvalho em ébano, por meio de azeite, vitriolo e enxofre; e o olmeiro em pau rosa, por meio de banhos feitos com diversas tintas.

A tauxia foi inventada em Damasco, no anno de 1600, e introduzida em França, no reinado de Henrique IV.

Os papeis pintados foram trazidos para a Europa, da China e do Japão, pelos inglezes e hespanhoes, em 1555. Francisco de Ruão inventou, em 1620, os papeis avelludados; e João Hautch os famosos papeis bordados de Nuremberg.

No seculo XVIII substituiram-se as tapessarias por tapetes de damasco e outros estofos de Lyão, sendo as côres d'estes adequadas ás dos canapés e fauteuils.

Boule inventou, no reinado de Luiz XIV, moveis lindissimos, que ainda conservam o seu nome, e que os marceneiros do tempo de Luiz XV aperfeiçoaram, dando-lhes formas novas e muito mais elegantes. As cadeiras com espaldas e assentos de coiro foram introduzidas em França, no anno de 1725, por Bardel.

*

O grammatico Cratis inventou o pergaminho velino. — Um grande numero de volumes da edade media, são verdadeiramente notaveis pelas suas riquissimas encadernações. — O marroquim foi importado do Levante por viajantes francezes, no tempo de Francisco I. — A invenção do papel velino é attribuida ao inglez Baskerville, e data de 1757. — O papel de cartas, liso, é uma invenção do seculo actual.

*

Passando á historia do desenho, notaremos, antes de tudo, que os primitivos homens se enlevavam exclusivamente no que brilha aos olhos e encanta os sentidos. A arte era dominada pela materia.

Durante a edade de pedra, as linhas das louças eram rectas ou irregulares. O artista nada mais fazia do que riscas parallelas com fileiras de pontos. Durante a edade de bronze, encontramos os mesmos desenhos, um pouco mais aperfeiçoados, com espiraes e differentes combinações de linhas rectas e curvas. A imitação dos animaes e das plantas caracterisa a edade de ferro.

Na exposição de Paris, de 1867, figuraram cincoenta especimens de arte antidiluviana.

Só muito mais tarde o homem achou figuras geometricas complicadas, que caracterisaram as louças de Hissarlick, taes como circulos concentricos, fileiras symetricas de pequenos orificios, linhas sinuosas reunidas em fitas, como feixes, ou divergentes como raios.

Os gregos inventaram o ornato chamado meandro, tantas vezes reproduzido pelos Etruscos, nos seus vasos.

(*Continúa*). C. D.

O JUDEU

Emoldura-lhe a face pensativa
a sua negra barba ponteaguda,
e ha nos seus olhos a linguagem muda
que os lagos fallam n'uma noite estiva.

A sua cabelleira primitiva
no franco desalinho se encanuda,
e ha a expressão d'uma franqueza ruda
no seu gesto que attrae e nos captiva.

Quando te vejo em teu burel obscuro,
tão mano a mano co'os christãos de Roma,
descalço o pé, sereno o passo, e um mixto

de humildade e altivez no olhar tão puro,
ó filho de Judá, lembras-me Christo
perdido entre os alcouces de Sodoma!

CHRISTOVAM AYRES.

A LAMPREIA

—

O JARDIM, no meio do qual estava a casa de Lili, era dividido em grandes quadrilateros por alamedas de camelias arborescentes. Na primavera, as plantas que povoavam os canteiros cobriam-se de um luxuoso manto diversamente matisado. Nas comas das roseiras do Japão os canarios e toutinegras davam, desde madrugada até ao entardecer, concertos infernaes.

Foi n'uma das alamedas que vi a pequenina pela primeira vez. Sentada n'um banco, parecia indifferente aos esplendores que a cercavam, e só tratava de segurar de encontro ao peito um grande gato branco, enlaçando-o com os braços por baixo das pernas dianteiras. O animal supportava pachorrentamente aquella posição, incommoda na apparencia, e tinha o resto do corpo no collo da criança, com o grande ventre, forrado de pello macio, pendente n'uma dobra flacida, e os olhos piscos, ante o brilho intenso de um raio de sol, que, perfurando a folhagem, vinha pôr uma nodoa branca no peito de Lili.

Esta, quando o pae, o meu amigo Fernando, lhe disse quem eu era, apenas me concedeu um breve olhar obliquo, e estendeu com pouca vontade a face ao beijo que lhe dei. N'isto o gato, ou porque sentisse mais forte o abraço, ou porque se assustasse com a presença de um estranho, escapou-se por um movimento rapido das mãos de Lili e depois de um longo esperguiçamento foi deitar-se sobre um monte de folhas seccas que o sol requeimava, e enroscou-se voluptuosamente.

A pequenina, tendo feito uma cara de pasmo e dôr, rompeu n'um grande choro, e mostrou ao pae um dedinho rosado, onde começavam a gottejar alguns rubis de sangue.

— Um ache, papá; o Moleque fez-me um ache!

Fernando ia applicar ao gato um severo correctivo, para o que se armára com uma varinha que estava perto, quando Lili, adivinhando-lhe a tenção, chupou rapidamente o sangue, e disse com muito interesse:

— Olhe, papá, não foi nada. Já passou!

Assim é que ella queria ao gato branco.

*

N'um domingo, Fernando convidou-me para jantar. Festejava-se a chegada, a S. Miguel, de um nosso amigo commum. Andavamos os tres a passeiar pelo jardim, praticando uma soffrivel devastação nas camelias, quando, ao passarmos em frente da sala de jantar, situada no andar terreo, fomos detidos por Fernando, que nos fez signal para que olhassemos para o interior da casa, atravez da porta de vidraças.

Ainda pude vêr a Lili, que descia sorrateiramente, porque nos sentira talvez, de uma cadeira collocada junto ao aparador.

— Tem dois defeitos aquella pequena, disse o pae. É gulosa e... nem sempre falla verdade.

Continuámos no passeio, tomando eu a defesa da accusada com a calor que as causas más inspiram quasi sempre aos advogados.

D'ali a pouco a campainha tocava para o jantar.

Fiquei defronte de Lili. Reparei um pouco na sua physionomia e notei-lhe uma certa inquietação: os olhos seguiam-lhe, a miudo e insensivelmente, a direcção do aparador, sobre cujas prateleiras luzia a baixella de prata.

— O que lhe attrahe a attenção, pensava eu, o que a fascina, são as gulodices que, occultas sob

guardanapos de linho finissimos, preenchem provavelmente os pratos collocados sobre a pedra do movel.

Chega-se ao *dessert*.

—Sabem que vou ter o gosto de apresentar-lhes um antigo conhecimento?

—Nosso? perguntei.

—Sim. Já estás nos Açores ha dois annos, ha dois annos, portanto, que não vês um dos maiores attractivos da capital, isto é, das montras dos confeiteiros lisboetas—uma lampreia de ovos! Fel-a a minha cosinheira, que é alfacinha. Francisco, descobre esse prato e traze-o para a mesa.

O creado fez o que lhe mandaram, e ainda mais, pois que ao vêr o prato abriu muito os olhos, com uma cara em que a admiração se traduzia com a maxima sinceridade.

E não era para menos.

A lampreia lá estava, muito enroscada, mas faltava-lhe... vimol-o todos!... faltava-lhe a cabeça. Quem lh'a decepára, tinha deixado vestigios do attentado na borda do prato, n'uns fios de ovos e tiras de geleia de fructa, que tomavam, ante a gravidade da situação, a apparencia de um rasto de sangue. Horrivel pormenor: um dos olhos do lampreia—uma ginja em doce—jazia a um lado, viuva da orbita!

Lili empallideceu. A colher que ella já empunhava, prompta para a lucta da sobremesa, escapou-lhe da mão. A pequenina ia tomal-a novamente, quando o pae, deveras zangado, lhe perguntou quem tinha tocado na lampreia.

—Eu não sei, papá.

—Sabes, sim, foste tu mesma.

Lili voltou os olhos para a mãe, e não achou piedade.

—A menina não foi, não senhor. Olhe, papá, quando eu vim ás tres horas á casa de jantar, andava em cima do aparador o gato... o Moleque... foi elle...

O pae reprimiu a custo um sorriso.

—Ah! Foi o Moleque? Pois o Moleque pagará as custas, quando nos levantarmos da mesa.

A Lili nem sequer provou dos doces e pudings. Como não estaria aquelle pequenino coração!

Depois do café, que foi servido na sala contigua, Fernando mandou ao creado que fosse buscar o Moleque, e disse-lhe, por fim, algumas palavras em voz baixa.

Decididamente a situação tomava uma gravidade excepcional. Lili achegava-se á mãe com receio, e olhava para todos, cheia de desconfiança.

—Meus senhores, disse-nos o dono da casa, com voz pausada e fitando muito a filha. Vamos ser juizes n'um processo importante. Luiza accusa o Moleque de um roubo, que é ao mesmo tempo um abuso de confiança... Ah!... Ahi chega o criminoso.

O gato acabava effectivamente de apparecer ao collo do creado. Se a Lili se mostrava desconfiada, Moleque apparentava a maior placidez. Após o creado, vinha a cosinheira, uma rapariga alta, espaduada e mal encarada, que trazia a mão direita occulta atraz das costas.

—Temos, portanto, continuou Fernando, que Moleque não só praticou um roubo com abuso de confiança, mas, o que é peior, decepou a cabeça da lampreia. Vamos julgal-o... queiram sentar-se.

Emquanto tomavamos logares, disse-nos elle ainda algumas palavras em francez. Estavamos todos muito carrancudos.

A criança via tudo o que se passava, com o seu olhar attonito.

—Dize-me outra vez, intimou-lhe o pae, que não foste tu que roubaste a lampreia!... Não?... Então foi o Moleque?

—Foi... balbuciou a pequenina.

—A cara é de reu, continuou Fernando, apontando para o gato, que Francisco segurava pelas quatro patas.—Os dignos jurados entendem que Moleque deve soffrer a pena de talião?

— Sim, respondemos com voz soturna.

— Condemno, pois, o Moleque a perder a vida por degolação, sentenceou Fernando.

— O que, papá? perguntou a Lili muito afflicta e sem perceber muito bem.

— Trouxe o que o Francisco lhe recommendou, Maria?

— Está aqui, disse a cosinheira, mostrando a mão direita e n'esta uma grande faca de cosinha, afiada e luzidia.

— Pois então, corte o pescoço ao gato.

O grito que a Lili deu não o esqueci ainda. A criança, n'um choro fortissimo, correu para o Francisco e tirou-lhe das mãos o Moleque, que fugiu espavorido; depois, aproximando-se do pae, disse-lhe:

— Fui eu, papá, fui eu que comi a lampreia... Mande cortar a cabecinha da menina!

Nós, que já estavamos a rir, sentimos, sem saber como, os olhos marejados de lagrimas

*

Foi isto ha tres annos.

Lili, que está hoje uma senhorinha, chegou com os paes, ha um mez, a Lisboa.

Fui visital-os.

Fernando, quando m'a apresentou, disse-me sorrindo:

— Lembras-te d'aquella historia da lampreia? Desde então a Lili só mentiu uma vez... para salvar o Moleque de um castigo merecido.

MAXIMILIANO D'AZEVEDO.

UM PASSEIO NO GELO

—

Quando se está em plena mocidade, o thermometro marca sempre o mesmo gráo de calor.

O sol que abraza as messes e a neve que amortalha as campinas, significam o mesmo para a infancia buliçosa, disposta sempre a tirar partido dos maiores rigores da natureza.

A scena, que a nossa gravura reproduz, é d'isso uma prova eloquentissima.

O gelo tornou intransitavel certo caminho, e quasi ninguem se aventurava a percorrel-o: era perigoso e arriscado. Os velhos d'aquelles arredores, cautellosos e prudentes, não se afoitavam a seguir por ali abaixo, recordando desastres succedidos n'outras epocas, narrando casos, mais ou menos tetricos, de sujeitos que tinham partido as pernas e haviam ficado aleijados para todos os dias da sua vida.

Veio a mocidade, galhardamente representada por um bando de raparigas alegres, e converteu logo a perigosa senda n'um verdadeiro *skating-ring*, fazendo figas á velhice medrosa e pusillanime.

Com que jubilo infantil as precede a mais ousada do rancho, de cabellos soltos á mercê da viração e um casto sorriso de intima alegria a descerrar-lhe os labios vermelhos como romãs! Com que naturalidade lhe pede um ponto de apoio a companheira mais proxima! Como transparece o receio no gentilissimo rosto da terceira, um pouco mais cautellosa e friorenta que as outras!

Feliz idade aquella, em que o corpo tem sempre calor de sobra, ou esteja sob os ardores do sol estivo ou se exponha aos granizos do frio inverno; e o espirito, livre de receios e temores, faz, até do proprio perigo, um objecto de alegre passatempo!

UM PASSEIO NO GELO

A JORNADA DOS SECULOS

—

(Continuado de pag. 127)

Na America meridional, entre os Abipons, existia a crença de que as almas tinham de atravessar um rio perigoso sobre uma ponte, que o deus Patuliso guardava noite e dia. [1] Esta crença, já estabelecida n'aquellas regiões pela tradição local, foi no Brazil reforçada pela colonisação portugueza, como um elemento poetico da tradição aryanna. Assim, Thomaz Antonio Gonzaga, que, tendo nascido no Porto, fez vibrar no Brazil a sua lyra amorosa, introduz, nos seus maviosos poemas, a lenda do inferno mythologico dos velhos áryas:

Cheio de esforço
Vae ao Cocyto
Buscar afflicto
Seu doce bem.
. . . . . .

Na funda fralda
De calvo monte,
Corre Acheronte,
Rio de ardente
Mortal licor.
Tem o barqueiro
Testa enrugada,
Vista inflammada,
Que mette horror.

Que seguranças;
Que fechaduras!
As portas duras
Não são de lenhos;
De ferro são.
Por tres gargantas,
Quando alguem bate,
Raivoso late
O negro cão. [2]

Entre os áryas primitivos, era costume depositar nas mãos do morto os rins do animal abatido no sacrificio funerario, ou ao menos duas fogaças de arroz ou de farinha. [3] Durante esta cerimonia, cantavam-se os versos do *Rigveda:* «Escapa pelo verdadeiro caminho aos dois cães pallidos (ou sombrios, segundo Muller), de quatro olhos, filhos de Sarama; depois dirige-te junto dos sabios Pitris que rejubilam reunidos com Yama.»

Essa pitança, que se depositava nas mãos do morto, era destinada a aplacar as iras dos dois Cerbéros, filhos da cadella Sarama, a fim de que elles não estorvassem a entrada no mysterioso reino do deus da morte, Yama.

[1] Pictet, II vol., pag. 521.

[2] *Marilia de Dirceo*, lyra XIII.

[3] *Mythologie zoologique ou les légendes animales*, por Angelo de Gubernatis, vol. I, pag. 53.

D'esses dois cães, um era negro, e chamava-se *Syama;* o outro chamava-se *Cerbura (Karbura)*, e era malhado. [1]

Na tradição grega vamos encontrar o *Cerbura* transformado em *Cerbéro*, o qual, exagerado pela imaginação hellenica, se converte n'um monstro muito mais temeroso do que os cães de Yama. [2]

Na tradição romana, Cerbéro, o cão infernal, afrouxa tambem as suas iras quando os recem-chegados ao limiar do inferno lhe lançam um bôlo de mel:

Cerberus hæc ingens latratu regna trifauci
Personat, adverso recubans immanis in antro.
Cui vates, horrere videns jam colla colubris,
Melle soporatam et medicatis frugibus offam
Objicit...

(*Eneida*, liv. VI).

A tradição da *esquerda* e da *direita*, tão vulgar ainda em nossos dias, encontra-se na India antiga. Uma passagem do *Bhâgavatapurâna* diz:

«Os animaes respeitados por sua santidade deixam-me á sua esquerda (isto é, mostram-se desfavoraveis), ao passo que os outros (os de mau agouro) dão-me a direita.»

Em certos exorcismos, dava-se uma volta sobre a esquerda para afugentar os animaes damninhos; e nas cerimonias funebres, para afastar os espiritos malignos. [3]

Nós, os portuguezes, herdamos dos gregos e dos romanos, como elles herdaram dos áryas, a tradição da *direita* e da *esquerda*. Em latim, *sinistra* significa *a mão esquerda;* e o vocabulo passou para nós, representando sempre uma idéa presaga e funesta, quer como substantivo, quer como adjectivo. A palavra *esquerda* recebemol-a do basco — *esquerra*. [4] No portuguez antigo dizia-se *mão siestra*, do latim *sinistra*. [5]

Como dar a direita a alguem importava um voto pela sua felicidade, esse facto foi, e ainda hoje é, tomado como prova de consideração e respeito. A nympha celeste Tilôttamâ faz a *mandala pradakxina* (a volta pela direita), em redor da assembléa dos deuses (*Sundôpas* 3, 22). Em todo o *Rámáyana*, a *pradakxina* é vulgarissima, encontra-se a cada passo. Mas avulta principalmente no lance solemne em que Sitá, antes de entrar no fogo, dá uma volta pela direita em torno de seu marido Ràmá. In quella la Videhese, *girato da man destra* intorno a Rama, etc.», traduz Gorresio. Fauche emprega mesmo a palavra *pradakshina* que, segundo a translitteração portugueza, escrevemos *pradakxina*. Os gregos, para exorar os deuses, voltavam-se para a direita. O mesmo acontecia entre os romanos. *Si deos salutas dextroversum censeo* (Plauto).

No catholicismo, Christo está sentado á *mão direita* de Deus Padre, Todo-Poderoso, e é ainda com a *mão direita* que Deus rege os destinos do mundo:

Os eternos oraculos escuta
Ó tu, monarcha invicto, a ti foi dado,
Pela que rege os mundos absoluta
Dextra o imperio do Oceano irado. [6]

(JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO).

[1] *Les origines indo-européennes*, tom. II, pag. 523.
[2] *Ibid.*
[3] *Les origines indo-européennes*, tom. II, pag. 500.
[4] Ad. Coelho. — *A lingua portugueza.*
[5] Viterbo — *Elucidario.* Vocab. *Mão.*
[6] *Oriente*, cant. II, 47.

Na corrente das tradições populares, assignalam-se profundamente as origens orientaes. A superstição parte da velha Asia, e atravessa a Europa como uma flecha, vindo cravar-se no coração dos descendentes dos áryas primitivos, ferindo-o pela credulidade sentimental.

Os áryas tinham a crença dos espiritos malfazejos e bemfazejos. Os maus espiritos tomam, na India antiga como na Europa moderna, a forma de certos animaes. Por uma passagem do *Rigveda* (VII, 104-22) se conhece que o mocho, a coruja, o abutre, o cão e o lobo eram considerados como formas que os demonios revestiam. Na edade media germanica, o diabo transformava-se em bode, lobo, cão, corvo, abutre, cuco e serpente. [1] Em Portugal a mesma tradição, passando atravez dos tempos, conserva-se ainda. O mocho e a coruja são tidos como aves sinistras, em virtude de uma crença que se explica pela sua funcção mythica. O *Rigveda*, para dar uma idéa do monstro que rola nas sombras da noite, compara-o á *khargala*, provavelmente o mocho. [2] No *Mahábhárata*, o mocho mata os corvos que dormem durante a noite, e no *Rámáyana*, o mocho, representando a lua, pleitea com o abutre, o sol, que se apoderou do seu ninho. Râmá decide a contenda em favor do mocho, o inimigo dos corvos, segundo nol-o mostra o *Pancatantra*. Na mythologia grega, o mocho é filho do incesto, por isso foge da luz, affasta-se do dia, como a lua. Virgilio [3] diz-nos quanto o piar do mocho era tido em Roma como funesto:

Seraque culminibus ferali carmine bubo
Visa queri et longas in flectum ducere voces.

O corvo representa, como o mocho e o lobo, a escuridão da noite, [4] e na tradição da India é tido como a sombra de um homem morto. Na Allemanha, se o corvo pousa sobre uma casa, é signal de morte para alguem da familia. E no Piemonte, as creanças, quando o vêem pousar, cantam-lhe cheias de medo:

Curnaiass
Porta 'l sciass,
Me mari l'è morta
Sut la porta.
Qué!

Pedem ao corvo que traga uma peneira, a qual parece corresponder no catholicismo á balança de S. Miguel: se uma serve para joeirar a alma dos mortos, a outra serve para pesar-lhe os peccados.

(*Continúa*). ALBERTO PIMENTEL.

[1] *Grimm.* — *Deut. Myth.*, 557.
[2] *Gubernatis*, *Myth. zoologique*, II, 257.
[3] *Eneida*, liv. IV.
[4] *Gubernatis*, II, 264

Typographia de Christovão Augusto Rodrigues, rua do Norte, 104, 1.º

INDICE

TEXTO

Abandonada! — Rangel de Lima, pag. 11.
Adoração — Sindbad, pag. 3.
Amor junior (romance) – Alberto Pimentel, pag 187.
Anjo (o meu) — Joaquim da C. Cascaes, pag. 80.
Aprisco (no) — Gervasio Lobato, pag. 165.
Archeologia militar — pag. 45.
Arte (a) — E. A. Vidal, pag 171.
Attila — Pinheiro Chagas, pag. 26.
Balouço (no) — E. A. Vidal, pag. 186.
Bandeja de prata levantada e cinzelada — A. Filippe Simões, pag. 128.
Bilhete (n'um) — Joaquim de Araujo, pag. 142.
Brazil (o) e as colonias portuguezas — Bulhão Pato, pag. 106.
Camões em Coimbra — A. Filippe Simões, pag. 95.
Capsula de prata dourada pertencente á casa real -- A M. Simões de Castro, pag. 20.
Casa (a) de Camões -- Julio de Castilho, pag. 86.
Cerf-Volant — Domingos Ramos, pag. 142.
Chale (o) de Maria Salomé — Bulhão Pato, pag. 150.
Charlatão (o) — Julio Cesar Machado, pag. 109.
Chronica — A. de Souza e Vasconcellos, pag. 15, 48, 163, 179.
Cofre pertencente ao museu da Academia real das bellas artes — V., pag. 158.
Contribuições do centenario — Joaquim de Araujo, pag. 138.
Creada (a) — Julio Cesar Machado, pag. 133.
Dae a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de D us — Ferreira de Mesquita, pag. 30.
Dez de junho de 1880 — A. de Souza e Vasconcellos, pag 81.
Discipulo (um) que dá esperanças — Julio Cesar Machado, pag. 17.
Dolora — Joaquim de Araujo, pag. 165.
Elle e Ella — D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, pag. 127
Episodio de Ignez de Castro — LUIZ DE CAMÕES, pag. 93.
Epitaphio para Luiz de Camões — Luiz Guimarães Junior, pag. 123.
Erratas — pag. 132.
Escola de Athenas — Christovão de Sá, pag. 9.
Espada (a) de Nuno Alvares — Pinheiro Chagas, pag. 4.
Estoicismo — Anthero de Quental, pag. 141.
Estudos historicos — Delphim de Almeida, pag. 182.
Estudos sobre a Historia de Portugal — Zacharias d'Aça, pag. 65.
Eterno feminino — Joaquim de Araujo, pag. 181.
Excavações historicas — Souza Viterbo, pag. 119, 159.
Excerpto de um poema inedito — Francisco Palha, pag. 158.
Familia (uma) do povo na Hollanda — Souza Viterbo, pag. 124.
Festas (as) do centenario — Rangel de Lima, pag. 98.
Formosura (uma) — Ferreira de Mesquita, pag. 191.
Frontral (o) da capella de S. João Baptista — Souza Viterbo, pag. 144.
Galanteria — E. A. Vidal, pag. 1.
Gatuno (o) — F. A. C., pag. 181.
Gravura (esta) — Julio Cesar Machado, pag. 57.
Historia de um beijo — Jayme de Séguier, pag. 117.
Homem (o) do mar -- Christovão de Sá, pag. 52.
Idyllio — Joaquim de Araujo, pag. 128.
Idyllio pratico — E. A Vidal, pag. 74.
Infancia (a) e a velhice — Christovão de Sá, pag. 110.
Influencia litteraria de Camões na peninsula-hispanica — Pinheiro Chagas, pag. 91.
Innocencia (a) e a malicia — Ferreira de Mesquita, pag. 141.
Joanna (soror) Ignez de la Cruz e soror Margarida Ignacia — L A. Palmeirim, pag. 114, 130.
Jornada (a) dos seculos — Alberto Pimentel, pag. 8, 24, 59, 143, 167.
Joven (a) mãe — D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, pag. 45.
Junho de 1580 e junho de 1880 — Ferreira de Mesquita, pag. 99.
Lima (o) e Bernardes — Ramos Coelho, pag. 27.
Luiz (a) de Camões — Francisco Gomes de Amorim, pag. 89.
Luziadas (os) e patriotismo — Visconde de Juromenha, pag. 85.
Maceeira (na) em flôr — S., pag. 174.
Maria (soror) do Céo — L. A. Palmeirim, pag. 40, 50.
Maria (D.) Joaqnina Dorothéa de Seixas Brandão — L. A. Palmeirim, pag. 191.
Medo! (que) — D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, pag. 170.
Mulheres (as) portuguezas no seculo XVIII — L. A. Palmeirim, pag. 155.
Notas ao livro intitulado «Americo Vespucio,» por Gregorio Perez Gomar — Francisco Gomes de Amorim, pag. 101, 124.
Paizagem (uma) de Ruisdael — S, pag. 158.
Partida (a) de Xadrez — Gervasio Lobato, pag. 67.
Paula Vicente — L. A. Palmeirim, pag. 71.
Pensativa! — D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, pag. 65.
Pintor (mais um) portuguez — C. F. J., pag. 20.
Porta (uma) da cidade de Tunis — Ferreira de Mesquita, pag. 117
Pyxide pertencente á galeria real da Ajuda — V. pag. 115.
Quia aeternus — Anthero de Quental, pag. 174.
Ratoeira (a) — E. A. Vidal, pag. 101.
Recordação (a) — Fernando Caldeira, pag. 45.
Retirada (a) para a Galliza — Oliveira Martins, pag. 139.
Revista artistica — Rapin, pag. 14, 31, 47, 115, 147, 160, 178, 195.
Revista litteraria — A. de Souza e Vasconcellos, pag. 144.
Riquezas de um pae — Christovão Ayres, pag. 46.
Ruinas de Cister — A. Filippe Simões, pag. 6, 18, 111.
São Matheus — E. A. Vidal, pag. 56.
Scenas historicas da India — Bulhão Pato, pag. 2, 36, 55, 166.
Sociedade promotora de bellas artes em Portugal — Rapin, pag. 62, 78.
Sombra (á) das arvores — Gonçalves Crespo, pag. 49.
Soneto — João de Deus, pag. 127.
Surrexit — Thomaz Ribeiro, pag. 84.
Talento (um) precoce — D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, pag. 160.
Theatrinhos (os) de bonecos — Julio Cesar Machado, pag. 78.
Thomaz José da Annunciação — Zacharias d'Aça, 22, 33.
Tumulo (o) de D. Pedro I — Pinheiro Chagas, pag. 43.
Turbilhão (no) — Anthero de Quental, pag. 181.
Ultimos (os) dias de Alexandre Herculano — Bulhão Pato, pag. 134.
Viagem ao sertão de Mossamedes — F. do Amaral, pag. 38, 64, 104. 153, 174.
Virgem (a) de Foligno — Luciano Cordeiro, pag. 42.
Volta (a) da Egreja — Mariano Pina, pag. 149.

GRAVURAS

Abandonada — Kramer — Specht, pag. 12, 13.
Aprisco (no) — J. Nuesch — Brend'amour, pag. 165.
Attila — Raphael — Payne, pag. 25.
Balouço (no) — C. Blaas, pag. 184, 185.
Bandeja de prata levantada e cinzelada — Severini, pag. 129.
Capsula de prata dourada, pertencente á casa real — pag. 21.
Casa de Camões em Lisboa, em 1580 — Julio de Castilho — J. Pedrozo, pag. 96.
Casa de Camões em Lisboa, em 1880 — Julio de Castilho — J. Pedrozo, pag. 97.
Charlatão (o) — G. Dow.—W. French, pag. 109.
Cofre pertencente ao museu da Academia real de bellas artes — Severini, pag. 161.
Creada (a) — Serrure — Brend'amour, pag. 133.
Dae a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus — Brend'amour, pag. 28, 29.
Discipulo (um) que dá esperanças — Knaus, pag. 17.
Elle e ella — G. Bregonzer — Brend'amour, pag. 120, 121.
Episodio de Ignez de Castro — Soares dos Reis — Christino, pag. 81.
Escola (a) de Athenas — Raphael — Payne, pag. 9.
Espada (a) de Nuno Alvares — Pastor, pag. 5.
Familia (uma) do povo na Hollanda — Teniers — W. French pag. 125.
Fonte das lagrimas em Coimbra — Christino, pag. 100.
Formosura (uma) — Brend'amour, pag. 192, 193.
Frontal (o) da capella de S. João Baptista — A. Pedrozo, pag. 145.
Galanteria — Erdmann — Brend'amour, pag. 1.
Gatuno (o) — Roth — Knaus, pag. 181.
Gravura (esta) — Kiefel — Brend'amour, pag. 60, 61.
Homem (o) do mar — R. v. N., pag. 53.
Idyllio pratico — pag. 72.
Infancia (a) e a velhice — Forberg — Brend'amour, pag. 105.
Innocencia (a) e a malicia — Brend'amour, pag. 137.
Joven (a) mãe — Heitland, pag. 33.
Luiz de Camões — Soares dos Reis — Christino, pag. 93.
Maceeira (na) em flôr — pag. 176, 177.
Medo! (que) — Suft Sus, pag. 169.
Paizagem (uma) — Ruisdael — F. Hearvood, pag. 157.
Partida (a) de xadrez — pag. 68, 69.
Pensativa — R. v. N., pag. 65.
Porta (uma) da cidade de Tunis — Berninger — Brend'amour, pag. 117.
Pyxide pertencente á galeria real da Ajuda — A. Pedrozo, pag. 113.
Ratoeira (a) — Brend'amour, pag. 101.
São Matheus — Correggio — W. French, pag. 57.
Sombra (á) das arvores — Cavaret, pag. 49.
Talento (um) precoce — Guft Sus, pag. 152.
Theatrinhos (os) de bonecos — pag. 76, 77.
Tumulo (o) de D. Pedro I — Severini, pag. 44.
Virgem (a) de Foligno — Raphael — Payne, pag. 41.
Volta (a) da egreja — B. Woltze — Brend'amour, 149.

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00618 9043